MATTERHORN

um romance sobre a Guerra do Vietnã



KARL MARLANTES

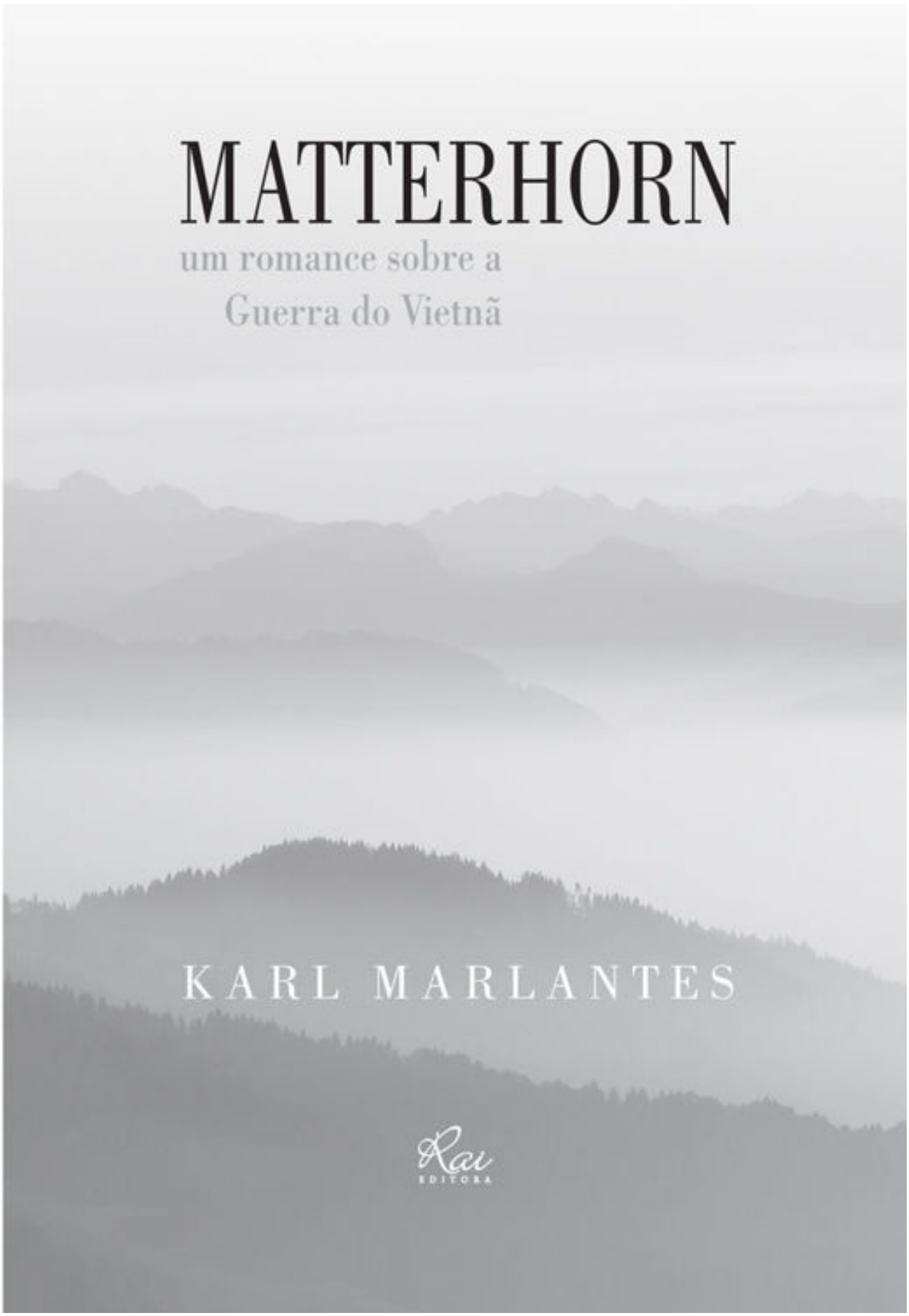
Rai
EDITORA

MATTERHORN

um romance sobre a
Guerra do Vietnã

MATTERHORN

um romance sobre a
Guerra do Vietnã



KARL MARLANTES

Rai
EDITORA

Título original: *Matterhorn: A Novel of the Vietnam War*
Copyright © 2010 Karl Marlantes

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida,
arquivada em sistema de armazenamento ou transmitida em qualquer formato ou por quaisquer meios:
eletrônico, mecânico, fotocópias, gravação ou qualquer outro, sem o consentimento prévio.

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Mayara Enohata
ASSISTÊNCIA EDITORIAL
Juliana Sayão
PREPARAÇÃO DE TEXTO
Gabriela Ghetti
REVISÃO
Mariana Varella
Ricardo Franzin
PROJETO GRÁFICO, CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Moré Designer
ASSESSORIA EDITORIAL E DE ARTES
Patricia Nascimento
PRODUÇÃO PARA EBOOK
Fábrica de PIxel

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M298m

Marlantes, Karl

Matterhorn : um romance sobre a Guerra do Vietnã / Karl Marlantes ;
[tradução de Alexandre Soares Silva, Richard Costa]. - São Paulo : Rai, 2011.

568p.

Tradução de: Matterhorn

ISBN 978-85-63672-99-5

1. Vietnã, Guerra do, 1961-1975 - Ficção. 2. Romance americano. I. Silva, Alexandre Soares.
II. Costa, Richard. III. Título.

11-7947 CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

24.11.11 01.11.11 031642

Direito de edição

RAI EDITORA
Avenida Iraí, 143 - conj. 61
Moema
04082-000 - São Paulo - SP
Tel: 11 - 2384-5434
www.raieditora.com.br
contato@raieditora.com.br

Este romance é dedicado aos meus filhos,
que cresceram experimentando o lado bom e o mau
de ter um fuzileiro veterano de guerra como pai.

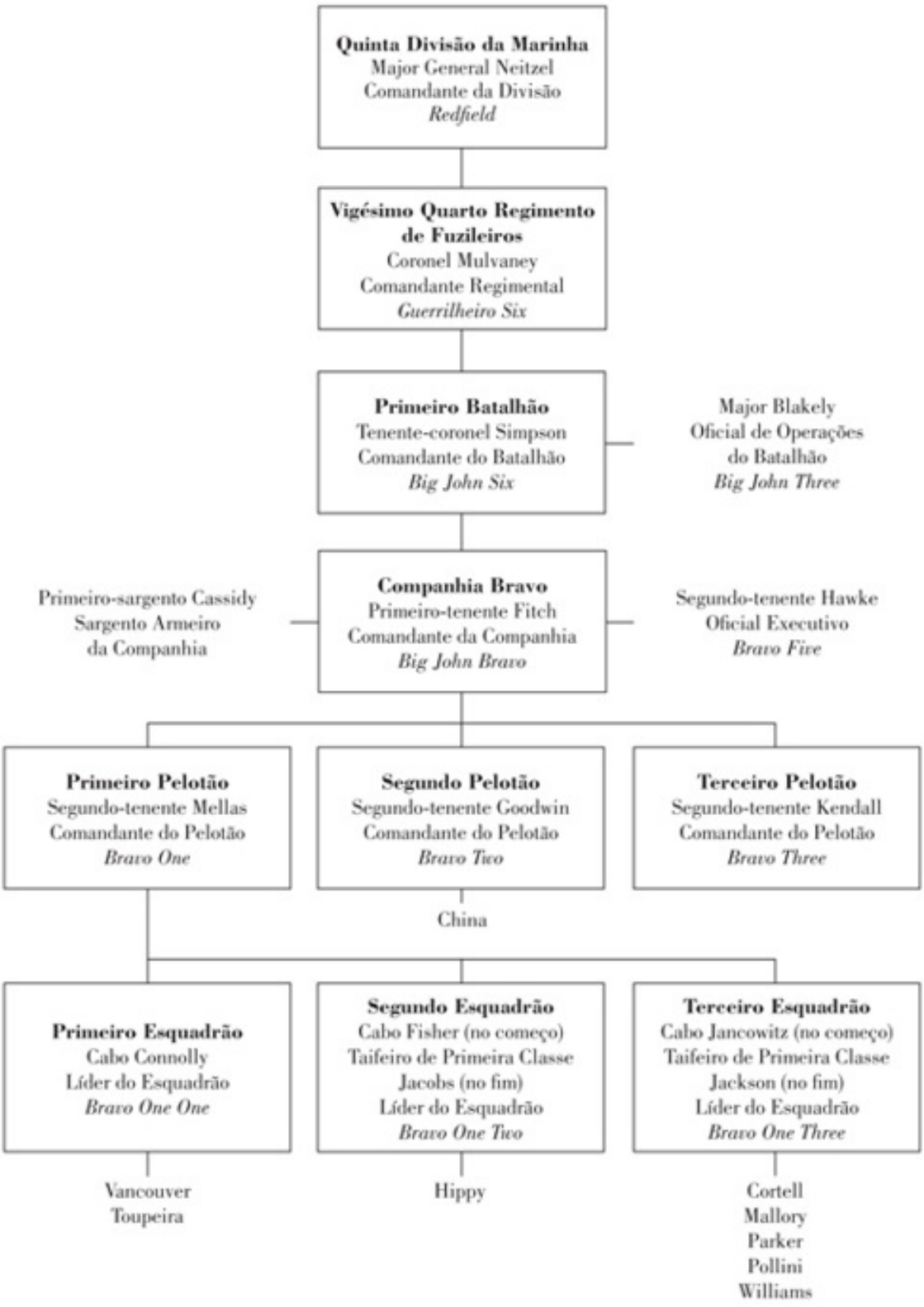
Vergonha e honra entram em conflito quando
a coragem de um homem decidido é malhada como uma pega.
Mas tal homem pode ainda comemorar,
pois o Céu e o Inferno têm partes iguais nele.

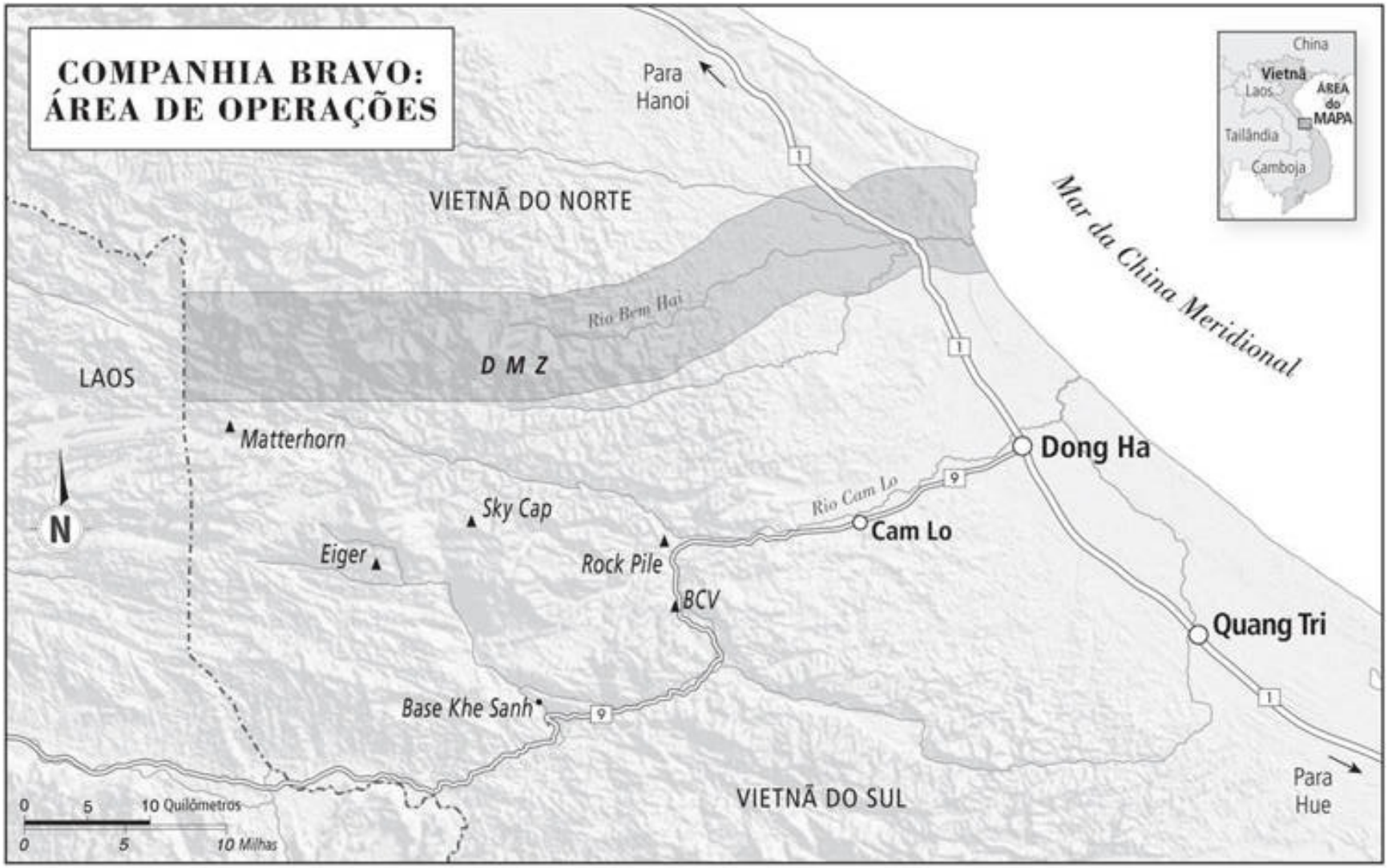
Wolfram von Eschenbach, "Parsifal"

Um glossário de armas, termos técnicos, gírias e jargões pode ser encontrado no final do livro.

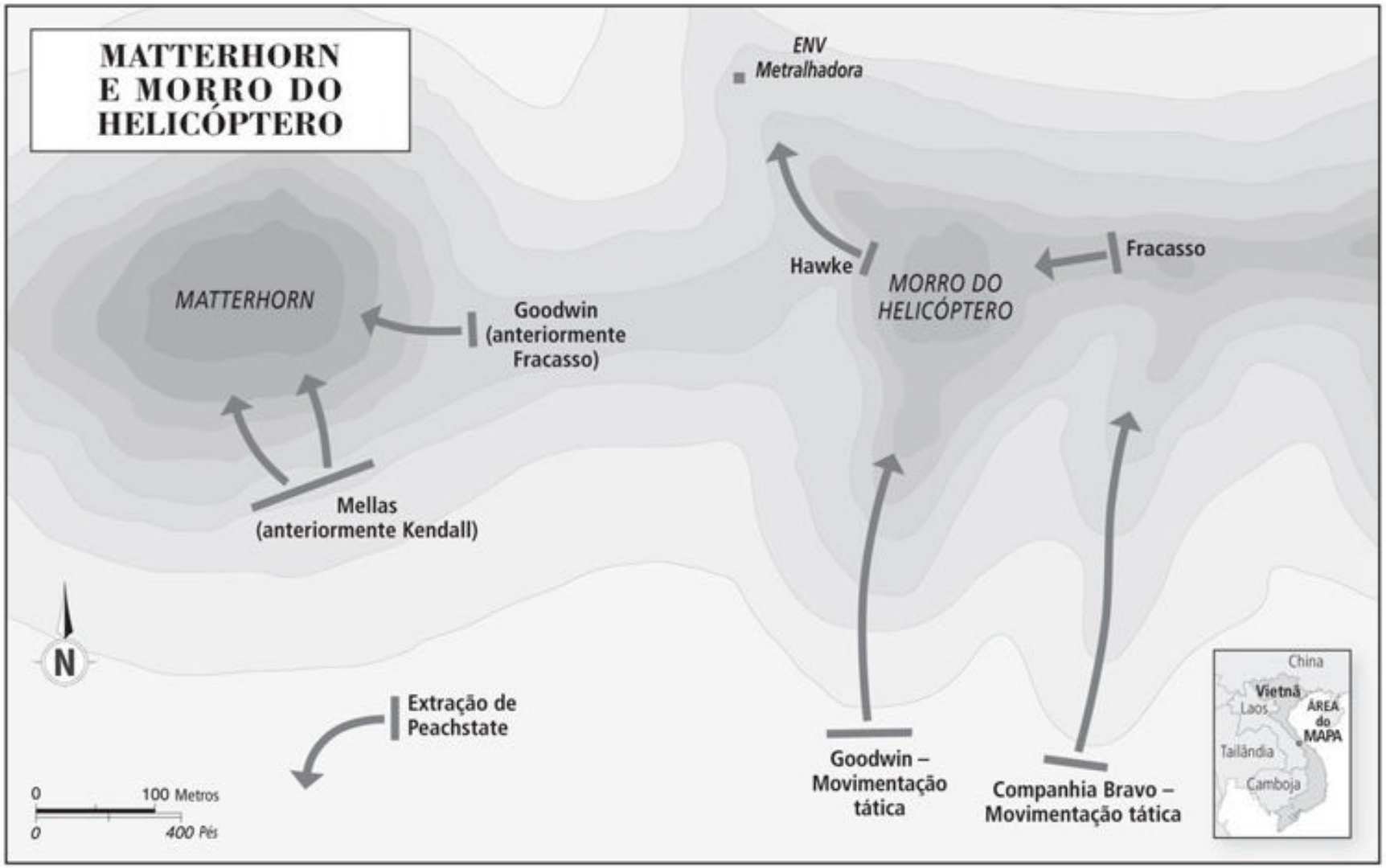
Hierarquia de Comando e Personagens Principais

(Apelidos utilizados nas transmissões de rádio estão em itálico)





Matterhorn, Eiger e Sky Cap são locais fictícios; os outros lugares são reais.


MATTERHORN E MORRO DO HELICÓPTERO
ENV
Metralhadora
Hawke
MORRO DO HELICÓPTERO
Fracasso
MATTERHORN
Goodwin (anteriormente Fracasso)
Mellas (anteriormente Kendall)
N
Extração de Peachstate
Goodwin – Movimentação tática
Companhia Bravo – Movimentação tática
0 100 Metros
0 400 Pés
China
Vietnã
Laos
ÁREA do MAPA
Tailândia
Camboja



CAPÍTULO

Mellas parou debaixo das nuvens cinzentas da monção, na faixa estreita de solo desbastado entre os limites da selva e a relativa segurança do arame que marcava o perímetro. Tentou contar os outros treze fuzileiros navais da patrulha enquanto eles emergiam da selva em fila indiana, mas a exaustão tornava a concentração difícil. Também tentou, sem sucesso, bloquear o cheiro da merda que boiava na água dos buracos destapados que serviam de latrina acima dele, localizados de ambos os lados do arame farpado. Da borda do seu capacete, a água da chuva pingava, passava pelos seus olhos e caía no tecido acetinado verde-oliva que segurava o revestimento blindado do incômodo colete à prova de balas. Pesadas e úmidas debaixo do casaco de camuflagem e da calça, a camiseta verde-escuro e a cueca *boxer* que sua mãe tinha tingido para ele havia só três semanas grudavam na pele. Ele sabia que debaixo das roupas molhadas devia haver sanguessugas grudadas nas pernas, nos braços, nas costas e no peito, mesmo que não conseguisse senti-las agora. Era o jeito de agir das sanguessugas, ele pensou. Eram tão pequenas e finas antes de começarem a chupar o sangue da vítima que dificilmente ela as sentiria, a menos que caissem de uma árvore em cima dela, e ninguém as percebia perfurando sua pele. Havia algum tipo de anestésico natural na saliva delas. Só mais tarde a pessoa as descobriria, inchadas de sangue, sobressaindo de sua pele como barriguinhas grávidas.

Quando o último fuzileiro naval entrou no labirinto de porteiras improvisadas, feitas de arame farpado, Mellas fez um sinal com a cabeça para Fisher, o líder do esquadrão, um dos três que precisavam da orientação dele. "Onze fora nós três", ele disse. Fisher levantou o polegar em concordância e entrou no labirinto. Mellas foi atrás dele, seguido pelo

seu operador de rádio, Hamilton.

A patrulha emergiu do arame e os jovens fuzileiros escalaram devagar a elevação da nova base de apoio, BA Matterhorn, curvados de cansaço, seguindo o caminho entre troncos despedaçados e árvores mortas que não ofereciam mais abrigo. A vegetação rasteira havia sido cortada com facas Ka-bar para desobstruir o campo de batalha das linhas defensivas, e o chão da selva, antes ramificado de córregos de água, agora era só lama pegajosa.

As duas finas e úmidas cartucheiras de algodão de Mellas entravam na parte de trás do seu pescoço, cada uma com o peso de vinte pentes carregados do seu rifle M-16. As alças o haviam esfolado até deixá-lo em carne viva. Tudo que ele queria agora era voltar para sua cabana e tirá-las junto com as botas e as meias encharcadas. Também desejava ficar inconsciente. Isso, no entanto, não era possível. Sabia que teria finalmente de lidar com o incômodo problema que Bass, seu sargento de pelotão, havia confiado a ele naquela manhã e no qual ele evitara pensar usando a desculpa de ter que sair em patrulha. Um rapaz negro – ele não lembrava seu nome, um metralhador do Terceiro Esquadrão – estava irritado com o sargento armeiro da companhia, cujo nome ele também não conseguia recordar. Só no pelotão de Mellas havia quarenta nomes e rostos novos, e quase duzentos na companhia: fossem negros ou brancos, todos eles pareciam iguais. Era demais para ele. Do comandante ao posto mais baixo, todos usavam a mesma roupa de camuflagem imunda e rasgada, sem distintivo de posto, sem meio de distingui-los. Todos eram muito magros, muito jovens e pareciam muito exaustos. Todos falavam do mesmo jeito, usando "porra", ou algum adjetivo, substantivo ou advérbio junto de "porra", a cada quatro palavras. A maioria das outras três palavras usadas nas conversas deles girava em torno de insatisfação com comida, correio, tempo de serviço e garotas que haviam deixado pra trás no colégio. Mellas jurava que não iria sucumbir a nada disso.

O garoto negro queria sair da mata para que checassem suas dores de cabeça recorrentes e outros fuzileiros negros estavam fazendo barulho para mostrar apoio. O sargento armeiro achava que o garoto estava fazendo corpo mole e merecia levar uns chutes no traseiro. Então outro rapaz negro se recusou a cortar o cabelo, e as pessoas se agitaram por causa *disso*.

Mellas devia estar guerreando. Ninguém na Escola Naval disse que ele teria que lidar com Malcolm Xs juvenis e caipiras vindos da Geórgia. Por que os médicos da Marinha não podiam decidir de uma vez se a porra de uma dor de cabeça era real ou não? Supostamente eles eram os especialistas. Será que os líderes de pelotão em Iwo Jima tinham que lidar com besteiras desse tipo?

Enquanto Mellas subia devagar o morro, com Fisher por perto e Hamilton seguindo-o com o rádio, ficou com vergonha do som que suas botas faziam quando se soltavam da lama, com medo de que isso denunciasse que elas ainda eram brilhantes e pretas. Ele logo desviou a atenção disso reclamando para Fisher do metralhador do esquadrão, Hippy, que tinha feito muito barulho quando Fisher pediu que ele posicionasse a metralhadora à frente da pequena coluna porque o homem-ponto achou que tinha ouvido algum movimento. Só de falar do quase encontro com um inimigo que Mellas ainda não havia visto, seu estômago revirou com uma agitação de medo que era como uma corrente elétrica que não podia ser descarregada. Ele estava, por um lado, aliviado por não ter encontrado ninguém, mas, por outro, zangado com a possibilidade de o barulho ter custado a eles uma oportunidade de ação. E essa zanga, por sua vez, irritava Fisher.

Quando alcançaram a posição usual do esquadrão na formação da companhia, Mellas pôde notar a perturbação de Fisher pelo modo com que ele quase derrubou os três gravetos que havia cortado para si e dois amigos durante a patrulha. Esses pedaços de pau serviam de matéria-prima para os bastões improvisados, que eram cuidadosamente talhados e tinham aproximadamente quatro centímetros de diâmetro e entre noventa centímetros e um metro e meio de altura. Alguns eram simples calendários, outros verdadeiras obras de arte. Cada bastão era marcado para mostrar quantos dias seu dono havia sobrevivido dos treze meses de serviço e quantos ainda faltavam. Mellas sentiu aflição com o barulho que Fisher fez ao cortar com um facão os três pedaços de pau, mas não disse nada. Ainda estava numa posição delicada: no papel, era o líder da patrulha, porque era o comandante do pelotão, mas até aprender tudo precisava, por ordens do tenente Fitch, comandante da companhia, fazer tudo que Fisher mandasse.

Mellas havia aceitado essa condição por dois motivos, ambos políticos. Fitch havia praticamente dito que Fisher estava no comando, então para que desobedecer Fitch? Fitch era o cara que podia promover Mellas a oficial executivo, o segundo na linha de comando, quando o segundo tenente Hawke saísse da selva. Isso o deixaria perto de ser o comandante da companhia – a menos que Hawke quisesse o posto. O segundo motivo era que Mellas não tinha certeza se essa situação era perigosa, e tinha muito mais receio de fazer perguntas estúpidas do que de descobrir a resposta. Nesse estágio, fazer muitos comentários idiotas e perguntas imbecis tornaria mais difícil para ele ganhar o respeito do pelotão e, mais ainda, ser promovido se os peixes pequenos não gostassem dele ou o achassem incompetente. O fato de Hawke, seu predecessor, ser idolatrado pelo pelotão não ajudava muito.

Mellas e Hamilton deixaram Fisher na linha do Segundo Esquadrão e subiram devagar uma colina tão íngreme que, quando Mellas escorregou para trás na lama, mal teve que dobrar o joelho para se equilibrar. Hamilton, curvado quase completamente pelo peso do rádio, ficava batendo a antena na elevação à sua frente. A neblina em torno deles obscurecia o ponto de chegada: um abrigo improvisado e instável que eles haviam feito pendurando seus ponchos emborrachados no fio de comunicação que passava a apenas um metro e vinte do solo entre dois arbustos explodidos. Esse abrigo, juntamente com outros dois que ficavam a poucos metros dele, formava o que se chamava, não sem ironia, posto de comando do pelotão.

Mellas queria rastejar para dentro do seu abrigo e fazer o mundo desaparecer, mas sabia que isso seria estúpido e que qualquer descanso seria breve. Estaria escuro em duas horas e o pelotão tinha que cercar a área com um arame que, uma vez tocado, dispararia sinais luminosos, no caso de soldados do Exército Norte-Vietnamita – o ENV – se aproximarem. Depois disso o pelotão tinha que distribuir as minas Claymore, que eram colocadas na frente das linhas e detonadas por um fio elétrico: elas atiravam setecentas balas de aço num padrão de leque à altura da virilha. Além disso, tinham que espalhar armadilhas com explosivos nas seções não

completadas do arame farpado. Se Mellas quisesse aquecer sua ração C, tinha que fazê-lo enquanto ainda estava claro, ou a chama seria um alvo perfeito. Precisava também inspecionar os quarenta fuzileiros do seu pelotão para ver se não estavam com pé de imersão e se todos tinham tomado a dose diária de dapsona contra doenças tropicais de pele e a dose semanal de cloroquina contra malária.

Ele e Hamilton pararam bem em frente a Bass, o sargento do pelotão, que estava agachado fora dos abrigos, na chuva, fazendo café numa lata posta em cima de um pedaço de explosivo C-4 em chamas. O C-4 chiava e deixava um cheiro acre no ar, mas era preferido ao fedor de queimar os olhos de uma barra padrão de aquecimento de trioxane. Bass tinha vinte e um anos e aquela era a sua segunda vinda. Esvaziou na água fervendo vários envelopes pequenos de café em pó da ração C e olhou dentro da lata. As mangas do seu casaco haviam sido cuidadosamente enroladas até quase os cotovelos, revelando antebraços grandes e musculosos. Mellas, vendo Bass mexendo no café com uma colher, apoiou contra um tronco o M-16 que tinha emprestado dele. Bass não precisou insistir muito para convencer Mellas de que era estúpido confiar nas pistolas calibre .45 que o Corpo de Fuzileiros considerava suficiente para oficiais subalternos. Ele tirou as úmidas cartucheiras de algodão e deixou que elas caíssem no chão: vinte carregadores, cada um com duas fileiras entrelaçadas de balas. Então se encolheu para se livrar dos suspensórios e os jogou na lama com as pistolas .45 ao lado dos cantis de plástico de três-quartos de galão, a munição da pistola, sua faca Ka-bar, compressas de emergência para estancar sangramentos, duas granadas de mão de fragmentação M-26, três granadas de fumaça e sua bússola. Respirando fundo de alívio, continuou a observar o café, com o cheiro que o lembrava do bule perene no fogão da sua mãe. Não queria checar as armas do pelotão nem limpar as suas; queria tomar algo quente e depois deitar e dormir. Mas com a escuridão se aproximando não havia tempo.

Ele afrouxou as ligas de aço que mantinham as barras das calças apertadas contra as botas para proteger-se das sanguessugas. Mesmo assim, três delas haviam conseguido subir na sua perna esquerda. Duas estavam grudadas e havia um rastro de sangue seco na região em que uma se

alimentara e caíra. Mellas a encontrou no sapato, sacudiu a meia até que ela caísse no chão e pisou nela com o outro pé, vendo o seu próprio sangue esguichar do corpo do bicho. Despejou um jato de repelente contra insetos nas outras duas sanguessugas ainda grudadas na sua perna. Elas se retorceram e caíram, deixando um leve sangramento no lugar.

Bass lhe deu um pouco de café numa lata vazia de fruta em calda da ração C e depois encheu outra lata para Hamilton, que estava sentado no seu rádio em frente ao seu abrigo e ao de Mellas. Hamilton pegou o café, ergueu a lata num brinde a Bass e a envolveu com os dedos para aquecê-los.

– Obrigado, sargento Bass – disse Mellas, com o cuidado de usar o título que Bass tinha feito por merecer e sabendo que a boa vontade dele era crucial. Sentou num tronco úmido e apodrecido. Bass descreveu o que havia acontecido enquanto Mellas estava fora fazendo patrulha. O CAA, o controlador aéreo avançado da companhia, tinha falhado mais uma vez em orientar um helicóptero de abastecimento a atravessar as nuvens e descer, de modo que aquele era o quarto dia sem provimentos. Ainda não se sabia muito sobre a troca de fogo entre a Companhia Alfa e uma unidade ENV de tamanho desconhecido no vale abaixo de onde estavam, mas o rumor de que quatro fuzileiros haviam sido mortos acabava de ser confirmado.

Mellas contraiu os lábios e cerrou os dentes para controlar o medo. Não conseguia parar de olhar para baixo, para as cadeias de montanhas cobertas de nuvens que pairavam abaixo deles até o Vietnã do Norte, a apenas quatro quilômetros dali. Lá embaixo estavam os quatro MECs, quatro garotos mortos. Em algum lugar daquela obscuridade cinza e verde, a Companhia Alfa tinha se fodido. A vez da Bravo estava chegando.

Isso significava que a sua vez estava chegando, algo que era só uma possibilidade quando se alistou nos fuzileiros navais, logo após sair do colégio. Ele tinha entrado num programa especial de candidatos a oficiais que permitia que continuasse a frequentar a faculdade e treinasse nas férias de verão, recebendo um pagamento muito bem-vindo, o que o fazia se imaginar contando para pessoas cheias de admiração, e quem sabe um dia para eleitores, que ele era um ex-fuzileiro. Ele nunca havia considerado a possibilidade de lutar numa guerra pela qual nenhum dos seus amigos

achava que valia a pena lutar. Quando os fuzileiros desceram em Da Nang no seu primeiro ano de faculdade, ele teve que procurar num mapa onde era isso. Ele queria ir para uma unidade aérea dos fuzileiros e ser controlador de tráfico aéreo, mas cada obstáculo burocrático no seu caminho, suas notas na faculdade, suas notas na Escola Naval e a falta de oficiais de infantaria o haviam forçado implacavelmente para o posto que ocupava agora, um verdadeiro oficial dos fuzileiros liderando um pelotão real de fuzileiros, e quase em pânico. Ocorria a ele às vezes que, por causa do seu sonho de criar uma boa imagem voltando da guerra, talvez ele nunca voltasse pra casa.

Tentou controlar o medo que aparecia sempre que lembrava que podia morrer. Mas agora o temor havia colocado sua mente para funcionar de novo. Se ele conseguisse a posição de Hawke de oficial executivo, então ficaria seguro dentro do perímetro. Não haveria mais patrulhas; ele cuidaria da administração e seria o primeiro a ser promovido a comandante da companhia. Para que isso acontecesse, teria que chegar a vez de o tenente Fitch, atual comandante da companhia, ir pra casa, e Hawke tomar o lugar dele. Na verdade, isso era muito provável. Todo mundo gostava de Hawke, tanto do topo quanto da base da hierarquia. Ainda assim, Fitch era novo na posição. Isso significava uma longa espera, a menos, é claro, que Fitch morresse ou ficasse ferido. Assim que essa ideia passou pela sua cabeça, Mellas se sentiu culpado. Não queria que nada de ruim acontecesse a ninguém. Tentou parar de pensar, mas falhou. Ocorreu a ele que teria que esperar chegar a vez de Hawke ir pra casa, a menos que algo acontecesse com ele. Mellas estava surpreso e envergonhado. Percebeu que parte dele iria desejar qualquer coisa, e talvez até fazer qualquer coisa, se isso significasse promoção ou salvar a própria pele. Porém, ele tentou reprimir essa parte de si.

– Como é que está indo o arame? – Mellas perguntou. Na verdade, ele não se importava muito com a tarefa de passar o arame farpado na frente dos buracos, mas sabia que tinha que parecer interessado.

– Nada mal, senhor – disse Bass. – O Terceiro Esquadrão ficou fazendo isso o dia todo. Estamos quase acabando.

Mellas hesitou. Depois mergulhou no problema que tinha evitado

naquela manhã ao sair com a patrulha.

– Aquele garoto do Terceiro Esquadrão veio falar com você de novo sobre ir pra retaguarda?

Ele ainda estava sobrecarregado tentando lembrar o nome de todo mundo.

– Ele se chama Mallory, senhor – Bass riu pelo nariz. – Aquele chorão covarde filho da puta.

– Ele diz que tem dor de cabeça.

– E eu tenho dor nas minhas bolas. Tem duzentos bons fuzileiros só neste morro querendo ir pra retaguarda, muito melhores que aquele merda. Ele tem dor de cabeça desde que chegou na selva. E não me vem com essa história de "cuidado porque ele é negro", porque tem um monte de preto por aqui que não está reclamando de dor de cabeça. Ele está cagando na calça – Bass tomou um grande gole e depois expirou vapor. – E, ah – Bass concluiu com um ligeiro sorriso nos lábios, – o doutor Fredrickson está com ele no abrigo. Ele está lá esperando você voltar.

Mellas sentiu o café quente e doce descer pela garganta e se acomodar no estômago. Mexeu os dedos dos pés, enrugados de umidade, para não cair no sono. O calor do café através da lata era agradável nas suas mãos, que estavam começando a eliminar pus, um dos primeiros sintomas do que os soldados chamavam de pele da selva. "Bosta", ele disse para si mesmo. Colocou a lata contra a nuca, onde as tiras das cartucheiras haviam deixado a pele em carne viva.

– Bebe, tenente – disse Bass. – Não fica namorando o café.

Bass tirou a faca do bolso e começou a fazer outro sulco elaborado no seu bastão. Mellas olhou para o bastão com inveja. Ele ainda tinha trezentos e noventa dias de serviço para cumprir.

– Eu tenho que lidar com isso agora? – Mellas perguntou. Imediatamente se arrependeu. Sabia que estava se fazendo de coitado.

– O senhor é o tenente, senhor. PDP – Privilégio do Posto.

Mellas tentava pensar numa resposta espirituosa quando ouviu um grito vindo da área do Segundo Esquadrão. "Caralho! Chama o paramédico! Chama o doutor Fredrickson!" Bass jogou o bastão de lado na hora e correu na direção da voz. Mellas ficou sentado lá, tão imbecilizado

de cansaço que não conseguia se forçar a levantar. Olhou para Hamilton, que encolheu os ombros e finalmente tomou um gole do café. Observou Jacobs, o líder gago do time de artilharia do Segundo Esquadrão, correr morro acima e desaparecer no abrigo do doutor Fredrickson. Mellas suspirou e começou a calçar novamente a porra das meias e das botas molhadas enquanto Jacobs e Fredrickson, o paramédico da Marinha, desciam o morro escorregando aqui e ali. Algum tempo depois, Bass veio andando devagar morro acima, com uma expressão neutra.

– O que foi, sargento Bass? – Mellas perguntou.

– É melhor o senhor ir dar uma olhada lá, tenente. É a coisa mais esquisita que eu já vi. Uma sanguessuga entrou bem no buraco do pau do Fisher.

– Meu Deus – disse Hamilton. Olhou para cima, para as nuvens, e depois de volta para baixo, para o café fervendo nas suas mãos. Ergueu o café. – Um brinde pras porras das sanguessugas.

Mellas sentiu nojo, mas também alívio. Ninguém podia responsabilizá-lo por algo assim. Sem amarrar as botas, começou a descer o morro na direção do Segundo Esquadrão, escorregando na lama, preocupado com a dificuldade de substituir um líder de esquadrão experiente como Fisher quando mal conhecia o pelotão.

Uma hora mais cedo, Ted Hawke também estava pensando na substituição de um líder experiente, mas estava preocupado com Mellas, que havia assumido seu lugar como comandante do Primeiro Pelotão quando Hawke foi promovido para número dois na companhia, oficial executivo. Hawke estava no país a tempo suficiente para se acostumar a ficar assustado – isso acontecia a cada operação –, mas não preocupado, e isso o deixava temeroso.

Pegou um galho caído e começou a rabiscar distraidamente na lama, formando várias vezes uma estrela de cinco pontas, um hábito de escola que voltava quando tentava pensar. O galho era um entre milhares, tudo que sobrava das árvores enormes que costumavam ficar no alto deste morro, a apenas três quilômetros do Laos e dois da DMZ. O morro, um dos muitos

sem nome na área, todos com mais de mil e quinhentos metros de altura e cercados por chuvas frias de monção e nuvens, tinha o azar de ser só um pouquinho mais alto que os outros. Por esse motivo, um oficial sentado a cinquenta e cinco quilômetros a leste dali, no quartel-general da Quinta Divisão dos Fuzileiros Navais em Dong Ha, o havia escolhido para ser devastado e desbastado para acomodar a bateria de artilharia de obuses de 105 mm. O mesmo oficial também o havia batizado de Matterhorn, seguindo a moda de nomear as novas bases de apoio de artilharia com o nome de montanhas suíças. As ordens logo desceram pelo regimento até o Primeiro Batalhão, cujo oficial em comando selecionou os cento e oitenta fuzileiros da Companhia Bravo para executá-las. Essa decisão deixou a Companhia Bravo e seu cansado segundo em comando, tenente Theodore J. Hawke, num vale isolado ao sul do Matterhorn. De lá foi preciso uma marcha de três dias pela selva a fim de alcançar o topo do morro. No decorrer da semana seguinte, eles o transformaram, com a ajuda de quase duzentos quilos de explosivo C-4, numa terra devastada e estéril de árvores esmagadas, um emaranhado de troncos despedaçados, tabletes quebrados de ração C, latas vazias, caixas de papelão encharcadas, pacotes descartados de suco instantâneo, embrulhos rasgados de doces e lama. Agora esperavam, e Hawke estava preocupado.

Havia preocupações menores do que a competência do tenente Mellas. Uma era que o morro estava na extremidade do alcance da bateria de obuses de 105 mm na base de apoio de fogo Eiger, mais de dez quilômetros a leste. Esse problema estava de alguma forma relacionado com a espera porque, antes que pudessem ser largados no vale ao norte do Matterhorn, tiveram que esperar pela chegada da Bateria Golfe, a unidade de artilharia que devia estar ocupando o topo agora devastado do Matterhorn para cobrir tropas de infantaria operando além do alcance dos obuses no Eiger. Era tudo muito simples lá no quartel-general. As companhias Alfa e Charlie iriam para o vale primeiro. Quando saíssem do alcance da artilharia do Eiger, a Bateria Golfe iria para o Matterhorn. As companhias Bravo e Delta substituiriam as companhias Charlie e Alfa lá embaixo no vale, mas estariam cobertas pela artilharia no Matterhorn. Tudo isso permitiria ao Primeiro Batalhão ir mais longe tanto a norte quanto a oeste, continuando

sua missão de atacar a complicada rede de estradas, trilhas, depósitos de abastecimento e hospitais de campo que apoiam as divisões 320 e 312 do ENV.

O que não estava nos planos era a unidade ENV que derrubou, com o preciso fogo de uma metralhadora calibre .51, o primeiro helicóptero de abastecimento CH-46 que tentou alcançar o Matterhorn. A aeronave desabou em chamas num morro adjacente que os fuzileiros da Companhia Bravo imediatamente nomearam de Morro do Helicóptero. Toda a tripulação morreu.

Desde então as nuvens se dissiparam só uma vez, quatro dias antes, quando outro helicóptero do Grupo Aéreo de Fuzileiros 39, lutando no ar rarefeito da montanha, conseguiu abrir caminho desde o vale ao sul até a pista de pouso do Matterhorn. Ele veio com alguma comida e equipamento e partiu com alguns novos buracos de calibre .51 e um chefe de tripulação ferido. Logo depois disso, o GAF-39 queria que a metralhadora dos chinas fosse eliminada antes da Bateria Golfe chegar, especialmente porque a operação envolveria o carregamento de pesados obuses, pendurados por cabos a helicópteros que já estariam lutando contra a altitude – e que mal seriam capazes de fugir das balas. Esse problema, com outras preocupações de Hawke – a chuva de monção e as nuvens que impossibilitavam o apoio aéreo e dificultavam o reabastecimento –, havia estourado os prazos da operação em três dias inteiros e causado a ira do tenente-coronel Simpson, cujo codinome era Big John Six, o oficial comandante do Primeiro Batalhão.

Hawke parou de rabiscar e olhou para a encosta íngreme abaixo dele. Fiapos de neblina escondiam a parede cinza de selva logo além dos rolos retorcidos de arame farpado na borda da área desmatada. Ele estava em pé logo atrás da linha de buracos pertencentes ao Primeiro Pelotão, que ele havia acabado de entregar nas mãos da sua principal preocupação, o segundo tenente Waino Mellas, da reserva do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos. Um dos postos avançados da companhia havia dito por rádio que a patrulha de Mellas acabara de passar na sela formada pelo Matterhorn e o Morro do Helicóptero e chegaria em breve. Hawke estava ali para sentir como Mellas agiria nesse estado de exaustão, depois de toda a adrenalina de uma patrulha que não tinha encontrado nada. Hawke havia

aprendido muito tempo atrás que o que realmente importava em combate era como as pessoas agiam quando estavam exaustas.

Hawke tinha vinte e dois anos, sardas na pele e cabelo grosso e escuro com um toque de vermelho que combinava com o do seu grande e ruivo bigode. Usava uma camiseta verde, virada do avesso, molhada de suor e com manchas escuras do seu colete à prova de balas. Suas calças estavam cobertas de lama e tinham um furo no joelho. Usava um boné, pois não gostava dos chapéus moles de camuflagem na selva por achá-los pretensiosamente bélicos. Ficou examinando a linha de árvores, com os olhos pulando de lá para cá em busca do veterano de combate. A encosta era íngreme o suficiente para que ele pudesse ver, por sobre as árvores, o topo de uma camada escura de nuvens que escondia um vale bem abaixo. Aquele vale era delimitado por outra cadeia de altas montanhas ao norte, exatamente como a cadeia ao sul do Matterhorn. Em algum lugar daquele vale ao norte, quatro homens da Companhia Alfa acabavam de morrer e oito, de ser feridos. A companhia estava longe demais do Eiger para ser protegida com eficiência pela artilharia.

Hawke soltou um suspiro profundo. Taticamente, a companhia estava em maus lençóis. Estava muito longe da ajuda e prestes a entrar em combate com todos os três pelotões liderados por novatos caipiras. Muito baixo, ele disse "Foda-se", girou, e jogou o galho na massa de árvores derrubadas e arbustos que separavam a área de pouso das trincheiras que a protegiam. Então a música *bluegrass* que havia invadido a sua mente o dia todo voltou. Ele ficou lembrando a banda Country Gentlemen – com suas harmonias altas e os pulsos gordos de Charlie Waller pressionando as cordas da guitarra – cantando sobre uma expedição inteira que havia morrido numa das primeiras tentativas de escalar o Matterhorn na Suíça. Quando Hawke pôs as mãos nos ouvidos para interromper a música, sentiu escorrer pela orelha direita o pus de uma ferida aberta de pele da selva. Limpou a mão na calça imunda, misturando pus novo com velho, sangue de sanguessugas esmagadas, molho caído de uma lata de espaguete com almôndegas, barro úmido e pedaços de vegetação pegajosa que cobriam o algodão podre.

Um por um, a patrulha emergiu da selva, os fuzileiros curvados,

encharcados de suor e chuva. Hawke deu uma silenciosa risada de aprovação pelo nariz quando viu que Mellas vinha logo atrás do cabo Fisher, onde era o seu lugar até que o tenente Fitch dissesse que Mellas estava pronto para assumir a liderança. Hawke não sabia como reagir a Mellas. Ele era o tipo de pessoa que se esperava que estivesse no lugar errado, mas lá estava ele no lugar certo. Top Seavers, o primeiro sargento da companhia, havia espalhado pela rede de rádio do batalhão em Quang Tri que Mellas estudara em alguma faculdade privada chique e se graduara em segundo lugar da classe na Escola Naval. A faculdade chique combinava com as boas notas na Escola Naval, mas isso tudo fazia Hawke se preocupar com a possibilidade de que talvez eles tivessem recebido alguém que considerasse conhecimento acadêmico mais importante que experiência e garra. Ainda mais preocupante foi o comentário de Top Seavers sobre quando Mellas apareceu pela primeira vez na divisão no dia de Ano-Novo, apenas seis dias atrás, solicitando inscrição num pelotão de armas, não num de rifles. Seavers havia concluído que Mellas estava tentando evitar sair em patrulha, mas Hawke não tinha certeza disso. Não achava que Mellas fosse um covarde, talvez só um político. O comandante do pelotão de armas, que tradicionalmente tomava conta dos três morteiros de 60 mm e as nove metralhadoras da companhia, vivia com o grupo de comando da companhia. Logo, ele tinha contato constante com o comandante da companhia – ao contrário do comandante do pelotão de rifles, que ficava isolado na linha de frente. Porém agora não havia tenentes suficientes para cobrir nem mesmo os pelotões de rifle e, como a maior parte da ação envolvia apenas um pelotão ou uma unidade menor, as metralhadoras ficavam permanentemente com os pelotões de rifle, um por esquadrão, deixando só os morteiros, que podiam ser usados por um reles cabo. Mas Mellas não se encaixava no estereótipo do oficial ambicioso. Para começar, ele não parecia nem um dia mais velho do que os garotos que tinha de comandar. Além disso, ele não parecia certinho, com tudo em seu devido lugar, como velas a exatos noventa graus do vento, cultivando o que um oficial ambicioso chamaria de presença dominante. Por outro lado, parecer desleixado podia ser só uma atitude de privilegiado aluno de faculdade boa que não está nem aí, como tapar os buracos dos tênis e dos *jeans* com fita

isolante, sabendo o tempo todo que está destinado a Wall Street ou Washington e ternos bem cortados. Mellas era também bonito a ponto de trazer em si o que Art, o tio irlandês de Hawke, chamaria de as marcas do trabalho cuidadoso de Deus, uma vantagem na vida civil, mas quase uma desvantagem no Corpo de Fuzileiros. Além disso, ele contrastava muito com o outro novo segundo tenente, Goodwin, que era bem mais fácil de entender. O desempenho de Goodwin na Escola Naval havia sido medíocre, mas Hawke sabia que tinha um caçador nato nas mãos. Ele concluirá isso dez segundos depois de botar os olhos nos dois novos tenentes. O helicóptero que os deixou no morro havia recebido fogo de metralhadora durante todo o caminho através da zona. Ambos os tenentes rolaram para fora da parte de trás da máquina e mergulharam atrás da primeira cobertura, mas Goodwin ergueu a cabeça para tentar entender de onde a metralhadora do ENV atirava. O problema de Hawke com Goodwin, no entanto, era que, embora bons instintos fossem necessários, na guerra moderna eles não eram o suficiente. A guerra havia se tornado muito técnica e muito complexa – e aquela, em particular, muito política.

O doutor Fredrickson fez Fisher se deitar de barriga para cima na lama em frente ao abrigo com as calças abaixadas. Os fuzileiros do Segundo Esquadrão que não estavam de plantão junto aos buracos faziam um semicírculo atrás de Fredrickson. Fisher tentava fazer piadas, mas seu sorriso estava bem contraído. O doutor Fredrickson se virou para Jacobs, líder mais experiente do grupo de fogo de Fisher.

– Vai dizer pro Hamilton chamar o paramédico-chefe. Diz pra ele que a gente provavelmente vai precisar de uma evacuação médica de emergência.

– E-e-emergência – Jacobs ressaltou sua gagueira mais que de costume.

Ele imediatamente começou a subir o morro. Fredrickson se voltou para Mellas, com olhos sérios e decisivos no seu rosto estreito.

– O Fisher tem uma sanguessuga dentro do pênis. Ela subiu na uretra durante a patrulha e eu acho que não consigo tirar.

Fisher estava deitado com as mãos atrás da cabeça. Como a maioria dos fuzileiros na selva, ele não usava cueca para evitar pele da selva na

virilha. Já fazia muitas horas desde que ele tinha urinado.

Mellas olhou para cima, para a neblina que pairava no ar, e depois para baixo, para o rosto úmido e sorridente de Fisher. Forçou uma risada.

– Você tinha que encontrar uma sanguessuga pervertida? – ele disse.

Olhou a hora. Menos de duas até escurecer. Uma evacuação médica noturna naquela altitude e com aquele tempo seria impossível.

– Agora você pode pôr a calça de volta, Fisher – disse Fredrickson. – Não bebe nada de água. É um lugar ruim pra amputar.

Jacobs voltou escorregando pelo morro, respirando pesado. Foi parado por Bass, que estava fora do círculo formado pelos amigos curiosos de Fisher.

– Eu fa-falei pra ele, sargento Bass.

– Ok – Bass disse. – Põe as coisas do Fisher na mala. Divide a munição e as rações C dele. Dá o rifle dele pro tenente que assim ele não tem que ficar pegando o meu emprestado. Ele tinha algum posto de escuta esta noite ou algo assim?

– N-não, tivemos patrulha hoje – Jacobs disse. Seu rosto comprido, mas normalmente tranquilo, tinha agora uma expressão preocupada, e seus ombros largos estavam caídos para frente. Poucos segundos antes, ele havia sido o líder do grupo de rifles; agora ele tinha o esquadrão todo.

Mellas abriu a boca para dizer que era dele a decisão de quem assumiria temporariamente o comando do esquadrão, mas podia ver que ela já havia sido tomada por Bass. Fechou a boca. Mellas sabia que caso se impusesse agora, mencionando o seu posto, perderia a pouca autoridade que parecia ter.

Fredrickson se virou para Mellas.

– Acho que a gente devia levar ele pra ZP. Ele vai começar a sentir daqui a pouco. Não dá pra dizer quando o helicóptero vai conseguir chegar – ele olhou para cima, na direção da neblina escura girando ao vento. – Se não chegar logo, não sei o que vai acontecer. Estou achando que alguma coisa por dentro vai dar problema, e se prejudicar o rim ou estourar dentro dele… – ele sacudiu a cabeça e olhou para as próprias mãos. – Eu só não sei muito como é lá dentro. Nunca tivemos essa aula na Medicina de Campo.

– E o paramédico-chefe? – Mellas perguntou, referindo-se ao

Paramédico Segunda Classe Sheller, o paramédico da companhia, chefe de Fredrickson.

– Eu não sei. Ele é um PM2C, mas acho que ele trabalhou em laboratório o tempo todo. Ele só está aqui porque irritou alguém no Quinto Departamento Médico. Ele está aqui a uma semana mais que você.

– Ele não sabe nada – Bass cuspiu.

– Por que você acha isso? – Mellas perguntou.

– É um gordo de bosta.

Mellas não respondeu, imaginando o que seria preciso para cair nas graças de Bass. No dia em que Mellas chegou lá, querendo desesperadamente que todo mundo gostasse dele, Bass não facilitou as coisas. Fazia quase um mês que Bass estava tomando conta do pelotão sem nenhum tenente e não demorou para mencionar o fato de que fazia a sua primeira excursão ao Vietnã enquanto Mellas apenas começava a faculdade.

– Olha ele lá – Fredrickson disse. Sheller, que como todos os paramédicos da companhia tinha o apelido de lula sênior, vinha esbaforido descendo o morro com as botas novas de selva ainda pretas, como as de Mellas, e o uniforme ainda não embranquecido pelas constantes chuva e exposição ao sol. Seu rosto era redondo e ele usava óculos de aros pretos da Marinha e um chapéu camuflado novo. Parecia evidentemente deslocado perto dos fuzileiros magros e ossudos.

– Qual o problema? – perguntou animado.

– É o Fisher – Fredrickson explicou. – Tem uma sanguessuga dentro da uretra dele.

Sheller contraiu os lábios.

– Não parece bom. Não tem jeito de alcançar ela, imagino. Ele pode urinar?

– Não – Fredrickson disse. – Foi assim que a gente descobriu.

– Se desse pra ele mijar, a gente nem chamava você – Bass resmungou.

Sheller olhou rápido para Bass e desviou os olhos depressa para o chão.

– Onde ele está? – ele perguntou para Fredrickson.

– Está logo ali fazendo a mala.

Sheller foi na direção que Fredrickson havia apontado. Este se virou para Bass e Mellas, encolheu os ombros como se dissesse "Cada um que me

aparece" e se virou para segui-lo. Bass riu de desprezo com o nariz.

– Gordo de bosta.

Sheller fez Fisher baixar as calças de novo. Perguntou quanto tempo fazia desde que havia urinado pela última vez e olhou para o céu e depois para o relógio de pulso. Virou-se para Mellas.

– Ele vai ter que ser resgatado. Emergência. Vou falar com o líder.

– Corre, Fisher – Bass disse. – Você vai sair da selva. Corre lá pra ZP.

Fisher sorriu e foi na direção da sua tenda, subindo as calças enquanto andava. Bass se virou para os buracos e gritou com as mãos em concha:

– Quem tiver carta pra mandar dá aí pro Fisher. Ele vai ser resgatado.

Uma agitação generalizada se instaurou imediatamente. Corpos sumiram para dentro das tendas e dos buracos, vasculhando as malas e as sacolas de plástico que os homens usavam para manter as cartas secas.

– Jacobs – berrou Bass –, fala pro inútil do Pollini trocar de camisa com o Fisher. Tá parecendo um mendigo. E fala pro Kerwin, do Terceiro Esquadrão trocar a calça.

Jacobs, grato por ter algo para fazer, começou a correr para juntar as roupas mais gastas do esquadrão a fim de substituí-las pelas menos gastas de Fisher.

Sheller voltou para junto de Bass e Mellas e baixou a voz.

– Ele vai sentir muita dor. Posso dar algo pra ele, mas não sei o que vai acontecer com a bexiga e os rins.

– Bom, nós também não – Bass disse –, mas a gente não foi pra nenhuma faculdade de medicina chique da Marinha.

Sheller olhou para Bass e fez menção de dizer algo, mas mudou de ideia. A expressão de desprezo de Bass, seus ombros largos e seus braços grossos não pareciam convidar a uma discussão.

– Faz o que for possível por ele – Mellas disse rapidamente, tentando diminuir a tensão entre os dois. Ele virou-se para Bass.

– Você vai finalmente pôr aquele seu romance no correio?

Bass riu. Ele havia se apaixonado por uma prima de Fredrickson, uma colegial, só de ver uma foto dela no livro da escola. Havia vários dias, estava escrevendo para ela uma carta que já estava com quinze páginas. Os dois voltaram para a tenda de Mellas.

– Eu não acredito – disse Mellas. – Quase primeiro-sargento Bass, veterano durão, se apaixonando por carta.

– Só porque você não tem ninguém pra escrever além da mamãe – Bass atirou de volta.

A cutucada machucou. Mellas se lembrou de Anne e da última noite em que ela virou as costas para ele na cama. Lembrou-se de uma viagem que fizeram para o México e dela chorando na praça de uma cidadezinha, exausta pela vontade dele de explorar todos os lugares. Ele a observava confuso, sentindo amor por ela, mas sem saber o que fazer.

Mellas rastejou para dentro da tenda e procurou algum papel de carta e uma caneta. Tinha decidido escrever pra ela. A carta assumiu um tom otimista: "Estamos em um lugar chamado Matterhorn. Estou bem etc.". Colou as partes do envelope especial. Na selva a umidade era tanta que envelopes normais se colavam antes que pudessem ser usados, e no verão a água era tão escassa que todo mundo abominava ter que lamber qualquer coisa.

– Ei, senhor Mellas.

De vez em quando, Bass usava a maneira formal de tratamento naval para enfatizar que Mellas ainda era um tenente novato.

Mellas não podia reclamar, Bass estava completamente correto.

– Sim, sargento Bass.

– Se o helicóptero não conseguir pousar e o Fisher não mijar, o que vai acontecer? Ele vai inchar e explodir?

– Eu não sei, sargento Bass. Acho que algo assim.

– É uma merda – Bass resmungou. – Tenho que ver se o Skosh ainda tá acordado.

Mellas entrou de cócoras depois de Bass na escura tenda onde o operador de rádio de Bass, Skosh, de dezoito anos, estava no plantão do rádio. Ele era tão franzino que Mellas se perguntava como ele conseguia carregar o rádio, que era pesado, durante a patrulha. Skosh estava com uma toalha verde-escuro enrolada no pescoço e olhava uma revista pornográfica que, pela aparência, já devia ter passado pelas mãos de todos os operadores de rádio do batalhão.

– Descobre aí como anda o resgate – disse Bass.

Foi até o fundo da tenda. Mellas o seguiu, rastejando sobre ponchos fedidos de náilon, parecidos com edredons, com os joelhos tocando o chão duro quando afundavam no colchão de ar de Bass.

Skosh não respondeu, mas pegou o bocal e começou a falar.

– Bravo Bravo Bravo, Bravo One.

– Aqui é o Big B – o rádio chiou. – Fala.

– Como tá indo o resgate? Câmbio.

– Aguarde.

Houve uma breve pausa. Mellas observou Skosh, que lia seu livro de novo e ouvia o leve chiado do rádio. Houve uma explosão de estática quando alguém do outro lado ajeitou o bocal. Uma voz soou no ar.

– Bravo One, aqui é o Bravo Six Real. Põe o seu real.

Mellas sabia que Six Real era o líder, o tenente Fitch, e que ele queria falar com Mellas em pessoa – com o comandante real do Primeiro Pelotão, não com qualquer um que estivesse cuidando do rádio.

Mellas pegou o bocal das mãos de Skosh e apertou o botão para falar, sentindo-se um pouco nervoso.

– Aqui é o Bravo One Real. Câmbio.

– Não tá muito bom pro seu helicóptero. O vale tá carregado desde a Base de Apoio de Fogo Sherpa. Eles tentaram mandar um helicóptero e não conseguiram encontrar a gente. Então como tem umas duas horas antes do cara ficar muito ruim, eles vão esperar na Sherpa pra ver se o tempo limpa. Câmbio.

– Achei que era um resgate de emergência – Mellas respondeu. – Câmbio.

– A gente marcou como prioridade. Não vai subir pra emergência até ele ficar ruim a ponto de morrer se não tirar ele daí. Câmbio.

Mellas sabia que eles não queriam arriscar o helicóptero e a tripulação quando podiam esperar algumas horas e talvez conseguir um tempo melhor.

– Entendido, Bravo Six. Entendido. Aguarde.

Bass fazia sinais para Mellas, que soltou o botão de transmissão no bocal.

– Pergunta se a gente tem um pedido pra classe seis – perguntou Bass.

– O que é classe seis?

– Só pergunta.

Mellas apertou o botão de novo.

– Bravo Six, Assistente Um quer saber se vamos receber algum classe seis. Câmbio.

Quando Fitch apertou o botão, Mellas ouviu o som de risadas diminuindo.

– Fala pro Assistente Um que está aqui, sim.

– Entendido. Obrigado pela informação. Câmbio desligo.

Mellas se virou para Bass.

– O que é classe seis?

– Cerveja, senhor.

Bass forjava uma expressão cinicamente inocente. Mellas se sentiu burro e pouco profissional. Os músculos do seu maxilar se contraíram de raiva. Tinha feito papel de idiota na frente de todo o grupo do posto de comando.

Bass apenas olhou para ele e sorriu.

– Você tem que ficar cobrando, tenente, senão eles esquecem a gente.

Hawke observou o cabo Connolly, líder do Primeiro Esquadrão de Mellas, lutando para subir o morro, atravessando a lama e os tocos explodidos de árvores com suas pernas curtas e poderosas. Ele imaginava que Connolly só seria capaz de despender tanto esforço por uma coisa: cerveja.

Connolly parou para recuperar o fôlego e depois gritou:

– Ei, Jayhawk. Agora que você é OX, pode ficar aí sem fazer nada, né?

Hawke sorriu ao reconhecer um sotaque de Boston como o seu. Soltou um rosnado do fundo da garganta e ergueu a mão direita, curvando os dedos como garras e formando aquilo que todos na companhia reconheciam como o gesto do poder do gavião[1], uma paródia do gesto do Poder Negro ou o sinal da paz dos manifestantes antiguerra, dependendo de qual movimento político Hawke quisesse satirizar no momento. Ele rugiu:

– Connolly, posso fazer o que quiser. Sou o segundo-tenente.

Começou a dar socos no ar e depois ergueu os dois punhos acima da cabeça como um campeão e gritou:

– Eu sou o Willie Pep. Estou no décimo terceiro *round* da minha famosa luta de retorno ao ringue.

Daí começou a dançar, com os braços erguidos, curvando o primeiro e o segundo dedos como garras.

Alguns fuzileiros nas linhas abaixo dele se viraram para olhar. Quando viram que era só o Jayhawk fazendo a dança do gavião, voltaram a olhar por cima dos canos dos rifles para a massa de selva na sua frente. Estavam acostumados com ele.

Hawke parou com a brincadeira. Seus olhos ficaram sem expressão. A letra de um *bluegrass* voltou à sua cabeça: "Homens tentaram e homens morreram subindo o Matterhorn". O banjo de cinco cordas dominava o violino triste, e as vozes agudas dos Apalaches se erguiam num lamento do leste do Tennessee, "Matterhorn, Matterhorn". Hawke queria sair da selva. Queria abraçar uma garota que cheirasse bem e tivesse a pele suave. Queria ir para casa ver sua mãe e seu pai. Mas sabia, no entanto, que não iria abandonar Fitch e o resto da Companhia Bravo com três segundos-tenentes novatos até que eles tivessem mais experiência, ou tivessem morrido – as únicas duas possibilidades para novos segundos-tenentes em combate.

Connolly finalmente alcançou Hawke e, respirando pesado, perguntou:

– Ei, quando é que a gente vai ter um pouco de classe seis?

– Connolly, eu sabia. Eu tenho cara de cartomante?

– O helicóptero vai conseguir chegar?

– Cara, você realmente deve me achar com cara de cartomante – respondeu Hawke. – Quem sabe se o seu esquadrão fizesse alguma coisa além de encher a selva de pacote de suco em pó e embalagem de chocolate talvez a gente achasse a metralhadora dos viets e os caras da Força Aérea até davam carona pra gente num helicóptero.

– Eu não quero encontrar nenhuma metralhadora de viet.

– Que surpresa.

– Ei, Jayhawk.

– O quê?

Hawke não se importava de ser chamado pelo apelido, contanto que

estivessem na selva.

– As tropas têm que receber as cartas deles.

– Obrigado. Você é a porra da Querida Abby[2] ou algo assim?

– Eu bem que *queria* comer a Querida Abby.

– Ela é muito velha pra você. Volta pro seu rebanho, Connolly.

– Te promovem pra OX e de repente a gente é gado.

– Cai fora.

– Por que não te fizeram de líder? Você tá há mais tempo aqui que o Fitch.

– Porque eu sou segundo-tenente, e o Fitch é primeiro.

– Isso não vale nada pra mim.

– Bom, você não é o Big John Six, então ninguém liga pro que você acha. E você nunca vai ser o Big John Bravo One-One Real se não parar de me encher o saco.

– Então me tira do comando e me manda pra casa em desonra.

Connolly virou as costas e começou a descer o morro, arrumando as calças, muito largas em volta da cintura. As barras arrastavam no chão e estavam rasgadas e sujas por serem pisoteadas o tempo todo.

Hawke sorriu com afeição, olhando as costas de Connolly. Mas depois enfiou as mãos nos bolsos, e o sorriso virou uma careta quando a borda dos bolsos raspou nas feridas da sua pele. Observou Connolly voltando às linhas no escuro, passando por Mellas, que subia em sua direção. Suspirou e, repetidamente mas com firmeza, começou a bater com o bastão contra um tronco até ele quebrar. O que queria mesmo era tirar suas roupas úmidas e imundas e se aninhar, inconsciente, em posição fetal. Daí a música voltou.

Mellas sabia que Hawke o havia visto subindo para falar com ele, mas Hawke se virou para escalar a curta distância até a área plana da zona de pouso, a ZP, sem ele. Sentiu um tremor de raiva diante da injustiça com que sujeitos como Hawke e Bass o tratavam, só porque haviam chegado lá antes dele. Todo mundo tinha que ser um recém-chegado em algum momento. Sentindo-se como um menino tentando alcançar o irmão mais velho, ele continuou subindo. Viu Hawke se juntando ao grupo pequeno de

fuzileiros que havia se formado em volta de Fisher e mais alguém que ele achou ter reconhecido como o sargento armeiro: primeiro-sargento alguma coisa. Meu Deus, os nomes. Ele devia anotar tudo numa caderneta para memorizar.

Quando chegou à ZP, sem fôlego, Mellas logo viu que Fisher estava sentindo muita dor. Ele sentava na mala, depois deitava de lado perto dela, depois levantava, depois repetia esses movimentos. Hawke estava contando uma história que fazia todos rirem, com exceção de Fisher, embora esse estivesse sorrindo com coragem. Mellas invejava a facilidade de Hawke de se relacionar com as pessoas. Hesitou, sem ter certeza de como anunciar sua presença. Hawke resolveu o problema, saudando-o antes.

– Ei, Mellas. Morto de curiosidade pra ver como o Fisher conseguiu sair daqui sem nenhum arranhão, né? – Fisher forçou um sorriso. – Eu sei que você já conhece o sargento armeiro, primeiro-sargento Cassidy.

Hawke indicou um homem que Mellas imaginou estar na segunda metade dos vinte anos, por causa do rosto vivido e o posto. Cassidy havia se cortado, e o corte infectado soltava um pus aguado. Juntando as pistas fornecidas pela pele vermelha e sardenta, o nome e o sotaque sulista, Mellas o classificou como um caipira pobre de origem escocesa ou irlandesa.

Cassidy só acenou com a cabeça para Mellas e olhou para ele com seus olhos azuis apertados, obviamente o avaliando.

Hawke se virou para os outros.

– Pra vocês que não estão no Primeiro Rebanho, esse aí é o tenente Mellas. Ele é um zero-três.

Quando o pedido de Mellas para ser um controlador de tráfico aéreo junto à ala aérea dos fuzileiros foi negado, ele recebeu sua especialidade militar ocupacional, ou EMO: 0301, oficial de infantaria, sem experiência. Se ainda estivesse vivo em seis meses, seria nomeado 0302, oficial de infantaria, com experiência. Todas as especialidades de infantaria dos fuzileiros eram designadas por zero-três seguido de diferentes pares de números: 0311, atirador de rifle; 0331, metralhador. Zero-três era um número temido por muitos fuzileiros porque significava combate na certa. Todos os outros EMOs ajudavam o zero-três. Essa era a essência do Corpo de Fuzileiros. Poucos chegavam ao comando sem passar por ele.

Soaram murmúrios polidos de "Senhor" e "Olá, senhor" e um alívio evidente, porque Mellas era um oficial de infantaria e não mais de abastecimento ou transporte motorizado. O general Neitzel, o atual comandante-geral, havia decidido que, uma vez que todo fuzileiro tinha treino com rifle, logicamente todo oficial dos fuzileiros devia ter experiência como comandante de um pelotão de rifle por pelo menos noventa dias. A falha na lógica do general era que, depois de um oficial que não fosse de infantaria já ter cometido os inevitáveis erros esperados de qualquer oficial novo em combate e que eram pagos pelas tropas sob o seu comando, ele era transferido de volta para a sua ocupação primária na retaguarda, obrigando as tropas a treinar mais um oficial novato e as sujeitando à morte por causa dos erros desse oficial.

Mellas sabia que Hawke tinha lhe feito um favor ao dizer ao grupo que ele era da infantaria como eles. Um pouco da sua raiva anterior contra Hawke se dissipou. Começava a compreender que essa era uma reação típica a Hawke; ninguém conseguia ficar bravo com ele por muito tempo.

Mellas se juntou a Hawke e Cassidy, olhando para Fisher no chão. Hawke continuou falando calmamente, mas agora só para Mellas e Cassidy, embora todo mundo, incluindo Fisher, pudesse ouvi-lo.

– Acabei de mandar o Fredrickson pedir um resgate de emergência. Se a gente não tirar ele daqui em algumas horas, eu não sei o que vai acontecer.

Fisher observava Hawke e Mellas com atenção. Mellas se virou para Fisher.

– Aguenta aí, campeão.

Mellas tentava permanecer de bom humor, mas não conseguia reprimir um sentimento de irritação por estar perdendo um experiente líder de esquadrão.

– Estou aguentando, tenente. Mas bem que eu queria dar uma mijada. Pelo menos finalmente estou levando o Lindsey pra dar uma volta em Hong Kong – Fisher se referia a um fuzileiro de ar desolado do Terceiro Pelotão, também vestido com as roupas apodrecidas dos outros fuzileiros.

Lindsey sorriu para Fisher. Estava na área de pouso havia três dias, esperando pelo helicóptero para levá-lo para o seu D&D.

– Você tem que levar um tiro nos intestinos e colocar o piloto no testamento pra que eles venham pra esta montanha da porra.

– É assim mesmo – Fisher retrucou. A frase era muito usada pelos fuzileiros mais resignados em todas as partes. Ele havia interrompido a última palavra em um espasmo, e agora começava a gemer. Mellas se virou para outro lado. Lindsey observou Fisher. Era evidente que já havia visto alguém sentir dor antes.

Hawke se agachou perto de Fisher.

– Você vai ficar bem, cara. Dói, não dói? Acabamos de conseguir o sinal de emergência pra você. Eles vão trazer o helicóptero agora. Você acha que esses caras da Força Aérea iam perder o filme deles lá no aeroporto de Quang Tri?

Fisher sorriu e arqueou as costas num espasmo incontrolável, tentando diminuir a pressão.

– Por que diabos eles demoraram tanto pra chamar isso de emergência? – Mellas perguntou.

Hawke olhou para ele com um leve sorriso no rosto.

– Opa. Mal-humorado logo agora de tardinha – ele abrandou. – Se você chamar muitas emergências, ganha fama de menino que gritou com medo do lobo. O cara que despacha a mensagem transforma a sua emergência numa prioridade, e as prioridades viram rotina. Daí quando você tem realmente uma emergência, não vem nenhum helicóptero. Se você acha que estou brincando, espera pra ver.

– E eu tenho escolha?

– Meu amigo, você é novato, mas aprende rápido – isso saiu como uma imitação de W.C. Fields, o que irritou Mellas, mas os rapazes claramente gostaram disso.

– Eu sempre fui rápido.

Hawke se virou para o fuzileiro que esperava pelo D&D.

–Ei, Lindsey, desce lá e chama o lula sênior.

Lindsey levantou com evidente cansaço e olhou para Fisher.

– O que eu digo? – perguntou para Hawke.

– Diz que o Fisher está piorando – Hawke não parecia se incomodar por ter que explicar o que Mellas considerava fatos bastante óbvios.

Lindsey foi trotando morro abaixo na direção do posto de comando.

– Por que o Lindsey está saindo da selva em vez do Mallory? – o fuzileiro que fez a pergunta tinha um rosto redondo, era negro, com um bigode caído de Ho Chi Minh e pequenos adesivos no rosto por causa de algum problema de pele. Todos fizeram silêncio. As antenas políticas de Mellas se estenderam ao máximo.

– Diga "senhor" quando falar com um oficial – disse Cassidy. Sua voz tinha a autoridade de um sargento de instrução combinado com simples desprezo.

O fuzileiro engoliu, hesitante. Hawke interveio rápido, olhando de modo firme para ele.

– China, esta não é a hora nem o lugar.

– Pois é. Nunca é a hora, nem nunca é o lugar, se você é negro.

– Senhor – Hawke disse com calma, antes que Cassidy pudesse falar qualquer coisa. Mellas podia ver que Cassidy estava irritado, mas mantinha a boca fechada porque Hawke havia assumido o controle.

China ficou em conflito interno por um momento.

– Senhor – ele respondeu depois de algum tempo.

Hawke ficou em silêncio. Apenas olhou para o China, que ficou impassível, obviamente esperando uma resposta para sua pergunta. Dois dos amigos de Fisher, que eram negros e estavam por perto, se aproximaram inconscientemente um do outro.

– *Senhor* – disse o China. – Com todo o respeito, *senhor*, o fuzileiro está perguntando por que o taifeiro de primeira classe Mallory, que tá com dor de cabeça e talvez dano cerebral, não tá sendo removido daqui com o taifeiro de primeira classe Lindsey, que tá sofrendo de falta de companhia feminina.

A pergunta ficou parada no ar cinza que escurecia. Cassidy pôs os nós dos dedos na cintura e se inclinou um pouco para frente, prestes a explodir, quando Hawke começou a rir sacudindo a cabeça. Alguém mais deu uma risadinha.

– China, porra, por que você está enchendo o nosso saco aqui no meio da chuva quando você sabe muito bem que – Hawke ergueu um dedo –, em primeiro lugar, ninguém tem certeza se o Mallory tem mesmo dor de

cabeça, incluindo você, a menos que você tenha recebido um diploma de medicina recentemente e eu não vi, e em segundo lugar – ele ergueu um segundo dedo – mesmo se ele tivesse, ele ainda pode atuar normalmente em combate, ou pelo menos tão normalmente quanto ele sempre conseguiu, e em terceiro – agora o dedão foi adicionado – o que eu estava dizendo sobre chamar o resgate quando eles não são realmente necessários, e quarto – ele recolheu o dedão e estendeu quatro dedos – adicionar setenta quilos mais o equipamento dele numa altitude destas sem a gente nem saber o quanto o helicóptero já está carregado pode significar que ninguém mais saia da selva.

– O Lindsey pesa setenta quilos.

– Senhor – completou Hawke. Sua insistência no "senhor" tinha tão pouca disposição quanto a insistência de uma mãe para que o filho diga "obrigado" quando recebe um presente.

– Senhor – disse o China.

– Ele tem um pouco de razão – Mellas disse. Não podia lhe fazer mal deixar que os negros soubessem que ele não tinha preconceito.

Hawke se virou, com a boca aberta, para olhar Mellas. O China fez o mesmo, com evidente surpresa, mas mais bem escondida. Mesmo assim, Mellas podia ver que tinha marcado um ponto ali. Também percebeu que tinha perdido um com o sargento armeiro, Cassidy. O rosto de Cassidy ficou pálido e seus olhos pareciam pequenas pedras azuis.

Hawke não tentou esconder sua chateação. Dirigiu-se tanto a Mellas quanto ao China:

– O Lindsey está na selva faz onze meses, o Mallory três. O Lindsey está esperando na ZP faz três dias e, se ele não sair antes da gente avançar na operação, vai perder todo o D&D dele. O Lindsey nunca reclamou de porra nenhuma e tudo o que o Mallory faz é resmungar. Se a gente deixar o Mallory ir, então qualquer um vai poder ir pra retaguarda sempre que *disser pra gente* que está com dor em algum lugar. Porra, todo mundo sente dor em algum lugar. Você sabe tão bem quanto eu que ele pode *tilá* cavalinho da chuva – as quatro últimas palavras de Hawke, parodiando o sotaque vietnamita, foram pronunciadas devagar e diretamente para o China.

Mellas sentiu seu rosto ruborizar e desejou que isso não acontecesse, o que o deixou ainda mais vermelho. Viu o China dar uma olhada rápida para os dois outros negros, mas dava para ver que eles permaneciam neutros. Daí o China olhou para ele. Mellas manteve o rosto sem expressão e os lábios apertados.

Depois de um momento de hesitação, o China desistiu.

– Só apontando uma inconsistência aí, tenente Hawke – disse o China.

– É, eu ouvi.

Fisher começou a gemer, e Hawke e China se viraram a fim de olhar para ele, contentes de terem os gemidos como desculpa para sair daquele confronto. Cassidy virou as costas para o grupo e foi para a ZP.

– Ah, puta merda, tenente Hawke, eu tenho muito que mijar. Ah, merda. Por que eles não estão aqui? – Fisher estava muito perto de chorar. – Ah, esses filhos da puta que se fodam. Que se fodam esses filhos da puta.

Tentou levantar, buscando diminuir a pressão, daí deu um grito curto e intenso, que abafou com os dentes. Hawke o segurou antes que caísse. Fisher fez uma careta e disse:

– Merda. Não dá nem pra levantar, nem pra ficar deitado.

– Fica firme, Fisher, vamos tirar você daí em pouco tempo – Hawke disse. Sentou na mala de Fisher, pôs as mãos nas axilas dele, apoiando-o naquela posição entre deitado e sentado e aliviando a maior parte do peso de Fisher.

Mellas se sentiu excluído de novo – e estúpido. Sabia muito bem por que havia falado demais, mas não havia imaginado que, por dizer uma coisa sem importância em prol da igualdade racial, sofreria uma censura bastante firme de Hawke na frente de tantas pessoas. Mesmo assim, achava que seu comentário seria espalhado pela companhia. Não se arrependia de ter manifestado sua inclinação política, só se arrependia de ter sido tão desastrado. Daí começou a se perguntar o que pareceria melhor, estar ali na ZP com Fisher, ou lá embaixo nas linhas com o pelotão, ou fazendo algo com o comandante da companhia, tenente Fitch, para ajudar no resgate. Decidiu que seria melhor ficar quieto e não fazer muitas perguntas.

Hawke olhou ansioso para as nuvens que baixavam, depois para a descida do morro, na direção das linhas.

– Está com o correio todo pronto pra ir embora? – perguntou, sem olhar para Mellas.

Mellas demorou um momento para perceber que Hawke estava falando com ele.

– Estou – ele disse. – Você está sentando nele. Está tudo na mala do Fisher.

Alguns momentos depois, Sheller, o lula sênior, e o tenente Fitch, o líder, subiram do posto de comando da companhia para a ZP. Fitch parecia pequeno, quase como um gato, perto de Sheller. Quando chegaram perto de Fisher, Fitch olhou para ele rapidamente e depois se virou para Mellas e Hawke. Estava com uma expressão meio alegre, meio zombeteira, que era acentuada pelo elegante bigodinho que deixava crescer.

– Parece que o Fisher se ferrou direitinho, não? – ele disse e se voltou para Fisher. – Como é que você conseguiu fazer isso depois daquilo que você trouxe no pau lá de Taipei? Já ouvi falar de transmissor de doença, mas você passou dos limites.

Ele se virou para trás e esperou com os outros enquanto Sheller tomava o pulso de Fisher.

Quando Sheller se juntou a eles, seu rosto mostrava a preocupação.

– Comandante, se a gente não tirar ele daqui em uma hora vai estar escuro e ele vai arrebentar. O coração já está acelerado, mesmo com a morfina. Não tenho mais nada pra dar exceto mais morfina, e, bom, excesso de morfina... você sabe. Então estou guardando aqui uma segunda seringa pré-dosada pra depois. Caso precise.

– Para quê? – Fitch perguntou.

– Para o caso de eu ter que fazer alguma coisa aqui.

Ninguém disse nada até que Fitch rompeu o silêncio.

– O que você vai fazer se o helicóptero não chegar?

– A única coisa que me ocorre é tentar abrir um buraco pra aliviar a pressão dele. Ele não vai gostar nada disso.

– Acho que daqui uma hora ele nem vai estar se importando – Hawke disse.

– A quantas anda o helicóptero? – perguntou Mellas.

– Mesma coisa – Fitch respondeu. – O único jeito de chegarem aqui é passar rasando debaixo das nuvens até a encosta da montanha. Vamos torcer pra eles terem bastante espaço – ele fez uma pausa. – E luz – adicionou baixinho.

– Vou precisar de um lugar mais limpo que a ZP pra tratar dele, comandante – Sheller disse. – Não dá pra fazer isso na lama – parecia pálido e respirava superficialmente. – E outra coisa, vou precisar de muita luz, então tem que ser bem à prova de luz.

– Usa a minha tenda. O Snik e eu podemos armar outra se ele precisar passar a noite na minha – Fitch disse, se referindo a Relsnik, o operador de rádio do batalhão.

– Ah, porra, não, comandante – era o Fisher, que tinha escutado tudo desde o início. – Eles precisam me tirar daqui.

– Não se preocupa – Fitch disse. – Se tiver que operar, a gente tira uma foto antes de começar. Assim você tem como provar as suas histórias.

Fisher conseguiu sorrir. Mellas estava inquieto, transferindo o peso de uma perna para a outra. Fitch se virou para ele.

– Vai estar escuro daqui a pouco. É melhor fazer a reunião dos reais em mais ou menos zero-cinco pra gente pelo menos poder enxergar pra escrever.

– Ok, comandante – Mellas concordou, mais uma vez hesitando entre ficar com Fisher ou ir com Fitch. Deu mais uma olhada no Fisher.

– Força aí, Fisher – ele disse.

Fisher fez que sim com a cabeça. Mellas seguiu Fitch.

Escorregaram de lado apoiando-se nas botas, esquiando na lama na descida íngreme do morro, e chegaram em frente ao posto de comando da companhia. O PC era uma tenda como todas as outras, dois ponchos pendurados num fio de comunicação. A tenda, no entanto, se distinguia das outras pela terra empilhada nas partes de baixo para selar a passagem de vento e o escapamento de luz, e por uma grande antena de rádio RC292 balançando suavemente no ar da monção.

Fitch penteava o cabelo diante de um espelho de aço para barbear, enfiado na rachadura de um toco de árvore explodido. A chuva começou a cair com mais intensidade. Fitch colocou o pente no bolso de trás e se arrastou para dentro da tenda, seguido imediatamente por Hawke. Mellas hesitou, sem saber ao certo se estava convidado.

– Meu Deus, Mellas – Hawke gritou. – Você é maluco de ficar parado na chuva?

Mellas se espremeu para entrar no pequeno abrigo. Dois operadores de rádio também estavam lá dentro, um controlando a rede de rádio do batalhão, o outro, a rede da companhia. Uma única vela lançava sombras bruxuleantes no teto afundado feito por um poncho. Três colchões de ar, de borracha, cobertos por forros de poncho com padrões de camuflagem, estavam dispostos lado a lado. As bordas da tenda estavam cobertas de rifles, cantis, munição e mochilas. Uma revista *Seventeen*, uma revista *Time* do mês anterior, e um romance de faroeste de Louis L'Amour estavam espalhados perto dos rádios. Mellas não sabia onde pôr suas botas enlameadas. Acabou sentando com as costas apoiadas numa mochila, com os pés para fora da entrada da tenda.

Fitch apresentou os dois operadores de rádio para Mellas, que esqueceu imediatamente seus nomes e pediu a um deles que chamasse os comandantes de pelotões para a reunião dos reais. A conversa de rádio subsequente entre o quartel-geral da companhia e os três pelotões, desde o pedido de Fitch até o seu término, demorou menos de vinte segundos. Mellas, que vinha sentindo que os operadores de rádio da companhia precisavam de mais disciplina, ficou impressionado.

Hawke falou para Fitch:

– Connolly me disse agora que o China está esquentando os ânimos dos negros de novo, e acabei de ter um *tête-à-tête* com ele na ZP – ele olhou para Mellas. – Junto com alguma ajuda.

Mellas baixou os olhos para a lama.

– Aah, merda – Fitch disse. – O que é agora?

– Agora são as cotas de D&D. É tudo artimanha – Hawke se virou para Mellas. – Ei, Mellas, o primeiro-sargento Seavers disse alguma coisa pra você se o primeiro-sargento Angell da Companhia Charlie vai trocar duas

idas a Taipei por uma Bangcoc para o Parker?

O estômago de Mellas se encolheu. Ele se lembrava vagamente de que Seavers havia pedido para ele contar alguma coisa sobre cotas de D&D a Hawke, mas na hora nada pareceu fazer sentido e ele não quis passar pela vergonha de pedir um esclarecimento.

– Não, não me lembro dele falar nada sobre isso – ele mentiu sem emoção. Também não queria passar vergonha de novo na frente de Hawke.

– Hum. Bom, talvez a gente consiga acalmar ele na troca de turnos hoje à noite.

– Vocês tiveram problemas raciais aqui na companhia? – perguntou Mellas, mudando de assunto.

– Não, na verdade não – Hawke respondeu. – Ah, sempre tem uns dois idiotas reclamando e agitando as coisas. Aqui os negros não podem reclamar muito mais que os brancos, não. Somos todos uns pretos fodidos, pela parte que me toca.

– Quem é esse China?

– É o H. Rap Brown daqui, nosso negro radical – Fitch disse sorrindo –, também conhecido como taifeiro Roland Speed. Mas ele não gosta que ninguém o chame pelo nome. O Cassidy odeia ele, mas ele é um bom metralhador e ainda não causou nenhum problema de verdade. A gente tem alguns brancos racistas também.

Fitch olhava para seus dois operadores de rádio. O operador que falava com o batalhão, Relsnik, olhou de volta.

– Não consigo evitar, senhor. O senhor não cresceu com eles como eu e o Pallack lá em Chicago. Se o senhor tivesse passado por isso, também odiaria eles. Quer dizer, a maior parte dos caras daqui que são negros é decente. Eu até gosto de alguns deles. Mas esses são exceções. Como raça, odeio eles.

Fitch encolheu os ombros e olhou para Mellas.

– Não dá pra vencer isso de um jeito lógico.

Os dois operadores de rádio continuaram lendo as revistas.

Lá embaixo nas trincheiras, o soldado de primeira classe Tyrell Broyer,

que havia chegado no mesmo helicóptero que Mellas e Goodwin, atirou a sua pequena pá retrátil na trincheira e mostrou o dedo do meio para ela. Suas mãos e seus dedos, ainda não calejados pelo mato, estavam machucados pelo arame farpado, cobertos de bolhas pelo uso do facão para abrir caminho e com cortes infeccionados causados pelas lâminas afiadas da grama da selva. Havia voltado para lá depois de estender arame farpado bem abaixo da trincheira de luta, quando encontrou seu próprio buraco coberto por uma pequena avalanche de lama.

Olhou para o céu que escurecia, reajustando seus óculos pesados de plástico na ponta do nariz. O medo de ser pego sem proteção no escuro o fez pular logo de volta para o buraco. Imediatamente sentiu vergonha do seu medo. Podia estar deitado na ZP como aquele coitado do Segundo Esquadrão. Voltou a usar a pá, tentando ignorar a dor causada por uma unha lascada, até que sentiu que alguém estava agachado no chão acima do seu buraco. Virou e viu um par de botas desbotadas. Seus olhos subiram até um joelho coberto de pele escura que aparecia através de um pequeno furo num uniforme desgastado. Continuou erguendo os olhos até enxergar o rosto de um fuzileiro negro robusto com um bigode caído de Ho Chi Minh. O visitante ergueu o punho direito fechado e o saudou, e eles deram o aperto de mão que era a saudação habitual entre os fuzileiros negros: tocando os ossos das mãos, depois o lado de cima e depois o de baixo, o que durou vários segundos.

– De onde você é, irmão? – o visitante perguntou quando terminaram.

– Baltimore.

Broyer olhou para seu pequeno buraco, com pressa de terminar de cavar antes que a luz fosse embora, deixando-o exposto. Seus óculos de plástico escorregaram pelo nariz de novo e ele os ajeitou depressa.

– Não se preocupa com a porra do buraco, cara. Você vai cavar tanto dessas porras nos próximos treze meses que vai dar pra uma vida inteira. Tem um cigarro?

– Tenho.

Broyer enfiou a mão no bolso e tirou um pequeno pacote de cigarros da ração C. Ofereceu ao desconhecido, que sorria para ele como se achasse graça de alguma piada. Ele percebeu que o homem sofria de vitiligo, que

deixava manchas sem pigmentos, brancas, no rosto e nos braços.

– Meu nome é China – o desconhecido disse. – Achei bom dar uma volta pra conhecer alguns dos irmãos que chegaram faz pouco tempo.

China acendeu o cigarro e tragou devagar.

– Qual o seu nome, irmão?

– Broyer.

– Porra, cara. Seu nome de verdade, não seu nome de escravo.

– Tyrell – Broyer disse, se perguntando se esse também não seria um nome de escravo. Ficou aliviado por China não dizer nada e perguntou: – Você é do Primeiro Pelotão?

– Não. Segundo Rebanho. Esquadrão de Armas. Mas eu me movimento bastante. Tipo um pelotão de boas-vindas, entendeu? – China soltou uma risada misturada com o chiado dos pulmões. – O que você acha desses dois tenentes brancos que chegaram com você outro dia?

– Não conheço. Eles chegaram na BCV de helicóptero depois que a gente já estava lá com a escolta.

– Imaginei – China disse casualmente. Esperou que Broyer continuasse.

– Não pareciam tão ruins. Um é tipo um cara do campo, fica falando sobre caçar e essas coisas. O outro parece decente. Mas meio metido a besta. Tipo de cara que foi pra universidade.

– Aham.

China olhou para a selva, a meros dez metros abaixo de onde estavam. Broyer seguiu o olhar de China até o muro de folhagem. Ela estava sendo laboriosamente empurrada para trás por facas Ka-bar e pás dobráveis por outros membros do pelotão de Broyer. Uns poucos estavam de guarda nos seus buracos, com rifles e revistas cuidadosamente dispostos à sua frente, enquanto vigiavam a linha escura de árvores.

– Você acha que vão atacar a gente aqui? – perguntou Broyer.

– Porra, cara. Você acha que os viets vão ser malucos de querer este lugar de merda? Eles têm coisas melhores pra gastar o tempo. Porra, cara.

China sorriu para ele. Broyer riu baixinho, olhando para sua pá retrátil.

– Escuta, irmão – China disse. – Relaxa. Tenho ainda que ver mais um irmão recém-chegado antes de acabar a reunião dos reais, e preciso voltar pra minha posição, mas te vejo depois, ok? Você se acostuma logo. Todo

mundo tem medo, mas você se acostuma com o medo. Se precisar falar com um irmão, estamos aí.

Fizeram toda a sequência do aperto de mão. Broyer estava feliz de ter pedido para um irmão no campo de treinamento ensiná-lo a fazer isso, uma noite em que ambos estavam de vigia contra ataques enquanto todos os outros dormiam.

Os reais se reuniram, no crepúsculo, do lado de fora da tenda do primeiro tenente Fitch. Uma leve neblina impedia a distinção entre suas silhuetas sombreadas, aumentando ainda mais o desconforto de Mellas por não conseguir lembrar os nomes deles.

Mellas mal havia trocado duas palavras com o comandante do Terceiro Pelotão, segundo-tenente Kendall, até então do Décimo Quinto Batalhão de Transporte Motorizado. Isso não havia acontecido por sua escolha: simplesmente não tiveram tempo para conversar. Kendall tinha o cabelo aloirado e encaracolado e usava óculos de lentes amarelas com hastes grossas, nos quais ficava tocando enquanto falava. Mellas notou que ele usava uma aliança simples de ouro.

O segundo-tenente Goodwin, que havia cursado a Academia Naval com Mellas e havia chegado com ele no helicóptero, estava acotovelando o sargento do seu pelotão, primeiro-sargento Ridlow, e abafando uma risada por causa de alguma coisa. Goodwin usava um chapéu mole de camuflagem. Mellas sentiu uma ponta de inveja. No primeiro dia, quando Mellas e Goodwin pegaram suas roupas e seu equipamento em Quang Tri, Goodwin havia trocado seu boné americano por aquele chapéu mole de camuflagem na selva e parecia que tinha usado aquilo a vida toda. Mellas havia colocado um também e depois se olhara no espelho; e, se sentindo ridículo, guardou o chapéu na mala a fim de levar para casa como lembrança, caso voltasse vivo. Vários dias depois, poucos momentos após chegarem ao Matterhorn, Mellas mais uma vez encarou a inveja que sentia de Goodwin. Aconteceu quando o líder, tenente Fitch, anunciou rispidamente que Mellas ficaria com o sargento Bass. Fitch completou dizendo que Bass havia feito um excelente trabalho liderando o pelotão no

intervalo entre a promoção de Hawke para oficial executivo e a chegada de Mellas. Depois Fitch colocou Goodwin no Segundo Pelotão, com o primeiro sargento Ridlow, a quem descreveu como competente, mas desleixado. Mellas compreendeu na hora que Fitch achava Goodwin o melhor oficial, e por isso deu a esse a tarefa mais difícil. Fitch nem havia perguntado sobre as suas notas na Academia Naval, qual universidade tinham cursado, nem mais nada. Pareceu injusto.

Mellas foi trazido de volta ao presente quando notou um pastor-alemão cinza claro com estranhas orelhas avermelhadas, que estava deitado na lama respirando pesado, com a cabeça erguida, e olhando para ele. O responsável pelo tratamento do animal, um fuzileiro magro com um grande bigode caído, como o dos antigos guerreiros celtas, dormia perto do cachorro, com um chapéu mole de camuflagem cobrindo os olhos. Outros no grupo do PdeC – o controlador aéreo avançado, sempre chamado de agente CAA; o lula sênior, Sheller; e o observador de artilharia avançado, Daniels – estavam sentados num grupo pequeno, comendo as rações C, perto o suficiente para ouvir o que acontecia na reunião dos reais, mas longe o suficiente para não fazer parte dela.

– Bom, então vamos começar – Hawke disse. – A previsão do tempo é mais dessa mesma merda – Hawke fez uma pausa. – De novo – as pessoas riram. – A gente ainda não sabe que porra as companhias Alpha e Charlie estão fazendo na selva, ou quando a Delta e nós devemos trocar de lugar com eles. Vocês todos provavelmente já ouviram que a Alpha sofreu cinco Coors – esse era o código de rádio que significava "mortos". – Não sei de nenhum nome ainda. Estão dizendo que eles foram atacados quando estavam chapados na beira de um rio.

Hawke continuou com mais pressa, folheando um caderninho de bolso de capa verde e dura.

– Nenhuma ordem sobre as cotas de D&D ainda. Quem vai fazer a guarda do palácio amanhã? Eu quase morri soterrado de lixo quando o vento aumentou de tarde.

Kendall ergueu a mão.

– Ok, Kendall. Fica de olho aberto. Daqui a pouco vai ter rato aqui se continuar assim – Hawke olhou para o céu, limpando os olhos por causa da

garoa. – Correção. Mais ratos. Já estamos na Alameda dos Ratos[3] aqui – baixou os olhos para a caderneta, que protegeu da garoa com a camiseta molhada. – Estão me dizendo que o batalhão quer se estabelecer aqui quando a gente trouxer a artilharia, então obriguem todo mundo a fazer a barba e parecer decente antes que eles cheguem e comecem a gritar.

O sargento do pelotão de Goodwin, Ridlow, explodiu:

– Se eles mandassem um pouco de água numa merda de helicóptero, talvez a gente se limpasse mais – sua voz rouca baixou para um resmungo sobre o quanto era foda sempre sofrer de falta d'água na porra de uma monção, e como a porra do país estava completamente fodida. Cuspiu no chão e limpou a barba de uma semana com as costas da sua enorme mão. A outra estava pousada no quadril, perto do revólver Smith & Wesson .44 Magnum. A primeira coisa que Goodwin havia feito ao ser apresentado a ele foi pedir para dar uma olhada no revólver; eles se deram bem imediatamente.

Hawke olhava para o céu, deixando Ridlow desabafar.

– Bom – ele disse –, já que ninguém tem um comentário *pertinente* pra fazer, acho que é só isso. Ah, sim, mandem suas listas de necessidades pro sargento armeiro Cassidy, assim quando os pássaros começarem a trazer a bateria de artilharia a gente pode receber os suprimentos. Sargento armeiro Cassidy?

– Nada, senhor – disse Cassidy. – É só vocês me darem a contagem dos seus homens antes de irem embora.

– Lula sênior? – Hawke perguntou.

– Humm, nada, senhor. Só se certifiquem de que os paramédicos do pelotão de vocês colocarão as necessidades de equipamento médico deles na lista pra que eu consiga que a estação de apoio do batalhão ponha tudo no helicóptero.

Bass riu pelo nariz e disse:

– Eles fazem isso automaticamente.

Sheller olhou para Bass e apertou os lábios com força. Nesse momento de hesitação, Hawke interveio.

– Ok. Alguma reclamação, choramingo, protesto, necessidade ou solicitação antes que o líder vá embora?

– O Mallory quer requisitar mastro de novo – disse Bass. – Diz que está com uma dor de cabeça que não passa e que os lulas estão fodendo com ele deixando ele aqui na selva.

– Se esse bosta não ouvisse aquela porcaria daquela música da selva tão alto, não ficaria com dor de cabeça – Cassidy resmungou.

– Não, esse da música é o Jackson – disse Bass. – Do meu rebanho. É um bom fuzileiro.

Cassidy olhou fixamente para Bass, que olhou fixamente de volta para Cassidy. Este não disse mais nada, mas fez um sinal quase imperceptível com a cabeça que dizia: "Se você está dizendo, sargento Bass, então é assim". Mellas, com as antenas ligadas, percebeu na hora que esses dois homens eram da mesma laia.

– Quem sabe a gente não devia fazer um favor pro Mallory e quebrar a cabeça dele de uma vez – Ridlow resmungou. Olhou rapidamente para o comandante do seu pelotão, Goodwin, e caiu na risada. Os outros sargentos, e Goodwin, fizeram a mesma coisa. Mellas sorriu, embora não gostasse do tom da coisa.

Fitch suspirou, percebendo que teria que resolver isso.

– Eu falo com o Mallory – ele disse. – Mas avisa pra ele, Mellas, que é melhor ele ter uma boa história pra contar.

– O Mallory devia receber o Prêmio Pulitzer de ficção por causa da última história que ele contou – Hawke disse. Olhou em volta. – Mais alguma coisa?

Ninguém disse nada. Ele se virou para Goodwin.

– Tenta manter o seu metralhador, o China, ocupado. Ok? Quanto menos tempo ele tiver pra fazer visita, melhor.

Cassidy riu.

– Eles querem poder negro? Manda eles olharem dentro do cano da minha Smith & Wesson Modelo 29.

Ridlow gargalhou de novo. Hawke olhou cansado para Cassidy e Ridlow.

– O China pode ser um garoto idiota, mas se eu fosse vocês levaria ele a sério.

Ridlow olhou de lado para Goodwin, depois para Cassidy. Ninguém

disse nada.

– É com você agora, chefe – disse Hawke.

– Certo.

Fitch ergueu a cabeça. Estava sentado num tronco, balançando os pés. Seu rosto pequeno e bonito parecia cansado.

– O Big John Six ficou puto da vida de novo ontem no rádio por causa da metralhadora viet.

Big John Six era o tenente-coronel Simpson, o comandante do batalhão e chefe de Fitch. Ele havia prometido ao seu próprio chefe, coronel Mulvaney, o comandante regimental, que este poderia transportar uma bateria de obuses para uma área segura. Perder um helicóptero de abastecimento depois de ter dito que a área era segura já era embaraçoso o suficiente, logo ele prometeu que consertaria o problema rapidinho, mas dois dias depois da promessa a área ainda não estava segura.

– O que ele pode fazer? – Ridlow perguntou com um berro. – Raspar o seu cabelo e te mandar pro Vietnã?

Fitch riu dessa velha piada, olhando para seus pés, que ainda balançavam.

– Acho que ele poderia me mandar pra Okinawa.

Okinawa era universalmente conhecida como o pior lugar possível para passar o D&D. As relações com os japoneses haviam ficado tão tensas que o alto escalão havia proibido quase qualquer atividade que as pessoas quisessem fazer durante a folga. Quando pararam de rir, Fitch apontou para a neblina que rodopiava por cima das árvores na direção do sudoeste e disse, se referindo ao inimigo:

– Acho que amanhã os nagúlios vão começar a seguir na direção daquela aresta de montanha ali. Eles usaram ela no primeiro dia, e nunca foram pela do nordeste, então eles acham provavelmente que a gente vai procurar eles na do nordeste. Bass, você já esteve lá. Como é aquela crista no sudoeste?

– É como todo o resto desse lugar de merda. A gente levou três horas pra andar oitocentos metros. Tivemos que usar os facões pra atravessar. É muito difícil se aproximar de alguém assim de surpresa.

– É por isso que eles vão estar lá. Mellas, manda um time de beisebol

por cima do topo e dá uma boa olhada. Se não servir para encontrar eles, pelo menos isso vai afastar eles da principal via de acesso.

– Sim, chefe.

Mellas fazia anotações na sua caderneta verde e recitava mentalmente o atual código de rádio da companhia, que era comumente usado em conversas diretas. Um time de beisebol era um esquadrão de doze homens, um time de basquete era um time de artilharia de quatro homens, um time de futebol era um pelotão de quarenta e três homens.

– Posso pedir uns mapas para meus líderes de esquadrão?

Todo mundo caiu na gargalhada. Mellas corou.

– Mellas – Hawke disse –, seria mais fácil você arranjar um encontro com a Brigitte Bardot do que conseguir mais mapas do que os que nós já temos. Nem queira saber o que eu tive que dar em troca por esse que você tem, e eu não quero contar na frente do chefe.

– É verdade – completou Fitch. – Tem poucos mapas mesmo. Desculpa. E assim entra mais um centímetro do vibrador do exército – ele continuou rapidamente. – Goodwin?

– Sim, Jack?

Mellas sentiu vergonha pela informalidade com que Goodwin se dirigiu ao comandante da companhia como Jack – especialmente porque esse nem era o nome dele. Se Fitch ouviu, não deixou que ninguém notasse.

– Eu quero que um dos seus times de beisebol vá para a crista do sul e de lá atravesse de algum jeito para a crista do leste. E quero que você dê uma olhada no helicóptero que caiu no Morro do Helicóptero quando estiver voltando. Vê se o nagúlio andou fuçando por lá. Vocês dois, outros comandantes de pelotão, podem mandar seus cães vermelhos quando quiserem – ele disse, usando o código de brevidade de rádio que designava qualquer patrulha do tamanho de um esquadrão.

Fredrickson entrou no círculo, respirando com dificuldade.

– Ele está começando a gritar. O Lindsey colocou uma camisa torcida na boca dele. Daqui a alguns minutos, os gritos vão ser altos demais pra abafar. A gente vai ter que abrir.

Mellas olhou para Fitch e depois para Sheller, cuja garganta pulsava por debaixo do queixo duplo. Sheller esfregou as mãos como se quisesse

aquecê-las. Fitch olhava para ele com o lábio inferior por cima do superior.

– Tem que fazer, Jim – Hawke disse baixinho.

Fitch concordou, ainda olhando para o lula sênior.

– O que você acha, Sheller? – ele disse, deixando Mellas surpreso por ouvir o lula sênior sendo chamado pelo nome.

– Eu não tenho um cateter, chefe, e se eu tentar enfiar alguma coisa na uretra pra tirar a sanguessuga vou apenas fazer um estrago ali. A única coisa que me ocorre é fazer um corte no pênis a partir da base. Dois cortes. Dá pra ver a uretra inchada até onde a sanguessuga está. O primeiro corte é só desse ponto até o lado da bexiga, pra aliviar a pressão. Eu tentaria fazer um corte pequeno. Depois é enfiar um tubo intravenoso pra manter o corte aberto e ele drenado até tirar ele daqui – Sheller enfiou as mãos nos bolsos e tirou de um deles um pedaço recém-cortado de tubo. – Vou ter que esterilizar e vou precisar também de um pouco de espaço pra trabalhar, senhor. Posso lubrificar com bacitracina pra ajudar o tubo a deslizar pra dentro e pra fora.

– Esse é o primeiro corte – Fitch disse.

– É. Ok – Sheller engoliu seco. – O segundo corte. Eu faria um corte bem na sanguessuga, pra fazer ela sangrar e morrer. A gente não pode deixar ela subir pela corrente sanguínea – ele olhou para o grupo silencioso, percebendo que a responsabilidade era toda dele. – Vou precisar do Fredrickson. O Fisher vai se sentir melhor se tiver por perto um lula que ele conhece.

Hawke parecia sombriamente satisfeito. Bass continuava olhando para Sheller e depois de volta para o chefe, sem nenhuma emoção aparente no rosto.

– Ok, lula. Vai em frente – Fitch falou com rispidez, sem nenhum traço de dúvida, e se voltou para Hawke: – Ted, sobe lá e manda os caras descerem o Fisher pra cá.

Sheller se afastou e rastejou para dentro da tenda do PdeC sem dizer nada. Começou a abrir espaço lá dentro. Os outros, com exceção de Mellas, Hawke, Fitch e Cassidy, voltaram para suas posições.

Todo o morro estava em silêncio, naquele estado cem por cento alerta que tomava conta de todos a cada nascer e pôr do sol. Mellas observava Fredrickson e Lindsey falando com Fisher, enquanto começavam a transportá-lo para fora da zona de pouso em uma maca feita por um poncho enrolado em dois galhos. Fisher gritou de repente e Lindsey soltou um palavrão em voz baixa. Hawke, que acompanhava a maca, foi rápido em abafar o grito de Fisher colocando a mão na sua boca. Mellas andava junto deles, pensando que era melhor não dizer nada.

Quando chegaram ao PdeC, puxaram Fisher para dentro da tendinha. Sheller estava dispondo seus apetrechos e as velas para iluminação. Fredrickson tirou as calças imundas de Fisher e as dobrou com cuidado. Do lado de fora da tenda, os dois operadores de rádio se aproximaram do equipamento enquanto Fitch tentava isolar a tenda para que a luz não escapasse. Hawke e Cassidy sentaram no chão, conversando em voz baixa.

Do lado de dentro, Fredrickson olhou para Sheller, cujo queixo tremia levemente por baixo da gordura. Fisher se contorcia de dor e tentava não gritar. Fredrickson rastejou por detrás de Fisher, pondo um joelho de cada lado da cabeça dele. Depois se inclinou para frente e pôs as mãos e todo o seu peso nos ombros de Fisher. As velas bruxuleavam por causa da corrente de vento, projetando sombras nos ponchos pendurados.

– Vai tudo ficar bem, Fisher – sussurrou Fredrickson, aproximando-se do rosto de Fisher. – Tudo vai ficar bem.

– Ah, porra, doutor, faz isso parar. Faz a dor parar.

– Tudo vai ficar bem.

Fredrickson olhava fixamente para Sheller, comandando-o em silêncio para que começasse. O lula sênior terminou de lubrificar o tubo intravenoso, passou-o para a mão esquerda e voltou a olhar Fredrickson por cima do corpo de Fisher. Pegou uma faca pequena com a mão direita e, usando os cotovelos, afastou as pernas de Fisher e rastejou para ficar entre elas. Olhou para Fredrickson de novo. Com angústia no rosto, disse:

– Não sei se estou certo.

Fredrickson acenou com a cabeça a fim de encorajá-lo.

– Faz – disse com os dentes cerrados. – Faz.

Fisher voltou a gemer ao arquear as costas, tentando tirar a bexiga e os

rins do chão. O lula sênior pôs a faca na chama da vela. Depois jogou álcool nela. Ouviu-se um leve chiado e o cheiro de álcool invadiu a tenda. Ele ergueu o pênis de Fisher para trás, empurrando-o com firmeza contra o estômago. Até mesmo essa pressão fez Fisher gritar.

Fredrickson apoiou todo o corpo no rosto de Fisher, amordaçou-o e empurrou para baixo seus ombros e a parte superior dos braços.

Sheller empurrou a lâmina para dentro do pênis de Fisher. Fisher deu um grito e Fredrickson jogou todo o seu peso em cima dele para evitar que ele virasse de lado. Pela lâmina da faca, correram sangue e urina, cujo jato inicial atingiu as mãos e o peito de Sheller. Depois Sheller empurrou o cateter improvisado ao longo da lateral sem corte da lâmina, para dentro da incisão, e retirou rapidamente a lâmina. Urina começou a correr pelo cateter, escorrendo pelo quadril e pela virilha de Fisher, inundando a tenda com o seu cheiro quente, caindo na lama, e encharcando os forros de poncho de náilon debaixo do corpo de Fisher.

– Porra, caralho. Caralho – Fisher gritava, mas a intensidade de cada "caralho" diminuía com a força decrescente da urina escorrendo pelo tubo, até que tudo que se podia ouvir era a respiração dos três: irregular no caso de Fisher, pesada no caso dos outros dois.

Fisher quebrou o silêncio.

– O que eu diria se a gente estivesse num filme?

Fredrickson sacudiu a cabeça para frente e para trás e riu.

– Porra, Fisher – ele disse.

Sheller, ainda respirando pesadamente, apenas acenou com a cabeça para Fisher, que fez uma careta e inspirou com algum tremor. Segurou a respiração, então soltou tudo de uma vez e virou a cabeça para o lado, olhando para o chão da tenda.

– Meio sujo isso aí.

Sheller concordou.

– É, um pouco sujo – ele disse. Estava coberto de sangue e urina. Deu uma olhada para Fredrickson, que fez um aceno muito pequeno com a cabeça. Então Fredrickson de repente pressionou Fisher contra o chão com toda a força. O lula sênior pegou Fisher de surpresa e rapidamente furou seu pênis de novo, desta vez para atravessar a sanguessuga e matá-la.

Fisher ergueu o quadril, urrando.

– Porra, lula. Que merda é essa?

Fredrickson manteve todo o peso do corpo em cima dele, tentando mantê-lo parado.

– Desculpe – Sheller disse. O sangue do parasita inchado corria pela superfície da lâmina. Ele tirou a faca e respirou fundo. Do segundo corte, o sangue escuro escorria se misturando com o mais vermelho e a urina do primeiro.

Sheller se ergueu um pouco e sentou nos calcanhares.

– Acabou essa porra? – Fisher perguntou.

Sheller fez que sim com a cabeça.

A pequena tenda, lotada com os três homens jovens, a luz das velas, e o cheiro morno de urina, estava em silêncio.

Do lado de fora, podiam ouvir o agente CAA, o controlador aéreo avançado, berrando.

– Levem ele pra ZP. O pássaro está chegando.

– E agora? – Fisher perguntou.

– Não sei – respondeu Sheller. – Você vai pra equipe cirúrgica da Marinha. O reparo de sempre. O maior problema agora é infecção. A gente não tem como saber o que a sanguessuga trouxe pra dentro do sistema, ou a faca, por falar nisso.

– Não, eu quero dizer... – Fisher hesitou. – Eu quero dizer, mais tarde. Em casa.

O agente CAA enfiou a cabeça entre os ponchos.

– O helicóptero está aí. Levem ele pra ZP. Estão esperando o que, porra?

Afastou-se correndo no escuro, com o rádio nas costas, falando com o piloto.

Sheller saiu da frente de Fitch e Hawke, que entraram pela abertura da tenda e agarraram a maca. Não respondeu a Fisher, usando a interrupção como desculpa. Como o tecido cicatrizado iria reagir? Com uma infecção? Será que ele havia cortado algum canal que ele nem sabia que existia? Ele honestamente não sabia o que iria acontecer, e tinha plena consciência de que podia ter condenado Fisher não só a não ter filhos, mas à impotência.

Mellas observou as sombras subirem o morro. O som familiar de batuque numa tábua de lavar roupa podia ser ouvido no vale abaixo deles enquanto o helicóptero lutava para ganhar altitude, raspando no topo das árvores por baixo das nuvens baixas. Foi aí que as metralhadoras .51 do ENV abriram fogo. Foram seguidas quase imediatamente pelas duas metralhadoras calibre .50 do helicóptero, atirando às cegas na direção da selva escura para tentar suprimir o ataque. O helicóptero pairou fora do escuro e bateu de encontro à zona; o chefe da tripulação saltou imediatamente para fora e gritou para que os fuzileiros trouxessem a maca a bordo.

Cassidy, Hawke, Fitch e o agente CAA atravessaram a ZP correndo com a maca e subiram a rampa até o helicóptero enquanto o som das balas das metralhadoras .51 do ENV ainda zuniam no ar. Mellas se agachou, contente por estar logo abaixo da elevação da ZP, protegido do fogo. O helicóptero entrou em movimento antes até que os quatro carregadores de maca estivessem fora dele. Quando o último vulto saltou para o chão e correu para o limite da ZP, o aparelho já estava alto no ar.

O vulto negro do helicóptero se misturou à escuridão, e o leve brilho do seu painel de controle desapareceu com ele na noite. O fogo cessou. Mellas se ergueu até ficar só um pouco curvado e olhou para trás na direção da tenda do PdeC. O lula sênior ainda estava ajoelhado no lugar, agora abandonado, com a frente da camisa do seu uniforme encharcada de urina e sangue, e a faca ainda na mão. Chorava e rezava ao mesmo tempo.



CAPÍTULO

A luz morreu. Vozes se silenciaram. Escuridão e medo encheram o lugar onde antes havia luz e razão. O sussurro de uma folha raspando no tronco de uma árvore fazia cabeças se voltarem involuntariamente e corações dispararem. O negrume que os cercava e a muralha invisível de vegetação gotejante não lhes deixava nenhum lugar para onde correr. Naquele vazio negro e úmido, o perímetro virou só uma memória. Só a imaginação lhe dava forma.

Mellas tremia na sua tenda e ouvia os sussurros da rede de comunicações da companhia. Pela lama ele podia sentir o tremor de Hamilton, mas não podia vê-lo enrolado no forro de seu poncho de náilon engordurado. A camiseta úmida de Mellas estava grudada no corpo. Em casa, ele havia se zangado com a mãe por tê-la tingido de uma cor muito clara. "Assim vão me enxergar a um quilômetro de distância." Ela mordera o lábio para reprimir as lágrimas. Mellas quisera abraçá-la, mas não o fizera.

Ele tinha que inspecionar os buracos às onze da noite e às três da madrugada para ter certeza de que os vigias estavam acordados. Antes disso, ficou sentado como alguém que precisa urinar, mas não quer sair de uma cama quentinha. Um rato veio rastejando pela vegetação, e Mellas conseguia ouvi-lo fuçar as latas descartadas de ração C. Imaginou o animal arrastando a barriga molhada pelo chão. Depois observou o ponteiro de minutos do relógio percorrer o caminho luminoso até as onze. Exatamente às onze, bem para o leste, ele ouviu o que imaginou ser uma missão Arc Light, alguns B-52 saindo de Guam, voando uma boa distância naquela direção e tão altos que não podiam ser avistados, largando centenas de bombas de duzentos e quinhentos quilos. O bombardeamento podia

transformar uma pequena área de provável concentração de tropas inimigas numa fornalha de dor e morte, mas para Mellas só parecia um trovão sem chuva. Viu o ponteiro minúsculo passar do número onze. A voz interior do dever acabou vencendo. Afivelou a pistola, colocou o capacete e se arrastou para fora.

Uma chuva invisível alvejou seu rosto. O calor do forro de seu poncho se dissipou como um grito agudo num mar tempestuoso. Começou a descer o morro, escorregando na lama. Depois de ir apalpando o caminho pelo que pareceu uma eternidade, ficou com medo de ultrapassar as linhas e levar um tiro dos seus próprios homens. Tropeçou numa raiz e caiu de cara, gemendo de raiva e machucando o pulso ao se proteger da queda. A água gelada da lama conseguiu entrar na sua roupa. Cego, rastejou para frente apoiado nas mãos e nos joelhos, esperando encontrar a metralhadora diretamente abaixo da sua própria tenda. Tentou imaginar seu ocupante, Hippy, que usava um corte de cabelo discutível em termos de regulamentação e um medalhão de prata com o símbolo da paz pendurado no pescoço, que parecia curiosamente com um avião de passageiros.

Uma voz, quase inaudível, flutuou no escuro:

– Quem é?

– Sou eu – Mellas disse. – Personagem Mike.

Tinha medo que, se dissesse "tenente", um soldado norte-vietnamita em ronda logo do outro lado das linhas atirasse nele.

– Quem caralho é personagem Mike? – a voz sussurrou de volta.

– O novo tenente – Mellas respondeu, frustrado e percebendo que já havia feito barulho suficiente para levar um tiro, de qualquer forma. Mellas rastejou até a voz. De repente, sua mão encontrou barro recentemente revirado. Devia estar perto de uma trincheira. Sentiu, mais do que viu, uma forma escura dentro do seu pequeno círculo de percepção, quase a trinta centímetros dos seus olhos.

– Como está tudo aí? – sussurrou Mellas.

– Estou ouvindo alguma coisa lá embaixo na crista.

– A que distância?

– Não sei dizer.

– Se chegar perto e você quiser jogar uma Mike-26, me avisa antes, ou

ao Jake – Jacobs havia substituído Fisher como líder do segundo esquadrão de Mellas.

– Eu sou do terceiro esquadrão.

Subitamente Mellas ficou confuso. Olhou com insistência para o rosto do homem, mas não conseguia ver quem era.

– Quem está aí? – Mellas acabou sussurrando.

– Parker, senhor.

Mellas estava chocado. Havia se arrastado para uma direção totalmente diferente da que havia planejado. Tentou se lembrar da cara de Parker e lembrou que era aquele que percebeu que o haviam ultrapassado em relação ao D&D em Bangcoc. Carrancudo.

Os dois ficaram em silêncio, tentando enxergar no escuro. Os respingos de chuva impediam qualquer esperança de ouvir alguém se mover na selva. Mellas sentiu a chuva colando sua camisa nas costas e começou a tremer. O som do seu tremor tornava o ato de ouvir qualquer coisa ainda mais difícil. Parker transferiu o peso do corpo para a outra perna com impaciência.

Mellas tentou pensar em algo que pudesse dizer para estabelecer um elo entre eles.

– De onde você é, Parker? – ele sussurrou.

Parker não respondeu.

Mellas hesitou. Não sabia se Parker o estava desafiando ou se simplesmente tinha medo de fazer barulho. Decidiu arriscar, no entanto.

– Parker, fiz uma pergunta.

Parker esperou três bons segundos antes de responder.

– Compton.

Mellas não sabia onde isso ficava.

– Ah – ele disse. – É um bom lugar?

– Eu não descreveria assim.

– Senhor – Mellas concluiu.

– Eu não descreveria assim, *senhor*.

Mellas não sabia como responder. Sentiu a chance de formar uma conexão com Parker escapando dele. Fez uma última tentativa.

– Eu sou de Oregon, uma cidadezinha madeireira na costa chamada Neawanna.

– Neawanna? – houve uma hesitação. – Senhor.

– É. Nome engraçado, eu sei. Indígena.

Silêncio.

– Preciso ir – Mellas sussurrou, percebendo o desconforto de Parker. – Quem está no buraco à sua direita?

Parker não respondeu imediatamente, e Mellas se perguntou se ele também não estaria tendo o mesmo problema para lembrar todos os nomes. Finalmente Parker murmurou: "Chadwick".

– Obrigado, Parker.

Mellas foi agachado até o buraco seguinte. Não havia se saído muito bem, ele pensou. Se sentiu desajeitado e incompetente.

A chuva, propelida por um súbito jato de vento, bateu no seu rosto durante pouco tempo e depois voltou a ser um lento e contínuo pingar no seu capacete. Estava rastejando na lama, apoiado nas mãos e nos joelhos, na escuridão total, sabendo que havia passado pelos seus primeiro e segundo pelotões e que iria ter que voltar para encontrá-los. Pressentiu outro vulto. "Chadwick?", ele sussurrou, esperando que Parker tivesse lhe dito o nome certo. Nenhuma resposta. "Chadwick, sou eu, tenente Mellas." Seu murmúrio flutuou através do silêncio.

Foi respondido por um claro suspiro de alívio.

– Porra, meu Deus, senhor, achei que ia ter um troço. Quase arrebentei o senhor com um tiro.

Foram precisas duas horas para cobrir os cento e quarenta metros do perímetro do seu pelotão. Voltou exausto, com a roupa encharcada e endurecida de lama, sanguessugas grudadas nos braços e nas pernas. Duas vezes por noite, faltando trezentas e oitenta e nove noites para acabar.

Várias horas depois, o líder do terceiro esquadrão de Mellas, cabo Jancowitz, observava o cinza se infiltrar gradualmente na escuridão. Não estava feliz por ver a manhã, porque sabia que iria ter de sair em patrulha. Mas não estava infeliz também, porque isso significava um dia a menos até o seu D&D em Bangcoc, onde veria Susi de novo. Também significava que o estado de alerta de cem por cento da pré-alvorada havia acabado e ele

podia preparar o café da manhã. Mandou o esquadrão desocupar os buracos e colocou seu terceiro time de artilharia de guarda.

Pegou uma lata de ovos picados, juntou um pouco de chocolate de uma barra Hershey Tropical – um chocolate que só derretia a altas temperaturas, desenvolvido para a selva – e misturou um pouco de tabasco e molho de bife, ambos trazidos do seu último D&D. Acrescentou suco de abacaxi, jogando os abacaxis e a lata na selva. Arrancou um pequeno pedaço de explosivo C-4, colocou no chão, pôs a lata em cima e acendeu. Uma chama branca, que produzia um chiado, envolveu a lata. Trinta segundos depois Jancowitz estava comendo colheradas do conteúdo da lata e pensando em Susi, a garota tailandesa do bar pela qual ele havia prolongado a sua estada no Vietnã por mais seis meses. Essa extensão lhe havia valido mais trinta dias de folga em Bangcoc. Haviam sido os melhores trinta dias da sua vida. Agora já estava de volta ao Vietnã tempo suficiente para merecer outra semana de D&D com Susi, e só faltavam uns poucos dias. Quando voltasse, iria pedir sua segunda extensão de seis meses. Isso lhe daria mais trinta dias com Susi. Seis meses depois disso, ele diria adeus, adeus de verdade, ao Saco – o Corpo de Fuzileiros – e se casaria, com a ajuda das economias de mais de dois anos.

Lá estava ele, dezenove anos, cabo e líder de esquadrão. Estava aguardando uma promoção por mérito para sargento por causa da operação Rio do Vento. Jayhawk disse que ia tentar mandá-lo para a retaguarda durante a segunda extensão, e isso parecia muito melhor do que voltar para casa e se deparar com os babacas sacudindo cartazes e o xingando aos berros. Além disso, ninguém estaria esperando por ele. Três meses nos Estados Unidos para conseguir a dispensa e então voltaria para Bangcoc com quase três anos de soldo. As coisas podiam ser piores. Bass até havia dito que estava contando com Jancowitz para ajudar a treinar o novo tenente, agora que Fisher tinha ido embora.

O novo tenente treinava com sua nova pistola .45, deslocando o mecanismo para frente e para trás. Seu operador de rádio, Hamilton, tomava o café da manhã: presunto e feijão-manteiga misturados com geleia

de uva. Mellas estava sem fome.

– Não se preocupa, senhor, vai funcionar – Hamilton disse de boca cheia.

Mellas olhou para a arma e a colocou de volta no cinto.

– Além disso – Hamilton continuou, apontando para ela com uma colher branca de plástico –, isso não vale um peido numa batalha acirrada. Eu usaria uma espingarda calibre .12 de cano serrado, se encontrasse uma.

Mellas não sabia como responder. A tabela-padrão de equipamentos, o documento que autorizava quais armas iam para quais especialidades de ocupação militar, designava apenas pistolas para os oficiais, segundo a teoria de que a ocupação de um oficial é pensar, e não atirar. Olhou para sua pistola e depois para o M-16 cuidadosamente lubrificado de Fisher e as cartucheiras de pentes, cada qual com dezoito balas. Um pente deveria conter vinte balas, mas garotos tinham morrido aprendendo que as molas vinham muito fracas da fábrica para alimentar apropriadamente o rifle com as vinte que eram especificadas. A tabela-padrão de equipamento estava começando a parecer impraticável. Mellas pegou o rifle de Fisher e começou a testar o mecanismo.

– Não se preocupa, senhor, ele vai funcionar também – disse Hamilton.

Mellas mostrou o dedo do meio para ele.

Hamilton ignorou o gesto. Mastigou contemplativamente por um momento e meteu a mão na sua mochila para pegar o molho Pickapeppa, muito valorizado por ele e que havia sido enviado para ele de casa. Colocou com cuidado duas gotas no presunto frio, geleia de uva e feijão-manteiga, mexeu tudo e provou de novo. O novo tenente ainda estava sem fome.

Enquanto Jancowitz se arrastava morro acima até a tenda de Mellas, o tenente já estava todo equipado: três cantis, dois dos quais cheios de suco de framboesa de saquinho Rootin' Tootin' Raspberry e um de limonada Lefty Lemon; cinco granadas de mão; duas granadas de fumaça; uma bússola; um mapa coberto por um invólucro de plástico que trouxera de casa; ataduras, gaze de batalha e halazone; tabletes de purificação de água; sua pistola; duas cartucheiras de pentes de M-16; e latas de comida enfiadas em meias extras que, por sua vez, estavam enfiadas nos grandes bolsos laterais das calças do seu uniforme. Algumas pessoas só penduravam

as meias cheias de latas nas mochilas.

Ele deixou cair com cuidado as barras das calças por cima das botas, prendeu-as com as presilhas de aço para evitar a entrada de sanguessugas e enfiou uma garrafa de plástico com repelente de inseto na faixa larga de borracha que dava a volta no seu novo capacete verde de camuflagem. Olhou para o relógio quando a ponta da patrulha de Goodwin desapareceu na selva lá embaixo. Ele nunca convenceria Fitch de que serviria para algo se a sua patrulha não saísse no horário.

Jancowitz deu um sorriso largo para Mellas.

– Senhor, eu não, uh... – ele hesitou e deu um tapinha na lateral do seu chapéu mole de camuflagem.

Mellas olhou para Hamilton.

– O repelente de inseto – Hamilton disse. – O branco ressalta muito na selva. Serve de alvo.

– Então pra que serve a faixa de borracha? – perguntou Mellas, enfiando a garrafa no bolso.

– Não tenho ideia, senhor – Hamilton respondeu. – Sem ele o capacete despedaça todo, vai ver.

– Você pode colocar nele coisas como galhos, pra camuflagem – Jancowitz disse com cuidado.

Hamilton riu e Mellas sorriu com a boca apertada. Não era justo. Tinha visto fuzileiros na tevê com essas garrafinhas de *spray* de repelente enfiadas no capacete. Tinha observado todos os detalhes com cuidado. De repente lhe ocorreu que as cenas vistas na tevê eram todas em aldeias, onde era mais provável que as pessoas com câmeras ficassem, e onde não havia um muro de floresta verde-escuro em toda volta.

– Já estamos prontos, senhor – Jancowitz disse. – Só estamos esperando o Daniels.

O taifeiro de primeira classe Daniels era o OA, o observador avançado da bateria de artilharia. Fitch o colocava nas patrulhas que sentia que iriam precisar de toda ajuda possível, geralmente pouca, da Andrew Golf, a bateria distante na base de apoio de artilharia Eiger.

Enquanto Jancowitz liderava o caminho até o setor do terceiro esquadrão, o som de Marvin Gaye cantando "I heard it through the

grapevine" acabou com a calma da manhã. Mellas podia ver os fuzileiros do terceiro esquadrão esperando em pé, alguns mexendo nervosos no próprio equipamento, todos aparentemente prontos antes que Jancowitz tivesse saído para pegar Mellas. Alguns fuzileiros negros estavam perto uns dos outros, fumando. No centro deles, estava um jovem musculoso, de aparência séria, agachado junto de uma vitrola portátil de 45 RPM.

– Tá bom, Jackson, desliga o som – Jancowitz disse bruscamente.

Sem olhar para cima, Jackson ergueu a mão, com a palma para Jancowitz.

– Ei, cara, relaxa. O *show* da manhã não acabou ainda.

Vários no grupo riram baixinho, até mesmo Jancowitz, que deu uma olhada rápida para Mellas a fim de ver se ele reprovava.

Mellas não sabia se devia censurar isso ou não. Olhou para Jancowitz e Hamilton procurando uma pista.

Bass quebrou o impasse momentâneo chegando por trás deles.

– Por que vocês não tocam música de verdade, tipo Tammy Wynette, no lugar dessa porra dessa música da selva?

– Melhor que serrote e tábua de passar roupa – Jackson disse, esperando a risada que veio logo. Mellas aderiu a ela desajeitadamente. Jackson olhou para cima, ouvindo a voz desconhecida. Ao reconhecer Mellas, desligou imediatamente o aparelho e levantou. O pequeno grupo ficou sério, atento, concentrado, esmagando os cigarros na lama.

– Desculpe, senhor – disse Jackson. – Não sabia que o senhor estava aí.

O que chamou a atenção de Mellas em Jackson era que ele claramente não estava arrependido. Estava só sendo educado. Ele olhou para Mellas com uma franqueza que declarava que era perfeitamente capaz de se defender sozinho, sem ficar acuado. Mellas sorriu.

– Tudo bem. Odeio interromper a diversão.

Bass, vendo que Mellas estava em boas mãos com Jancowitz, resmungou e foi embora para se juntar ao segundo esquadrão e observar Jacobs no seu primeiro dia como líder de patrulha.

– Onde está o Shortround? – perguntou Jancowitz, olhando em volta.

Jackson suspirou e apontou para um par de ponchos que cobriam um buraco cavado na encosta do morro.

– Ficou como posto de escuta ontem de noite. Acho que ainda está comendo.

– Shortround! – Jancowitz berrou. – Puta que o pariu. Vem pra cá neste instante.

Houve um resmungo. Uma cabeça, ainda fora de vista, levantou desajeitadamente o poncho, pendurado bem baixo. Duas pernas curtas, cobertas por calças enormes e sujas, saíram do abrigo. Um garoto baixinho, de cabelo castanho encaracolado e um nariz grande demais, sorriu para Jancowitz. Seu rosto estava sujo de molho de tomate. Ele se limpou com duas mãos grandes, que haviam assumido uma cor marrom-escuro de tanta sujeira entranhada.

– Oi, Janco – disse Shortround alegremente, com um sorriso largo.

Jancowitz se virou para Mellas.

– Senhor, este é o Pollini, mas a gente chama de Shortround. E não porque ele é baixinho e gordo.4 – "Shortround" era a bala de artilharia que caía perto demais por engano, muitas vezes matando seus próprios homens. [4]

Pollini logo enfiou várias barras de chocolate nos bolsos, apanhou o rifle e se juntou ao grupo no momento em que Daniels vinha do PdeC descendo o morro, carregando seu rádio nas costas. Jancowitz o apresentou a Mellas, depois pegou o bocal do rádio de Hamilton e chamou o PdeC.

– Bravo, aqui é Bravo One Three. Estamos saindo.

O esquadrão abriu caminho para dentro da floresta como uma longa cobra – Jancowitz a frente; Mellas atrás dele, observando cada movimento de Jancowitz; Daniels atrás de Mellas. Ninguém falava. Mellas pensava que Jancowitz há na selva há quase dezenove meses. Ele provavelmente sabia mais acerca de sobreviver que qualquer outro na companhia.

Logo que os rapazes entraram debaixo das árvores, as sanguessugas começaram a cair neles. Eles tentavam se livrar de cada uma antes que elas se fincassem e chupassem seu sangue, mas quase sempre era tarde demais, porque prestavam mais atenção na selva, tentando ouvir, ver ou farejar a pista que lhes proporcionaria, e não aos norte-vietnamitas, o primeiro tiro.

As sanguessugas aproveitavam ao máximo as suas vítimas. Mellas viu algumas caírem no pescoço dos garotos e deslizar para dentro das camisas

como gotas de chuva. Outras ficavam se revirando no húmus molhado e grudavam numa bota, subiam pela perna da calça e se transformavam de pequenos objetos no formato de um verme em sacos inchados de sangue. De vez em quando alguém borrifava repelente de inseto em uma sanguessuga e ela caía se contorcendo no chão, deixando escorrer sangue pelo braço, pela perna ou pelo pescoço do garoto. Durante a patrulha, Mellas começou a sentir muito prazer em matar os pequenos filhos da puta e depois observar o próprio sangue jorrar de seus corpos.

A cobra de quatorze homens se movia em espasmos. O homem da ponta de repente se agachava, forçando os olhos e os ouvidos, e todos atrás dele se agrupavam, se agachavam e esperavam a vez de voltar a se movimentar novamente. Eles cansavam e baixavam a guarda. Então, assustados com algum barulho estranho, ficavam alertas de novo. Seus olhos saltavam rapidamente para um lado e para o outro enquanto tentavam olhar em todas as direções ao mesmo tempo. Carregavam pacotes de suco em pó: Kool-Aid, Tang, qualquer coisa para tirar o gosto químico da água dos seus cantis. Logo as manchas roxas e laranja nos seus lábios se juntavam ao medo nos seus olhos para fazer com que parecessem crianças que acabaram de assistir a filmes de horror.

Pararam para almoçar, estabelecendo um pequeno perímetro defensivo. Jancowitz, Mellas e Hamilton deitaram estendidos no chão perto do rádio, comendo as rações C. Enchiam a floresta de lixo com as latas vazias. Moscas e mosquitos se materializavam no ar pesado. Mellas se encharcou de repelente de novo. Queimava bastante quando entrava nos cortes e nas mordidas. Encontrou duas sanguessugas na perna direita. Queimou as duas vivas com fósforos de papel enquanto comia pêssegos enlatados.

Já cansado pela falta de sono, Mellas lutava agora com a fadiga por ter aberto caminho através de mata quase impenetrável, escorregando em encostas lamacentas para alcançar um caminho ao longo de uma crista, procurando rastros, pistas. Estava molhado tanto de chuva quanto de suor. Esforço. Peso. Moscas. Cortes. Vegetação.

Não importava mais onde estavam, nem o porquê. Estava feliz por ser um novato e por Jancowitz ainda estar mais ou menos no comando, embora tivesse vergonha de se sentir assim. Trezentos e oitenta e nove dias e um

despertar pela frente.

A certa altura, chegaram a uma muralha de bambu que não podiam contornar. Ela os separava de um ponto de controle, uma crista onde a metralhadora do ENV poderia estar. Tinham que abrir passagem por ela. Toda a segurança foi perdida quando o homem da ponta pegou o facão e abriu um buraco no bambuzal. Logo estavam num túnel de bambu. O chão se inclinava para cima. Ficou mais íngreme. Começaram a escorregar. O garoto com o facão cansou e outro teve que substituí-lo. Precisaram de uma hora para avançar aproximadamente duzentos metros.

De repente Williams, o homem da ponta, ficou rígido e depois se apoiou devagar em um joelho, com o rifle no ombro. Um vapor saía das suas costas. Todo mundo ficou parado na posição em que estava, ouvidos atentos, tentando deter o barulho da própria respiração. Jancowitz se moveu para a frente em silêncio para descobrir o que estava acontecendo. Hamilton, um bom operador de rádio, foi também, como se fosse parte do corpo de Jancowitz. Mellas os seguiu.

– Está ouvindo, Janco? – sussurrou Williams. Tremia, e sua testa estava enrugada de tensão. Haviam parado do lado de uma elevação alongada. Um riacho passava por entre arbustos fechados e plantas com folhas largas. Mellas fez força para ouvir além do som da sua respiração e do seu coração acelerado. Logo conseguiu distinguir o som baixo de risadas pelo nariz, barulhos abafados de tosse e de galhos sendo quebrados e arrancados.

– O que é isso? – Mellas sussurrou.

– Caminhão de vietnamita, senhor – Daniels disse baixinho. Ele tinha chegado por trás de Mellas tão silenciosamente que seu murmúrio o assustou. Mellas viu que Daniels sorria e que a sua boca estava lambuzada de suco de cereja, o que aumentava a cor avermelhada de suas bochechas.

– Caminhão de vietnamita? – perguntou Mellas. – Que é isso?

Ele se virou para Jancowitz, que o observava evidentemente entretido.

– Elefantes, senhor – Jancowitz disse.

– Os viets usam eles pra carregar coisas – disse Daniels.

A essa altura todos já tinham relaxado e o esquadrão já estava na posição de defesa para dentro e para fora, em que a direção da visão alternava a cada dois homens. Jancowitz apontou para Pollini e Delgado,

um garoto de Chicago com olhos mansos que todo mundo chamava de Amarillo, porque essa era sua cidade. Esses dois se ergueram com relutância e se arrastaram para fora, um para cada lado do esquadrão, a fim de agir como postos avançados.

– E agora? – perguntou Mellas. Estava infelizmente consciente de que o perigo vinha em sua direção.

– O senhor não acha que a gente devia declarar uma missão, senhor? – Daniels perguntou.

– Uma missão de artilharia? Por causa de alguns elefantes?

– É o meio de transporte dos viets, senhor.

Mellas olhou para Jancowitz. Ele se lembrou de um major na Academia Naval dizendo a ele que confiasse em sargentos e líderes de esquadrão – eles tinham experiência. O major não havia mencionado que os sargentos eram taifeiros de dezenove anos.

– Ele tem razão, senhor – Jancowitz disse. – Eles usam mesmo os elefantes pra carregar coisas.

– Mas são animais selvagens – Mellas disse.

– Como o senhor sabe, senhor?

Nesse ponto, Daniels interferiu.

– A gente atira neles o tempo todo, senhor. Assim a gente tira dos viets o meio de transporte deles.

– Mas estamos no limite do alcance.

– É um alvo de área, senhor – Daniels respondeu. Um alvo de área cobria um espaço em geral, como tropas no campo, de modo que a precisão era menos importante do que num alvo pontual, como um bunker.

Mellas olhou para Hamilton e para Tilghman, que carregava o lançador de granadas M-79. Ambos só devolveram o olhar. Mellas não queria parecer sentimental ou tolo na frente do esquadrão. Era uma guerra, afinal de contas. Nem queria resistir a um procedimento regular quando não tinha certeza do que estava fazendo. Havia sido orientado para confiar nos seus líderes de esquadrão.

– Bom – ele começou devagar –, se vocês atirarem neles mesmo...

Daniels sorriu. Já estava com o mapa para fora, então pegou o bocal do seu rádio.

– Andrew Golf, aqui é Big John Bravo. Missão de artilharia. Câmbio.

Depois que o pedido de uma missão de artilharia chegou chiando no centro de controle de artilharia, Mellas imaginou a bateria correndo para entrar em ação.

Momentos depois que Daniels passou adiante as coordenadas do mapa e a medição da bússola, a primeira bomba atravessou a selva, soando como um trem acelerando ao sair de um túnel. Houve uma pancada surda transmitida pelo solo e depois um barulho mais alto de despedaçamento transmitido pelo ar. Depois se ouviu o som de arbustos quebrando e o movimento de corpos intensamente assustados. Daniels fez um ajuste rápido, e uma segunda bomba estourou. Mais uma vez a terra se moveu e o ar estremeceu. Depois disso, já não se ouvia mais nenhum som abafado.

Daniels declarou o fim da missão.

– Já devem estar lá na puta que os pariu a essa altura – disse, sorrindo com satisfação.

Jancowitz não queria ter o trabalho de verificar os resultados, já que isso significaria descer todo o barranco até a ravina. Subir tudo de novo levaria horas. Mellas concordou.

Quando afinal conseguiram voltar para o perímetro da companhia, o esquadrão começou imediatamente a limpar as armas e arrumar o jantar, se preparando para o estado de alerta da noite e a longa madrugada de observação. Jackson ligou a vitrola, e a voz de Wilson Pickett flutuou pela pequena clareira feita por seres humanos na floresta. "Hey, Jude, don't make it bad..."

Mellas mal conseguia se arrastar até o PdeC a fim de fazer o relatório para Fitch. Só queria desabar e dormir. Bass já estava lá, sem nada para relatar – assim como Goodwin, com exceção de alguns rastros de tigre. Ridlow, o sargento de pelotão de Goodwin, no entanto, tinha descoberto algumas pegadas humanas perto de um riacho. Era impossível dizer quantas pessoas haviam deixado as marcas. Ele calculava que não podiam ter mais de dois dias; de outro modo, a chuva teria lavado tudo.

Mellas ouviu Fitch passar os relatórios negativos para o batalhão. Um

dia inteiro de patrulhas e tudo que elas haviam provado era que tinha alguém na selva, como se um helicóptero derrubado e um bando de tripulantes mortos já não tivessem provado isso. Também ouviu Fitch dar as coordenadas das pegadas à bateria de artilharia para perturbação e interdição: P&I.

Quando Fitch saiu do rádio, Mellas perguntou:

– O que acontece se for um *montagnard*? – perguntou se referindo aos nativos que haviam sido empurrados para as montanhas, séculos antes, pelos vietnamitas invasores. Fitch crispou os lábios.

– Se for – Fitch disse com cuidado –, então ele tem que estar trabalhando para o ENV. De outra forma, ele teria que ter saído ou chegado mais perto.

– Não sei. Talvez – Mellas disse.

Hawke ouvia enquanto punha café e açúcar num copo que tinha improvisado a partir de uma lata de pera da ração C, deixando a tampa grudada e virando-a para trás para que servisse de alça. Pôs água de seu cantil na lata e a colocou num pedaço pequeno de explosivo C-4. A parte de baixo do copo havia ficado com um tom azul metálico por causa dos muitos aquecimentos.

– Tem folhetos por toda parte dizendo que é uma zona sujeita a ataque – revelou Fitch.

– Você sabe que eles não sabem ler – disse Mellas com petulância.

– Porra, Mellas – Hawke interrompeu. – Ele sabe. Vai querer que cancele o P&I porque pode perturbar um cara perdido nas montanhas?

– Não sei, sou o cara novo aqui – Mellas respondeu ríspido. Estava tão cansado que começava a se arrepender de ter tocado no assunto.

Hawke acendeu o C-4 e uma chama branca brilhante envolveu a lata, proporcionando-lhe uma cor de cereja e fazendo a água ferver logo, quase instantaneamente. A ação interrompeu a conversa até que a chama morresse. Hawke tocou com cuidado no copo improvisado, agora cheio de café fervente.

– Bom, eu digo então – disse Hawke. – Não cancela. O Jim está ferrado de qualquer jeito. Se a gente for atacado e ele não tiver pedido o P&I, ele é exonerado do posto. Se pedir e matar um *montagnard*, é exonerado

também. As coisas mudaram desde que o Truman5 foi embora. A responsabilidade para por aqui mesmo.[5]

Fitch sorriu, grato pelo apoio de Hawke.

Mellas olhou para o chão, lamentando ter perdido a paciência.

– Você nunca disse por quê.

– Pra você não levar um tiro nos cornos, ora – Hawke disse, suavizando o tom quando viu Mellas olhando para o chão. Tentou pegar na alça do copo de novo e, vendo que era seguro, o levantou com o dedão e o indicador.

– Você cancela o P&I – Fitch disse –, e os viets ficam com passe livre pra entrar nesta montanha como se fosse uma alça de acesso. As minhas tropas são mais importantes que a porra de um cara da montanha, e é assim que vai continuar. Decidi isso faz muito tempo.

Fitch olhou rapidamente para o céu, que escurecia, parecendo embaraçado com o discurso improvisado.

Hawke ergueu o café fumegante para Mellas.

– Aqui. Toma.

– Não, é seu – disse Mellas.

– Eu passo o café mais rápido de todo o Corpo. Esse copo aí está comigo desde que eu cheguei aqui. É a fonte inesgotável de tudo o que é bom e a cura de todos os males – sorriu e fez de novo o gesto para que Mellas pegasse o copo. – Cura até mau humor.

Mellas teve que sorrir. Pegou o copo. O café estava doce e bom.

Mais tarde naquela noite, fora do perímetro, na escuridão, o soldado Tyrell Broyer de Baltimore, Maryland, no seu primeiro posto de escuta, estava deitado de barriga para baixo, tremendo e sentindo a chuva passar pelo seu poncho. Jancowitz o havia colocado com Williams, da equipe de artilharia de Cortell, um garoto tranquilo criado numa fazenda em Idaho. As botas enlameadas de Williams estavam perto do rosto de Broyer e vice-versa, de modo que cada um protegesse as costas do outro.

– Que barulho foi esse? – sussurrou Broyer.

– O vento. Cala a boca.

Broyer tentava apertar o botão de transmissão do bocal do rádio sem parar, só para que alguém falasse com eles. Não se importava se deixaria um dos tenentes zangados com ele por ter ficado assustado. Tremeu de novo. Houve um zumbido. Na mesma hora, os dois enrijeceram, estendendo os rifles devagar.

– O que foi *isso*? – Broyer murmurou. – Bem alto lá em cima.

– Não sei. Morcegos? Cala a boca, porra.

Williams se mexeu, e sua bota acertou o rosto de Broyer, que reprimiu um xingamento e ajeitou os óculos no nariz, consciente da ironia – ele não conseguiria ver nada de qualquer forma. Empurrou devagar a bota de Williams. Apoiou a testa nos punhos para manter os óculos longe do chão e cheirou a terra úmida, sentindo a borda gelada do capacete contra a nuca. Pegou um punhado de barro e apertou o máximo que podia. Queria apertar seu medo para dentro do barro a fim de jogá-lo fora. Uma rajada de vento acertou a camisa molhada do seu uniforme, causando um tremor de frio ao longo das costas. Começou a rezar, pedindo a Deus que parasse o vento e a chuva para que ele pudesse ouvir alguma coisa. Foi aí que Williams estendeu a mão no escuro e bateu com ela, suavemente, nas suas costas.

Naquela noite, Deus não interrompeu o vento e a chuva. No dia seguinte, no entanto, a chuva realmente parou por duas horas. Por causa das patrulhas de segurança, seis helicópteros chegaram sem receber tiros, entregando fuzileiros que voltavam das suas licenças por motivos médicos e D&D, substituições, água, comida e munição. Juntamente com isso veio uma grande quantidade de explosivo C-4 para ajudar a preparar o topo do morro para a chegada da Bateria Golfe, que era o motivo de a Companhia Bravo ser a primeira a estar no Matterhorn.

Mellas foi se acostumando com a tensão monótona das patrulhas. Os dias passaram rapidamente, por sorte sem contato com o inimigo. Então a bateria de artilharia chegou, abrindo trincheiras no barro com explosões, cavando casamatas para o centro de controle de artilharia deles. O Matterhorn estava nu, desprovido de árvores. Nada verde foi deixado naquilo que lentamente se transformou num deserto de caixas de papelão

descartadas e molhadas de ração C, excremento e outros lixos enterrados ou queimados, latrinas em trincheiras, revistas trazidas de casa e jogadas fora, paletes de munição esmagados e sacos de areia desgastados. Áreas inteiras do que antes havia sido floresta estavam agora expostas, com os membros despedaçados e tocos definhados assumindo uma cor cinza como os ossos de animais mortos debaixo de um céu carregado. Um trator pequeno deixou o topo do morro completamente plano. Depois vieram os obuses pendurados em helicópteros como pesos em uma vara de pescar. Poucas horas depois da sua chegada, as grandes armas já estavam atirando, e as explosões abruptas, ferindo ouvidos, estremecendo corpos e, à noite, destruindo o precioso sono de muitos.

Uma salva intensa da bateria inteira acertando o alvo ao mesmo tempo acordou Mellas abruptamente. Fazia pouco mais de uma hora que ele tinha rastejado para dentro de sua tenda, depois da última inspeção de trincheira da noite. A adrenalina corria pelo seu corpo. Ele tentou desacelerá-la, respirando devagar e profundamente. Chovia torrencialmente na escuridão completa e os fios de comunicação das tendas se soltavam a cada rajada de vento. Mellas se enrolou com mais firmeza no forro de seu poncho de náilon, que estava úmido, e encostou os joelhos no peito, tentando impedir o que restava da umidade morna de desaparecer no escuro.

Nenhuma patrulha hoje. Era como o adiamento de uma pena.

A chegada da bateria havia aumentado consideravelmente a vantagem de um ataque por parte do ENV, de modo que Fitch estendeu o alcance de cada patrulha para cobrir mais território. Isso forçou as patrulhas a sair ao nascer do sol e voltar já quase quando não havia luz. A combinação de tensão causada pela possibilidade de contato e o cansaço exasperante deixava todos irritáveis e sem energia ao cair da noite. Rapazes caíam no sono durante a guarda. Para vencer o tédio, Mellas se pegou inventando patrulhas só para ver várias partes do terreno. Prestava cada vez menos atenção em onde o atirador do ENV ou a equipe de observação deles poderiam estar escondidos. Na verdade estava dividido: não sabia se devia planejar as patrulhas para evitar encontrar alguém ou para achar a

metralhadora do ENV e se fazer notar pelo coronel. Virou para o outro lado, ainda sem querer abandonar o forro do poncho. Imaginava-se pegando de surpresa uma equipe de metralhadora do ENV enquanto eles comiam arroz, cercando-os silenciosamente e capturando o grupo inteiro. Então os fazia marchar de volta, descobrindo muitas informações, e depois era elogiado na frente do coronel e da sua equipe. Talvez saísse uma notícia no jornal em casa sobre seu feito – tornar seu nome conhecido era importante – e ganhasse uma medalha. Queria uma medalha tanto quanto queria companhia.

Outra salva fez um barulho aterrador através do solo e do ar, interrompendo seu devaneio. Ficou olhando a escuridão, agora totalmente acordado, concentrado no problema da substituição de Jancowitz, que estava prestes a sair de D&D. Tinha aulas de mapa para dar, selva para desbastar e mais arame farpado para estender, mas nenhuma patrulha. Nenhuma patrulha hoje.

Jogou para o lado o fino forro do poncho e sentou com a cabeça tocando os ponchos que estavam pendurados acima dele. O forro gorduroso de camuflagem cheirava a urina. Ele também, aliás. Mellas sorriu. Desamarrou no escuro os cadarços encharcados e puxou uma bota molhada. Ela saiu, deixando uma meia úmida com partes duras de sangue podre de feridas antigas causadas por sanguessuga. Tirou a meia com cuidado – especialmente nos lugares em que a lã, a pele e o sangue haviam se emaranhado por cima das mordidas de sanguessuga e das feridas de pele da selva. Imaginou, ao apalpar o pé, que ele devia parecer o lado de baixo de um cogumelo. Uma rajada súbita de vento jogou mais chuva contra a tenda. Começou a esfregar os pés, com a esperança de evitar frieiras. Tinha visto fotos de alguns casos durante o período de treinamento. Quando o pé fica constantemente na água fria, o sangue o abandona. Daí ele morre, ainda preso à perna, e apodrece até que seja amputado ou que a gangrena mate o resto do corpo. Sentiu-se culpado, de repente, por não ter inspecionado os pés do pelotão. Não ficaria bem para ele se o seu relatório de saúde tivesse muitos casos de frieira.

Duas horas depois, Mellas estava liderando uma aula de leitura de mapa para o terceiro esquadrão, sentindo-se bem por falar sobre algo que

dominava.

– Ok, então – ele disse –, quem sabe o intervalo de contorno?

Duas mãos foram erguidas. Mellas ficou satisfeito; os garotos pareciam gostar da aula.

– Ok, Jackson.

Jackson olhou timidamente para os amigos à sua volta.

– Hum, são vinte metros, senhor.

– Isso. Se você atravessar três linhas de contorno, qual a distância que você andou?

Parker, para não ser derrotado por Jackson, ergueu a mão.

– Seriam sessenta metros, senhor.

Sorriu, satisfeito consigo próprio. Jackson riu.

– Nem seu cérebro funciona direito. Sessenta metros o caralho. Cara, como você é burro.

– Quanto é então, ô gênio? – Parker retrucou.

– Não dá pra saber. Os contornos vão pra cima e pra baixo. Você pode ter subido sessenta ou talvez tenha descido sessenta, mas pode ser que você tenha chegado na porra de Hanói antes de ter andado isso tudo.

O resto do esquadrão estava rindo, e Parker finalmente riu também.

Mellas invejava a habilidade natural de Jackson de suavizar a dureza das suas palavras simplesmente pelo jeito com que as dizia. Como ficar zangado com alguém que não precisava atacar nem se preocupava se era capaz de se defender? Seria como ficar zangado com a Suíça. Mellas observou Jackson durante o resto da aula, vendo que os negros se aproximavam dele atraídos por algo além da sua vitrola portátil.

Mais adiante naquela tarde, Mellas se arrastou para dentro da tenda de Bass. Skosh lia a revista *Seventeen* à luz de vela e usava uma camiseta do Incrível Hulk. Bass estava deitado no seu colchão de ar, apelidado de mulher de borracha, escrevendo outra comprida carta para a prima de Fredrickson.

– Leitura pesada, Skosh – Mellas disse.

– Ei, tenente, olha pra ela – disse Skosh baixinho, mostrando para Mellas uma adolescente posando com roupas de inverno, o rosto sorridente emoldurado por um cabelo sedoso atirado para trás. – Você acha que se eu

escrever pra revista eles me dizem o nome dela?

– Tá de brincadeira, Skosh? Todo cara de pau duro nos Estados Unidos escreveria pra essas garotas se as revistas fizessem isso.

Skosh recolheu a revista e continuou olhando para a garota.

– Talvez se eles souberem que a gente está aqui no Vietnã e não pode fazer mal pra ela nem nada...

– Skosh, eles não estão nem aí pra onde você está – Mellas disse, com alguma suavidade. Estava pensando em Anne.

– Acho que não. Antes de eu abandonar o colegial, no ano passado, tinha uma garota lá que parecia exatamente com esta aqui. Mas claro que ela estava um ano na minha frente, então eu não podia, sabe como é – a voz dele foi baixando –, conhecer ela melhor e essas coisas todas.

– Aguenta aí, Skosh – Mellas disse. – Você vai voltar...

– Em cento e oitenta e três dias e um despertar – Skosh disse baixinho.

Mellas se ajeitou de pernas cruzadas na ponta da mulher de borracha de Bass. O luxo de possuir um dos raros colchões de ar era reservado para aqueles que tinham uma patente maior ou estavam havia mais tempo no país. Todos os outros dormiam no chão.

– A aula foi muito boa hoje – ele começou. – Eles pareciam interessados.

– Até a porra dum fuzileiro se cansa de cavar buraco.

Mellas assentiu, sorrindo.

– Ei, estou pensando no Jackson pra líder de esquadrão quando o Janco sair de D&D – ele sentiu que era melhor ir direto ao ponto.

– Não gosto da ideia, tenente. Não quero ver ele e os amigos dele todos descontraídos ouvindo a música tribal deles o tempo todo. Ele é muito sociável, senhor.

– O que você quer dizer é que ele é negro.

Mellas olhou para Bass com atenção para ver como ele reagia. Bass não mexeu um músculo do rosto.

– Sim, senhor, mas não desse jeito que o senhor está pensando. Não tem nenhuma cor no Corpo de Fuzileiros além de verde, e eu acredito nisso. Eu não acho que o Jackson acredita. Quer dizer, eu acho que ele ia favorecer os splibs6.[6]

– É, mas ele é esperto. As pessoas gostam dele. Tanto chucks quanto splibs.

– Ninguém quer um líder de esquadrão que as pessoas gostam – Bass disse com ênfase.

– Besteira, sargento Bass. Se você escolhe como líder de esquadrão alguém que ninguém gosta, o esquadrão vai pro espaço.

– Ninguém gostava muito de mim quando eu virei sargento do pelotão.

– Você é diferente.

– Esse aí é perpétuo – Skosh contribuiu.

Mellas riu.

– Ou você cuida da porra do seu rádio, ou eu ponho você de voluntário na ACG – Bass retrucou. – Daí você bem que vai desejar ter uns perpétuos perto de você quando os viets te desertarem.

Skosh encolheu os ombros e voltou a prestar atenção na revista.

– Quem me dera – murmurou.

Operadores de rádio tinham certas comodidades quando estavam em posições fixas, principalmente porque podiam passar a guarda da noite dentro de qualquer abrigo que conseguissem construir. Quanto mais tempo estivessem em uma posição determinada, melhores eram seus abrigos. Nas patrulhas e operações, no entanto, eles pagavam em dobro por esses confortos. Não só tinham que carregar os rádios, que eram pesados, além da munição e do equipamento que todo mundo levava, como também eram alvos prioritários, por serem os meios de comunicação e andarem perto dos líderes, outros alvos prioritários.

– O que é ACG? – perguntou Mellas.

– Uma idiotice de merda inventada por algum civil filho da puta em algum escritório com ar-condicionado em Washington.

Mellas esperou. Skosh não estava ouvindo.

– Quer dizer ação combinada de grupo, senhor – Bass continuou. – Fuzileiros bons do caralho têm que lutar junto da milícia dos vietnamitas do sul e defender as aldeias. Só que o que acontece é que os fuzileiros acabam lutando sozinhos quando os viets do sul saem correndo.

– Me disseram que emparelhar os fuzileiros com os habitantes está funcionando. Ou estava, pelo menos – disse Mellas. De repente, sentiu-se

muito distante do seu governo. Tinha uma suspeita incômoda de que ele também poderia ficar lá fora na selva, abandonado como esses fuzileiros.

Ele tentou esquecer a suspeita e assumiu um tom de voz de quem queria ir direto ao ponto.

– Mas, afinal, o que você acha do Jackson, sargento Bass? – e continuou rapidamente, sem dar tempo de Bass responder. – Não acho que ele seria amigável demais. Você pode falar com ele sobre isso. E depois, quem mais tem pra gente escolher? Com o Fisher fora daqui, tenho que usar o Jake pra ficar no lugar dele no segundo esquadrão. O Vancouver não faz nada além de ser o ponto, você sabe disso.

Bass concordou com a cabeça. Todo mundo sabia que Vancouver, um rapaz enorme que tinha saído do Canadá para entrar de voluntário nos fuzileiros, era provavelmente o melhor lutador da companhia. Mas ele sempre recusava posições de liderança, preferindo ser o primeiro homem na coluna, a posição mais perigosa em qualquer companhia de rifles. Todos os outros iam para o ponto só quando era a vez deles, e com relutância.

Mellas fez mais uma tentativa.

– O Jackson já conhece todo mundo – ele parou. Podia ver que Bass não estava ouvindo de verdade. Só estava esperando polidamente que Mellas acabasse.

– Tenente, eu acho que muita gente vai achar que você pôs ele lá porque ele é negro.

– O que você acha? – Mellas perguntou.

– Acho que isso passou pela sua cabeça.

Bass olhou para ele, esperando pela resposta de Mellas.

– Tudo bem, passou mesmo. Não quero que o China tenha razão no que diz – ele falou, quase resmungando as últimas palavras.

Bass olhou para ele por um momento.

– Não gosto desse negócio de ficar tratando as pessoas de acordo com a raça. A gente pode se meter nuns problemas sérios por causa disso – olhou para a carta ainda não terminada e suspirou, como se desejasse estar em casa. – Mas talvez você esteja certo. As coisas não são mais como antigamente, pode ter certeza. Quando eu entrei no serviço em sessenta e quatro, era pra proteger cidadãos e propriedades americanos. Agora essa

porra... – lembrou-se subitamente de Skosh e se deteve. – Skosh, pega o rádio e vê se está chegando alguma Classe Seis aí.

– Perguntei pra eles hoje de manhã, sargento Bass.

– Pois-então-pergunta-de-novo – Bass disse, pronunciando cada palavra com muita clareza.

Skosh começou a falar com o PdeC, e Mellas olhou para Bass.

– Você concorda sobre o Jackson, então?

– Tá, concordo. Mas sem essa de ser amigável demais.

Mellas riu, mais por alívio que por achar graça.

– Ok. Sem isso de ser amigável.

Mellas saiu para o chuvisco. O som tênue de James Brown cantando "Say it loud" vinha flutuando desde as trincheiras. Viu Hawke descendo o morro com um charuto na boca. O bigode vermelho dele não parecia combinar com o cabelo preto molhado. Mellas esperou por ele.

– Seja o que for que você ia fazer – Hawke disse –, não faça.

– Por que não?

– Agora que a bateria de artilharia está aqui, o grupo de PdeC do batalhão não vai demorar. O Fitch quer que as suas trincheiras sejam limpas.

Mellas explodiu.

– As minhas trincheiras estão mais limpas que a de todo mundo. O que ele quer que eu faça, que estenda um tapete vermelho pro coronel passar?

– Ei, calma aí – Hawke olhou de lado para Mellas. – Você tem pavio curto mesmo, né?

– Eu só estou cansado. Geralmente não.

– Quer dizer, geralmente você não demonstra. O Fitch só quer as merdas dos envelopes de chiclete e de suco em pó recolhidos tudo num lugar só pra isto aqui não parecer um depósito de lixo. E ninguém disse nada sobre você ser melhor ou pior do que os outros – Hawke deu uma longa tragada no charuto. – Na verdade, se você quer saber, as suas trincheiras estão provavelmente mais limpas que as dos outros pelotões – Mellas sorriu. – Mas também, você tem o sargento Bass.

Mellas riu.

– Pode voltar, Hawke. Era só isso que você tinha pra me dizer?

– Bom, não tudo – Hawke fechou um olho e olhou de lado para Mellas, provando o tabaco nos seus lábios. – Achei que você ia querer saber como o Fisher se saiu. Ou está muito ocupado?

– Como ele está? – Mellas perguntou com entusiasmo, mas sentiu o rosto corar. Não havia pensado em Fisher de outra forma além da posição que tinha que ser preenchida.

– Mandaram ele pro Japão pra ser operado de novo.

– Qual o prognóstico?

– Não sei. Na pior das hipóteses, imagino, ele nunca mais vai conseguir ficar de pau duro.

– É uma merda – disse Mellas. Desviou os olhos de Hawke na direção das trincheiras do segundo esquadrão. – Ainda tenho que substituir ele.

Disse isso tanto para si mesmo quanto para Hawke, que observou Mellas com calma.

– Se você não relaxar, Mellas, nunca vai aprender a amar este lugar.

A piada destruiu o mau humor de Mellas, e ele riu.

– Em quem você está pensando? – Hawke perguntou, soprando com cuidado uma nuvem de fumaça.

– Jackson – Mellas olhou para ver alguma reação. Não houve nenhuma. – Ele é inteligente.

– Pode dar certo, mas também pode não dar.

– Por que não?

– Ele é negro. Porra, ele é negro, Mellas.

– E daí?

– Todos os negros do terceiro esquadrão admiram ele, certo? – disse Hawke.

– Sim, é por isso mesmo que eu escolhi ele.

– Daí ele se vende para o sistema, e o que os irmãos vão achar dele?

– Merda – Mellas disse sem entonação. – Merda – sentia-se acuado por uma força que parecia um campo magnético. Não podia vê-la, mas podia senti-la se fechando à sua volta.

Uma voz berrou lá de cima do PdeC.

– Ei, Five, tem um pássaro chegando do vale.

Hawke correu morro acima, deixando Mellas sozinho.

Quando Vancouver ouviu o helicóptero vindo do vale, enfiou o facão na terra e o deixou lá tremendo enquanto subia o morro correndo.

– Vancouver, onde diabos você está indo? – berrou Connolly, que puxava a ponta de um rolo de arame farpado.

– A minha espada de viet está chegando – Vancouver gritou, sem parar de correr. – Eu sei que está.

– De que porra serve ser líder de esquadrão com um cara desses por perto? – Connolly murmurou. Não podia seguir Vancouver porque estava ajudando o Toupeira (um metralhador negro do esquadrão do Connolly) a enrolar o arame farpado em estacas.

– Rápido aí, Toupeira, porra. Tenho mais coisa pra fazer do que ficar sendo cortado por essa merda de arame.

O arame havia de fato cortado a pele bem nas cascas formadas em cima das feridas de pele da selva nas suas mãos, e o sangue e o pus escorriam devagar pelo arame, o que o tornava mais difícil de segurar.

Toupeira mostrou o dedo do meio para Connolly e continuou enrolando o arame na estaca, tão metodicamente quanto limpava sua metralhadora.

– Não vou fazer um serviço de porco com o arame só porque você quer ir ler as suas cartinhas de bicha.

Toupeira olhou o alto do morro, para o helicóptero que estava quase pousando na ZP, o rugido das turbinas quase encobriram suas últimas palavras. O helicóptero tocou na terra, quicando de leve suas rodas grandes. Uns poucos rapazes novos correram para fora carregando as sacolas vermelhas do correio.

Vancouver chegou à ZP no momento em que o helicóptero começou a tremer e gemer para a decolagem. Chegou bem próximo a um rapaz novo bem mais baixo que ele e pegou a sacola que ele carregava.

– O correio do primeiro pelotão? – ele gritou. O som se perdeu na decolagem do helicóptero e no rodamoinho furioso que se formou. O rapaz não largou a sacola. O valor dela havia sido informado a ele em termos enfáticos, assim como o que aconteceria a ele se não conseguisse entregá-la.

– Me dá essa porra – berrou Vancouver. Agarrou a sacola e começou a

desamarrar as cordas.

– Vancouver, que merda é essa que você está fazendo?

Vancouver olhou por cima do ombro e viu o rosto vermelho do primeiro sargento Cassidy. Ele se ergueu e olhou lá de cima para o sargento.

– Ah, oi, sargento. Estou procurando a minha espada de viet. Pedi uma dois meses atrás.

O novo rapaz pegou a sacola de volta com um gesto lento e um olhar hesitante entre Vancouver e Cassidy.

– Vancouver – Cassidy disse, com cansaço exagerado para efeito cômico –, volta lá pras trincheiras e me deixa tomar conta do correio, ok? Porque se você não fizer isso, e se eu encontrar essa porra dessa espada, eu quebro ela na sua cabeça. Eu fui claro?

– Você não faria isso mesmo, faria, Gunny? – Vancouver perguntou.

– Experimenta.

Vancouver se virou e começou a descer o morro.

Cassidy o observou com óbvia afeição. Ele havia interceptado a espada, com sua empunhadura ornamentada e suas correias complicadas, três semanas antes, e a escondido na tenda de suprimentos da Companhia Bravo para evitar que Vancouver acabasse sendo morto ao tentar usá-la. Virou para encarar os cinco novos rapazes que tinham chegado no helicóptero.

– Estão olhando o quê, porra? – Cassidy perguntou, escondendo o sorriso subitamente. – Estão me achando bonito?

Enquanto o pelotão quase inteiro lia o correio pela terceira vez, Mellas preparava o jantar. Pensou em demorar um pouco para que suas cartas o alcançassem. Estava adicionando Tabasco, geleia de uva e chá de limão em pó na sua lata de espaguete e almôndegas quando percebeu que o doutor Fredrickson o observava.

– Posso falar com o senhor um minuto, tenente? – perguntou Fredrickson.

– Claro. Melhor que comer.

– É sobre o Mallory, senhor.

– Aaah, merda. Achei que você e o Bass tinham tomado conta disso.

– Ele ainda está reclamando de dor de cabeça – Fredrickson disse. – Dou pra ele todo o Darvon que dá pra ele tomar e ele continua pedindo mais.

– Isso vicia?

– Não sei, senhor. É o que eles dão pra gente. Eu acho que é inútil – Fredrickson se inclinou para frente e olhou dentro da lata de espaguete. – Talvez você devesse colocar aquele chantili falso aí. Ficaria mais homogêneo.

– Seu negócio é medicina mesmo.

– Enfim, não tenho nem certeza que o Mallory está mesmo com dor de cabeça. Mas tenho olhado ele de perto, e durante a patrulha ontem parecia que ele estava sentindo dor.

– Ele e todo mundo. Eu tenho dor de cabeça também.

– Talvez você devesse falar com ele. Eu falei com o lula sênior, e ele acha que às vezes as pessoas têm coisas psicossomáticas e sentem dor de verdade, apesar de ser tudo coisa da cabeça delas. E também é possível que realmente tenha alguma coisa errada com ele.

– E daí... você quer que eu decida?

– Você é o comandante do pelotão. Se você acha que ele está falando a verdade, talvez a gente devesse mandar ele pra BCV pra ver um médico. Só no caso de algo realmente estar errado com ele.

– Ok.

– Ele está lá na minha tenda agora.

Mellas olhou para Fredrickson pelo canto do olho.

– Tudo bem.

Fredrickson foi e voltou com Mallory, um garoto frágil com quadris estreitos, um pescoço fino e gracioso, e uma cabeça bem grande.

– Oi, Mallory – Mellas disse, tentando ser amigável. – O doutor disse que você ainda está com esse problema da dor de cabeça.

– A minha cabeça dói muito – Mallory disse. – Eu tomo aquele Darvon todo e ele não faz porra nenhuma.

– Desde quando você tem essa dor de cabeça?

– Desde que eles jogaram a gente lá sem água na operação DMZ. Acho que fiquei com insolação ou algo assim – Mallory olhou rapidamente para

Fredrickson a fim de ver como o paramédico reagia. Fredrickson estava impassível.

Mellas encheu uma colherada de espaguete e mastigou enquanto pensava.

– Bom, caralho, Mallory, eu não sei o que é. O doutor também não sabe. Você tem isso o tempo todo?

– Estou dizendo que a porra da minha cabeça dói – Mallory choramingou.

– Eu acredito, Mallory. É só que não tem muita coisa que a gente possa fazer. Talvez a gente pudesse mandar você pra BCV pra um *check-up*.

Mellas esperou por alguma reação, mas Mallory só encostou a cabeça nos joelhos, segurando-a com as mãos.

– A minha cabeça dói.

Mellas olhou para Fredrickson, que encolheu os ombros.

– Então escuta, Mallory – disse Mellas. – Vou ver se a gente não consegue mandar você pra BCV por uns dois dias pra ver um médico. Mas por enquanto você vai ter que aguentar um pouco, ok?

Mallory gemeu.

– Eu não aguento. Essa porra dói o tempo todo.

Mellas hesitou, depois suspirou.

– Vou lá falar com o lula sênior.

– Já falei com ele. Ele não faz nada.

– Bom, talvez dê pra mandar você pra fora. Só aguenta firme mais um pouco.

– Ok, senhor.

Mallory levantou e foi se arrastando morro abaixo em direção às trincheiras. Fredrickson perguntou:

– O que o senhor achou, senhor?

– Não sei. Eu acho que provavelmente ele sente dor de cabeça mesmo. A questão é o quanto dói – Mellas mexeu o resto de espaguete com a colher. – Eu odiaria se fosse algum tipo de problema cerebral e nós não mandamos verificar. A gente pode se meter num problema sério.

Na tenda de Sheller, Mellas encontrou alguma resistência – não de Sheller, mas de Hawke e Cassidy, que jogavam pinocle com ele.

– Ele está fazendo corpo mole – Cassidy resmungou.

– Como você sabe? – perguntou Mellas.

– Reconheço essa gente pelo cheiro. Metade dos fuzileiros neste morro vai ter dor de cabeça e de barriga e todo tipo de dor, mas ninguém fica insistindo pra ir pra BCV.

– E se ele tiver um tumor ou algo assim? Quer correr esse risco?

– Ele só precisa dum chute na bunda.

– Acho que o Cassidy está certo – Hawke disse. – O Mallory tentou ser dispensado da operação DMZ, mas a gente não deixou. Depois disso, ele ficou bom. Nenhuma reclamação até agora. Todo mundo sabe que a gente vai ter que descer pro vale assim que as Companhias Charlie e Alfa saírem. Daí de repente ele aparece com dor de cabeça.

– Talvez seja psicossomático – Mellas disse. – Quer dizer, talvez seja verdade que ele está com medo. Talvez seja isso que dá dor de cabeça nele.

Cassidy juntou as cartas nas mãos.

– Que porra é psicossomático além de uma palavra chique pra alguém que não quer fazer alguma coisa difícil e perigosa? Nervos não falham... eles desistem. Eu tenho uma dor psicossomática no saco cada vez que vejo esses recrutas. Vai dar uma olhada na enfermaria na véspera da gente sair numa operação. Cada preto do batalhão está lá na fila. O Mallory não é diferente.

A mandíbula de Mellas travou quando ele ouviu o comentário, mas não disse nada.

– Não são todos que vão, Gunny – Hawke disse. – Na verdade são bem poucos. Mas admito que o Mallory provavelmente iria.

Cassidy suspirou.

– É a merda do seu pelotão, tenente – ele disse para Mellas.

– E vou mandar ele para a BCV.

– Ótimo, senhor. Eu informo quando o próximo pássaro estiver pra chegar. Vai ter que subir ele lá pra ZP. Mas não se surpreenda se ele não voltar até a gente já estar no vale.

Um helicóptero trazendo água para a bateria de artilharia chegou na

manhã seguinte, e Mallory voou até a Base de Combate Vandegrift, BCV. Voltou três dias depois, juntamente com um bilhete para o lula sênior escrito pelo cirurgião da Marinha do batalhão, tenente Selby. "Não vejo nada neste fuzileiro que o impeça de cumprir suas obrigações." Sheller desceu com ele até Fredrickson e Mellas, que chamou Mallory e deu o bilhete para ele.

– Cacete – Mallory disse depois de ler. – Cacete. Estou falando que a porra da minha cabeça dói.

Ele evitou olhar para Mellas.

Mellas queria perguntar por que uma visita à estação de ajuda do batalhão havia demorado três dias. Mas deixou para lá, já que Jancowitz já havia censurado Mallory na frente do esquadrão inteiro e o colocado na guarda de escuta durante duas noites para compensar os dois dias que ele provavelmente havia desperdiçado fumando maconha na retaguarda.

– Você vai ter que viver com isso, Mallory – Mellas retrucou. – Provavelmente é psicossomático. Todos nós temos medo de coisas e às vezes o corpo tenta impedir a gente de fazer essas coisas. Você vai ter que superar isso.

– Você está dizendo que está tudo na minha cabeça, caralho? – Mallory gemeu. Seu tom de voz era uma acusação que juntava Mellas com todos os outros que não queriam ajudar – Estou te falando que é real, cara. Dói tanto que não consigo nem pensar.

– Mallory, é psicossomático. Você vai ter que se acostumar com isso. Nós não podemos fazer nada por você. Nós tentamos.

– Cacete.

Mallory deu as costas, ainda segurando o bilhete do médico com sua mão fina.



– O batalhão vai chegar daqui a uns dois dias – Fitch disse com aspereza. – Vamos deixar todo mundo limpo.

Uma barulhenta salva de tiros da bateria de artilharia explodiu atrás deles, fazendo todos se encolherem.

– Isso quer dizer cortar o cabelo, fazer a barba, essas coisas. E ninguém com bigode, a menos que seja um sargento ou acima disso. Ordens do Big John Six.

Cansado, Mellas andou de volta para o pelotão. Hamilton o viu chegando e gritou na direção dos buracos abaixo deles para que os líderes de esquadrão viessem. Outra salva sacudiu o morro, abafando todos os outros sons. Ele alcançou a própria tenda e sentou-se, olhando sem expressão para a neblina. Depois de algum tempo, os três líderes de esquadrão chegaram. Jancowitz, imundo, ainda estava com a mesma roupa e equipamento que tinha usado na patrulha. No seu rosto, o suor se misturava às gotas minúsculas de chuvisco. Connolly se agachou descansando as mãos nos joelhos, no estilo vietnamita. Jacobs, ainda nervoso com sua posição temporária de líder de esquadrão, já estava com uma caderneta verde e uma caneta esferográfica nas mãos. O próximo a chegar foi Bass, respirando com dificuldade por ter subido o morro correndo. Sentou-se no chão, olhando na direção da tenda do doutor Fredrickson, irritado porque este não havia conseguido chegar à reunião em tempo.

– Ele está na ZP com o lula sênior – Mellas disse. – Eles estão contando pílulas pra fazer outra requisição quando o batalhão chegar aqui.

– Batalhão? – Bass perguntou, erguendo uma sobrancelha.

– Os pássaros já foram requisitados. Isso significa que vamos ter que

arrumar todo mundo – Jancowitz e Connolly assentiram, uma vez que já tinham passado por isso antes. Jacobs ficou escrevendo na caderneta.

– Co-co-cortar o cabelo, tenente? – ele perguntou.

– Sim, Jake – Mellas disse, com um leve vestígio de sarcasmo.

– Com o quê? Com a porra das facas? – Bass perguntou.

Jancowitz riu.

– Achei que o cabelo de quem é perpétuo nem crescia mais.

– Continua abrindo a boca – Bass retrucou –, e eu corto o seu com uma ferramenta-T e depois enfio ela tão fundo no seu cu que você vai ter que chupar boceta com ela entalada na garganta.

– Não vejo por que não faria isso – Jancowitz respondeu, imperturbável. – A gente faz todo o resto com a ferramenta-T.

– Há um rumor – Mellas interrompeu – de que o Cassidy conseguiu umas tesouras do pessoal da artilharia e de que elas vão ser distribuídas. E eles têm bastante água também. Então, todo mundo vai raspar a cabeça. E quanto à barba, nenhum bigode, a não ser que você seja de E5 pra cima.

– O caralho, senhor! – Jancowitz parecia ter sido traído. – Eu sou líder de esquadrão e, porra, líderes de esquadrão podem usar bigode. Sempre foi assim – ele havia escrito para Susi dizendo isso.

– Janco, a ordem é de E5 pra cima.

– Ninguém consegue enxergar o seu agora – disse Bass. – Que importância tem?

– Juro pra você que não vou chegar nem perto da ZP. Ninguém vai me ver. – Ele olhou para Bass e Mellas. Nenhum dos dois podia ajudá-lo.

– Raspem os bigodes e cortem o cabelo de todo mundo que estiver precisando fazer isso – Mellas disse rapidamente, sem dar tempo para respostas. – É isso. Quem tem patrulha amanhã?

Connolly e Jacobs ergueram um dedo cada um.

– Ok, eu vou com o Connolly. Bass vai com o Jacobs.

Mellas mostrou as rotas das patrulhas e juntos escolheram alvos para os tiros preparatórios da artilharia e dos morteiros. Mellas era bom com mapas, ele sabia, e isso não passava despercebido pelo pelotão – suas vidas dependiam disso. Fredrickson apareceu, distribuiu a dose diária de pastilhas contra a malária e eles se separaram.

Mellas comia um bife borrachento e batata, misturados com molho de maçã da ração C e um pouco do molho Worcestershire cuidadosamente racionado de Bass, enquanto Jancowitz subia o morro com passos pesados, desta vez com Parker atrás dele. Bass, que estava aquecendo água para o café, olhou para Mellas.

– Aposto com você uma lata de pêssegos que o Parker não quer cortar o cabelo – ele disse.

– Caralho – disse Mellas.

– PDP – disse Bass, sorrindo com olhos semicerrados.

Os dois recém-chegados alcançaram a pequena área plana que o grupo de PdeC do pelotão ocupava. Mellas engoliu outra colherada antes de mostrar que havia visto a chegada deles.

– Ok, Janco, qual é o problema?

– O Parker quer fazer requisição de mastro, senhor.

– Por que, Parker? – Mellas perguntou olhando para ele.

– Não vou cortar o cabelo, não.

– Que porra é essa que você disse? – Bass levantou-se, apontando o queixo para frente, a lata de água fervendo na mão. – Você está falando com o tenente, Parker.

Para Mellas, aquele não parecia o momento de insistir na etiqueta militar, mas deixou que Bass falasse.

– Senhor, eu não preciso de corte de cabelo nenhum e eu quero falar com o chefe no mastro, *senhor* – Parker repetiu.

Bass sentou-se. Requerer mastro com o líder era o privilégio de todos os fuzileiros. Mellas olhou para o cabelo de Parker. Era encaracolado, quase afro. Não havia dúvida de que o PdeC do batalhão acharia aquele cabelo comprido demais, não só por causa da preferência do Corpo de Fuzileiros por cabelos extremamente curtos, mas também em virtude das implicações políticas.

– Ok, Janco – ele disse –, pode deixar comigo. Obrigado.

Jancowitz acenou com a cabeça e voltou a descer o morro, onde Hippy, com uma máquina na mão, avaliava outro cliente que estava sentado na sua plataforma de arma com uma toalha em volta do pescoço. Mellas fez um gesto na direção de uma paleta quebrada de munição.

– Senta, Parker. Deixa só eu acabar o jantar.

Parker sentou-se, um tanto hesitante, olhando para Bass. Quase todo mundo tinha medo dele por causa do seu temperamento imprevisível. Bass terminou o café e foi para a sua tenda sem dizer nada.

– Você sabe, Parker, que o chefe vai ter que mandar você cortar o cabelo.

– Por quê? – ele perguntou, olhando para a camada grossa de lama nas suas botas.

– Porque está muito *comprido*, Parker. O batalhão está vindo aí e é assim que vai ser.

– Eu requeri mastro, tenho o direito de ver o chefe e você não pode me impedir.

– Meu Deus, Parker. Eu não estou tentando impedir você de falar com o chefe. Só estou tentando economizar o seu esforço de subir o morro à toa.

– Eu peço o mastro.

– Então vamos – Mellas jogou o resto da maçaroca de comida em uma caixa de papelão vazia, cujos lados se soltavam por causa da exposição constante à chuva. Virou-se para Parker numa última tentativa. – Parker, o chefe tem que seguir as mesmas regras que todos os outros. Vai ter que ser cortado.

Parker tirou o chapéu mole e agarrou alguns fios de cabelo.

– Não é mais comprido do que o do Bass. É só que ele passa brilhantina pra baixar. Aquele cabelo de caipira da porra podia ter dois metros que ninguém ia dizer nada.

Algo disse a Mellas que, se ele fosse um bom oficial, nunca deixaria Parker falar com ele daquele jeito. Ainda assim, o argumento de Parker era válido, mesmo se não tivesse nenhuma chance.

– Vamos ver o chefe – Mellas disse com rispidez. Virou-se e começou a subir o morro, escorregando na lama, sabendo que Parker observava a sua subida desajeitada.

Fitch, Hawke e os dois operadores de rádio, Pallack e Relsnik, estavam espremidos debaixo dos ponchos jogando bridge da selva. Era a quadragésima quinta partida em uma série de trezentas, oficiais contra soldados. O sargento Cassidy estava sentado por perto em uma caixa de

munições. Indiferente à chuva, estava logo na saída da tenda fazendo um sulco no bastão que Fisher tinha trazido de volta.

– Qual o problema, tenente? – Cassidy perguntou.

Fitch olhou para fora da tenda e começou a levantar.

– Ah não, nada disso, chefe – Pallack disse, voltando-se para Parker. – Ô Parker, você vai ter que esperar. Os soldados estão prestes a ganhar mais uma partida dos oficiais.

Ele voltou para o jogo e bateu uma carta no chão, com força.

– Seus burros do caralho. Rá rá. Olha pra essa rainha.

As mandíbulas de Parker trabalhavam sob seu rosto escuro. Fitch franziu a testa e descartou uma carta.

Parker falou:

– Senhor, eu tenho o direito de pedir mastro.

– Você tem o *privilégio*, Parker – Cassidy resmungou. – Você não chega assim no comandante da companhia e diz o que quer.

Parker se manteve firme.

– Eu tenho o direito de pedir mastro.

Cassidy levantou-se. Hawke descartou rapidamente uma carta, Pallack pegou o montinho e depois jogou outra carta no chão, rindo. Hawke olhou para Fitch e encolheu os ombros. Fitch jogou no chão o resto das suas cartas, enquanto Pallack e Relsnik apertavam as mãos e pegavam suas canetas e cadernetas, ambos registrando a pontuação para que não houvesse chance de erro e fazendo piadas sobre como alguém podia ser tão burro para jogar cartas e mesmo assim virar oficial. O jogo de cartas aliviara a tensão entre Cassidy e Parker, dando a Cassidy a oportunidade de desviar os olhos, o que ele fez.

Fitch se arrastou para fora da tenda e ficou parado em pé.

– Está bem, Parker. Vamos para a tenda do Hawke conversar.

Fitch era tranquilo e direto, e Parker pareceu relaxar um pouco. Entraram curvados na tenda de Hawke.

Mellas voltou para sua tenda. As pessoas estavam todas perto do arame, preparando os foguetes que seriam acionados se alguém esbarrasse neles durante a noite. Uma persistente fogueira, na qual alguém preparava comida, era visível lá embaixo no esquadrão de Connolly, e Mellas berrou

para que ela fosse apagada. Ela desapareceu. As linhas ficaram em silêncio.

Mellas começou a escrever uma carta na luz que sobrava do crepúsculo, mas foi interrompido por Skosh, que trazia o rádio consigo.

– É o Six – disse. Ele se agachou e começou a ler casualmente a carta de Mellas, mas esse a apanhou de volta.

A voz de Fitch veio chiando pela rede.

– O seu personagem Pappa, que estava aqui agora, tem vinte minutos pra cortar a porra do cabelo. Depois eu quero ver ele. Entendido?

– Entendido – Mellas suspirou e devolveu o bocal para Skosh. – Por que eu tenho que ficar lidando com corte de cabelo no meio da selva só porque um coronel qualquer vem pra cá?

Skosh encolheu os ombros.

– Só mais um centimetrozinho assim do vibrador verde, senhor.

Mellas desceu para a área de Jancowitz. Parker estava falando com o Toupeira, que, como muitos dos negros do batalhão, usava uma corda grossa de náilon ocre no pescoço. Mellas imaginava que tinha alguma coisa a ver com linchamento, mas tinha medo de perguntar. O resto dos negros do terceiro esquadrão estava em volta. Fizeram silêncio quando viram que Mellas se aproximava.

O cabelo de todos tinha sido cortado, menos o de Parker. Jackson falou, com seu largo rosto relaxado e seus olhos calmamente se comunicando com os de Mellas.

– Senhor, eu acho que estão fodendo com os irmãos com esse negócio de cortar cabelo.

Isso foi dito sem raiva aparente. Mellas fez força para manter o mesmo tom.

– Jackson, ninguém tem escolha nesse assunto. Cabelo encaracolado não parece o corte oficial. O Big Six está chegando aí e a responsabilidade vai cair nas costas do tenente Fitch. Eu realmente não quero ouvir mais reclamação sobre isso.

– Sim, senhor – Jackson disse, dando as costas.

Mellas olhou para Parker.

– Você sabe que tem uns quinze minutos, né?

– Sim, senhor – murmurou Parker.

– Ok, então. Faz isso logo e sobe lá pro chefe, e a gente vai esquecer toda essa besteirada.

Já estava quase escuro quando o soldado Tyrell Broyer viu o sargento armeiro Cassidy e o sargento Ridlow, do pelotão do tenente Goodwin, descendo o morro. Cassidy segurava um par de tesouras. Broyer ajeitou nervosamente os óculos, embora eles não precisassem de ajuste. Olhou para Parker, que dividia com ele a trincheira com espaço para dois homens. Cassidy e Ridlow desapareceram na tenda de Bass, e Broyer ouviu os dois rindo.

Parker, com o cabelo ainda intacto, estava encostado na parte de trás do buraco, encarando a selva. Seu rifle estava apoiado em um saco de areia feito de plástico e seus braços estavam cruzados na sua frente.

– Ô, irmão – Broyer disse baixinho –, acho que você vai ter problema descendo o morro aí por causa do seu cabelo.

Parker resmungou e cuspiu.

– Racistas de Deus e da Pátria, filhos da puta do caralho.

Broyer olhou de novo para a tenda acima dele. O sargento Bass se arrastava para fora com os braços grossos aparecendo por baixo das mangas cuidadosamente dobradas para cima. Cassidy saiu depois de Bass, seu rosto fixo estampava uma expressão dura. Depois saiu Ridlow. Parker deu uma rápida olhada de lado, por cima do ombro, e virou-se imediatamente para o outro lado, sem expressão. Broyer queria correr para pedir ajuda, mas não sabia aonde ir. Para si mesmo, desculpou sua falta de ação lembrando que não podia deixar o buraco durante o alerta de cem por cento. Transferiu o peso para o outro pé, sentindo-se nervoso.

O grupo de sargentos se juntou em silêncio em volta deles.

– Tá na hora, Parker – Cassidy disse. – Estou vendo que você achou melhor chamar um profissional.

Parker cerrou os dentes com força.

– Você vê se responde, seu bosta, quando falarem com você – disse Bass.

Bass havia se movimentado para frente do buraco e olhava diretamente

para o rosto de Parker. Ridlow estava à sua direita, com as botas perto do rosto de Parker. Cassidy estava à esquerda de Bass, que fez um gesto para Broyer sair do buraco. Broyer se arrastou para fora, ainda sem saber para onde ir. Viu que o resto do esquadrão o observava em silêncio.

– Você me ouviu, seu filho da puta? – Cassidy perguntou.

– Sim, senhor – Parker murmurou.

– Não escutei você, Parker – disse Bass, sorrindo.

– Sim, *senhor* – Parker cuspiu.

– Como você vai querer, Parker? – perguntou Cassidy. – Com a risca na esquerda? O que você acha, sargento Bass? Como é que o Vidal Sassoon7 faria?[7]

– Talvez na esquerda – Bass disse. – Não, faz no centro. Um moicano ao contrário.

– Eu acho que a gente tinha que cortar a cabeça dele de uma vez – Ridlow resmungou.

Cassidy se agachou e se inclinou para frente a fim de sussurrar no ouvido de Parker.

– Parker, seu bosta do caralho, eu juro por Deus que, se você fizer um movimento fora de hora, eu desenrosco a sua cabeça e mijo em cima. Não sei que porra passa pela cabeça dos oficiais desta companhia pra eles aceitarem a insolência de uns vermes que nem você, mas, se dependesse de mim, eu pendurava você na árvore mais próxima. Não se pede mastro por causa da bosta de um corte de cabelo. Você pede mastro quando algo está errado de verdade. E você não desobedece uma ordem. Agora senta bonzinho na borda desse buraco e deixa cortar o seu cabelo feito homem, ou juro por Deus que eu vou pessoalmente arrancar o seu couro e deixar você pra ser comido pelos vermes, que é o que você merece. Você entendeu?

Bass também havia se agachado para olhar diretamente para ele. Parker olhou em volta. De dentro dos seus buracos, o resto do esquadrão espiava o que estava acontecendo. Todos tinham cortado o cabelo. Broyer ouviu o som da tesoura sendo fechada no ar por Cassidy. Olhou para os antebraços musculosos de Bass. Seus joelhos tremiam e havia um sentimento de pânico dentro dele.

– Eu só quero falar que o meu cabelo não é mais comprido que o de uns

chucks que passam brilhantina pra baixar tudo. É só isso que eu quero falar.

– Bom. Então já falou – disse Cassidy. – E eu não quero um merda que nem você no meu Corpo de Fuzileiros. Eu só quero falar isso. Você não é digno do nome. Agora, eu vou contar até três pra você encostar a bunda aqui na borda do buraco. Um...

Parker se moveu.

Broyer, ainda parado ao lado da trincheira, respirou fundo. Olhou em volta. Viu o tenente parado perto da tenda de Bass. Como todo mundo, estava vendo Cassidy deixar Parker careca.

Tão logo foram liberados do alerta da noite, Broyer correu até o segundo pelotão para encontrar o China. Era a primeira vez que ia para a área de outro pelotão e estava um pouco surpreso de ver lixo jogado em volta das trincheiras. Ao passar por uma tenda, ouviu uma risada bem alta e depois uma gargalhada dada com gosto. A cabeça loura do tenente Goodwin saiu da tenda. Broyer seguiu em frente, sentindo-se deslocado e esperando evitar problemas. Andou até um camarada que não conhecia, empurrou os óculos para cima no nariz e começou o ritual, agora familiar, do aperto de mão. Perguntou onde o China costumava ficar. O irmão apontou para uma tendinha quase escondida sob uma árvore enorme que havia sido derrubada a pouco mais de meio metro de uma posição de metralhadora. Ele foi até lá e viu o China e dois camaradas apoiados no tronco da árvore, do lado oposto ao da tenda. Estavam jantando. Suas vozes o lembravam das noites de verão em Baltimore.

China o cumprimentou, fazendo o ritual todo.

– Ei, irmão, que bom que você apareceu. Esses aqui são meus amigos.

Um deles ofereceu a Broyer uma lata de ração C cheia de café quente. Ele aceitou e sentou-se, segurando a tampa dobrada para trás com cuidado para que o calor não queimasse seus dedos. Quando começou a contar do corte de cabelo, ficou surpreso com a raiva que saiu de si.

– E daí os covardes filhos da puta rasparam a cabeça dele até ele ficar careca. Até ele ficar *careca*, porra. E a gente ficou lá parado, olhando pra

esses veados de bosta.

Quando Broyer terminou, China se levantou de um pulo.

– Fala pro Parker vir pra cá o mais cedo que ele puder. E não se preocupa, não vamos ficar só parados olhando por muito tempo mais. Nós temos o poder – batia o punho no tronco. – Nós temos o poder. Nós também vamos foder bonito os outros muito em breve.

Broyer foi embora às pressas, sentindo-se compreendido com a determinação e a força do China.

China sentou de novo contra o tronco e suspirou. Estendeu a mão para aquecer outro copo de café. Os outros dois, sabendo que China falaria quando tivesse alguma coisa a dizer, começaram a conversar um com o outro e apagaram o fogo quando a escuridão finalmente caiu.

Broyer passou a mensagem do China para Parker e, quando este saiu da guarda naquela noite, foi até a área do segundo pelotão. Teve de andar meio se arrastando, meio agachado até o alto da ZP e então voltar a descer até o segundo esquadrão para evitar levar um tiro por acidente. No escuro, isso levou aproximadamente uma hora.

Quando alcançou a tenda do China, o camarada que a dividia com ele estava sozinho, dormindo. De mau humor, ele mandou que Parker descesse até o buraco abaixo deles. Parker fez isso e, depois de se identificar, entrou no buraco do China, que tinha espaço para dois homens.

– Shhhh – China disse, fingindo ouvir alguma coisa, tentando pensar. O vento subia o morro na direção deles, cheirando a terra molhada e musgo. Arbustos, invisíveis a apenas dez metros na frente deles, sussurravam sob árvores que estalavam.

– Você disse que queria falar comigo – Parker finalmente murmurou.

– É – China ainda estava pensativo.

– Eles foderam comigo agora de tarde. Foderam comigo de verdade, cara.

– Seu burro do caralho, cala essa boca – China sussurrou com raiva.

– Ei, qual é o seu problema, cara?

– Qual o *meu* problema? – China sussurrou. – Qual o seu problema

fazendo uma cena dessas por causa de um corte de cabelo de merda?

– Ei, você que falou, cara...

– Eu falei que a gente ia esperar pra escolher o terreno e daí a gente ia ter uma *causa*. Agora, cada irmão na companhia está esperando pra ver que porra eu vou fazer por causa de um corte de cabelo. Eu devia arrancar a sua cabeça. Eu fico aqui com os irmãos fazendo a nossa parte e você tinha que estragar tudo.

– Porra, eles me castraram bem na frente dos meus irmãos e você fica falando aí que *eu* fodi tudo?

Os lábios de Parker estavam puxados para trás; ele mal podia conter sua raiva. China percebeu, mas sabia que conseguiria controlá-lo.

– Ei, camaradas, mais baixo aí, hein – o companheiro de tenda de China sussurrou pela abertura. – O Ridlow vem checar as trincheiras a qualquer momento e vai comer a nossa bunda se vocês não fecharem o bico.

Parker se acalmou um pouco, e China mexeu os pés.

– Escuta – China disse –, a gente vai ensinar uma lição pra esses racistas filhos da puta, mas você tem que fazer direito. Tá me ouvindo? Tem que fazer direito. A gente não vai continuar com o poder se a gente não continuar usando o cérebro. Tá ouvindo? E os irmãos lá em casa precisam de armas – armas *de verdade*.

– Estou ouvindo – Parker disse sombriamente. – Eu mesmo mato o filho da puta.

– Você não vai matar ninguém sem a minha ordem.

– Mato o porco fascista que eu quiser.

– Vê se me escuta, Parker. A gente precisa de você. Você sabe disso, né? Você sabe disso. Os seus irmãos precisam de você. Mas a gente não precisa que você saia matando ninguém a menos que seja um negócio e tanto. A gente não quer que você faça isso, não. Deixa que eu e o Henry decidimos esses negócios. A gente vai arranjar tudo da próxima vez que estiver na BCV.

– Caralho. A gente não vai pra BCV faz dois meses. Por que você acha que vai pra BCV agora? O Henry vai pegar o rodízio pra casa antes de você falar com ele. Puta que pariu.

– A gente vai falar com ele, Parker. Você só tem que aprender a

esperar. A gente tem tempo. Agora me deixa pensar como é que a gente vai lidar com isso, tá? E não vai fazer besteira. Só me deixa pensar nisso hoje de noite e logo de manhã eu começo a falar com os irmãos. Tá bom?

– Tá bom.

– Você fez bem, irmão. Precisa ter muito peito pra desafiá-los daquele jeito. Desculpa aí se eu fiquei bravo. É só que a gente está fazendo umas apostas altas aí. Tá escutando? Grandes, grandes apostas. E por isso não dá pra dar mole pra esses *grandes bostas* – China riu, deixando Parker sem nada para dizer.

Parker ficou de quatro para apalpar o caminho de volta para seu próprio buraco, deixando China na completa escuridão. China passou o resto da sua guarda, e até o tempo de guarda do seu colega de tenda, tentando descobrir como lidar com a situação. Tinha que acabar com a importância de algo tão banal quanto um corte de cabelo. Cassidy parecia o alvo mais provável. Cassidy, não o corte de cabelo, era a chave da situação. Ele falaria com os irmãos logo de manhã cedo, antes da patrulha.

China realmente falou com os irmãos logo de manhã. Mellas, preocupado, o observou. Quando o tenente desceu, a fim de se juntar ao primeiro esquadrão para a patrulha, o Toupeira estava notadamente atrasado, ainda limpava a metralhadora à vista do esquadrão todo, tirando sujeirinhas minúsculas. A corda pesada pendia do pescoço cor de café.

O Toupeira, que tinha um metro e noventa e era muito musculoso, não parecia uma toupeira. Recebera o apelido durante a operação DMZ. O esquadrão de Connolly havia sido cercado e o Toupeira se movimentara tão perto do chão, atrás de rochas e arbustos para atingir o flanco do inimigo, que o resto do esquadrão era capaz de jurar que ele havia cavado um túnel. Ele atacara o ENV, matando dois e fazendo os outros fugirem. O chefe o havia colocado na lista para receber uma Estrela de Bronze.

– Vai passar talco também, Toupeira? – Mellas perguntou, tentando manter alguma leveza na voz.

O Toupeira continuou limpando a arma.

– A arma precisa de carinho, senhor – ele resmungou –, especialmente

quando a gente não recebe todas as porras das partes que a gente pede.

Mellas ficou de cócoras perto dele.

– Está puto com alguma coisa, Toupeira?

– Não, senhor. Só estou fazendo meu trabalho.

O Toupeira examinou o pesado receptor da sua arma. Sem querer confrontar o problema do corte de cabelo, Mellas olhou para o relógio.

– Escuta, Toupeira, já estamos cinco minutos atrasados. Se esforça pra acabar logo, ok?

O Toupeira resmungou e encaixou o sistema de alimentação de munição.

Mellas se juntou a Connolly, Vancouver e também a Daniels, o agente avançado de artilharia. Com eles estavam o pastor-alemão, Pat, e o cabo Arran, que cuidava de Pat. Todos verificavam suas armas, ajustando tiras, guardando partes favoritas da ração C nos bolsos para o almoço e tomando os últimos goles de água antes de fecharem seus cantis – todos os rituais nervosos que são feitos para controlar a mente em face da morte iminente.

Mellas sentiu uma onda de orgulho por Vancouver estar em seu pelotão. Embora na época não soubesse quem era Vancouver, ele se lembrava claramente da primeira vez que se encontraram. Havia sido na BCV, enquanto ele esperava um helicóptero que o levaria com Goodwin para o Matterhorn. Eram na maioria dias de chuviscos frios, monotonia e energia nervosa, passados entre pilhas de caixas de ração C moles de tanta umidade e o cheiro do combustível JP-4 e dos canos de vazão de urina enfiados no barro pastoso. Mas Mellas poderia ter passado o resto da vida deitado ali na lama. A esquálida zona de pouso da BCV era um lugar onde ele podia permanecer vivo, onde a temida selva ainda era um destino futuro, além da rampa do helicóptero. Na BCV, era possível observar os helicópteros decolando sem você. Lá, você nunca tinha que atravessar o portal de alumínio escuro para o terror desconhecido da selva.

Mesmo assim, por volta do meio da tarde, até Goodwin estava cansado de tanto tédio e tanta chuva. Todos eles cochilavam na luminosidade acinzentada, a garoa caía sobre eles, entontecidos pela espera e pelo desejo

de esquecer aquilo pelo que estavam esperando. Aí a monotonia foi quebrada.

Um fuzileiro saltou sozinho da traseira de um helicóptero que estava chegando e andou devagar pela zona de pouso na direção da estradinha de terra que levava à área dos fundos do regimento. O fuzileiro tinha um metro e noventa e dois ou noventa e cinco, mas sua altura não chamava tanta atenção quanto a sua metralhadora M-60 de cano serrado, pendurada por dois cintos de tecido jogados por cima do ombro. Uma M-60 geralmente requeria dois homens para ser operada. O livro dizia uma equipe de três. Uma empunhadura rústica havia sido soldada no cano para que o fuzileiro controlasse o coice sem apoiar a arma em um bipé. Duas latas de munição de metralhadora balançavam encostadas no seu peito, penduradas nos ombros. Além de todo esse peso, Mellas calculou que ele devia também carregar o equipamento usual do fuzileiro na selva: material para dormir, comida, roupas extras, granadas de mão, livros, cartas, revistas, ponchos para se abrigar da chuva, pá, minas claymore, barras de explosivo C-4, foguetes de sinalização para as armadilhas, um fogão feito à mão, fotos de namoradas, artigos de higiene, repelente de inseto, cigarros, equipamento de limpeza de rifle, lubrificante WD-40, jarras de café em pó liofilizado e talvez um pacote ou dois de ração desidratada: comida liofilizada planejada para ser consumida durante patrulhas de longo alcance, mas em geral reservada pelos fuzileiros para ocasiões especiais. Na cabeça do fuzileiro havia um chapéu de selva australiano, com a aba esquerda virada. O cabelo loiro emaranhado, descolorido de tanta sujeira, aparecia por debaixo. Seu uniforme era um amontoado de buracos e imundície. Uma das pernas da calça tinha sido arrancada logo abaixo do joelho, deixando descoberta uma pele branca repleta de mordidas infectadas de sanguessugas e feridas de pele da selva. Suas mãos, seu rosto e seus braços também estavam cobertos de feridas de pele da selva e de pústulas abertas. Dava para sentir o cheiro quando ele passava. Mas ele andava como se a ZP pertencesse a ele, parecendo ignorar os cinquenta quilos ou mais que carregava. Era um fuzileiro da selva, e Mellas queria muito ser exatamente como ele.

O que Mellas não sabia, mas ficara sabendo então, era que Vancouver tinha feito a troca usual pelas roupas mais gastas do seu pelotão – ele

receberia roupas completamente novas nos fundos do regimento – e que o tenente Fitch, agindo de acordo com a recomendação de Fredrickson, o havia mandado para a BCV a fim de se livrar da sua uretrite não específica. Vancouver havia contraído esse problema médico quando a companhia estava na BCV algumas semanas atrás, esperando o transporte para a próxima operação. Em vez de permanecer onde devia ficar, ele havia escapado uma noite e atravessado sete quilômetros de território não protegido, até uma aldeia Buru perto de Ca Lu. Havia um boato de que Vancouver havia se casado em segredo com uma garota de lá.

A memória de ver Vancouver na BCV deu a Mellas um desejo profundo de estar de volta à relativa segurança do campo Vandegrift. Na BCV, o Matterhorn parecia o campo de batalha. Agora, o próprio Matterhorn parecia a BCV. No vale longínquo abaixo de Mellas, havia trilhas invisíveis, ligando campos de base com depósitos de suprimentos, atravessando nos dois sentidos a fronteira do Vietnã do Norte e do Laos: uma rede parecida com uma teia de aranha carregando suprimentos e substituições para as operações do ENV contra os centros populacionais no sul e ao longo da costa. O objetivo do batalhão era detê-los. Logo, ele sabia, estaria lá embaixo – sem perímetro, sem bateria de artilharia, sem zona de pouso, sem Matterhorn. Na verdadeira selva.

A atenção de Mellas voltou de súbito para o momento presente. Estavam saindo em outra patrulha de rotina para proteger a bateria de artilharia.

Quando o Toupeira terminou de limpar sua metralhadora, foi até Connolly e fez um gesto com a cabeça. Connolly entrou em atividade, chamando, por ordem, as equipes de artilharia que iam à patrulha. Vancouver se moveu em silêncio na direção do labirinto intrincado que era a única saída por entre o arame farpado. Skosh, normalmente o operador de rádio de Bass, ficara o tempo todo sentado em um toco de árvore com os olhos fechados. Ele se ergueu e se juntou a Mellas atrás da primeira equipe. Ele e Hamilton haviam trocado de serviço para aliviar o tédio. O cão farejador, Pat, inspecionou cada fuzileiro à medida que eles iam passando,

memorizando o cheiro. Uma vez na selva, Pat ficaria alerta para cada odor diferente. Arran dizia que Pat podia memorizar muito mais de cem aromas.

Em cinco minutos, tinham descido o morro íngreme para dentro da selva, longe da sujeira, do arame farpado, do lixo e da lama na qual nada crescia. Um pássaro cantava. Ouviram suas asas quando ele voou para longe do caminho do esquadrão. O teto de galhos se erguia muito acima deles, de trinta a quarenta e cinco metros, e bloqueava a luz do sol, deixando o esquadrão na sombra. E continuaram descendo, como mergulhadores em um mar verde cinzento.

Pat ficou alerta quase imediatamente, mas tanto Mellas quanto o cabo Arran esperavam pelo primeiro dos três postos avançados, compostos por dois homens, que ficavam fora do perímetro de segurança durante o dia. O esquadrão passou em silêncio por Meaker e Merritt, do segundo pelotão, cumprimentando-os somente com sorrisos. O serviço de posto avançado, ou PA, era tranquilo, exceto pelo fato de que o PA corria o grande risco de ser sacrificado avisando a companhia de um ataque.

O esquadrão continuou a descer a trilha. O PA desapareceu atrás deles. Cerca de dez minutos depois, Arran apoiou um joelho no chão, com a mão nas costas trêmulas de Pat, tentando interpretar a mensagem do cachorro. O esquadrão parou e todos ficaram tensos, olhando para os lados da trilha. Arran apontou para a direita da trilha e depois para baixo. Mellas ergueu uma sobrancelha para Connolly, que assentiu. O tenente ergueu o dedão – Ok –, e Connolly deu um tapinha no ombro do garoto na frente dele e apontou para a direita. O esquadrão saiu da trilha que seguia a crista sinuosa e começou a descer com dificuldade um barranco íngreme que acabava no chão do vale. De repente, estavam cercados por bambu. O alto do bambuzal ficava a cerca de um metro acima das suas cabeças, e eles tinham que avançar com muito cuidado, tirando galhos verdes do caminho a fim de construir um túnel para atravessar a sólida massa verde.

Vancouver, no ponto, começou a ir longe demais em direção ao fim do barranco. Mellas jogou uma pedrinha em Connolly, que se virou. Mellas fez um sinal de negativo para ele e apontou para o alto do morro. A mensagem foi passada até Vancouver, e o esquadrão parou de descer o barranco até a depressão, ficando na metade do caminho, na encosta que ia dar no vale.

Descer até uma depressão era convite para uma emboscada.

Fez-se um sinal para o uso de facões. Um foi passado por trás de Mellas e logo todos podiam ouvir a pancada seca da lâmina quando um emaranhado que bloqueava o caminho era rompido para que o esquadrão pudesse se mover de novo. A cada som os rifles eram apertados com mais vigor, e olhos e ouvidos eram forçados um pouco mais. Finalmente o som cessou. O esquadrão começou a avançar de novo, todos prontos para atirar ao menor barulho ou movimento na selva.

O esquadrão rastejou, deslizou, suou e resmungou pelo caminho todo através da selva escura. Facões tiveram que ser passados adiante de novo. Mais uma vez as pancadas surdas das lâminas foram ouvidas até o fim da linha. Garotos mordiam os lábios inferiores, mexiam nas travas de segurança para um lado e para o outro. Mas sem os facões eles não podiam avançar, nem voltar para a segurança do perímetro.

Connolly substituía a equipe de artilharia que ia na frente à medida que cada equipe ficava exausta com a tensão de estar no ponto e com o trabalho de escravo de usar os facões. Todos, até Mellas, tiveram que usar um facão. Mellas sabia que era tolice ele fazer isso – prejudicava o controle tático –, mas queria mostrar que era solidário ao fardo de todos. Estava dolorosamente consciente de que o esquadrão podia ser ouvido a centenas de metros de distância, mas a patrulha estava indo para certos pontos de inspeção a fim de ter certeza de que o ENV se mantinha bem longe das trilhas de aproximação do Matterhorn. Aquele trabalho braçal todo permitia à patrulha cumprir a sua missão sem passar por trilhas estabelecidas, nas quais as chances de sofrer uma emboscada eram muito maiores. Como estava descobrindo agora, nenhuma estratégia era perfeita. Todas as escolhas eram ruins de algum modo.

Em poucos minutos, as mãos de Mellas estavam em carne viva e com bolhas, seu braço parecia pesado. Durante todo o tempo gasto abrindo caminho com o facão ele se sentia nu, consciente de que o rifle estava na mão esquerda e de que seu dedo não estava no gatilho. Se atirassem nele, teria de rezar para que o garoto às suas costas acertasse o inimigo. Finalmente, depois de uma eternidade, alguém lhe deu um tapa no ombro e ele foi para trás de Connolly, onde Skosh estava com o rádio. Mellas suava

profusamente, tanto pelo esforço quanto pelo medo. Uma voz em sua cabeça começou a zombar dele, perguntando por que diabos qualquer ENV estaria no meio desse bambuzal no qual tinham caído.

Duas horas mais se passaram antes que conseguissem sair do bambuzal e voltar à relativa facilidade de uma caminhada na selva, suando, matando insetos, apalpando o caminho, tão cegos quanto as sanguessugas contra as quais lutavam a real guerra. O tenente Fitch pedia re-pos – relatório de posição – a cada vinte minutos mais ou menos. Mellas obedientemente entrava em contato por rádio, sentindo-se frustrado e inútil porque os relatórios quase não mudavam. Em duas horas, a patrulha havia avançado talvez uns trezentos metros.

Em um instante o tédio e o cansaço foram arrancados dele, deixando no lugar um terror limpo e frio.

Connolly mergulhou na terra à frente de Mellas. Skosh fez o mesmo antes que Mellas pudesse sequer dobrar os joelhos. O esquadrão inteiro estava estendido no solo, alternando os rifles de lado por toda a extensão da linha, como havia sido treinado. Connolly olhou para frente com atenção fixa, depois começou a se curvar e se retorcer, apoiado na barriga e nos antebraços, para poder recuar até Mellas. Ele virou e levantou três dedos, depois levantou uma mão aberta com uma expressão inquisitiva no rosto. Pelo menos três, talvez mais. O coração de Mellas começou a latejar dolorosamente em sua garganta. Estava tentando lembrar o que haviam dito para ele em Quantico. Sua mente parecia vazia. Connolly continuou se contorcendo, recuando mais ainda na linha. Mellas não via mais ninguém. Completamente sozinho. Completamente sozinho, e talvez prestes a morrer.

– O Pat está de alerta – Connolly sussurrou. – O Arran acha que são pelo menos três viets, pelo jeito do Pat. Provavelmente mais.

– Talvez seja a equipe de metralhadora – Mellas sussurrou, pensando: "Por que eu?".

Connolly encolheu os ombros.

– O que a gente faz, tenente?

Mellas não tinha a menor ideia.

Queria usar o rádio para perguntar isso a Bass e Jawhawk. Ao mesmo tempo, sabia que essa ideia era ridícula. Sua mente examinava as

possibilidades tão rapidamente que ele se sentia tonto. Enquanto isso, Connolly esperava, de boca aberta, que Mellas aparecesse com um plano de ação. Se fossem somente três, ele poderia mandar o esquadrão em linha e matar todos; se fosse um PA de três homens, um posto avançado de uma unidade maior, essa unidade podia ser qualquer coisa, de um pelotão até uma companhia; se avançasse com o esquadrão, eles mergulhariam de cara em um problema sério e teriam sorte se alguém escapasse vivo. Por outro lado, se fossem somente três, não haveria desculpa para não ir atrás deles. Mas alguém provavelmente acabaria morto. Poderia ser Mellas, a menos que mandasse duas equipes de artilharia sem ele. Mas o que os outros achariam disso? Ele teria que ir. Mas daí *ele* poderia acabar morto. Eram somente três. Como é que ele podia ter medo disso? As chances todas estavam a seu favor. Mellas de repente viu a si mesmo e os catorze membros do esquadrão alinhados contra um muro, de frente para um esquadrão de fuzilamento de quinze homens, só um dos quais com uma bala no rifle. As chances ainda assim seriam favoráveis. Mas e se essa única bala o atingisse? De repente ele percebeu que cálculos de probabilidade não significavam nada quando tudo estava em jogo.

Mellas decidiu assumir que era o posto avançado de um grupo maior, até obter mais informações. Isso significava que ele tinha que investigar. Seu treino assumiu o controle. Sua mente começou o inventário das armas disponíveis.

– Montar a metralhadora – ele sussurrou para Skosh.

A mensagem alcançou garotos que estavam invisíveis deitados no chão da selva.

– Monta ela aqui – Mellas sussurrou para Connolly. – Põe o Vancouver com a metralhadora dele a cinquenta metros dela.

– Ele não vai gostar.

– Foda-se. Manda uma equipe de artilharia dar a volta pela esquerda. Nós cobrimos com o Toupeira se eles se meterem em encrenca. Quem você quer que vá?

Agora era a vez de Connolly brincar de Deus, aos dezenove anos de idade. Ele fechou os olhos.

– Rider.

E assim alguns são escolhidos para morrer jovens.

Mellas se virou para Skosh.

– Chama o Rider.

Skosh rastejou de costas até o próximo homem e repetiu.

– Rider – e a mensagem foi passada adiante.

– O seu lançador de granada tem algum cartucho? – Mellas perguntou para Connolly.

Connolly ergueu três dedos.

Mellas disse um palavrão em voz baixa. Os cartuchos, tão úteis na selva onde nada podia ser visto, estavam sempre em falta. Os homens do lançador de granadas M-79 os guardavam como avarentos.

– Ele vai com a equipe.

Connolly concordou.

– Monta a arma de um jeito que o Rider possa voltar sem se meter em problema. Eu vou e pego ele.

– E a artilharia? – Connolly perguntou.

Mellas sentiu o estômago se remexer de repente. Tinha se esquecido dela.

– Eu falo com o Daniels na volta – ele disse, mantendo as aparências.

Connolly fez um sinal de positivo com o polegar e começou a rastejar até a pessoa mais próxima para estabelecer o perímetro.

Mellas passou por Skosh.

– Fica junto do Connolly. Eu vou ficar com o Daniels e estar na frequência da artilharia se o Six precisar de mim.

Mellas continuou a rastejar pela linha de rostos profundamente inquisitivos.

– Três viets. Talvez mais. O Connolly vai falar com vocês – Mellas murmurou várias vezes, o tempo todo fazendo gestos para que se movessem para frente. Encontrou o Toupeira com Young, seu artilheiro assistente, seguindo adiante, ambos suando muito. O Toupeira tinha uma expressão sombria. Young deu um sorriso fraco enquanto arrastava a pesada munição da metralhadora ao lado dele no chão, esforçando-se muito para conseguir se movimentar sem fazer barulho.

– Você cobre o Rider – Mellas sussurrou para o Toupeira. – Fala com o

Connolly.

O Toupeira fez que sim com a cabeça, prosseguindo seu longo rastejar com a grande arma aninhada nos braços enquanto avançava. Rider veio rastejando atrás do Toupeira e de Young, com o rosto brilhando, seus olhos mostrando algum descontrole. Os dois garotos assustados da sua equipe de artilharia rastejavam atrás dele. No entanto, ninguém duvidava que eles fariam o que fosse mandado.

– Três viets – sussurrou Mellas. – A gente tem que descobrir se tem mais. Pode ser um PA. Diz pro Connolly que eu mandei você levar o Gambaccini e o M-79 dele com você.

Rider molhou os lábios e deu uma olhada rápida para os dois companheiros. Um deles fez um sinal com a cabeça. O outro olhava para a selva como se a intensidade do seu olhar pudesse revelar o segredo dela. Mas a vegetação não revelava nada. O segredo só podia ser descoberto se eles rastejassem para dentro da selva e o vissem de perto.

Rider assentiu e apontou para cima do morro, olhando para sua equipe. Os três rastejaram para frente da coluna, desaparecendo quase imediatamente. Mellas continuou a descer a linha, mandando rapazes avançarem para formar o perímetro.

Daniels se arrastou até ele, seu rádio deslizando desajeitadamente de um lado para o outro nas suas costas.

– O ângulo é realmente uma merda para a Bateria Golfe – Daniels sussurrou. – O morro fica entre eles e os viets. O 105 vai ter que atirar quase na vertical pra atingir eles na vertical também, num arco bem alto, mas eles não conseguem levantar o cano tanto assim. Se atirarem numa trajetória reta, vão acertar o lado da frente do morro ou passar por cima do alvo. Acho que você devia usar os sessentas da companhia. Os cartuchos têm um décimo do peso, mas vão acertar o alvo. Estou com eles aqui na rede.

Mellas concordou com a cabeça, agradecido pela prudência de Daniels.

– Ótimo – ele disse.

Daniels continuou a avançar, ao mesmo tempo em que torcia o botão da frequência para dizer à bateria que esperasse, pois ele usaria os morteiros; depois, mudou de frequência de novo e começou a falar com o

esquadrão de morteiros da companhia. Mellas e Daniels encontraram Vancouver deitado na frente deles, sua própria metralhadora aninhada em um galho podre. Skosh se arrastava na direção de Mellas, segurando o bocal do rádio. Mellas o segurou, esperando Daniels terminar com os morteiros. Percebeu que a equipe de artilharia de Rider, assim como Gambaccini e seu lançador de granadas M-79, já tinha ido.

– É o chefe – sussurrou Skosh.

– Preciso de um re-pos – disse Fitch. – Câmbio.

– Não nos movemos um centímetro desde a última vez – Mellas sussurrou. – Câmbio.

– Bravo One, quero um re-pos. Entendido?

– Aguarde.

As mãos de Mellas tremiam enquanto ele procurava o mapa. A selva tornava impossível ver qualquer ponto de localização. Tentou se lembrar do terreno pelo qual tinham passado e calcular as distâncias. Era como navegar debaixo d' água. Espetou um dedo no lugar mais provável, ainda sentindo que era o mesmo por onde ele tinha passado da última vez. Olhou para Daniels, erguendo as sobrancelhas. Daniels moveu o dedo para um ponto no seu próprio mapa, que tinha suas marcas peculiares a lápis e suas dobras, já que não confiava no mapa de mais ninguém. Olhou para onde Mellas estava apontando no mapa dele. Sinal de positivo. Mellas deu a posição pelo rádio. Se estivesse errado, as balas poderiam atingir a equipe de Rider, ou eles mesmos, no lugar do inimigo.

Fitch saiu da conversa e deixou o cabo Devon, o líder do esquadrão de morteiros de 60 mm, voltar para a rede.

Daniels começou a falar.

– Bravo Whiskey, Bravo One One, missão de artilharia. Câmbio.

E Mellas não tinha nada para fazer.

Sentou-se, enquanto Daniels transmitia as informações da missão. Percebeu que havia formigas no chão onde haviam parado. Mal podia ver as costas de alguns dos garotos deitados além da folhagem. Um pássaro trinou. Ele não sabia se tudo não passava de um exercício idiota.

O som da pancada das balas dos morteiros saindo do cano das armas o perturbou. Tinham andado tantas horas que estava surpreso de ouvir o som

da tubulação tão perto. Houve um zunido súbito e um som alto de explosão quando as balas de 60 mm caíram quase verticalmente. Os sons chegaram abafados e pareciam vir de muito longe. Mellas se perguntou se haviam lido o mapa de modo errado.

– Direita cinquenta. Solta cem – Daniels sussurrou, corrigindo a posição só pelo som. A segunda salva caiu bem na crista acima deles. Os sons aumentaram dez vezes, deixando de ser abafados pela terra. Daniels pediu quatro salvas. Depois, ajustou a posição para a direita e pediu mais quatro. Mellas estava admirado: tudo era mecânico, no entanto pessoas estavam, provavelmente, morrendo.

Pat estava deitado em silêncio perto de Arran, que estava sentado em um tronco. O cachorro respirava pesadamente e, por isso, parecia sorrir. Suas estranhas orelhas avermelhadas estavam bem eriçadas.

O rádio murmurou algo. Skosh deu o bocal para Mellas.

– Eu preciso saber o que está acontecendo com o time de basquete – era Fitch, usando o código de rádio para um time de artilharia. – O Big John Six quer saber. E o Golfe Six também quer saber por que ele está parado e não ajudando na missão. Câmbio.

– Diz pra ele que o personagem Delta acha que o ângulo é ruim. Estamos escondidos por uma crista e os morteiros têm mais chance de atingi-los. E eu não posso ir lá e perguntar pro time de basquete qual o placar do jogo porque eu não sei exatamente onde eles estão. O que é outro motivo pra gente não querer a artilharia por enquanto. Câmbio.

Fitch voltou rindo.

– Ok. Me informa assim que der. Six desligando.

Uma formiga mordeu Mellas, que reprimiu um berro. Percebeu que Pat empurrava as patas no chão, inclinando a cabeça para trás como se quisesse manter as formigas à distância. Vários dos rapazes borrifavam repelente de inseto no rosto e nas pernas. Olhou para o relógio. Só cinco minutos haviam se passado. Mais balas de morteiro se espatifaram na selva; as explosões moviam o solo embaixo deles e, mesmo assim, de algum modo ainda pareciam distantes. Mellas tentou dar um tapa em uma mosca e errou. Ela circulou e foi pousar em Skosh, que fez exatamente a mesma coisa. Mais dois minutos se passaram. Daniels mandou os morteiros esperarem um

pouco. Um dos garotos movia cautelosamente a perna para frente e para trás, provavelmente tentando fazer o sangue voltar para um pé adormecido. A mosca pousou em Mellas de novo. Daí a selva se rompeu.

Foi como se alguém houvesse rasgado uma lâmina de som sólido. Os M-16, postos no automático, gritaram, fazendo Mellas se encolher e fechar os olhos. A poucos metros na sua frente, ele podia ouvir o martelar mais lento e mais sólido do calibre maior das AK-47 do ENV. Mellas, que havia enterrado o rosto no chão, ergueu os olhos, tentando descobrir, através da selva, de onde o som se originava. Explosões curtas dos M-16 mais leves e mais rápidos da equipe de artilharia de Rider se fizeram ouvir; elas se alternavam quando um atirador de rifle tomava o lugar de outro que armava um novo carregador. Os gritos desencontrados dos M-16 no automático respondiam às pancadas mais lentas e pesadas das AK-47. As balas destas estouravam acima das suas cabeças, partindo galhos no meio. Folhas, cascas e farpas choviam nos capacetes e nas costas dos homens. Ouviram um som curto de explosão seguido quase imediatamente pela pancada de uma explosão muito mais forte quando Gambaccini lançou uma carga de granadas. Acima de onde estavam no morro, alguém gritava. Ouviram o som de coisas se despedaçando na selva. O rádio berrava.

– Mas que porra está acontecendo aí? Estão sendo atacados? Câmbio.

Mellas mal podia falar por causa do sangue pulsando na garganta. O ar estava caótico com o som agudo das armas automáticas.

– Negativo – Mellas não percebeu que estava gritando. – É o time de basquete. Câmbio.

– Onde eles estão? Me dá o re-pos. Câmbio.

A voz de Fitch acalmou Mellas, que tinha que cobrir um ouvido com a mão para escutar o que Fitch dizia.

– A cerca de vinte e cinco metros na direção de zero-quatro-cinco. Talvez menos. Não sei. Não dá pra ver porra nenhuma. – Mellas disse, com as palavras saindo aos arrancos.

– Prepara sua equipe de artilharia. Quer os sessentas caindo mais perto? Câmbio.

– Negativo – Mellas se esforçou para respirar. – Não sei onde a equipe está – disse esbaforido. – O personagem Delta vai entrar na rede da

artilharia agora. Câmbio.

Mellas estava estupefato com a rapidez de tudo. Havia sido tudo tão metódico e fácil. Agora, nem sabia dizer de onde os tiros vinham. Era melhor esperar pelo Rider ou ir atrás dele? As perguntas pulavam na sua cabeça, mas nenhuma resposta aparecia. Decidiu ficar por lá mesmo.

Uma bala de AK-47, com energia suficiente apenas para continuar se movendo depois de sair de um arbusto cerrado, passou por cima da cabeça de Mellas com um lamento agudo e se perdeu na vegetação densa atrás dele.

Depois houve silêncio. Foi como se a última explosão atordoante tivesse matado todos os sons. Todos respiravam aceleradamente. O Toupeira enfiava os dedos dos pés na terra atrás da metralhadora, a coronha pressionando o ombro, e olhava pelo cano como se tentasse atravessar a selva com os olhos.

Não havia mais sons vindos da floresta.

Mellas se arrastou para perto de Connolly e sussurrou:

– Nós temos que entrar em contato com o Rider.

Connolly concordou com a cabeça. Juntou as mãos perto da boca e chamou, num sussurro quase estrangulado: "Rider?". Sua voz foi carregada pelo silêncio como um jato de luz atravessando uma caverna escura. Nenhuma resposta. Um inseto começou a zumbir de novo.

– Rider, pode voltar. Chama o meu nome quando chegar perto pra gente saber que é você – Connolly se voltou para Mellas. – Ele não pode gritar de volta, senhor.

O rádio chiou com estática. Mellas sabia o que ia acontecer.

– Aqui é o Bravo Six. Precisamos de um re-sit. O Big John está que mal consegue engolir. Câmbio.

– Six, aqui é o One Real. Nenhuma mudança ainda. Câmbio.

Houve uma longa pausa. Fitch sabia tão bem quanto todo mundo que, no momento, sair procurando por Rider seria uma loucura. Ele atiraria em qualquer coisa que se movesse. E qualquer ENV que estivesse ali faria a mesma coisa. O rádio chiou de novo.

– Entendido. Mas você tem que me dar um re-sit o mais rápido possível. Câmbio.

– Entendido. Estamos preparando. Câmbio.

– Entendido. Bravo Six, desligo.

Três longos minutos se passaram. Foi quando ouviram um barulho entre os arbustos. Rifles se moveram ao mesmo tempo, concentrando-se em um único som. A mão de Connolly estava erguida, detendo o fogo. Um sussurro atravessou a vegetação.

– Connolly?

Os rifles relaxaram.

– Aqui – Connolly sussurrou em resposta.

Uma breve comoção se seguiu, e Rider veio rastejando para dentro do perímetro, agachado bem baixo, seguido pelos dois membros da sua equipe e por Gambaccini com o M-79 ainda soltando fumaça pelo cano. Eles se jogaram no solo.

Rider se arrastou até Mellas. Respirava pesado. Seu rosto tinha riscos de pó e suor. A camisa do uniforme fedia.

– Dois viets – ele disse. – Talvez mais. A gente se viu ao mesmo tempo – seu peito se encheu, tentando absorver mais ar. – Nós dois atiramos. Nos jogamos no chão. Atiramos pra tudo quanto foi lado. Acho que acertei uma. O inimigo di-diu.

– Pra que lado?

Rider sacudiu a cabeça em negativa.

– E eu lá sei? Desceu o morro.

– Então é pro sul – Mellas disse, tirando seu mapa. Ele fez o esquadrão recuar enquanto Daniels mandava fogo de artilharia e morteiro nas áreas ao sul e ao leste de onde estavam, controlando os obuses de 105 mm pelo seu próprio rádio e os morteiros de 60 mm pelo de Skosh. Cerca de quinze minutos depois o esquadrão avançou para a área bombardeada, todos alertas, Pat tremendo de excitação, mas sob o completo domínio de Arran.

Pat encontrou uma pista e começou a segui-la. O esquadrão seguiu o cão morro abaixo na direção do vale. Tiveram que atravessar vegetação cada vez mais fechada, de vez em quando vendo um arbusto estourado, um galho quebrado de árvore ou terra removida pela artilharia. Além desses pequenos sinais e do cheiro dos explosivos, a missão de fogo e a luta de meia hora não haviam deixado nenhuma marca na selva. Os fuzileiros

começaram a se sentir cansados.

O rádio explodiu.

– Bravo One, aqui é o Bravo Six. O Big John quer um relatório pós-luta. Ele não consegue esperar mais. Ele tem que falar com o Guerrilheiro Six aí. E o Golfe Six também está no meu cangote querendo saber como a artilharia dele se saiu. Câmbio.

– Aguarde – Mellas disse. Ele suspirou, segurando o bocal na frente da boca, pensando. Mellas queria acreditar que algo havia acontecido, algo bom que ele pudesse reportar no relatório. Haviam disparado balas durante um quarto de hora. Rider havia feito um serviço incrível ao verificar o alerta. Ninguém tinha se machucado. Fora um bom trabalho. Mellas queria acreditar que tinham se saído bem. Como ele queria isso, ele acreditou.

– Bravo Six, aqui é o Bravo One. O personagem Romeu tem certeza de que acertou um quando atirou. Ele só viu dois viets, mas pelo barulho tinha que ter mais. Nós, com certeza, temos um provável. Câmbio.

Houve uma pausa.

– E o resultado dos danos causados pela artilharia? Câmbio.

Mellas olhou para Skosh, que sacudiu a cabeça e cuspiu, ainda inclinado para frente.

– Eu não sei. Sou só o cara do rádio.

Connolly falou:

– Dá pra eles um provável e tira a porra da artilharia do pescoço do chefe. Eles nunca vão parar de encher o saco se a gente não fizer isso, senhor.

– Eu não posso dar um provável pra eles, porra – Mellas disse. – Que prova eu tenho?

– Eles não precisam de prova. Eles precisam de um exame do estrago causado pela artilharia. Fala que tem rastro de sangue por toda parte aqui. Eles sempre gostam disso.

Mellas olhou para Daniels, que ergueu as duas mãos, mostrando as palmas, e encolheu os ombros. Não estava nem aí.

Mellas apertou o botão do rádio.

– Bravo Six, aqui é o Bravo One Real. Nós temos um provável. É tudo. Câmbio.

Ele não ia mentir só para que um oficial de artilharia se sentisse bem.

Foi assim que o único provável virou um fato. Fitch informou o batalhão. O major Blakely, oficial de operações, assumiu o provável como confirmado para o batalhão, porque Rider disse que viu o homem no qual havia atirado ir para o chão. O comandante da bateria de artilharia, no entanto, deu os créditos à sua unidade. Os registros tinham que mostrar dois ENV mortos. Logo, mostraram. Mas no regimento isso pareceu estranho – duas mortes e nenhum provável. De modo que um provável foi adicionado. Era uma estimativa conservadora. Era uma questão de bom-senso assumir que, se você tinha matado dois, do jeito que o ENV recolhia os corpos, tinha que haver mais prováveis. Parecia igualmente razoável para o comandante do batalhão da artilharia: quatro confirmados, dois prováveis, que era o que os oficiais repetiriam para o coronel Mulvaney, o oficial comandante do Vigésimo Quarto Regimento de Fuzileiros, durante o *briefing* do regimento. Na altura em que isso chegou a Saigon, no entanto, os dois prováveis haviam virado confirmados, mas não fazia sentido ter seis mortos confirmados sem nenhum provável. Logo, quatro desses foram adicionados. Agora parecia certo. Dez ENV mortos e ninguém ferido do nosso lado. Um dia de trabalho formidável.



CAPÍTULO

O coronel Mulvaney, comandante regimental, caminhou solenemente pelo corredor entre os capitães, majores e tenentes-coronéis, que permaneciam em atenção, esperando que ele alcançasse o lugar vago na frente das fileiras de cadeiras desdobráveis. O ar úmido na tenda cheirava a naftalina. Quando alcançou sua cadeira, Mulvaney direcionou um grunhido para o major Adams, que rispidamente pediu aos homens que se sentassem.

Mulvaney pegou as folhas do *briefing* que haviam sido deixadas na sua cadeira e passou os olhos por elas. Sua mente estava na discussão recente que tivera com o chefe de estado maior da divisão sobre a iminente operação combinada de contenção e procura em Cam Lo. Ela "precisa usar as tropas da ERV e as milícias locais". Ela seria "altamente conspícua e altamente política" – e, na opinião de Mulvaney, altamente desaconselhável. Ele havia sido requisitado a ceder dois batalhões. Depois dos seus argumentos veementes contra essa ideia, incluindo uma análise desbocada sobre a eficiência do ERV, o Exército da República do Vietnã, ainda assim, ele havia sido ordenado a dar dois batalhões.

O major Adams limpou a garganta. Mulvaney suspirou, relaxou o seu grande corpo no encosto da cadeira e fez um gesto com a cabeça para Adams, que imediatamente se virou para um mapa grande e apontou com uma vareta.

– O contato ocorreu hoje às onze e quarenta e sete, nas coordenadas de malha 689558, entre uma unidade de tamanho de esquadrão da Companhia Bravo Um Vinte e Quatro em uma patrulha de segurança de rotina, e estima-se que haviam de dez a quinze vietnamitas. Dois mortos confirmados, um provável. Nenhuma baixa foi relatada na Companhia Bravo. O fogo de artilharia foi pedido, resultando em dois mortos

confirmados e um provável. O tempo impossibilitou um ataque aéreo.

O major se virou para olhar Mulvaney.

Mulvaney sabia que devia fazer uma pergunta. Ele se irritava com o fato de Adams ficar dizendo Um Vinte e Quatro o tempo todo, como se depois de vinte e seis anos no Corpo de Fuzileiros ele não soubesse que a Companhia Bravo, do seu próprio regimento, estivesse no primeiro batalhão. Mesmo assim ele manteve a calma, lembrando-se de sua mulher, Maizy, que mesmo no aeroporto o fez ficar tranquilo, não só pelos homens sob o seu comando como também por sua carreira. Uma porra de uma operação combinada com os viets do sul. Ficar parado em uma aldeia de bosta enquanto os esquadrões de viets aliados entravam e batiam na oposição política civil. De novo ele se lembrou de que as pessoas estavam esperando uma pergunta.

– Alguma informação adquirida? – ele perguntou. – Armas recuperadas?

O major Adams não estava preparado para essa pergunta. Ele deu uma olhada breve na segunda fileira de cadeiras, onde o tenente-coronel Simpson e o major Blakely, respectivamente oficial comandante e oficial de operações do Primeiro Batalhão, estavam sentados inclinados para a frente, atrás de Mulvaney. Blakely, percebendo imediatamente que Adams não estava preparado para a pergunta de Mulvaney, fez que "não" rapidamente com a cabeça, com os lábios apertados. Adams, quase sem uma pausa, respondeu a pergunta do coronel.

– Negativo, senhor. Assim que o contato foi feito, a unidade do nosso lado se retirou para trazer o fogo de artilharia.

Mulvaney soltou outro resmungo. Embora tivesse acontecido um quarto de século atrás, parecia a ele que havia sido no fim de semana passado que ele mesmo havia liderado patrulhas na selva. Se fosse ele que estivesse liderando essa patrulha e tivesse encontrado uma unidade de tamanho desconhecido, podia se imaginar muito bem dando o fora da área sem se incomodar em juntar a papelada.

Dois mortos para a Companhia Bravo e mais dois para a Bateria Golfe – sem baixas – era um resultado bom o suficiente para um dia de ação. Passou pela sua cabeça que, com uma contagem de quatro mortos, talvez

fosse mais do que bom, mas decidiu não fazer nenhuma pergunta que pudesse estragar a imagem de Simpson – ou a sua mesmo, falando nisso, por não confiar nos seus oficiais. Viu que Simpson escrevia algo em uma caderneta, com o rosto ainda mais vermelho do que o habitual, e tive curiosidade de saber se Simpson ainda bebia. Quando estava na Primeira Divisão no Campo Pendleton, depois da Coreia, Simpson bebia bastante. Mas, também, quem não bebia depois daquela porra de guerra? Haviam voltado para casa como se retornassem de um exercício. Blakely ele não conhecia. Sujeito de boa aparência. Do tipo que você espera ver em uma embaixada. Muito jovem para a Coreia, logo sem experiência de combate. Não que fosse culpa dele. Mesmo assim ele gostaria que Blakely tivesse alguma bagagem. Mas sua ficha era boa. Bons relatórios de proficiência. Provavelmente morrendo para ter um batalhão. Ficar de olho nele. Viu Blakely sussurrar algo para Simpson, e de novo Simpson escreveu na caderneta.

O *briefing* de inteligência seguiu tediosamente. A leitura dos sensores havia captado algo nas coordenadas 723621. Um OA, observador aéreo, enxergou dois ENV no espaço aberto nas coordenadas 781632. Elementos da Companhia Hotel, Dois Vinte e Quatro, descobriram duas reservas de arroz de cinquenta quilos cada nas coordenadas 973560. Os pensamentos de Mulvaney se dispersaram. Por que diabos eram sempre "elementos" e não homens? Quem ele devia escolher para a ação em conjunto? Percebeu o silêncio e viu que era hora de fazer mais uma ou duas perguntas.

Depois da inteligência, veio o Three regimental falando sobre operações, daí o oficial médico, daí o fornecimento, daí o adjunto, daí a artilharia, daí o ar, daí o oficial de ligação com a Cruz Vermelha em Quang Tri, daí as perguntas do congresso e, finalmente, os comandantes dos batalhões.

Mulvaney observou com atenção a caminhada rápida de Simpson para a frente da tenda: um homem pequeno, seu uniforme de camuflagem quase desbotado, suas mãos e seu rosto vermelhos contrastando bizarramente com o material verde. Mulvaney sabia que Simpson havia sido um jovem tenente na Coreia na época em que ele mesmo estivera lá, embora não tivessem se conhecido então. Aparentemente, Simpson tinha feito um bom trabalho –

ganhou uma Estrela de Prata e um Coração Púrpura –, e seus relatórios de proficiência eram sempre excelentes. Por um lado, o seu tendão de Aquiles era que ele havia passado por um divórcio traumático, além do problema da bebida. Por outro, que inferno, divórcio e álcool não eram exatamente problemas desconhecidos entre os fuzileiros. Mulvaney observou Simpson pegar a vareta de Adams e se virar para encará-lo, esperando por um sinal para continuar. Mulvaney podia ver que, como de hábito, Simpson estava nervoso como o diabo. Dava para perceber na hora quando Simpson não tinha ideia do que estava falando.

Simpson se virou para o mapa e começou a falar. Depois de mostrar a disposição das companhias, fez uma pausa para causar efeito.

– Como se pode ver, senhor, com as companhias espalhadas formando um arco, aqui, aqui e aqui – a vareta chicoteava o mapa com força a cada *aqui*, fixando no lugar algo entre cento e setenta e cinco e duzentos fuzileiros com cada chicotada – e com a Companhia Bravo fornecendo a segurança para a Bateria Golfe aqui no Matterhorn – *tap!* –, eu considero oportuno mudar meus quartéis-generais táticos imediatamente para o Matterhorn, a fim de dirigir as operações pessoalmente. Com a Companhia Bravo fazendo contato aqui – *tap!* – e a Companhia Alfa aqui – *tap!* –, tenho certeza de que possuiremos uma unidade ENV de tamanho razoável operando nesta área. O depósito de mantimentos e munição encontrado três dias atrás pela Companhia Charlie aqui – *tap!* –, assim como o complexo de casamatas que a Alfa descobriu na semana passada aqui – *tap!* –, indicam que essa área vai ser muito produtiva em breve. Tenho a intenção de estar lá quando a porca torcer o rabo. É por esse motivo que já mandei o meu pessoal começar a planejar a mudança do meu quartel-general para o Matterhorn.

Mulvaney olhou sem expressão para Simpson. Logo quando ele estava pensando em usá-lo na operação conjunta nas planícies, o filho da puta decide bancar o caxias e ir para a porra da selva. Como se estar no meio da selva sem conseguir ver os próprios homens fosse melhor do que estar na BCV sem conseguir ver os próprios homens. Mas Mulvaney não podia falar da operação ainda. Isso deixaria seus comandantes ansiosos e se perguntando quem teria que desmontar barracas e ir para as planícies,

enquanto os sul-vietnamitas brincavam com suas aldeias devastadas de merda e o seu velho amigo e agora comandante da divisão general Neitzel dizia ao três-estrelas na chefia do Primeiro Corpo do Exército que poderia levar a informação para Abrams, em Saigon, de que os fuzileiros haviam "cooperado plenamente" com o governo da República do Vietnã.

Várias pessoas tossiram. Simpson parecia não ter certeza do que fazer e olhou para Blakely esperando alguma dica. Blakely franziu as sobrancelhas e concordou com a cabeça, de leve, assegurando-o de que era ok ficar esperando.

– Está ótimo, Simpson, ótimo – Mulvaney disse. Companhia Bravo. Procurou na memória. Companhia Bravo. A Bravo não era liderada por um primeiro-tenente bem jovem? Fitch, não era? Era ele que havia localizado o depósito de munição e todos aqueles foguetes de 122 mm na fronteira do Laos, perto de Co Roc. Agora Mulvaney se lembrava. Ele, Neitzel e alguns dos maiorais do Exército haviam voado para lá a fim de aparecer em umas fotos e Simpson havia ficado rondando em torno do grupo e sendo ignorado, enquanto os chefões se babavam todos dando tapinhas nas costas de Fitch. Talvez Simpson simplesmente não suportasse não ser o centro das atenções. Mulvaney podia muito facilmente mandar Simpson para a retaguarda se precisasse. Aquele jovem, Fitch, tinha sorte. Sorte era um dos atributos que Napoleão considerava necessários para um bom oficial. Napoleão sabia das coisas. Aquela tinha sido a segunda vez que a foto de Fitch aparecia no jornal militar *Stars and Stripes.* A primeira foi logo depois de ele ter assumido a companhia com a saída de Black, quando este perdeu a perna. O garoto havia conseguido tirar a companhia de um verdadeiro sanduíche de merda lá na DMZ. Nossa, foi muito azar Black perder a perna. Um bom oficial de carreira. Fitch era um reservista, se Mulvaney recordava direito. Porra, são quase todos reservistas agora. Os regulares estavam todos sendo mastigados vivos por essa... essa *coisa* aqui. Mesmo assim, o garoto *era* sortudo. Até agora. Quanto à vontade súbita do Simpson de ir para o meio da selva, nunca era má ideia incentivar quem mostra iniciativa, mesmo se esta vinha em um momento inoportuno. E Simpson talvez tivesse razão. Aquele arco de lutas recentes... Talvez ele pudesse chegar a um meio-termo, tirar só duas companhias de Simpson.

Quem podia saber, ou se importar, se Simpson estava indo lá para controlar melhor seus homens ou só pra aparecer? Na guerra, o que importava eram as ações, não os motivos. – Só vê se não morre metralhado por nenhum viet quando voar pra lá, Simpson.

Mellas encontrou Hawke passando café, com seu copo amassado, em um fogão improvisado com uma lata de três litros. Usava os tabletes de aquecimento, que mesmo à distância fizeram arder as narinas de Mellas.

– Eu queria recomendar o Rider e a equipe dele pra algum tipo de medalha – disse Mellas. – Eles fizeram um trabalho excelente hoje.

Hawke não respondeu na hora. Estava observando as bolhazinhas que se formavam no fundo do copo e limpando as pequenas manchas causadas pelo tablete de aquecimento.

– A gente não está na Força Aérea, Mellas.

– Não diga. A gente fez um trabalho excelente hoje lá fora – assim que disse isso, Mellas percebeu que tinha falado demais. Sentiu seu rosto começar a ficar vermelho. – Eu não quis dizer...

– O caralho que não quis dizer.

Hawke levantou os olhos rapidamente para Mellas, os quais brilharam por um momento. Voltou a olhar a lata. Mellas sabia que Hawke estava prolongando seu embaraço de propósito. Daí, sem erguer os olhos, Hawke disse:

– Olha, Mellas, na Marinha ou na Força Aérea eles dão medalha por coisas que aqui, nos fuzileiros, a gente considera que eram apenas o nosso trabalho. Nos fuzileiros, você só ganha medalha se for mais corajoso do que só fazer o seu trabalho – daí olhou para Mellas. – Você se mete numa situação em que acaba ganhando medalha porque teve azar e precisou consertar o problema, ou porque foi burro e precisou consertar a situação. Toma cuidado com o que você deseja.

– Eu não queria provocar você – Mellas disse. – Eu só estava...

– Nem vem – Hawke se virou para Mellas. Com uma voz muito tranquila, ele disse: – Mellas, estou pouco me fodendo se você me provocar. Só quero tentar descobrir se você vai matar um dos meus amigos ou não, e

neste momento eu não tenho muita certeza.

O chiado do tablete de aquecimento parecia muito alto.

Mellas foi o primeiro a quebrar o silêncio.

– Tá, eu queria uma medalha. Isso não significa que o Rider e o Connolly não mereçam uma.

Hawke relaxou um pouco em resposta a esse momento de honestidade.

– Bom, persistência é o que não te falta – ele suspirou. – Escuta. Todo mundo quer uma medalha. Não é nenhum pecado. Quando eu cheguei aqui, eu queria uma também. Mas é que, depois que você está aqui tempo suficiente pra ver quanto custa uma medalha, o brilho delas parece que apaga um pouco.

Olhou para cima por um momento a fim de ver se Mellas havia entendido. Depois, despejou dois pacotes de café instantâneo e dois pacotes de açúcar na água fervente. Mexeu com uma vareta.

– Desculpe – disse Mellas.

Hawke relaxou visivelmente. Estendeu o copo fumegante e sorriu.

– Porra, Mellas, bebe isso. Cura todos os males, até vaidade e ambição. A única coisa que machuca numa bronca é a verdade.

Mellas pegou o café e sorriu.

– Benjamim Franklin.

– Porra, não. Meu tio Art, o poeta.

– Benjamim Franklin. O Art andou plagiando.

– É? Típico. Nunca dá pra ter certeza de nada do que o tio Arthur diz. A gente nem sabe se a vovó teve ele com o vovô mesmo.

Os dois ficaram em silêncio enquanto Mellas dava um gole.

– Talvez a gente consiga pro Rider uma promoção por mérito pra taifeiro de primeira classe – disse Hawke. – Isso pelo menos vai dar mais dinheiro pra ele. É claro que você vai ter que descrever o que ele fez como se fosse Chapultepec8 e Belleau Wood9 misturados e como se o Rider fosse um Chesty Puller10 da vida.[8][9][10]

– Que tamanho deve ter?

– E eu lá sou professor de redação?

– Você nunca pode responder a sério?

– Por que você é tão sério, porra? – Hawke perguntou.

– Eu não sou sério o tempo todo.

– Nem eu.

Os dois ficaram ali, olhando um para o outro, de repente enxergando nas entrelinhas da relação formal que haviam estabelecido.

– O Goodwin disse que você foi pra Harvard – Hawke disse.

– Fui pra Princeton.

– É tudo a mesma coisa. Os mesmos caras com aqueles penduricalhos nos mocassins, as mesmas porras de professores comunistas.

Ele devolveu o café para Mellas, que tomou dois goles tentando não queimar os lábios no metal quente. Depois entregou o copo para Hawke.

– Pra qual faculdade você foi? – Mellas perguntou, sem saber ao certo como prosseguir.

Hawke tomou um gole com cuidado e lambeu o lábio superior.

– O Quatro Cês.

– Hein?

– Colégio Comunitário de Cape Cod. Os últimos dois anos eu fiz na Universidade de Massachusetts.

Mellas assentiu, agachado nos calcanhares, imitando inconscientemente todos os outros fuzileiros veteranos que faziam isso para evitar molhar a parte de trás das calças.

– Mas o que você está fazendo aqui no Saco, afinal? – Hawke perguntou. – Todos vocês que foram pra boas universidades têm dinheiro pra livrar a cara. Médicos, psiquiatras, faculdades, tendências homossexuais. Porra – ele olhou para Mellas com suspeita. – Você e o Goodwin estão brincando comigo sobre pra qual faculdade você foi?

Mellas fez uma pausa para sua meditação habitual sobre o que responder.

– Eu me alistei quando tinha dezessete, antes de ir pra faculdade. Eu cresci numa cidadezinha de extração de madeira no Oregon, e qualquer sujeito com vergonha na cara passa um tempo no serviço. Era assim que todo mundo chamava: o serviço. Não tinha nenhuma guerra naquela época, e eles me mandaram pra faculdade com uma bolsa, me pagavam todos os verões. Me fizeram taifeiro de primeira classe na reserva e eu não tive que fazer o Corpo de Treinamento dos Oficiais da Reserva da Marinha.

– Mas você ainda podia ter saído quando a guerra começou. Gente que nem você deve ter todo tipo de influência com as comissões de alistamento, e no congresso.

– Na verdade, não.

– Tá bom.

Mellas hesitou. A maioria dos seus amigos de Princeton tinha mesmo o tipo de influência de que Hawke estava falando. Ele e os seus amigos do colegial de Neawanna não tinham. Queria que Hawke entendesse que ir a Princeton era diferente de ter um pai que havia ido a Princeton, mas não disse nada.

– Eu sei lá. É só que parecia que todo mundo estava vindo.

– E o presidente não mente nunca. Ele deve saber alguma coisa que a gente não sabe.

– Isso – Mellas disse.

– Mesmo assim você podia ter ido pra Marinha. Todos os seus amigos chiques foram pra Marinha, não foram? Pelo menos os que não estavam trepando até o pau cair e fumando maconha em uma dessas manifestações pela paz.

– É. A maioria. Os que se alistaram em algum lugar. Uns dois entraram na CIA – ele adicionou, sentindo-se um pouco na defensiva com relação aos seus amigos. Hawke passou para Mellas a lata de pera fumegante. Mellas, sorrindo das provocações que estava recebendo, passou várias vezes a lata de uma mão para a outra. – Talvez eu seja bobo mesmo por querer ser diferente. Tem tanta gente tentando entrar na Escola de Candidatos a Oficial da Marinha que a Marinha logo deve estar usando os alferes pra ficar raspando tinta.

– É. Bando de alferes felizes.

Mellas riu, tomou outro gole e devolveu o copo para Hawke.

Hawke bebeu o café e encarou Mellas com frieza por sobre a borda da lata de metal.

– Quer saber, aposto que você está pensando em disputar a porra duma vaga de deputado quando for um ex-fuzileiro.

Na reunião dos reais naquela noite, Fitch contou a todos sobre o plano de mover o grupo do quartel-general do batalhão para o Matterhorn assim que possível. A Companhia Bravo seria responsável por imobilizar a metralhadora ENV.

Goodwin falou voluntariamente pela primeira vez.

– Ei, cara. Eu tenho um palpite que queria testar amanhã.

– Fala, então – Fitch disse. Deu o seu mapa para Goodwin.

– Essa porra dessa equipe de metralhadora dos viets – Goodwin disse. – Nas duas vezes eles atiraram do lado leste, certo? E quando o Mellas encontrou com eles, eles fugiram pro sul. Mas o sul é descendo o morro, só tem bambu e capim-elefante. No norte ficam os picos e essas merdas todas. Isso quer dizer que eles dão a volta no lado sul do morro e estão bem aqui – Goodwin apontou para o oeste. – Entre a gente e o Laos, mas não muito longe, porque senão eles perdem muita altitude. Eles não são mais burros do que a gente, e eu não ia querer arrastar uma metralhadora subindo essa montanha todo dia só pra ter uma chance de atirar na porra de um helicóptero. Mas também não ia querer ficar tão alto que tivesse que descer pra pegar água.

Mellas invejava a lógica prática de Goodwin.

– Ok, Goodwin – disse Fitch –, mostra a sua rota e a gente prepara tudo antes de você ir.

– Não precisa, cara.

– Tem certeza?

– Não quero que eles percebam nada. Vou direto aonde eles estão, cara – Goodwin puxou o mapa de Fitch para si. Olhou para ele com os olhos apertados, e seu grande dedo apontou para uma pequena ramificação de uma crista maior. – Bem aqui.

Todos olharam para o lugar. Mellas olhou inquisitivamente para Hawke, que encolheu os ombros.

Goodwin partiu antes do nascer do sol com um dos seus três esquadrões, indo para o oeste, na direção do Laos. Mellas foi para o sul com Jacobs e o segundo esquadrão do seu pelotão ao longo de uma crista

comprida que levava à base do vale abaixo deles.

Moviam-se devagar na selva espessa, acompanhando a crista, quando ouviram o início do tiroteio. Mesmo estando eles a pelo menos dois quilômetros ao sul de Goodwin, o barulho dos M-16 era tão alto que todos se jogaram no chão.

Mellas apanhou o bocal de Hamilton e ouviu.

– Porra, não sei quantos são, cara. Estou ocupado.

– Bravo Two, Bravo Two, aqui é o Bravo Six. O Big John quer o relatório da sua posição. Câmbio.

Ninguém respondeu. De repente houve completo silêncio.

– Bravo Two, volta aqui pra porra dessa rede. Câmbio.

O tiroteio começou de novo, e o som que rolava por sobre eles era agora alternado com o baque das granadas de mão.

Mellas consultou a bússola e calculou a origem do som. Era uma explosão interminável que perfurava seus tímpanos e acelerava seu coração. Mellas apertou o botão no bocal.

– Bravo Six, aqui é o One Real. Eu calculei a posição dos sons e é três--quatro-zero. A minha re-pos é seis-sete-um-cinco-um-nove. Câmbio.

Tanto Mellas quanto Fitch sabiam que Mellas havia acabado de correr o risco de expor sua própria unidade aos morteiros ou à artilharia do ENV ao revelar sua posição no rádio para dar a Fitch a segunda medição de bússola, que determinou a localização de Goodwin.

A voz de Fitch respondeu:

– Três-quatro-zero entendido – houve uma breve pausa. – Ele está bem onde disse que estaria. Você conhece o lugar? Câmbio.

– Estou indo pra lá.

De repente Mellas se sentiu útil, importante, correndo para ajudar o amigo.

A pressa logo se transformou em frustração quando os fuzileiros se viram xingando e tentando abrir caminho em vão na selva. Mellas os incentivava, ele mesmo usando o facão quando chegava a sua vez. O tiroteio foi cessando. Daí parou completamente.

Eles se reuniram aproximadamente uma hora depois. Os dois esquadrões estavam exaustos, mas o de Goodwin carregava um rifle SKS,

uma AK-47 e uma metralhadora russa DShKM de calibre .51 e cano comprido, além de várias caixas de aço de cartuchos ligados e um tripé pesado com pernas de aranha. Também carregava as habituais fivelas de cinto, cachimbos de água, capacetes, insígnias e botões militares, que eram úteis para trocas. Um dos garotos tinha sido ferido de modo suficientemente sério para ir mancando apoiado por dois amigos, mas não corria nenhum perigo de verdade. O próprio Goodwin foi ferido na orelha direita por uma bala. Ela havia arrancado um pedaço pequeno de carne e cartilagem e deixado uma trilha fina de sangue no pescoço.

– Ei, cara – ele berrou para Mellas, puxando a própria orelha. Sua voz estava excessivamente alta por causa da perda momentânea de audição. Ele puxava o lóbulo sangrento da orelha. – Olha pra isso. Um Coração Púrpura, porra – ele riu com prazer e adrenalina. – Mais duas dessas e eu caio fora dessa merda.

Mellas se forçou a sorrir. Todos sabiam que, depois de três ferimentos, o Corpo de Fuzileiros passava a considerar o recipiente muito nervoso, muito azarado ou muito estúpido para continuar sendo eficiente em combate. Os rapazes dos dois esquadrões riram. Os do segundo pelotão não conseguiam parar de falar sobre como Goodwin havia surpreendido a pequena equipe de metralhadora ao se arrastar até a sua posição, atirar e jogar granadas por cima da precária barreira de troncos. Haviam matado três. Os outros tinham fugido.

Quando alcançaram o perímetro, todos os garotos já estavam chamando Goodwin de Cicatriz.

Mellas sabia o quanto devia parecer simples e comum, talvez até hesitante, perto de Goodwin. Ele não usaria a palavra "covarde", mas lá dentro trazia esse medo sem nome consigo.

No dia seguinte, os oficiais do batalhão chegaram pelo ar ao Matterhorn.

O tenente Hawke parou em pé do lado de fora da tenda de Fitch, com as mãos nos bolsos do casaco de selva. Ele se sentia invadido. A Bravo havia andado até o Matterhorn através da selva virgem a fim de formar uma

coroa de espaço aberto no pico do morro, sempre sofrendo os ataques constantes da equipe de metralhadora. Agora o grupo de PdeC do batalhão vinha de helicóptero, arrastando mala atrás de mala com equipamentos, comida enlatada, rádios, álcool e revistas. Hawke queria acreditar que era coincidência que eles viessem um dia depois de Goodwin ter apanhado a metralhadora viet.

Os soldados, na maioria operadores de rádio e encarregados de abastecimento, cavavam grandes casamatas e enchiam sacos de areia. Hawke sabia que só estavam fazendo o que tinham sido mandados fazer, mas sentia raiva deles. Tinha ainda mais raiva do jeito com que Fitch havia penteado o cabelo e se barbeado duas vezes no mesmo dia para ir falar com o coronel e o Three, Blakely.

– Caralho – ele disse em voz alta e se arrastou de volta para dentro da tenda a fim de encontrar um charuto. Relsnik e Pallack estavam lá, jogando Gin Rummy e monitorando os rádios.

– Alguma novidade sobre nossos cães vermelhos? – Hawke perguntou, mudando automaticamente seu padrão de referência para o mapa na sua cabeça, em que ele sempre sabia a posição das patrulhas de segurança da companhia.

– Não – respondeu Pallack. – Só o porra do tenente Kendall que mandou um re-pos que era um tico assim diferente do que o Daniels mandou logo depois dele, então eu os posicionei onde o Daniels disse.

Voltou a prestar atenção em suas cartas.

Não era a primeira vez que Kendall se enganava ao ler um mapa, e Hawke sabia tão bem quanto Pallack que, provavelmente, Daniels estava certo. Ele também sabia que Daniels possivelmente tinha mandado o seu relatório de posição para mostrar que Kendall estava errado. Decidiu não averiguar a diferença pelo rádio. Falaria com Kendall e Daniels separadamente sobre isso. Saiu agachado para a tarde cinzenta e acendeu seu penúltimo charuto. Soltou o ar devagar, saboreando cada sensação, especialmente a secura quente da fumaça. "Caralho", ele disse de novo, pensando na chuva constante. Daí lhe ocorreu que, com a chegada do

batalhão, talvez houvesse alguém lá de quem ele pudesse comprar charutos. Sorriu, seus olhos passeando pelas linhas, examinando o terreno e pensando, ao mesmo tempo, nas posições das patrulhas.

Fitch estava com as patrulhas prévias, não as atuais, na cabeça. Enquanto subia devagar o morro, preparava os argumentos para explicar a demora ocorrida na tomada da metralhadora viet. Ergueu o chapéu mole americano da cabeça, empurrou o cabelo para trás e colocou o chapéu de volta com cuidado. Quando viu Simpson e Blakely trocando ideias por cima de um mapa e de vez em quando olhando para o vale lá embaixo, soltou um suspiro breve e atravessou a ZP para se juntar a eles.

– O senhor queria falar comigo, senhor? – ele perguntou, batendo continência para os dois.

– Sem continência, tenente – Simpson disse com animação. – A gente não quer que o Blakely aqui seja reconhecido por outra metralhadora dos viets, né?

Fitch abaixou a mão e Blakely riu.

– É bom estar aqui na selva – Simpson disse, quase distraído. Pôs os binóculos e olhou na direção do vale.

– Tudo certo com você, Tigre? – Blakely perguntou.

– Sim, senhor – disse Fitch.

Afinal os binóculos foram abaixados e Simpson se virou para ele.

– Você sabe o que tem de fazer quando mata os vietnamitas, tenente?

Fitch estava procurando uma resposta.

– Senhor?

Pronunciando cada palavra como se estivesse falando com uma criança, Simpson repetiu:

– O que você deve fazer quando mata os vietnamitas, tenente?

– Eu, ah, senhor?

– Você não sabe, né?

– Humm, não, senhor. Quer dizer, não tenho certeza do que o coronel quer saber.

– Quero saber da porra da inteligência, tenente. *In-te-li-gên-cia.* Sabe o

que é isso?

– Sim, senhor, eu sei. Senhor.

– Bom, não está parecendo – Simpson se virou para Blakely como se estivesse compartilhando um segredo. Blakely assentiu, e Simpson continuou: – Eu vou te ajudar. Sabe, nem sempre você vai ter um fotógrafo do Corpo de Fuzileiros pra registrar seus relatórios de pós-combate.

Ele sorriu, mas aparentemente não com bom humor. Blakely fez o mesmo. Fitch sorriu de volta com hesitação.

– Inteligência, tenente – Simpson continuou –, é construída com um ajuntamento incansável de minúcias. Você entende isso, não entende? Ela não é o resultado de descobertas espetaculares. É o resultado de trabalho pesado, atenção constante aos detalhes... às minúcias. *Mi-nú-ci-as*.

– Sim, senhor.

– Quando você tem na frente um bando de viets mortos, você junta tudo. Carteiras, insígnias, cartas, tudo. Você esvazia os bolsos deles. Você traz as armas deles, as mochilas. Você cheira a merda do hálito deles pra ver o que eles comeram no almoço. Está me entendendo, tenente?

– Sim, senhor.

– Bom. Não quero mais falhas de inteligência.

– Sim, senhor.

– Fico contente que você tenha finalmente acabado com aquela porra de equipe de metralhadora dos viets. Quantas patrulhas você está mandando por dia?

– Três, senhor.

– Não foi o suficiente, foi? Porra, duas semanas.

– Senhor. Nós estávamos tentando estabelecer uma base de fogo e construir as linhas ao mesmo tempo.

– Cada um com os seus problemas, tenente.

– Senhor, nós *pegamos* a metralhadora. E não perdemos ninguém fazendo isso. E também trouxemos ela pra cá com uma AK e uma SKS.

– E de qual unidade elas eram?

Fitch molhou os lábios.

– Não sei, senhor – ele finalmente respondeu. Ele sabia que, como o batalhão havia convertido o provável de Mellas em um confirmado, não

tinha propósito dizer para Simpson que não havia corpo para ser examinado. Por outro lado, Goodwin havia definitivamente matado três, mas voltou com armas e material de troca; orgulhoso como um galo de briga, os garotos o chamando de Cicatriz, e nenhuma inteligência. Fitch quase sorriu diante da lembrança, apesar de estar levando uma bronca por causa dela agora. Porra, ele pensou, eles são todos da tricentésima décima segunda divisão de aço e todo mundo sabe disso, inclusive você, Simpson.

– Você percebe, tenente, você não só não foi suficientemente agressivo nas suas patrulhas como negligenciou suas defesas.

– Senhor?

– As suas linhas, tenente. As suas linhas. Elas estão completamente expostas a um ataque de artilharia.

– Senhor, humm. A artilharia dos viets mais próxima fica em Co Roc, até onde a gente sabe. É mais longe ainda do que a nossa própria artilharia, que estava no Eiger.

– Você é que encontrou todos aqueles 122.

– Eu sei, senhor. Mas os viets geralmente não gastam esses foguetes em posições pequenas de infantaria. Eles usam pra atacar coisas maiores.

– Você está lendo a mente do Giap agora?

– Não, senhor. Eu não estava dizendo que... quer dizer, eu sei que não dá pra ter certeza de nada, mas...

– Exatamente. Não dá pra ter certeza de nada. Você demora uma eternidade pra encontrar aquela metralhadora, eu lá com o Guerrilheiro Six nas minhas costas, e eu chego aqui e as porras das linhas estão uma merda e totalmente expostas a um ataque de artilharia.

– Senhor, o senhor está dizendo que a gente deve cobrir as trincheiras?

– Olha, Blakely – disse Simpson, virando-se para seu Three e sorrindo. – Parece que a Academia de Treinamento ainda ensina as táticas padrão de defesa de infantaria.

– Sim, senhor – disse Blakely.

Simpson se voltou de novo para Fitch.

– Isso mesmo, tenente Fitch. Eu quero essas linhas preparadas pra um ataque de artilharia. *Artilharia*, tenente. E foguetes, não só morteiros. Você tem três dias.

– Senhor, as tropas estão bem na borda. Nós não temos serras elétricas, pás, nenhuma cobertura de aço. Porra, até saco de areia é difícil conseguir. Porque com vocês e o pessoal da artilharia usando tudo...

– É isso mesmo. Preparando pra um ataque de artilharia – Simpson olhou para o vale de novo com os binóculos. – Na Coreia os chinas sempre acertavam a gente com a artilharia antes de atacar. Não se preocupa com os sacos de areia, tenente. Já foram requisitados. Eu tenho certeza de que você vai conseguir achar uma maneira de pôr os telhados.

Fitch sabia que estava sendo liberado, mas fez uma última tentativa.

– Senhor, se posso falar. Quer dizer, eu sei que o senhor está certo sobre a artilharia. Nós ficaríamos muito mais seguros com uma cobertura, mas... Bom, senhor, os homens da companhia ficam um pouco nervosos quando não conseguem ver nem ouvir nada, e a gente meio que acha, não sei, até quando o capitão Black tinha a companhia antes de mim, a gente sempre preferiu maximizar a audição e a visão e correr o risco, que é pequeno, de um ataque da artilharia. É um pouco o POP, senhor.

– Pois o Procedimento Operacional Padronizado acabou de mudar, tenente. Porra, eu não vou perder bons fuzileiros por causa de preguiça.

– Senhor?

– O quê?

– Senhor, eles não são preguiçosos. Eles estão cansados.

– Eu não estava falando dos soldados, tenente.

– Sim, senhor.

– Agora eu quero esses buracos todos tapados. Três dias, tenente.

– Sim, senhor.

Na metade do seu penúltimo charuto, Hawke viu Fitch descendo o morro.

– Como foi? – ele perguntou.

Fitch disse.

– Você não discutiu com ele?

Fitch hesitou, olhando para o chão.

– Claro.

– Ah, porra, Jim. Não foi firme o suficiente. Por que é que a gente não constrói a porra da Linha Siegfried de uma vez? Não, a Pirâmide de Quéops. O trabalho escravo a gente já tem.

Hawke deixou Fitch agachado sozinho na garoa e foi encontrar Cassidy.

A tenda de Cassidy estava limpa e organizada. Seu rifle e sua munição estavam pendurados em cavilhas cuidadosamente entalhadas e enfiadas nas caixas de munição que formavam uma das paredes. Cassidy olhava para uma foto da sua mulher e do filho de três anos quando Hawke enfiou a cabeça na entrada. Fez um gesto para que entrasse, e Hawke contou a ele o problema das casamatas.

Cassidy não respondeu logo. Mostrou a foto para Hawke.

– Você acha que ele vai ser fuzileiro um dia?

– Claro, Gunny.

Hawke sabia que devia falar mais alguma coisa, mas não conseguiu pensar em mais nada. Houve um silêncio embaraçado. Hawke o quebrou.

– Então, eu estava pensando se você não podia ir falar com o sargento-mor. Ouvi dizer que ele já esteve em combate. Talvez ele possa falar com o coronel sobre isso.

Cassidy grunhiu.

– Eu não quero ficar parecendo um bebê chorão, tenente, não na frente do sargento-mor.

– Mas é pra isso que ele serve, não é? Ele não representa o ponto de vista do soldado comum? Cassidy, esses garotos estão cansados pra caralho.

– Tá, mas... – Cassidy rolou sua mulher de borracha e olhou para o poncho, que sacodia na brisa úmida. – Se você ganha a fama de chorão, você está frito.

Ele olhou para Hawke, quase implorando.

– Se eu chegar a E7, vamos poder ter outro filho, talvez um piano.

Hawke estava desapontado com Cassidy.

– Tá, Gunny, eu entendo o seu ponto de vista. Só queria ver o que você achava da ideia.

Ele saiu da tenda. Cassidy ficou lá bastante tempo ouvindo a chuva cair no poncho. Ele era um sargento armeiro de companhia em uma unidade de

combate, enquanto ainda era primeiro-sargento, E6. Isso facilitaria muito uma promoção a sargento de artilharia, E7. Sua mulher ficaria orgulhosa. Seu filho. Mas se ele reclamasse com o sargento-mor... Um primeiro-sargento que irritasse o sargento-mor do batalhão continuaria primeiro-sargento por muito, muito tempo.

– Porra! – ele gritou finalmente e se arrastou para fora da tenda.

Cassidy encontrou o sargento-mor Knapp supervisionando a construção do bunker do comando. O uniforme de Knapp estava limpo, suas botas brilhantes e negras. Ele parecia um executivo prestando serviço militar no fim de semana. No entanto, Cassidy sabia que, quando adolescente, o sargento-mor estivera em Tarawa.

Depois da costumeira conversa fiada, Cassidy disse que estava com um problema.

– É sobre a ordem de cobrir as trincheiras com tetos.

– Não ouvi nada sobre isso.

– O coronel falou pro chefe que a gente tem três dias pra cobrir as trincheiras com tetos. Quer tudo cercado por sacos de areia, com aberturas pros rifles e as M-60. Sabe como é. *Os canhões de Navarone* – o sargento-mor ficou sentado lá, olhando para ele. Cassidy se retorceu. – Ora, porra, sargento-mor, é uma ordem idiota. Você tem que ver e ouvir e não dá pra fazer isso numa caverna de bosta, não com a chuva batendo no telhado. A porra dos viets podem dar a volta rastejando e atirar na gente pelas costas, e a gente não pode nem escutá-los. Os nossos homens estão exaustos. Porra, a gente tem patrulhado este lugar todo, construímos a porra da ZP, estendemos arame por toda parte, limpamos o campo de fogo, e tudo que a gente tinha pra trabalhar eram as facas Ka-bar e as pás dobráveis. A mão de todo mundo está coberta de pus.

– É do seu oficial comandante que você está falando, primeiro-sargento Cassidy – Knapp disse com calma.

Cassidy engoliu.

– Sim, sargento-mor – ele sentiu seu rosto arder. – Se a gente levar um tiro, vai ser de sapadores se aproximando escondidos durante a noite. Os

viets não vão atacar a gente com artilharia. Eles não vão gastar, durante a noite, num morro como este, munição que eles carregaram enfrentando ataques aéreos por mais de seiscentos quilômetros.

O sargento-mor ouvia sem expressão. Escutar os SO juniores era parte da sua função. A voz de Cassidy foi aumentando à medida que ele via a indiferença de Knapp.

– Eles chegam por trás, caralho. Você tem que ficar de ouvido aberto pra escutar esses filhos da puta. Eu não vejo sentido nesses homens construírem os seus próprios caixões.

– E o que você quer que eu faça?

– Eu não sou nenhum bebê chorão, sargento-mor, e a nossa companhia de fuzileiros é boa pra cacete. A gente pode fazer isso que foi mandado, e sem reclamar, mas eu acho que o coronel não está entendendo a situação, só isso. Porra, aqui não é a Coreia. Quem sabe você não pode falar com ele.

– Por que o tenente Fitch não faz isso?

– Acho que ele tentou.

– Então, o que eu posso fazer?

Cassidy podia ver que o sargento-mor não ia gastar seu crédito para ajudar um jovem primeiro-sargento que se sentia cansado demais e remunerado de menos.

Knapp deu um tapinha no ombro de Cassidy.

– Vamos fazer assim, primeiro-sargento Cassidy, eu vejo se não consigo arranjar uns homens pra ajudar depois que a gente acabar de arrumar a área do PdeC. Talvez eu até consiga uma motosserra ou duas. Meu Deus, qualquer coisa que a gente possa fazer pra ajudar a gente faz. É só pedir.

Cassidy andou exausto morro abaixo, sabendo que havia prejudicado sua posição frente ao sargento-mor e decepcionado os garotos da companhia ao mesmo tempo. Ele amaldiçoou o próprio temperamento.

Na manhã seguinte, uma tempestade se debatia contra o morro. O pelotão se moveu em câmera lenta o dia inteiro, espancado pelo vento, prejudicado por mãos tão frias que segurar as pás dobráveis e as facas era ainda mais difícil que o normal. Parecia cruelmente desnecessário para

Mellas ter de voltar ao trabalho (pesado a ponto de acabar com as costas) de cavar e cortar bem quando já quase podiam começar a trabalhar nos lugares onde dormiam. No entanto, eles cavaram e cortaram, encontrando o significado das suas ações dentro de pequenas tarefas prosaicas, afastando de suas mentes as perguntas maiores que só poderiam levá-los ao desespero.

Vancouver e Connolly se alternavam enchendo sacos de areia, um segurando o saco aberto enquanto o outro jogava dentro uma pá de barro grudento. Para Vancouver, cada saco era só isso, nada mais – um saco de areia cheio, a ser seguido por outro saco. A pequena ferramenta-T queimava suas bolhas e feridas. Ele observou o sangue e o pus da pele da selva em seus dedos e seus pulsos se misturando com a lama e a água da chuva. De vez em quando, fazia uma pausa para limpar as mãos nas calças, sem nem se lembrar de que ia dormir com elas. Tudo logo ganhava essa consistência gordurosa de qualquer jeito, misturando-se com a urina que ele não conseguia reter muito bem por causa do frio, o sêmen do seu último sonho erótico, o chocolate que ele tinha derrubado no dia anterior, o ranho que ali esfregou, o pus das suas feridas de pele, o sangue das sanguessugas esmagadas e as lágrimas que ele secava para que ninguém visse que tinha saudades de casa. Exceto pelo tamanho e o papel que havia assumido, Vancouver não era diferente de nenhum outro adolescente do pelotão. Ele sabia que o papel que representava dava ânimo aos outros, e tinha que admitir que gostava de representá-lo, por causa do efeito que ele despertava nos seus amigos e em si mesmo. Ele gostava do respeito – porra, ele era quase uma celebridade. Mas ele não ignorava o custo disso. Ficar no ponto o assustava toda vez. No entanto, algo o compelia a se oferecer, sempre.

Broyer calculava que precisaria de dezesseis dos troncos menores para completar o bunker. Ajoelhou-se na frente do primeiro, olhando para ele com os olhos espremidos atrás dos óculos, sem vontade de começar. Sua mão estava inchada. Ele a havia ferido em capim cortante dois dias atrás e a ferida infeccionou. Ele tinha falado com o lula sobre isso, mas tudo que Fredrickson fez foi pintar a mão com um troço vermelho e dar Darvon para ele a fim de diminuir a dor. Quando tocava a empunhadura da sua Ka-bar,

a dor o fazia querer tirar logo a mão e colocá-la debaixo do braço, na tentativa de curá-la com o calor do corpo.

Atacou o tronco com a faca. A dor era intensa. A Ka-bar quicava na madeira dura, deixando somente um cortinho. Ele olhou para a fenda. Passou a faca para a mão esquerda e tentou de novo. Era desajeitado com a canhota; a Ka-bar apenas bateu e ricocheteou no tronco em vez de abrir um corte.

– Você precisa ficar puto com ela – Jancowitz disse, chegando por trás de Broyer inesperadamente. – Assim.

Ele pegou a Ka-bar da mão de Broyer e atacou o tronco, soltando um xingamento. Bateu a enorme faca contra a madeira várias vezes. Berrava palavrões. Pequenas lascas começaram a sair da madeira. Janco parou de repente e sorriu. Atirou a Ka-bar na madeira, com a ponta primeiro, e a deixou lá balançando.

– Oito dias pra eu ver a Susi em Bangcoc – ele disse. E se afastou acompanhando a linha.

Quando o segundo esquadrão voltou da patrulha, Jacobs percebeu imediatamente como o seu esquadrão estava atrasado na construção das casamatas, embora Mellas e o sargento Bass tivessem ambos prometido que os esquadrões que não estavam de patrulha trabalhariam igualmente duro em todo o setor do pelotão. A posição da metralhadora do Hippy de fato tinha o início de um muro em volta dela, assim como uns troncos bastante tortos, que Jake supôs serem as sobras dos outros esquadrões. Ele se sentou pesadamente na lama, pendendo as pernas dentro do buraco.

Hippy tirou seus óculos de armação de metal e os limpou na camisa. Ergueu-os contra a chuva e examinou as lentes. Depois, pôs os óculos de novo e tirou devagar as botas, fazendo caretas. Arrancou com cuidado as meias molhadas dos seus pés, que estavam pálidos e inchados.

– Tá feio o negócio aí – disse Jake.

Hippy grunhiu. Começou a massagear os pés. "Assim sim." Ficou massageando mais uns minutos, daí pôs as botas de volta, retorcendo o rosto de dor, e começou a desmontar a arma para limpar o pó e a

vegetação.

Jake queria desesperadamente que Fisher voltasse, mas ele tinha ido de vez. Fácil assim, levado embora. Agora ele estava lá, com os pés balançando na posição da metralhadora de Hippy, todos cansados, a porra da chuva caindo na terra, seu esquadrão sem bunkers e só mais dois dias para finalizar tudo.

– Ninguém fez porra nenhuma pela gente hoje – disse Jake.

Deu um chute na lateral do buraco de Hippy e um pedaço de lama caiu na água. Viu o tenente Mellas se aproximar dele, vindo da seção de Connolly.

Mellas se agachou perto do buraco.

– Decidi poupar você do trabalho de subir o morro pra me dar o relatório de pós-ação.

Jake percebeu que Mellas também estava sujo e cansado e sentiu-se bem ao pensar que até mesmo o tenente estava trabalhando nas trincheiras.

– Não teve nada, senhor. Nada que não fosse a chuva e a porra da selva.

– Nenhuma pegada? Nada mesmo?

– O senhor já esteve lá. Nada.

A chuva de repente caiu sobre eles em torrentes pesadas. A água escorria pelo capacete de Jake para seu nariz e pescoço em pequenas cascatas. Jake olhou para as linhas.

– Estou vendo que eles trabalharam muito nos nossos bunkers hoje, senhor.

Mellas desviou os olhos por um segundo.

– Eles fizeram o que podiam. Do ponto de vista deles, vocês tiveram sorte e saíram pra passear no parque.

Hippy mexeu bruscamente na trava da metralhadora, assustando tanto Jake quanto Mellas.

– Me diz uma coisa, tenente – disse Hippy. – Me diz só onde é que está o ouro.

– Ouro? – Mellas parecia perplexo, mas Jake sabia que Hippy estava lutando contra um forte sentimento. Podia ver os músculos do maxilar de Hippy tentando controlar a frustração e a exaustão.

– É, o ouro, a bosta do ouro, ou o petróleo, ou o urânio. Alguma coisa. Puta que pariu, alguma coisa que tenha aí embaixo pra gente estar aqui. Qualquer coisa, pra eu entender. Só um pouco de ouro ou outra porra assim pra isso tudo fazer sentido.

Mellas não respondeu. Olhou para a selva por bastante tempo.

– Eu não sei – ele disse afinal. – Queria saber.

– É, pois é – Jake disse.

Ergueu a coronha do seu rifle até encostar na terra ao seu lado e tomou impulso para ficar de pé. Mellas se levantou com ele.

– Escuta, Jake, eu sei que é duro, mas ainda tem um pouco de luz do dia. Come alguma coisa e vê se consegue encher uns sacos de areia pra base dos telhados antes de escurecer.

Jake olhou para Mellas sem expressão, tentando compreender tudo. Virou-se sem dizer uma palavra e foi transmitir a ordem para os líderes das equipes de artilharia.

A luz começava a morrer e as linhas foram se silenciando enquanto a companhia executava a ordem noturna de ocupar a trincheira. Williams e Cortell, que haviam trabalhado com Johnson na construção do bunker deles, limpavam seus M-16 na pouca luz que restava. Aqueles dois estavam juntos desde a chegada ao país. Cortell, o líder da segunda equipe de artilharia de Jancowitz, era baixo e seria redondo se pudesse se alimentar melhor. Suas leves entradas no cabelo o faziam parecer mais velho do que seus dezenove anos. Williams, alto e esguio, com suas grandes mãos de fazendeiro, era quase o oposto físico de Cortell. O que tinham em comum, além do Corpo de Fuzileiros e de oito meses de combate, era o trabalho de fazenda, embora para um fosse algodão no delta do Mississippi e, para o outro, gado Hereford e feno.

Cortell gostava do garoto de Idaho. Até se juntar aos fuzileiros, Cortell nunca tinha falado com um menino branco sem que fosse para pedir licença ou comprar ou vender algo. Mesmo no campo de treinamento, os brancos e os negros ficavam separados durante o pouco tempo que o Corpo de Fuzileiros lhes oferecia de folga. Agora, aqui estavam eles. Ele não se

acostumava com isso e esperava que Williams se recusasse a se sentar ao lado dele um dia, ou que explodisse contra ele por algum motivo. Mas isso nunca aconteceu. Hoje, no entanto, Cortell podia sentir algo diferente em Williams, nada perigoso ou malévolo, mas um pouco envergonhado e hesitante. Resolveu arriscar.

– Algo tá te preocupando, Will?

Williams ergueu o mecanismo de disparo para inspecioná-lo.

– É, mas...

– Mas o quê?

– Eu sei lá.

Cortell esperou. Sabia que, muitas vezes, esperar era a melhor coisa a fazer.

– Eu sei lá, eu sei que o Cassidy e o Ridlow e o Bass estão sempre enchendo o saco de vocês sobre isso. Mas... quer dizer, eu acho que vocês fazem isso mesmo. Quero dizer, se isolam. Vocês sempre iam lá prum canto na BCV. Mesmo aqui, você sempre vai conversar com o Jackson e os outros pretos.

– A gente não diz mais assim – Cortell interrompeu, sem rispidez.

– Bom, seja lá que nome dão. Sei lá... Esse tipo de coisa não leva ninguém a lugar nenhum.

Cortell colocou com cuidado o cano do M-16 no lugar.

– Aposto que você acha que a gente fica fazendo vodu ou algo assim. Planejando uns esquemas de revolução.

– Eu sei lá – Williams disse. – Eu não estou lá pra saber.

– Bom, eu detesto ter que desapontar você, seu caubói burro, mas a gente nem pensa nos brancos quando a gente está lá se *isolando* – Cortell deu o seu riso característico. – Já ouviu a história do patinho feio?

– Eu posso até ser de Idaho, mas as nossas mães também contam histórias pra gente.

Ele apontou o cano de seu M-16 para a luz que morria e olhou a parte de trás, procurando sujeira. Satisfeito, começou a remontar o rifle.

– Bom. Você sabe como era Jesus – disse Cortell. – Ele falava por parábolas. Você sabe por quê? Porque quando você fala por parábolas é o ouvinte que chega na resposta certa, que não é a mesma que quem fala

acha que é. Tá me acompanhando até aqui?

Williams assentiu.

– Aposto que você acha que aquela história é sobre um filhotinho feio que ninguém ama porque ele é feio pra caralho e daí ele cresce e não é mais feio, porque não é um pato. É um *cisne*. Nossa! E é claro que cisne é tudo branco e pato é tudo escuro, mas não é disso que eu quero falar com este sermão.

Williams sorriu. Sempre zombavam de Cortell dizendo que ele fazia sermões quando se exaltava. Ele aceitava a provocação, não sem algum orgulho.

– Bom, deixa eu falar pra você sobre o que *eu* acho que é essa história. É sobre esse patinho aí que não consegue crescer. Não consegue crescer e virar um patão porque ele nem é um pato. Mas ele não sabe o que ele tem que virar quando crescer – Cortell olhou com cuidado para se certificar de que não estava perdendo a atenção de Williams. – Porque, né, se você não sabe o que tem que virar quando crescer, fica bem difícil crescer mesmo.

Ele esperou um momento.

– Então, a gente não tá se *isolando*, a gente só tá convivendo com as pessoas do jeito que dá, pra tentar entender pra onde que a gente tá indo. Cê tá me entendendo? "Pra onde" não é com os brancos porque a gente é negro, e se a gente tentar descobrir pra onde falando com vocês chucks, não vai sair merda que preste. Quando eu estou com vocês, brancos, eu sou um negro em primeiro lugar e quem eu sou de verdade vem em segundo lugar. Quando eu estou com os irmãos, eu sou *eu* primeiro e não tem nenhum negro ali. Não tem nada a ver com o pessoal branco. As coisas são assim, cara. Não tem nenhuma conspiração vodu, não. A gente só passa o tempo e aguenta o tranco do melhor jeito que dá.

Williams, que estava prendendo a respiração, soltou o ar.

– É. Só isso.

– Só isso – repetiu Cortell.

– Eu acho que dá medo nas pessoas – Williams disse.

– Dá medo em você?

– Dá. Nãão – ele testou a trava do rifle. – Eu não sei.

– A gente tem medo também – disse Cortell. Olhou para a selva e

também visualizou sua casa em Four Corners, Mississippi. – Parece que o único jeito que eu falo com um branco é ficando com um pouco de medo – ele voltou para o Matterhorn e olhou para Williams. – Menos você, irmão.

Williams colocou a trava na posição e levantou.

– Ôôuu...

Sacudiu a cabeça para o lado. Então sorriu, olhando para o próprio peito. Cortell riu.

– Senta aqui, cara. Você não ouviu ainda a parte dois do sermão.

Williams sentou-se.

– Fala, reverendo.

– A gente não diz mais "preto".

– Vocês diziam assim quando eu tava no colegial e isso foi só na primavera passada.

– A gente não diz mais "preto". A gente é negro.

Williams suprimiu o sorriso apenas parcialmente, sabendo que Cortell veria que ele achava graça.

– Então se a gente era branco na última primavera agora a gente tem que ser chamado de blancos ou caucasianos ou algo assim?

– Sai dessa.

– Não, sério. Quer dizer, do que chamavam vocês antes?

– Crioulos – Cortell disse, arregalando os olhos.

– Não isso. Vai se foder. Eu sei que isso é um insulto. Você sabe o que eu quero dizer. Eu quero dizer do que a sua gente chamava *vocês mesmos*.

– Não me vem com essa história de "sua gente". Você tá falando com um cara só aqui.

– Tá, tudo bem. Como é que os negros falavam deles mesmos?

Cortell pensou um momento.

– Bom, negros mesmo, na verdade. O reverendo King chamava a gente assim. "Preto" não tem essa, sabe como é, esse orgulho – ele levantou a trava do seu M-16, tentando usar o último vestígio de luz para ver se não havia deixado nenhuma sujeira. – Às vezes a gente chamava a gente mesmo de pessoa de cor.

– Pessoa de cor. Nunca ouvi essa.

– É, mas você é de Idaho.

Williams mostrou o dedo do meio para Cortell e voltou a limpar o cano do seu M-16 com outro pano embebido em óleo.

– Mas enfim – Cortell continuou –, somos negros agora. Tudo mundo é de cor. Até *branco* é uma cor – agora foi a vez de Cortell deixar Williams ver que estava reprimindo um sorriso. – Mas é uma cor chata do caralho que não fede nem cheira, insípida, que nem fode nem sai de cima.

– Olha o Cortell. *In-sí-pi-da*.

– Que que tem, você acha que eu sou um colhedor de algodão burro sem vocabulário nenhum, só porque eu falo como se vivesse no Mississippi?

Williams sorriu para ele.

– Pessoa de cor – ele disse. – PC.

Fez uma pausa, depois disse: "Poc". Esperou um pouco e depois: "Poc, poc". Tinha o som de uma cafeteira começando a ferver.

Cortell sacudiu a cabeça, sorrindo de tanta tolice.

De repente, Williams estava de pé de novo. "Poc, poc, poc." Sua cabeça estava jogada para trás e agora o som era o de uma galinha num celeiro. "Poc, poc, poc, poc, poc." Andava semiagachado, com o pescoço atirado para a frente, as mãos enfiadas nas axilas e os cotovelos para fora. "Poc, poc, poc, poc." Cacarejou e se aprumou. Cabeças se viraram ao longo de toda a trincheira e depois voltaram para o que estavam fazendo.

Cortell deixou cair a cabeça, fazendo muita força para não rir.

– Faz essas merdas na frente de alguns dos outros irmãos, faz, que eles torcem esse seu pescoço de galinha.

– Poc – Williams sentou-se. – Poc, poc.

– Eu sei que você é só um blanco burro de Idaho e por isso eu não tenho que matar você – Cortell disse –, mas vai fazer graça com coisa séria e ficar nessa de poc poc poc na frente do irmão errado, vai, e você se fode.

– Coisa séria? – Williams disse. – Coisa séria? – ele ergueu os braços e mostrou tudo à volta deles. – *Isto* é que é coisa séria. O resto é bobagem.

Voltaram à montagem dos rifles. Nunca havia ocorrido a Cortell, até agora, que amizade – não só suportar a companhia de alguém – fosse possível. Nunca lhe havia ocorrido que a amizade não fosse possível, também. Ela nunca havia lhe ocorrido como pensamento, isso sim. Williams havia sido simplesmente um fato, como a selva ou a chuva.

Começou a ponderar sobre isso. Como algo podia ocorrer a ele sem nunca ter passado pela sua cabeça? Devia ter estado lá antes – de outro modo, não teria pensado nisso –, mas escondido em algum lugar. Onde ficava esse algum lugar na sua mente em que todas essas coisas se escondiam? Era isso que as pessoas queriam dizer quando falavam na "mente de Deus"? Mas aí isso significava que a mente de Deus estava dentro dele em algum lugar – e Cortell ficou um pouco assustado com a direção para que seu raciocínio o estava levando. Ele teria que ir para algum lugar tranquilo, como sempre fazia quando esse tipo de pergunta o assustava, e falar com Jesus sobre isso. Talvez pudesse conversar com o capelão do batalhão um dia, quando saíssem da selva. Ele se perguntou se o novo tenente saberia a resposta. Alguém dissera que ele havia feito faculdade, e eles tinham que ensinar alguma coisa sobre Deus por lá, não tinham? Daí começou a se perguntar quem eram esses *eles*.

– Ou talvez titica de galinha – Cortell respondeu para Williams. Como de costume, o intervalo entre as últimas palavras de uma pessoa e sua própria resposta havia sido preenchido com todos esses pensamentos, mas eles vinham tão rapidamente que aquele com quem estava falando nem percebia a pausa. Cortell assumia que isso era assim com todo mundo.

Depois de algum tempo, Williams disse:

– Então, e aí, sobre essa história de crescer pra virar alguma coisa. Ou alguém. Não sei. Por exemplo, você tinha alguém em mente? O Martin Luther King ou o Cassius Clay, ou algum outro?

Cortell olhou para as nuvens que escureciam.

– Não. Eu tenho Jesus. Ele é o meu destino.

– É, mas Jesus é branco.

– Não. É um judeu escuro. Deus acertou em cheio.

Enquanto trabalhava nos bunkers, Mellas via de relance Simpson e Blakely, mas nenhum dos dois desceu para as linhas, de modo que era impossível esbarrar neles sem fazer escândalo. Na metade do dia seguinte, a tempestade relaxou, a garoa de sempre voltou e, no intervalo do almoço, Mellas tentou outro caminho.

Quando alcançou o topo do morro, alguns homens da artilharia arrastavam aos grunhidos um dos pesados obuses de 105 mm no centro de uma nova trincheira. Todas as árvores tinham desaparecido. O alto do morro estava cheio de canhões, caixas e máquinas. O Matterhorn parecia um porta-aviões em um mar tropical.

Mellas viu o emaranhado de antenas de rádio em cima do novo bunker de operações de combate do batalhão e se abaixou para passar pela pequena abertura. Duas lamparinas a gás chiavam e iluminavam o interior sombrio; o ar estava quente e cheirava ao combustível delas. Um tenente movia marcadores em um mapa. O tenente franziu o rosto. Mellas se identificou depressa como oficial.

– Oi – ele disse. – Tenente Mellas, Bravo One.

Deu o seu melhor sorriso. O oficial de plantão desanuviou o rosto.

– Bif Stevens, oficial de ligação da artilharia, Vigésimo Segundo Regimento de Fuzileiros.

Estendeu a mão e Mellas apertou-a, observando como era macia e limpa. Conversaram, Mellas fazendo perguntas inteligentes, Stevens respondendo, aparentemente grato por ver que pelo menos um dos fuzileiros locais se importava com o que ele estava fazendo por eles. Mellas pensou em perguntar se Stevens tinha alguma bebida, como piada interna, só para que parecesse que esse era o verdadeiro motivo de ter mostrado interesse. Mas decidiu não fazer isso. Ele meio que gostava do sujeito.

– Tem muitos caras como o Fitch? – Mellas perguntou a certa altura. – No sentido de ser um tenente liderando uma companhia?

– Não muitos – Stevens respondeu. – Talvez um por batalhão nas companhias de linha. Alguns mustangues nas companhias dos quartéis-generais e de abastecimento. É tudo pura sorte.

– Como assim?

– Você sabe. O lugar certo na hora certa. Ser o oficial executivo quando o OC morre ou é transferido. Esse tipo de coisa.

– Você acha que o Hawke vai assumir a Bravo quando o Fitch for embora?

– Como eu falei, é tudo questão da hora certa... e se ele for maluco de querer continuar na selva. Já deu a hora de ele ir pra retaguarda. A ordem é

de expor o máximo possível de tenentes ao combate. Eles vão transferir o Hawke pra algum lugar logo, quando vier gente nova. Mesma coisa para os capitães. Mas é claro que temos poucos capitães.

– É, todos eles morreram quando eram tenentes – Mellas brincou.

Mellas armazenou a informação de Stevens sobre a prática de transferência e comando na parte da sua mente que lidava com poder. Isso era tão automático para ele quanto seria para um fazendeiro guardar a previsão matinal do tempo e o cheiro do ar, e daí fazer a colheita uma semana mais cedo e enganar as chuvas fora de hora.

Dois homens empurraram o cobertor da entrada para passar, deixando entrar luz e ar frio. Um era arrumado e de boa aparência, até mesmo bonito, e usava as folhas douradas de um major. O outro era baixo, desgastado, duro, seu rosto jovem e velho ao mesmo tempo, marcado por rugas e pelo cansaço de um corpo que havia sofrido de excesso de atividade e talvez de álcool. Folhas de prata brilhavam no colarinho recentemente passado. Mellas ficou empolgado. Era o tenente-coronel Simpson, Big John Six.

Simpson lançou a Mellas um olhar perplexo. O major Blakely, por outro lado, retribuiu o sorriso de Mellas.

– Quem nós temos aqui, Stevens? – perguntou.

– O tenente Mellas da Companhia Bravo, senhor – Stevens respondeu.

– Ahhh. Um dos nossos novos tigres. Major Blakely, o três do batalhão. Apresento o tenente-coronel Simpson, o nosso oficial comandante.

Blakely apertou a mão de Mellas, que se sentia sujo e desleixado. Simpson ofereceu uma mão pequena. Seu aperto era surpreendentemente forte. Ele grunhiu.

– Bem-vindo a bordo, Mellas. Você é um zero-três? – ele perguntou, referindo-se à especialidade de ocupação militar, ou EOM, correspondente à infantaria.

– Sim, senhor – Mellas respondeu, rindo. – Acho que o senhor vai ter que me aguentar por bem mais do que noventa dias.

– Ótimo – Simpson disse com um grunhido, satisfeito. – Você é regular?

– Não, senhor, ainda não – Mellas fez uma pausa, lançando um olhar de "jovem diante de uma encruzilhada". – Estou pensando nisso, mas

também estou pensando em fazer Direito.

– Burocratazinhos de merda – disse Simpson. – E covardes, também.

Andou até o mapa e começou a fazer perguntas para Stevens sobre a posição das companhias Alfa e Charlie no vale ao norte.

– Os fuzileiros precisam de advogados também – disse Blakely.

– Eu sei, senhor. Mas para mim só haveria um motivo para ficar no Corpo de Fuzileiros: liderar homens. É por isso que eu sou um zero-três – Mellas percebeu que Blakely usava um anel da Academia Naval e que Simpson não usava anel nenhum. – Claro, muitos dos meus amigos de Princeton vão fazer Direito – ele disse, sabendo que Blakely entenderia.

– Mas, minha Nossa Senhora – Simpson disse com um riso, – como é que foram deixar um cara com educação de comunista entrar no Corpo de Fuzileiros?

Blakely e Mellas deram a risada típica deles, assim como Stevens.

– Ah, bom, senhor – Mellas disse –, o senhor sabe como as exigências baixaram desde que o senhor entrou.

– Porra, e não sei? – disse Simpson.

Mellas sabia que havia causado uma boa impressão. Também sabia que aquela era a hora exata de sair, mas não havia acabado. Virou-se para Blakely.

– Eu não sei como comparar a faculdade de Direito ao comando de um pelotão. Ser o líder de um pelotão deve ser a maior experiência da minha vida. Imagino que somente liderar uma companhia pode superar isso – Blakely assentiu. Mellas podia ver que ele estava ansioso para estar com o coronel. – Eu tive muita sorte de ficar com o antigo pelotão do tenente Hawke. Ele é um dos melhores. Vamos sentir muita falta dele quando ele sair da selva.

Blakely ergueu as sobrancelhas.

– Está chegando a hora dele?

– Já passou. E ele está pronto – Mellas riu. – Ele está na selva faz quase dez meses. É uma merda, é verdade, jogar fora toda essa experiência pra que tenentes novos que nem eu aprendam com ela. É difícil para os homens.

Mellas fez uma pausa, depois disse com mais animação:

– Vocês devem segurar caras que nem o Hawke assim que eles aparecem.

Blakely sorriu um sorriso convencido.

– A gente consegue manter os talentos com a gente.

Ele e Mellas estavam dançando, mas o máximo que qualquer um poderia perceber era que estavam jogando conversa fora. Como a maioria dos bons dançarinos, eles faziam parecer fácil.

No final do prazo de três dias, os bunkers só estavam terminados pela metade. Uma vez que a bateria agora era um alvo muito mais tentador para o ENV, as patrulhas de segurança tinham que se afastar mais do morro e, portanto, isso exigia mais tempo e mais esforço. Os fuzileiros voltavam, já exaustos, e começavam a explodir árvores com C-4 para conseguir troncos e a talhá-los com as facas Ka-bar. O esforço físico implacável combinado com as chuvas de monção, a lama, e o martelar contínuo da bateria de artilharia os deixava quase entorpecidos.

No entanto, continuaram cavando seus buracos mais fundo ainda na argila recheada de raízes. Os telhados dos bunkers tinham que ser postos a uma altura suficiente para que um homem pudesse ficar em pé em um degrau e atirar por cima do parapeito do buraco. Os telhados tinham que ser colocados em muros de suporte formados por sacos cheios de barro. Esses muros, e suas novas entradas e saídas, tinham às vezes mais ou menos um metro do lado mais baixo do morro e mal se erguiam do solo no lado mais alto.

As linhas defensivas começaram a ficar mais distinguíveis. Não mais eram feitas de buracos que se confundiam com a terra e a massa de galhos e arbustos despedaçados. Os buracos haviam sido transformados em estruturas nuas e angulares, contrastando com o morro desnudado, e pareciam pequenas e sólidas caixas que saíam da encosta.

Mellas trabalhou pesado como todos os outros, aprendendo com Jancowitz as sutilezas da construção de bunkers. Não use rochas, porque quando elas se despedaçam, soltam lascas possivelmente mortais. Cave fossas com degraus para manter pés e traseiros livres da água parada.

Interligue material duro com material macio para absorver o impacto de explosões. Logo Mellas estava não apenas ajudando com a faca e a força bruta, mas também se divertia com o planejamento intrincado da defesa total. Andava com cuidado encosta acima da floresta, percebendo como o terreno forçava os atacantes a vir por certos canais naturais de aproximação. Daí colocou os bunkers em posições determinadas para que esses canais de acesso ficassem cheios das balas de metralhadoras. Cavilhas foram fixadas no chão para que o giro do cano das metralhadoras fosse limitado e o fogo, direcionado ao canal de acesso, mesmo na escuridão completa. Mais arame farpado chegou no helicóptero, e assim continuaram com o trabalho exaustivo, que lhes cobria as mãos de sangue de tanto esticar o arame atrás dos bunkers.

Hawke e Fitch perceberam que Mellas era por natureza um bom engenheiro defensivo e logo o levavam com eles sempre que rondavam o perímetro. Resolver a complexidade da disposição dos bunkers de tal forma que cada um fosse defendido por pelo menos outros dois era um exercício de geometria interativa que parecia fácil para Mellas. Mude um bunker de posição e todos os outros em volta dele tinham que ser movidos também. Acertar a posição antes que o bunker fosse construído era a chave, porque, se uma equipe de artilharia terminasse um bunker sem pensar em todos os outros em volta, uma falha importante podia ser criada nesse sistema intrincado. Sobretudo por causa do instinto de Hawke sobre o provável método de ataque e da habilidade de Mellas para planejar as posições, somente três bunkers acabaram sendo iniciados no lugar errado e tiveram que ser destruídos e refeitos a poucos passos das posições anteriores, para a exasperação dos homens que os haviam levantado originalmente.

Cada mão na companhia soltava pus das feridas de pele da selva. Bactérias invadiam os cortes e as bolhas arrebentadas. Luvas velhas – mesmo com buracos – davam mais dinheiro do que o que havia sido pago por elas originalmente. Mas ao fim de algum tempo essas transações foram se tornando raras. Qualquer luva, com ou sem buracos, virou um bem tão precioso quanto o correio, e não se chegava a nenhum preço de mercado. Sair em patrulha, que costumava ser uma obrigação temida, era agora um feriado pelo qual todos ansiavam.

Foram necessários seis dias, tempo de arrebentar os ânimos, para que os bunkers fossem finalmente concluídos. Ninguém comemorou. No sétimo dia, os garotos descansaram dobrando as patrulhas. Naquela noite, Fitch começou a reunião dos reais com um aviso tenso:

– Nós vamos para o vale quando a luz começar a aparecer. A bateria e o grupo de PdeC do batalhão sairão ao mesmo tempo. A Companhia Charlie vai estar onde nos largarem e usará os mesmos helicópteros pra vir pra cá. Eles vão fazer a segurança dos homens do batalhão e da artilharia durante o plantão. Depois eles todos voltam pras planícies. Alguma operação grande lá perto de Cam Lo.

– A gente termina os bunkers e eles tiram a gente daqui? – Mellas agarrou uma planta solitária que havia sobrado e a arrancou com violência, jogando-a morro abaixo.

– Porra – ele disse com os dentes cerrados. – Fácil assim? Vamos sair daqui?

Ele se sentia orgulhoso do trabalho que haviam feito – de si mesmo, do pelotão, de todos eles –, embora ele os deixasse mais vulneráveis à noite. Sentia que, se lhes dessem munição suficiente, poderiam resistir a um regimento inteiro.

– Nós e a Delta vamos trocar de missão com a Alfa e a Charlie – Fitch continuou devagar. – O Relsnik ficou sabendo por um operador de rádio do batalhão que o regimento deu pro Big John Six uma última chance pra ele provar que tem muitos viets por aqui. Nós também temos a responsabilidade de explodir o depósito de munição que a Companhia Charlie descobriu. Eles estão sem C-4.

– Você está dizendo que a gente vai pra selva só pra dar uma olhada? – Mellas perguntou. – A porra de uma companhia inteira?

– A porra de duas companhias inteiras – Hawke corrigiu.

– Bom, eu que não vou dizer pros caras lá nas linhas que a gente vai embora depois de tudo que eles fizeram. Manda o coronel ou aquele Three filho da puta lá pra baixo, pra explicar por que a gente tirou o couro deles de tanto trabalhar só pra sair fora bem na hora em que terminou de construir o Rochedo de Gibraltar no meio de porra nenhuma.

– Olha, Mellas – Fitch disse com rispidez –, sossega o facho aí. A gente

parte com o raiar do dia. Só deixa seu pelotão pronto pra sair.

Os outros reais estavam em silêncio. Kendall mexia nervosamente na sua aliança de casamento e nos óculos amarelos de hastes grossas. Goodwin, parecendo pensativo e cansado, estava agachado nos calcanhares, brincando com uma vareta. Suas palhaçadas constantes haviam sido uma fonte de alívio durante a construção dos bunkers. Ele não disse nada durante a reunião.

Depois do encontro, Mellas começou a descer devagar o morro, pensando em como daria a notícia de que eles haviam construído os bunkers para nada. Também estava surpreso porque, depois de todos esses dias olhando para o vale, tentando imaginar como estavam as coisas lá embaixo, preocupando-se com a ida, agora já era a hora de ir, assim de repente. Seu mundo inteiro havia se transformado instantaneamente com uma só palavra de um homem que ele mal conhecia. O pelotão poderia partir em meia hora. Só precisavam pôr comida e munição nas malas. Mas ele sentia que deviam ter mais tempo, fazer algum ritual para se prepararem antes de mergulharem naquele vale escuro.

Quando Mellas chegou à sua tenda, todos já estavam lá. Era óbvio que já sabiam. Jackson, agora líder do terceiro esquadrão, tinha nas mãos a caderneta de bolso e uma caneta; parecia muito sério. Bass chegara para Jackson com a decisão de que ele era o líder do esquadrão na ausência de Janco, sem lhe dar nenhuma alternativa, apenas dizendo que ele era o líder. Isso foi o melhor que puderam fazer para aliviar a preocupação de Jackson quanto à reação dos irmãos. Connolly, líder do primeiro esquadrão, olhava para a caixa de ração C de Mellas no solo, com as pernas abertas e as mãos nos quadris. Ficava cuspindo na caixa, parecendo não perceber o que fazia. Ocasionalmente olhava para o vale e dizia um palavrão, alto o suficiente para que seu sotaque anasalado de Boston fosse ouvido. "Caralho, cara, essa porra do Saco. É assim que é." Daí cuspia na caixa de novo, fazendo Mellas sofrer porque provavelmente teria que abrir um dos pacotes no qual Connolly havia cuspido. Mas não disse nada, sentindo que essa não era a hora. Jacobs, que havia assumido o segundo esquadrão depois da ida de Fisher, também olhava para a neblina abaixo deles. Virou-se para olhar Mellas, seus olhos brilhando.

– Bo-bo-bosta de bu-bunkers. Serviram pra nada.

Depois se virou de novo para a neblina, sem dizer mais nada. Mellas conhecia a história da companhia tão bem quanto qualquer um. A Companhia Bravo nunca havia saído para uma operação sem pelo menos três mortes.

– É assim mesmo, seus coitados duns filhos da puta – Jancowitz zombou. – Mais um centímetro do vibrador verde pra dentro. Eu vou pra Bangcoc, e eu e a Susi vamos foder até o meu cérebro sair pela orelha. Rá rá.

– Foderam com você quando você estendeu o seu tempo de serviço – Connolly disse. – Foi aí que seu cérebro saiu pela orelha.

Mellas abriu rapidamente sua caderneta.

– Já chega, Connolly – disse, e começou a passar a eles toda a informação que havia recebido na reunião dos reais.

– Quem vai entrar na zona de pouso primeiro? – Bass perguntou. Estava marcando mais um dia no seu bastão de fuzileiro de curto prazo.

– O Cicatriz – respondeu Mellas, chateado que Fitch tivesse escolhido Goodwin e não ele para a importante tarefa de controlar a zona de pouso no vale. Ele havia pensado em se oferecer para ir primeiro, mesmo estando com medo, apenas para que Fitch soubesse que ele era um sujeito decente.

– Bom – resmungou Bass. – Da última vez foi a gente.

Mellas continuou dando coordenadas, sinais de chamada, mudanças no código de brevidade do rádio – toda a minúcia que constitui a operação rotineira de uma unidade de infantaria.

Bass imediatamente organizou grupos de trabalho na escuridão do alto da ZP, onde o esquadrão de morteiros de 60 mm da companhia estava estabelecido. Lá ele distribuiu as balas dos morteiros, cada uma pesando pouco mais de um quilo e trezentos gramas. Cada fuzileiro amarrou duas delas na mochila. Até os operadores de rádio penduraram uma embaixo dos aparelhos. Isso deu à companhia mais de quatrocentas balas de morteiro, transformando-a em uma formidável pequena força de artilharia.

Mellas colocou duas balas de morteiro – ainda embrulhadas nos seus jeitosos tubos de papelão – no fundo da mala, prendendo as duas no lugar com um arame. Quando terminou de pôr toda a comida que coube na mala,

ela pesava quase trinta quilos. Além disso, ele levava as suas granadas, dois cartuchos de munição e quatro cantis de água. E, mesmo assim, o fardo de Mellas era mais leve que o da maioria dos rapazes. Ele não tinha que compartilhar a munição de metralhadora, C-4 extra, foguetes de armadilha, minas claymore e corda. Os metralhadores e os operadores de rádio carregavam cargas muito pesadas, e o esquadrão de morteiros portava ainda mais coisas, cada homem levando seu próprio rifle e equipamento pessoal, além de sete ou oito balas de morteiro e uma parte pesada dos morteiros desmontados, o que incluía bipés de oito quilos e discos de base de aço inoxidável de seis quilos, que eram muito desajeitados de carregar, além dos próprios canos dos morteiros, que eram compridos e pesados.

Naquela noite, a luz fraca das lanternas de lentes vermelhas brilhou sob os forros de poncho enquanto as últimas cartas para casa eram escritas. Mellas escreveu também, tentando parecer confiante. Mas abandonar o Matterhorn o enchia de um pressentimento sombrio.



CAPÍTULO

Os ânimos na zona de pouso do PdeC do batalhão eram diferentes. O tenente-coronel Simpson havia aberto uma segunda garrafa de Wild Turkey e enchia generosamente os copos da equipe reduzida que havia subido o morro com ele.

– Dá pra cheirar eles, porra – Simpson disse, enchendo de novo os copos de Blakely e Stevens. – Dá pra cheirar.

A luz das chiantes lamparinas a gás tremia contra as paredes do bunker, projetando as sombras dos cinco oficiais amontoados em volta das caixas de ração C que serviam de mesa baixa para o mapa. Blakely tomava o seu *bourbon* puro, mas Stevens não gostava muito da bebida e misturava a sua com Seven Up o suficiente para cobrir o gosto. Quando o coronel começava a beber, não havia nenhum momento claramente definido que o fizesse parar. Oficiais abaixo dele não paravam antes – era o protocolo. O capitão Bainford, oficial de ligação, e o capitão Higgins, o oficial de inteligência, estavam exaustos, sentados no chão com as costas apoiadas nas paredes do bunker, sem fazer realmente parte do grupo em volta do mapa. Tentavam permanecer acordados. Os operadores de rádio do batalhão bebiam uísque – Simpson certamente não era injusto com os soldados –, mas se mantinham à distância e quietos, monitorando a atividade noturna esparsa do rádio.

– Bom, senhor – Blakely pensou alto, – conseguimos um meio-termo. Não dá pra reclamar.

– Caramba, não dá, né? – Simpson disse. – Duas companhias na selva é melhor que nenhuma.

Fez uma pausa, tomou outro gole rápido, suspirou e estalou os lábios.

– Cacete, esse uísque é bom mesmo.

– Sim, senhor – Blakely concordou, tomando também um gole, embora menor. Sabia que, se achassem mesmo alguma coisa no vale durante os próximos dias, seria pouco provável que o General Neitzel resistisse a fazer algo contra as tropas inimigas, operando logo ao norte de onde estavam. O Matterhorn ancorava a ponta oeste da Serra de Mutter, um caminho de ataque que levava até as planícies povoadas. Apesar da intensidade da pressão política que estava dirigindo quase todo o regimento para a operação em Cam Lo, ele teria que reagir. A mente de Blakely imaginou uma cena no quartel-general da divisão, em que era o chefe de pessoal, aconselhando o general sobre as complicações políticas e sobre como elas interagiam com as complicações estratégicas. Sorriu desse devaneio. Simpson estava certo. A porra do *bourbon* foi ficando cada vez mais suave.

Blakely reviu mentalmente o plano da troca. Originalmente, parecera fácil. Continuar a missão original com duas companhias no vale, avançando muito devagar. A Charlie troca de lugar com a Bravo no Matterhorn e a Alfa troca com a Delta no Eiger. Daí veio a ideia de jerico da operação em Cam Lo, com todo mundo recuando para a BCV a fim de se preparar para ela. Então, aquele plano teve que ser mudado. Daí veio o meio-termo que Mulvaney havia combinado com Simpson. Agora a Bravo e a Delta iam para o vale e não para a BCV. Daí *esse* plano teve que ser mudado. Uma pergunta passou pela sua mente: quando havia sido último reabastecimento de rações para a Delta no Eiger? Antes, isso não tinha importância, porque a Delta ia originalmente voltar para a BCV como todo mundo. Daí ocorreu a ele que, com a Charlie recuando para a BCV e não para o Matterhorn, a Bateria Golfe e o quartel-general do batalhão ficariam expostos, embora só brevemente, durante o tempo que levassem para fazer a troca. Isso espantou de sua cabeça a questão do abastecimento de comida para a Delta.

– Senhor – ele disse para Simpson. – Estou pensando aqui na cobertura da bateria. Eles vão ficar expostos por um tempo sem a Companhia Bravo, até a gente transferi-los para a BCV.

– Mas quanto tempo, mais ou menos? Umas duas horas? Blakely, eles são fuzileiros. Se os viets forem burros o suficiente para nos atacar, a bateria vai segurá-los e, em vez de largar a Delta no vale, a gente larga eles

aqui e mata os viets dos dois lados.

Ele pôs o braço em vota do ombro de Blakely.

– Você é um chefe de pessoal excelente, Blakely, mas você se preocupa demais – ele pegou o copo de Blakely e pôs mais *bourbon* nele. – Agora relaxa. Isso é uma ordem.

Ele ofereceu o copo cheio para Blakely, que sorriu e aceitou.

– Não posso desobedecer uma ordem, senhor.

– Porra, não pode mesmo.

Blakely tomou um gole. Porra, o Simpson sabia mesmo escolher uísque. O calor estava se movendo do seu estômago para os braços e as pernas. Ele se sentia bem. A bateria ia mesmo atravessar um momento breve de vulnerabilidade, durante o qual teria que proteger a si mesma. Ele estava se preocupando demais – Simpson estava certo. Por um instante, Blakely se perguntou quem estava explodindo os bunkers abandonados no Matterhorn, mas logo em seguida os outros oficiais deram uma gargalhada. Simpson havia tirado outra garrafa de *bourbon* de algum lugar e sorria de orelha a orelha enquanto a abria. "Ele deve estar tão cansado quanto eu", pensou Blakely. O coronel tinha razão em mais uma coisa: Blakely deveria relaxar mais. Além disso, não ia ajudar em nada o seu relatório de performance se ele aparecesse como um chato e acabasse irritando o seu superior. Ninguém gosta de um chato. E o Simpson precisava dele, também. Ele tinha muita coragem; ninguém recebe uma Estrela de Prata por um motivo qualquer nos fuzileiros. Mas Simpson não parecia disposto a lidar com os detalhes. Claro, era para isso que o coronel precisava dele. Blakely tomou outro gole, saboreando-o. Uma coisa ele tinha que dizer a favor do velho: Simpson sabia escolher uísque. Havia sido um pesadelo redirecionar tudo depois que Simpson disse que ia pôr duas companhias no vale em vez de levar o batalhão inteiro para a planície. Uma pequena mudança, só uma, e toda a porra da comida e da munição, tudo pronto para ir para um lugar, teve que ser redirecionada e ir para outro qualquer. Bom, trabalho de pessoal era complicado. A mente de Blakely se dispersou. Em parte, ouvia as piadas e as histórias dos outros oficiais. Queria estar em casa. Queria estar dormindo. Engoliu o resto do uísque. O que havia de errado em relaxar quando podia? Se todos estavam se embebedando antes

do início da operação Cam Lo, por que não ele? Além do mais, ele queria que todos o vissem como bom jogador em equipe.

Antes do nascer do sol, a Companhia Bravo se dividiu em grupos de helicóptero na ZP. Os garotos, completamente equipados, pesados e sobrecarregados, estavam agachados formando uma coluna que se estendia para baixo do topo do morro, esperando que os helicópteros chegassem com a luz do dia. Os homens da artilharia se ocupavam de empacotar seus equipamentos, passando entre, e às vezes por sobre, os homens da infantaria sentados no chão. Alguns olhavam para a infantaria com curiosidade, mas a maioria tentava ignorá-la, evitando se misturar com o destino dela.

Quando Vancouver caminhou pela ZP na semiescuridão daquele momento anterior à aurora, no entanto, mesmo a indiferença forçada dos rapazes da artilharia foi quebrada.

– Porra, de onde veio *esse aí*?

– De um filme. Você não sabia que o Saco tá fazendo um filme sobre essa operação?

– Não conseguiram o John Wayne, então chamaram ele mesmo.

– Não, porra. Tão filmando umas cenas de fundo pro jornal da noite.

– Você viu o que aquele cara tava carregando? Uma M-60 de cano serrado. Puta que pariu.

– Ele nunca vai conseguir acertar coisa nenhuma com aquilo lá. É coisa de *gunjy*.

– Não sei, cara.

– É burrice. Não dá pra controlar.

– Quem se *importa* se você consegue controlar a porra de uma M-60?

Mellas ficou andando de um lado para o outro a fim de inspecionar cada equipe de helicóptero, perguntando se tudo estava bem. Aproximou-se da última equipe, que era a de Bass. Skosh estava deitado no chão com os olhos semicerrados, uma toalha verde em volta do pescoço.

– Acho que estamos todos prontos, sargento Bass – Mellas disse.

Bass olhou para ele.

– Acho que estamos, tenente.

Envergonhado da própria ansiedade, Mellas andou até Goodwin, que estava deitado de costas, de olhos fechados, com a cabeça aninhada no capacete.

Mellas sussurrou, para que os outros não ouvissem:

– Ei, Cicatriz.

Goodwin resmungou.

– Colocou cueca na mala?

– Não, porra, Jack. Cueca vai te dar pele da selva no saco.

– É – murmurou Mellas. Ele passou os dedos na camiseta verde desbotada que a sua mãe havia tingido para ele.

– Por que você chama todo mundo de Jack?

Goodwin abriu os olhos e olhou para ele.

– É mais fácil lembrar o nome de todo mundo assim.

– Ah – disse Mellas. – Claro.

Goodwin voltou a fechar os olhos.

Mellas andou até onde Jackson estava deitado com sua equipe. Jackson olhou para Mellas, torcendo o pescoço por cima da sua imensa mochila. Sua vitrola estava amarrada em cima dela com fios de rádio.

– Tudo pronto, Jackson? – Mellas perguntou pela terceira vez.

– Sim, senhor.

Jackson, com aquela sua expressão de não-tenho-nada-a-esconder, encarou Mellas. Depois rompeu o contato visual para olhar os corpos exaustos do seu esquadrão ao longo da linha. Mellas notou que todos cultivavam o olhar de tédio de quem está esperando o ônibus, o que escondia qualquer emoção.

– Não dava pra ir sem o seu som, né? – perguntou Mellas.

– Não, senhor. Não dava, não.

– Quanto pesa isso?

Cortell, o líder da segunda equipe de artilharia, que estava sentado ao lado do seu amigo Williams, riu.

– Cara – Cortell disse –, não dá pra carregar nada mais leve do que a

música.

Jackson mostrou seu grosso dedo do meio para Cortell.

– Fácil pra você falar, não está carregando – virou-se de novo para Mellas. – O sofrimento por que eu passo pra que meus homens possam ter música, e o Cortell faz pouco disso.

– Jesus torna leves todos os seus fardos – disse Cortell.

– É, bom, mas ele não está aqui hoje, pastor.

– Onde dois ou mais estão reunidos no nome de Jesus, Ele tá lá.

Cortell estava acostumado a trocar farpas sobre o seu cristianismo, e não ficava sem resposta.

Mellas observou Jackson, sentindo-se feliz de tê-lo escolhido como líder do esquadrão.

– Por que você não preferiu um toca-fitas pequeno? – perguntou a Jackson.

Jackson fez uma pausa enquanto pensava.

– Acho que eu gosto de ficar vendo o disco girar.

Mellas riu, mas sabia o que Jackson queria dizer. Por algum motivo, o cassete era algo estrangeiro – japonês – ou futurístico. Um disco de quarenta e cinco rotações por minuto era provavelmente o mais perto de casa que alguém podia chegar na selva.

O cabo Arran andava com Pat seguindo-o logo atrás e à sua direita, obviamente não em estado de alerta, mas cheirando o que quer que o interessasse, virando a cabeça, ofegando feliz em resposta às várias saudações dos fuzileiros. Cheirou a perna da calça de Mellas, daí trotou para onde Williams estava sentado, apoiado na sua mochila, suas grandes mãos de fazendeiro aninhando-se a nuca. Williams sentou-se mais para a frente e estendeu o braço a fim de fazer um carinho nas orelhas avermelhadas do cachorro, sorrindo, evidentemente contente que Pat o tivesse escolhido entre todos.

– Eu gosto de cachorro – ele disse para Mellas. – E parece que eles percebem.

Voltou a se concentrar no cachorro, agarrando a pele solta no pescoço de Pat, e sacudiu gentilmente a cabeça do animal para a frente e para trás.

– Aí, grandão. Oi. Que cê tá fazendo no Vietnã? – o cachorro lambeu a

mão de Williams e depois o rosto, e Williams riu. – Você sabe por que está aqui tanto quanto eu, não é, grandão?

Arran soltou um assobio rápido e baixo, e Pat foi trotando até ele. Mellas continuou acompanhando a linha de fuzileiros, parando quando chegou em Pollini, que amarrava mais uma vez as suas balas de morteiro no alto da mala. Para Mellas ele parecia um rato agitado, arrumando as coisas no seu ninho abarrotado.

Pollini olhou para ele.

– Oi, tenente Mellas, senhor – deu o seu sorriso largo de sempre. Seu rosto estava coberto de sujeira.

– Pollini, você não lava o rosto nunca? – Mellas perguntou baixinho.

Pollini levou uma mão suja ao rosto, esfregou-a na face toda e depois olhou para ela, mas é claro que a mão não mostrava nada de novo. Suas mãos eram as mãos grandes de um carpinteiro experiente, com grandes unhas amarelas, no entanto seu rosto sob o cabelo encaracolado e preto parecia o de um coroinha que havia caído na lama. Olhou para Mellas sorrindo de novo.

– Me lavei hoje de manhã, senhor, e fiz a barba também.

Jackson havia andado até eles, com o rosto franzido porque Pollini ainda não estava preparado para a partida.

– Shortround, você não fez a barba hoje – Jackson disse. – Você nunca tá barbeado.

– Fiz, sim – Pollini levantou. – Pergunta pro Cortell.

Ele se virou para Mellas.

– Fiz a barba, sim.

Jackson se ajoelhou ao lado da mala bagunçada de Pollini e começou a prender fios e a amarrar objetos.

– Shortround, porra – ele disse, pondo um fio no lugar. – Tenente, juro que ele estava pronto três minutos atrás.

– Eu tive que pegar uma... – Pollini disse.

Jackson parou de amarrar.

– Teve que pegar o quê?

– Um negócio.

– Shortround, tá comendo a sua comida?

Pollini sorriu. Sorrir era a sua principal defesa contra todas as pessoas maiores e mais competentes.

– Bom, só uma lata de pêssego. Eu tava de posto de escuta ontem de noite e perdi o café da manhã.

– E por que perdeu o café da manhã? – Jackson se virou para Mellas. – Eu dei vinte minutos pra ele enquanto a gente tirava os foguetes das armadilhas e as minas claymore, senhor.

– Tudo bem, Jackson – Mellas se virou para Pollini. – Você sabe que vai precisar de toda comida que conseguir carregar. Por que não pegou alguma dessas caixas todas dando sopa aí?

– Eu não sei, senhor.

– Você não sabe porque é um burro do caralho – Jackson disse. – Agora arruma direito as suas coisas. Onde estão os pêssegos?

Pollini meteu a mão em um bolso grande. Seu uniforme de camuflagem tamanho pequeno servia nele como uma roupa de palhaço. Ele tirou a lata e a entregou para Jackson, que a pôs de volta na mala abarrotada de Pollini, abrindo espaço para ela com raiva.

De repente parecia que Pollini ia chorar.

– Eu não sou burro – disse ele.

– É burro pra cacete – Jackson disse.

– Chega, Jackson – disse Mellas.

Ele se virou para Pollini.

– Shortround, você vai ter que aprender a pensar antes de fazer as coisas. Os helicópteros vão chegar em cinco minutos e você tá aí com um dedo enfiado no cu e ainda por cima comendo a sua comida.

– Eu não tomei o café da manhã – Pollini estava ficando teimoso, as costas contra a parede.

Mellas sentiu que seu estado de nervos, que já era de agitação, estava começando a piorar, apesar do controle que tentava impor sobre ele.

– Verifica se ele está pronto pra partir, Jackson – ele disse, decidindo que era melhor largar o assunto. Andou um pouco e se arrumou de novo no chão. Fechou os olhos, torcendo para que parecesse que estava dormindo. Gradualmente tomou consciência de um avião zumbindo acima dele, perdido entre as nuvens. Sabia que era um avião e não um helicóptero por

causa da uniformidade do zumbido e da ausência das pancadas surdas que as hélices davam contra o ar. Olhou para cima e, sem conseguir ver nada, examinou a área de onde o som vinha com o interesse que qualquer pessoa entediada sente por uma distração qualquer. Por um momento, conseguiu vislumbrar um avião grande, um rápido brilho acinzentado no meio da cobertura de nuvens. Daí ele desapareceu de novo. Parecia estar fazendo círculos cada vez mais baixos. Quando finalmente saiu da cobertura de nuvens, estava bem longe, a nordeste, em cima do vale no qual seriam deixados. Era um avião grande movido a propulsor.

– Parece um avião de transporte – Mellas disse para Hamilton. – O que você acha que ele está fazendo?

– Não tenho a menor ideia, senhor.

Hamilton nem se esforçou para olhar. Estava memorizando frequências e códigos de rádio.

O avião fez um círculo preguiçoso, ganhando altitude bem acima da linha de cristas que se estendia de Matterhorn até o Morro do Helicóptero e mais para o leste. Quando completou a curva de novo, acompanhou a linha de cristas vindo na direção deles. Continuou vindo. Um bom número de pessoas o observava agora. Uma pluma tênue e delicada saiu da sua traseira, uma nuvem acinzentada mais escura, quase indistinguível do pano de fundo carregado. O zumbido ficou mais alto. O avião continuava vindo. Mais alguns fuzileiros ficaram de pé.

– Que porra? – disse Mellas, que também levantou.

O avião rugia acima deles, os símbolos da Força Aérea dos EUA claramente visíveis, o som ensurdecedor das suas quatro turboélices. Em poucos segundos, estavam envolvidos por uma neblina química. Gente tossia, respirava pesado, gritava palavrão. Mellas viu Fitch, com lágrimas escorrendo dos olhos, gritando no rádio de Relsnik para o batalhão, exigindo saber o que estava acontecendo e tentando fazer o batalhão parar. O avião diminuía até parecer um grão de pó no sudoeste, aumentando de altitude por sobre a fronteira do Laos até se perder nas nuvens. A única prova da sua passagem era que todo o morro fedia, como se estivesse coberto de repelente de mosquito.

Hamilton ergueu um copo imaginário no ar.

– Um brinde para a porra da Força Aérea.

Mellas, com os olhos ainda lacrimejando, andou para onde o grupo de PdeC da companhia se sentava. Fitch ainda segurava o bocal do rádio, claramente esperando uma resposta do batalhão.

– Deixei o Bainford, o controlador aéreo avançado do batalhão, encarregado disso – ele disse quando Mellas chegou perto o suficiente para ouvir.

Cerca de um minuto depois, o bocal chiou e Mellas ouviu uma vozinha dizendo: "É um pesticida. A gente tinha pedido pra amanhã, mas parece que alguém fez merda. Desculpa aí. Não vai fazer mal. É só pra matar planta. Chama-se Agente Laranja. É pra que as árvores não sirvam de abrigo pro inimigo. A Força Aérea usa bastante, e não incomoda seres humanos".

– Bom, a mim incomoda – Mellas disse bem alto. Fitch o ignorou.

– Entendido. Bravo Six desligo.

Fitch se voltou para ele.

– Você ouviu o cara, é pra matar planta. Força Aérea: vão se foder – Fitch ficou resmungando palavrões enquanto esfregava os olhos.

Hawke veio andando e deu a Fitch seu copo feito de lata de pera, cheio de café fumegante.

O som dos helicópteros vindo do sul finalmente quebrou a letargia nervosa. Mellas correu para pôr seu equipamento, examinando várias vezes a munição e as armas, depois lembrou-se de que Goodwin entraria primeiro e sentou-se de novo.

O primeiro pássaro veio depressa. Seu rugido encheu o ar e suas hélices chicotearam as poças d'água no barro enlameado. Goodwin atravessou correndo a área aberta com sua equipe de helicóptero. Batia nas costas de cada um, contando todos, enquanto entravam nas mandíbulas abertas da traseira do helicóptero. A porta de trás fechou e eles se foram. Um segundo pássaro chegou, quase imediatamente, e depois um terceiro. Mellas viu o sargento Ridlow, com seu grande .44 amarrado na cintura, correndo pela ZP. Mellas também estava correndo pela ZP, com Hamilton saltando atrás

dele, seu rádio enterrado por baixo de todo o resto do equipamento. Mellas contou os membros da sua equipe enquanto entravam no helicóptero. Deu um sinal de positivo para o chefe da tripulação, e foram todos engolidos e tragados para o espaço, o helicóptero descendo do alto do morro para ganhar velocidade no ar. Mellas consultava sua bússola, verificando continuamente a direção para que, quando pousassem, eles logo se orientassem.

À direita deles, a enorme crista negra que havia sido uma companheira constante no morro, e que exigira um dia inteiro de esforço para ser alcançada, foi ultrapassada em segundos. Abaixo dela havia encostas íngremes cobertas de selva e cruzadas por largos riachos. A selva sumia quando se encontrava com a base do vale, e o capim-elefante assumia seu lugar. O mapa era uma série confusa de linhas de contorno. Em vários lugares, essas linhas sequer se encontravam – os desenhistas do mapa tinham desistido.

O deque se inclinou e o tom das hélices mudou. O rugido do motor aumentou. A garganta de Mellas latejava de novo. O capim correu na direção deles, abandonando sua suavidade ilusória e assumindo sua realidade de três metros de altura. O helicóptero bateu com um som de pancada, fazendo com que todos caíssem de bunda. As portas se abriram e eles saltaram para fora, caindo no capim esmagado e já correndo em velocidade. Mellas se virou para a esquerda na hora e começou a posicionar os homens nos lugares planejados da área.

Nada aconteceu. Sorrisos se abriram por sobre os canos dos rifles que apontavam para o capinzal. Alguns minutos depois, Mellas viu Fitch e Hawke correndo pela ZP para o grupo de PdeC da Companhia Charlie. Mellas andou até lá para se juntar a eles. Quando chegou, viu que os garotos da Companhia Charlie estavam quase exaustos e que suas roupas escuras e molhadas grudavam nos corpos. Suas feridas de pele da selva eram ainda piores que as que Mellas tinha visto em Matterhorn.

Mellas viu um operador de rádio e andou na direção de alguém que estava deitado no chão, mas parecia um comandante de pelotão. Ele olhou para Mellas cansado. Seu rosto era largo e abrigava um bigode pequeno e grosso. Não havia nenhum jeito de identificar a sua patente que não a

intuição, mas esse homem parecia ser o líder.

– Oi, eu sou o tenente Mellas. Primeiro pelotão da Companhia Bravo. Vocês parecem cansados.

O homem coçou a orelha e fez uma careta. Estendeu uma mão carnuda.

– Jack Murphy. Charlie One. A gente morreu dois dias atrás e eu estou tendo umas alucinações pós-morte de que estou sentado numa ZP esperando pra sair deste lugar de merda. Este aqui é o Somerville – ele indicou o operador de rádio. – Ele também não está aqui.

O rosto de Murphy se contorceu e sua cabeça estremeceu subitamente. Ele pareceu não notar, assim como seu operador de rádio.

– Eles fizeram a gente andar até morrer – disse Somerville.

– Como é o terreno?

– Horrível – Murphy disse. Mais uma vez houve o movimento brusco da cabeça para o lado e a contorção do rosto. – Montanhas do caralho. Picos. Cobertos de nuvens.

Mellas fingiu não perceber o cacoete.

– Difícil reabastecer, imagino.

– Não. Era fácil.

– É?

– Não tem nada aqui.

– Ah – Mellas concluiu que Jack Murphy não estava com vontade de falar. Mas queria mais informações. – Eu ouvi dizer que vocês foram atacados.

– É.

– O que aconteceu?

Murphy grunhiu e se ergueu até ficar sentado. Ergueu a mochila com ele como se fizesse parte do corpo. Depois se levantou devagar. Era cerca de cinco centímetros mais alto do que Mellas. Apontou para o capim-elefante, mostrando algo invisível.

– Naquela direção o terreno fica muito íngreme, um monte de riachos e sei lá mais o quê. Você tem cordas?

– Tenho. A gente carrega uma por esquadrão.

– Ótimo – Murphy disse. – Bom, a quatro dias daqui, talvez menos se você fizer o caminho que a gente fez e correr o risco de sofrer uma

emboscada, tem um morro inclinado pra caralho. Os viets esculpiram uns degraus nele, então é óbvio que tiveram bastante tempo pra preparar bunkers. O homem-ponto e mais outro começaram a subir e foi uma confusão dos diabos. Os viets mataram os dois e mais dois outros.

– Vocês pegaram algum?

– Quem consegue saber?

Murphy contou a história para Mellas. Eles estavam em fila ao longo de um rio que passava na parte de baixo de um morro. O terreno não era apropriado sequer para cabras. Sob a proteção dos seus lançadores de granada M-79, recuaram com os corpos e não avançaram mais. Eles tinham que construir uma ZP rapidamente para evacuar os feridos em tempo. A visibilidade era pouca por causa da monção e, além disso, não havia nenhum lugar bom naquele terreno dos infernos, de modo que eles desceram o morro o mais rapidamente que podiam para saírem da cobertura de nuvens. Mais um morreu durante a descida.

De repente, Murphy sentou-se de novo, esgotado.

– Poupa a porra da sua comida – disse, e se contorceu duas vezes.

– Obrigado – disse Mellas. Murphy só grunhiu como resposta.

Mellas andou mais para a frente. Juntou-se a Fitch e Hawke e mais alguém que ele supôs ser o Charlie Six, o oficial em comando da Companhia Charlie. O homem usava um par de óculos em mau estado, com fita adesiva enrolada nele. Seu uniforme estava preto de umidade e capim-elefante podre e grudava no corpo; lançava olhares nervosos para o céu.

– Mellas – Fitch o saudou, abrindo o mapa –, exatamente quem a gente queria ver.

– Seu entusiasmo é contagiante – respondeu Mellas. Fitch não sorriu.

Hawke interrompeu, imitando W.C. Fields[11]1: "Meu rapaz, você aprende rápido".

Fitch deu uma risada nervosa.

A conversa com Murphy havia deixado Mellas de sobressalto e a imitação de W.C. Fields, um tipo de humor que ele sempre considerara pouco sofisticado, mexeu com seus nervos.

– Chega, Jayhawk – ele disse.

– Sim, *senhor*.

Mellas se arrependeu imediatamente de ter dito qualquer coisa.

Fitch, lambendo os lábios de nervoso, nem percebeu a conversa. Apontou para o mapa que havia aberto no chão e todos se ajoelharam em cima dele.

– É aqui que o depósito de munição está – disse ele. – O capitão Coates aqui calcula que está a três dias de caminhada, se a gente seguir a trilha deles e correr o risco de uma emboscada. Quatro ou cinco se a gente for pelo caminho mais seguro, aqui ao longo desta linha de cristas – ele mordeu o lábio, fazendo silêncio de repente. Daí olhou para Mellas. – Eu quero o primeiro pelotão no ponto. A gente vai fazer a nossa própria trilha, então eu preciso de alguém que seja bom com um mapa. Por enquanto a gente precisa sair da ZP rápido. Os viets já devem estar preparando os morteiros. Siga pela trilha da Companhia Charlie até eu dar outra ordem.

Ele molhou os lábios.

– Fala pro seu homem-ponto que a Alfa está descendo a trilha com um corpo, logo não é pra sair atirando.

A voz de Fitch foi baixando e ele olhou sem certeza para o capim-elefante molhado e sussurrante. Mellas podia sentir a preocupação de Fitch. Era a sua primeira grande operação como comandante de uma companhia inteira.

O capitão Coates dormia profundamente, abraçado na mochila perto do operador de rádio, que também cochilava.

Mellas sentiu uma ponta de esperança. Ali estavam dois comandantes de companhia, um inseguro de si mesmo, o outro se entregando à exaustão, no entanto os dois haviam recebido o comando. Logo, por que não ele? Ele se viu contando para as pessoas nos EUA que havia comandado uma companhia durante uma batalha, duzentos e doze homens. Não, duzentos e doze fuzileiros. Olhou para Hawke, sentindo a sua presença como um impedimento, sabendo que a companhia escolheria Hawke e não ele, a menos que aparecesse um capitão quando fosse a vez de Fitch ir embora, em cujo caso o posto também não iria para ele. Ele simplesmente precisava de mais tempo.

Hawke, confundindo o olhar de Mellas com uma pergunta silenciosa, acenou com a cabeça na direção do comandante da Companhia Charlie

adormecido e começou a completar as ordens de Fitch.

– O Charlie Six só conseguiu descrever a área do depósito. Ele não sabia localizar no mapa, porque o mapa não é cem por cento correto. Então não é porque o batalhão diz que está lá que está lá mesmo. O Coates diz que o mapa está errado em pelo menos seiscentos metros em alguns pontos. A gente vai tentar chegar hoje de noite num acampamento velho dos viets que eles descobriram, bem aqui – Hawke fez um círculo com o dedo, indicando uma área grande. – A selva é tão fechada que ele não tem certeza de onde estavam, mas parece ser uma boa posição defensiva. O primeiro sinal que você vai ver serão arbustos cortados. Ou isso, ou você vai chegar na trilha da Charlie pelo lado de cima do morro. Quando você começar a ver sinais, para e chama o Jim que ele vai lá e dá uma olhada. Eu vou estar seguindo *bem* pra trás com o primeiro-sargento Samms.

Mellas sabia que Samms, o sargento do terceiro pelotão, era considerado competente. Mas Samms seria prejudicado pela inabilidade do tenente Kendall de ler mapas, até que Kendall passasse os seus noventa dias obrigatórios na selva e fosse mandado de volta para sua unidade de transporte motor.

– E os Kit Carsons? – perguntou Mellas, referindo-se aos guias designados para a companhia durante aquela operação, ex-soldados do ENV que haviam desertado para serem mais bem pagos pelos americanos.

– Estão de greve – Hawke disse. – Eles só vão seguir o grupo de PdeC.

– Você quer que eu saia agora? – Mellas perguntou.

Fitch voltou ao momento presente e mandou Mellas levar o seu pelotão até cerca de duzentos metros acima da trilha da Charlie e da Alfa, e depois esperar até que o resto da companhia conseguisse sair da ZP. Mellas ficou surpreso quando Fitch disse que demorava por volta de meia-hora para que uma companhia saísse em fila indiana de uma área.

– Você vai andar onde? – Hawke perguntou a Mellas.

– Número cinco.

O homem-ponto ia na frente, seguido do cachorro, Pat, e do cabo Arran; outro fuzileiro com um rifle e o líder do esquadrão ficavam nas posições três e quatro e daí vinha Mellas, seguido de Hamilton e o rádio.

– Certo. Não quero que a companhia se perca por aí de besteira só

porque o líder do esquadrão não sabe ler uma bússola. Você tem que saber onde está o tempo todo.

– Sim, *senhor* – Mellas disse, sorrindo e tentando entender por que Hawke de repente estava tão irritado.

– Só fica de olho aberto – Hawke não estava sorrindo. – E esconde a porra da bússola quando for ler. Dá muito na cara que o cara segurando a bússola é que é o líder.

– Está certo, Hawke.

Mellas se reuniu ao pelotão. Todos se levantaram, ansiosos para sair da zona, sentindo-se expostos aos morteiros inimigos que haviam sido atraídos pelos helicópteros. Bass e os líderes dos três esquadrões disseram com alguma veemência que o primeiro pelotão tinha ficado no ponto no final da última operação. Mellas interrompeu a discussão dizendo que Fitch havia colocado o primeiro pelotão no ponto por causa da necessidade crucial de navegação até o acampamento do ENV. Eles todos sabiam que, com a possível exceção de Daniels, Mellas era quem melhor se orientava com mapa e bússola, e aceitaram seu destino.

Não havia discussão entre os esquadrões de que era a vez do esquadrão de Connolly ficar no ponto pelo pelotão. Vancouver comia suco em pó direto de um pacote, esperando o sinal para avançar. Todos haviam desistido de tentar convencê-lo a não ir no ponto pelo esquadrão.

Mellas falou pelo rádio com Fitch:

– Bravo Six, aqui é o Bravo One. Estamos prontos pra ir. É só vocês seguirem os rastros de suco de uva em pó. Câmbio.

– Um momento, Bravo – Pallack respondeu. – O chefe tá mandando assumir posição. Câmbio.

– Entendido. One, desligo.

Mellas olhou para Vancouver e apontou para o capim-elefante. Vancouver, que tinha a boca toda manchada de roxo, pegou uma última porção do pacote aberto e passou o que sobrava para Mellas. Ele colocou um cartucho na sua metralhadora serrada e caminhou para o capim alto, seguindo a trilha da Companhia Charlie. Mellas olhou para o pacote, com pó roxo grudado nas bordas rasgadas, molhado da saliva de Vancouver. Encolheu os ombros, engoliu um bocado e fez uma careta para Hamilton.

"Porra, como vocês aguentam essa bosta?" Seus olhos se fecharam por causa da acidez, e então ele sentiu saliva correndo para sua boca. Sacudiu a cabeça e começou a andar, com Hamilton o seguindo.

Quase imediatamente o burburinho da zona de pouso saiu da sua vista e da sua audição. O capim alto murmurava à volta de todos. Logo passaram pelos dois homens do posto avançado da Companhia Charlie. Um garoto imundo gritou para eles:

– Espero que eles não façam vocês andarem até cair que nem fizeram com a gente.

– Eu também – Mellas gritou de volta. – Toma, eu odeio esse sabor.

Jogou o suco de uva em pó para ele e o garoto sorriu, erguendo-o no alto. Depois sumiu de vista.

Não havia sol, só uma garoa cinzenta e o capim-elefante molhado e cantante se erguendo acima deles, a parte de baixo já apodrecendo, abrindo mais espaço para mais capim-elefante crescer. Enquanto seguiam a sinuosidade da trilha por sobre o capim esmagado, Mellas frequentemente consultava a bússola. Ele a mantinha junto ao quadril.

Bass, no final da fila, disse por rádio que estava acabando de passar pelo posto avançado da Charlie. Mellas ficou tão surpreso quanto desconcertado ao perceber a lentidão do avanço, e o pelotão era menos de um terço da companhia. Ele foi avançando, tentando calcular até onde teria que ir para deixar uma extensão suficiente de trilha atrás de si para que coubesse a companhia inteira. Finalmente mandou Connolly parar. A ordem foi passada até Vancouver, que estava no ponto, e Mellas fez gestos para que todos se abaixassem, alternando a direção entre esquerda e direita para observarem os dois lados da trilha. Ficou esperando que Fitch dissesse que a companhia havia tirado a cauda da zona de pouso e que ele podia avançar de novo. Sentia-se isolado, vendo só uma pessoa na trilha à sua frente e ninguém atrás por causa do capim-elefante, aceitando por fé que a companhia de fato ainda estivesse lá. O chuvisco e o capim úmido encharcaram suas roupas.

O rádio deu um chiado baixo.

– Pode andar. Câmbio.

– Entendido. Andando – respondeu Hamilton. – Desligo.

Hamilton fez um gesto para Connolly, e todos se ergueram sem uma palavra de Mellas. Um bom operador de rádio e um líder de esquadrão funcionavam sem que precisassem de um tenente, e Hamilton e Connolly estavam juntos fazia meses. Mellas estava ocupado com uma sanguessuga que havia grudado nele. Chutava a sua perna esquerda com o pé direito, esperando que ela morresse ou caísse sem que ele tivesse que parar e borrifar repelente de inseto nela.

A companhia avançava aos trancos, o rádio mandando alternadamente parar e avançar. Ela se movia como uma taturana, lentamente fazendo uma contração lá pelo meio, depois lentamente se esticando até que um rapaz perdesse o outro de vista. Uma ordem era logo passada para frente ou para trás até o rádio mais próximo. "Quebra na fila." Então o operador de rádio avisava o pelotão na ponta: "Espera. Vocês sumiram". Todos paravam. Pessoas ficavam furiosas.

Daí toda a parte de trás da coluna xingava os garotos que tinham parado. Outra ordem era passada para frente e para trás até atingir um rádio. "Já estamos em contato de novo." Daí a frente da taturana voltava a avançar às cegas. Devagar, cada parte sentia o puxão da parte à sua frente e cada fuzileiro começava a andar de novo, mal levantando as botas da lama da trilha, os passos curtos e lentos. Enquanto isso, a parte de trás ainda se amontoava e parava. No momento em que a parte de trás da coluna havia se espalhado e começado a andar, acontecia outra quebra na frente.

– Bravo One, Bravo.

A curta mensagem de rádio terminou em uma explosão de estática quando o botão de transmissão de Pallack foi solto.

– A Alfa acha que tá a quatrocentos ou quinhentos metros da zona de pouso, portanto vocês devem estar perto. Câmbio.

– Entendido. Bravo One, desligo.

Hamilton olhou para Mellas. No silêncio do capim-elefante, Mellas ouviu toda a conversa, mesmo com Hamilton usando o bocal de transmissão. Mellas assentiu e foi até as costas de Connolly, que estava no

número quatro. “A Alfa está perto”, ele sussurrou. Connolly passou a mensagem para o cabo Arran, que andava com uma muito cobiçada espingarda de calibre .12 de prontidão ao lado de Pat. Vancouver, que ia à frente de Pat e Arran, estava completamente fora de vista, no aperto sinuoso da trilha enlameada.

Todos ficaram mais tensos. Só havia um segundo para decidir se o leve movimento na trilha à frente era de amigo ou inimigo. Tomar a decisão errada podia significar a própria morte, ou a de um fuzileiro da unidade que se aproximava.

A companhia avançava pelo túnel de capim, o céu visível apenas diretamente acima deles, a luz pouca. Vancouver mal ousava respirar. Pat mexia suas orelhas com nervosismo, intuindo a tensão dos fuzileiros. De repente, o pelo branco-prateado de Pat se levantou, seu rabo ficou rígido, seu nariz apontando e suas orelhas vermelhas voltaram-se para a frente. Mellas fez um gesto para que todos se abaixassem. Em silêncio, a coluna afundou no capim. Vancouver deitou ao lado da trilha, com a arma apontada para onde ela fazia uma curva. Todos esperaram para ver se era um fuzileiro ou um soldado ENV que apareceria. Logo a equipe de artilharia na ponta ouviu o som de alguém escorregando na lama. Depois, mais alguns passos. Então ouviu-se um silêncio estranho. Nenhum movimento. Nenhum som.

Connolly, com as sobrancelhas erguidas, virou-se para olhar Mellas, que fez que sim com a cabeça. Connolly sussurrou:

– Ei, Alfa. É a Bravo aqui.

Uma voz sussurrou de volta:

– Porra, cara. Estou contente de te ouvir – a voz se ergueu até um tom baixo de fala normal. – Estamos lá. Acabei de escutar a Companhia Bravo.

O homem no ponto da Alfa emergiu com cautela da curva da trilha, curvado bem baixo no chão, os olhos saltando. Vancouver ergueu a mão e o garoto relaxou. Tirou o botão de seleção do seu rifle do automático. Ele era reservado e as feridas de pele da selva no seu rosto estavam muito ruins. Além disso, não sorriu ao passar pelos fuzileiros silenciosos da Companhia Bravo. Logo outro rapaz apareceu na curva, depois outro. Depois de algum tempo, um operador de rádio surgiu. Com ele vinha um tenente alto,

magro, de aparência jovem, com o uniforme de camuflagem grudado no corpo. Ele tremia com os primeiros estágios de uma hipotermia. Parou na frente de Mellas e deixou seu pelotão passar.

– A Charlie ainda está na zona de pouso?

Sua voz era rouca, cansada.

– Alguns estavam quando a gente saiu – respondeu Mellas. – Pode ser que tenham todos ido pra BCV a essa altura. Não ouvi mais nenhum pássaro chegando.

– Aposto que esqueceram que a gente está aqui. Caralho. Primeiro eles dizem que a Charlie vai pro Matterhorn e a gente vai pro Eiger. Depois disseram que todo mundo ia pra BCV. Alguma merda que iam fazer em Cam Lo. Agora tão dizendo que a gente vai pro Eiger de novo. Já não sei de mais nada nessa porra. Ei, você viu aquele irlandês, Jack Murphy?

– Acabei de falar com ele.

– Ele me deve cinquenta paus de *bourbon*. Ele me disse que não tinha jeito de ficar numa situação pior que a da operação DMZ. Você tem um cigarro?

– Não, desculpa.

Hamilton casualmente tirou sua própria embalagem de plástico, abriu a capa e ofereceu um cigarro para o tenente e para o operador de rádio dele. As mãos tremiam enquanto acendiam os cigarros, agradecidos. Mellas estava espantado com a falta de precauções. Dava pra sentir a fumaça do cigarro a quilômetros. O tenente alto soltou uma nuvem grande e suspirou. Ele se virou para uma das cansadas figuras que passavam por eles.

– Quem tá com o corpo?

– Não sei, senhor.

– Merda.

Virou-se para Mellas. Visivelmente perto de um colapso, deu outra longa tragada no cigarro.

– A gente não come faz dias.

Era uma simples afirmação. Nesse momento, aparecendo na curva da trilha chegaram quatro fuzileiros. Carregavam um fardo pesado, estendido entre eles em um poncho pendurado em duas varas. Um rapaz parecia zangado; os outros três pareciam em transe, com os rostos sem expressão,

molhados, enlameados. Um braço branco e levemente inchado se levantava no ar, saindo do poncho. Os carregadores jogaram o fardo no chão, respirando pesadamente. Com as varetas no chão, o poncho se abriu entre elas, expondo um cadáver nu. O fuzileiro de aparência zangada cuspiu suas palavras por entre a respiração difícil.

– É muito mais longe, tenente?

Ele havia se dirigido ao tenente alto, mas Mellas respondeu.

– Uns seiscentos metros.

– Seiscentos! Vai tomar no cu. Assim a gente carrega ele até a BCV. Filhos da puta burros do caralho.

– Calma – disse o tenente alto, cansadamente.

– Eles mataram ele, tenente. Fizeram ele andar até morrer e agora o senhor quer que eu fique calmo. Ah, vai se foder.

O pescoço do garoto mostrava linhas paralelas de veias tensas. O tenente deu a ele um cigarro sem dizer nada.

– Obrigado – o garoto disse.

Sentou-se e deu uma tragada comprida, enquanto os outros membros da companhia passavam por cima dele e do corpo; daí passou o cigarro para um dos homens que o acompanhava. Mellas ficou olhando para o corpo, pálido e inchado contra a lama escura da trilha.

– Ele morreu do quê? – perguntou Mellas.

– Oficialmente, de pneumonia – o tenente respondeu. – Não deu pra tirar ele daqui. Nenhum helicóptero.

– O caralho. Fizeram ele andar até morrer – o garoto disse com suavidade.

– Pneumonia. Meu Deus – Mellas assobiou baixinho. – E não deu pra tirar ele daqui? Não faz sentido.

– Não me engana que não faz sentido – o tenente chutou o corpo com delicadeza. – E era um bom garoto, também. O lula não faz ideia. Tudo que a gente sabe é que a temperatura dele disparou pra mais de quarenta e um e ele começou a gritar. Tiramos todas as roupas dele pra ver se baixava. Não funcionou. Chamamos o resgate de emergência quando chegou nos quarenta graus. O médico achou que era gripe ou algo assim. O batalhão disse que não era uma emergência – ele riu pelo nariz, quase perdendo o

controle. – Acho que a gente estava certo.

Virou-se para o rapaz zangado, que estava terminando o cigarro.

– Quem que tem que substituir vocês?

– A equipe do Maki.

– Ok. Deixa ele aí. Vou falar pro Maki vir pegar ele.

O garoto reuniu sua equipe de artilharia e eles foram embora pela trilha. Outra equipe chegou, pendurou os rifles nas costas com as mochilas e levantou as duas varetas. Seguiram pela trilha com dificuldade, o balanço do corpo tirando o seu equilíbrio.

– Obrigado pelo cigarro – o tenente alto disse para Hamilton.

– Tudo bem, senhor.

Virou as costas e seguiu a trilha, com o operador de rádio o seguindo. Mellas olhou para Hamilton, que observava os dois desaparecendo. Rapazes cansados continuavam a passar por eles.

– Jesus – disse Mellas.

– É, pois é – Hamilton respondeu.

O estômago de Mellas roncava. Uma leve brisa veio sinuosa pelo capim, esfriando a sua roupa molhada.



CAPÍTULO

– Você nunca ficou num tumulto antes, ficou?

Fitch olhou para Mellas por cima da sua lata de peras. Estava sentado de pernas cruzadas em um montinho de musgo úmido. "Tumulto" era o código de brevidade para uma emboscada.

– Claro que já – respondeu Mellas. – A gente emboscou três vacas na Virgínia uma noite.

– Ah, tá.

Fitch riu, enfiando outra colherada de pera na boca.

– Ouvi falar disso. Foi logo antes da gente se formar – continuou engolindo as suas peras. – O Big John Six acha que a gente pode pegar de emboscada uns viets que estão indo pro acampamento hoje de noite e nem sabem que a gente está aqui.

– Duvido um pouco – disse Mellas. Haviam alcançado o acampamento vietnamita abandonado fazia apenas uma hora. Todos cavavam buracos. – Esse lugar aqui deve soar como uma manada de búfalos fazendo um baile em um celeiro.

Fitch riu pelo nariz e jogou a lata nos arbustos.

– Você viu aqueles rastros de tigre quando a gente estava chegando? – ele perguntou.

– Ele provavelmente estava cheirando os cocôs que a Companhia Charlie deixou pra trás.

Fitch riu.

– Do jeito que eles estavam, acho que não deixaram muita coisa pra ele.

Mellas deu uma olhada rápida na selva. Não estava com vontade de falar de vida selvagem. Emboscadas podiam dar errado, e eles estariam bem fora das linhas, sozinhos no escuro.

Fitch pegou seu mapa e mostrou para Mellas uma marca de lápis de cor, indicando onde o batalhão queria a emboscada.

– Você não precisa ir pessoalmente. O Bass e o Connolly são capazes de armar uma boa emboscada.

Ele tirou sua faca Ka-bar da capa e começou a limpar as unhas das mãos com ela. Mellas sabia que a oferta era outro teste.

– Não, eu vou. Não tenho mais nada pra fazer mesmo.

Começou a desdobrar seu próprio mapa, esperando que Fitch não percebesse que suas mãos estavam tremendo.

Hawke andou até eles.

– Tive que dar bronca no Kendall por não dar a porra das escovas de limpeza pros homens dele – Hawke suspirou e sentou de cócoras. – Tem café?

– Porra, você é o OX, Jayhawk, café faz parte do seu serviço – Fitch respondeu. – O que o Kendall falou?

– Pediu desculpa e disse que ia ver isso. Como assim parte do *meu* serviço?

– O que mais você tem pra fazer? – interferiu Mellas.

– Bom, uma coisa que eu não tenho que fazer é aguentar tenentes novatos metidos a espertos, pode ter certeza.

Mellas riu, mas se arrependeu da piada besta. Ao mesmo tempo, tentava desesperadamente se lembrar dos passos daquela emboscada de vacas na Virgínia.

Fitch continuou limpando as unhas e, então, disse.

– Estou mandando um esquadrão do primeiro pelotão num tumulto.

– Pra quê? – perguntou Hawke.

– O Three me chamou no rádio e disse que quer um.

– Pra quê? – Hawke persistiu.

– Disse que o Six e ele acham que é uma boa oportunidade de matar viets.

– Você quer dizer uma boa oportunidade de mostrar pro regimento como eles são machos.

– Talvez.

Fitch ficou quieto, sabendo que não havia saída, mas Hawke tinha de

deixar todo mundo ciente de que ele discordava. Virou-se para Mellas e suspirou:

– É, pois é – disse. – Vou fazer o Two e o Three virem ocupar as suas trincheiras, já que você vai sair com o esquadrão. Você vai com eles?

De novo o teste, e a tentação muito presente de mandar Connolly ou Bass irem. Ele lutou contra ela.

– Vou. Nenhum momento é tão bom quanto o presente.

– Hein? Porra, você é budista ou algo assim? – disse Hawke.

Mellas pensou bem no comentário e o arquivou, reavaliando Hawke mais uma vez. Depois, riu.

– Não. Luterano. Nós temos a eternidade toda, mas nos sentimos culpados por isso.

– De que porra vocês estão falando? – Fitch perguntou, genuinamente perplexo. Olhou para o relógio. – É melhor vocês se aprontarem antes de ficar muito escuro pra enxergar.

Apesar do medo que sentia, a ideia de armar uma emboscada excitava Mellas. O batalhão saberia imediatamente quem a havia liderado. Talvez ele ganhasse até uma medalha se matassem um bom número de viets. E se ele ia ficar lá deitado na chuva e no frio a noite toda, bem que podia ter a satisfação de matar alguém. Tão logo o pensamento cruzou sua mente, ele se censurou pela frieza. Ele também sabia que não tinha coragem de pedir a mais ninguém que liderasse a emboscada.

Mellas tinha acabado de informar o esquadrão de Jackson sobre a emboscada – era a vez deles – quando Hamilton veio dizer que haveria uma reunião dos reais.

– Agora? Acabei de sair de lá.

– Bem agora, senhor.

Mellas caminhou de volta para a tenda de Fitch, furioso. Todos os outros já estavam lá, incluindo os dois guias Kit Carson. Supunha-se que o seu valor estava em conhecerem o ENV intimamente. Infelizmente, ninguém na companhia falava vietnamita, e eles não falavam inglês. Além disso, nenhum fuzileiro confiava em um desertor. Eles eram mais um exemplo de uma ideia que havia parecido genial em Washington, a dezesseis mil quilômetros da realidade.

Os dois Kit Carsons estavam de cócoras tentando ouvir música vietnamita no rádio de transistor que carregavam.

– Ô, Arran – Cassidy grunhiu para o adestrador –, manda esses dois chineses da porra desligarem esse barulho do caralho.

Arran sabia mais ou menos sete palavras em vietnamita – mais do que todos os outros –, logo era sempre ele que falava com os locais. Fez um gesto indicando o rádio e raspou as mãos fazendo sons de corte. Depois de algum tempo, o mais parrudo dos dois pequenos homens entendeu e desligou o rádio. Seu braço estava coberto de cicatrizes horríveis. Os fuzileiros achavam que os ferimentos foram causados quando ele estava do outro lado. Ele ergueu o rádio e sorriu.

– *Númelo* um.

Arran olhou zangado para eles. Na gíria militar, "número um" significava "o melhor"; "número dez", o pior.

– Rádio número dez. Número dez – ele apontou para o céu. – Escuro, ENV. Número dez.

O Kit Carson assentiu.

– *Númelo* dez.

– É isso mesmo, burro filho da puta – Cassidy resmungou. Ninguém realmente queria levá-los junto, mas eles haviam sido designados pela Divisão S2, de modo que Fitch os havia deixado caminhar com o grupo do quartel-general no meio da coluna. Os dois Kit Carsons voltaram a conversar em vietnamita, em vozes baixas e musicais. Fitch se levantou e todos se esqueceram de que eles estavam lá.

– Como vocês sabem, a Delta veio seguindo os nossos rastros a tarde toda – Fitch olhou para o chão e o raspou com a bota. – Ninguém vai gostar de ouvir isso, mas eu estava conversando com o Delta Six no rádio e parece que o batalhão só foi contar pra ele que ele vinha com a gente pro vale na última hora. Eles já estavam com pouca comida, mas achavam que iam voltar pro BCV – ele pôs as mãos nos bolsos traseiros e olhou para a selva. – Enfim, eles não tiveram oportunidade de trazer nenhuma ração extra – olhou de novo para o grupo. – Então, o batalhão mandou que eles se juntem a nós e peguem metade da nossa.

Mellas explodiu, surpreendendo a si mesmo.

– Não, porra. Da minha eles não levam nada.

– Não é culpa deles, Mellas – disse Hawke. – Mas eu sei como você se sente.

– O que é que a gente tem que fazer, sobreviver com meia ração porque o batalhão não sabe fazer nada direito?

Mellas sabia que estava soando como uma criança birrenta, mas não se importava. Estava cansado, tinha uma emboscada para preparar e já sentia um pouco de fome. Tinha tentado comer sua ração aos poucos para que ela durasse a operação inteira.

– Cada um de vocês vai coletar dois dias de ração de todo mundo e trazer pra cá – visivelmente, Fitch não queria ouvir reclamação de ninguém, logo ninguém discutiu. – E tem que ser feito ao acaso. Nada de despejar a parte ruim neles. Se vocês estivessem no lugar deles, iam querer comida decente também.

– Mas olha só – Mellas disse sarcasticamente. – A lei da universalidade.

Goodwin olhou para Mellas.

– Que porra você está falando, Jack?

– A filosofia moral da Regra de Ouro.

– Tá, claro – Goodwin disse. – Façais ao próximo antes que eles façam com você – essa é a tal da Regra de Ouro, Jack.

Todos riram.

Mellas andou de volta para o lugar onde ele e Bass haviam estabelecido o posto de comando do pelotão. A piada havia diminuído a sua raiva, mas agora ela estava voltando.

– Então a gente vai ter que dar pra Delta a nossa comida, tenente? – Bass perguntou quando Mellas se aproximou deles. Mellas tinha há muito tempo desistido de surpreendê-los com qualquer informação. Todos ainda estavam cavando buracos, menos o doutor Fredrickson, que contava os comprimidos de malária em seu próprio e pequeno buraco, que já havia sido terminado. Se fossem atacados, ele não o usaria muito de qualquer forma, já que estaria cuidando dos feridos.

– É. Puta merda. *Coordene com a Companhia Bravo relativo reabastecimento de comida* – seu tom de zombaria causou uns poucos sorrisos. – E o Fitch não quer que a gente esconda as melhores comidas

também.

Hamilton olhou com pena para sua mochila.

– Dou pra eles os meus pêssegos ou o meu bolo inglês?

– Ah, mais um dia maravilhoso nos fuzileiros – disse Bass –, em que todo dia é feriado e toda refeição é um banquete.

– Perpétuo – Fredrickson comentou.

– Leal, industrioso, amante da liberdade, eficiente, calejado – Bass retrucou rapidamente.

– Preguiçoso, filho da puta ignorante, só esperando pela aposentadoria – Fredrickson respondeu.

Mellas deu uma gargalhada.

– Sem comentários da seção de oficiais juniores – disse Bass.

– Bom, este oficial júnior aqui está saindo para um tumulto pra que um quase primeiro-sargento possa ter o seu muito necessário descanso e acompanhar o resto da companhia amanhã. Então, se você por gentileza der os beijos de boa-noite no pelotão por mim, eu vou pegar o rádio e seguir.

– Sim, sim, senhor Mellas – Bass pegou um dos rádios que estavam junto dos ponchos onde ele e Skosh armariam o abrigo deles. Deu o rádio para Mellas.

– Escolheu um nome de código?

Mellas pensou um momento.

– Vagina.

– Não pode.

– Por que não?

– Não pode encher as ondas sonoras com imundícies.

– Não tem nada imundo nas vaginas que eu conheço. Nas que você conhece, eu não sei.

– Você não conhece o mundo o suficiente pra saber o que é isso.

Mellas pendurou o rádio no ombro. Pegou o rifle.

– Eu não preciso conhecer o mundo pra saber o que é isso – ele disse com petulância –, elas vêm até mim.

– Opa.

Mellas riu, mas fazia isso para esconder a mágoa pelas brincadeiras de

Bass. Tinha vinte e um anos e era virgem ainda, um fato que o envergonhava profundamente. Anne era a única mulher com a qual tivera alguma intimidade, mas ela nunca quis ter relações. Ele nunca insistiu. Eles rolavam loucamente na cama até que Mellas ejaculasse e pegasse no sono. Acordava se sentindo mal porque ela nunca gozava como ele. Certa noite ela reconheceu que se sentia culpada por não permitir a penetração. Mas Mellas também se sentia assim porque não sabia o que fazer e tinha medo de fazer perguntas.

A atmosfera no esquadrão de Jackson era de desânimo. Mallory mexia devagar a trava da sua metralhadora M-60 para frente e para trás, causando um clique metálico suave. Periodicamente, ele parava para segurar a cabeça com as mãos, como se quisesse impedir que ela explodisse. Williams parecia nervoso. Ficava transferindo o peso do corpo de um pé para o outro, suas mãos enormes abotoando e desabotoando um único botão no casaco de camuflagem.

– Ô Williams – Jackson disse de brincadeira –, vai ficar abotoado. Não se preocupa, não.

Williams sorriu, embaraçado.

– É, acho que vai.

Ele parou, mas quase na mesma hora voltou a mexer no botão. Broyer fez um sinal de positivo para ele a fim de acalmá-lo, escondido para que ninguém visse, e depois empurrou os óculos para cima no nariz com a mesma mão. Williams acenou com a cabeça. Um leve sorriso apareceu brevemente no seu rosto.

Parker e Cortell provocavam Pollini enquanto ele lutava para montar de novo o seu rifle depois de limpá-lo.

– Não, Shortround, é pra encaixar do *outro* lado – disse Cortell, com o seu alegre rosto redondo.

– É, do *outro* lado – Parker repetiu.

Pollini sorria e tentava montar o rifle, mas ficava olhando para os dois e não se concentrava no que estava fazendo.

– Caralho, Shortround – disse Parker –, você ia estragar até um sonho

erótico, não ia?

– Não ia não – Pollini disse sorrindo.

– Você é tão desajeitado, Shortround, que devia ser considerado calamidade pública, e a sua mãe devia ser tirada das ruas e receber uma pensão – zombou Parker.

– Pelo menos não me rasparam a cabeça – Pollini retrucou. Parker parou de sorrir. A expressão no rosto de Pollini deixava claro que ele sabia que havia cometido um erro.

Parker deu um lento passo para a frente.

– O que você falou, princesa? – ele disse, baixinho.

Pollini olhou em volta com hesitação.

– Eu falei que pelo menos sou esperto o suficiente pra não me rasparem a cabeça.

Parker pegou sua faca Ka-Bar.

– Ei, cara – disse Cortell –, guarda isso aí.

– Não aceito que ninguém fale assim comigo – ele disse para Cortell, mas continuou olhando fixamente para Pollini. – Talvez você e Jesus deixem.

Pollini começou a recuar, procurando ajuda. Caiu para trás em um buraco parcialmente cavado. Parker foi imediatamente para cima dele, apoiando os joelhos no seu peito. Pollini arfava, soltando respirações curtas e ineficientes, seu rosto contorcido.

– Qual o problema, menino branco, não é esperto o suficiente pra respirar?

Parker apertava o pomo de adão de Pollini com a ponta da sua Ka-bar. Cada vez que Pollini tentava respirar, o movimento pressionava a ponta da faca contra a garganta.

Ouviram-se o som de um cartucho sendo inserido e a voz calma de caubói de Williams:

– Parker, vou atirar em você se não sair de cima dele.

– Tá certo – Parker disse, ainda pressionando a faca contra a garganta de Pollini. – Protege mesmo o seu irmãozinho aqui.

Ele olhou em volta, com raiva.

– Onde é que tão os meus irmãos, hein?

Mallory pousou a M-60 no chão e puxou a sua .45 do coldre. Empurrou o mecanismo para trás e deixou que voltasse para a frente, inserindo um cartucho. Sua mão tremia, mas a pistola apontava para Williams.

– E agora – Parker disse. – Estamos empatados, né, Williams?

Nesse ponto, Jackson interveio. Disse baixinho:

– Ok, vocês dois, vão baixando essas porras. Isso é entre o Parker e o Shortround, não entre chucks e splibs.

– *Talvez* não seja entre chucks e splibs – Parker disse, com a faca ainda no pomo de adão de Pollini.

Em um sussurro apertado e dificultoso, Pollini conseguiu dizer:

– Eu retiro o que disse. Não falei com intenção, Parker.

– Ah, não, é? Eu devia cortar as suas bolas por causa do que você disse. Mas eu vou deixar pra lá porque você é muito burro. Mas eu não esqueço as coisas.

Ele olhou para Williams, que não havia recuado com o M-16.

– Vamos lá, vocês dois – Jackson disse, ignorando Parker e se dirigindo a Mallory e Williams. – Vamos abaixando isso aí. A gente tem uma emboscada pra fazer hoje de noite.

Então ele entrou na linha de fogo entre os dois e ficou lá.

Williams piscou os olhos rapidamente algumas vezes, olhando para Jackson, depois baixou o rifle e encaixou a trava de segurança. Mallory soltou o martelo da sua .45.

– Agora é só entre nós dois, Shortround – disse Parker. – E eu vou deixar você sair, porque você é burro pra caralho.

Saiu de cima de Pollini, sorrindo, e levantou. Deu um salto no ar e caiu pesadamente com as botas no estômago de Pollini, que deu um berro de dor. Williams imediatamente correu para Parker, batendo com o rifle na lateral da sua cabeça. Parker se virou, bem agachado, girando a faca, por pouco não acertando Williams. Jackson abraçou Williams e se jogou com ele no chão, rolando-o para fora do alcance da faca de Parker e empurrando o rifle para longe. Ele se manteve em cima de Williams, que lutava para se libertar, e virou a cabeça para Parker.

– Fica longe, porra – ele disse.

Ouviram o som de botas correndo. Bass estava com o seu pesado bastão

de curto prazo e gritava.

– Que porra é essa que está acontecendo aqui?

O tenente vinha logo atrás dele.

Parker pôs a Ka-bar de volta na capa.

– Que porra é essa, Jackson? – Bass perguntou. Pollini estava vomitando no buraco parcialmente cavado.

– Nada, sargento Bass – Jackson disse. – Williams e eu entramos em uma discussão.

Mellas foi até Pollini.

– E quem diabos entrou numa discussão com o Pollini? – perguntou. Pôs a mão no ombro de Pollini: – Quem foi?

– Ninguém, senhor – Pollini respondeu. Estava curvado, lágrimas escorrendo até o vômito no seu queixo. – Eu caí nessa porra de buraco. Juro, senhor.

Bass se virou para Parker.

– Escuta aqui, seu filho da puta...

– Tudo bem, sargento Bass – Mellas disse rapidamente.

– Senhor, eu sei que esse bosta desse...

– Tudo *bem*, sargento Bass.

– Eu enforcaria ele pelas bolas.

– A gente vai tratar disso durante o dia – Mellas olhou em volta. – Todo mundo aqui. Brigando durante o serviço. A gente vai resolver isso quando voltar. Porra, eu vou acabar com todo mundo.

Williams e Jackson levantaram-se do chão. Williams examinou o rifle para ver se tinha se sujado de pó, limpou-o com a mão e mexeu no mecanismo. Pollini se ergueu com dificuldade. Bass pegou o rifle de Pollini, agora coberto de lama, e o devolveu.

– Melhor limpar – resmungou. Voltou para o seu buraco.

Mellas olhou para todo mundo à sua volta. Mallory tentava fingir que estava inspecionando sua .45.

– Não quero saber o que aconteceu agora – disse Mellas. – Vamos lidar com isso mais tarde. Temos uma emboscada pra preparar em uns vinte minutos.

Pollini reprimiu um grunhido. Seu rifle estava partido em dois.

– Você está bem pra fazer uma emboscada, Shortround? – perguntou Mellas.

– Sim, senhor. – Pollini de repente sorriu para Mellas e ergueu as duas partes enlameadas do rifle. – Pensei em limpar bem pra ele funcionar direito quando a gente fizer a emboscada, senhor.

– Bem pensado, Pollini.

– É, o Shortround é esperto pra caralho.

– Cala a boca, Parker – Mellas disse. – Você já está encrencado o suficiente.

Ele se voltou para Jackson.

– Quero esse esquadrão pronto pra partir em dez minutos. Tira o brilho dos rostos deles.

Quando Mellas voltou, Cortell esfregava uma quantidade desnecessária de lama e carvão no rosto de Pollini. Mellas quis dizer algo na hora, mas estava relutante em demonstrar favoritismo.

Pollini tentava ter espírito esportivo.

– Ei, tenente – ele disse. – Faz ele parar.

Mellas não conseguiu segurar o riso. Pollini era engraçado de ver.

– Vai com calma aí, Cortell – Mellas finalmente disse. Cortell parou de esfregar com tanta força.

Jackson chegou.

– Não faz essa cara de preocupado – Mellas disse para ele. – A minha cara de preocupado já é ruim o suficiente.

Jackson sorriu, mas sua ansiedade era evidente para Mellas, que não havia pensado de verdade na emboscada ainda. De repente, Mellas percebeu que não sabia o que estava fazendo. Sua mente começou a repassar todos os pontos relevantes que o haviam ensinado sobre emboscadas: segurança na frente e atrás, pontos de reunião, sinais de início, fios de rádio ou barbante para puxar no caso de sinais silenciosos, zonas de morte. A mecânica da morte súbita era tão complexa quanto violenta.

Os fuzileiros do terceiro esquadrão se juntaram em volta de Mellas, esperando nervosamente pelo silêncio. Mellas começou a pensar.

– Imagino que a trilha deva fazer uma curva em algum lugar. Vamos preparar uma emboscada em formato de L. Mallory, você vai ficar na ponta menor do L com a M-60, atirando direto ao longo da trilha, então, se você errar, alguém na frente acerta alguém mais pra trás. Só presta atenção e trava a metralhadora no chão pra ela não sair da trilha no escuro e acabar acertando um de nós.

Mallory assentiu.

– Tilghman, você fica perto de mim com os cartuchos de espingarda. Vamos precisar de dois homens cada, pra segurança da frente e de trás. Você separou uma equipe pra isso, Jackson?

Jackson pensou um momento.

– Sim. Cortell, você pode deitar um pouco lá no mato.

Cortell resmungou. Seu amigo Williams pigarreou e olhou para a selva. Cortell disse:

– Porra, Jackson, você ganha um tico assim de poder e já se volta contra os amigos.

Ele estalou os dedos. Jackson assentiu com a cabeça e sorriu para ele. Cortell olhou para Mellas.

– O que é que eu posso dizer, senhor?

– Nada – Mellas esperou um segundo. – Quem você quer na frente e quem você quer atrás?

Era a equipe de tiro de Cortell – a escolha era dele.

– Eu fico com o Williams na frente comigo. O Parker e o Chadwick podem ir atrás.

Mellas ficou aliviado. Por um momento, temeu que Pollini ficasse na equipe de Cortell com Parker. Daí se lembrou: Pollini estava na equipe liderada por Amarillo, o garoto que repetia insistentemente para todo mundo que, se era pra darem um apelido pra ele que significava amarelo em espanhol, o mínimo que podiam fazer era pronunciar a palavra corretamente. É claro que ninguém fazia isso. Havia se tornado uma piada recorrente.

– Ok, então. Ninguém se mexe ou dá um tiro até que eu faça isso primeiro. Se a unidade for grande demais pra gente enfrentar, eu vou só abaixar a cabeça e rezar pra eles passarem sem ver a gente – Mellas se

dirigiu para Cortell. – O sinal vai ser três puxões no fio. A gente dá três de volta. Daí você dá um puxão pra cada homem que você contar passando na sua frente. Mesma coisa pra você, Parker. Todo mundo entendeu?

Todos assentiram.

– Ok. Vou escolher a área de reunião, uns vinte metros saindo da trilha. De lá a gente vai para as nossas posições. Todo mundo se encontra lá depois. Se alguém se separar, a gente espera dez minutos. Se ele não voltar em dez minutos, a gente vai assumir que ele está ferido. É pra não se mover. A gente pega você mesmo se for preciso a companhia inteira.

Foi a vez de Jackson falar.

– A palavra de código hoje é macaco-gato, portanto, se um de vocês ficar perdido, grita "macaco" antes de tentar voltar.

Ele sorriu. Williams e Amarillo deixaram escapar um jato breve de ar, quase uma risada. Com a noite se aproximando, vozes por todo o perímetro baixavam até virar sussurros.

Mellas olhou para o grupo à sua volta. Todos carregavam forros de poncho, munição e granadas. Seus rostos estavam pretos e seus chapéus de camuflagem na selva, puxados para baixo ou amassados. Não se usava capacete em emboscadas, porque a silhueta era muito facilmente reconhecível.

Enquanto o esquadrão passava pelos buracos no crepúsculo, o resto da companhia ainda cavava. Mellas escolheu um lugar para a emboscada cerca de duzentos metros dentro da trilha e localizou a área de reunião. Todos foram para suas posições em silêncio, estendendo o fio de mão em mão até as equipes de segurança mais ao longe. Mellas havia escolhido uma parte muito densa da selva, em uma leve descida, calculando que qualquer um que subisse o morro carregando uma carga estaria de cabeça baixa e respirando pesado, o que faria que fosse mais difícil para ele enxergar e ouvir. A trilha fazia uma curva fechada na qual Mallory e Barber, o artilheiro, armaram a metralhadora. Mellas ficou no meio da barra maior do L, perto de Jackson, que estava com o rádio. Eles se prepararam para esperar.

Escureceu: um breu negro e cego. Mellas já não conseguia enxergar a trilha à sua frente. A escuridão parecia pesar sobre ele desde as nuvens.

Ouvia Jackson respirando ao lado dele. Seu próprio relógio de pulso soava como um despertador tocando. Tentou enfiá-lo debaixo da barriga, mas a própria tentativa fazia barulho, e ele desistiu.

Passou pela sua cabeça que, se o ENV conseguia ouvir seu relógio, eles mereciam viver. Mas por acaso mereciam morrer se não ouvissem? Era um jogo de soma zero. Um lado ganhava somente se o outro perdesse. Mellas estava começando a cochilar.

Forçou-se a ficar acordado e deu um puxão no fio. Todos acordados? Houve um puxão em resposta dos dois lados. Todos acordados. Mellas tremia. Maldito frio, maldito escuro. Um negrume impenetrável. Ele estava cego. Sentia a neblina se assentando junto ao solo na vegetação fechada, sussurrando em volta deles. O rádio, posto na frequência da companhia e no volume mais baixo, chiou baixinho.

– Se vocês estão bem, apertem o botão duas vezes.

Era Bass, lá dentro da posição da companhia, no rádio. Mellas apertou o botão duas vezes, tendo pegado o bocal de Jackson, que estava deitado perto o suficiente para que o passassem de um para o outro. Estava tão escuro que Mellas se sentia sufocado. Não conseguia enxergar Jackson embora pudesse tocá-lo. Mellas apoiou a cabeça no seu rifle, que estava frio e coberto de orvalho, sentindo o aço fresco e reconfortante em sua testa. O resto do corpo doía de frio e umidade. Somente seis horas até o amanhecer. Queria estar de volta ao morro, ou em casa na cama, com as árvores murmurando do lado de fora da janela. O ônibus da escola vai chegar logo. A mamãe vai preparar o café da manhã.

Um grito angustiado forçou Mellas a acordar de súbito, mas ele logo foi interrompido. Viera do posto de segurança avançado.

– Que porra foi essa? – Mellas sussurrou. O esquadrão inteiro estava tenso. Ele podia sentir os outros, mas ninguém podia ver nada. Ouviram uma espécie de grunhido, uma tosse áspera que assustou Mellas, e depois o som de arbustos quebrando. Depois, nada. De repente, o fio no pulso de Mellas foi puxado com fúria várias e várias vezes; não havia nenhuma ordem, apenas aqueles puxões frenéticos. Daí ouviram a voz de Cortell. Ele estava quase histérico, mas mesmo assim teve o cuidado de sussurrar.

– Tô chegando, tô chegando. Ai, Jesus Cristo. Ai, Jesus Nosso Senhor.

Podiam ouvi-lo rastejando para perto, batendo em arbustos no escuro. Estava tentando seguir a trilha.

– Ai, Nosso Senhor Amado. Tenente? Jackson? Onde vocês estão?

– Aqui, Cortell – Mellas disse com voz normal, tentando controlar o medo. O rádio explodiu em atividade. Toda a companhia tinha ouvido o grito e Fitch tentava descobrir o que havia acontecido.

Mellas respondeu.

– Fomos nós. Ainda não sei o que aconteceu. Estamos cancelando o tumulto. Câmbio.

– Entendido.

Alguém se esticou e puxou Cortell para perto. Ele ofegava, soltando respirações curtas. Jackson e Mellas se arrastaram na direção dos sons, Mellas segurando o bocal e Jackson indo na frente, com o rádio nas costas. Os dois ainda tinham os forros de poncho enrolados em volta deles.

– Ei, cara – Jackson disse –, qual o problema?

– Ai, Jesus, Jackson, é o Williams – Cortell conseguiu dizer. – Um tigre pegou ele.

– Ele tá bem?

– Ele comeu o Williams, cara. Ele pulou e arrastou ele pra longe e comeu ele. Meu Deus, a gente só tava deitado lá e de repente eu ouço o Williams berrando e eu ouvi o tigre dar uma pancada nele, tipo no pescoço ou algo assim, e daí morder bem a cabeça dele – Mellas não conseguia enxergar Cortell, mas a voz expressava todo o horror. – Ai, meu Deus, Jesus Cristo.

Jackson chegou mais perto, segurou Cortell e falou com ele em voz baixa.

– Ei, cara, tudo bem. Você não podia fazer nada. Ei, cara, fica tranquilo, tá? Fica calmo.

Mellas apertou o botão.

– Bravo, aqui é o Bravo One Real. A nossa equipe de segurança foi atacada por um tigre. Nós achamos que ele está morto. Não dá pra ver porra nenhuma. Câmbio.

– Puta merda – respondeu a voz de Fitch. – Vê se encontra ele. Ele pode estar só ferido. Câmbio.

– Estou dizendo que não dá pra ver porra nenhuma aqui. Não consigo nem ver o rádio, e eu estou usando essa merda. Câmbio.

– Entendido. Aguarde.

Mellas esperou, cego.

– Jackson, diz pra todo mundo prestar atenção e ficar de escuta. Chama o Parker e o Broyer pra cá.

– Sim, senhor.

Jackson se livrou do rádio e se arrastou para longe, usando o fio como guia.

– Tudo bem com você, Cortell? – Mellas perguntou para a escuridão.

– Sim, senhor – a voz de Cortell respondeu. – Estou melhor agora. Jesus, senhor, eu espero que ele não esteja morto, mas eu ouvi a cabeça dele afundar. Acho que ela arrebentou, senhor.

O rádio explodiu em estática. A voz de Fitch saiu do bocal.

– A gente pode disparar uns foguetes de iluminação. Talvez isso espante o bicho e vocês podem achar o homem. Câmbio.

– Parece bom. Pode fazer. Câmbio.

– Entendido. Desligo.

Para Mellas, parecia o momento errado para procedimentos de rotina do tipo falar no rádio. No entanto, esses procedimentos não mudavam, mesmo com um tigre atacando. Mellas não teria certeza de que ainda sobrava alguém à sua volta se não ouvisse as respirações.

– Bom – ele sussurrou para o nada –, agora é só esperar. Não faz sentido a gente se dividir.

Esperaram cinco minutos. Daí Fitch disse "tiro" pelo rádio.

– Tiro. Desligo – Mellas repetiu.

Logo ouviram o assobio esquisito do tiro de iluminação. Houve uma pequena explosão bem alto no céu ao sul de onde estavam, quando o paraquedas minúsculo foi aberto. Podiam ouvir o chiado do fósforo queimando. A trilha e a selva foram iluminadas por uma luz sinistra e vacilante. Os rostos de Cortell e Jackson brilhavam apesar da lama e do carvão que os cobriam. Jackson passou de novo a correia do rádio pelo ombro e Mellas se levantou.

– Vamos lá. Cortell, você na frente.

Cortell liderou o caminho, com o rifle de prontidão. Mellas ia diretamente atrás dele, seguido por Jackson e os outros.

Chegaram ao lugar onde Cortell e Williams haviam deitado. O chão estava levemente afundado e os dois forros de poncho estavam lá, assim como o rifle de Williams. Havia uma mancha escura de sangue na grama.

Ouviram outro tiro de iluminação, assobiando invisível com o barulho de um pequeno foguete de Dia da Independência. Tudo ficou mais claro de novo. Quando o foguete caiu, sombras vagas e difusas mudavam de posição.

Encontraram o chapéu de camuflagem de Williams quase imediatamente. Estava molhado e manchado de sangue. Também estava rasgado. Mellas se perguntou se tigres defendiam sua comida e a que distância a arrastavam para comê-la. Continuaram procurando, encontrando de vez em quando um pouco de sangue. Dispararam alguns tiros para assustar o tigre. Haviam andado cem metros quando encontraram o corpo de Williams. Suas pernas e costas haviam sido abertas e parcialmente comidas. Aparentemente, ele morrera com uma pancada rápida no crânio, que quebrou o seu pescoço. Marcas da perfuração de dentes longos e afiados estavam afundadas profundamente no seu rosto e nas têmporas.

Envolveram os restos no forro de poncho de Williams e voltaram pela trilha até a companhia, suando e tropeçando na noite sombria.



CAPÍTULO

Até a alvorada, Fitch pediu um helicóptero, mas nenhum estava voando. A chuva e a neblina haviam impedido as operações por todo o Primeiro Corpo no norte. Seria suicídio tentar achar a Companhia Bravo nas montanhas. A ordem para explodir o depósito de munição permanecia.

O esquadrão tirou a sorte nos dedos para ver quem ficaria com a comida e a munição de Williams. Pollini ganhou o forro de poncho.

Fredrickson e Bass enrolaram o corpo de Williams com fio de rádio para manter as partes despedaçadas junto ao corpo. O cadáver parecia um bife em um frigorífico, o sangue endurecido se misturava com a pele muito branca e a carne exposta. Amarraram os calcanhares, os joelhos, os cotovelos e os pulsos e, depois, enrolaram o torso em um poncho, deixando as pernas e os braços de fora. Ataram os braços e as pernas num longo pedaço de pau para que pudessem carregar o corpo, pendendo, embaixo dele. Fredrickson enlaçou também a cabeça de Williams, que estava balançando solta dentro do poncho, junto ao pedaço de pau para que ela não tirasse o equilíbrio dos carregadores.

Enquanto o pelotão esperava sentado que o pelotão de Kendall saísse do perímetro, assumindo a ponta, seguido pelo de Goodwin, Hawke veio e se sentou em silêncio perto de Bass e de Mellas. O oficial executivo sempre acompanhava o último pelotão da coluna, diminuindo o risco de que tanto ele quanto o líder fossem mortos ao mesmo tempo. Estavam todos conscientes do corpo de Williams no seu casulo verde-oliva.

– Por que não podia ter acontecido com um desses inúteis filhos da puta? – perguntou Bass. Seu queixo começou a tremer. Levantou-se rapidamente e começou a gritar com Skosh para que ele se aprontasse logo.

Mellas olhou para Hawke.

– Porque o mundo não é justo – disse baixinho.

– É, pois é – disse Hawke.

Depois de algum tempo, os próprios homens-ponto do primeiro pelotão começaram a andar, logo atrás da última equipe de tiro de Goodwin. Mellas partiu como que anestesiado, grato por não ter nenhuma responsabilidade de encontrar o caminho.

Passou pela pilha de comida deixada para a Delta. Depois, estava já embrenhado na floresta. Toda a história da estadia deles – os buracos que haviam cavado com tanta dificuldade, as tendas que tinham armado, o lugar onde havia aquecido um copo de chocolate e conversado com Hawke e Hamilton, o lugar onde tinha mijado – havia desaparecido tão completamente que suas memórias pareciam sonhos, não realidade. A companhia não havia deixado mais marcas na selva do que um navio deixa no mar.

No segundo dia, o corpo era pouco mais do que uma inconveniência. A barriga havia inchado, e gases escapavam de vez em quando por um orifício ou outro. O *rigor mortis* havia começado. Os garotos o xingavam baixinho quando tropeçavam com ele ou escorregavam.

– Vai se foder, Williams, seu porco gordo. Você sempre comeu demais.

Sempre que a companhia chegava a um lugar relativamente seguro, Fitch pedia que um helicóptero viesse e baixasse um gancho para que eles se livrassem do corpo. Ele sempre recebia a mesma resposta – não –, embora os motivos variassem. Outras prioridades. Tempo ruim. Uma hora eles decolaram com um helicóptero Huey, mas por causa das nuvens baixas e com a chuva atravessando as árvores não foram capazes de localizá-los, quanto mais baixar o suficiente para descer uma corda.

Os carregadores xingavam e continuavam levando Williams, que ia balançando de um lado para o outro pela trilha, como um veado morto, suas mãos pálidas inchadas em volta dos fios. A pele havia começado a se descolar dos músculos e deslizar por sobre as unhas e os braços, juntando-se em dobras onde os dedos encontravam a mão e nos cotovelos, translúcida e enrugada como luvas cirúrgicas descartadas.

No escuro, na chuva, eles o deitavam um pouco para dentro do

perímetro, atrás do setor do terceiro esquadrão. Durante a sua guarda, Cortell falava mansamente com o corpo, lembrando o que Mama Louisa havia dito para ele lá em Four Corners – que a alma podia ficar por perto por três ou quatro dias antes de ir embora, enquanto se acostumava com a ideia de que estava morta.

Na terceira noite, Cortell foi agachado até o corpo e pôs as mãos no montinho que era a cabeça.

– Williams, desculpa. Eu podia ter feito alguma coisa, mas eu corri. Eu não sabia. Eu estava com tanto medo… Você sabe como às vezes a gente sente medo. Você e eu ficamos com medo desse jeito algumas vezes. Você sabe. Desculpa, Williams. Ah, meu Deus, desculpa.

Cortell começou a soluçar.

Jackson, no buraco mais próximo, rastejou pelo chão e, com delicadeza, puxou Cortell para longe do corpo, implorando em voz baixa que voltasse para dentro do seu próprio buraco e fazendo com que parasse. Os soluços podiam ser ouvidos com muita clareza, marcando a posição do perímetro.

Realmente, no quarto dia, o que vinha pendurado sob o pedaço de pau não tinha mais alma. Ele fedia.

No fim da mesma tarde, a companhia recebeu a ordem de parar. Todos se sentaram alternando esquerda e direita e se encostaram exaustos nas mochilas. Os rapazes tomavam goles da água com gosto de plástico de seus cantis ou começavam a tirar as sanguessugas. Alguns cochilavam. Logo ficou evidente pela conversa no rádio que o tenente Kendall estava perdido de novo.

Mellas pegou seu mapa. Não havia nada para se orientar por perto. As nuvens escondiam tudo o que as árvores não conseguiam esconder. Mellas reconstruiu com cuidado o terreno pelo qual haviam passado, fazendo uma estimativa da posição em que estavam. Finalmente, quando já não aguentava mais, livrou-se da mochila e voltou pela linha de fuzileiros cansados para encontrar Hawke e Bass.

Hamilton não se levantou para ir com ele. Fechou os olhos e dormiu.

Mellas encontrou Hawke e Bass já aquecendo café em uma lata velha de peras, que Hawke carregava amarrada do lado de fora da sua mochila para ter fácil acesso a ela. Hawke, acocorado ao estilo vietnamita no caminho perto do C-4 em chamas, olhou para cima.

– Ah, dá um tempo, Mellas – Hawke se virou para Bass. – Cê acredita que ele sentiu o cheiro do café lá na frente onde ele tava?

– Isso que é engraçado nele – disse Bass. – Eu nunca vi ele fazendo café, mas ele sabe sempre quando tem alguém fazendo.

Mellas riu e sentou-se na lama com eles. Começou a desdobrar o mapa. Bem naquele momento, uma voz cheia de estática veio do bocal do rádio que estava amarrado na fivela da mochila de Skosh. Era Kendall.

– Eu estou achando aqui, Bravo Six, que nós estamos em – houve uma pausa –, partindo do Chevrolet, pra cima um ponto dois e direita três ponto quatro. Câmbio.

A voz ríspida de Fitch respondeu.

– Entendido.

Fitch já estava um dia inteiro atrasado para alcançar o próximo ponto geográfico que havia sido designado a ele pelo tenente-coronel Simpson.

Mellas puxou o mapa para um lugar onde Bass e Hawke pudessem vê-lo. O código de rádio daquele dia usava marcas de carros para os relatórios de posição. Ele encontrou as coordenadas pré-combinadas para Chevrolet e descobriu a posição que Kendall havia mencionado.

– Ele está maluco. A gente teria que estar nesta crista aqui. Estamos neste leito de rio, apesar de a gente nunca ter visto ele. Dá pra sentir como o terreno se inclina.

Hawke olhou para o mapa, resmungou uma aprovação e deu os toques finais no café.

O rádio voltou à vida quando alguém apertou o botão. No silêncio da selva, todos podiam ouvir com clareza uma pessoa respirando.

– Acho que não, Bravo Three – era Fitch. – Eu vejo a gente um tico ao sul daí, perto da linha azul. Câmbio.

Houve um longo silêncio. Um erro podia fazer com que a sua própria artilharia os atacasse. E, pior, podia significar horas extras de caminhada.

– Que retardado – disse Mellas.

Hawke tomou um gole de café, depois devolveu o copo para Bass, que deu um grande gole e o passou para Mellas, que fez o mesmo e o entregou para Skosh. O café veio queimando deliciosamente até o estômago de Mellas, de onde ele o sentiu irradiando calor para o resto do corpo. Compartilhar o copo era gostoso. Lembrava a ele o ato de passar um baseado de mão em mão.

Hawke tomou outro gole, pousou o copo fumegante na lama e pegou o bocal do rádio.

– Bravo Six, aqui é o Bravo Five. Câmbio.

– Fala, Five – respondeu Fitch.

– O Bravo One Real e eu estamos aqui atrás com o Bravo One Assistente, e a gente aqui decidiu que vocês dois estão fodidos. Estamos pra baixo zero ponto três e direita quatro ponto cinco. Câmbio.

A voz de Daniels estourou no ar: "Afirmativo, chefe".

Houve uma pausa curta e Fitch logo voltou ao ar.

– Ok, acredito. Você ouviu, Bravo Three? Câmbio.

– Entendido, ouvi – disse Kendall. – Se é aí que a gente está, vou ter que voltar pra sair dessa depressão porque a gente está indo na direção errada. Câmbio.

– Puta merda – resmungou Bass.

– Bravo Two, aqui é o Bravo Six. Você ouviu a posição? Câmbio.

– Porra, sim, Jack. Câmbio.

– Olha, Cicatriz, eu sei que você não tem que andar na ponta até amanhã, mas você pode fazer isso hoje pra que o Bravo Three fique no final quando a gente passar? Câmbio.

Houve uma pausa breve enquanto Goodwin pesava o pedido contra o perigo adicional.

– Tudo bem, Jack. Bravo Two, desligo.

Mellas deixou Hawke e Bass e caminhou até Hamilton, que deu o bocal para ele.

– O chefe quer falar com você – disse Hamilton. Pelo tom da voz, Mellas percebeu que algo tinha dado errado.

– Bravo Six, aqui é o Bravo One Real. Câmbio.

– Bravo One, onde você estava, porra? Você não pode ir pra lugar nenhum sem o rádio. Está ouvindo? Entendeu isso? Câmbio.

Mellas corou e olhou zangado para Hamilton, que havia desviado os olhos e estava ajustando o rádio, que era pesado, para que ficasse mais confortável nas suas costas.

– Entendido, ouvi.

Mellas sabia que todos na rede do rádio estavam sabendo do seu erro. Devolveu o bocal para Hamilton sem dizer nada.

– Eu devia ter ido com o senhor – Hamilton resmungou. – Desculpe, senhor. Não vou desapontar o senhor de novo.

– Desculpas não resolvem nada – Mellas retrucou, zangado. Curvou-se para pegar sua mochila, que era pesada, e a colocou no lugar. Reajustou suas cartucheiras e tomou um grande gole da água repulsiva e cheia de halazone.

– Ah, foda-se. O engano também foi meu – disse. Entregou o cantil para Hamilton.

Com Goodwin liderando o caminho, a Companhia Bravo foi se arrastando para a frente. Logo passaram pelos fuzileiros do pelotão de Kendall, todos com uma aparência de reprovação, sentados na vegetação rasteira com os rifles de prontidão, vendo o resto da companhia passar. Quando o pelotão de Goodwin chegou na frente, eles começaram a avançar mais rapidamente, mas ainda não o suficiente para o coronel Simpson ou o major Blakely, que começaram a pedir relatórios de posição para Fitch quase de hora em hora.

Quando a noite caiu, a companhia ainda estava a quatro quilômetros do depósito de munição. O coronel disse pelo rádio que o depósito tinha de ser destruído até o meio-dia do dia seguinte, ou ele substituiria Fitch. Isso deixava Fitch com a alternativa que ele temia – levar a companhia para o vale do rio e pegar a trilha na qual a companhia Alfa havia sofrido a emboscada.

Enquanto inspecionava as trincheiras naquela noite, Mellas sentiu uma mudança súbita na atmosfera. Um bolsão de ar quente, isolado da monção,

ia devagar em direção ao Mar da China. Quando estavam andando na manhã seguinte, saindo da alta linha de cristas que recebia um pouco de brisa e tinha o frescor da grande altitude, o ar parecia um cobertor de lã.

Para descer até a trilha, tinham que usar as cordas. Mãos se esfolaram e bolhas surgiram enquanto eles se penduravam em penhascos íngremes com cargas pesadas nas costas. O suor queimava os olhos. Ânimos se exaltavam. Mellas sentia como se estivesse tendo um ataque de asma em um carro lotado.

Depois de duas horas, eles alcançaram a trilha que corria pelo chão do vale. Ela formava um túnel estreito de lama na mata fechada. A luz mal penetrava o teto de vegetação acima de suas cabeças. Goodwin fez um gesto para que os dois Kit Carsons fossem para a frente, e a companhia foi avançando aos trancos. O ritmo do avanço era agora quase o dobro do que havia sido fora da trilha – porém aumentava na mesma proporção que o perigo.

Não havia mais necessidade de abrir caminho com a faca através de folhagens ou bambu, mas o medo de uma emboscada ainda fazia que o ritmo fosse agonizantemente lento. Mellas estava furioso e se perguntava por que explodir o depósito ao meio-dia era melhor do que à noite. Queria estar lá em cima nas cristas, onde era mais fresco e mais seguro e a caminhada não avançava tão lentamente.

Depois de mais duas horas, o pelotão de Goodwin saiu da trilha para deixar o de Mellas assumir o ponto. Quando viu Goodwin, Mellas sentia muito calor e cansaço para fazer algo além de revirar os olhos e deixar a língua pender de lado.

– Você não está errado, Jack – Goodwin disse com um tom quase normal de voz. Parecia muito alto. Os que ouviram, sorriram.

Uma hora depois, a coluna inteira havia parado. Os garotos ficaram em pé no calor, suando, fedendo, sem vontade de continuar, no entanto desejando que o dia acabasse. Então, alguns deles se sentaram. Logo a coluna toda estava descansando sem que ninguém tivesse dado a ordem.

Fitch veio à frente.

– Que porra está acontecendo?

Mellas não sabia. Ele sabia que devia saber. Foi agachado para a

frente, decidido a cair de novo nas graças de Fitch. Alcançou Jackson. Jackson não sabia. Mellas foi de cócoras mais para frente, Hamilton o seguiu da mesma forma. Logo à frente havia uma pequena clareira. Os dois Kit Carsons preparavam comida, ouvindo o rádio de transistor deles.

Mellas ficou furioso. O fuzileiro na frente devia ter visto os dois Kit Carsons pararem, mas ele não tinha recebido a ordem de assumir o ponto. Estar no ponto era azar dos Kit Carsons. Ele é que não ia se oferecer para passar por eles e arriscar ser morto, especialmente porque isso significaria atravessar uma clareira. Se os Kit Carsons não deviam estar preparando comida, então um oficial provavelmente se perguntaria por que a coluna inteira havia parado e avançaria, a fim de investigar – como de fato tinha acontecido.

A passos largos, Mellas saiu da cobertura da selva para dentro da pequena área iluminada.

– Vão tomar no cu, seus viets filhos da puta – ele deu um chute no pote d'água, espalhando o C-4 em chamas. – Sai da porra da minha frente.

Um deles pegou o pote; o outro, o rifle. Mellas estava bravo demais para se sentir ameaçado.

– Sai daqui, porra! – ele berrou, empurrando os dois para a traseira. – Pra trás. Vocês vão pro PdeC, burros filhos de uma puta. Pra trás. Eu não querer vocês. Vocês *númelo* dez.

Pelo rádio ele disse para Fitch que estava mandando os Kit Carsons para trás e que não queria vê-los de novo na frente.

– Não quero esses desertores filhos da puta atrapalhando os meus homens – ele gritou pelo rádio.

Fitch suspirou.

– Só faz a gente andar, ok? Desligo.

O desprezo de Mellas por tudo que era vietnamita cresceu.

Fitch mandou Arran e Pat para frente na esperança de que o faro de Pat ajudasse a apressar as coisas. Não ajudou.

Uma hora mais tarde, Mellas viu Mallory sentado na borda da trilha, com a metralhadora atravessada nos joelhos, segurando a cabeça e

gemendo de dor.

– Força, Mallory – disse Mellas. – Só mais umas poucas horas de caminhada, daí a gente explode aquela bosta e saímos daqui.

A coluna passava cansada por eles.

– A minha cabeça está doendo, tenente – Mallory falou, quase gritando.

– Eu sei. A gente vai tentar mandar você pra um psicólogo. Quem sabe ele não consegue te ajudar.

Um grunhido alto escapou de Mallory antes que ele conseguisse reprimi-lo.

– Psicólogo? Puta, cara. Estou dizendo que dói. Eu não sou maluco.

Mellas estendeu a mão. Mallory levantou-se com dificuldade e foi corcovando pela trilha, tentando alcançar de novo sua posição na linha.

Em poucos minutos, eles estavam parados de novo. Ninguém sabia por quê. Mellas quis sentar-se e se encharcar de água. Uma sanguessuga veio na sua direção, uma ponta apoiada no chão enquanto a outra se arqueava para cima, sentindo cegamente o ar. Mellas começou a torturá-la com seu frasco de repelente de inseto. Desgostoso consigo mesmo, ele a matou com a bota.

Hamilton avançou e ofereceu o bocal para Mellas.

– É o chefe – ele disse.

A voz de Fitch estava irritada.

– Qual o problema agora, porra? Câmbio.

– Estou tentando descobrir – Mellas mentiu.

– Bom, se apressa aí.

Mellas resmungou e teve que lutar para se erguer. Hamilton o seguiu. Alcançaram Jacobs, cujo esquadrão estava agora no ponto.

– Que aconteceu? – Mellas sussurrou.

– O Pa-Pat deu sinal.

– Você nunca passa a merda da informação pra trás?

– De-desculpa, senhor.

Ele lançou um olhar cheio de significado para Hamilton, que retribuiu. Mellas percebeu a troca de olhares. Mais um tenente irritadinho.

Acalmou-se e foi para a frente com Hamilton se arrastando atrás dele, suando sob o peso do rádio. Chegaram onde estavam Arran e o cão. Arran, agachado ao lado de Pat, segurava o grosso pescoço do cachorro, com a

espingarda já de prontidão. A língua de Pat caiu para fora. Os pulmões do animal trabalhavam rapidamente tentando expelir o calor. Uma de suas orelhas estava dobrada para baixo, como se o cão tivesse enfraquecido.

– Um alerta menor, senhor – Arran sussurrou. – O Robertson e o Jermain estão verificando – houve uma pausa incerta. – Humm, senhor. O Pat está acabado. Ficamos duas horas no ponto.

Mellas só assentiu e continuou avançando, sentindo-se mais exposto a cada passo. Alcançou Jermain, o homem do M-79, que estava deitado de barriga para baixo na trilha, tentando enxergar através do bambuzal espesso à volta deles. Mellas e Hamilton rastejaram até ele.

– Cadê o Robertson? – Mellas sussurrou. Robertson era o líder da primeira equipe de artilharia de Jacobs.

Jermain voltou o rosto vermelho por causa do calor e da excitação para Mellas e fez um grande arco com as mãos. Robertson havia escolhido movimentar-se à vontade para se aproximar pelas costas de qualquer possível inimigo.

– Foi sozinho? – sussurrou Mellas. Jermain assentiu e encolheu os ombros, ainda olhando diretamente à sua frente. Mellas estava impressionado com a bravura de Robertson.

O rádio chiou. Hamilton abafou rapidamente o bocal com a camisa, mas ouviu as palavras. Deu um toque na bota de Mellas.

– É o chefe. Ele quer saber o que está parando a gente.

Mellas agarrou o bocal.

– Bravo Six, estamos verificando, cacete. Câmbio.

Ele mal controlou o volume da voz.

– Entendido, Bravo One. O Big John está no meu pescoço querendo saber do depósito de munição. Eu dou mais cinco minutos pra vocês. Câmbio.

– Entendido. Desligo.

Mellas devolveu o bocal para Hamilton.

– O coronel tem pressa – ele disse, com amargura, para Hamilton. – Começa a avançar, Jermain.

Jermain se virou para olhar para ele, surpreso.

– A gente tem que dar cobertura pro Robertson – ele disse, exasperado.

– Alguém tem que se importar.

Mellas começou a andar agachado, passando por Jermain, que respirou fundo e começou a andar agachado também, desafiando sua honra.

– Jermain? – sussurrou uma voz na selva à frente deles.

– Eu. Bem aqui – Jermain sussurrou de volta.

Houve um som de folhas nos arbustos, e então o rosto suado de Robertson apareceu. Dava passadas enormes, mantendo-se abaixado.

– Ah, oi, tenente – ele disse e sorriu. Ficou lá agachado, seu pequeno corpo parecendo perfeitamente confortável nessa posição toda dobrada.

Mellas se virou para olhar Hamilton.

– "Oi, tenente", ele diz – sacudiu a cabeça e se virou para Robertson. – Viu algo?

Robertson sacudiu a cabeça, obviamente não ressentido com o tom sarcástico de Mellas.

– Mas estou com a sensação de que eles estão bem na nossa frente, nos acompanhando de algum jeito.

Mellas ficou sério.

– Por que você acha isso?

– Não sei. Uns detalhes. Eu só sinto.

Mellas pegou o bocal.

– Bravo Six, aqui é o Bravo One Real. Verificamos e deu negativo por aqui. Vou fazer o rodízio dos esquadrões e daí continuamos. Estou mandando o Arran pra trás. O Pat está esgotado e vamos ter o Grande Victor – ele queria dizer Vancouver – no ponto de qualquer maneira. Câmbio.

Fitch confirmou o recebimento e Mellas ficou em pé na trilha.

– Manda a mensagem pra trás pro esquadrão do Connolly vir pra frente. Vocês vão pro fim – ele disse para Jake. – Diz pro Arran esperar no grupo de PdeC.

Logo o grande vulto de Vancouver podia ser visto subindo a trilha, sua M-60 modificada pendurada no pescoço. Connolly estava apenas dois homens atrás dele. Mellas contou para a equipe de artilharia na frente e para Connolly qual era a situação e sobre a necessidade de se apressarem.

– Mas não vai mais depressa do que achar que deve, Vancouver – ele

disse. – Não me importa a pressa do coronel de mexer as tachinhas dele no mapa.

– Pode deixar, senhor.

Vancouver olhava para frente acompanhando a trilha, varrendo-a constantemente com os olhos, que pulavam de tensão. Descer uma trilha para poupar tempo, ele sabia, era um convite para uma emboscada. Além disso, Robertson tinha pressentido algo. Ele era um bom líder de equipe de artilharia e tinha alguma experiência. Se estava sendo cauteloso, tinha bom motivo. Mas, no ponto, sempre havia razão para se agir com cautela, mesmo quando não havia pressa. O homem-ponto está completamente sozinho. Não faz diferença se tem uma equipe de artilharia ou um batalhão inteiro atrás dele. Ele não vê ninguém – somente sombras. Em cada curva, espera uma possível emboscada – e o homem-ponto é o primeiro a ir. Ou, se os soldados na emboscada forem muito bem-sucedidos, eles deixam o homem-ponto passar e o isolam quando atiram no tenente e no operador de rádio. É como andar a trinta metros de altura em uma tábua podre de dez centímetros de largura, com o vento soprando em rajadas esporádicas vindas de direções diferentes. Não há ajuda. Não há corda. Não há um amigo para ajudar. O homem-ponto é também vendado pela selva. Seus ouvidos são enganados por cada pequeno som às suas costas, cobrindo o único que pode salvá-lo. Ele quer berrar para que todo o universo cale a boca. Suas mãos suam, deixando-o preocupado com a possibilidade de não conseguir apertar o gatilho. Ele quer mijar, mesmo se já mijou cinco minutos atrás. Seu coração lateja na garganta e no peito. Ele espera uma eternidade antes que o líder do esquadrão diga que já deu a hora e é tempo de voltar de novo para a segurança.

Vancouver parou de pensar. O medo e a exposição expulsaram os pensamentos da sua cabeça. Só a sobrevivência permaneceu.

Foi o pedaço de bambu dobrado de forma estranha, a cerca de dez metros adiante na trilha, que causou o acesso de temor que acabou por

salvá-lo. Vancouver se ajoelhou e disparou. O rugido da metralhadora e os cartuchos quentes sendo cuspidos viraram o mundo silencioso da selva de cabeça para baixo. Tudo era movimento – fuzileiros rolando para fora da trilha, buscando cobertura na folhagem, correndo, rezando, rastejando para salvar suas próprias vidas. Vancouver viu apenas sombras, mas elas gritavam de volta para ele com rifles automáticos AK-47. Balas passavam por ele na trilha, espirrando lama, revirando o lugar onde os fuzileiros estavam um segundo antes. Connolly rolou para um arbusto, terminando de barriga para cima, com o M-16 agarrado ao peito. Aguardava o momento de atirar, exatamente como eles haviam discutido tantas vezes.

A M-60 serrada parou de atirar. O pente havia acabado. Vancouver mergulhou na lateral da trilha, e Connolly rastejou até ela por cima dele. Começou a disparar no automático na mesma hora em que um soldado do ENV emergiu da muralha de selva para acabar com Vancouver. As balas de Connolly acertaram o soldado do ENV em cheio, no peito e no rosto. A cabeça do homem explodiu. Connolly rolou para a lateral de novo, procurando desesperadamente por mais um pente. Um M-16 começou a disparar à direita de Vancouver, quase em cima dele, as balas zumbindo perto do seu ouvido direito. Daí, outro M-16 fez quase imediatamente a mesma coisa à sua esquerda. Vancouver rastejava para trás junto a Connolly, tão rapidamente quanto podia. Connolly empurrava um segundo pente no lugar, gritando pelo Toupeira. "Pega a arma! Pega a arma! Toupeira! Porra!".

Vancouver puxou outra cartucheira da caixa de metal no seu peito e a colocou no receptor da arma. Ouviu Connolly berrar por Gambaccini, o homem do M-79, e Rider, o líder da sua primeira equipe de artilharia. Viu o tenente, que havia se movido para a frente e gritava algo para Hamilton enquanto recarregava um pente ele mesmo. Então Gambaccini apareceu e soltou uma granada, que passou por cima da cabeça de Vancouver. Houve um som de coisas sendo esmagadas nos arbustos à sua esquerda. Ele quase atirou, mas era o Rider vindo com a equipe dele; os quatro estavam mais para a frente e à esquerda na trilha que cortava a selva. Começaram um ataque disciplinado, disparando balas em um inimigo invisível.

Para Mellas, tudo aconteceu tão rapidamente que ele nem se lembrava de ter algum pensamento. Houve a súbita explosão da metralhadora de Vancouver, Mellas se atirou no chão e, na mesma hora, começou a se arrastar para frente, a fim de descobrir o que estava acontecendo. Automaticamente, ele começou a gritar para o Toupeira levar a arma adiante e ouviu a ordem sendo passada para trás na fila. A voz excitada de Fitch berrava no rádio. Mellas gritou para Hamilton – "Diz que eu não sei. Eu não sei" – e rastejou com fúria para frente.

Ele havia acabado de rastejar pela curva da trilha quando a arma de Vancouver parou e ele viu Connolly rolando para o lado e atirando, enquanto o outro recuava. Mellas atirou o rosto na terra logo atrás do joelho direito de Vancouver, arrastou seu rifle às cegas pela trilha e atirou por cima da cabeça do fuzileiro. Quase simultaneamente, como pareceu, o lançador de granadas M-79 soltou um baque bem alto que disparou uma rodada de dardos pela trilha. Depois, uma equipe inteira de artilharia atravessou a selva à sua esquerda e atirou no automático. Todo esse tempo, Connolly também chamava o Toupeira e a sua metralhadora, enquanto se arrastava para trás.

O Toupeira veio aos pulos pela trilha, com a arma aninhada nos braços, arrastando-se como um caranguejo, de modo desajeitado, mas muito rapidamente. Seu artilheiro assistente, Young, o único rapaz branco nas equipes de metralhadora com a exceção de Hippy, arrastou-se atrás dele, puxando as caixas pesadas de aço com as cartucheiras das metralhadoras. Toupeira cravou a metralhadora no chão com o bipé logo ao lado da trilha e, no mesmo instante, começou a disparar disciplinadamente ao longo do corredor verde e escuro. As balas aceleraram pelo túnel de selva com suas caudas de fogo, como as luzes traseiras de carros se afastando. Young se arrastou para perto do cano, com um pente novo nas mãos, os olhos arregalados de medo, pronto para recarregar.

Mellas rolou para trás e pegou o bocal de Hamilton, lutando para respirar.

– Emboscada. Eu sabia, essa porra de trilha. Armadilha. Vancouver percebeu. Antes da gente entrar na zona de tiro. Acho que fugiram. Câmbio.

– Baixas? Câmbio.

– Negativo. Câmbio.

– Graças a Deus – Fitch respondeu, esquecendo o protocolo do rádio.

Mellas tremia de excitação e também por conta de uma exaltação estranha, como se o seu time tivesse acabado de ganhar um campeonato de futebol. Nenhuma baixa. Ele havia se saído bem. Tinha acabado muito rapidamente, no entanto. De algum modo, devia ter sido mais prolongado. Queria contar tudo para Fitch e Hawke. Queria sair correndo pela longa fila de fuzileiros excitados, contando a história da luta várias e várias vezes. Eles tinham dispersado uma emboscada. O seu pelotão. Mataram dois, talvez três inimigos, e não sofreram um arranhão. Um trabalho perfeito.

– Bravo Six, aqui é o Bravo One. Câmbio.

– Bravo Six – Fitch respondeu.

– Precisamos de artilharia – Mellas pediu com animação. – Os viets filhos da puta estão fugindo direto da área. Onde estão os morteiros, porra? Vamos pegar esses caras.

– Entendido, Bravo One. O Personagem Delta está preparando uma missão de artilharia agora. É um pouco difícil para os esquadrões de morteiros atirar através das copas das árvores em cima deles. Entendido? Câmbio.

Mellas estava excitado demais para perceber o tom sarcástico de Fitch.

Ele foi de cócoras até onde Connolly estava deitado ao lado do Toupeira, olhando ao longo da trilha sombria. Connolly também tremia e respirava com dificuldade. Vancouver estava à esquerda dele, e a equipe de artilharia de Rider à esquerda de Vancouver, distribuídos em camadas, por patente, formando o lado esquerdo de uma cunha. O restante do esquadrão, sem ter recebido a ordem, formava o lado direito dessa cunha à frente da coluna, para que pudessem atirar melhor na direção da emboscada, possibilitando ainda disparar para os lados a fim de proteger seus flancos.

– Acho que arrastaram o corpo com eles, senhor – Connolly disse. – Quando a gente estava se arrastando pra trás, acho que vi um movimento. O senhor viu eles?

– Vi – Mellas mentiu, sem ter a intenção de fazê-lo. – Você está certo.

Na sua imaginação, alimentada pela excitação, essa menção a um

soldado ENV arrastando um corpo de volta para a cobertura da selva era suficiente para convencê-lo de que, de fato, tinha visto isso acontecer.

– Por que o chefe não manda um pelotão dar a volta pra cercar eles? – perguntou Mellas, olhando a trilha.

Connolly olhou para Mellas.

– Nessa porra?

Mellas parou de olhar diretamente para a frente e se voltou para Connolly. Por algum motivo, o comentário o desanimou. Mais uma vez ele enxergava o emaranhado de selva dos dois lados de um caminho lamacento.

– É, levaria uma eternidade. Eles seriam um bom alvo. Daria pra ouvi-los a quilômetros.

– É, pois é, senhor.

– Talvez a gente consiga atacar com a artilharia – Mellas queria continuar falando sobre o acontecido. – Você tem certeza do viet que o acertou na cabeça?

– Eu vi o rosto dele desaparecendo – Connolly disse sombriamente.

– Vamos marcar como confirmado, mesmo sem o corpo. Quer dizer, não tem jeito de o viet ainda estar vivo. O Vancouver deve ter arrebentado mais um ou dois – Mellas se virou para Vancouver. – Ô Vancouver, quantos você acha que pegou?

Vancouver olhou para sua arma, que ainda soltava fumaça.

– Puxa, senhor, só vi as merdas dos arbustos e toda essa porra vindo na minha direção. Mas pode ser que eu tenha acertado uns dois.

– Vamos procurar os rastros de sangue assim que a missão da artilharia acabar. Mas a gente deve ter pelo menos um confirmado e dois prováveis.

Mellas se voltou para onde Hamilton estava deitado com o pesado rádio pressionando-o contra a terra, sua pequena antena torta balançando no ar parado. Ele disse o placar com orgulho.

– Bravo, aqui é o One. Temos um confirmado por aqui e dois prováveis. Câmbio.

– Entendido, um confirmado e dois prováveis – respondeu a voz de Pallack. – Baixa a cabeça. Acabei de ouvir o Personagem Delta falar "Tiro". Deve cair aí por perto. Câmbio.

– Ataque chegando – Mellas avisou em voz alta. – Ataque amigo

chegando.

Olhou em volta para confirmar se seus homens estavam razoavelmente seguros. Daí ocorreu a ele que todos já estavam com a cabeça abaixada há uns três minutos. Enterrou a própria cabeça na terra quando o primeiro grito angustiado dos 105 veio atravessando o céu a partir do Eiger.

Era de novo a vez de o terceiro esquadrão assumir o ponto. Despacharam o corpo de Williams para o segundo esquadrão e avançaram em silêncio. Cortell ficava tirando e pondo o capacete, esfregando sua testa alta e brilhante. Todos passaram com pressa pela planejada zona de morte, agradecendo a visão e a rapidez da reação de Vancouver.

Jackson encontrou dois bolinhos de arroz pendurados em um cinto militar coberto de sangue que havia sido removido e jogado na trilha. Enfiou os dois alegremente nos bolsos de trás das calças, já que toda a comida do seu esquadrão tinha acabado. Cortou rapidamente a fivela de bronze com uma estrela vermelha, sabendo que ela valeria um bom dinheiro dos caçadores de lembranças em Da Nang, e a deu para Vancouver. Mais adiante na trilha, encontraram um quepe sujo de sangue. Também foi entregue para Vancouver, que o passou em silêncio para Connolly. Este enfiou-o no bolso.

O corpo inteiro de Mellas vibrava. Suas mãos tremiam. Ele se sobressaltava com quase qualquer barulho e falava muito rápido e demais no rádio. Repassava mentalmente a cena, perguntando-se como poderia ter reagido mais rapidamente e matado mais deles e se Connolly havia percebido que, enquanto ele trocava os pentes, Mellas o salvara ao começar a atirar. Ele se perguntava se pessoas de fora da companhia ouviriam algo sobre suas ações e sobre como seu pelotão havia sido vitorioso, enquanto a Companhia Alfa tinha perdido tantos em uma emboscada similar. Continuou eletrizado até que alcançassem o depósito de munição naquela tarde, quando a luz começava a sumir do céu cinzento.

No depósito, Mellas se sentiu amargamente desapontado.

Não conseguia acreditar que todas as histórias que havia lido sobre a Força Aérea e a Marinha destruindo bunkers se referissem a isso que estava na sua frente: três grandes buracos cavados no chão úmido, cobertos de toras e terra.

Dentro dos três bunkers estavam dez foguetes de 120 mm, várias centenas de balas de morteiro de 82 mm, oitenta balas pequenas de morteiro de 61 mm, munição de AK-47 suficiente para abastecer um pelotão durante um tiroteio e algum equipamento médico doado pela Cruz Vermelha inglesa.

Hawke parecia estranhamente feliz. Começou a fazer a sua dancinha de gavião, depois subiu no alto de um dos bunkers e ficou jogando rolos de gaze para cima como se fossem serpentinas, gritando a plenos pulmões: "Os filhos da puta dos ingleses! Eu sabia que eram os filhos da puta dos ingleses que estavam por trás dessa guerra!". Riu e jogou outro rolo para cima, prendendo a gaze em um galho. O branco da gaze parecia fora de lugar no meio das copas escuras.

A companhia em sua maior parte encolheu os ombros diante das palhaçadas de Hawke. Cassidy organizou uma equipe de trabalho, e logo a munição foi levada para um poço onde ele, Samms, Bass e Ridlow colaboraram com prazer para explodir tudo.

Todo mundo escondeu a cabeça na terra, e eles acenderam o pavio. Houve uma tremenda explosão, mas nem mesmo um quarto da munição foi destruído. O resto foi girando na direção do céu, caindo aos pedaços por toda a área. Os garotos vaiaram. Cassidy riu e imediatamente colocou-os para trabalhar coletando a munição. Os fuzileiros incumbidos do trabalho resmungavam. "A gente deve ter os únicos perpétuos do Saco que não conseguem nem estourar um depósito de munição." Esperaram uma hora para ter certeza de que não havia nenhuma munição estourando fora de hora devido ao calor, e outra explosão foi preparada. Desta vez, cobriram a munição com pedras e terra para conter a detonação.

Os próprios sargentos dos pelotões riam do absurdo da situação. A maioria das pessoas acharia impossível acender um fósforo perto de um depósito de munição sem que explodisse tudo. Basicamente, todos estavam contentes. Eles provavelmente alcançariam a ZP na manhã seguinte e

sairiam dali de helicóptero durante a tarde, com a missão cumprida e sem nenhuma baixa além de Williams.

Mellas, porém, sentia um mal-estar curioso, uma ansiedade e um vazio que iam além da fome – estava se alimentando com meia ração nos últimos cinco dias e não havia comido nada o dia inteiro. Quatro pensamentos o preocupavam. Primeiro, como podiam os ingleses, aparentemente o mais civilizado dos povos, a nação com a qual haviam lutado lado a lado contra os nazistas, ajudar o inimigo, o Exército Norte-Vietnamita? Cada centavo que os norte-vietnamitas poupavam recebendo doações podia ser gasto na munição que poderia matá-lo. Cada vida salva era uma vida que poderia executá-lo, também. Mellas se sentia traído. Segundo, ainda tentava reconciliar esses minúsculos poços cobertos por troncos chamados de bunkers com as imagens na sua mente de bombas esmagando aço e concreto, a Linha Siegfried, *Os canhões de Navarone*. Terceiro, por que porra eles haviam andado tudo isso, sacrificado Williams e, não fosse a prontidão anormal de Vancouver, quase matado o primeiro esquadrão inteiro, por uma pilha de munição que poderia ser transportada em dois caminhões?

Esses pensamentos o perturbavam enquanto lutava para cavar o buraco onde passaria a noite. Quando terminou, sentou-se para lidar com a quarta questão. Era melhor fazer seu último copo de café agora ou de manhã? O pelotão estava praticamente sem comida. Decidiu esperar. Saiu para procurar Hawke e Fitch, a fim de falar sobre medalhas pela ação, meio esperando ganhar uma também, talvez, mas ao mesmo tempo percebendo que tudo que tinha feito havia sido comparecer. Também esperava que Hawke e Fitch estivessem preparando café.

Fitch estava na tenda com o Three, que tinha suas próprias perguntas a fazer – para as quais Fitch tinha as respostas erradas.

– Eu fui informado de que havia três bunkers de munição nesse complexo. Os números que você nos deu não batem. Câmbio.

Fitch respirou fundo e olhou para Hawke antes de responder. Pallack revirou os olhos.

– Afirmativo. Três bunkers. Explodimos tudo. Os números que o senhor tem são tudo que havia neles. São bunkers *bem* pequenos. Câmbio.

– Entendido – houve um estouro de estática quando Blakely soltou o botão de transmissão. Fitch esperou nervosamente. Outro estouro de estática. – Aguarde a ordem adicional, Bravo Six. Câmbio.

– Entendido. Bravo Six, desligo.

– Uma ordem adicional à primeira? – Mellas perguntou, preocupado com qualquer mudança. – Isso quer dizer que a gente não vai pegar os helicópteros amanhã?

Fitch encolheu os ombros.

– Talvez tenha algo a ver com a Companhia Delta lá na crista. Porque, caralho, a gente não pode ir muito longe com todo mundo passando fome.

– Não exatamente todo mundo – Hawke disse, enfiando a mão no bolso lateral da calça.

Mostrou uma lata de abacaxi. Todos olharam com desejo.

– E eu não vou abrir – Hawke a enfiou de volta no bolso. – Estou com um mau pressentimento sobre essa ordem adicional aí.

Na reunião de *briefing* do regimento naquela tarde, o major Adams estava particularmente agitado. *Tap.* "E nas coordenadas 768671, elementos da Bravo Um Vinte e Quatro destruíram o depósito de munição descoberto pela Companhia Alfa, que se acredita que seja uma das fontes de suprimentos para os elementos da Tricentésima Décima Segunda divisão de aço, que sabemos que opera agora na nossa ATR. Aproximadamente cinco toneladas de munição, consistindo de foguetes de 120 mm, munição para armas menores e armas automáticas e balas de morteiros foram destruídas com aproximadamente quinhentos quilos de produtos médicos."

– Melhor deixar os produtos médicos de fora do relatório – Mulvaney disse. – Não faz sentido deixar alguém defumado com a destruição de produtos médicos.

Por algum motivo, o público achava aceitável assassinar homens com balas explosivas e gel incendiário, mas matá-los negando-lhes acesso a produtos médicos era contra alguma noção de decência da sociedade.

– Sim, senhor – Adams respondeu.

Mulvaney virou-se com rigidez na sua cadeira para encarar o coronel

Simpson e o major Blakely, que estavam sentados atrás dele.

– Talvez você tenha mesmo uns viets por lá, Simpson – ele disse.

Blakely sorriu e olhou para Adams, cujo rosto revelava um toque de ciúme. Mulvaney se virou para frente de novo a fim de encarar o oficial que fazia o *briefing*. Tentava calcular quantos homens e quanto tempo levaria para transportar cinco toneladas para um lugar tão remoto. Em um terreno como aquele, era um feito e tanto. Ele tinha que admirar o Exército Norte-Vietnamita. Mas por que eles estavam depositando munição ali? Seria um ponto de parada para transportar a munição mais para o sul? Eles podiam atacar Hu de novo. Isso, sim, seria um desastre em termos de moral. Vamos deixar os políticos pensarem nisso por enquanto. Mas eles também podiam estar preparando uma movimentação com toda a força através da Serra de Mutter, onde controlariam a Rota 9 e deixariam a BCV morrer de fome. Agora que haviam abandonado o Matterhorn a fim de reunir tropas suficientes para aquela operação idiota e política em Cam Lo, era isso que ele faria se fosse um viet. De repente ele sentiu, no meio das costas, um desconforto que fora tão frequente na Coreia e no Pacífico. Daí percebeu o major Adams esperando nervosamente para continuar. Suspirou e fez um sinal com sua grande cabeça. Ele não podia cobrir todos os lados.

Tap. A vareta se moveu dois centímetros para a esquerda, a distância que havia custado à Companhia Bravo metade de um dia para cobrir.

– Como o coronel bem sabe, a Bravo fez um contato ponto a ponto com uma unidade de tamanho indeterminado da infantaria norte-vietnamita, nas coordenadas 735649, hoje mais cedo. Duas mortes confirmadas e três prováveis com nenhuma baixa sofrida pela Companhia Bravo. Os corpos foram inspecionados sem nenhuma descoberta.

Mulvaney se virou para Blakely e Simpson.

– Alguém deve ter ficado de olho bem vivo por lá – ele disse. – Foi um ponto a ponto ou uma emboscada?

Na verdade, Mulvaney já sabia que tinha sido o garoto canadense enorme e loiro com a M-60 serrada que desmantelou a emboscada. O motorista do seu jipe tinha ouvido a história de um dos operadores de rádio do primeiro batalhão. O líder da Bravo devia estar com muita pressa para seguir assim uma trilha na qual outra companhia já havia sido atacada.

Esse jovem tenente tinha sorte. Provavelmente não havia aprendido ainda a hora de atacar ou não. Mulvaney teria que falar com ele sobre isso quando tivesse a oportunidade.

Simpson limpou a garganta, seu rosto se avermelhando.

– Em resposta à sua pergunta, senhor, parece que o homem-ponto da Bravo atirou primeiro e o esquadrão na frente recuou e atirou. Nós chamamos de contato ponto a ponto porque pareceu o mais seguro.

Mulvaney resmungou e se virou para aguentar o resto do *briefing*. Por que porra Simpson se preocupava em reclassificar uma emboscada, ele não tinha ideia.

Depois do sofrimento de ter que ouvir o médico da Marinha dizer quantos fuzileiros haviam ido para sua enfermaria, o oficial de investigações do Congresso contar quantas cartas recebera de deputados que precisavam responder a mães e esposas preocupadas e o homem de ligação com a Cruz Vermelha falar de dependentes que não estavam recebendo as suas pensões, Mulvaney finalmente pôde levantar da cadeira para falar com seus oficiais.

– Como vocês já sabem, cavalheiros, a Quinta Divisão dos Fuzileiros continua envolvida numa operação combinada de cerco e busca com a primeira divisão do ERV. Nosso objetivo principal, como vocês também sabem, continua sendo Cam Lo.

Mulvaney ficou de frente para o grande mapa e começou a explicar o plano para o dia seguinte quanto à operação em andamento, sentindo o tempo todo que havia falhado com seu regimento. Trabalhar com os filhos da puta dos viets não era sua ideia de como lutar uma guerra, especialmente quando tudo que provavelmente aconteceria seriam alguns ganhos políticos em Cam Lo. Algumas equipes da Marinha operavam nas aldeias havia muitos anos, assassinando "conhecidos líderes vietcongues", mas de onde diabos vinham *essas* informações? Supostamente da CIA, mas nenhum desses espiões vivia nas aldeias. Porra, são todos garotos brancos de um metro e noventa que foram pra Yale. Então, de onde os espiões conseguiam as informações? Provavelmente de uma dessas sociedades secretas que dedavam somente o líder de outra sociedade secreta para controlar algum mercado de drogas e despachavam o trabalho sujo para a

Marinha dos Estados Unidos. Qualquer liderança vietcongue – se é que os vietcongues ainda existiam em números razoáveis por lá depois de seus colegas do Norte os terem deixado para serem eliminados pelo poder de fogo norte-americano durante o Tet – teria escapado há muito tempo quando os vazamentos de informação do ERV chegassem até eles. Sim, Mulvaney ponderava, o poder nas sociedades secretas decididamente mudaria de mãos depois de Cam Lo, os espiões seriam feitos de trouxas e quem pagaria o preço seriam seus fuzileiros. Ele queria dar umas porradas nos caras da CIA e quebrar os pescocinhos finos do ERV.

– Simpson – ele disse. – Vou ter que desapontar você. Vamos ter que sair da área do Matterhorn de vez. Não posso abrir mão de um centímetro da Serra de Mutter. A vigilância e Sherpa me deixam coberto na região do Khe Sanh. A divisão quer uma nova base de apoio de fogo aberta no morro 1609, logo embaixo do Dente de Tigre. Vamos ter que reunir essas duas companhias na área do Matterhorn e depois mandar uma perto o suficiente para abrir o 1609.

– Mas, senhor – Simpson levantou, excitado, já acreditando nos números que ele havia "estimado" para seu relatório. – Nós só estamos começando a descobrir o que tem por lá.

Olhou para Blakely em busca de apoio. Blakely não dormiu no ponto.

– Tenho certeza de que o comandante do regimento percebe – Blakely começou – que, com as últimas descobertas da Companhia Bravo, combinadas às estimativas da inteligência da divisão, existe uma alta probabilidade de que o ENV esteja ficando muito ativo no extremo noroeste. Seria uma grande pena, depois de passar essas informações para a divisão, não dar prosseguimento nesse sentido.

Mulvaney quase explodiu. A última coisa que passava por sua cabeça era dar prosseguimento a uma porra de relatório que ele tinha passado para a divisão. Então ele se lembrou de sua mulher. Contou até cinco. Depois contou até cinco de novo.

Sua mente voltou para aquela noite no Campo Lejeune – devia ter sido em 1954 ou 1955; ele ainda era capitão, de qualquer forma, e liderava a Companhia Alfa, Segundo Regimento de Fuzileiros. Maizy havia voltado do jogo de *bridge* com a mulher de Neitzel, Dorothy, e algumas outras amigas.

Neitzel já era major e estava se encaminhando à Escola de Guerra Anfíbia e a um importante cargo executivo. Mulvaney estava pintando a sala de estar, com o pequeno James preso em uma toalha de praia pendurada no seu pescoço.

– Meu Deus, Mike – Maizy disse. – Você está sujando ele todo de tinta... e o cheiro. O quarto das meninas deve estar empesteado.

Ela sorria e sacudia a cabeça, ao mesmo tempo em que tirava suas luvas brancas imaculadas e as pousava onde elas sempre ficavam, na fruteira de cristal de sua avó, a única coisa que havia herdado. Ela apanhou o avental que sempre ficava pendurado no gancho da porta da cozinha e o jogou por cima do ombro para proteger seu único casaco. Tirou o bebê dele.

– Não quis dormir de novo?

– Pois é.

– As meninas foram pra cama na hora?

– Sim.

– Pode largar o rolo um pouco?

– Epa. Lá vem bronca.

Ele pôs o rolo na bandeja e a pegou observando o pequenino James para não ter que olhar nos olhos dele. Ele sabia que a última coisa que ela queria era ferir os sentimentos dele, mas também sabia que ela nunca se eximia de dar más notícias se isso significasse uma vida melhor para seus filhos. Essa mesma vontade a fazia memorizar regras sobre apostas, que ele testava com a ajuda de um livro enquanto ela passava roupa, para que ela "não fizesse papel de boba na frente das outras esposas". Essa mesma ansiedade a havia levado a confabular nervosamente com a irmã, durante o Natal, sobre comprar uma roupa na primeira vez que foi convidada para uma mesa de bridge. Como se a irmã dela entendesse mais de roupas do que Maizy só porque trabalhava em um escritório.

– A Dorothy Neitzel fez isso como um favor, então não vá levar a mal, hein. Ela só está tentando ajudar.

Ele a viu erguendo os olhos para ele e depois baixando-os rapidamente para James.

– Ajudar como? – era melhor saber isso logo de uma vez.

– Você sabe, como é que vocês chamam, comunicação por vias

informais.

– Fofoca.

Ela riu.

– Assim é como a *gente* chama.

Daí olhou séria para ele.

– Ah, Mikey – ela disse, implorando com os olhos. – A Dorothy disse que você defendeu aquele alcoólatra terrível do primeiro sargento Hanford, que foi pego tentando desviar a água da base para algum tipo de... algum tipo de buraco pra fazer uma piscina que ele cavou com a escavadeira que ele, como é que vocês dizem, requisitou do batalhão de engenharia sem pedir licença de ninguém lá. A gente chama isso de roubo.

– Faz muito calor nessas porcarias de baías do esquadrão, e os garotos adoram. Eu falei pro coronel que tudo que o Hanford precisava era de uma bronca fora dos registros. Em vez disso, eles o prenderam. Ele tem quatro filhos. Ele só estava tomando conta das tropas. Você sabe o que eu te disse naquele dia que você foi me pegar no hospital.

– Sim, eu sei. Que você sempre ia ficar do lado do fuzileiro comum – ela suspirou. – Mikey, é claro que você está certo, mas naquele mesmo dia, no Chevrolet 1939 do meu pai... eu estava dirigindo porque a sua perna ainda não estava funcionando por causa de Okinawa... eu falei pra você que em alguns momentos você poderia ser mais ajuizado. Você pode ajudar muito mais seus fuzileiros como coronel do que como capitão.

Ele lançou um rápido olhar de Deus-me-ajude para o teto.

– O Hanford fez a coisa certa da maneira errada. Ninguém saiu prejudicado.

– O prejuízo, Michael, foi você dizer para o coronel que, se ele mexesse o traseiro gordo dele de vez em quando e saísse do escritório com ar-condicionado, ele entenderia o que o Hanford tentou fazer.

Mulvaney contraiu os lábios e cruzou os braços no peito.

– Não fica orgulhoso pra cima de mim, Michael Mulvaney. Você errou ao fazer isso. Você não pode pensar na sua família, nos seus próprios filhos, uma vez que seja?

– Isso não foi justo.

Ela respirou, suavizando os modos.

– É, não foi – ela estendeu a mão para tocar no braço dele. – Mas Mikey, sério, você tem de controlar o seu temperamento.

O seu temperamento havia sido problemático desde que voltara do Pacífico. Ela voltou a mão para o bebê.

– Quer saber o que mais a Dorothy me contou?

– Mal posso esperar.

– Ela está fazendo um favor pra gente, Mikey, pelo amor de Deus.

Mulvaney sentou-se no sofá coberto com uma capa e ergueu os olhos para ela.

– Vai, fala. Tudo pronto na linha de tiro.

Ela sentou-se perto dele, ficando de lado, sua saia justa subindo e revelando a marca na pele deixada pela cinta-liga, algo que sempre distraía Mulvaney. Ela puxou, sem sucesso, a saia com a mão direita, tentando manter James no seu ombro com a esquerda e Mulvaney no assunto. Resolveu os dois problemas pousando o bebê nos joelhos por cima do avental. Ela apontou o dedo para ele com os olhos alegres.

– Você está sempre com vontade.

– E daí? Já estou na linha de tiro de qualquer jeito. Pode atirar.

– Depois – ela sorriu para o bebê e cantou baixinho: "Papai quer fazer uma irmãzinha pra você". Depois ergueu os olhos para Mulvaney, seus grandes olhos verdes subitamente sérios. – A Dorothy disse que todos eles acham que você é ...

Ela hesitou.

– Pode falar.

– Que você é um tipo de resquício da Segunda Guerra. Há um rumor de que o Mulvaney nunca vai sair da selva, mas ele é bom numa luta.

– Isso é ruim?

– Ah, Mikey, não se faça de besta. Você sabe tão bem quanto eu que é o pessoal que planeja que vai pra frente, não quem luta.

– E os políticos.

– Sim!

Ela bateu um sapato preto de salto alto no chão e se levantou. Pondo o bebê de volta no ombro, andou depressa até o quarto, onde o berço ficava ao lado da cama, seus saltos de cinco centímetros pontuando cada passo.

Ele observou o modo como a saia apertada de lã moldava belamente o traseiro dela.

A sala do *briefing* voltou à sua mente, uma camada acima da sua casa e da sua mulher. Meu Deus, que saudades ele tinha dela agora. Viu que todos esperavam que ele dissesse alguma coisa.

Ele sabia que Blakely estava certo. Com os relatórios promissores chegando da Companhia Bravo, seria tolice não prosseguir com o plano.

– Mas, cacete, onde eu vou conseguir homens pra seguir o plano da porra do seu relatório? – ele perguntou. Estava desagradavelmente consciente de que a raiva reprimida contra Blakely e o ERV fazia seu tom parecer mesquinho e choroso.

Blakely pensou rapidamente.

– Por que não deixar a Companhia Bravo varrer a área e chegar no 1609 a pé, senhor?

Mulvaney olhou para o mapa. Pareciam pouco mais de vinte quilômetros em linha reta, mas os quadradinhos estavam quase completamente marrons com a massa espessa dos intervalos de contorno de vinte metros. Eles mal conseguiam ficar lado a lado e permanecer distinguíveis. Ele se lembrava de partes da Coreia que se pareciam com isso e tremeu – não havia nenhuma selva lá.

– Qual é a condição deles? – perguntou para Simpson. – Eles estão na selva faz muito tempo, se estou bem lembrado.

– Perfeito, senhor. Eles podem chegar até lá em quatro dias.

Se Simpson dizia quatro dias, então provavelmente levaria oito.

– Comida? Fonte de energia pros rádios? Munição? Com essa operação em Cam Lo, você sabe que estou com poucos helicópteros pra reabastecimento.

– Nenhum problema, senhor – Simpson respondeu, aproveitando a chance de mostrar para os outros comandantes o quanto seu batalhão estava pronto.

Blakely empalideceu e engoliu em seco. Ele não havia se dado ao trabalho de avisar Simpson de que a Bravo havia dado metade da sua ração para a Delta, quase uma semana atrás, a fim de encobrir o erro de avançar a Delta com suprimentos insuficientes.

– O que você acha, major Blakely? – perguntou Mulvaney.

Blakely não hesitou.

– A Um Vinte e Quatro consegue fazer isso, senhor. O senhor sabe o que se diz sobre fazer o impossível.

– Sim – Mulvaney disse baixinho, voltando a olhar o mapa. – Que demora um pouco mais.

Fuzileiros doentes e ulcerados pelo frio invadiram sua memória, lutando para subir montanhas congeladas, as costas curvadas pelo peso dos morteiros e munição, os feridos amarrados em macas presas a para-choques e a traseiras de jipes e caminhonetes, rangendo os dentes a cada solavanco doloroso. Logo sua mente contrastou essa imagem à de corpos magros, cobertos de feridas, quase sem energia para enfrentar a selva, quanto mais para encarar os japoneses. Forçou sua mente a voltar para a sala iluminada de reuniões e para o mapa à sua frente. Calculou que seria uma caminhada dos infernos. Ainda assim, sua consciência podia aceitar isso. Eles tinham dez dias para que o 1609 fosse controlado, o que dava dois dias de intervalo para a Bravo. Alguma coisa, no entanto, o incomodava. Era como uma saliência sob um saco de dormir que não podia ser suavizada. Mas, com tanta munição naquele depósito, e se ele não prosseguisse na mesma linha sugerida por Blakely… Ele sabia que tinha a reputação de ser impetuoso demais. Nesse novo Corpo de Fuzileiros, entupido de trabalho executivo e papelada, simplesmente não era a mesma coisa. Seu velho amigo Neitzel havia se adaptado facilmente ao novo Corpo; era por isso que ele tinha uma divisão e Mulvaney não. Se descobrissem ouro, isso não prejudicaria em nada suas chances de virar general. Ele sorriu, imaginando sua esposa costurando suas estrelas.

– Ah, foda-se – ele resmungou para si mesmo.

– Senhor? – respondeu o major Adams.

– Nada, Adams. Tá, Simpson, você conseguiu. Não me desaponte.

A ordem adicional que complementava a ordem original de destruir o depósito de suprimentos chegou à Companhia Bravo uma hora depois do término do *briefing* regimental. Ela consistia em uma série de pontos de

passagem e tempos de chegada, nada mais. Alguns, em depressões profundas; outros, no alto de topos. A linha da marcha não levava em conta a alta irregularidade do terreno.

Hawke começou a reunião dos reais.

– Cavalheiros, eu queria apresentar pra vocês o nosso novo líder, o capitão Lewis. O meu nome é Clark, mas vocês podem me chamar de William. A gente não vai decolar daqui por um tempinho.

Fitch explicou a ordem adicional.

– Temos mais ou menos três horas de luz do sol, então é melhor a gente passar umas duas horas corcovando. Senão a gente nunca vai conseguir chegar ao ponto de inspeção Alfa.

– Porra – disse Mellas. – Acabamos de cavar os buracos. Aquele corpo está fedendo e meu pelotão não tem comida.

– Você não é o Zorro, Mellas – Hawke disse –, mas você pode ser a Sacagawea12. Mesmo assim, é uma boa questão.[12]

Mellas rangeu os dentes e tirou o mapa do bolso, mas teve que sorrir da piada de Hawke sobre Lewis e Clarke.

– Não vejo razão pra isso, apenas – ele disse. As pessoas resmungaram e Mellas se sentiu melhor. – E esse morro esquisito de três lados que escolheram pra nossa posição hoje à noite? Talvez a gente consiga chegar aí antes de ficar escuro. Mas, porra, parece que o rio corre por um cânion.

Eles discutiram isso brevemente, e Fitch deu o sinal para ir em frente. Ordenou que a comida fosse redistribuída, mas permitiu que quem tivesse uma lata de ração C ficasse com ela, diminuindo o ressentimento daqueles que haviam poupado a comida. A maioria dos garotos, como Mellas, já havia comido tudo o que tinham. Os sargentos de pelotão juntaram o que sobrou. A comida redistribuída, agora guardada por todos, dava mais ou menos três quartos de lata por pessoa. Vinte minutos depois de redistribuir a comida, a companhia saiu do depósito de munição, sob a liderança do esquadrão de Jacobs, enquanto o de Jackson penava com o corpo de Williams.

Andaram devagar em direção ao nordeste, seguindo uma corrente de água. Subiram para as montanhas e se aproximaram da DMZ. O terreno era agora bonito de um modo selvagem, com picos íngremes cobertos de

selva e torrentes caudalosas de água das chuvas de monção. De vez em quando, alguém escorregava em uma rocha brilhante, que se tornara lisa pela água, e todo o seu corpo era coberto pela água branca corrente, que imediatamente entrava na mochila, molhando o forro de poncho. Incapaz de recuperar o equilíbrio contra a força da torrente por causa do peso do equipamento, a vítima era erguida pelos companheiros às gargalhadas. Aqueles que se encharcaram, no entanto, sabiam que teriam de lutar contra o frio durante a noite toda, tentando usar o calor do próprio corpo para secar as roupas e o forro de poncho.

Enquanto eles ganhavam altura, as árvores iam ficando maiores e a floresta, mais escura. Em um certo ponto, uma grande formação rochosa achatada abria a selva o suficiente para que eles pudessem ver a sua linha de marcha. Diretamente na frente deles havia um vale escuro e estreito cheio de nuvens, que pairavam perto de picos escuros de rocha estéril. Os picos guardavam um rio estreito e sinuoso. Cada fuzileiro que passou por aquele mirante fez algum gesto nervoso: ajustou a mochila, parou para borrifar repelente em uma sanguessuga, assobiou alto. A chuva, que até agora havia caído na forma de uma garoa enevoada das nuvens altas, de repente ficou mais forte. Ela socava a terra, trazendo ondas de ar frio.

Na altura em que chegaram ao morro de três lados, Mellas sentia uma dor de cabeça intensa por causa do pouco açúcar no sangue. Seu corpo havia sido atingido pelos ataques da adrenalina, da fome e do frio constante e grudento das suas roupas molhadas. Sentindo-se como um animal doente, ele se forçava a andar somente pela força de vontade.

O morro se erguia incrivelmente alto no breu.

Jacobs olhou para cima.

– Mas q-que ve-veado escolheu isso?

Água da corrente na base do morro ainda pingava das suas calças. Mellas fechou os olhos.

– Fui eu, sua bicha.

O homem-ponto suspirou e depois começou a subir a colina, empurrando o rifle à sua frente e se agarrando a raízes e rochas.

Quando já havia subido um bocado, Mellas ouviu uma comoção às suas costas. Virou-se e viu Hippy olhando desesperado para o alto do morro enquanto deslizava para trás segurando sua pesada metralhadora na frente do rosto. Começou a se chocar nas pessoas atrás dele, as quais, por sua vez, começaram a escorregar e a derrubar outras. Toda essa cena em câmera lenta foi interrompida por uma árvore e todos se desemaranharam, xingando Hippy. Começaram a subir de novo.

O pelotão de Mellas levou uma hora para alcançar o topo enquanto o resto da companhia esperava no rio corrente, com frio, expostos a um ataque, enquanto a luz desaparecia completamente. Mellas, como o primeiro oficial lá em cima, era responsável pela preparação da defesa da companhia e por guiar os fuzileiros para suas posições à medida que chegavam. Abriu caminho na selva escura com um facão, demarcando o perímetro. Era a única coisa que o impedia de cair no chão da floresta e nunca mais se mexer. Emaranhados de vegetação estapeavam seu rosto, cortavam sua pele exposta, escondiam de seus olhos as irregularidades do terreno. Ele ficava tentando se lembrar de todas as regras sobre o posicionamento das suas metralhadoras. A sua ferramenta-T, a pequena pá dobrável de trincheira amarrada na sua mochila, prendeu-se em um galho, e o puxão súbito, com o peso imenso nas suas costas, quase o fez cair para trás. Ele atacou o galho, quebrando-o, machucando a mão e arrancando a casca da ferida de pele da selva no seu braço. No frenesi, pegou a sua Ka-bar e cortou o arbusto em pedaços. Depois disso seu rosto parecia quente e corado, mas as costas estavam úmidas e frias. Suas mãos estavam inchadas, e os dedos não queriam se mexer. Baixou as calças e soltou fezes líquidas, que respingaram nas suas pernas nuas e nas botas. Chegou a fazer o som e o movimento de vômito por causa do cheiro, mas não havia nada para sair porque seu estômago estava vazio.

Voltou a descer pelo morro para orientar a entrada do seu exausto pelotão. O resto da companhia precisou de mais uma hora para chegar ao topo, porque a trilha do primeiro pelotão tinha virado um lamaçal. Quando finalmente Mellas pôde voltar à sua posição, encontrou Hamilton com ânsia de vômito por causa da exaustão e da falta de comida, gemendo dolorosamente em cima de um buraco mal começado.

Mellas ficou olhando para ele, percebendo que teria que cavar o buraco inteiro sozinho.

– Me dá isso aqui – Mellas disse com rispidez, pegando a pequena pá de trincheira. Depois concluiu com mais gentileza: – Por que você não vai ver se consegue armar os nossos ponchos pra formar algum tipo de tenda?

Hamilton tentou sorrir, mas logo voltou a produzir sons de vômito.

– Eu vou ficar bem em uns minutos, senhor – conseguiu dizer. – Não se preocupa, eu ajudo com o buraco.

– Não, esquece – disse Mellas.

Começou a cavar. Quando Hamilton se virou para o outro lado, Mellas começou a chorar em silêncio, ferindo a terra molhada com uma fúria impotente.

Fitch dissera que seria noite de lua cheia, e de fato as nuvens de monção haviam clareado apenas o suficiente para causar um brilho sinistro por cima das árvores quando Mellas foi inspecionar seu primeiro buraco. Encontrou Hippy sentado em silêncio na beirada do seu buraco. Seus pés nus balançavam na escuridão abaixo dele, e suas botas esfarrapadas e desbotadas estavam em pé ao lado do buraco.

– É melhor cobrir essas botas, Hippy – Mellas sussurrou. – Eu vi elas de longe como se fossem luzinhas de aeroporto.

– Obrigado, senhor – respondeu Hippy. Pegou as botas e as colocou no buraco. – Só estou tentando deixar que peguem um pouco de ar. Achei que elas podiam manter os viets à distância se eles estiverem na direção do vento.

Mellas riu e sentou do lado de Hippy.

– Alguma novidade? – ele murmurou.

– Aqui? Tá zoando, tenente?

Mellas sorriu. Mexeu a perna para ajustar a posição e bateu com sua bota no pé de Hippy, que gemeu.

– Ei. Está com machucado no pé, Hippy?

– Não. Nada sério, senhor.

– Deixa eu ver.

– Não é nada, senhor. São só umas bolhas.

– Aham – retrucou Mellas. – Mostra um aí, Hippy.

Hippy ergueu um pé para a beira do buraco. Mesmo naquela luz fantasmagórica, Mellas podia ver que o membro estava grotescamente inchado e pálido. Respirou fundo. O outro pé estava a mesma coisa.

– O lula viu isso?

– Não, senhor.

Mellas explodiu.

– Porra, por que não?

Hippy deixou cair a cabeça.

– Hippy, você está aleijado. Porra.

– Dá pra continuar, tenente – ele respondeu.

– Porra – Mellas levantou. – Claro que dá, se você ficar mais seis meses.

Mellas respirou fundo e tentou se acalmar. Onde diabos ia encontrar outro líder de esquadrão de metralhadora tão bom quanto Hippy?

– Deve ter um jeito de trazer um helicóptero pra tirar você daqui.

– Desculpa, senhor.

– Desculpas não resolvem nada – Mellas berrou, arrependendo-se imediatamente. – Quem você quer que assuma o esquadrão de metralhadora?

Hippy tocou na coronha da sua metralhadora.

– Venho corcovando com esta filha da puta desde longe, senhor. Quero continuar corcovando. É bom carma.

– Hippy, vão ter que amputar, porra. Nunca ouviu falar de gangrena?

Hippy olhou para seus pés e deu uma risadinha.

– Estão mal pra caralho, não estão, tenente?

– É. Está horrível isso aí – Mellas esperou um momento. – Quem, Hippy?

– O Toupeira. E deixa o Young ficar com a minha arma.

Hippy desceu a mão e brincou com o sinal da paz de prata que levava pendurado no pescoço.

– Essa é a minha última operação, senhor. Meus doze e vinte são daqui a nove dias e daí eu saio da selva. E dez dias depois disso eu decolo pra casa. Estou tão perto de ir que o que o senhor está ouvindo agora é uma

gravação.

– A gente tira você. Uma hora eles vão ter que trazer comida pra gente e levar o Williams.

Na escuridão em frente à tenda de Fitch, a conversa também girava em torno de helicópteros e comida. Fitch estava no rádio com o oficial de vigia do batalhão.

– Como está indo o nosso reabastecimento? – Fitch perguntou com rispidez. – Já estamos nas nossas fontes extras de energia e com uma fome do caralho. Câmbio.

– Estamos tentando, mas o Whiskey Oscar no Grupo Aéreo 39 diz que eles estão com todos os helicópteros ocupados em alguma coisa importante nas planícies e os figurões estão dormindo, então não dá pra gente alterar as prioridades. Você pode esperar uns dois dias? Câmbio.

Hawke, que estava sentado na frente de Fitch, fez uma careta diante da quebra de segurança com relação à próxima operação.

– Esperar dois dias? Puta que pariu, nós já ficamos dois dias sem comer e comemos metade da ração todos os dias que estamos aqui porque algum retardado filho da puta sentado lá no bem-bom da Bravo Charlie Victor se esqueceu de dar tempo pra Delta se organizar. Agora eu quero a porra de um helicóptero aqui com comida, ou eu juro que o couro vai comer quando eu voltar aí. Agora. Estou falando sério, Stevens.

– Não usa o meu nome na rede, Bravo Six – Stevens respondeu. – Você sabe que os viets monitoram as nossas redes. Eu não quero eles usando o meu nome, escrevendo porcaria pra minha mulher. Câmbio.

– Desculpe, personagem Sierra – Fitch respondeu, percebendo que se brigasse com Stevens as chances de reabastecimento seriam menores. – Escuta, dá uma ajuda pra gente aqui. Estamos morrendo de fome. Pelo menos diz que porra a gente tem que fazer aqui. Câmbio.

– Eu não sei o que fazer quanto aos pássaros, Bravo Six. Juro. Quanto ao que vocês estão fazendo aí, achei que era óbvio. Se vocês acharam tudo isso de munição, deve ter mais por aí em algum lugar. Caralho, o departamento de relações públicas da divisão mandou soltar uma notícia

sobre a luta da Alfa pra conseguir isso e tudo mais. Câmbio.

– Luta da Alfa? Porra, eles sofreram uma emboscada – Fitch soltou o botão do bocal e olhou para Hawke e Cassidy. – Notícias?

Sentia uma fraqueza no estômago.

– Bom, não foi isso que eu ouvi – Stevens começou a dizer mais alguma coisa, mas foi cortado.

– Cala essa boca e me deixa pensar, porra – Fitch gritou para o receptor, interrompendo a transmissão de Stevens e, provavelmente, não sendo ouvido direito. Mas Stevens aparentemente ouviu o suficiente para entender o espírito da mensagem.

– A gente tem que conseguir comida, Jim – disse Hawke. Ele havia desenhado uma estrela de cinco pontas na lama. – Até o Lewis e o Clark podiam caçar uns búfalos no caminho.

– Sim, senhor – Cassidy disse –, e eu peguei uns dois garotos mancando. Acho que a gente tem uns casos de frieira tão sérios que vamos ter que pedir resgate. Senão a gente vai aleijar uns bons fuzileiros.

– Ok – disse Fitch. Pôs o receptor de volta na orelha e apertou o botão. – Big John, aqui é o Bravo Six. Marca a requisição do pássaro como prioridade e, se ele não vier amanhã, então você diz pra eles que no dia seguinte vai ter uma emergência. Tenho casos sérios de frieira de que precisamos tomar conta assim que possível. Câmbio.

– Ah. O Six não vai gostar de ouvir isso. Você sabe o que ele pensa sobre casos de frieira. Câmbio.

– Deixa que eu me preocupo com o Big John Six. Você se preocupa em arranjar um helicóptero pra gente. Pri-o-ri-da-de – ele pronunciou. – Vamos limpar a zona até o meio-dia. Câmbio.

– Meio-dia? Como é que vocês vão chegar ao ponto de inspeção Alfa amanhã?

– Consegue a merda do pássaro – Fitch disse entre dentes apertados. – Bravo Six, desligo.

Houve uma pausa, depois o rádio chiou de novo.

– Não fica puto comigo, Bravo Six. Eu só estava tentando falar pra você como é que as coisas estão por aqui, só isso. Câmbio.

Fitch olhou para a escuridão, segurando o bocal longe da boca. Depois

de uma longa espera, o rádio chiou de novo.

– Ok, Bravo Six. Vou ver o que posso fazer. Não precisa ficar puto. Big John, desligo.

Na manhã seguinte, jogaram no palitinho para ver quem ia desbastar a selva para fazer uma zona de pouso. Mellas perdeu. Ainda tremendo por causa da umidade e do frio, ele voltou desanimado para contar ao pelotão o que havia acontecido. Kendall e Goodwin retornaram para preparar patrulhas de segurança.

O único lugar possível para uma ZP era um pequeno trecho plano próximo ao topo do morro. Esse lugar estava, no entanto, coberto por um emaranhado enorme de bambu e capim-elefante. Mellas sentia-se fisicamente debilitado. Sua pequena Ka-bar e a ferramenta-T sem corte pareciam inúteis diante da densidade e da viscosidade do mato. Olhou para suas mãos, apalpando as feridas de pele da selva. Olhou para Jackson, sabendo que podia mandá-lo começar a desbastar a área enquanto ia sentar-se com Bass para monitorar o rádio que agora compartilhavam. Havia mandado desligar o outro rádio para poupar energia. Sabia que não podia abandonar esses garotos e, ao mesmo tempo, ganhar o respeito deles. Mesmo assim, não sabia o que fazer diante do impressionante muro verde. Podia sentir Jackson ao seu lado ficando bravo. Mellas apenas olhava para a tarefa impossível. Sua mente não se concentrava. Desbastar a selva – sem ferramentas e sem comida. Fechou os olhos.

Daí ouviu Jackson gritar.

– Seu porra do caralho!

Jackson passou rosnando por Mellas, que olhou idiotamente para ele, achando que havia enlouquecido. Jackson se atirou como um jogador de futebol americano fazendo um bloqueio direto de corpo inteiro no muro de bambu e capim. A massa cedeu um pouco. Jackson correu de volta para o grupo, soltou um urro e mais uma vez se jogou contra a massa emaranhada. Ela se dobrou. Ele recuou e se jogou nela com os pés, xingando a vegetação. Começou a pular para cima e para baixo em cima dela, entoando gritos de guerra. O bambu quebrou. O capim encolheu e caiu. Broyer, protegendo os

óculos com os braços, deu um urro e correu diretamente para o amassado feito por Jackson.

Mellas levou somente um segundo para perceber que havia acabado de receber sua primeira lição sobre liderança de verdade. Então, ele correu para a frente, com a cabeça abaixada, como se fosse derrubar um adversário no futebol americano. A massa de vegetação deixou sua cabeça passar, mas o deteve pelos ombros. Foi seguido por Tilghman, o homem do M-79, e depois por Parker e Cortell. Mellas correu para trás, virou-se, rosnou e se jogou de novo. Os esquadrões de Jacobs e Connolly, contagiados pela excitação do jogo, também se lançaram contra o capim. Vancouver chegou a pegar Connolly do chão e arremessá-lo no emaranhado como se fosse um tronco. Uniformes ficaram pretos por causa da podridão úmida. O capim cortante como uma navalha fazia escorrer sangue pelas mãos e pelos braços. Mas a zona de pouso cresceu.

Às onze horas daquela manhã, a zona estava limpa. Os rapazes deitaram-se de costas, exaustos, encarando as nuvens cinza rodopiando. Uma hora depois, as nuvens tocaram a terra. Tanto a zona de pouso quanto os fuzileiros à espera pareciam fantasmagóricos e irreais. Ao fim da tarde, todos estavam tremendo de frio, desanimados, silenciosos, ainda esperando pelo pássaro. A comida havia acabado de vez. Muitos só tinham comido três quartos de uma lata nas últimas quarenta e oito horas. A neblina os envolvia completamente. Mesmo Jackson não podia esmagar a neblina.

Fitch enviou Kendall e Goodwin em patrulhas do tamanho de um esquadrão para fornecer segurança à zona de pouso por precaução. Kendall se perdeu e teve que disparar um foguete para que Daniels e Fitch o localizassem. Todos resmungaram que o foguete avisaria o ENV sobre onde os fuzileiros estavam, e entre eles mesmos os garotos começaram a chamar Kendall de Foguete. O sargento de pelotão de Kendall, Samms, sentou com Bass e reclamou por quase uma hora de Kendall e a prática de fazer com que cada oficial ganhasse experiência comandando um pelotão de rifles. Goodwin avisou pelo rádio que havia encontrado alguma coisa, mas era uma surpresa. Fitch ofereceu vinte dólares para Hawke pela sua lata de abacaxi. Hawke recusou.

No meio da tarde, Cortell e Jackson andaram até Hawke para falar das próximas cotas de D&D. Quando chegaram ao centro do perímetro encontraram o tenente Goodwin, ainda carregado de granadas de mão e munição, fazendo carinho em dois filhotinhos de tigre. O lula sênior e Relsnik assistiam ao sargento Cassidy espetando de brincadeira um dedo nos filhotinhos cegos, com um sorriso no rosto.

Cortell, que havia dividido um buraco de luta com Williams desde que haviam chegado ao país, oito meses antes, encarava os dois tigrinhos de maneira diferente. Ele se separou de Jackson e caminhou até o grupo.

– Eu acho que eles não deviam ficar aqui – ele disse. Seu coração estava começando a martelar, mas ele prometeu a si mesmo que faria alguma coisa por Williams; qualquer coisa para diminuir a culpa que sentia por não ter salvado o amigo.

– Ah é, caralho? – Cassidy disse, levantando. – Você não acha que eles deviam ficar aqui, é? E quando é que foi que eu pedi sua opinião?

Cortell não disse nada, desejando que Jackson dissesse alguma coisa.

– Você simplesmente chega assim nos seus superiores e diz o que está pensando o tempo todo? – perguntou Cassidy.

– Não, senhor – Cortell disse. O velho medo do Sul dos EUA retornou, enfraquecendo suas pernas.

– Então eu sugiro que você se meta com sua própria vida. Eu achei que você fosse gostar dessas porras de bicho da selva.

As narinas de Cortell se abriram e seu rosto empalideceu. Suas mãos e suas pernas queimavam. Ele sentiu a mão de Jackson no seu cotovelo, puxando-o levemente para trás, para longe de Cassidy e de um precipício interior. Cortell respirava pesadamente, encarando Cassidy, que devolvia o olhar.

– Vou matar esses filhos da puta – disse Cortell.

– Só sobre o meu cadáver – disse Cassidy.

– É assim que você quer?

– Está ameaçando me matar, Cortell? – Cassidy perguntou.

– Vem, Cortell – Jackson disse. Cortell o ouvia como se estivesse na outra ponta de um longo túnel. Jackson se virou para Cassidy e disse em voz baixa:

– Ele não tá ameaçando matar o senhor, sargento. É por causa do Williams, que era amigo dele.

Cortell bateu com fúria na mão de Jackson, soltando-se dela.

– Vem *cá*, Cortell – Jackson sussurrou. – Você vai terminar preso.

Jackson puxou-o para o outro lado, Cortell se soltou de novo e Jackson o empurrou para longe. Cortell de algum modo conseguiu conter a raiva no momento em que conseguiu se ver como se fosse outra pessoa. Tomou consciência de si mesmo estando com raiva. Daí percebeu que ele e Jackson estavam puxando um ao outro. Sua mente passou girando por imagens de Jesus e os cobradores de impostos, Pedro cortando a orelha do servo, Jesus pendurado na cruz, Deus chorando por sua criança perdida. Lembrou-se de quem era e onde estava e deixou que Jackson agarrasse seu cotovelo e descesse o morro com ele, deixando Cassidy de pé na frente do grupo silencioso.

Daí se lembrou de Four Corners, Mississippi, e Gilead, a seis quilômetros pela estrada de terra, onde os brancos viviam. Lembrou-se de dirigir pelas ruas ladeadas de árvores, tentando não chamar muita atenção no velho Ford 1947 do seu avô, que havia sido cuidadosamente limpo. Lembrou-se de sua avó se certificando de que sua camisa estava limpa e passada. Daí se lembrou da prima mais velha, Luella, voltando para casa de Gilead pela estrada poeirenta, com calor e cansada no seu uniforme de empregada, para buscar seu bebê que havia sido deixado aos cuidados da avó durante as quatorze horas de ausência. Ela se sentia ansiosa para diminuir a dor nos seios e no coração. Depois ele se lembrou das horas e horas passadas segurando a urina e dos colegiais brancos que o encararam com olhos duros quando ele foi para o depósito de algodão sem "motivo aparente", querendo apenas mandar uma mensagem para o tio que trabalhava no quintal lá atrás. Na sua memória, eles agora se pareciam todos com Cassidy.

Cortell começou a correr para as trincheiras. Jackson ficou observando-o se afastar. Então gritou:

– Cortell, seu burro filho da puta.

Quando Cortell alcançou seu buraco de luta, agarrou o M-16 e puxou para trás o mecanismo para colocar uma bala. Ele se virou, com fúria nos

olhos, e começou a correr morro acima. Jackson atirou-se em cima dele, fazendo o M-16 voar.

– Eu mato os filhos da puta – Cortell berrava. – Eu mato os filhos da puta.

Chutava e se contorcia sob o peso de Jackson, tentando arranhar os olhos dele e se arrastar para perto da arma. Jackson segurava firme.

Mellas observava Bass fazendo um copo de café com o último pacote do pelotão quando ouviram Cortell gritar. Imediatamente começaram a correr. Mellas pulou em cima de Jackson e Cortell, puxando Jackson para o lado. Cortell começou a se erguer, mas Bass jogou-se em cima dele, prendendo-o no chão. O rosto largo e normalmente simpático de Cortell se contorcia de dor e raiva.

Jackson, muito mais calmo, não lutou contra Mellas.

– Eu estou bem, senhor – ele disse. – É o Cortell.

Mellas encarou-o e então saiu de cima. Jackson levantou-se e começou a ajeitar as roupas, olhando para Cortell preso ali no chão sob o corpo sólido de Bass.

– Que porra que te deu? – Mellas perguntou para Cortell.

– O Gunny – disse Cortell. – Eu mato ele.

Já havia se controlado, no entanto era óbvio que não queria dizer isso.

Bass, vendo que Cortell estava mais calmo, levantou-se, estendeu uma mão e o ajudou a sair do chão.

– O que o Cassidy fez? – perguntou Bass.

Jackson respondeu.

– O Cicatriz trouxe uns dois filhotes de tigre e o Gunny está lá brincando com eles.

– E daí? – Bass perguntou.

– E daí que eu falei pra ele tirar eles de lá – Cortell disse. – Um tigre matou o Williams, ou você também não lembra?

O rosto de Bass mostrou a dor que essa afirmação causou, mas ele não disse nada.

Mellas interrompeu.

– Você não pode simplesmente ir dando ordens ao sargento armeiro. Eu

entendo como você se sente. Você tinha que esperar ele reagir. Ele provavelmente nem sabe como você se sente.

– Ele disse pro Cortell que ele devia gostar de bichos da selva – Jackson disse baixinho.

Mellas abaixou a cabeça e se virou para o outro lado por um momento. Bass xingou em voz baixa, daí se virou, indo na direção do PdeC. Mellas o deteve.

– O problema é meu – ele disse. – Vamos entender essa história direito, daí eu vou falar com o Cicatriz sobre isso. Vai ser mais fácil do que falar com o Cassidy.

Jackson e Cortell contaram a versão deles da história. Quando terminaram, Mellas olhou para Cortell.

– Você ainda está planejando matar o Cassidy? – ele perguntou, sorrindo.

Cortell sorriu de volta, com o nariz escorrendo um pouco.

– Não, acho que vou deixar ele voltar pra casa. Alguém bem idiota por lá deve ter saudade dele.

Riu, ainda tremendo, e Mellas se juntou a ele.

Mellas encontrou Goodwin na área do seu pelotão.

– São só dois filhotinhos. Ei, olha pra eles.

Ele se ajoelhou para deixar que um lambesse seus dedos.

– Não fazem mal pra ninguém. Porra, Jack, eu não consigo matá-los.

Mellas olhou para os dois bebezinhos minúsculos.

– Meu Deus, não mata, não – ele disse com solenidade. – A mãe deles viria pra cá em um segundo. Você vai ter que levá-los de volta pra onde você achou.

– O caralho que eu vou, Jack. São uns dois quilômetros.

– Eu levo – Mellas disse.

– Por mim tudo bem, Jack. Mas você não sabe onde é, sabe? – Goodwin sorriu, saboreando a perda temporária de compostura de Mellas.

– Não. Não sei.

– Ah, foda-se – Goodwin pegou um dos bebês. – Eu levo eles.

Fez uma pausa, pensando.

– De qualquer jeito, não deve ter viets idiotas o suficiente pra ficar por aqui.

– Obrigado, Cicatriz – Mellas disse, realmente agradecido. – Fico te devendo uma.

– Esquece. Não tem nada pra eu fazer. Não devia ter trazido eles pra cá em primeiro lugar. Nem pensei naquele seu cara que foi devorado.

Vancouver se ofereceu para ir também, além de vários dos homens de Goodwin. Eles deixaram os filhotes do lado de fora da entrada da caverna onde tinham sido encontrados. O grupo voltou bem depois da meia-noite, atrasados por causa da escuridão, em silêncio e curvados de cansaço.

Enquanto Goodwin esteve fora, Mellas, cheio de raiva presunçosa, reclamou com Cassidy durante a reunião dos reais. Cassidy, apontado de novo como vilão, respondeu ao ataque de Mellas com a mesma fúria.

– Eu só falei pra esse retardado que ele devia gostar daquelas porras de bichos porque os dois vieram da mesma selva que ele. Vieram ou não vieram? Eles têm tanto orgulho dessa merda de Poder Negro; então, se eles são esses grandes guerreiros africanos que eles falam, deviam ter orgulho do lugar de onde vieram.

Mellas não respondeu.

– Esse Corpo de Fuzileiros virou uma merda desde essa porra de guerra – Cassidy continuou. – Talvez eu tenha explodido. Mas um soldado de primeira classe de merda não tem o direito de vir na cara de um oficial e de um primeiro-sargento dar a opinião idiota dele. Cadê a porra da disciplina? Cadê a porra do orgulho? E eles ficam fodendo com a gente que faz carreira aqui, mandando a gente pra selva pela milésima vez enquanto os preguiçosos e os covardes podem se recusar a vir pra selva quando quiserem. Bom, eu vou sair daqui de qualquer maneira.

Houve um silêncio embaraçoso. Mellas de repente sentia pena desse homem que achava que o mundo estava mudando rápido demais.

– Acho que me apressei também, sargento Cassidy – Mellas disse. – Talvez se você dissesse pro Cortell que lamenta muito…

– Não lamento porra nenhuma, tenente.

– Cassidy, as coisas podem ficar bem ruins. Eles já estão putos por causa do corte de cabelo do Parker. Agora mais isso, ainda por cima. Não vai cair bem.

– Se eles quiserem vir pra cima de mim com essa besteira de Poder Negro, tenente, eu vou enfiar o meu Poder Negro no cu deles. Eu não tenho medo deles. Já lidei com marginais antes.

Mellas abandonou o assunto, olhando para Fitch a fim de avisá-lo. Fitch mais do que depressa prosseguiu com a reunião. A única notícia que tinha era o fato de as baterias estarem tão fracas que, além de ser necessário desligar todos os segundos rádios, os aparelhos dos reais só seriam ligados quando a companhia estivesse se movendo ou à noite. A última ordem do batalhão era recuperar o tempo perdido, alcançar o ponto de inspeção daquele dia, o Alfa, no fim da manhã seguinte, alcançar o ponto de inspeção Bravo no meio da tarde e voltar a ficar dentro do prazo ao alcançar o ponto de inspeção Charlie no dia seguinte à noite. Não haveria nenhum reabastecimento. A ZP havia sido construída para nada.



CAPÍTULO

Quando se moveram na direção da escuridão na manhã seguinte, o pelotão de Goodwin estava no ponto e o de Mellas gozava da segurança relativa do meio da coluna. Resignados a corcovar em vez de voar, os rapazes punham um pé na frente do outro na dança sem fim da infantaria. Para os que não estavam no ponto, os pensamentos se voltavam para lembranças de tempos melhores, refeições que haviam feito, garotas que tinham conhecido ou que desejavam ter conhecido melhor. Para os que estavam no ponto, não havia passado, só o presente assustador.

A fome dominava o pensamento das pessoas, perturbando os homens do ponto e Goodwin, que tentava ignorar o seu cérebro latejante e se concentrar na presente tarefa. Andavam com sentimentos constantes de irritação e frustração. Um pedaço de equipamento que ficava preso em um galho se tornava uma injustiça monstruosa. Dar um encontrão nas costas de alguém por causa dos sentidos embotados pela fadiga causava uma fúria insensata no lugar do habitual comentário sarcástico.

Alcançaram o ponto de inspeção Alfa uma hora depois do crepúsculo, já um dia inteiro fora do prazo. O ponto Alfa revelou ser o topo de um morro coberto de selva, nada mais. Não comeram o dia inteiro, pois os últimos três quartos de lata de comida tinham acabado no dia anterior. Fazia três dias que qualquer um deles havia comido pelo menos metade de uma ração.

Durante todo o jantar, o tenente-coronel Simpson parecia distraído. O major Blakely pensava que ele devia estar preocupado em explicar o atraso para o coronel Mulvaney no *briefing* do dia seguinte. Ele mal pareceu notar

quando o garçom alistado retirou seu prato e encheu de novo sua xícara de café. Ouviu sem muito entusiasmo quando o major Blakely e o capitão Bainford, o oficial de controle aéreo avançado, contaram histórias e riram fumando charutos. Simpson estendeu o braço para a garrafa de Mateus rosé, que eles quase tinham esvaziado durante a refeição, e encheu mais um copo para si, ignorando o café. Bebeu o vinho rapidamente. Enfiou a mão no bolso procurando outro charuto, mas a caixa pequena de papelão estava vazia.

– Quer um charuto, coronel? – perguntou Blakely, pegando um dos próprios.

Simpson o acendeu na vela da mesa e começou a consumir o charuto rapidamente, dando tragadas curtas, e depois relaxou. Blakely acendeu um dos dele, reclinou-se e olhou através da rede que protegia dos insetos que voavam lá fora o interior da pequena tenda de messe dos oficiais e SO. Ao pôr do sol, a BCV não tinha uma boa vista para acompanhar a refeição. Soldados faziam fila fora da tenda vestindo uniformes caindo aos pedaços. O chão era lamacento. O ar noturno fedia a querosene e aos barris de fezes coletados das latrinas, que eram agora queimados. Um único Huey, voltando para Quang Tri, ergueu-se da área de pouso rústica, sumiu momentaneamente contra os morros verdes acinzentados e depois reapareceu em silhueta contra a luz que esmorecia.

– Aqui não é um lugar pra ficar, Blakely – Simpson resmungou. Deu o que pareceu uma baforada zangada no ar.

– Senhor?

– A gente devia estar na selva. Estamos com três companhias engordando nas planícies e uma na porra do alto das montanhas. Não dá pra controlar elas. Não dá pra dar bronca quando é preciso.

– Eu concordo, senhor, mas com o batalhão dividido do jeito que está, as companhias espalhadas pelo mapa até quando a gente tem uma operação, como é que o senhor vai controlá-las?

– Matterhorn. Eu quero voltar para o Matterhorn. Ficaríamos com todo o canto noroeste do país amarrado. É só manter as companhias lá embaixo na selva perturbando os viets, atacando as linhas de suprimento deles, destruindo os depósitos de reserva – ele cuspiu um pouco de tabaco no

chão. – Quem sabe talvez até avançar pra dentro do Laos. Essa besteira de ficar bombardeando não resolve. Você larga uma bomba, e um soldado de verdade levanta e atravessa a cratera como se não fosse nada. E o ENV tem um monte de soldados de verdade, alguns dos melhores até. É por isso que a gente tem que mandar os nossos atrás deles.

– Concordo – Blakely disse com cuidado, dando uma olhadela de lado para o controlador aéreo avançado –, mas com essas merdas de restrições políticas, o que é que a gente pode fazer? Mas, concordo sim, porra. Você tem que ir aonde a ação está acontecendo.

Blakely não perguntou ao coronel qual era a diferença entre dirigir quatro companhias pelo rádio no Matterhorn e dirigir quatro companhias pelo rádio na BCV. Ele sabia que a verdadeira diferença era psicológica, pelo menos para as pessoas lá na divisão. Se o posto de comando da Um Vinte e Quatro estivesse no Matterhorn – sozinhos, na posição mais exposta –, as pessoas lá na divisão seriam lembradas com frequência de que os oficiais que comandavam a Um Vinte e Quatro eram fuzileiros de verdade, não pessoal executivo escondido em bunkers de concreto. Blakely conhecia o valor das aparências. Não seria nada mau se fossem atacados de vez em quando. Ele tinha que ter combate de verdade na sua ficha, do tipo que traz Corações Púrpuras e medalhas. Era o melhor caminho, talvez o único, até o topo.

– Precisamos ter um controle melhor – Simpson continuou, quase para si mesmo. – O porra do Fitch está um dia inteiro atrasado. Ficou sentado engordando o dia todo ontem. O dia inteiro pra resgatar casos de frieira que não são nada além de frutos da má liderança. Bom, eu não deixei. Que ele aprenda uma lição.

Simpson encheu para si mesmo outra taça de vinho e, erguendo-se da cadeira, engoliu tudo. Bateu a taça na mesa.

– Isso aqui é bom. Português, né? Precisamos comprar outra caixa.

Saiu da sala e os outros se levantaram das cadeiras enquanto ele saía.

Simpson continuou bebendo. Depois de duas horas folheando nervosamente a pilha de papéis na sua improvisada mesa de madeira

compensada, já tinha consumido quase metade de uma garrafa de Jack Daniel's Black. Havia levantado da cadeira seis ou sete vezes para olhar o mapa preso em outro pedaço de madeira compensada apoiado no tecido molhado da lateral da tenda. Ele tocava nas coordenadas do morro 1609, a última posição reportada da Bravo, e tentava se acalmar, garantindo para si mesmo que eles estavam bem. Então, tendo falhado em conseguir qualquer conforto e sentindo sua responsabilidade por tantas vidas, relutantemente voltava aos papéis e enchia novamente o copo.

Ele sabia que não devia beber tanto, especialmente sem companhia. Mas ficava muito tempo sozinho. Afinal de contas, era o comandante do batalhão. Todos sabiam que era solitário mesmo lá em cima. O que ele esperava, a camaradagem fácil dos quartéis repletos de oficiais solteiros? Mas outra voz o censurou. Ele devia ter uma boa relação com os outros comandantes de batalhão do regimento e com alguns dos executivos regimentais da sua própria idade e de mesma patente. Ele tentou. Havia convidado o tenente-coronel Lowe, que tinha recebido a Dois Vinte e Quatro, para jantar outra noite dessas. Havia oferecido charutos novos e um vinho bastante bom. Mas agira de modo esquisito. Lowe jogava futebol por Anápolis na época em que Simpson ficava com o cu congelado na Coreia, mas lá estava ele, três anos mais novo que Simpson e na mesma posição. Mas era por isso mesmo – Anápolis. Simpson havia cursado a Universidade da Geórgia e nunca tivera tempo de aprender a socializar. Portanto, não era amigável como Lowe ou Blakely. Nunca foi. Nunca seria. E daí? Logo, estava sozinho. E daí? Não estava ali para se divertir. Estava ali para matar viets.

Empurrou devagar a pilha de papéis pela superfície da mesa. No espaço aberto, pôs o copo de uísque e a garrafa pela metade. O líquido âmbar refletia suavemente de volta para ele. Uma luz suave. Profunda e suave.

Ficou repassando mentalmente os comentários e as perguntas de Mulvaney durante o *briefing*. Por que é que ele tinha de lidar com um bestalhão caricatural como Mulvaney? Ele nunca conseguia ter certeza do que Mulvaney estava pensando – ou o que pensava dele. Simpson tinha certeza de que um velho soldado como Mulvaney ia adorar quando seu quartel-general mudasse para o Matterhorn. Mulvaney até tinha dito que

parecia mesmo haver viets por lá. Agora, no entanto, ele sentia que havia feito alguma coisa errada, estando tão longe e tendo que lutar para voltar a Cam Lo. Mas Mulvaney dissera para ir em frente. Simpson tomou mais alguns goles. Quatro dias para preparar o 1609. Isso tinha sido muito severo? Deus sabia que os homens estavam nas mãos de um bando de tenentes inexperientes da reserva. Muito moles com as tropas. Avançando muito devagar. Simplesmente não havia capitães regulares em número suficiente. Toda essa porra era uma bosta. Os fuzileiros eram uma tropa de choque. "Abridores de lata", Liddell Hart os chamou-os uma vez. Ou será que era "abridores de fechadura"? Ele nunca se lembrava de detalhes desse tipo, de modo que nunca podia inserir citações espertas nos relatórios do jeito certo. Mas ele entendia de tática, porra. Por que é que tinha que se lembrar de citações espertinhas? A única coisa que ele tinha aberto ali era uma porta pro inferno. Malária. Pele da selva. Políticos. Os pretos todos zangados por causa dessa idiotice de Poder Negro. Lenta e cuidadosamente, ele colocou só um pouco mais de uísque no seu copo. Só mais uns poucos meses aguentando isso. Um batalhão em combate. Porra, ele já tinha trinta e nove. Era uma dádiva dos deuses, algo que o havia salvado da aposentadoria. Agora, ele tinha uma chance de virar coronel – conseguir um regimento. Sorriu para o copo morno. Não, não uma divisão. Não se pede coisas demais aos deuses, ou eles te destroem. Mas um regimento era possível, se ele não fizesse uma cagada agora.

Seu estômago estremeceu e ele reagiu engolindo o resto do uísque. Encheu o copo de novo.

Trinta e nove anos de idade. Última chance. Ele sabia que não era esperto como Blakely, ou pitoresco como Mulvaney. Mas ele se importava. Importava-se com frieiras. Importava-se com segurança e com diminuir o número de baixas. Mas como fazer pra essas coisas chamarem a atenção do general em comando? Era uma bosta. Tudo era uma bosta. Porra da Companhia Bravo lá numa enrascada. Ele nunca devia ter deixado Blakely convencer a ele e a Mulvaney. Depois a cagada com as rações. Ele não havia percebido. Devia ter percebido. Supervisione, supervisione, supervisione. Esse era o último "S" em CAFCOS: Começar o planejamento, arranjar a coleta de informações... ou era arranjar apoio? Coletar informações. Não,

um plano. Merda. Sua memória nunca tinha sido muito boa. Puta merda. É simples. É só ir lá e matar a porra do inimigo. Se ficassem sabendo desse negócio com as rações, o couro ia comer.

Blakely estava transferindo o oficial de suprimentos que havia feito a cagada de volta para Da Nang. Não que o S4 se importasse com isso. Não mesmo. Clubes de oficiais. Bebida. Mulheres. Mulheres de *olhos redondos*. Havia uma que vendia carros para as tropas. Carros? Caralho, Mercedes. O soldo de um ano inteiro por uma dessas belezas. É claro, não ia aparecer nada na ficha do oficial de suprimento. Não havia motivo pra foder com o cara. Blakely estava usando os canais não oficiais para fazer as pessoas saberem que estavam facilitando as coisas para o oficial de suprimentos e que nada apareceria na ficha. Mas, se o rumor se espalhasse, ele podia provar que havia agido na hora se livrando do oficial. Não que tivesse sido tão desastroso. Porra, ninguém tinha morrido nem nada disso. Além disso, eles iam tirar a Companhia Bravo de lá, compensar eles por isso. Iam servir um bife para todo mundo quando voltassem. Na verdade, com a Bravo na BCV, o batalhão inteiro estaria aqui ao mesmo tempo. Ele mandaria servir bife para o batalhão todo e uma messe formal à noite para os oficiais. Fazia isso desde os Royal Marines, caralho. Exatamente como era antigamente. Melhor coisa para o moral. Uma messe formal à noite para os oficiais e bife para os soldados. Fuzileiros bons pra cacete, aqueles garotos. Não era culpa deles. Eles iam acabar gostando dele. Iam entender. Falta de liderança. Isso também não era culpa de ninguém. Você recebia esses meninos recém-saídos da faculdade, sem experiência. Um dia eles estão na cama com secretárias do governo em Washington e, no dia seguinte, são largados na selva. O que se pode esperar? Merda. Eles só precisavam endurecer um pouco, só isso. Maturidade. Era por isso que ele tinha que voltar para a selva. Como aqueles bunkers no Matterhorn. Eles seriam massacrados num ataque aéreo ou num bombardeio pesado. Não dá pra descuidar. Claro, foi duro pra eles – pode apostar que foi duro. Mas era para isso que ele estava lá: salvar vidas. Deus estava vendo, tudo o que eles precisavam era de uma boa sacudida. Um pouco de liderança.

Acabou com o resto do uísque, pegou seu quepe e abriu caminho entre as cortinas do blecaute, avançando na noite. Guiado pelas pedras pintadas

de branco que ladeavam o caminho, ele foi até o COC, o centro de operações de combate. Empurrou a pesada porta, surpreendendo o oficial de vigia, que estava lendo a *Playboy*, e os três operadores de rádio, dois dos quais jogavam xadrez. O terceiro estava ouvindo o *ranking* das quarenta músicas mais populares da AFVN, a estação de rádio do Exército em Quang Tri. Todos se apressaram a ficar de pé.

– Chama o Bravo Six aí – Simpson berrou.

Um dos operadores de rádio chamou. Logo a voz de Pallack respondeu, e depois a de Fitch. Sua voz estava fraca como a de um espectro.

– Aqui é o Big John Six. Eu quero saber por que você deliberadamente desobedeceu uma ordem e está aí dormindo no ponto Alfa atrasado um dia inteiro. Quero uma explicação das boas ou você vai ter que se explicar pra alguém em Okinawa, porque eu juro por Deus que acabo com a carreira de qualquer oficial que não consegue fazer o serviço que lhe foi confiado. Câmbio.

Os operadores de rádio olhavam de um lado para o outro. O oficial de vigia verificou as mensagens de rádio que haviam chegado da divisão.

Houve uma longa pausa.

– Você ouviu, Bravo Six? – Simpson insistiu. – Câmbio.

– Entendido, senhor. Eu ouvi – houve uma falha na transmissão. – Tivemos neblina o dia inteiro. Fiquei esperando aquele pássaro que eu requisitei. Tenho casos muito severos de frieira aqui, um cadáver, e estamos sem comida. A minha opinião é de que poderíamos nos mover mais depressa se esses problemas fossem resolvidos. Eu assumo responsabilidade completa pelo atraso. Câmbio.

– Ah, mas pode apostar que assume. Mas isso não me ajuda a explicar a situação para o Guerrilheiro Six. Câmbio.

– Eu compreendo, senhor. Talvez se a gente soubesse qual é a nossa missão, isso ajudaria nossos homens a irem mais depressa. Câmbio.

A distância e a bateria fraca faziam a voz do tenente Fitch tremer e falhar.

– A sua missão é encontrar, se aproximar e destruir o inimigo. Essa é a missão de cada porra de fuzileiro – Simpson inconscientemente jogou os ombros para trás. Sabia que toda a equipe o observava. – Agora, puta que

pariu, começa a encontrar e destruir ou eu mando substituir você por justa causa. Entendido, Bravo Six?

– Entendido, senhor.

– É imperativo, imperativo, que você chegue ao ponto de inspeção Eco ao meio-dia da quinta. Você vai aguardar lá por mais ordens. Imperativo. Entendido? Câmbio.

O rádio ficou em silêncio. O ponto Eco ficava na junção de dois rios, o que vinha das montanhas nas quais eles estavam penando e o que descia de outra cadeia de montanhas ao leste deles. Fitch respondeu.

– Senhor, estou olhando aqui no mapa e o ponto Eco fica do outro lado de uns picos muito íngremes. Olha, nesse terreno eu não acho que vamos conseguir chegar lá tão cedo. Câmbio.

– Aguarde.

Simpson correu para o mapa, pondo um dedo na posição da Bravo, indicada com capricho por uma tachinha com a letra B grande. Depois pôs um dedo nas coordenadas do ponto de inspeção Eco. Seus dois dedos estavam a aproximadamente vinte centímetros de distância. Fitch estava obviamente enrolando.

Simpson pegou o bocal.

– Está tentando me passar a perna, Bravo Six? Esteja no Eco até o meio-dia ou você vai passar seu primeiro mês em Okinawa tirando meu pé do seu cu. Entendido?

– Entendido.

– Big John Six, desligo.

Na umidade e na escuridão, a trinta quilômetros da BCV, Fitch jogou sem muita força o bocal no chão e ficou olhando o escuro. Relsnik tateou em busca do bocal e o pegou do chão.

Hawke assobiou.

– Vai ver que, quando ficar sóbrio, ele esquece o que falou.

Fitch grunhiu.

– Ei, esquece – Hawke continuou. – O que ele vai fazer, Jim? Raspar seu cabelo e te mandar pro Vietnã?

Fitch sorriu, grato pelo apoio de Hawke, e se perguntou por que ele não ficaria feliz em ser substituído. Simplesmente cair fora de tudo aquilo. Mesmo assim, sentia-se péssimo. Seu relatório de performance o mataria. Qualquer esperança de conseguir uma missão decente depois do Vietnã estaria acabada. Ter começado tão bem, como comandante de companhia, e depois ser mandado às pressas para a retaguarda era algo que ele não conseguia suportar. Fitch conhecia o Corpo de Fuzileiros bem o suficiente para saber que o rumor se espalharia. E em uma organização tão pequena quanto os fuzileiros, ele nunca seria capaz de fugir dela. Nenhuma explicação ajudaria. Só pareceria desculpa esfarrapada. A história real, conhecida por Hawke e pelos comandantes dos pelotões, permaneceria trancada na selva até que eles voltassem para casa. Mas aí isso já não importaria mais. Fitch seria uma piada.

Lá nas linhas, Mellas e Hamilton estavam sentados na borda traseira do buraco deles. Hamilton havia pegado emprestada a lanterna de lente vermelha de Mellas para preencher outro quadradinho na sua tabela de curto prazo. Era o desenho de uma delicada garota vietnamita, com a perna direita passando por cima da cabeça, expondo a vagina. Duzentos pequenos segmentos espiralavam em torno dela e terminavam com o dia zero entre as pernas dela.

– Sabe, tenente – Hamilton disse –, eu realmente acho essa garota aqui muito bonita. Eu acho mesmo. Ela se parece com uma garota que eu conheci nos Estados Unidos.

– Cai na real, Hamilton. Todas elas são parecidas desse ângulo – Mellas disse, lembrando-se de uma piada que tinha ouvido. Mas ele sentiu que havia profanado de alguma forma a garota bonita na tabela de curto prazo de Hamilton.

Hamilton se inclinou para trás, apoiado nos cotovelos.

– Eu queria casar com ela desde a sétima série.

– Por que não casou?

– Ela casou com um cara que é engenheiro numa fábrica. Ele tinha um emprego que o liberava de servir o Exército.

Hamilton se perdeu no seu próprio mundo por um tempo e depois voltou.

– Eu estava com esse meu amigo, Sonny Martinez. A gente foi do Campo Lejeune pro casamento deles. O Sonny fala inglês muito bem, mas meio engraçado ainda assim. Enfim, ele chegou pro marido da Margaret na recepção e perguntou assim: "*Bocê serbiu* o Exército antes, né?". "Não, não servi", esse cara respondeu. "Por que não *serbe* o Exército?" – a voz de Hamilton ficou pomposa e lenta. – "Bom, como você sabe, eu tenho um emprego muito importante e, bom, é muito importante para que eu possa servir o Exército." Bom, o Sonny não falou mais nada, mas durante todo o dia eu só queria pular por cima da mesa e encher aquele filho da puta de porrada.

Mellas riu.

Hamilton ergueu um copo invisível para brindar:

– Um brinde para a Margaret e o marido de merda dela – ficou em silêncio um momento. – Por que é que filhos da puta que nem esse sempre acabam casando com as garotas mais extraordinárias?

– Acho que as garotas querem segurança financeira. Caras como eu e você não são um bom investimento.

– Mas continuo achando que somos caras melhores, mesmo assim.

– Infelizmente, as mulheres não acham – Mellas disse.

Ele se lembrou da noite em que Anne disse que não podia aceitar aquele conceito bizarro de moralidade que ele tinha inventado sobre manter sua promessa ao presidente. Havia começado como uma refeição maravilhosa no apartamento de Nova York que Anne compartilhava com duas amigas de Bryn Mawr, que discretamente haviam ido embora. Anne tinha se esforçado, não só com os fígados de frango enrolados em bacon e as castanhas-de-água, como também com o café feito em uma prensa francesa de verdade que ela havia comprado durante suas férias em Paris. Mellas nunca tinha visto uma antes. Ele imaginava que o melhor momento para contar que havia mandado a carta para o Corpo de Fuzileiros seria durante o café.

Não houve isso de melhor momento. Mellas de repente estava em pé com uma cafeteira vazia em uma mão e duas canecas vazias na outra,

olhando o traseiro bonito dela. Ela usava a minissaia cor de salmão que enfatizava sua cintura pequena e apertava seu bumbum – aquele mesmo que ela sabia que o deixava maluco.

– Você nem *gosta* do presidente – ela disse. Exasperada, virou-se para encarar a pia cheia de pratos sujos. – Você mesmo disse que ele é só uma imagem fabricada. Não é a mesma coisa que fazer uma promessa para uma pessoa.

– Sim, mas ele é o *presidente*. Presidentes norte-americanos não mentem para os norte-americanos – ele se sentia idiota falando com as costas dela. – Ele é como a representação de... sei lá, da Constituição, pelo amor de Deus. Eu jurei respeitar a Constituição dos Estados Unidos. Eu ergui a mão e jurei, e Deus é testemunha.

Ela se virou, com as mãos ainda na beirada da pia.

– Você estava no colégio ainda. Você tinha *dezessete* anos.

– Mesmo assim era eu.

Ela virou de costas.

– Ah, meu Deus – disse para a parede.

Ele olhou estupidamente para a cafeteira e as canecas nas mãos. Por que ela estava brava com *ele*? Era um juramento sagrado – e dois dos caras com quem ele tinha feito o treinamento em Quantico já estavam mortos.

– Waino – ela disse, ainda olhando para o muro –, o Johnny Hartman fez o médico dele atestar que o joelho que ele machucou no futebol pode se deslocar a qualquer momento. O irmão da Jane fez o médico *dele* dizer que ele era *gay*.

Ele não disse nada.

Ela soltou um longo suspiro. Seus ombros caíram um tiquinho de onde normalmente ficavam. Ele percebeu que ela estava prendendo a respiração; então, começou a usar sua voz baixa, aquela contra a qual ele sabia que não havia discussão possível.

– Você entrou na faculdade de Direito de Yale. Você *recebeu licença*. Em três anos a guerra pode ter acabado e, caso contrário, você pode cumprir seu tempo como advogado. Tem gente que mataria para estar no seu lugar.

– Tem gente *morrendo*. Gente melhor do que Johnny Hartman e o

irmão da Jane.

Ela se virou, desta vez devagar. Estava tremendo. As lágrimas correndo de seus olhos verdes o espantaram e o fizeram sentir-se culpado.

– Sim! – ela sussurrou. – Sim, sim, sim, sim! E você mandou a carta sem nem falar comigo antes. Você nem *pensou* em falar comigo sobre isso.

Um mês depois disso ele estava na Escola Naval em Quantico, Virginia. Achava difícil escrever para ela sabendo que o treinamento de um fuzileiro era para ela algo completamente de outro mundo. Ela respondia com pouca frequência, alegando que sua nova carreira a mantinha muito ocupada. Uma vez, quando ele já estava em Quantico fazia quase três meses, telefonou para ela a fim de dizer que podia passar três dias de licença em Nova York. Ela disse que já tinha planejado alguma coisa em Vermont. Dois meses depois disso, ele recebeu a ordem de ir para o Vietnã. Ele ligou para ela e disse que tinha que vê-la antes de embarcar. Ela disse que tudo bem, mas que ele não esperasse passar a noite inteira com ela.

Musculoso por causa do treino, cabelo cortado até o crânio e usando o uniforme de segundo tenente dos fuzileiros, ele fez a longa viagem de trem de Virgínia até Nova York. Quando chegou ao apartamento, as colegas dela disseram que ela havia saído para um encontro. Ele esperou, sentindo-se desconfortável por saber que suas colegas tentavam distraí-lo. Finalmente elas foram para a cama. Quando ela voltou para casa, fez chá. Depois de meia-hora de embaraço, ela disse que ele podia dormir no sofá e foi para a cama.

Ele tinha andado tão assustado e precisando tão desesperadamente de conforto que deitou na cama com ela mesmo assim. Depois de duas horas desconfortáveis, com ela de costas para ele, desistiu de tentar dormir. Levantou-se no escuro e vestiu o uniforme de um jeito um pouco desajeitado, porque no apartamento excessivamente aquecido a lã grudava no suor do seu corpo. Ela o observava sem dizer nada. Ele chamou um táxi e fez a mala. Quando dobrava a mala no chão, olhou para cima e a viu sentada na beira da cama. Ela estava usando uma camisa comprida de homem. A camisa não escondia a calcinha. Aparentemente ela não se importava.

– Quando é o seu avião?

– Zero-cinco-trinta – ele se arrependeu de ter usado o tempo militar sem querer.

– Está com fome?

Ele se ergueu, pôs a mala de pé e a levantou.

– Não.

– Bom...

– É – ele não conseguia tirar os olhos dela. Nunca conseguia. – Tchau.

– Tchau.

Ele saiu, fechando a porta silenciosamente para não incomodar as colegas dela, e desceu as escadas.

O táxi estava encostando quando ele a ouviu correndo descalça pela rua, ainda usando a camisa comprida. Ele ficou lá, paralisado. Ela o alcançou, com os olhos se enchendo de lágrimas, deu-lhe um abraço e um beijo rápido e depois recuou.

O taxista pegou a mala e voltou para o volante, dando tempo a eles.

Anne sentou-se na guia.

– Pode ir – ela disse suavemente, olhando para o outro lado da rua vazia. – Vai.

A última visão que ele teve dela foi pela janela traseira do táxi. Estava sentada na guia suja, curvada, as mãos enfiadas entre o rosto e os joelhos, tremendo com os soluços.

Quando já não podiam mais vê-la, o taxista perguntou, com alguma simpatia:

– Indo pro Vietnã?

– É.

– Despedida difícil.

Hamilton disse alguma coisa que trouxe Mellas de volta para o presente.

– Tem que haver alguma mulher, em algum lugar, que ache que é certo a gente estar aqui.

– Você conhece uma? – Mellas perguntou.

Estava desagradavelmente consciente do quanto se tornara amargo.

Era como se outra pessoa dentro dele às vezes usasse suas cordas vocais. Ele realmente odiava as mulheres de certa forma, talvez porque elas ficassem em casa e não pudessem se alistar. Talvez fosse o poder que elas tinham sobre ele por causa da sua necessidade de estar com uma delas, apenas falar com uma delas.

– Não – Hamilton disse.

– É, pois é – Mellas disse em voz baixa para a muralha escura da selva. Virou-se para Hamilton. – Foda-se. Vou lá checar as linhas.

Ele foi. Hamilton voltou a olhar para sua tabela de curto prazo.

Mais ou menos às três e meia daquela madrugada, Fitch informou os reais das tarefas que tinham à frente, a ameaça do coronel de substituí-lo e a ameaça implícita de uma corte marcial. Mellas, furioso, ofereceu-se para pedir a exoneração e também ser julgado com Fitch.

– Você expõe essa história e o Corpo de Fuzileiros evitaria a todo custo a publicidade ruim. Eles desistiriam.

– Mellas – Hawke disse –, não estamos numa sequência do *A nave da revolta*.

Kendall e Goodwin riram e Mellas teve que sorrir, apesar da raiva.

– A gente tem que chegar no ponto de inspeção Eco até amanhã ao meio-dia – Hawke continuou. – Isso nos dá oito horas no máximo pra passar pelos pontos Bravo, Charlie, Delta.

Ele se virou para Fitch.

– Mas nem fodendo, Jim. Eu perderia comunicação. Põe a culpa nas baterias. É só pular uns dois pontos de inspeção. Vamos ter muita sorte se a gente conseguir chegar lá amanhã à noite indo em linha reta.

Fitch de novo começou a morder o lábio inferior.

– Você acha que a gente não consegue passar por todos, então? – ele perguntou.

– Jim, você já viu como estão os pés do Hippy?

Fitch sugou as bochechas, sem dizer nada.

– Talvez a gente pudesse preparar a rota com os sessentas – Kendall aconselhou –, e se livrar de umas balas de morteiro.

– A última coisa que você joga fora é a munição, caralho – disse Hawke.

Kendall começou a corar.

– É tudo o que sobrou – Mellas disse.

– Tá certo. E a sua vida – Hawke respirou fundo. – Eu quero deixar claro para vocês, meus caros tenentes inexperientes, o quanto a gente está fodido. Todos os soldados vão pra Cam Lo. Então, pra onde vai a artilharia, especialmente sem os soldados pra fazer a segurança? Não só ela foi tirada do Matterhorn como ontem a gente abandonou o Eiger. Isso quer dizer que tudo que sobrou pra gente são os Howitzers 110 lá na Sherpa. Esse é o máximo do alcance deles. As coisas ficam meio trêmulas no limite do alcance.

Ele tremeu as mãos para dar ênfase.

– E todo mundo aqui sabe as chances do apoio aéreo chegar numa monção: zero ponto nada. Portanto, vamos guardar a porra da munição.

Aquela foi a primeira vez que Mellas entendeu que Hawke estava com medo. Isso causou um temor nele mesmo. Imaginou a companhia espalhada em um daqueles desfiladeiros rochosos, sendo arrebentada por morteiros ou lutando para subir um morro íngreme, com uma metralhadora calibre .51 do outro lado do vale atirando neles enquanto corriam procurando cobertura onde não havia nenhuma. Mellas explodiu.

– Big John Six e a sua merda de ponto de inspeção Eco, aquele filho da puta arrombado. Ele vai acabar matando alguns de nós só pra fazer a gente passar nesses pontos de inspeção de merda.

– É, pois é, Jack – disse Goodwin. – Ninguém chega a general se não chegar nos pontos de inspeção.

Durante o resto do dia, Mellas se revoltou internamente contra o coronel. Isso lhe deu energia para continuar se movendo, inspecionando o pelotão e fazendo os garotos se moverem. Mas logo abaixo da tranquilidade sombria que havia aprendido a demonstrar, ele xingava com grande intensidade os homens cheios de ambição que usavam a ele e suas tropas para avançar na carreira. Xingou o controlador aéreo por não tentar fazer

os helicópteros atravessarem a camada de nuvens. Xingou os diplomatas discutindo sobre o número de anjos na cabeça de um alfinete. Xingou os vietnamitas do sul ganhando dinheiro com o mercado negro. Xingou as pessoas nos Estados Unidos enchendo as barrigas na frente de televisores. Daí xingou Deus. Depois não havia mais ninguém para culpar, e ele xingou a si mesmo por achar que Deus daria a mínima por ele.

O dia terminou em desespero. A região havia se transformado em uma série de rochedos calcários irregulares que não apareciam no mapa. Era impossível escolher um ponto de orientação na floresta escura. Não conseguiam nem achar o sol através das nuvens. A fome fazia o estômago doer e tirava a força dos membros, mas eles sabiam que a única maneira de atingir comida e segurança era continuar andando.

O dia seguinte foi a mesma coisa. À medida que a resistência deles diminuía, os casos de pele da selva ficavam mais severos. Pus saía da pele. Micose se espalhava mais rapidamente e vários rapazes passaram a andar sem as calças para evitar irritações dolorosas e assaduras, o que causou mais cortes nos arbustos e mais exposição às sanguessugas.

Pat teve um colapso, com as pernas tremendo de exaustão. Arran pôs o cachorro atrás do pescoço, segurando as patas por cima dos ombros e pedindo a cada uma ou duas horas um resgate de emergência.

– Vocês não entendem. Cachorros não têm a mesma resistência das pessoas. Eles simplesmente não têm.

Era o terceiro dia completo sem comida. Pallack se perguntou se os cães não eram mais espertos que as pessoas.

No dia seguinte, alguns garotos começaram a comer os interiores carnudos de várias plantas, sem muita certeza do que estavam consumindo. Outros tiravam as cascas das árvores e mastigavam o interior. Lá pelo início da tarde, muitos vomitavam enquanto andavam, sujando os próprios uniformes ou deixando poças de bile de cheiro azedo que quem vinha atrás tinha que evitar. Nada ajudava.

Hippy ficava pensando na garota que o tinha ensinado a meditar em uma noite em que ele havia conseguido licença do Campo Pendleton. Tentou se concentrar no *agora* da sua dor. Ela havia dito que, se ele sentisse algum desconforto no joelho durante a meditação, era apenas

porque estava pensando no tempo que ainda tinha à sua frente.

– Você é capaz de suportar a dor neste momento? – ela perguntou.

– Sim – ele respondeu.

– E agora?

– Sim – ele respondeu de novo.

E agora, sentiu dor ao colocar o pé no chão, mas ele aguentava. *E agora*, no outro pé, mas ele também não ia morrer por causa disso. *E agora. E agora*. A fome não era nada.

De repente, Mallory jogou sua pesada metralhadora M-60 em um arbusto e se jogou no chão, segurando as têmporas. Berrou para que alguém o ajudasse.

– Porra, a minha cabeça dói – ele soluçava. – Puta que pariu, minha cabeça. Ninguém acredita em mim?

Mellas o encontrou se contorcendo no chão.

– Dói muito, tenente – Mallory disse aos soluços.

Um grito de "paramédico chegando" foi passando ao longo da coluna. Fredrickson veio correndo, resfolegando por causa do esforço. Saía vapor das suas roupas molhadas.

– Ah, é o Mallory – ele disse, mal escondendo o desprezo.

– E aí? – Mellas perguntou.

– Eu não sei, tenente. Você sabe a mesma coisa que eu. Ele tem um problema na cabeça. Fisicamente não tem nada errado com ele.

– Não dá pra ajudar ele?

– Eu tenho cara de Sigmund Freud?

Mellas pegou o bocal do casaco de Hamilton e entrou em contato por rádio com Sheller, o lula sênior.

– É o meu personagem Mike com a cabeça ruim – disse Mellas. A coluna continuou se movendo. Todos olhavam sem expressão para Mallory enquanto passavam por cima dele. Os dois fuzileiros que carregavam o corpo de Williams pararam quando o viram, o corpo balançando levemente entre eles. Um deles cuspiu, e eles deram um jeito de passar.

O rádio chiou e a voz de Fitch soou.

– Escuta, Bravo One, não posso parar essa coluna hoje por nenhum motivo. Vou mandar o lula sênior praí, mas você toma conta da segurança. Vocês vão ter que dar um jeito de alcançar a gente depois, mesmo se tiverem que arrastar esse filho da puta.

Bass chegou antes de Sheller. Deu um chutinho em Mallory, que respondeu com um gemido.

Mellas se agachou perto dele.

– Mallory, você precisa fazer força pra entender. A gente tem que continuar andando. Se você não andar, põe toda a companhia em perigo. Eu sei que está doendo, mas tenta andar. Você tem que tentar.

– Você não entende, está doendo muito – Mallory soava como uma criança espantada de dois anos.

Bass jogou o rifle no chão e segurou Mallory pela frente da camisa, puxando-o até que ele ficasse na altura de seus olhos. Mallory ficou pendurado em suas mãos. Bass gritava com ele.

– Porra, Mallory, seu bebê chorão de merda. Um bosta que nem você sobrevive e gente como o Williams morre. Seu covarde de merda. Anda!

Mallory gemeu:

– Não dá.

Bass, com o rosto contorcido, deu um soco no rosto de Mallory, que gemeu e caiu no chão.

– Já chega, porra – Mellas berrou furioso. – Puta que pariu, Bass.

– Ele não tem nada. É só um covarde mijão.

– Eu que decido isso.

Os dois se encararam. Bass se curvou, pegou o rifle e foi corcovando pela trilha. Skosh olhou para Mallory, perplexo, e depois correu atrás de Bass.

– Eu falo com o Bass, tenente – Fredrickson disse.

– Eu não ponho muita culpa nele – Mellas disse. – Escuta, fala pro Bass assumir o pelotão. Eu fico com a última equipe de artilharia enquanto o lula sênior dá uma olhada nele.

Fredrickson se apressou atrás de Skosh e de Bass logo na hora em que Sheller chegou com Cassidy. Mellas informou-o da situação enquanto Sheller se curvava sobre Mallory, falando com ele. A coluna sumiu à frente

deles, deixando o pequeno grupo sozinho. Os fuzileiros escolhidos para a segurança cobriram nervosamente a trilha em volta deles. Sheller levantou-se, encolhendo os ombros.

– Posso dar mais um monte de Darvon, mas ele tem engolido essa merda como se fosse pipoca.

– Bom, que porra a gente faz com ele? – Mellas perguntou. – A gente não está em condição de carregar ele.

– Deixa ele aí – Cassidy disse, pondo a mão no ombro de Mellas. Sheller olhou surpreso para Cassidy.

– Não posso deixar ele aí – disse Mellas.

Cassidy piscou e apertou o ombro de Mellas.

– Você vai ter que fazer isso, tenente. Estamos pondo uma companhia inteira em risco por causa desse indivíduo. Eu não vou deixar nenhum bom fuzileiro morrer só porque um covarde veado filho da puta não quer andar.

– Bom – disse Mellas baixinho.

– Pega a arma dele – Cassidy disse para um dos fuzileiros de guarda. – Pega a munição também.

Eles tiraram de Mallory todo o equipamento da metralhadora, deixando com ele a sua pistola .45 e a mochila.

– Vocês não podem me deixar – Mallory gemeu.

– Fica só vendo – disse Cassidy. – Posso abandonar um bosta que nem você sem pensar duas vezes.

Ele apontou para a trilha com a cabeça.

– Vamos indo antes da gente se meter em perigo – ele disse.

O pequeno grupo começou a andar, dois fuzileiros olhando para trás nervosamente. Cassidy andava com severidade. Depois de cerca de cinquenta metros, ele parou e acenou com a cabeça para que todos entrassem em um arbusto. Todos deitaram. Esperaram cerca de cinco minutos. Mallory veio correndo desesperado pela curva da trilha. Cassidy estendeu a metralhadora, fazendo-o tropeçar e cair para a frente com um grito de medo.

Cassidy ficou em pé ao lado dele e Mallory olhou para cima, apenas para que a sua pesada metralhadora fosse jogada diretamente no seu rosto. Ela lhe lascou um dente. Mellas fez uma careta.

– Levanta, seu covarde – Cassidy disse em voz baixa.

Mallory, com os lábios e as gengivas sangrando, chorou como um cachorro. Pegou a metralhadora e, arrastando os pés em um quase trote, pegou a trilha na direção do resto da companhia.

– Estão esperando o quê – Cassidy grunhiu para os outros fuzileiros –, um táxi *skoshi*?

Todos se apressaram pela trilha para alcançar a companhia, temerosos por estarem separados.

O cair da noite os encontrou no alto de uma encosta que formava um vale profundo, sem espaço para constituir um perímetro. Eles cavaram, criando uma oval com a companhia em volta da ponta de uma linha de cristas. Se fossem atacados ali, provavelmente seriam dominados.

Cavaram buracos fundos o suficiente para que deitassem neles. Os campos de fogo foram desbastados apenas uns poucos passos em volta dos buracos. Mellas foi se arrastando de buraco em buraco, elogiando, brincando, mostrando o perigo, tentando encorajar todo mundo a desbastar só um pouco mais da mata, a cavar só um pouco mais fundo.

Quando ele voltou mais tarde para ver o progresso, encontrou a maior parte dos irmãos reunidos em volta do toca-discos de Jackson. O Toupeira estava lá, assim como Broyer e Cortell. A metralhadora de Mallory estava posicionada para cobrir a rota de aproximação ao logo de uma pequena vala, mas Mallory não estava lá. Nem Parker.

– Ei, tenente, vem cá comer a janta – Cortell gritou –, a gente tá servindo um cozido de soul de Memphis.

Mellas riu e foi até o grupo, feliz de ter sido convidado para ouvir. Seu coração se encheu de orgulho com o bom humor deles diante de tanto sofrimento. Ouviam King Curtis tocando *Memphis Soul Sten*, o disco se movendo irregularmente com o braço da agulha indo para cima e para baixo com as ranhuras.

Mellas estava muito cansado para incentivar o pelotão a cavar mais. Ele se juntou a eles e à música.

– Cara, eu nunca mais vou desprezar presunto enlatado – Toupeira

disse, seu corpo balançando levemente com a música. Mellas se sentiu desconfortável, sem saber o que dizer.

– É – Cortell disse baixinho –, e salpicar o presunto com um toque de – ele fez uma pausa dramática, levantando os ombros – mais presunto enlatado. Com ovo. Oooh, cara.

Mellas riu.

– E mais um monte de molho tabasco pra tirar o gosto – ele disse.

Houve murmúrios de "Isso aí, tenente" e "Falou", vozes baixas vencendo o sofrimento.

– Eu sei que Jesus disse que nem só de pão vive o homem, tenente – Cortell continuou –, mas eu nunca pensei que ia ter que provar isso, cara.

– Ei, quantos discos você tem, Jackson? – perguntou Mellas.

– Tudo depende da tabela de organização, senhor – disse Jackson. – A segunda equipe de artilharia com o Cortell aqui carrega as preciosidades, alguns do Otis, uns do James Brown – Jackson parou e fez uma imitação bastante boa de James Brown fazendo o "uuhhh" no final das linhas.

– Caralho, irmão – o Toupeira riu e tocou o punho no de Jackson.

– E ele está com uns do Wilson Pickett também – Jackson continuou –, enquanto este que vos fala carrega o Marvin Gaye. Agora, o Parker e o Broyer, eles ficam com o resto da Motown13. E o Mallory, ele está com, uh...[13]

Jackson percebeu que Mellas olhava para a metralhadora abandonada de Mallory.

– Hum, ele carrega os discos instrumentais, tipo King Curtis e Junior Walker.

O "*Cozido de Soul de Memphis*" foi acabando e a agulha começou a raspar para frente e para trás contra o papel com o nome da gravadora, produzindo um som de arranhão. Broyer logo levantou o braço da vitrola, o que interrompeu o giro da plataforma.

– Como é que está o Mallory? – Mellas perguntou.

– Como é que o senhor acha que ele pode estar, tenente? – disse Jackson. – Arrebentaram a boca dele com a porra de uma metralhadora e a cabeça dele dói.

– E ele não come faz uma semana – comentou o Toupeira.

– Não acho que o Cassidy tenha acertado a boca dele de propósito – Mellas disse.

– Pooorra – cuspiu o Toupeira.

– Bom, eu não acho que ele fez de propósito.

– Mas o negócio, tenente, é que aconteceu – Jackson disse.

– Você acha que vai dar problema?

– Problema? – Jackson olhou em volta, indicando a situação deles ao apontar para a selva e as nuvens. – O que é um problema? É só uma forma diferente de merda, tenente.

Rostos que antes estavam contentes ficaram sérios. Mellas sabia que sua presença havia se tornado inconveniente.

– Eu escolho matar o filho da puta – Parker disse. Estava quase escuro e ele se encontrava encostado na lama de um buraco pouco profundo. O China estava sentado à esquerda de Parker, olhando para a floresta e mastigando um galho com a intenção de diminuir a necessidade que seu corpo sentia de carboidratos. Uma leve garoa caía no seu poncho e escorria em pequenas correntes. Mallory estava à direita de Parker, com os cotovelos nos joelhos, segurando a cabeça e olhando sem expressão para o solo.

– A gente não vai matar ninguém, Parker – disse o China.

– Como é que você vai deixar um porco desses viver, hein?

– Eu não *deixo* ele viver. Não tenho nada a ver se ele vive. Ou morre – disse, incisivamente.

– O Henry acabava com esse filho da puta.

China percebeu a ameaça, mas não disse nada. Henry poderia muito bem matar Cassidy, mas era por isso que o Henry era burro. O conhecimento de que Henry mataria qualquer um se fosse contrariado, no entanto, era também o que o mantinha no comando. China sabia que, se ganhasse a reputação de ser mole, nunca assumiria o lugar quando chegasse a vez do Henry de voltar pra casa. Mas ainda assim ele não podia simplesmente matar um cara. E também era fácil descobrir quem tinha um motivo na companhia. Tinha que ser feito de um jeito que significasse algo. Ou isso, ou fazer com que parecesse um acidente. No fundo, porém, ele não queria pôr em risco sua operação de contrabando de armas.

– Como é que você está indo, irmão? – China perguntou para Mallory, mudando de assunto. Ele se inclinou para a frente e olhou por cima do peito de Parker.

– Dói pra caralho, China. Você tem que me ajudar a sair da selva.

– A gente tem que tirar *todos* os irmãos da selva – China disse, sua voz se levantando. Ele desprezava Mallory e queria sacudi-lo pelo colarinho e mandá-lo agir feito homem, mas reconhecia uma boa causa quando via uma. "Pode continuar gemendo aí, Mallory, meu chapa", ele pensou.

– Você não vai fazer nada sobre o Cassidy bater no Mallory? – perguntou Parker, enquanto olhava para um mosquito que sugava sangue do seu braço.

– Claro que eu vou fazer alguma coisa. Mas quando for a hora certa – China deu um tapa em um mosquito no próprio rosto.

Parker pôs o dedão sobre o mosquito inchado no seu braço e o estourou, espalhando sangue na sua pele.

– Sangue, China.

– Quando for o tempo certo.

– Esta noite.

– Não.

– Vamos embora, cara – Parker falou com raiva para Mallory. Levantou-se e tentou acertar uns tapas em alguns mosquitos que voavam na frente do seu rosto. – Melhor a gente cair fora antes que o Bass ou o playboyzinho percebam que a gente foi embora.

No silêncio, China conseguia ouvir o toca-discos de Jackson. Jackson. Se ele conseguisse se unir a Jackson, deixando que ele organizasse os irmãos na selva, poderia voltar para a retaguarda a fim de encontrar mais Jacksons nas outras companhias. Cara, uma organização assim e eles conseguiriam mandar *tanques* para os irmãos lá em casa.

Quando a escuridão completa marcou o fim do estado de cem por cento alerta, Jackson tentava organizar sua mochila. Ele viu o China andando até Parker e Broyer e fazendo o ritual todo do aperto de mão; depois viu que vinha na sua direção.

China ficou de cócoras perto dele. Jackson apertou uma alça no lugar.

– Tudo que a gente faz, cara, é arrumar mala e desarrumar mala – disse o China. – Se eu fizesse isso tudo de mala lá em casa, eu era um cara viajado pra *caralho*.

Jackson sorriu, mas não disse nada.

– Onde é sua casa, cara?

– Cleveland.

– O-*hi*-o.

– É. O-hi-o.

– Você nunca ficou doidão?

– Uma vez. Em San Diego. Uma irmã lá tinha maconha.

– Essa porcaria faz mal pro homem negro.

– Me disseram que faz mal pra todo mundo.

Jackson suspirou, voltando seis meses no passado, não vendo nada além do apartamento pequeno e escuro, a lâmpada de lava maneira, a luz negra dando um brilho verde amarelado à pintura em veludo de uma garota em um sári de caxemira. E Kyella. Meu Deus. Doce Kyella da Erva.

Ele voltou à guerra.

– Mas é divertido, às vezes.

– É. Esse que é o problema. Os filhos da puta dos ingleses escravizam milhões de homens amarelos com o ópio.

– Eu não arranjei o negócio com nenhum inglês. Consegui de um irmão.

– Tá, tá. Mas esse irmão não tá fazendo nenhum bem pra gente, cara. Não tá mesmo. Os muçulmanos, esses não gostam de drogas. E tão certos. As drogas, cara, escravizam milhões de homens amarelos e de homens vermelhos também.

– China, eu não quero falar de política. Estou cansado e tenho que lutar na guerra com o estômago vazio.

– Está certo. Uma guerra contra gente escura. O James Rado fala que o alistamento é gente *branca* mandando gente *negra* lutar contra gente *amarela* pra proteger o país que eles roubaram de gente *vermelha*. Nenhum homem negro devia ser forçado a lutar pra defender um governo racista. Esse é o Artigo Seis do Programa de Dez Pontos dos Panteras Negras.

– Que bem que os seus amigos terroristas tão fazendo além de ganhar

dinheiro escrevendo livro? *Alma no gelo*. Porra. Não tô vendo nenhum Pantera Negra valentão por aqui.

– Por isso mesmo. Eles não tão aqui lutando numa guerra de brancos.

A raiva de Jackson por ter sido posto em uma posição da qual ele não gostava e não podia escapar acabou transparecendo.

– Eles não tão lutando a guerra do homem *negro*. É isso que eles não tão lutando. Só tão fazendo bagunça. Que nem você. Eu não quero ver você fodendo as coisas, China. Não quero ver isso – Jackson fez uma pausa. – Você quer saber quem é que tá lutando a guerra do homem negro de *verdade*? Eu vou contar pra você. É aquela menininha na escola em Little Rock, usando um vestidinho bonito, morrendo de medo. Ela não tem arma, mas aquela foto dela andando pra escola no meio dos delegados tocou o *coração* das pessoas. São aqueles garotos nas universidades sendo mortos por registrar eleitores. É, garotos brancos. Gente que nem o Mose Wright.

Ele fez uma pausa.

– Aposto que você não faz a mínima ideia de quem seja o Mose Wright, você sabe, grande entendido em história dos negros?

China ergueu as mãos abertas com despeito.

– Tá bom. Você que dá o sermão, então. Conta aí. Quem é esse Mose Wright?

– Já ouviu falar do Emmett Till?

– Que que cê acha?

– É. Eu tinha sete e vi aquele rosto inchado com o olho pendurado pra fora na revista *Ebony* e eu nunca, *nunca* esqueci aquele rosto. Mas *eu* não moro no Mississipi. *Você* não mora no Mississippi. Mose Wright, o tio do Emmett Till, *ele vivia* no Mississippi, onde eles te enforcam numa árvore com as bolas cortadas e depois te jogam no rio, com as hélices de ventilador amarradas no seu pescoço de negro morto. Se você falar dessas coisas no Mississippi, você tá morto. Mas o Mose Wright, sem cultura, sem dinheiro, sem nada, só com o coração, ele vai no julgamento dos filhos da puta que mataram o Emmett Till, tudo arranjado do jeito que era, e ele vai lá e diz "Ali!". E aponta bem pros assassinos. Bem no meio do tribunal que só tinha branco. "Ali!" Bem ali, sabendo que eles iam atrás dele depois, sozinho de tudo, sem lei pra ajudar.

– É, porra, cara – China havia sido momentaneamente interrompido. Depois voltou a atacar. – Mas aqueles dois chucks, eles escaparam. Tão por aí rodando soltos até hoje. Ganham até dinheiro contando como foi tudo. Eles contam pra uma revista de branco que eles que mataram e, mesmo com isso sendo mostrado no país inteiro, eles *ainda* ficam livres.

– Certo. Mas dessa vez todo mundo *sabe* como é que é. Dessa vez jogaram luz naquele tribunal de araque da porra. Jogaram luz na porra do país todo. E por quê? Por que só dessa vez? Por causa daquele homem negro pequeno e o dedo dele lá apontando.

– Mas o que *você* tá fazendo, cara? Eles escaparam. Você vai deixar que esse tipo de coisa aconteça? Sem fazer nada?

– O que eu posso fazer?

– Você pode começar protestando do jeito que essa porra desse Corpo de Fuzileiros racista do caralho faz as coisas por aqui. A gente tem irmãos aqui sem D&D. Temos uns racistas caipiras castrando o nosso irmão Parker bem na frente de todo mundo, e esse mesmo caipira filho da puta arrebenta com a boca de outro irmão com a porra de uma metralhadora. Enquanto isso você, *você* tá indo pra *chefia.* Você é parte do problema todo, cara.

– Pra mim parece que os chucks tão corcovando e morrendo igualzinho os splibs – Jackson disse, esforçando-se para ficar calmo. – Os chucks também não tão comendo, do mesmo jeito que os irmãos. Aqui tem um da gente a cada doze, que nem lá em casa.

– Quantos oficiais neste regimento são irmãos?

– Um.

– E você não acha isso racista? – China perguntou.

– Como os irmãos vão ser oficiais se não são líderes de esquadrão?

– Como os irmãos vão ser livres se não ficarem juntos?

Jackson fixou os olhos em China, que os encarou de volta.

Mellas e Hamilton estavam cansados demais para montar uma tenda, de modo que passaram a noite deitados lado a lado em um buraco raso. Chovia. Eles não se importaram. A chuva começou a encher gradualmente o buraco de água. Mellas sonhou que estava em uma banheira e que a água

quente havia acabado. Ele não queria sair porque estava ainda mais frio fora da banheira. A muita distância, podia ouvir a voz assustada de Hamilton. "Porra, tenente, o senhor tem que levantar e sair daí. Por favor, senhor, levanta e sai daí."

Hamilton ajudou Mellas a se erguer. Mellas, no estupor da hipotermia, começou a andar devagar. O mundo à volta dele – a selva escura, seu rifle, a chuva, Hamilton – parecia incoerente e girava. Hamilton deu pulos com ele, agarrando-o, virando-o, os dois fazendo uma dança macabra.

O corpo de Mellas reagiu. Começou a produzir calor. Sua mente começou a ficar mais clara. Ele foi em passos incertos fazer a inspeção das linhas, percebendo que Hamilton havia provavelmente salvado sua vida.

Cassidy estava deitado no escuro, ouvindo a respiração pesada e regular do tenente Hawke. Pensou em como o aviso do tenente Mellas provavelmente salvara vários rapazes da hipotermia. Sorriu. Ele poderia ter entrado para a história do Corpo de Fuzileiros como o único primeiro-sargento a ter perdido homens por congelamento na selva.

Olhou para o relógio. Quatro e trinta e oito. Em casa ele já estaria preparando um café da manhã em silêncio, tentando não incomodar Martha e o bebê antes de sair. Ele ligaria o motor e esperaria um momento até que ele aquecesse, olhando para a casa às escuras. Talvez verificasse seu uniforme perfeitamente engomado, ou as botas, ou os sapatos que havia engraxado na noite anterior, e então daria uma última olhada na casa antes de recuar. Os poucos sentimentos que Cassidy se permitia eram ou do tipo que podiam ser expressos abertamente, a respeito do Corpo de Fuzileiros, ou do tipo íntimo, como por sua família, que surgiam só em momentos de silêncio quando estava sozinho, esperando que um carro aquecesse ou acordando no escuro e permanecendo imóvel. Cassidy sabia que tinha sorte de estar casado com Martha, porque ela nunca pediria a ele que escolhesse entre a família e o Corpo de Fuzileiros. Se fosse forçado a escolher, escolheria a família. Mas hesitaria.

Esse sentimento pelo Corpo era o motivo da extensão do choque de Cassidy quando descobriu que o pino de uma das suas granadas havia sido

torcido até ficar reto. A gravidade cedo ou tarde puxaria a granada do pino, e ela explodiria. Cassidy andou com a companhia naquela manhã como se nada tivesse acontecido, mas sentia-se apreensivo e sozinho.



CAPÍTULO

Era o quinto dia sem comida, e a companhia se movia em transe, descendo das montanhas para o vale. O ar os apertava como uma toalha em uma sauna. Mãos queimavam por terem usado cordas nos penhascos. O corpo de Williams apodrecia mais rapidamente à medida que desciam para o ar mais quente, e algum fluido pingava através do poncho. A pele das mãos começava a soltar. Os pés de Williams haviam inchado dentro das botas. Ele fedia. Moscas atormentavam os garotos que o carregavam.

Os pés de Hippy pioraram. Ele tirou os cadarços das botas para ajustá-las melhor ao inchaço. Parecia um sonâmbulo. Murmurava para si mesmo: "Dá pra dar esse passo?", e depois dava um passo. Repetia esse procedimento hora após hora, um espírito carregado por pés aleijados.

Mellas sentia como se estivesse sufocando. Sentia náuseas, mas não havia nada para vomitar. Suas roupas colavam no corpo como filme plástico. Uma vez que todos estavam com o equilíbrio de eletrólitos todo fodido, ele se preocupava com a possibilidade de exaustão por calor.

Alcançaram o vale, onde uma torrente de água branca cortava o chão da selva até os leitos de rocha nus. Mellas decidiu andar pela água. Velocidade agora era essencial. O coronel Simpson havia chamado Fitch pelo rádio a cada meia hora nos últimos dois dias, dizendo que era "imperativo" que a companhia alcançasse o ponto de inspeção Eco até o meio-dia. As palavras ecoavam na cabeça de Mellas, como uma música que não vai embora. *É imperativo que vocês alcancem o ponto de inspeção Eco até às doze horas.* Os procedimentos de segurança eram ignorados. Talvez houvesse fuzileiros em perigo, e eles não podiam dizer isso no rádio. Viraram para o leste, às vezes enfiados até o peito na água agitada. Os

pênis de todos encolheram até virarem toquinhos, e os sacos escrotais puxaram os testículos bem para dentro do corpo. Seus braços se cansaram, segurando as armas fora da água.

Fitch disse a Relsnik que parasse de responder. Gastavam muito mais energia para transmitir do que para receber. Na verdade, só havia duas baterias em toda a companhia com alguma chance de atingir outra unidade se a companhia se metesse em problema.

Mellas desistiu da segurança. Chamou para perto os homens que andavam pelos flancos, na selva que seguia dos dois lados do rio, e liderou a companhia descendo diretamente pelo rio, com Vancouver no ponto e Mellas logo atrás.

De vez em quando, alguém caía. A corrente então puxava a vítima para baixo, com a mochila pesada e as armas puxando também, até que alguém conseguisse alcançá-la para ajudá-la a ficar de pé. Uma vez foi com Pollini. Mellas por acaso estava olhando para trás na coluna e viu quando Pollini não alcançou a mão estendida de Cortell, caindo no rio. Ele só ficou olhando, anestesiado, como todos os outros. Depois jogou a mochila na margem e começou a dar braçadas até o meio do rio, agarrando a mão de Hamilton e dando a ordem para que fizessem uma corrente humana. Mas não se moveram rápido o suficiente. Pollini passou por eles como um trem expresso na linha interna. Mellas viu quando ele veio à superfície, bem no meio, onde era fundo e agitado, pulando corrente abaixo. Seu capacete se arrebentou contra as rochas, provavelmente impedindo que o crânio se partisse. Mellas viu-o afundar achando que seria a última vez, mas Pollini bateu em uma pedra grande que o jogou para a parte mais rasa.

Pollini apenas ficou lá, parado. Estava longe demais de Mellas para dizer se ainda respirava. Os rapazes que haviam tentando alcançá-lo com a corrente humana voltaram exaustos. Ninguém queria cobrir a distância para pegá-lo. Mellas contemplou exasperado a ideia de atirar nele só para saber se ainda estava vivo. Logo Pollini se moveu. Ergueu-se até ficar de quatro e permaneceu nessa posição por muito tempo, respirando visivelmente, a água correndo sob o seu peito. Depois, lutou para ficar em pé, sorriu e acenou.

Hamilton ergueu um copo imaginário e disse: “Um brinde pra você,

Shortround".

Pollini ajeitou a mochila nas costas e voltou, sorrindo e jogando água, para a coluna. Mellas sussurrou:

– Shortround, você é um bom homem.

O rio fez uma curva na direção errada. Mellas e Vancouver lutaram para subir o íngreme barranco ao sul e encontraram uma barreira sólida de capim-elefante e bambu. Mellas pensou seriamente em simplesmente continuar seguindo o rio para onde quer que ele fosse. Seria muito mais fácil. Mas ele e Vancouver entraram no emaranhado de talos, ambos abrindo caminho com os facões. O pelotão saiu cansado da água e seguiu os dois para dentro daquele forno úmido. A toalha fervente do ar sufocava a todos com suas dobras.

No fim da tarde, o dia começou a morrer sob nuvens que se formaram rapidamente. Mellas reclinou-se para trás, tentando manter a ordem adicional fora do seu cérebro latejante, e observou enquanto nuvens enormes escureciam o alto das árvores acima dele. Se chovesse, eles iriam ainda mais devagar. Se chovesse, o barulho os cobriria e eles se refrescariam. Se fossem atacados nas condições em que estavam, nunca sairiam de lá vivos. *É imperativo que vocês alcancem o ponto de inspeção Eco até às doze horas.* Uma rajada de vento frio varreu de repente o ar tórrido da selva. Depois as primeiras gotas de chuva caíram. E depois ela desabou em um estrondo contínuo.

A chuva continuou noite adentro. Aos tropeços eles avançavam no escuro, a ponta verde fosforescente da agulha da bússola de Mellas indo à frente. Então Vancouver descobriu uma trilha que ia para o sul. E o ponto Eco estava ao sul. "Pega", Mellas disse. "Que se fodam as emboscadas." Ele imaginou que, se morresse, não teria que se preocupar com essa decisão de qualquer jeito.

Foi passada adiante uma mensagem de que Hippy deixara de se mover. Quando Mellas o alcançou, Hippy não conseguia falar. Estava em pé, balançando entre dois amigos, com a metralhadora aninhada no ombro. Olhava para a frente com olhos sem expressão. Mellas finalmente falou.

– Você consegue continuar andando, Hippy? Só mais umas poucas horas.

Hippy olhou para ele desde uma grande distância. Daí, assentiu. Mellas assentiu de volta, observando o rosto de Hippy. Era apenas o rosto de um garoto de dezoito anos com uma medalha da paz em volta do pescoço. Hippy usava óculos de armação metálica, tinha o cabelo desordenado e estava com o início de uma barba. Um rosto humano comum. Mellas nunca antes havia realmente olhado para um.

Alcançaram o ponto de inspeção Eco cerca de uma hora antes do nascer do sol, formaram um círculo e desabaram no chão.

O tenente Stevens, o oficial de ligação de artilharia, sendo júnior, estava no plantão da madrugada de novo quando Fitch avisou pelo rádio que a Companhia Bravo chegara ao ponto Eco, de novo com comunicação, mas com poucas fontes de energia, e esperava por mais ordens. Ele requisitava comida e o resgate médico de emergência de cerca de dez fuzileiros, um corpo e um pastor alemão.

Vinte minutos depois, Stevens fez o *briefing* para o tenente-coronel Simpson quando este fez sua costumeira visita de antes do café da manhã. Simpson perguntou quando haviam chegado. Stevens, sabendo que Fitch já estava com problemas pelo atraso, tentou ajudar dizendo que haviam chegado ao Eco perto das dez horas da noite anterior.

– Bom. Tiveram uma boa noite de descanso. Fala pro tenente Fitch construir uma zona de pouso e a gente manda pra ele umas novas fontes de energia. E manda também esta mensagem – ele fez uma pausa enquanto Stevens caçava um bloquinho de papel verde. – Após reabastecimento, prosseguir imediatamente para o Morro 1609. Prepare a ZP para uso futuro como Base de Apoio de Fogo Sky Cap. Imperativo que vocês estejam lá às doze horas amanhã.

– Põe isso em código – Simpson continuou –, e eu quero que essas fontes de energia sejam entregues o mais rápido possível. Essa gente está

fazendo corpo mole já faz muito tempo. Não quero ouvir mais desculpas pra eles ficarem parados dormindo.

Simpson começou a sair para o escuro.

– Uh, senhor, e os resgates de emergência e as rações? – Stevens perguntou.

Simpson parou.

– Tenente, o que você faria se estivesse no comando? Você tem uma companhia lá fora na selva sob a orientação de oficiais completamente inexperientes. Eles comem as rações deles cedo demais e depois ficam sem porque andam devagar por causa das frieiras, causadas pela própria negligência deles. Como consequência, eles estão no momento abrindo uma base de apoio de fogo muito importante, mas muito atrasados em relação ao prazo. Eles também estão, eu presumo, com um pouco de fome e os pés deles doem – ele sorriu da própria piada. – Se eles conseguirem construir a ZP no Morro 1609 dentro do prazo, vão ter todos os helicópteros que quiserem ao meio-dia de amanhã. A primeira coisa que um jovem oficial tem que aprender é assumir a responsabilidade pelos seus atos e ter um pouco de orgulho. Orgulho, tenente Stevens. É disso que o Corpo de Fuzileiros foi construído.

Por causa da operação de Cam Lo, nenhum helicóptero dos fuzileiros pôde ser desviado a fim de levar umas poucas baterias para uma companhia na selva. Stevens entrou em contato com todas as unidades em que conseguiu pensar. Ele finalmente descobriu um Huey do Exército que estava livre pela manhã, tendo transportado um general de Da Nang para Dong Ha. Ele convenceu o piloto a fazer uma corrida rápida.

No ponto de inspeção Eco, com Ka-bars, facões e o método de Jackson de jogar o corpo contra os arbustos, eles lentamente abriram uma pequena área de vegetação amassada e torcida no amplo solo do vale. Acima deles, de todos os lados, as montanhas se erguiam escuras e verdes, seus topos escondidos pelas nuvens.

A mensagem de Stevens de que um Huey estava a caminho chegou à clareira. A ordem para criar a Base de Apoio de Fogo Sky Cap havia

chegado por código. Todos os reais haviam se reunido em volta de Relsnik enquanto ele decifrava a mensagem. Quando ele leu a ordem, houve um silêncio espantado. Mellas pegou seu mapa do bolso lateral e encontrou o Morro 1609. Era o nascedouro do rio que corria pelas montanhas a leste até o ponto Eco, onde se juntava ao rio que eles haviam seguido na noite anterior. Ele olhou para os picos. Os cumes estavam cobertos por nuvens. Goodwin veio até ele.

– Onde fica essa merda, Jack? – ele perguntou.

Mellas apontou.

– Porra, Jack – Goodwin disse.

Um por um, cada um dos reais olhou para onde o dedo de Mellas apontava. Ao ver a localização, Hawke fez sua dança do gavião, berrando de modo desafinado: "Sky Cap! Sky Cap! Snark! Snark! Sky Cap!". Fez uma concha com as mãos e gritou: "Sky Cap! Cauuu! Cauuu!". O grito ecoou de volta. Ele parou e ergueu as mãos para as montanhas no gesto de poder do gavião e deu mais dois gritos de "Snark! Snark!". Daí descansou as mãos no topo da cabeça e ficou lá parado, de costas para o grupo, olhando para as montanhas ao leste.

Fitch assumiu o comando.

– Deixem os resgates médicos prontos – ele disse. – A gente vai sair daqui assim que receber o reabastecimento. Teremos vinte minutos pra comer. Não deixem eles comerem demais ou vão passar mal. Uma ração C, vocês estão me entendendo? Uma.

Fitch mais uma vez se virou para olhar com olhos apertados a barreira de verde ao leste.

– Kendall, é a sua vez de ficar no ponto. Não dá pra se perder subindo um rio.

Kendall corou, mas depois sorriu quando Fitch e os outros sorriram sem maldade para ele.

Jackson disse a Mellas que não queria mais ser líder de esquadrão.

– É só que eu não gosto de ficar dizendo o que fazer pros meus amigos o tempo todo.

– Você quer dizer que não aguenta o tranco. O que você quer que eu faça, ponha o Cortell no lugar? Ou você prefere o Parker tomando decisões?

Jackson olhou para o chão, sem vontade de encarar o tenente.

– Você acha que eu dou a mínima para como você está se sentindo agora? – Mellas continuou. – Eu preciso ter um bom líder de esquadrão. Eu *preciso* de um.

Jackson brincou com uma granada pendurada no seu suspensório.

– O Janco provavelmente já voltou da D&D faz mais de uma semana – ele disse. – Ele só tá lá na BCV sem fazer nada. Era só pra eu fazer isso temporariamente.

A voz de Mellas mudou.

– Porra, Jackson, a gente precisa de você.

Jackson ergueu os olhos para Mellas. A ideia o deteve. Ninguém jamais havia precisado dele assim na vida. Ele tentou ver as coisas pelo ponto de vista do tenente. Cortell era provavelmente o único outro cara no esquadrão que podia liderar. Ele era tão inteligente que chegava a dar medo, mas o tipo de inteligência de Cortell era profundo. Aqui na selva, era uma inteligência rápida que contava: o seu tipo. Ele havia se sentido bem como líder da equipe de artilharia, mas também Janco ainda realizava a maior parte das coisas e assumia as consequências se fizesse merda. Mas era exatamente isso. Janco nunca fazia merda. Talvez ele, Jackson, fizesse; nesse caso, nunca mais teria outra chance de liderar. Mas, se ele não liderasse agora, também nunca teria outra oportunidade. Havia escrito para casa sobre ser o líder do esquadrão. Imagina, ele comandando doze caras. Seu velho pai nunca tinha comandado ninguém. Jackson olhou para o jovem rosto sincero do seu tenente. Foda-se o China.

– Eu aguento o tranco, tenente – ele quase sussurrou.

Os dois ficaram lá parados, olhando um para o outro, em silêncio, por talvez três segundos. Daí Mellas falou.

– Você é o líder do esquadrão e eu sou o comandante do pelotão. Quer a gente goste, quer não, é assim que é.

– É, pois é – Jackson disse.

Ele começou a andar na direção do setor do seu esquadrão e depois virou-se a fim de olhar para Mellas.

– Mas quando o Janco voltar, eu saio.

– Ok, Jackson. Combinado.

Meia hora depois, eles ouviram o som de um helicóptero. Esforçaram-se para ver alguma coisa. Alguém gritou e apontou. O som cresceu até virar um rugido e um bulbo escuro passou rapidamente por entre as nuvens e sumiu de novo. O rugido voltou. Fitch estourou uma granada de fumaça vermelha e cerrada que começou a serpentear para além das copas das árvores. Um helicóptero Huey do Exército brilhava lá em cima, inclinando-se em uma curva graciosa e ascendente para a esquerda.

– Big John Bravo, aqui é Levísia Seven. Estou vendo uma fumaça vermelha perto duma linha azul. Câmbio.

A voz do operador CAA veio pelo rádio, assegurando ao piloto que estava perto de um rio e que não se tratava de uma armadilha.

– O vento aqui é insignificante. A sua melhor via de acesso é pelo sul. A zona é segura. Câmbio.

O helicóptero, com seus números brilhando, foi para o sul, virou de novo e fez a aproximação. Pousou com delicadeza, o ar vibrando com as hélices. O lamento da turbina cessou e as hélices assobiaram até parar. O piloto, vestido em um bonito casaco de voo, saiu da aeronave. Cassidy já estava com uma equipe pronta para receber os suprimentos. Fitch e Hawke foram encontrar o piloto no limite do alcance das hélices. Mellas, incapaz de se segurar, aproximou-se para ver melhor.

Um membro da tripulação deu duas caixas de baterias para dois membros da equipe de trabalho. Um terceiro fuzileiro avançou, esperando pela sua carga de rações C. Mellas viu o tripulante encolhendo os ombros. O fuzileiro se virou para Cassidy, espantado. Mellas correu para perto do pequeno grupo que estava apertando a mão do piloto.

– Ei, você trouxe comida? – ele interrompeu.

O piloto, um suboficial com mais ou menos a mesma idade de Mellas, olhou para ele.

– Não – ele disse, perplexo. – Por quê? Vocês estão sem?

– Bom, não – Mellas mentiu. – Só queria saber se por acaso não

mandaram alguma.

O piloto olhou em volta dele. Parecia excitado por estar tão longe na selva ajudando outro serviço.

– Nossa, vocês estão fedendo – ele disse com um sorriso. – Estão aqui faz muito tempo?

– Não – Fitch disse. – Chegamos agora de manhã.

Ele olhou para Mellas e Hawke, visivelmente se perguntando o que poderia ter dado errado com o reabastecimento.

– De manhã? – o piloto olhou para Mellas. – Que porra deu em vocês pra corcovarem pra cá de noite?

O queixo de Mellas estava tremendo.

– Achamos que íamos evitar o calor – conseguiu dizer com a voz estrangulada. Ele se virou e se afastou.

– O que deu nele? – o piloto perguntou para Fitch e Hawke.

– Está um pouco cansado – Hawke disse. – Ficou no ponto a noite toda. Não leva pro lado pessoal.

– Não, claro. Dá pra entender.

– Escuta – Hawke disse –, se você pudesse fazer mais um favor pra gente, a gente ia ficar muito agradecido.

– Pode dizer. Eu tenho que esperar mesmo enquanto o general fala com os caras de vocês em Dong Ha. Fico feliz em ajudar.

– Bom, é que a gente tem uns caras aqui que estão de saída pro D&D, esse tipo de coisa. E também tem outro cara que já devia estar indo pra casa faz tempo. A companhia não devia estar carregando ele. Ajudaria muito o moral se a gente conseguisse tirar eles daqui.

– Claro. Quantos são?

– Quantos você consegue levar? – Hawke perguntou com calma. – Todos são bastante leves.

Os piores casos de frieira foram pulando para a borda da zona de pouso. Eles trocaram suas melhores roupas com os que iam ficar. Quando foram ajudados a subir pelo chefe da tripulação, pareciam realmente mal. Cortell e Jackson subiram com dificuldade na lateral do helicóptero

carregando Williams. Viraram-se inquisitivamente para o chefe da tripulação e o piloto, que olhavam hipnotizados para as mãos inchadas e pálidas amarradas na vara. O chefe da tripulação perdeu o controle, curvou-se e fez um som de vômito, mas conseguiu não vomitar.

– Se não tiver espaço suficiente – Cortell disse –, a gente pode amarrar ele no trem de pouso.

– Não, não é isso – o piloto conseguiu dizer, ainda tentando prender a respiração. Fez um gesto na direção da porta do helicóptero. Os fuzileiros que já estavam no pássaro puxaram o corpo para dentro.

O cabo Arran carregou Pat para o helicóptero com ele. Pat ficou deitado e parado, os olhos sem vida, esperando que seu adestrador acabasse com a fome e a doença. Ele tentou lamber a mão de Arran.

Os dois Kit Carsons vietnamitas entraram nervosos na pequena ZP. Todos olhavam para eles em silêncio. A maioria dos fuzileiros até tinha esquecido que eles existiam. Os Kit Carsons se arrastaram para dentro do aparelho. Os fuzileiros a bordo os ignoraram.

Hippy ficou esperando com o esquadrão de metralhadoras no capim alto na beira da zona. Quando o piloto subiu de volta no helicóptero, ele soube com certeza que ia voltar para casa. Virou-se e deu para Young sua metralhadora, como em uma cerimônia de troca de cores. Depois sorriu, para quebrar a solenidade.

– Não esquece que você é o único chuck que sobrou nas metralhadoras – ele disse. – Já que você não pode usar um nó de forca, talvez isto ajude.

Ele tirou o medalhão com o sinal da paz do pescoço e deu para Young.

Apertou a mão do Toupeira com solenidade.

– São todos seus, Toupeira. Promete pra mim que ninguém vai querer bancar o Pancho Villa. Verifica sempre se eles estão deixando a munição dentro da porra das latas e não no peito deles, pra que elas disparem quando for preciso.

O Toupeira assentiu.

– Força aí, Mallory – Hippy disse, e apertou sua mão também. Mallory acenou rapidamente com a cabeça.

Jacobs apertou a mão de Hippy e depois se ofereceu para ajudá-lo a entrar no pássaro. Hippy recusou a oferta e saiu andando da guerra, um

passo de cada vez.

Vinte minutos depois de o helicóptero ter partido, a companhia entrou no rio, seguindo Kendall. As nuvens haviam baixado, e uma chuva constante caía na água. Em uma hora, estavam andando entre morros íngremes cujos topos entravam e saíam de vista por entre as nuvens. Em mais uma hora, andavam entre rochedos baixos que foram gradualmente crescendo à medida que eles se dirigiam para o leste na direção de Sky Cap.

No fim daquela tarde, enfiado até os joelhos na água corrente, Parker desabou, seu maxilar contorcido fazendo os dentes se apertarem. Seu grito ecoou pelo rio entre os paredões rochosos.

Mellas alcançou Parker antes de Fredrickson. Cortell segurava sua cabeça fora da água. Os olhos de Parker rolavam e sangue escorria no queixo, saindo da sua língua lacerada. Mellas quebrou um galho e o enfiou na boca de Parker. Quando Fredrickson conseguiu chegar lá, o ataque parecia já ter passado. Parker suava profusamente, mesmo com a água passando pelo corpo.

– Por que você não contou pra ninguém que era epiléptico? – Fredrickson perguntou com suavidade.

Parker só olhou para ele:

– O que é epiléptico?

Fredrickson olhou para Mellas com visível surpresa no rosto. Começou a sacudir o termômetro com a testa enrugada de preocupação.

– Nunca vi nada parecido em Medicina de Campo – ele disse.

Fitch estava no rádio perguntando o que estava atrasando a caminhada. Mandou Kendall continuar, e a coluna começou a passar por eles. Parker tentou se levantar, mas Fredrickson o empurrou para baixo. Sua temperatura estava na casa dos quarenta graus.

O lula sênior, Sheller, apareceu. Ele, Fredrickson e Mellas conversaram em voz baixa a uma distância da qual Parker não podia ouvir. A chuva não parava de cair, sem som nenhum em meio ao rugido do rio. As nuvens estavam no alto das montanhas. Se toda a companhia voltasse para a ZP no ponto Eco, isso atrasaria a abertura do Sky Cap em um dia inteiro. Se Fitch

mandasse Parker de volta com um pelotão só, eles poderiam ser atacados em um desfiladeiro, e um pelotão reduzido poderia ser atacado em um desfiladeiro ao avançar de novo. De qualquer forma, eles não conseguiriam voltar com Parker até a Eco antes que estivesse escuro, logo um resgate seria difícil até a manhã seguinte. Corcovar no escuro também aumentava a chance de alguém se ferir. Mellas sugeriu requisitar que um pássaro abrisse caminho ao longo do rio. Como as paredes do desfiladeiro bloqueavam a linha de transmissão do PRC-25, Relsnik não conseguiu contatar o batalhão. Daniels conseguiu entrar em contato com um observador aéreo avançado que estava inspecionando o tempo acima das nuvens, e ele agiu como intermediário. A resposta veio. Voar nos ventos erráticos de um desfiladeiro era arriscado – uma hélice podia bater no paredão. A menos que fosse uma emergência real, eles não arriscariam um helicóptero e a tripulação. Com malária, disenteria e muitas outras doenças tropicais, temperaturas de quarenta graus eram comuns e não ameaçavam imediatamente a vida. Eles podiam pedir resgate médico depois que abrissem a ZP no 1609.

Sheller perguntou:

– Acha que consegue andar, Parker?

– O que você acha, porra? – Parker falou. – E eu tenho escolha?

Parker levantou-se trêmulo. Havia suor no seu rosto, que se misturava à chuva. Ele pegou a mochila, torceu-se para entrar nela e desceu para o rio.

– Você acha que ele está fingindo? – Mellas perguntou para Sheller.

– Não dá pra fingir uma temperatura dessas e aquela língua cortada, senhor. Acho que ele está doente mesmo. Eu voltaria com a companhia e pediria um resgate no Eco.

– Ih, sem chance – Fredrickson disse.

– É, pois é – disse Mellas.

Ao pôr do sol, Fitch mandou que Kendall escalasse o desfiladeiro para encontrar lá em cima algum lugar seguro para passar a noite. Foi uma escalada difícil e perigosa que levou duas horas. Um dos homens de

Goodwin caiu para trás quando uma raiz na qual ele se segurava soltou, e ralou seriamente um joelho. Todos respiraram aliviados quando viram que as costas do homem não haviam se machucado – ele ainda podia carregar todo o seu equipamento.

No topo, Mellas encontrou Kendall no escuro. Ele guiava todos para as suas posições.

– Bom trabalho hoje, Kendall – ele disse.

Kendall assentiu.

– É difícil se perder num desfiladeiro – ele disse –, mesmo pra mim.

Mellas riu. Tentou lembrar por que havia sido tão duro com Kendall. Vir para aquele lugar não era ideia dele. Era uma falha tão terrível assim não ser talhado para ser um oficial de infantaria dos fuzileiros? Talvez durante uma guerra fosse.

A neblina baixou. Podiam ouvir o rugido contínuo do rio bem lá embaixo, um barulho sinistro e assustador porque ele cobriria o som de qualquer um que tentasse surpreendê-los pelas costas. Tinha sido o sexto dia seguido sem comida.

Duas horas antes da meia-noite, alguém do pelotão de Kendall gritou pelo paramédico. Um garoto havia tido um ataque súbito que disparou sua temperatura perigosamente. Às duas da manhã, Parker teve mais convulsões. Seu grito estrangulado era o de um homem que perdeu o controle da mente. Quando Fredrickson tentou medir sua temperatura, Parker continuou sacudindo a cabeça, dizendo "Não" para alguém que não estava presente e cuspindo o termômetro. Fredrickson colocou o termômetro debaixo do braço de Parker.

– Quarenta e um, tenente – Fredrickson disse. – Isso do lado de fora. O cérebro dele está fervendo.

Parker começou a gritar:

– Eu não quero morrer. Aqui não. Aqui não. Eu não quero morrer.

Cortell juntou as mãos e rezou.

– Você acredita em Jesus, Parker, eu sei que acredita – ele disse. Ele despejou água no pano encharcado que Fredrickson tinha colocado na testa

de Parker.

Sheller apareceu e examinou os olhos de Parker com uma lanterna.

– O Challand do terceiro pelotão teve exatamente a mesma coisa – ele disse. – Nunca vi isso. Mas se a gente não conseguir esfriar eles, eles vão morrer.

Ele ergueu os olhos para Mellas.

– Dessa vez a gente consegue o resgate médico com certeza. A questão é onde.

A mente de Mellas corria aceleradamente. Aqui, acima do desfiladeiro, eles estavam em uma selva com árvores de sessenta metros, e a neblina descia direto, até o chão. O desfiladeiro era bem mais estreito do que o local onde Parker tinha tido o primeiro ataque, mas estava sem neblina. Parecia a única escolha. Ele se lembrava de uma área mais larga, logo antes de Kendall tirá-los do rio. Falou pelo rádio com Fitch.

Dez minutos depois, Vancouver liderava o caminho para o rio. Parker e Challand, o rapaz do pelotão de Kendall, estavam ambos deitados em ponchos. Parker ficava gemendo, então eles enfiaram uma parte da camisa dele dentro de sua boca.

Mellas e Vancouver emergiram da floresta e entraram no desfiladeiro, um pouco na frente dos outros. Estavam pelo menos doze metros acima do rio. O coração de Mellas afundou. A área plana era contra ou a favor da corrente? Olhou para o relógio. Luz do sol em uma hora. Tinham levado duas horas para chegar ao rio. Ele sabia que estava perto, mas e se não estivesse? Eles podiam ficar isolados no rio às escuras e se movimentando na direção errada. Perderiam tanto Parker quanto Challand. A decisão era sua.

Ele se curvou em cima do mapa, escondendo o fraco brilho avermelhado da lanterna. A brisa o fazia sentir frio nas costas. Ele olhava com os olhos apertados para o escuro, tentando identificar qualquer marco no terreno que o ajudasse a tomar a decisão certa.

Houve um gemido alto e o som de pedras caindo quando os carregadores das macas saíram da selva. Jackson veio até ele.

– O doutor disse que a gente tem que esfriar o Parker rápido, senhor. O Parker nem tá mais fazendo sentido.

– Pega a corda – disse Mellas. – A gente vai descer ele por aqui. Acho que a gente deve estar perto do lugar.

– Aqui?

– Aqui, caralho. Arranja a segurança atrás da gente.

Jackson posicionou Tilghman, Amarillo, Broyer e Pollini como um arco atrás deles a fim de servirem de armadilha para qualquer ENV que tivesse se aproximado dos barulhos que faziam. Passou a corda em uma árvore e ele e Mellas jogaram as duas pontas na escuridão do desfiladeiro. Mellas puxou de volta, aliviado de sentir as duas pontas molhadas. Isso significava que o primeiro a descer alcançaria o fundo com segurança. Também significava que o rio passava junto ao penhasco, logo o lugar mais largo não era ali.

Sem que ninguém mandasse, Vancouver enrolou a corda na cintura, andou de costas até a borda da rocha e desapareceu. Mellas foi rastejando de barriga, tentando ver a descida de Vancouver no escuro. A corda afrouxou. A voz de Vancouver flutuou para cima.

– Não é ruim, tenente. Tem até umas pedras saindo da água.

Outros três desceram as rochas para preparar a segurança, dois corrente acima e dois corrente abaixo. Depois baixaram Parker e Challand até a água. Em pouco tempo, só os muito assustados Broyer e Tilghman foram deixados em cima para providenciar a segurança do local onde a corda estava amarrada.

Fredrickson e Cortell tiraram toda a roupa de Parker com exceção das botas, deixando só a cabeça fora da água. Challand, cuja febre havia baixado subitamente, ficou sentado na beirada do rio, tremendo descontroladamente. Um de seus colegas de esquadrão tirou o colete e envolveu os braços em torno de Challand, tentando aquecê-lo.

Mellas enviou Vancouver e outro garoto contra a corrente e Jackson e mais outro a favor. Jackson voltou primeiro. Havia encontrado o lugar mais largo.

Ergueram Parker até a maca e carregaram-no seguindo a corrente, assobiando para que Broyer e Tilghman descessem pela corda. Mellas mandou que puxassem a corda e esperassem ali por Vancouver.

Mellas escorregou e caiu na água três vezes antes de finalmente

alcançarem o lugar. Deitaram Parker de costas nas rochas. Ele estava completamente consciente, o rio passando em volta dele, esfriando seu corpo. Cortell ajoelhou-se ao seu lado.

– Eu já tive medo antes – Parker disse –, mas nunca achei que fosse me sentir desse jeito.

– Você vai ficar bom. A gente chamou um pássaro pra você. Que Jesus esteja com você, irmão.

Parker olhou para a escuridão sobre ele. Seus olhos se fecharam. Depois estendeu os braços, tentando agarrar qualquer coisa. Cortell segurou a mão dele, apertando com força.

– Eu não quero morrer aqui, Cortell. Eu não quero morrer aqui.

Ele começou a gemer baixinho.

Mellas e Fredrickson olhavam, com a água correndo por cima de suas botas. A garganta de Mellas doía. Ele apertou os olhos, reprimindo as lágrimas. Ele nunca havia visto ninguém morrer.

– Você vai ficar bom, Parker – disse Cortell. – Irmão, eu te batizo bem aqui neste lugar. Jesus vai lavar todos os seus pecados.

– Eu ia matar o sargento.

– Tudo bem, Parker, eu também. Você não matou.

– Eu mexi na granada dele, mas ele deve ter visto. Foi só por sorte que eu não matei ele.

– Tudo bem – com as mãos, Cortell despejava devagar água na testa de Parker. – A gente chama isso de graça.

– Eu sei que eu não devia fazer isso. É por isso que eu peguei essa febre.

Parker virou de lado, mas seu cotovelo escorregou em uma rocha solta embaixo da água. Ele se segurou em Cortell, que o ajudou a deitar-se de costas de novo, segurando sua cabeça na corrente. Ele ficou deitado lá, soluçando.

– Como é que eu posso ir pro inferno, Cortell? Pra sempre. Como é que eu posso? Como é que eu posso ser tão ruim? Não desse jeito. Como é que eu posso ir pro inferno?

– Você não vai pro inferno. Você estava no inferno. É só pedir pra Jesus te perdoar.

Cortell derramou com delicadeza mais um pouco de água na cabeça de Parker.

– Eu não posso.

– Então eu vou.

Cortell deixou um terceiro punhado de água escorrer para a cabeça de Parker. Pôs o capacete sobre o estômago de Cortell. Daí se curvou por cima do capacete, com os dedos entrecruzados, e fechou os olhos.

– Senhor Jesus. Meu bom Senhor Jesus. O Senhor conhece este homem Duane Parker que está prestes a ir para vós. Ele foi um homem bom. Ele passou por uns momentos ruins. Agora ele está pedindo com toda a força do coração dele para o Senhor perdoar ele, para que ele possa subir até vós e a vossa glória. Senhor Jesus, eu sei que o Senhor está me ouvindo, mesmo aqui nesse rio. Amém.

Cortell pegou o capacete que estava pousado na barriga de Parker e o colocou de novo na cabeça. Pôs uma mão no peito de Parker e a moveu em um ritmo lento.

– Você conhece a minha irmã – Parker disse –, ela é líder de torcida... do colégio dela. Ela mora com a minha tia-avó agora.

Parker respirava rápido.

– Você fala pra ela... fala pra ela que eu nunca disse nada que prestasse pra ela... mas eu amo ela, uh. Fala pra ela, Cortell.

– Claro. Não se preocupa. Ela sabe disso.

Cortell começou a cantar um hino. Era um que nem Mellas nem Fredrickson tinham ouvido antes: "O rio profundo, Senhor... eu quero atravessar para a outra margem... onde só há paz".

Mellas encheu uma mão de água para beber. Mas só olhou para ela e deixou que escorresse entre os dedos. Daí cobriu os olhos com as palmas, seus dedos molhados tocando sua testa, para esconder as lágrimas.

Eles esperaram ali olhando para o leste, tentando ver os primeiros sinais de luz e esperando ouvir o som de um helicóptero. Logo antes da aurora, Parker entrou em convulsão e morreu enquanto os três tentavam impedir que se afogasse. Challand ainda estava vivo quando o helicóptero de resgate apareceu na passagem estreita, lutando com as mudanças erráticas do vento, o próprio vento causado pelo helicóptero fazendo a água

espumar atrás dele como um hidroplano. Levou embora dois corpos que estavam no planeta havia menos de vinte anos, um vivo e outro morto.

Foi dito pelo rádio mais tarde naquele dia que a doença era chamada malária cerebral. Ela era transmitida por uma espécie isolada de mosquito encontrada somente nas montanhas, e os comprimidos de sempre não ajudavam. Era alta a probabilidade de que outros na companhia tivessem sido mordidos também. Mellas se sentiu perseguido por doença e loucura.

A companhia andou apenas três quilômetros e meio aquele dia. A delicada linha azul no mapa era um rio no solo. Ele corria entre picos íngremes e paredões estreitos, e tinha quedas súbitas que requeriam o uso de cordas. Era o único caminho para as montanhas dispostas em forma de ferradura que protegiam sua fonte, uma das quais um general ou um oficial executivo havia batizado de Sky Cap.

Fitch achou melhor escalar o desfiladeiro a fim de se prepararem para a noite. Blakely e Simpson discordaram. Eles haviam acabado de participar da quinta reunião regimental em série na qual tiveram que explicar por que a Companhia Bravo não estava onde Mulvaney havia sido informado que ela estaria. A ordem foi transmitida por um observador aéreo: "Não vai haver nenhum desvio da linha de marcha por nenhum motivo".

Subir o desfiladeiro e mentir sobre a posição seria suicídio. A artilharia poderia assumir que a companhia estava em outro lugar qualquer e atacá-los. Como a companhia estava espalhada pelo desfiladeiro sem que pudesse fazer um círculo para assumir uma posição defensiva ou cavar buracos nas rochas, Fitch achou que não tinham escolha além de continuar andando. À uma da manhã, um garoto do pelotão de Kendall escorregou em uma pedra molhada e inclinada. Houve o som de uma pancada e de algo caindo na água, depois um gemido reprimido. Ele fraturou a tíbia esquerda, e o osso quebrado saía através da pele. Fitch mandou Relsnik perder contato por rádio, mesmo se o batalhão mandasse um observador aéreo para agir como intermediário. Esperariam pela manhã.

A posição da companhia era tão precária que nem Hawke nem Mellas

conseguiram dormir. Ficaram sentados juntos a noite inteira em uma rocha, tremendo em suas roupas úmidas. Hamilton, no entanto, dormiu deitado nas rochas abaixo deles, com as botas na água.

– Imagina – Hawke disse. – O primeiro uso da coluna em uma defesa. Nós todos vamos dar aula no Colégio de Guerra Naval. A gente vai acabar nos livros de história militar.

– É disso que eu tenho medo – Mellas disse. – Acabar.

O penhasco se erguia atrás deles. A lua ocasionalmente aparecia através da camada de nuvens, e um vento frio soprava em suas costas. A conversa começava e parava. Garotas que conheciam. O que fariam depois que saíssem dali. Construir uma fortaleza no Matterhorn e depois abandonar tudo. Se os Rolling Stones eram melhores que os Beatles. Qualquer coisa menos malária cerebral.

– Você ouviu que o Parker tentou matar o Cassidy? – Mellas perguntou.

– Ouvi. O Connolly falou. Todo mundo na companhia já sabe. O Cassidy nega. Diz que é tudo essa bobagem de Poder Negro, que o Parker só estava contando vantagem.

– Você acredita no Cassidy?

– Eu acredito no Parker.

– Será que vai haver problema? – Mellas perguntou.

– Sei lá. Depende muito se o Parker fez isso sozinho.

– Está falando do China?

– Estou falando do China *se* o Parker não fez isso sozinho. Mas eu não sei.

Escutaram a água correndo por eles. Hawke, parecendo triste, traçava sem parar uma pequena estrela de cinco pontas na pedra ao seu lado.

– Você se sentiu mal porque não ficou com a companhia? – perguntou Mellas.

– Não sei. Claro. Claro, eu queria a companhia. Mas agora eu só quero sair da selva mesmo.

– Você tentou? Tipo, pedir um emprego no centro de operações, como o Stevens?

– E eu tenho cara de secretária eletrônica? Caralho, Mellas, o que você está tentando fazer, se livrar de mim?

Mellas sentiu-se corar levemente. Não disse nada.

– Mellas, não se preocupa – Hawke disse –, você é tão verde que ainda vai estar aqui quando eu estiver bebendo umas geladas no Oday's Bar. Vai ter bastante tempo pra você conseguir a porra de uma companhia. Pra começar, você provavelmente vai ser o Bravo Five se um dia eu cair fora daqui. O Kendall vai sair em poucas semanas. E o Goodwin – Hawke riu baixinho. – Porra, Jack – ele imitou. – Cicatriz. As linhas dele são uma confusão, a papelada é uma bosta, o procedimento de rádio é desastroso, mas as tropas vão seguir ele pra qualquer lugar. *Qualquer lugar* – Hawke soltou ar pelos lábios. – Esse é o problema com ele. Ele é um lutador.

– Isso é um problema?

Mellas sentiu inveja de Goodwin de novo, mas sua inveja lutava contra a afeição, evocada pela imagem de Goodwin puxando o lóbulo da orelha e fazendo piada sobre um terceiro Coração Púrpura.

– Nesta guerra é – Hawke disse. – Provavelmente é por isso que tudo está tão fodido. O que você precisa numa guerra é de guerreiros lutando, não de garotinhos vestidos de soldado administrando.

– Então por que você não faz o Cicatriz ser a porra do Five? – Mellas perguntou, com um pouco mais de raiva do que pretendia.

– Porque o Goodwin seria comido vivo em três minutos. E não pela porra do ENV. Você não, e você sabe disso. Pra falar a verdade, eu acho que você se daria muito bem com a merda da política toda.

Eles caíram em silêncio.

Depois de um tempo, Hawke perguntou:

– Você sabe por que a gente realmente está aqui nessa porra de desfiladeiro da morte do caralho?

Mellas não sabia, de modo que só grunhiu.

– Porque o Fitch não sabe jogar a porra do jogo. É por isso. Ele é um bom líder de combate. Eu literalmente seguiria ele pra minha morte. Mas ele não é um bom comandante de companhia neste tipo de guerra. Ele caiu no caderninho negro do Simpson porque a foto dele aparece muito no jornal e ele nunca deu nenhum crédito pro Simpson, o que aliás ele não merece, mas o ponto é esse mesmo. Um cara esperto dá crédito pro cara que está no poder, mesmo que ele não mereça. Desse jeito o cara esperto está

oferecendo a possibilidade de uma coisa que o chefe dele quer. Assim o cara esperto tem poder sobre o chefe dele.

Mellas ficou de boca fechada.

– Antigamente, se você estava na selva operando de modo independente, como a gente está, ninguém negava a decisão do líder. Ninguém tinha rádio naquela época. Agora eles têm, e a porra dos figurões acham que *eles* é que estão saindo de patrulha. E agora até as unidades menores são dirigidas por coronéis e generais, caralho, indo até o presidente. De coronel pra cima costumava ser o nível em que as pessoas lidavam com essas merdas políticas, tipo deputado viajando com dinheiro público, televisão, jornalistas, esse tipo de coisa. Mas agora esses caras estão comandando o *show* até aqui nesse desfiladeirinho da porra, e a gente está metido na política também. E quanto melhores os rádios, pior vai ficar. A política vai chegar no nível da companhia, e gente tipo o Fitch e o Cicatriz vão ser postos de lado e gente que nem você vai assumir tudo.

– Como assim "que nem eu"? – Mellas perguntou baixinho.

Hawke suspirou.

– Porra, Mellas. Eu quero dizer "políticos".

Mellas ficou rígido.

– É isso que você pensa de mim?

– É. É isso que eu penso.

Mellas não disse nada.

– Porra, Mellas, não fica sentido. Eu não disse que não *gostava* de você, caralho, ou que você é uma má pessoa. Embora eu tenha que dizer pra você, a companhia que você vai ter vai ser mais desonesta que a média. Aceita logo que você é a porra de um político. Abraham Lincoln também era, e Winston Churchill. E o Dwight Eisenhower também – fez uma pausa. – Não é que eles sejam más pessoas. E eles todos comandaram umas guerras bem boas.

Mellas sorriu com tristeza.

– Você acha mesmo que tudo é política?

Hawke soprou ar para cima. Mellas podia enxergar a respiração dele.

– Não – ele disse. – Pode apostar que não é tudo política.

Atirou uma pedrinha na corrente e depois olhou diretamente para

Mellas.

– O Simpson está certo. Todos esses depósitos de armas que a gente está descobrindo só podem ser uma pequena porcentagem do total. Isso quer dizer que tem um monte de viets por aqui. Um *monte*. Como você acha que toda aquela porra é carregada pra cá sem caminhão se não for nas costas de um monte de gente?

Ele parou para ver se tinha a atenção de Mellas.

– Os depósitos que a gente encontrou foram colocados numa linha que aponta para o leste, desde o Laos até as planícies. Pra conseguir fazer aquela operação política em Cam Lo, nós tivemos que sair do Laos e da DMZ. O Matterhorn controla a ponta oeste da Serra de Mutter. Quem controlar a Serra de Mutter controla a Rota 9. Se o ENV controlar a Rota 9, eles isolam Khe Sanh e a BCV da costa. Se eles isolarem Khe Sanh e a BCV, eles conseguem tomar o Campo Carroll. Aí os viets descem pela Rota 9 com tanques e você pode dizer adeus pra porra de Quang Tri, Dong Ha e Hue. Isso não é política.

A companhia voltou a se mover ao nascer do sol. Aquele seria o oitavo dia sem comida. O rapaz da perna quebrada foi carregado à moda dos bombeiros por amigos que se revezavam. O lula sênior deu ao rapaz todos os comprimidos que achou que o sistema do rapaz suportaria para impedi-lo de ficar gritando. Enquanto a companhia avançava, todos passavam por uma mensagem riscada nas rochas:

PRIMEIRO RASPARAM A CABEÇA DELE,
DEPOIS CORCOVARAM ELE ATÉ A MORTE.



O desfiladeiro acabou. A companhia ergueu os olhos para uma muralha de penhascos cobertos de selva e degraus que se erguiam até sumir de vista, cobertos pela neblina. O alto da muralha era o Morro 1609. O trabalho deles era transformá-lo na Base de Fogo Sky Cap.

O capacete de Mellas caiu da cabeça quando ele se inclinou para trás a fim de tentar enxergar o topo. Ele o deixou caído e olhou estupefato, sem fazer ideia de como escalariam a muralha até o cair da noite. A voz de Fitch soou no rádio. Ainda no meio da selva, ele não conseguia ver nada daquilo que Mellas enxergava.

– Vamos, Bravo One – ele disse com impaciência. – Vamos apressar as coisas por aí.

Mellas acenou com a mão para Jackson, apontou com firmeza para cima com o indicador e colocou o capacete de volta. Jackson, na base do despenhadeiro, acenou com a cabeça para Cortell e Broyer. Cortell mostrou o dedo do meio para ele. Broyer ajeitou no nariz os óculos escuros de plástico e respirou fundo, olhando para o morro por muito tempo antes de soltar o ar. Jackson tirou o rolo de corda de náilon Goldline da mochila e deu para eles. Os dois prepararam a corda e Broyer começou a subir, seu rosto encostado no penhasco, puxando para cima a corda atrás dele à medida que Cortell ia soltando. Parecia não haver caminho para subir. Então, Broyer encontrou uma raiz e puxou. Ela não cedeu – mas pendurar-se em vegetais era perigoso, e ele sabia. Ele se ergueu trêmulo até um degrau estreito e inclinado e tentou firmar a posição com o traseiro apoiado no penhasco e as botas em uma protuberância rochosa. Passou a corda em volta da cintura, em um nó apressado, e sussurrou o mais alto que achava prudente: "Ok, estou pronto".

Cortell o seguiu, puxado por Broyer. Apertados no degrau, com as

costas apoiadas no penhasco, eles se prenderam a algumas raízes expostas e passaram um laço de fricção por cima de uma saliência na rocha pouco apropriada para isso. Daí deixaram a ponta da corda cair e puxaram Jackson, que foi seguido de Mellas, depois de Hamilton, depois da metralhadora de Mallory, depois de Mallory, depois das caixas de munição que Mallory e Barber, seu assistente de metralhadora, haviam carregado até ali, e assim por diante, até que o próximo esquadrão chegou com sua própria corda. A partir daí o esquadrão de Jackson subiu ainda mais, repetindo o processo, mas com outras pessoas na liderança. Logo o pelotão estava espalhado em estágios diferentes por toda a superfície do penhasco. Fitch manteve o resto da companhia escondida na selva, para o caso de haver soldados do ENV esperando no topo. Mellas sabia que isso era a coisa certa a fazer, mas agora lamentava que a sua habilidade com mapas tivesse colocado o primeiro pelotão na frente com tanta frequência. Seu rosto e seu nariz estavam pressionados contra a parede molhada, e ele inalou os cheiros de terra e musgo. Um único esquadrão ENV lá em cima poderia matar metade do pelotão antes que os rapazes conseguissem descer às pressas até a segurança. Uma única metralhadora ENV do outro lado do desfiladeiro poderia provavelmente matar todos. Estavam fodidos.

Cinco horas depois, ainda estavam escalando, cercados pela neblina. Robertson e Jermain, do segundo esquadrão, estavam agora no ponto, com Jacobs logo atrás deles, gaguejando incentivos. Jermain estava com o M-79 curto carregado de dardos para que ele pelo menos pudesse atacar qualquer um que olhasse para eles lá de cima, disparando a arma com uma mão apenas, sem ter que fazer pontaria. Robertson, que como líder da equipe de artilharia poderia ter posto outro qualquer no ponto, não tivera coragem de pôr ninguém mais naquela posição além dele mesmo. Estava agora separado de sua equipe por Jacobs, que havia subido para mais perto da posição de ponto, abandonando sua posição normalmente mais segura atrás da primeira equipe de artilharia. Robertson se perguntava se devia manter a trava de segurança do seu M-16 encaixada ou não. Se estivesse encaixada e ele fizesse uma cagada, muito provavelmente mataria Jermain, que

certamente cairia do penhasco e, estando amarrado a Robertson, o levaria com ele. Por outro lado, se o inimigo espiasse pela borda do penhasco e Robertson não atirasse instantaneamente no cem por cento automático, porque só tinha uma mão para usar, ele nem precisaria estar carregando a porra da arma. Enfim resolveu o dilema mexendo nervosamente na trava de segurança de lá para cá a cada um ou dois minutos.

Escalar a face íngreme do penhasco tornava o silêncio impossível. Se o ENV estivesse esperando, pensou Robertson, eles dois com certeza – e provavelmente o esquadrão inteiro, incluindo o tenente e Hamilton – teriam que ser abandonados para que a companhia pudesse recuar. Comparando isso, no entanto, à constante e exaustiva sucção da gravidade e da fome e ao rosto obstinado de pedra que a selva lhes mostrava agora, a morte não parecia tão ruim.

Ele viu que o tenente Mellas havia alcançado um trecho plano embaixo dele e olhava para cima. Robertson puxou a si mesmo e à sua pesada mochila por cima de uma grande formação rochosa. Parou, respirando pesadamente, empoleirado precariamente ao lado de Jermain, que estava sentado com as costas apoiadas no rochedo, olhando para cima e segurando o M-79 acima da cabeça. O pequeno espaço claramente era seguro somente para um deles. Não parecia haver espaço para se mover. Seu rosto estava vermelho e parecia quente e inchado. Ele sabia que estava chorando, porque tinha que limpar lágrimas dos olhos para enxergar o próximo lugar de apoio.

O tenente fez um sinal de positivo com o polegar, acenando encorajadoramente com a cabeça. "Só Deus sabe como os caras atrás de nós com as metralhadoras e os morteiros estão se saindo", Robertson pensou. Ou o coitado da perna quebrada e os que o estavam carregando. Inclinou-se a fim de olhar para a neblina lá em cima. O penhasco se erguia na frente dele, imóvel, absurdamente íngreme, com seu topo invisível parecendo estar além do alcance. Lentamente, com cada respiração, sua raiva cresceu: contra o penhasco, o absurdo, a fome, a guerra – tudo. Explodiu em um frenesi de atividade. Empurrava enlouquecidamente as pernas contra a parede do penhasco, acelerando com tudo só na base da fricção, gemendo ao tentar reprimir um grito raivoso. Quando se ergueu, quase jogou Jermain

para fora do penhasco, e Jermain, na verdade, chegou a levantar o M-79 para bater nele, mas deve ter percebido que estava amarrado a Robertson e não o fez. Jermain soltou mais corda para que Robertson não sofresse um tranco e caísse. Robertson alcançou a segurança, apenas alguns metros acima de Jermain, e pediu desculpas. Ambos choravam abertamente, como crianças pequenas que precisavam ser alimentadas e postas na cama.

Eles alcançaram o pico pouco antes de escurecer. Era uma crista estreita e alongada de pedra calcária, larga o suficiente para que uma pessoa pudesse andar por ela com cuidado, equilibrando-se entre um abismo de cada lado. Obviamente, ninguém tinha se preocupado em examinar o lugar antes. Não havia ponto possível para o pouso de um helicóptero, muito menos para uma bateria de artilharia.

Mellas também chorava de exaustão e frustração quando falou pelo rádio com Fitch e disse que não havia espaço para o resto da companhia no topo. Fitch reagrupou a companhia em um degrau em forma de sela logo abaixo do cume, apertando todo mundo em um espaço que normalmente teria sido ocupado por um único pelotão. A companhia cavou os buracos e passou a noite ali mesmo. Na manhã seguinte, escalaram a rocha seguindo a trilha do primeiro pelotão, usando as cordas que já estavam amarradas no lugar – igualmente cansados, mas com mais confiança, sabendo que o primeiro pelotão ocupava o topo.

Levaram o dia inteiro, usando cada pedaço de explosivo que havia sobrado para abrir um pequeno espaço para uma ZP na lâmina de pedra no alto do penhasco gigantesco, seiscentos metros acima do rio que passava junto à encosta norte da montanha. Explodiram as últimas barras de C-4 bem no momento em que a escuridão acabou com qualquer possibilidade de reabastecimento.

Na manhã seguinte, começaram a cavar a rocha com as suas ferramentas-T. Por volta do meio-dia, a neblina abriu temporariamente e Fitch falou pelo rádio com a BCV. Trinta minutos depois, todos observaram em silêncio um CH-46 passando como um jato pelo vale que eles tinham levado dias para atravessar. A zona que eles haviam explodido e cavado na

rocha tinha tamanho suficiente para apenas um helicóptero pousar as rodas traseiras. Os dois terços da frente do helicóptero pairavam perigosamente no ar enquanto o piloto lutava para manter a máquina parada tempo suficiente para descarregar. Essa manobra causou murmúrios de respeito pela habilidade do piloto. A rampa desceu e um grupo de fuzileiros correu para fora segurando os capacetes por causa do vento das hélices. Nenhuma carga vinha com eles.

Fuzileiros do terceiro pelotão ajudaram o garoto da perna quebrada a subir a bordo. A rampa foi erguida e o helicóptero simplesmente caiu do penhasco, ganhando velocidade até poder voar. Fez uma curva para longe e desapareceu na distância.

Os fuzileiros que haviam chegado estavam gordos e empolgados. Seus capacetes de camuflagem estavam notavelmente livres de arranhões, seus uniformes de selva eram de um verde e marrom vivos. Hawke e Fitch foram até eles. Podiam ver picaretas, serras elétricas, pás novas e grandes, pilhas de C-4 e até um teodolito de topógrafo. Um primeiro tenente musculoso, com as barras prateadas brilhando no colarinho, aproximou-se e apertou as mãos deles.

– Oi! – ele disse animado. – Nós somos os pioneiros da Bateria Golfo.

Hawke e Fitch olharam para eles. Depois de algum tempo, Hawke falou.

– Bom, se vocês são os pioneiros, nós somos a porra dos aborígenes.

Uma hora depois, o mesmo helicóptero voltou, trazendo uma carga externa de ração C, munição e explosivos balançando embaixo dele em uma rede, pendurada por um cabo. O helicóptero soltou a rede na pequena ZP e, depois, como antes, deu a volta na montanha a fim de pairar com a parte de trás quase tocando a ZP e o resto suspenso no espaço por cima do precipício. A rampa foi estendida até o chão e outro grupo de substituições veio correndo, não muito certo de para onde devia correr. Foram seguidos por Jancowitz, que usava um uniforme de camuflagem novinho e um cachecol vermelho de seda que cheirava a perfume. Estava segurando uma lata com bife.

– Ouvi dizer que vocês podiam estar com fome – ele disse.

Mellas poderia beijar Jancowitz, mas em vez disso começou a esfaquear uma das latas com a sua Ka-bar.

No dia seguinte, os helicópteros entregaram centenas de quilos de explosivos, uma escavadeira pequena e três engenheiros dos fuzileiros. Os engenheiros levaram vários dias para corrigir o que os fuzileiros da Companhia Bravo consideravam um erro: escolher Sky Cap como base de artilharia. O que eles não sabiam é que muito tempo atrás o general Neitzel havia chegado à conclusão de que tinha o poder de tornar retos os lugares tortos e de que ia pôr seus fuzileiros onde quisesse, não onde a natureza permitia. Os engenheiros simplesmente estouraram o topo da montanha com explosivos plásticos e dinamite, até que ele se tornou largo o suficiente para servir aos seus propósitos.

Logo voltou a rotina normal e exaustiva de providenciar segurança para a base de apoio de artilharia. A longa e faminta marcha, agora apelidada de Operação Trilha das Lágrimas, desapareceu no passado. Os dias eram ocupados com o tédio enervante das patrulhas e dos postos de escuta à noite, o trabalho estupefativo de estender arame farpado, abrir campos de fogo com Ka-bar, cavar buracos, melhorar posições, comer, cagar, beber, mijar, cochilar, tentar ficar acordado. Ainda assim era melhor que corcovar.

Às vezes Mellas encontrava tempo para sentar sozinho na beira do penhasco. Nos dias em que o pico estava sem nuvens, ele olhava na direção do Vietnã do Norte. Nuvens escuras passavam devagar à sua frente, na altura de seus olhos. Bem lá embaixo ele podia ver os rastros cobertos de selva de um rio pequeno que devia se juntar ao rio Ben Hai mais ao norte. No caminho, ele recebia a água do Sky Cap e do Dente de Tigre, a montanha enorme que se erguia acima dele a sudeste.

Na medida em que as patrulhas demoravam muito para sair e voltar do Sky Cap, elas não tinham tempo de cobrir a distância necessária para alcançar o rio, mas as possibilidades que ele apresentava empolgavam Mellas. Suas sinuosidades tinham a fascinação de uma cobra venenosa. Os

dias passavam e Mellas continuava indo até a beirada do penhasco para olhar o vale do rio e sonhar acordado com glória e reconhecimento. Então, uma noite ele percebeu que sabia o que queria fazer.

Fitch estava jogando conversa fora com Relsnik e Pallack aos sussurros quando Mellas enfiou a cabeça pelos ponchos que pingavam. Estava muito escuro para ver alguém.

– Eu tenho uma ideia, Jim – ele disse.

A voz de Fitch veio do escuro.

– Ok. O que é?

– Sabe aquela linha azul bem ao norte daqui que se junta ao Ben Hai?

– Sei – Fitch disse com hesitação.

– Os nagúlios devem ter todo tipo de trilha por ali. Tem que ser, pra ter abastecido o ataque a Con Thien do ano passado. Se quiserem um dia pegar Quang Tri, sem atravessar a DMZ em tanques e serem fodidos pelo ataque aéreo da Marinha e os tanques e a artilharia do Exército, eles só têm duas alternativas: dominar a Serra de Mutter, o que significa reabastecimento pelas trilhas ao longo do Ben Hai, ou nos expulsar da BCV e de Rock Pile, vir descendo pela Rota 9, atacar Cam Lo e pegar Quang Tri pelo oeste.

– Mellas – Fitch perguntou pacientemente–, o que você quer?

– Eu acho que a gente devia fazer o reconhecimento daquele vale. É como um armazém ao lado de uma autoestrada.

– O Ben Hai não é nenhuma autoestrada, senhor – Relsnik disse em voz baixa.

– Mas tem viet cobrando pedágio a cada porra de um quilômetro – Pallack comentou –, e eles não querem só uns trocados, não.

– Eu não estou planejando descer o Beh Hai – Mellas disse. Virou-se para a voz de Fitch: – Ele permite uma boa cobertura caso alguém esteja subindo o vale pra nos atacar.

– É, coberto de bala é como você vai ficar – Pallack disse.

Fitch ficou em silêncio.

– Não seria ruim mostrar para o batalhão que a gente toma a iniciativa – Mellas completou.

Depois de outro longo silêncio, Fitch disse:

– Ok. Se você encontrar gente maluca o suficiente pra ir com você, vai

com Deus. Pega o Daniels se ele quiser ir. Quanto tempo você quer ficar fora?

– Estou calculando três dias.

Mellas pegou seu mapa e Fitch acendeu sua lanterna. Uma fraca luz vermelha iluminou o interior da tenda. Mellas viu Pallack e Relsnik enrolados nos seus forros de poncho perto dos rádios.

Na manhã seguinte, o primeiro pelotão fazia a guarda do palácio enquanto esquadrões do segundo e terceiro pelotões saíam em patrulhas de segurança. Postos avançados de segurança desapareceram na selva do lado sul da montanha ou ficaram usando binóculos nos paredões do penhasco. Equipes de trabalho foram formadas para estender mais arame farpado, queimar lixo e cavar latrinas maiores. Mellas pediu voluntários. Como ele esperava, quase todo mundo preferia as equipes de trabalho. Também como ele esperava, Vancouver foi o primeiro a dizer que iria. Ele convenceu Daniels a ir. Mellas teve que mandar espalhar a mensagem de que queria um homem de M-79. No fim das contas, Gambaccini apareceu, dizendo que só ia porque Bass havia mencionado para ele que era sua vez de se oferecer como voluntário. Fredrickson achava que ir era uma questão de honra, já que era ainda o único paramédico do pelotão.

Todos tiraram quatro horas para dormir durante a tarde. Daí enegreceram suas mãos e rostos e amarraram os equipamentos.

No escuro, levaram mais de três horas para chegar ao solo da floresta, usando a corda na maior parte do caminho. Vancouver assumiu o ponto com um M-16 no lugar da sua M-60 para que a munição de todo mundo fosse compatível. Era seguido por Mellas. Depois vinham Daniels com o rádio e Gambaccini com o lançador de granada. Fredrickson vinha na retaguarda, andando praticamente de costas, seu M-16 apontando para a escuridão às suas costas.

Andaram em silêncio por debaixo de árvores majestosas que farfalhavam no escuro sobre eles. Afinal alcançaram a corrente e a acompanharam, dirigindo-se ao norte. Usavam o som do rio tanto para guiá-los quanto para mascarar seus movimentos.

Os sentidos de Mellas estavam intensamente vivos. Um arrepio subiu pela sua coluna. Ele se sentia maravilhosamente poderoso e perigoso. Vancouver no ponto. Quatro fuzileiros testados em combate. Daniels protegido por uma bateria de obuses. Se as nuvens se abrissem, jatos de Da Nang ou possivelmente de porta-aviões no Mar da China poderiam aparecer para ajudá-los. Podiam até chamar o AC-47 da Força Aérea com seus jatos de fogo causados pelas balas de 40 mm. Imaginou sua pequena equipe cercando em silêncio o inimigo. Uma música da sua época de faculdade veio à mente, Ian e Sylvia, guitarras liderando, a harmonia aumentando a selvageria, cantando sobre foras da lei: *Estavam armados. Todos armados. Três irmãos MacLean e aquele louco Alex Hare.*

No escuro, Mellas podia sentir a corrente desacelerando, indicando que o terreno começava a se alargar à medida que deixavam os altos cumes para trás. Os arbustos também foram ficando mais fechados, reduzindo o ritmo, que já era lento. Ele mal conseguia distinguir as silhuetas escuras das enormes árvores contra a cor quase imperceptivelmente mais clara do céu noturno enevoado.

De repente, Vancouver se apoiou em um joelho. Todos se agacharam rapidamente, com os rifles apontando para setores já combinados.

– Trilha – Vancouver sussurrou.

Mellas foi para a frente, agachado bem baixo. Sua mão sentiu a lama compactada.

– Pode ir – ele sussurrou.

A trilha ia para o leste, para mais baixo ainda, e agora eles se afastaram mais rapidamente do Sky Cap. A trilha era o que Mellas havia desejado. Estava provado que estava certo. Mas ocorreu a ele que podiam não ser os únicos andando por ali à noite. Tentou expulsar da sua mente o medo insistente e se concentrar em mover-se silenciosamente. "Não deixar a água do cantil fazer barulho. Checar o metal coberto por fita adesiva nas correias. Se abaixar, tentar sentir qualquer coisa que possa fazer barulho. Tentar manter a respiração tranquila." O que aconteceria, ele se perguntou, caso se deparassem com uma unidade das grandes? Ele havia assumido de modo idiota que só unidades pequenas estariam nas trilhas à noite. Mas Vancouver veria o inimigo antes. Eles recuariam em tempo. Seria fácil

cercar aqueles cinco fuzileiros, no entanto. E se um deles ficasse ferido?

Mellas se forçou a pensar mais positivamente. Eles encontrariam um lugar perfeito para uma emboscada. Os viets viriam andando pela trilha, falando, sem saber de nada. Daniels daria o sinal e a artilharia explodiria. Eles descobririam inteligência que mudaria a estratégia de toda a divisão, ou que estragaria um ataque a Quang Tri. Uma medalha. A história em um jornal lá em casa. Mas e se eles não armassem a emboscada a tempo e encontrassem os viets cara a cara? E se alguns deles fossem feridos e os demais não pudessem correr?

Algo à frente deles estalou, e o coração de Mellas acelerou, enquanto o vulto de Vancouver mergulhou rapidamente na lama. Mellas abaixar-se e ficou apoiado em um joelho, forçando os olhos. O vento soprava suavemente pela selva, trazendo o cheiro de podridão úmida. Também fazia as árvores farfalharem, enchendo o ar com um constante sussurro. Tentar ouvir qualquer coisa era enlouquecedor. O fracasso em ouvir poderia significar a morte. O medo fez seu coração tamborilar e tornou sua respiração mais rápida e superficial, o que, por sua vez, fazia que fosse mais difícil ouvir. Ninguém se mexeu. Todos esperavam por uma ordem de Mellas.

Mellas queria olhar o mapa. Se conseguisse ver as linhas de contorno do Morro 1609 desenhadas, isso o ajudaria a sentir que o morro e a companhia ainda estavam lá. Nessa escuridão, era como um sonho. Só havia esse chão, esse cheiro, esse pequeno grupo de seres humanos. Estendeu a mão lentamente para o mapa. Depois, percebeu que teria que acender a lanterna para vê-lo. Para parecer que fazia alguma coisa, pôs a bússola debaixo do nariz e abriu a tampa. O brilho verde fosforescente da ponta da agulha balançava bebadamente, e depois se firmou, ainda balançando um pouco. Uma ansiedade culpada o dominou. E se o estalo à frente fosse de um grupo exatamente como o deles, esperando para atirar no segundo que houvesse mais barulho? Fechou em silêncio a tampa da bússola. Para quê serviria uma bússola se você não conseguia ver onde estava? Sentiu uma mão dar um tapinha na sua bota.

– Acho que não era nada, tenente – Vancouver sussurrou.

Mellas sabia que teria que avançar ou assumir abertamente que aquele

era o inimigo e recuar para um círculo defensivo apressado. Também sabia que não poderia decidir-se pela segunda hipótese sem parecer ridículo. Outra parte dele finalmente assumiu o comando e ele sussurrou: "Vamos".

Levantaram-se. Cuidadosamente, deram passos para a frente. Descer o calcanhar. Tocar algo sólido. Dedão. Erguer o calcanhar. O outro pé. Descer o calcanhar. Procurar sentir algum galho quebrado. Dedão. Erguer o calcanhar. Todos andaram do mesmo jeito. Em silêncio. Devagar. A marcha de uma equipe de reconhecimento.

Essa marcha não seguia um ritmo de quatro por quatro. Não havia ritmo. Havia a eternidade. Árvores estalavam invisíveis acima deles. A direção perdeu o significado. A agulha da bússola apontava apenas para a escuridão.

Os brilhos na boca do M-16 de Vancouver queimavam seus olhos. A silhueta de árvores fantasmagóricas eram vistas, expostas, como se por flashes. Sombras grotescas saltavam para a existência e desapareciam quando tudo voltava ao escuro. Pontinhos verdes perturbavam a visão noturna deles, as explosões ecoando várias vezes em seus ouvidos.

Mellas havia vislumbrado a careta de dor e medo no rosto de um soldado do ENV.

Eles recuaram rastejando, com os corações pulando, ofegantes de adrenalina. Mellas esbarrou em Daniels, que estava indo para seu setor designado. Sentiu outras botas esbarrando em suas pernas quando Fredrickson e Gambaccini alcançaram o círculo. Mellas rapidamente sussurrou os nomes. Todos confirmaram que estavam lá.

O rádio estava enviando freneticamente o sinal de inspeção. Daniels apertou o sinal de ok. O rádio parou.

– Só vi um, Vancouver – Mellas sussurrou.

– Foi tudo o que eu vi.

– Vamos sair daqui – Gambaccini sussurrou.

– Precisamos checar o corpo pra ver se tem documentos – Mellas sussurrou com austeridade.

– Ah, porra, cara.

Ouviram um gemido.

– Ah, caralho, ele está vivo – Fredrickson sussurrou.

– O que a gente faz? – Gambaccini perguntou.

– Enfia mais bala nele – disse Daniels.

– Vai entregar nossa posição – Mellas sussurrou depressa. – Joga um Miguel 26.

– Não pode ter só um dos filhos da puta aqui – disse Vancouver. – Os amigos devem estar escondidos atrás dele.

– Eu quero a porra dos documentos. A gente precisa deles pra inteligência.

– Ah, merda, tenente, fodam-se os documentos.

– Cala a boca, Gambaccini.

Mellas pensou com rapidez.

– Vancouver, atira uma granada nele – desse jeito o inimigo não conseguiria localizá-los. – Quando eu der o sinal, nós todos vamos na direção da linha azul.

Ele esperou um momento.

– Prontos?

– Sim.

– Vai.

Vancouver se ergueu em um joelho e jogou a granada. Um arco de fogo brilhante explodiu mais abaixo na trilha enquanto eles corriam para o rio.

Mais uma vez, esperaram.

– Você acertou ele? – Mellas sussurrou.

– Não sei.

Esperaram.

Fitch apareceu no rádio, mandando quebrar o silêncio. Em murmúrios tensos e quase inaudíveis, Mellas contou para ele a situação. Continuaram a esperar.

– Tem que ter mais desses filhos da puta. Vamos sair daqui, tenente.

– Puta que pariu, Gambaccini, eu quero os documentos.

Mellas também queria correr, mas sabia que trazer uma informação sólida causaria boa impressão.

– Acho que não tem mais ninguém – Mellas sussurrou.

Ninguém respondeu, já que o tenente não havia falado com ninguém em particular. Era visivelmente um problema de Mellas. Os outros fariam o

que ele mandasse.

– Vamos dar uma olhada nele – Mellas finalmente disse.

Arrastaram-se para a frente pelos galhos apodrecidos e o fungo do solo da floresta. Quando alcançaram o corpo, Vancouver puxou rapidamente o AK-47 que estava preso a ele por uma correia no ombro. O homem gemeu.

– Bosta – Daniels sussurrou. – Ainda está vivo.

Mellas mandou Vancouver e Gambaccini guardarem as vias de aproximação dos dois lados da trilha e vasculhou os bolsos do soldado ferido. Examinou o conteúdo da carteira do homem com sua lanterna vermelha, tentando ignorar os olhos do soldado, que rolavam de medo, assumindo uma cor marrom rosada à luz vermelha. Ele não era mais velho do que Daniels ou Gambaccini.

Fredrickson cortou o uniforme do garoto para abri-lo, revelando três buracos de bala no abdômen. Havia marcas abertas da saída na parte baixa das costas. Estilhaços da granada haviam incrustado na perna esquerda e esmigalhado o osso da canela. Fredrickson ergueu os olhos para Mellas.

– Só vai durar uma ou duas horas. Menos ainda se a gente tentar mover ele. Isso aí escapando pelos buracos da saída da bala são as vísceras dele e eu acho que isso é parte do pâncreas. As ilustrações nunca parecem do jeito que é de verdade, então é difícil saber.

Mellas molhou os lábios nervosamente. Se ele pelo menos conseguisse localizar a unidade do soldado, eles podiam derrubar o céu em cima dela.

– Nós vamos recuar e esperar ele se mexer – ele disse.

– Hein?

– Vamos fingir que estamos indo. Quero ver pra que lado ele rasteja procurando ajuda.

Mellas enfiou a carteira no bolso e cortou as insígnias do garoto com a Ka-bar. Os olhos do garoto pulavam para lá e para cá de medo, enquanto Mellas se agitava em cima dele com uma faca grande. Mellas pensou em cortar a fivela do cinto, mas hesitou, querendo parecer mais profissional.

– Ok, vamos – ele sussurrou.

Apagou a luz vermelha. Era como se o calor estivesse indo embora.

– Esqueceu a fivela, tenente – Daniels disse. – Dez latas de coca em Da Nang, no mínimo.

Daniels procurou a fivela no escuro e rapidamente cortou-a.

Afastaram-se cerca de cinquenta metros e Mellas os fez formar um pequeno círculo. Após dez minutos de silêncio, ouviram um gemido e depois um som bem comum.

– Que merda – Vancouver sussurrou, quase com incredulidade. – Ele está chorando.

Mellas fechou os olhos.

O choro não parou e logo veio intercalado a palavras estrangeiras implorativas. O som parecia atravessar Mellas como uma lâmina de aço. Os soluços subiam e diminuíam em intensidade. A súplica continuava, uma criança pedindo ajuda, com medo de morrer.

– Meu Deus, cala a boca – Mellas sussurrou em voz alta. Os outros ficaram em silêncio, esperando pelas ordens de Mellas.

– Bosta – Mellas finalmente disse. – Vamos encontrar ele.

O jovem havia conseguido se arrastar pelo menos trinta metros do lugar onde o haviam deixado. Mellas acendeu a lanterna, escondendo-a com a mão. O soldado havia enfiado terra na boca, e ela havia se misturado com a saliva manchada de sangue nos dentes. Ele observou os fuzileiros, com os olhos arregalados, os lábios implorando em silêncio.

– Bom, senhor, parece que os amigos dele estão na direção leste – Fredrickson disse.

– É – Mellas sussurrou.

Houve um silêncio desconfortável.

– Você acha que ele vai ficar vivo? – perguntou Mellas.

– Não faz muita diferença de qualquer modo.

– Como assim?

– Tigres. É um pedaço de comida bem fácil.

– Ele vai morrer antes disso, não vai?

– Não tenho ideia. Sou só um HM3.

De repente o garoto não aguentou mais e um grito angustiado escapou de seus lábios, seguido de mais soluços assustados e estrangulados.

Fredrickson tirou a trava de segurança do seu M-16.

– Não seria a primeira vez, senhor – ele disse.

– Não, espera.

Mellas tirou a trava do próprio rifle. Apontou o cano diretamente para a cabeça do garoto. O garoto ergueu os olhos para ele, chorando alto, com muco escorrendo do nariz. Mellas voltou a pôr a trava de segurança.

– A gente não pode – ele sussurrou.

– Tenente, faz um favor pra ele. Ele vai morrer.

– A gente não tem certeza.

– Eu tenho certeza.

– A gente pode levar ele com a gente.

Fredrickson suspirou.

– A gente ia espalhar as entranhas dele pelo caminho todo. Mesmo se ele sobrevivesse, a gente ia ter que entregar ele pro ERV e eles o matariam mais devagar que os tigres.

– A gente não tem certeza disso.

Mellas chutou o garoto delicadamente.

Fredrickson encostou o cano do seu rifle na cabeça do menino.

– Não atira – Mellas disse com calma. – É uma ordem, Fredrickson.

Mellas deu um passo para trás.

– Talvez ele sobreviva. Talvez os amigos dele estejam bem perto.

– Se estão – Gambaccini disse –, vamos cair fora daqui.

– Vai deixar ele assim, tenente? – Fredrickson perguntou.

– Ele pode conseguir – Mellas disse. – Existe uma chance de que um deles venha pegar ele. Eles devem ter ouvido a explosão.

Ele procurava mais razões.

– Seria assassinato.

Ninguém disse nada. A selva havia ficado silenciosa. Mellas não tinha mais nenhuma ilusão sobre a invulnerabilidade deles. Estavam sozinhos, do mesmo modo que esse estranho chorando aos seus pés estava sozinho, os motivos deles para estarem ali provavelmente não muito diferentes dos dele.

– Leste, senhor? – Vancouver perguntou. – Pra onde ele estava indo?

Mellas não disse nada. Os outros transferiam o peso de pé, nervosamente.

– Vamos cair fora daqui, porra – Gambaccini finalmente sussurrou. – Estou com frio.

Houve um silêncio tenso. Mellas podia ouvi-los respirar, sentir o cheiro

do suor deles se erguendo no escuro. Sentiu Daniels ao seu lado com o grande PRC-25 nas costas, sussurros estridentes vindos do bocal. Mellas esfregou o rosto, sentindo sua barba malfeita.

Sabia que não adiantava fingir mais. Ele estava simplesmente com medo demais para continuar avançando no escuro.

– Daniels, fala pra Bravo que estamos voltando.

– *Aíí*! – Gambaccini sussurrou.

– Não estou reclamando, não – Daniels murmurou –, mas por quê?

Mais uma vez houve silêncio, e Mellas lutou por uma resposta. Finalmente ele disse:

– Porque eu não quero mais ficar por aqui.

Durante toda aquela noite, Mellas não disse uma palavra além de confirmar a leitura de mapa de Daniels. Quando a manhã chegou, Mellas esperava que os outros evitassem olhá-lo nos olhos. Surpreendentemente, todos ofereciam motivos que ele poderia dar a Fitch por terem voltado mais cedo. Ele podia dizer que alguém estava doente ou tinha torcido o pé. À medida que se sentiam mais seguros, escalando de volta para o Sky Cap, as desculpas para voltar começaram a ficar mais absurdas e mais ridiculamente engraçadas, e os lucros imaginários que o AK-47 e a fivela trariam dispararam.

Mellas sentia-se incapaz de se juntar à alegria geral. Não conseguia olhar para Fredrickson. Sabia que o paramédico achava que ele devia ter matado o menino ferido e não teve coragem. Mellas se perguntou se Fredrickson estava certo, do mesmo modo que se indagava se mentiria para Fitch sobre a missão.

Quando chegou ao PdeC encontrou Fitch e Hawke sentados de pernas cruzadas comendo as rações C. Tirou a carteira do garoto vietnamita do bolso, sentindo o peso na mão.

– Desculpa pela missão abortada, Jim. Não sei o que dizer.

– Diz que ficou assustado – Fitch disse. – Porra, confessar faz bem pra

alma. Eu falei pro batalhão que você saiu com uma equipe de morte, matou um viet e que ninguém se machucou. Sucesso completo.

– Ótimo – Mellas ficou olhando para a carteira em sua mão.

– Aliás, é bom que vocês vieram cedo – Fitch disse. – Vamos decolar pra BCV amanhã. Acabei de saber.

Mellas continuou a olhar para a carteira, sem dizer nada. Hawke, que observava Mellas através da fumaça que se erguia da sua caneca de café feita de lata de pera, ofereceu um gole para Mellas, que deu um breve sorriso e bebeu um pouco. Sua mão tremia. Hawke disse com voz calma:

– Aconteceu alguma coisa. Você quer falar sobre isso?

Mellas não respondeu na hora. Depois disse:

– Eu acho que sei onde os viets estão.

Ele tirou o mapa e apontou para o lugar, com a mão ainda tremendo.

– Como você sabe, Mel? – Hawke perguntou.

– Por causa da direção para a qual ele rastejou depois de levar o tiro.

Mellas jogou a carteira para Fitch. Depois, enfiou a mão no bolso e tirou as insígnias com a unidade e a patente do soldado. Olhou para elas, depois para Fitch e Hawke, que não estavam mais comendo.

– Eu deixei ele rastejar pra casa com as tripas saindo pra fora – ele começou a soluçar. – Eu só deixei ele lá – sujeira saía do seu nariz. – Lamento. Eu lamento tanto.

Suas mãos agora tremiam juntamente com o corpo enquanto ele apertava os dois pedaços de pano contra os olhos.



CAPÍTULO

O deque do helicóptero vibrava embaixo deles enquanto estavam deitados no metal fino que os separava de vários milhares de metros de espaço vazio. A viagem do Sky Cap até a Base de Combate Vandegrift era como uma mágica. Montanhas cobertas de selva que eles demorariam semanas para atravessar passaram por eles em minutos.

Vancouver se perguntou se sua espada viet ou seu cobertor espacial já haviam chegado. Skosh sonhava acordado com um D&D em Sidney e tentava imaginar como seria fazer sexo de verdade com uma garota. Hawke se perguntava se esta não seria sua última vez na selva caso conseguisse um emprego na retaguarda. Fitch repassava em sua mente os acontecimentos da longa marcha, preparando sua defesa, preocupado com a possibilidade de sofrer a desgraça de ser substituído no comando. Também queria tirar o uniforme imundo e tomar um banho. China contava as pessoas que tinham que fazer o serviço de messe na sua frente e se perguntava o que podia fazer para furar a fila antes que a companhia saísse para outra operação. Precisava de tempo na retaguarda para organizar as coisas. Pollini estava ajoelhado junto a uma escotilha vendo a paisagem passar correndo embaixo deles. Ele se perguntava se algum de seus irmãos ou irmãs estaria pensando nele. Cassidy queria dormir – dormir e dormir e esquecer a vergonha de um dos seus próprios homens querer matá-lo. Goodwin queria se embebedar. A mesma coisa queriam Ridlow, Bass, Sheller, Rider, Tilghman, Pallack, Gambaccini, Jermain e muitos outros. Jackson queria ficar chapado, assim como o Toupeira, Cortell, Broyer, Mallory, Jacobs, Fredrickson, Robertson e Relsnik. Jancowitz passava os dedos pelo agora imundo cachecol vermelho de seda que havia enfiado no bolso, sem querer olhar para ele, mas não querendo jogá-lo fora. O cachecol cheirava vagamente ao perfume de Susi. Jancowitz não se importava com o método, só queria esquecer onde estava.

Mellas, deixado para trás com um esquadrão para guiar a Companhia Quilo até as trincheiras, continuava vendo o rosto contorcido, com ranho escorrendo do nariz, do jovem soldado vietnamita. Ele se perguntava em primeiro lugar por que o menino estava lá fora sozinho e se havia alguma chance de que tivesse sobrevivido.

Enquanto os velhos helicópteros barulhentos iam e vinham da BCV para o Sky Cap, mandando as tropas recentemente equipadas da Companhia Quilo e pegando as tropas esfarrapadas da Companhia Bravo, o coronel Mulvaney voltava de um *briefing* em Dong Ha.

A estúpida operação de isolamento havia acabado e Mulvaney estava ansioso para fazer uma visita, como ele chamava: interditar o fluxo de suprimentos dos ENV entrando no vale Au Shau na direção de Da Nang, tirar o ENV das planícies férteis a leste e manter aberta a Rota 9, a única que ligava a costa através das montanhas até Khe Sanh e o Laos. Se o ENV em algum momento conseguisse pôr seus tanques naquela estrada em um dia nublado, seria um Deus nos acuda.

– Aquela é a Bravo chegando do Sky Cap, cabo Odegaard? – Mulvaney perguntou para o motorista.

Odegaard diminuiu a velocidade do jipe enquanto passavam por grupos de dois ou três andando cansados pela estrada enlameada. Quando passaram por um fuzileiro usando um chapéu no estilo australiano, com a aba do lado direito virada e uma metralhadora de cano serrado, Odegaard disse:

– São eles, senhor. Esse é o Vancouver, o cara que estragou a emboscada pros viets.

– Encosta depois que passar aqueles caixotes ali.

– Sim, senhor.

Odegaard tirou o jipe da estrada e parou. Mulvaney viu dois garotos sem calças passarem, andando a passinhos para não rasparem as micoses que os cobriam das cinturas aos calcanhares. Seu olho experiente notou a pele da selva nas mãos e nos rostos, o estado precário dos morteiros e o modo como os uniformes podres pendiam dos corpos magros dos meninos.

– O senhor quer que eu desligue o motor, senhor?

– Não. Pode ir.

Antes de encontrarem a Companhia Bravo, Mulvaney contava para Odegaard uma das suas melhores histórias do mar. Ele não terminou e ficou em silêncio durante todo o caminho até o quartel-general do regimento. Durante o *briefing*, havia falado pouco. Lá pelo final, foi abordado o assunto de quem forneceria uma companhia para o serviço de Bald Eagle-Sparrow Hawk. Bald Eagle era uma companhia mantida em alerta constante, equipada para o combate, na beira da área de decolagem da BCV. Estava lá para reforçar instantaneamente qualquer unidade em perigo ou para explorar alguma vantagem tática. Sparrow Hawk era um pelotão dessa companhia dedicado a tarefas menores, como tirar do perigo equipes de reconhecimento. Ninguém gostava desse serviço. Os fuzileiros passavam o dia fazendo trabalhos improvisados, o tempo todo torturados de ansiedade porque, a qualquer minuto, a companhia podia ser mandada para o combate.

– Nós que ficamos da última vez, senhor – disse o comandante do terceiro batalhão.

– Então é a vez de vocês, Simpson – Mulvaney disse.

– Sim, senhor – Simpson disse, anotando isso na sua cadernetinha de bolso verde, claramente contrariado, porque isso o deixaria com somente três companhias.

Depois do *briefing*, Mulvaney foi na direção da porta assim que viu Simpson e Blakely se aprontando para sair.

– Por que você não passa depois pra tomar alguma coisa, Simpson? – ele disse.

Blakely, claramente não convidado, apagou nervoso seu cigarro.

– Com prazer, senhor – Simpson respondeu. – Quando seria conveniente?

– Agora mesmo.

Mulvaney se afastou.

Mulvaney estava enchendo dois copos pequenos de *bourbon* Old

Forester quando Simpson empurrou a aba da sua tenda.

– Você toma com água? – Mulvaney perguntou, estendendo a mão para o pequeno refrigerador. Simpson disse que tomava puro.

Mulvaney pôs um pouco de água no próprio copo e depois o *bourbon*. Ele ergueu o copo.

– Ao Corpo – ele disse.

– Ao Corpo – Simpson repetiu. Virou a bebida em um único gole e, percebendo o que havia feito, limpou nervoso a boca com a mão.

– Senta, senta.

Mulvaney indicou uma cadeira. Simpson sentou. Mulvaney se encostou na beira da mesa. Tomou outro gole lento, depois olhou para Simpson.

– Estamos lutando numa bosta de guerra – ele disse devagar. – Uma bosta de guerra de nada está destruindo a coisa que eu amo. Você ama o Corpo de Fuzileiros, Simpson?

– Sim, senhor, amo sim.

– Mas eu quero dizer, ama de verdade? Você vai pra cama com ele de noite, acorda com ele de manhã, vê o lado ruim, vê quando ele está doente e cansado, não só quando está glorioso? Você pensa nele o tempo todo? Ou você pensa até onde ele pode levar você?

– Bom, senhor, eu...

– Aham. Vou falar por você, Simpson. Você pensa em até onde ele pode levar você. Você usa ele. Ou isso, ou deixa mais alguém usar você pra que isso ajude essa pessoa. Não sei o que é pior.

– Eu, ahn...

– Calado.

– Sim, senhor.

– E não se preocupa. É por minha conta. Nada disso vai aparecer no seu relatório de performance.

Mulvaney atravessou a tenda para olhar uma foto emoldurada na parede. Ela mostrava um pelotão de fuzileiros usando uniforme de verão em um dia frio e chuvoso. Nela estava escrito "Nova Zelândia, Julho de 1942". Mulvaney acenou com a cabeça na direção da foto. Sem olhar para Simpson, disse baixinho:

– Metade desses caras estão mortos – fez uma pausa curta. – Muitos

deles por minha culpa.

Virou-se para Simpson.

– A América usa a gente como putas, Simpson. Quando quer uma boa trepada, ela solta o dinheiro e nós damos pra ela um momento de glória. Daí, quando acaba, ela sai de fininho pela porta de trás e finge que não sabe quem a gente é.

Mulvaney rodou o gelo, vendo-o derreter.

– É, nós somos putas – ele continuou, quase só para si mesmo. – Eu admito. Mas somos bons. Somos bons em foder. Gostamos do que fazemos. E daí que o freguês fica envergonhado depois? E daí que a hipocrisia sempre foi parte da nossa profissão? A gente sabe disso.

Mulvaney fechou um pouco os olhos e olhou para Simpson.

– Mas desta vez o freguês não quer trepar. Ele quer brincar de cavalinho e entrar pela porta de trás. E ele está cavalgando na gente pela sala toda com a porra de uma sela e o chicote e as esporas – Mulvaney sacudiu a cabeça. – A gente não é bom nisso. Isso vira o nosso estômago. E está nos destruindo.

Mulvaney ficou em silêncio. Simpson olhou para a garrafa na mesa e depois rapidamente de volta para seu copo vazio.

– Você viu a Companhia Bravo quando eles entraram hoje? – Mulvaney perguntou.

– Eu falei com o líder deles, o tenente Fitch, senhor.

– Você olhou pra eles, Simpson? – a voz de Mulvaney começou a se elevar.

– Não, senhor.

– Eles pareciam horríveis.

– Sim, senhor. Já vou consertar isso, senhor. Vou falar com o tenente Fitch. Estou pensando em substitui-lo desde quando ele estava no Matterhorn.

– Não é o Fitch, Simpson – Mulvaney respirou fundo e tomou outro gole. – Eles foram usados. Muito. Há quanto tempo eles estão na selva?

– Por selva o senhor quer dizer no campo de apoio de artilharia fazendo patrulhas de rotina ou realmente na selva em uma operação?

– Eu quero dizer quanto tempo sem refeições regulares, sono regular,

segurança, banho, *vitamina*... – a última palavra foi uma pergunta e uma acusação. – Eu não me importo como você vai consertar essa porra, mas eu vou inspecionar as latas de lixo da Companhia Bravo amanhã de noite e eu quero vê-las cheias de cascas de laranja e talos de maçã.

Simpson tirou seu caderninho verde e anotou algo.

– Porra, Simpson, guarda isso aí. Se você não consegue se lembrar disso...

– Sim, senhor.

Simpson pôs de volta o caderno no bolso. Mulvaney se virou para o outro lado. Quando falou, ele se dirigiu mais uma vez à fotografia:

– Simpson, eu estou cansado. Estou cansado de ser usado. Matar por dinheiro e política já é prostituição suficiente, mas fazer isso desse jeito me deixa enojado. Enoja a minha alma, o que sobrou dela.

Ele se virou devagar e apontou um dedo grosso para Simpson.

– Mas você, você e aquele filho da puta do seu Three, vocês são os fregueses dessa vez. Mas deixa eu te dizer uma coisa. Quero morrer seco se vou deixar as minhas tropas jogarem o jogo do freguês, mesmo se o comando fizer isso.

Mulvaney estava ofegante, seu rosto estava quente. Ele se inclinou por sobre a mesa.

– Da próxima vez que você me disser que uma das suas companhias está em boas condições antes de eu mandá-la numa operação, juro por Deus que é melhor você não estar mentindo. Agora sai daqui. Está dispensado.

Simpson pôs o quepe e saiu, tremendo.

Mulvaney varreu os copos vazios da mesa com um grito de frustração. Sentou-se e observou o gelo formando poças no solo. Andou até a foto na parede e ficou lá olhando para ela por um longo tempo.

Mellas chegou no último helicóptero. Com os outros da equipe de seu helicóptero, ele arrastou os pés em silêncio, envolto em uma névoa de fadiga. Um ponto particularmente crítico da sua pele da selva estava soltando pus. Ele limpou a ferida na lateral das calças, onde ela se juntou à acumulação de muitas semanas. As calças pendiam folgadas da sua cintura.

Havia perdido onze quilos. Era um fuzileiro da selva. Ele e sua equipe andavam como se fossem os donos da ZP, mas não tinham consciência disso. Mellas sentia como se estivesse ficando doente.

Alcançaram a tenda de suprimentos. Pequenos grupos de garotos de outros pelotões estavam esparramados na frente, no barro úmido, bebendo cerveja. Mellas empurrou a lona pesada da abertura da tenda e entrou. Fitch, Hawke, Cassidy e Kendall estavam lá, juntamente a um novo segundo-tenente. O novo tenente ergueu os olhos para Mellas e sorriu, ansioso para agradar. Mellas, cansado, estropiado, com cabelo encostando no colarinho, não sorriu de volta.

– Tenente – Cassidy disse –, você está com cara de quem precisa de uma cerveja – ele se esticou para baixo da mesa e pescou uma lata enferrujada de Black Label. – Desculpa que é só uma Black Mabel14, mas a cerveja boa fica toda em Da Nang.[14]

Ele cavou dois buracos triangulares na parte de cima e deu a cerveja para Mellas, que bebeu um longo gole. A cerveja estava morna, mas tinha o sabor de boas lembranças. Sentiu as bolhazinhas ardendo enquanto desciam por sua garganta. Esvaziou a lata toda e suspirou.

– Valeu, sargento.

Cassidy já estava abrindo outra para ele.

Fitch parecia muito elegante de novo. Seu cabelo estava cortado, dividido com cuidado ao lado, e ele usava um uniforme de camuflagem limpo. Hawke também parecia limpo, mas ele nunca parecia elegante. Mellas percebeu que ele estava usando as faixas de um primeiro-tenente.

– Deixa eu apresentar pra você, este é o Paul Fracasso – Fitch disse rapidamente. Mellas acenou com a cabeça para o novo tenente, que ainda tinha os músculos da Academia Naval e usava os óculos prescritos pelo Corpo. Mellas viu Fitch olhando para Hawke. De repente, ele percebeu. Eles iam dar o seu pelotão para esse cara. Hawke estava sendo transferido. Ele não disse nada. Era o que ele queria. Ele até tinha plantado a semente disso aquele dia com Blakely no Matterhorn. Agora que ela havia germinado, ele sentia um aperto no coração. Ele não imaginava que isso o faria sentir-se daquele jeito.

– Onde está o Cicatriz? – Mellas perguntou, largando a mochila no

chão.

– Lá em Quang Tri pra receber o soldo da companhia – disse Hawke.

– Ah, é. Quase tinha esquecido que a gente é pago pra isso – Mellas deu outro grande gole na cerveja, terminando tudo. – Bom, vamos lá, vamos fazer isso logo.

Ele sabia que era injusto da parte dele, mas estava com raiva do recém-chegado.

– Ok – Fitch disse, com os lábios apertados. – Hum, o Paul vai assumir seu pelotão. Agora você é o oficial executivo da companhia, Bravo Five. Achei que você se sairia melhor que o Goodwin.

– Ótimo. Obrigado.

Mellas sentou-se em um caixote de munição e aceitou outra cerveja de Cassidy.

– Pra onde você vai, Hawke? – ele perguntou.

– Zulu Three.

– Bom – Mellas disse. Tomou outro gole comprido. Isso queria dizer que Hawke ia trabalhar para Blakely como oficial de carreira nas operações do batalhão. Blakely não era nenhum idiota, sem dúvida nenhuma. – Parabéns pela sua promoção, também.

– Eu cumpri o meu tempo na porra da selva – Hawke soava um pouco irritado.

– Não falei que não tinha, Ted – Mellas terminou a cerveja. Cassidy deu outra para ele, com um leve brilho nos olhos. – Valeu, sargento.

– Continua – Hawke disse para Fitch. – É melhor você contar o resto antes que ele esteja atrapalhado por aí.

– O resto?

– Ficamos de Bald Eagle-Sparrow Hawk – disse Fitch.

– Isso é que nem Batman e Robin?

Fitch sorriu, observando Mellas beber outro comprido gole.

– É o código para uma companhia de fuzileiros que fica junto à pista de decolagem. Se alguém se meter em problema, eles largam a gente pra "explorar" a situação.

– Só pode estar de brincadeira – Mellas disse bem baixinho.

A expressão no rosto de Fitch dizia que era sério.

Os dentes de Mellas se apertaram com tanta força que ele pensou que ia quebrá-los.

– Porra, meus homens nem conseguem andar direito – ele disse. – *Eu* não consigo andar direito.

Levantou e chutou a mala de tanta frustração. O chão balançou embaixo dele.

Ouviram o som de outra lata sendo aberta, e Cassidy deslizou a lata por cima da mesa até onde Mellas estava parado.

– Toma outra cerveja, tenente. Vai melhorar o ânimo.

Mellas olhou para a cerveja, observando a espuma escorrer devagar para o tampo da mesa. Ele se sentia tão cansado…

– Os homens estão recebendo bastante cerveja? – ele perguntou.

– Claro – Hawke respondeu. – Pode agradecer ao sargento Cassidy. Ele comprou um monte de engradados pra cada esquadrão com o dinheiro dele.

Mellas se sentiu emocionado com o gesto.

– Obrigado, sargento – ele disse.

Cassidy resmungou.

– Não dá pra deixar os garotos sem cerveja. Se você tem idade pra matar um homem, tem idade pra beber.

Mellas virou a cerveja.

– Quanto tempo até a gente sair da porra da Bald Eagle?

Fitch encolheu os ombros.

– Não dá pra saber. Até o regimento precisar da gente em outro lugar, ou até largarem a gente no meio da merda. O coronel achou que ia nos dar um tempo de descanso.

Mellas queria perguntar a Fitch como o fato de ficar sentado na beira de uma ZP esperando um gordo apertar um botão mágico e largar a companhia no meio de um sanduíche de merda podia ser considerado descanso. Mas decidiu deixar para lá. O que ele queria, mais do que qualquer outra coisa, era tomar um banho.

– Tem roupa limpa por aí? – ele perguntou.

Cassidy apontou para várias caixas abertas empilhadas junto à parede da tenda. A tenda balançava perigosamente em volta de Mellas enquanto ele andava para pegar as roupas.

– O chão está escorregando, tenente? – Cassidy perguntou com malícia.

– Porra, você me deixou bêbado, não foi? – Mellas disse. Levou um momento para achar Cassidy. – Caralho.

Tirou as roupas velhas sem se incomodar em tirar as botas. Olhou um momento para suas cuecas verdes e as jogou no lixo com as latas de cerveja. Por um momento, ficou pelado na frente de todo mundo, apenas com as plaquinhas de identificação pendendo em sua pele branca. Ficou espantado ao perceber o quanto seu corpo era vulnerável.

Cassidy jogou para ele um novo conjunto de camuflagem. As roupas novas pareciam duras, pesadas, e as cores da camuflagem, muito vivas comparadas com o conjunto no chão aos seus pés. Ele pôs a calça sem se preocupar em vestir uma cueca. Olhou espantado para a magreza da sua cintura, para as costelas saltadas.

– Ah, Mellas – disse Fitch –, a gente precisa de um homem do primeiro pelotão para trabalhar no serviço de messe nas próximas duas semanas.

– Graças a Deus – Mellas disse. – Pode ficar com o Shortround antes que ele cause a morte de alguém – ele se virou para Paul Fracasso. – Vamos lá, Fricassée, ou seja lá como for o seu nome de carcamano, eu apresento você pro pelotão.

As mãos de Simpson ainda tremiam enquanto ele enchia mais um copo de *bourbon* e contava para Blakely o que havia acontecido. Este ria com desprezo.

– É claro que ele falou que não ia pro relatório. Ele não vai arriscar aquela estrela. Não agora. Ele e a porra do pelotão dele perdido da Segunda Guerra Mundial. Olha pros números, coronel. Nós temos a maior proporção de homens em campo para homens na retaguarda da divisão. Estamos na frente do batalhão em termos de homens por dia e por mês ativamente envolvidos em operações de combate. A nossa taxa de inquérito parlamentar é perto de zero. Nossa proporção de matança está subindo desde que eu cheguei. E não pense o senhor que as pessoas certas na divisão e na Terceira Força Anfíbia não sabem disso – Blakely riu de novo. – Se ele escrevesse um relatório de performance ruim do senhor, a gente pegaria as estatísticas e o mandaria rodando direto pra aposentadoria.

Simpson sorriu com a boca apertada.

– Acho que eu não devia me preocupar tanto.

– O senhor se preocupa com os números. É com isso que as pessoas que importam se preocupam. Mulvaney é um anacronismo. Maçãs e laranjas. Caralho.

Os dois começaram a rir.

Mellas, usando seu novo uniforme de camuflagem, com o vinco ainda aparecendo, levou Fracasso para um trecho plano de lama que cercava uma única tenda projetada para acomodar dez pessoas. Havia duas outras do mesmo tamanho, cada uma tomada pelos outros dois pelotões. Isso deixava mais de cem azarados com patentes e tempo de serviço menores do lado de fora, na chuva. Alguns tinham preparado tendas improvisadas como se ainda estivessem na selva. Outros simplesmente jogaram no chão suas mochilas, seus coletes e suas armas, proclamaram um pequeno pedaço de barro molhado como sendo deles e começaram a beber. Mellas sabia que muitos ficariam bêbados ou chapados demais para armar as tendas e dormiriam na chuva. Pelo menos bêbados ou chapados eles teriam uma noite inteira de sono.

Mellas caminhou até Hamilton, Skosh, Fredrickson e Bass. Apresentou-os a Fracasso e disse a eles que seria promovido a OX para substituir Hawke. Bass aceitou isso com a tranquilidade de um profissional – mais um tenente novato para treinar. Mellas sabia que os líderes de esquadrões não aceitariam tão bem a situação. Eles não gostavam da necessidade do Corpo de Fuzileiros de garantir que os escalões mais altos fossem preenchidos por oficiais experimentados em combate. Uma vez que já haviam treinado um, preferiam ficar com ele.

Mellas gritou "Líderes de esquadrão aqui!" e os garotos, alguns deitados de costas e já bem alterados, passaram a mensagem alegremente para o céu cinzento.

Jancowitz foi o primeiro a chegar.

– Falaram que o senhor está deixando a gente, tenente – ele disse.

– É.

– Bom – Jancowitz hesitou. – Parabéns pela promoção.

– Não é uma promoção, Janco. Ainda vou receber o mesmo soldo. Imagino que vou ter mais pausas pro café quando a gente estiver corcovando, mas ainda vou corcovar com vocês.

– Isso seria ótimo, senhor.

Mellas se sentiu um bosta. Mas aquela era sua chance de subir. Ser um oficial executivo tão cedo no seu tempo de serviço dava a ele um grande intervalo para conseguir uma companhia.

Connolly veio até eles, com os olhos um pouco embaçados e uma lata de cerveja na mão.

– Como é o novo tenente? – ele quase exigiu saber.

Mellas pensou por um momento. Ele podia foder o cara agora mesmo dizendo a coisa errada. Ele havia notado o anel da Academia Naval no dedo de Fracasso – um perpétuo, com certeza. Jacobs chegou, logo atrás de Connolly, com um sorriso bobo no rosto. Mellas só esperava que Jacobs fosse esperto o suficiente para fumar onde não fosse apanhado. Se fosse, isso significaria cadeia e uma automática dispensa desonrosa.

– Se sentindo bem, Jake? – Mellas perguntou, reprimindo o sorrisinho que queria aparecer nos cantos de sua boca.

Jacobs imediatamente ficou mais sóbrio.

– Ba-bastante, senhor.

Mellas sorriu da expressão séria de Jacobs.

– Agora que eu tenho poder, se um veado de vocês perder alguém pra cadeia porque foram pegos fumando maconha, vou esculhambar o D&D de vocês e mandar vocês pra Okinawa com todos os perpétuos.

O grupo riu.

– Como é o novo tenente? – Connolly perguntou de novo.

Mellas raspou a lama com a bota.

– Acho que vocês pegaram um perpétuo. Mas acho que ele vai ser um dos bons.

– A porra de um perpétuo, hein – Connolly disse.

Todos se viraram para ver o novo tenente, que conversava animadamente com Bass. Bass e Fracasso os viram e andaram até eles. Mellas sabia que os próximos cinco segundos estariam entre os mais

importantes que Fracasso viveria. Eles certamente podiam custar sua carreira, e talvez até sua vida. Nos cinco segundos seguintes, aqueles três adolescentes decidiriam se iam cooperar com ele ou não.

Fracasso estava claramente nervoso. Os três líderes de esquadrão olharam para ele sem nenhum sinal de boas-vindas.

Mellas limpou a garganta.

– Bom, eu suponho que devia fazer um discurso enrolado de despedida, mas eu vou ficar dia sim dia não corcovando do lado do Bass atrás desse bando de filhos da puta, então é melhor não – Mellas estava surpreso com sua falta de articulação. – Eu, humm, vou sentir falta de vocês – não conseguia olhá-los nos olhos. – Este é o tenente Fracasso. Ele vai assumir.

Mellas apontou para cada um dos líderes de esquadrão e fez as apresentações.

– Lamento encontrar o senhor aqui, senhor – Connolly disse. – Eu já estou nos dois dígitos de dias que faltam pra sair daqui. Estou tão curto que eu subo num capacete pra poder mijar.

Fracasso pareceu momentaneamente espantado, mas estendeu a mão para apertar a de Connolly.

– *Você* lamenta? Jesus. Eu tenho mais de um ano.

Connolly, seguido de Jancowitz e Jacobs, apertaram a mão dele. Fracasso havia passado no teste. Mellas sentia-se bem. Esperava sentir ciúmes. O pelotão ficaria bem. Ele não havia percebido como passara a gostar daqueles sujeitos.

– Uma coisa só antes de eu ir e o Fracasso ter que aguentar vocês. Cada homem recebe um banho. Tem um chuveiro lá perto do rio. Vocês que são líderes de esquadrão, prestem atenção e levem todos pra lá antes que todo mundo esteja tão zoado que morra afogado.

Duas horas depois, Mellas estava sentado na lama, com outra cerveja morna nas mãos. Seu corpo parecia bizarramente leve depois da chuveirada. Era seu primeiro banho desde que chegara ao Vietnã. A garoa leve que caía no seu rosto era fria e refrescante. Ele parecia sentir cada gota de água.

Estava escuro, mas à sua volta ele via sombras vagas se levantando em pequenos grupos de amigos para se afastar e dar uma mijada. Depois, uma figura retornava – tropeçando em um círculo ou dois, até encontrar o seu – e afundava de novo na pequena massa de sombras escuras. Mellas pensou que devia ter sido assim com Gêngis Khan e Alexandre.

Mellas poderia ter se juntado aos outros oficiais e funcionários do exército na tenda de suprimentos, mas sentia o desejo de ficar com o pelotão. Sentia uma nova camaradagem com aqueles garotos. Ele sabia que isso era sentimentalismo, talvez até piegas, e tentou não sucumbir à sensação de perda que tinha por ter movido um degrau na hierarquia.

Sua cabeça doía bastante, e ele frequentemente tinha que ir até um arbusto para cagar. Mesmo assim, estava extraordinariamente feliz. Era seguro ali. Ele esperava não estar com disenteria. Seu uniforme novo já estava úmido e enlameado no traseiro e nos joelhos, além de um pouco sujo de uma das suas visitas aos arbustos. Ele não se importava. Se começassem a Bald Eagle no dia seguinte, ele poderia morrer. Continuou bebendo cerveja.

Com todos ficando de porre, China achou que era um bom momento para entregar a mercadoria para Henry, antes de ser mandado de volta para Oakland ou Los Angeles. A pesada sacola de marinheiro no seu ombro era ruim de carregar, e o conteúdo machucava as costas e a lateral do seu corpo. Estava suando em bicas dois minutos depois de ter deixado a pequena pista de decolagem onde a Companhia Bravo estava acampando. Quando empurrou a pesada tela de lona que ficava na entrada da tenda de quatro pessoas de Henry, sentiu o cheiro de naftalina ainda grudado ao material. Deixou cair a sacola um pouco mais depressa do que gostaria, e ouviu-se um barulho metálico quando ela bateu no chão de madeira compensada. Henry estava deitado no seu leito lendo um livro pornográfico. Viu China e, depois de hesitar por um momento, abriu um sorriso, levantou-se e fez o ritual do aperto de mão. Dois dos amigos de Henry também estavam lá e fizeram o mesmo. Era bom estar de volta com os irmãos.

Henry encontrou uma cerveja quente e abriu dois buracos na lata com um abridor. Ele a ergueu numa zombaria de brinde e a virou de cabeça para baixo, engolindo o conteúdo em cerca de cinco segundos. Daí sentou-se na cama, pôs a mão embaixo da mulher de borracha e tirou um saquinho de maconha com alguns cigarros já bolados. Acendeu um, deu uma longa tragada e o passou para o China.

– Eu não fumo essa merda – China disse. Ele não tinha certeza absoluta de que fora um gesto amigável. Ele havia conversado com Henry antes sobre os negros se deixarem escravizar pelas drogas. Henry *sabia* que ele não fazia essas coisas.

– Ah, porra, cara. Quando é que você vai fazer que nem todo mundo, hein? Essa porra é divertida. Não faz mal pra ninguém.

– Tá, ok. Pode continuar então.

Henry passou o baseado para um dos seus colegas de tenda, tirou outra lata de cerveja, abriu e passou para o China. China pôs as mãos nos quadris, olhando para baixo. Depois levantou os olhos para Henry.

– Você sabe que eu não bebo essa merda também.

Henry ergueu as sobrancelhas e olhou para os outros. Segurou a lata longe dele, com a cabeça atirada para trás, e fingiu que a examinava com cuidado.

– O que é isso aqui, China? Spray de pimenta?

China hesitou um momento. Ele realmente queria a cerveja, mas sabia que os camaradas muçulmanos não bebiam. Por outro lado, eles não estavam levando tiros nos cornos no meio de uma selva do caralho. Mas ele também sabia que tinha que viver de acordo com os seus proclamados ideais.

– Ô, Henry, você tem uma coca ou algo assim? – perguntou, tentando parecer casual.

Henry engoliu a segunda cerveja, depois andou até os pés do seu leito e puxou um engradado de Coca-Cola. Abriu uma garrafa e a ofereceu para o China, sorrindo.

– Eu tenho de tudo, irmão.

China pegou a garrafa e sentou-se no leito de frente para Henry, com a pesada sacola de marinheiro entre seus pés. Bebeu a Coca-Cola morna.

Tinha o gosto do verão lá em casa. O baseado foi fumado até ficar quente demais para ser tocado e um dos amigos de Henry o colocou em uma pinça de prata. Henry deu a última tragada antes que não sobrasse mais nada.

Houve um pouco de conversa mole, eles contando as novidades, que irmão tinha ido para casa, que irmão não tinha. Daí Henry fixou o olhar nos olhos de China, um sinal.

– O Parker tentou mesmo despedaçar o racista filho da puta?

China hesitou.

– Acho que sim.

Henry riu pelo nariz.

– Pena que não conseguiu.

Houve assentimentos com a cabeça e murmúrios de aprovação.

China não estava vendo a cena na tenda, mas sim Parker sendo carregado para fora do perímetro no escuro, o rosto banhado em suor, medo nos olhos. Eles haviam tocado os ossos da mão e China deu em Parker um aperto de mão para animá-lo. E aquela havia sido a última vez que ele veria Parker. Voltou ao presente.

– Acho que o sargento percebeu alguma coisa. Ele diz que é tudo mentira.

– *Isso* que é mentira.

– É – China não sabia o que fazer com a lata vazia. – É, isso é mentira.

Estendeu a mão para a sacola e soltou a alça de ombro que também prendia a abertura.

– Mas eu tenho aqui umas coisas que não são mentira, não.

Tirou para fora o cano de uma metralhadora M-60. Depois, tirou a parte de trás, montou a metralhadora rapidamente e a passou para o irmão ao lado dele. Tirou um AK-47 e fez a mesma coisa. Então, tirou uma pistola .45 e a deu para Henry. Por fim, tirou um segundo AK-47. Sorriu.

– Para os irmãos lá em casa.

Henry puxou para trás o receptor da .45 e olhou pelo cano. Seus dois amigos estavam mexendo de forma parecida nos AK-47, que eram raros na retaguarda.

Henry sorriu, quase com tristeza.

– Onde você consegue essa porra, China? – ele perguntou.

– A gente encontrou um depósito grande de munição. Eu e uns irmãos corcovamos até aqui com isso aí em pedaços. As partes da M-60 eu consegui só dizendo que a minha estava gastando, um pedacinho de cada vez, sabe como é, e a .45, essa é perda de combate. Era minha. Eu consegui uma nova pra mim.

Henry deu uma espécie de "hunnf".

China olhou para ele.

– Como assim, *hunnnf*?

Henry jogou a .45 nos pés do seu leito.

– Você acha que os irmãos nos Estados Unidos não conseguem arranjar arma pra eles? Porra, cara. É só eles aparecerem com dinheiro que eles conseguem todo o poder de fogo que quiserem. Você se esqueceu de quando vivia na porra da *Ah-mer-i-ka*, China? Tem mais arma na Ah-mer-i-ka que a sua mãe tem de namorado que ela não sabe o nome.

China lutou para controlar seu temperamento. A referência à sua mãe era um insulto típico das disputas amigáveis entre negros. Ele não deixaria Henry perceber o quanto havia chegado perto da verdade.

– Tudo ajuda, Henry.

– Ô caralho – Henry levantou-se e andou até uma cômoda de ébano da Indonésia, pesada e belamente entalhada, que ele havia comprado durante uma ida ilícita a Cam Lo. Era uma peça que fazia companhia a um baú igualmente pesado e ornado, com o qual ele havia substituído o seu baú padrão.

– Sem falar que, se a gente não voltar pro mundo real logo, esses irmãos lá em casa nem vão saber o que fazer com esse poder de fogo. Caralho, China. Eles tão matando uns aos outros pra ver quem vai ser professor de Estudos Negros na UCLA. Caralho. Se matando pra ver quem vai dar aula pra garotas brancas ricas e moleques chineses.

Ele girou um cadeado de número que prendia uma bela fechadura de prata em uma das gavetas.

– As mortes quem faz são os agentes do FBI infiltrados – disse China.

– Porra, China. Cai na real, hein. São Slausens matando Avenues.

Henry tirou a gaveta toda para fora, pousou-a na tela de aço que formava o chão da tenda e começou a tirar roupas e outros artigos. Então,

cuidadosamente removeu um fundo falso e fez um gesto para que China visse o que havia dentro. Havia dúzias de pequenos pacotes de plástico, alguns cheios de maconha, outros com blocos de haxixe e muitos com um pó levemente diferente, quase branco, que China imaginou que talvez fosse heroína. Henry colocou com cuidado o fundo falso em cima.

– O que cê acha que é isso, China?

China não disse nada.

Henry ajustou o fundo falso e apontou um dedo comprido e gracioso para a gaveta.

– Isso aí é poder *verde*. Eu posso fazer isso aí se transformar em tanta artilharia que daria pra gente começar a nossa própria guerra – começou a colocar as roupas e os outros artigos de volta dentro da gaveta. – Você pode trocar os seus AKs com um caipira lá na retaguarda em Da Nang por esses refrigerantes que você gosta tanto. Porra, China.

Os amigos de Henry caíram na gargalhada. Um deles enfiou a mão em um bolso lateral da calça e tirou um maço de notas de pagamento militar, sacudiu o maço levemente no ar enquanto sorria para China. Depois, voltou a enfiá-lo no bolso.

China se sentiu traído. E um idiota. Viu as expressões de zombaria dos amigos de Henry, que estava com a cabeça levemente inclinada para o lado e para cima, olhando para ele. China não desviou os olhos.

– Essa porra faz mal pros irmãos, Henry. O Malcolm X falou pra deixar essa merda de lado. Os Panteras falaram pra deixar essa merda de lado.

– Quem disse que eu tô vendendo essa porra pros irmãos?

– Não vai me dizer que só tá vendendo pros chucks.

– Não. Talvez não mesmo. E daí?

– Essa porra faz mal.

– Então a gente fode uns garotos brancos com ela. Gente que compra essa merda é só animal burro do caralho mesmo.

– É isso que a Máfia fala sobre vender essa porra pro homem negro.

– Aí, agora estamos quites.

China apertou os lábios.

– Cê tá dando todo o dinheiro pros irmãos lá em casa?

– O que você acha? – o tom de Henry era perigoso.

China não respondeu. Se o Henry estivesse, ele diria sim; se não estivesse, ele ainda diria sim. China sabia o momento de abandonar um assunto que precisava ser deixado de lado.

Olhou para as armas, perguntando-se o que fazer com elas. Henry interrompeu seus pensamentos e resolveu o problema.

– Ô, cara. Tá certo. Tá tudo certo. É só deixar isso aí com a gente e a próxima vez que um dos irmãos voltar pra Da Nang a gente troca por alguma coisa boa com os caras da Marinha e da Força Aérea. E a gente guarda o que a gente conseguir pra você da próxima vez que você sair da selva. Você agiu bem, irmão. Você tá tentando.

O tom paternalista de Henry aumentou a humilhação. China assumiu um tom exterior de tranquilidade.

– Tá. Ok. Eu tenho que voltar lá antes que sintam muita saudade de mim.

Ele se virou para os amigos de Henry e fez toda a dança da mão.

– E aí, irmãos, vocês fiquem numa boa.

– É. A gente fica. Você também, cara.

China escapou da tenda para dentro da noite morna. Sabia que, de muitos modos, havia sofrido uma séria derrota que não era só dele.

– Você é perpétuo, tenente Fracasso? – Jancowitz perguntou com a vista desfocada. Passava bastante da meia-noite e estavam bebendo fazia horas.

Fracasso parecia desconfortável. Ficar de porre com os homens na primeira noite não era como ele havia planejado assumir o comando como o novo tenente.

– O que você acha, cabo Jancowitz? – ele respondeu.

– Porra, tenente. Eu sei lá. Pode me chamar de Janco.

Jancowitz fez uma pausa, e Mellas quase conseguia ver seus pensamentos girando na cabeça do jeito que ele girava a cerveja na lata.

– Eu realmente gosto do Corpo de Fuzileiros – Fracasso respondeu com cuidado. – Nesse momento, eu estou pensando em ficar.

– Caralho, senhor – berrou Bass. – Já era hora da gente ter um tenente

que usa a cabeça.

Bass soluçou no momento exato para fazer com que todos rissem.

– Alguns perpétuos são gente boa – Jancowitz disse com muita convicção –, outros não são, não.

– É, pois é – disse Fredrickson. – Vou beber a isso.

– Pode beber mesmo, seu lula filho da puta – Jancowitz replicou.

– Eu disse que eu ia e eu vou, seu cabeça raspada filho da puta.

– E eu disse que pode beber mesmo. Ô, você é um lula bom pra caralho.

Jancowitz se virou, sorriu para todos e caiu para trás, desmaiado.

– Tá vendo, senhor? – Bass disse. – Nenhuma porra de resistência, ao contrário de nós, perpétuos.

– Acho que é isso mesmo, sargento Bass – Fracasso disse. Ele sorriu embaraçado.

Ficaram lá sentados em um silêncio cheirando a cerveja, então o silêncio foi rompido por um grito animalesco.

– Agente de narcóticos, filho da puta, veado. Eu mato ele. Eu mato ele!

Um dos grupos na frente da tenda grande explodiu em movimentos violentos. Fracasso correu imediatamente para a luta. Mellas estava tão enjoado e cansado que mal conseguiu se levantar, mas foi se arrastando atrás de Fracasso.

Quando chegaram lá, um cara novo estava caído de costas com o rosto sangrando bastante. Mellas viu os tocos dos seus dois dentes da frente quebrados. De pé em cima dele e ofegando estava o China. Ele tinha uma ferramenta-T na mão.

– Caralho, já não cansou de luta, China? – Jacobs gritou. Ele se atirou através do pequeno círculo para cima de China e os dois caíram no chão.

– Ele tá com uma faca, irmão. Ele tá com uma faca.

Mellas atravessou a multidão e pulou em cima de Jacobs o mais forte que conseguiu. Viu Cortell, com sua testa alta brilhando, vir na direção de China e agarrá-lo. Sem nenhum sinal, os dois fuzileiros pararam de se sacudir.

– Alguém sangrando? – Mellas respirava pesadamente.

– Ah, porra, senhor – disse Jacobs. – Eu não tô com nenhuma faca.

Ele abriu a mão, presa no chão por Mellas. Havia uma gaita suja de lama dentro dela. Várias pessoas riram.

– Primeira vez que ouço falar de assalto com uma gaita mortal – Mellas disse. – Vocês dois estão calmos agora?

– Sim – China murmurou.

– Ele não precisava bater no outro com uma ferramenta-T, porra – Jacobs disse.

– DIC do caralho – disse China. Ele se referia à Divisão de Investigação Criminal. – Babaca filho da puta, não merece viver.

Mellas levantou e ajudou Jacobs a se erguer.

– Como você sabe que ele é do DIC? – Mellas perguntou para o China, ignorando os gemidos do homem no chão. Cortell ainda segurava o braço de China.

– É dos narcóticos. Dá pra farejar esses veados.

– Ele perguntou se você tinha droga ou algo assim? – Mellas perguntou.

– É. Ele pediu droga pra mim.

– Talvez ele só quisesse um pouco. Isso não passou pela sua cabeça?

– Por que ele pediu pra *mim*, hein? Por que pediu pra *mim*? A porra dum chuck pedindo droga pra um splib. Caralho, cara. Eu nem mexo com essa merda.

Mellas olhou para a figura no chão e se curvou para ela. Fredrickson já estava abrindo caminho com o seu kit para começar a consertar o sujeito. Se ele fosse para a estação de ajuda do batalhão, estariam fodidos, e a companhia perderia tanto o China quanto Jacobs. Os dois eram muito bons para irem embora.

– Ei – Fredrickson disse para o homem no chão. – Como é que você se chama, hein? Está me ouvindo?

O homem grunhiu um nome.

– Você está na Companhia Bravo? – Mellas perguntou.

O homem fez que sim com a cabeça.

– Você estava pedindo droga?

O homem fez que não.

– Ele tá mentindo, tenente – China gritou. O homem deu um grito rouco e foi na direção de China, mas tanto Fredrickson quanto Mellas o

seguraram no chão. China já estava com a ferramenta-T posicionada para dar uma pancada, com a ponta afiada na direção do homem. Provavelmente, o teria matado.

– Você é um idiota – Mellas disse baixinho para o homem no chão. Ouviu Bass espantando os fuzileiros, mandando que se afastassem do lugar da briga. Ele se virou para Jacobs e China. – Amanhã eu falo com vocês dois sobre isso. Agora vão dormir.

Fracasso estava lá parado com a boca bem aberta.

– Ei, Fracasso, não se preocupa com isso – Mellas disse. – Eles só estão liberando a raiva.

Olhou para o homem no chão. Não tinha ideia se ele era do DIC ou não, mas uma coisa era certa: ele não podia ficar na companhia.

– Ei, escuta, seja lá qual for o seu nome, eu vou transferir você para fora da companhia. A gente arranja isso, não se preocupa. É só você não falar nada e essa briga nunca vai entrar nos relatórios, tudo bem?

– Eu não faço acordos – o homem disse, cuspindo sangue.

Bass gritou:

– Hein? – ele saltou em cima dele. – Você não fala assim com o tenente, está entendendo?

Começou a bater a cabeça do homem contra o chão, chacoalhando o corpo com os seus antebraços curtos e sólidos.

– Está entendendo, seu porra?

O homem não podia responder, porque sua cabeça estava sendo batida no chão.

Finalmente Bass parou e começou a falar bem baixo e bem rápido, montado em seu peito.

– O tenente aqui só ofereceu duas coisas pra você. Sua próxima promoção, se você quiser uma, e a porra da sua vida, porque, pode acreditar em mim, seu furtivo filho da puta de um DIC, você não sobreviveria uma hora numa operação se não fizer um acordo.

– Ok – o homem gemeu.

Eles o levaram para a tenda de suprimentos, onde Fitch cansadamente examinava a papelada atrasada à luz de uma única vela. Fitch mandou-o de volta para a retaguarda com uma carta para o primeiro-sargento Seavers

na manhã seguinte, e nunca mais ouviram falar dele. Bass puniu tanto Jacobs quanto China tirando os dois da posição na fila para o serviço de messe.

Na manhã seguinte, a companhia se moveu para um amontoado de tendas frouxas que margeavam uma pista de decolagem secundária. Do outro lado da pista, um riacho passeava por um largo vale. A Base de Combate Vandegrift ficava no meio desse vale, entre elevações cobertas de selva a leste e oeste. Do outro lado do riacho, em um morrinho, ficavam os bunkers e as antenas de rádio da Força Tarefa Oscar. Ninguém na companhia sabia o que ela fazia. Os fuzileiros podiam ouvir o som do gerador que dava energia para o ar-condicionado e as luzes elétricas. De vez em quando, chegava um helicóptero do Exército, um oficial do Exército de alta patente era recebido por alguém em um jipe e transportado duzentos metros adiante para o bunker com ar-condicionado ou para o pequeno clube de oficiais ao lado dele. Civis, parecendo gordos e desconfortáveis nos uniformes do Exército sem insígnia, vinham também; eram provavelmente da AID ou da CIA, ou jornalistas com medo de irem para a selva.

Seguindo o riacho no sentido contrário à corrente, havia um contingente de tropas sul-vietnamitas que aparentemente também não fazia nada. Os fuzileiros o observavam com hostilidade visível, odiando-o por estar parado enquanto outros morriam lutando suas batalhas, odiando-o porque a sua própria existência servia como parte da mentira que havia levado as tropas americanas para o Vietnã em primeiro lugar. Era mais fácil odiar uma parte visível da mentira do que odiar os mentirosos, que, afinal, eram seus próprios compatriotas: os civis gordos norte-americanos e militares de retaguarda que andavam de lá para cá com suas maletas, seus rostos suados e suas pistolas brilhantes nunca usadas. Mas os fuzileiros os odiavam também. Alguns fuzileiros odiavam o Exército Norte-Vietnamita e alguns não, mas pelo menos o ENV tinha o respeito deles.

Absorvidos pelo trabalho de colocar as tendas em forma e limpar as

trincheiras, os fuzileiros da companhia conseguiam esquecer durante algum tempo que estavam esperando para ser largados em combate. Mas sempre que um jipe vinha fazendo a curva da estrada um pouco mais rapidamente do que o normal, ou um helicóptero passava disparado por cima de suas cabeças, o medo e a apreensão voltavam.

Mellas aproveitou a oportunidade oferecida pela sua nova posição para perguntar a Fitch se podia acompanhá-lo no próximo *briefing* do batalhão. Fitch aceitou. Na manhã seguinte, os dois entraram na tenda grande que também servia de capela e sentaram-se em cadeiras dobráveis. Hawke se juntou a eles. Havia raspado o bigode, e a visão quase fez Mellas lançar-lhe uma careta. Era um sinal claro de que Hawke estava cedendo às mesquinharias da retaguarda. Ele também usava botas novas e polidas. Mellas assobiou e apontou para elas. Hawke mostrou o dedo do meio.

O major Blakely entrou na tenda e disse a todos que ficassem em posição de sentido. O coronel logo entrou, andando acelerado, acenando a Blakely para que começasse a reunião. Todos sentaram. Mellas olhava de lado para Hawke, tentando mostrar o nojo que sentia das estruturas formais de hierarquia e privilégio. Hawke preferiu não notar.

Blakely ficou em pé, com as costas para o altar rústico de madeira, e anunciou a disposição das companhias. Então os suboficiais administrativos começaram a ler seus relatórios. Alguns deles pareciam quase iletrados, mas outros eram altamente eficientes e profissionais, fazendo sugestões que Mellas percebia serem cruciais para a operação da retaguarda do batalhão. O padre Riordan, o capelão da Marinha, levantou e anunciou os próximos serviços para as várias denominações, tentando ser só mais um dos rapazes.

No momento designado a ele, o sargento Knapp se levantou, seu corpo levemente arredondado preso em um uniforme de camuflagem engomado. Começou sua parte do *briefing*.

– Cavalheiros, equipe de suboficiais – ele disse. – Com o batalhão inteiro vindo pra cá, o comandante do batalhão sente, e eu concordo, que devemos ser extracuidadosos com nossos parâmetros quanto à aparência. Quero que cada suboficial administrativo faça os homens parecerem o A.J. Squaredaway. Notamos particularmente um aumento de miçangas, emblemas, nós de forca e bigodes – Knapp olhou diretamente para Fitch e

Mellas. – Bigodes são um privilégio dos E5 pra cima. Devem ser mantidos aparados e não passar dos cantos do lábio superior. Agora, eu sei que não temos tantos E5 quanto temos bigodes – ele riu bem-humorado –, portanto vamos nos livrar dessas coisas. Vou falar diretamente com todos os suboficiais administrativos quando as companhias chegarem.

Knapp sorriu, virou-se para Blakely e sorriu de novo.

– É tudo que tenho por hoje, senhor.

– Obrigado, sargento-mor – Blakely disse e se virou para Simpson. – É todo seu, senhor.

Simpson assentiu e andou até o púlpito para se dirigir ao seu comando. Suas mangas estavam dobradas com cuidado e as folhas de prata brilhavam no seu colarinho, perto da pele enrugada e vermelha do pescoço. Para Mellas, ele parecia um gnomo irritável. Um gnomo de pescoço vermelho com um sotaque caipira da Geórgia, tentando agir como pessoa de classe.

– Cavalheiros, suboficiais administrativos – ele começou. – O primeiro batalhão vai ter uma porra de chance de respirar. Depois, vamos passar pra próxima operação. Eu não posso contar pra vocês o que essa operação vai ser, mas tenham certeza de que vamos estar na selva, seja como companhias individuais, cumprindo nossa tarefa constante de atacar o inimigo, interditando suas rotas de suprimentos, descobrindo seus hospitais e depósitos de munição, seja – ele fez uma pausa significativa – trabalhando como deveríamos, como um batalhão inteiro em massa, arrebentando os viets com um grande ataque contra as linhas de suprimento norte-sul deles.

Fez uma pausa para olhar seus homens. Mellas estava afundado na cadeira, mexendo em um pedaço de pele da selva na sua mão. Fitch escrevia algo na sua caderneta. Hawke olhava para a frente sem expressão.

– Cavalheiros – Simpson continuou –, no momento estamos em circunstâncias felizes. Até a noite de amanhã o batalhão inteiro, menos um pelotão que está guardando a ponte de Khe Gia, vai estar aqui na Base de Combate Vandegrift. Eu decidi que é uma oportunidade esplêndida de termos uma noite formal de messe, um encontro dos oficiais do batalhão em uma noite de camaradagem e companheirismo. A noite da messe vai acontecer às dezoito horas, com coquetéis na minha tenda, de onde vamos para a messe dos oficiais às dezenove horas, para uma refeição que, eu

tenho certeza, o aspirante a oficial Hansen vai ter preparado como se fosse servir um rei. Quero que todos tenham o máximo de cuidado na aparência.

Houve silêncio na tenda. Alguns sorriram nervosamente. Os sargentos administrativos, que não haviam sido convidados, eram os que pareciam mais desconfortáveis. Mellas se inclinou para olhar Hawke e abriu bastante a boca para fingir que estava exageradamente chocado. Hawke ignorou-o.

O major Blakely se ergueu.

– Tenho certeza de que os oficiais que virão da selva, e é claro que todos nós aqui, vamos esperar pela noite de quinta ansiosamente. Não sei se os oficiais mais jovens têm consciência disso ou não, mas a tradição da noite de messe remonta ao tempo de nossos predecessores, os Royal Marines. Ter a oportunidade de fazer isso e, ao mesmo tempo, passar pela experiência intensa de combate é uma coisa que nenhum de nós jamais vai esquecer.

– Pode apostar – Mellas sussurrou, olhando para a frente. Esperava alguma resposta de Hawke, mas não teve nenhuma. Hawke havia tirado sua caderneta e estava escrevendo nela com uma expressão de concentração no rosto.

Depois que a reunião se dispersou, Mellas parou Hawke logo do lado de fora da tenda.

– Que porra aconteceu com seu bigode? – perguntou.

– Caiu. O que você acha que aconteceu?

– Também não precisava raspar seu senso de humor junto com ele.

– Olha, Mellas, a porra do Three e o coronel estão malucos com essas miçangas, bigodes, cabelos de *hippie* e laços de forca, então todo mundo no batalhão teve que raspar. Eu estou no batalhão. Lembra?

A raiva de Mellas com relação ao coronel veio à tona.

– Qual o sentido, porra? É uma coisinha que esses caras podem fazer pra ter algum sentido de orgulho, e esses bostas mesquinhos de retaguarda não deixam eles terem nem isso.

– Olha, espertinho – Hawke disse –, se você irritar muito o coronel e o Three, vai acabar se metendo em confusão. Eles já estão putos pra caralho.

– Putos com o quê?

– O Simpson anunciou pra todos – mais de uma vez – quais eram os objetivos da Companhia Bravo. Ele teve que reconhecer, na frente da

metade dos oficiais do regimento, que falhou todas as vezes por causa da Companhia Bravo.

– Foi ele que estabeleceu aquelas exigências esdrúxulas.

– Isso não vem ao caso agora, e você é inteligente o suficiente pra saber disso. O caso agora é que o coronel já deixou de ser promovido uma vez. Este batalhão é a última chance dele. Se ele não conseguir, vai ser culpa da Companhia Bravo. O Three é só uma versão mais jovem e mais inteligente do Simpson, e ele também não vai pensar duas vezes antes de fazer uns sacrifícios pra promover a carreira dele. E eu não estou falando de sacrifícios pessoais.

– Então eles estão todos fazendo política. Não é novidade pra mim.

– Não, aposto que não é mesmo.

Os dois ficaram ali se encarando.

– Estou tentando falar pra você, não se mete com esse cara – Hawke disse. – O primeiro batalhão não está nas graças do Mulvaney agora e o Simpson acha que a Companhia Bravo é o motivo disso. A carreira dele está nas mãos de vocês.

– Ele que se foda. Vou fazer tudo que puder pra impedir esse filho da puta de ser promovido.

Mellas começou a se afastar.

Hawke o segurou pelo ombro e o fez se virar para ele.

– Escuta o que eu estou dizendo, seu metido a besta de Ivy League filho de uma puta. Eu não estou nem aí pro que você faz consigo mesmo, mas você não vai foder com os garotos dessa companhia. Esses caras são meus companheiros e eu não vou deixar você ou qualquer outro foder com eles por causa de uma vingancinha pessoal. Não ligo a mínima pro quanto você acha que tem justificativa. Eu já fiz uma porrada a mais de operações idiotas planejadas por esse cara do que você – Hawke respirava pesadamente. – Vê se entende uma coisa só, senhor político: o coronel controla todos os helicópteros.

Hawke soltou a camisa de Mellas. Suas mãos tremiam. Mellas recuou, assustado. Ficaram parados olhando um para o outro, ofegantes. Mellas percebeu o quanto tinham chegado perto de uma briga física, o quanto ele estava com o pavio curto. Dava para ver que Hawke estava arrependido

também. Mellas queria estender a mão e tocá-lo, dizer que tinha sido um idiota. Não conseguia suportar a ideia de Hawke não ser mais seu amigo. As menções à sua formação e às suas aspirações haviam sido particularmente dolorosas.

– Eu vou falar com o Jim – Mellas disse. – A gente resolve isso. Eu não quis agir como um babaca.

Hawke olhava para os morros, não para Mellas. Procurou alguma coisa no bolso da camisa.

– Não acho meu charuto – ele disse.

– Melhor pra você – Mellas disse. – Quer ser mandado pra fora daqui e morrer de câncer uns anos depois?

– Você acredita nessa bobagem? – Hawke perguntou.

– Aham.

Olharam um para o outro, ambos conscientes de que estavam falando sobre a morte. Daí Hawke disse baixinho.

– Eu sou um babaca também às vezes. O coronel não é o único que tem ambição. Tá certo, eu queria a Companhia Bravo quando o Jim conseguiu ela. Eu tinha mais tempo na selva e o Jim cometeu uns erros que eu já tinha feito antes, e pagado por eles. E eu tive que ficar vendo tudo acontecer de novo – seus olhos ficaram vazios. Mellas sentiu que ele estava revivendo alguma cena terrível. Hawke voltou para o presente. – Eu não quero que isso aconteça de novo. Você sabe o que isso significa? As coisas que eu tenho que fazer pra jogar esse jogo?

Mellas assentiu.

– Ted, eu não quero a companhia. Eu só quero sair da selva.

– Vamos pelo menos não mentir um pro outro – Hawke disse.

– Ok – Mellas disse baixinho. – Eu também quero isso – e completou rápido: – Mas eu corcovaria contente sob seu comando, Hawke. De verdade. Eu não quero isso tanto assim.

– Eu também achava que não queria.

Houve um silêncio desconfortável.

– Eu tenho que voltar – Mellas disse depois de algum tempo.

– Ok.

Mellas se afastou, arrasado. Queria a amizade de Hawke da pior

maneira.

– Ei, Mel – Hawke chamou. Mellas, com as mãos nos bolsos de trás, virou-se para encará-lo. – O McCarthy e o Murphy estão voltando agora da selva. Sabe o comandante de pelotão que estava com aquele corpo quando a gente trocou de posição com a Alfa e a Charlie?

– Sim?

– Aquele era o McCarthy. Murphy é o cara grande que estava na ZP.

Mellas parecia um pouco perplexo.

– Com o tique.

Mellas assentiu.

– Esse é o time da turnê do mistério. Não quer vir junto? Eu pago por você.

– Claro – Mellas disse. – Mas que porra é uma turnê do mistério?

– É ficar de *porre*, Mellas.

Mellas sorriu docilmente.

– Que horas?

Quando Mellas chegou à companhia, foi saudado por vários cumprimentos sarcásticos.

– Tenente, vai mandar vir de casa o uniforme de gala pra amanhã à noite?

– Vocês, oficiais, vão ter que polir as unhas pra não estragar a prataria?

– Eles vão começar a mandar toalhas de mesa junto com as rações, tenente?

Mellas tinha que aguentar as piadas, e sabia disso. Uma noite de messe era uma ideia imbecil. Ele foi até sua mulher de borracha e deitou-se com uma cópia, com algumas páginas dobradas, do romance *A fonte de Israel*, de James Michener, que havia trocado por dois faroestes de Louis L'Amour. Tentou se afundar no antigo Israel.

Foi interrompido pelo China.

– Ei, senhor, a gente pode falar com o senhor um momento?

Um fuzileiro negro e alto estava atrás do China na entrada da tenda. Mellas fez um gesto para que entrassem.

– Qual é o problema? – ele perguntou.

– Hum, senhor – China disse, apontando para o amigo, – esse é o taifeiro de primeira classe Walker. A gente chama ele de Henry. Ele é da Companhia H&S.

– Oi, Walker – Mellas estendeu a mão e ele a apertou.

– A gente tem tipo um clube ali da gente – China continuou. – A gente se reúne de vez em quando. Ouve um sonzinho. O senhor sabe.

– Parece bom – Mellas disse, tentando parecer casual. Estava começando a se sentir desconfortável, principalmente com Walker, que o assustava. Decidiu ser direto. – O Cassidy disse que você estava envolvido com algum tipo de grupo de Poder Negro. É isso que ele quis dizer?

Os dois riram.

– O Cassidy – China cuspiu o nome para fora. – Aquele caipira de bosta não sabe a diferença entre o cu e as calças. Poder Negro. Porra. Esse é o nome de um movimento político e é isso que quer dizer. O Cassidy é um racista.

Houve um silêncio. Mellas se perguntou se devia dizer a eles que havia sido membro do CCNS, o Comitê Coordenador Não Violento dos Estudantes, que organizava estudantes para irem ao Sul registrar eleitores, quando era calouro em Princeton. Aquilo tinha sido antes de Stokely Carmichael expulsar os brancos e Mellas descobrir outras coisas para passar o tempo, como dirigir para Bryn Mawr.

China quebrou o silêncio.

– A gente só tem esse clube, só isso. Não é nenhuma baderna de Poder Negro nem nada. A gente já tem violência de sobra por aqui. E, além disso, o Poder Negro não é um troço violento. É pras pessoas negras se ligarem na política e no poder econômico. É sobre a *autoimagem* das pessoas e a *liderança* e exigir que a lei trate a gente do mesmo modo que trata os brancos. Isso parece terrível pro senhor?

– Parece justo pra mim – Mellas disse. Queria que China fosse direto ao ponto, mas estava com medo de forçar.

– Pois é, senhor. É justo. Olha, eu e o Henry aqui, a gente meio que organiza as reuniões e fazemos as diretrizes, entendeu?

A voz rouca de China parecia esconder sua indiferença interior. Mellas

podia ver um brilho de alegria em seus olhos, como se houvesse outro China sentado à parte da conversa, observando os três e se acabando de rir.

– Bom, senhor – China adicionou –, a gente quer tentar resolver alguns dos problemas entre negros e brancos aqui mesmo na nossa própria área. Entende, a gente recebe muito livro lá dos irmãos em casa, e muitos desses livros são coisa pesada, cara. Coisa *pesada.* Porra, eles estão defendendo violência mesmo.

– Eu sei – Mellas disse. – Já vi alguns desses livros.

– Bom, senhor – Henry disse –, alguns dos irmãos já aguentaram tudo que eles podiam. Entende o que eu quero dizer? Estão com tudo entalado aqui na garganta.

A raiva de Henry começou levemente a aparecer.

– Então, o Walker e eu, a gente estava falando ontem de noite – China interrompeu –, que talvez a gente pudesse fazer algo a respeito pra impedir os irmãos... – ele fez uma pausa. – Bom, pra gente impedir uma coisa tipo fragmentação.

Os olhos de Mellas pulavam de um rosto para o outro, procurando uma pista que o ajudasse. Isso nunca havia acontecido com ele antes, mas ele reconhecia o golpe da proteção quando via um. Decidiu bancar o burro.

– Vocês acham que alguém vai ser estilhaçado?

– A gente? – Henry disse. – Não. A gente não. Mas vai saber, isso pode acontecer. Você pega um cara que nem o Parker, sabe, aquele que eles corcovaram até a morte e não queriam mandar o resgate. O senhor lembra dele, tenente?

Mellas engoliu em seco, desejando que alguém voltasse da refeição para interromper a cena.

– A morte do Parker foi um acidente. Ninguém sabia o que ele tinha. Nós tentamos tirar ele de lá assim que pudemos.

– Assim que um garoto *branco* ficou doente – China disse. – E o garoto *branco*, esse escapa vivo.

– Não quero ouvir mais nada, China – Mellas disse. – O Challand quase morreu também, e não teve nada a ver com a cor da pele deles. Não quero ouvir mais nada. Eu tive que ver o Parker morrer.

– O que o China tá tentando dizer, senhor – Walker disse –, é que a

gente tá até aqui. Um monte desses caras não são tão inteligentes assim. E se mexerem com eles demais, eles vão acabar fazendo algo de que vão se arrepender depois.

China disse:

– Porque, porra, se tá tudo bem em matar um viet que nunca fodeu com você, então por que não matar a porra dum racista que tá fodendo com você todos os dias da sua vida? Faz toda a porra do sentido.

– É assassinato – Mellas disse.

– Assassinato – China disse. – Porra. Somos todos uns assassinos. Qual é a diferença de matar um homem amarelo ou um racista branco? O senhor explica pra mim, tenente. O senhor que foi pra faculdade.

– Eu não sei o que tudo isso tem a ver comigo – disse Mellas.

– A gente quer resolver as coisas antes que elas fiquem muito ruins – Henry disse com um sorriso fácil. – Quem sabe a gente não consegue impedir alguma coisa de acontecer.

– Continua – Mellas disse.

– O China tava me contando que alguns dos irmãos tão com raiva do Cassidy. Talvez alguns deles percam a paciência e façam alguma coisa que vão deixar eles encrencados. A gente quer evitar essas encrencas, só isso.

Mellas lançou uma olhada rápida para a abertura da tenda e esperou que Henry continuasse. Nem Henry nem China disseram mais nada.

– Bom, isso faz parte do meu trabalho – Mellas finalmente disse. – Evitar encrenca. Como eu posso ajudar?

– Nada muito difícil – disse China. – Talvez só falar com o Cassidy e mandar ele pegar leve com os irmãos. E talvez falar pra ele pedir desculpas.

– Pedir desculpas? – Mellas riu com nojo. – Que chances vocês acham que eu tenho de convencer o Cassidy a pedir desculpas? E pelo quê?

– Que tal arrebentar os dentes de um homem com a coronha de uma metralhadora? – China falou.

Henry completou:

– E talvez você possa falar com alguém pra que nenhum dos irmãos sirva à mesa pra vocês que nem a porra de uns escravos amanhã de noite.

– Olha, Walker, eu não tenho nada com isso. Eu discordo disso e não tenho a intenção de ir.

– Você que perguntou como é que pode ajudar. Evitar encrenca. Puta que pariu.

– Walker, eu não vou aceitar que você fale assim comigo.

– É claro. Porque você é um oficial e eu sou um taifeiro preto.

– Não foi isso que eu quis dizer.

– Porra, cara – Henry se virou para o China. – Que besteira é essa que você falou? Ele não é diferente dos outros.

As orelhas de Mellas estavam ardendo. Ele olhou para o China.

– O motivo da gente vir aqui, tenente Mellas – disse China –, é porque a gente achou que o senhor era o único com quem dava pra falar.

– Eu aprecio isso, China – Mellas disse. – Eu vou tentar ajudar. Só não me pressiona.

– Não estamos pressionando ninguém – China disse. – A gente só tá tentando *explicar* a situação, só isso.

China olhou para Henry, e depois de volta para Mellas.

– A gente tá até aqui, senhor – ele falou.

– Eu vou ver o que eu posso fazer – Mellas disse.

Os dois saíram. Mellas pegou seu livro, mas achou difícil continuar lendo. Ficou olhando para a capa, seu corpo vibrando da eletricidade do encontro e a conversa sobre violência. Mas, ao mesmo tempo, também estava levemente satisfeito. Os irmãos haviam recorrido a ele.

Depois da refeição, Mellas andou até a tenda frouxa atrás do centro de operações de combate. Já estava escuro, e uma garoa suave caía. Ele se sentia bizarramente contente. Talvez fosse por causa do bife com batatas que havia comido ou do café fumegante que havia tomado para ajudar o bife a descer. Tropeçou em vários tocos de árvores explodidas e em uns dois cabos de sustentação antes de conseguir entrar na tenda. Hawke estava sozinho, sentado na cama polindo suas botas novas à luz de uma vela. Só três dos seis leitos tinham colchões. As velhas botas gastas de Hawke estavam dispostas simetricamente embaixo do leito.

– Pra que está polindo as botas? – Mellas perguntou. – Acabou de receber.

– Vou ganhar uma medalha – Hawke disse sem erguer os olhos.

– Ei, caralho. Supersensacional. Qual você vai ganhar?

– Estrela de Bronze.

– Hipersuperfantástico, Jayhawk – Mellas fez o gesto do Poder do Gavião e sorriu. A ideia de Hawke ganhando uma medalha o enchia de orgulho.

– É – Hawke disse, tentando reprimir um sorriso –, eu estou meio orgulhoso disso.

– O que você fez? – Mellas perguntou.

– Ah, aquela porra lá de sair correndo no descampado e chamar a artilharia pra atacar a artilharia dos viets em Co Roc que estava acabando com a gente em Lang Vei.

– Eu ouvi falar disso, na verdade – Mellas falou.

– Sério?

– No primeiro dia em que eu entrei na Companhia Bravo em Quang Tri. Os funcionários estavam falando sobre isso.

– Caralho – Hawke se permitiu um sorriso. – Você sabe, Mel, eu costumava achar que medalha era besteira e que eu nunca ia querer uma. Eu estava errado. Você acaba pegando os valores do lugar onde você está, imagino. Então, eu estou orgulhoso disso. E estou com vergonha por isso. Eu conheço um monte de caras que fizeram o que eu fiz e não ganharam nada. Geralmente soldados. E também tem o oficial de campo que comandava mediocremente um depósito de suprimentos em Da Nang e ganhou a mesma coisa.

Ele começou a polir a bota com fúria.

Finalmente pôs a bota brilhando no chão e enfiou a mão por baixo do leito para pegar as velhas botas da selva. Ele as vestiu, sorrindo sombriamente, depois pôs as mãos nos joelhos e olhou para Mellas.

– Estou cansado de esperar por aqueles dois veados irlandeses. Eu tenho seis engradados de cerveja e uma garrafa de Jack Black. Vamos tomar um porre.

– Por mim, ótimo – disse Mellas.

– Turnê do mistério! – Hawke berrou com toda a força dos pulmões e fez a dança do gavião. – Turnê do mistério!

Tirou a garrafa de *bourbon* da mochila e encheu com ela duas canecas brancas de café. Ergueu uma das canecas para Mellas, e nesse momento a aba da tenda se abriu e a entrada foi preenchida pelo vulto enorme de Jack Murphy. Mellas vira Murphy pela última vez em um sono de exaustão na ZP para a qual a Bravo tinha voado a partir do Matterhorn. Atrás dele vinha McCarthy. Mellas tentou afastar a imagem de McCarthy tremendo e pedindo um cigarro, seus homens se arrastando para se juntar a ele com o corpo balançando entre eles. Daí viu Williams. E depois Parker.

– Ei, ei, ei – McCarthy passou na frente de Murphy e ele e Hawke começaram a fazer uma dança barulhenta.

– Vocês dois já conhecem o Mellas – Hawke disse, parando para despejar *bourbon* em mais duas canecas. McCarthy mostrou um quinto de vodca. Murphy tinha meio pint de uísque escocês e várias latas de sardinha com azeite de oliva, além de um pacote de bolachas de água e sal.

Uma hora depois estavam rindo descontroladamente enquanto Mellas esfaqueava uma das latas de sardinha com a Ka-bar de Hawke. Depois de algum tempo, em um ataque de raiva, ele começou a esfaqueá-la às cegas, esguichando azeite de oliva no seu rosto e na testa.

– Porra, Mellas, desiste – McCarthy dizia, rindo.

Depois de mais facadas furiosas, Mellas pegou a lata escorregadia e bateu com ela na testa.

– Aaahhh – ele suspirou enquanto o azeite escorria do seu queixo. Sentou no chão da tenda, com as costas apoiadas no leito de Hawke, e fechou os olhos.

– Porra, Mellas – Hawke berrou com ele –, não vai dormir agora, a gente tá só começando.

Ele começou a dar uns tapinhas de leve no rosto de Mellas, que abriu os olhos e foi sorrindo devagar. Hawke derramou cerveja em cima da cabeça de Mellas.

– A gente ainda tem trinta e seis cervejas pra acabar.

– Vai se foder, Hawke. Eu só estava descansando o olho.

Ergueu os olhos para os três amigos. Sabia que havia sido aceito pelo grupo.

Maravilhosamente, insensatamente bêbados duas horas mais tarde, os quatro tenentes estavam dando corridinhas furtivas até os veículos estacionados do regimento, tentando não rir. Hawke os liderava com sinais manuais aprendidos na Escola Naval, fazendo tudo exatamente como devia. O alvo deles era um caminhão de meia tonelada.

– Porra, abaixa aí, Murphy – Hawke sussurrou.

Murphy gargalhava como uma criança.

– Equipe de artilharia no assalto. Prontos? – Hawke ergueu o braço. – Avante!

Ele apontou para o caminhão e os quatro correram para ele. Mellas e Murphy subiram na traseira enquanto Hawke e McCarthy entravam na cabine e ligavam o motor. Eles saíram estrada abaixo na direção do clube de oficiais do regimento.

Meia-hora mais tarde, o filme no pequeno clube de oficiais foi interrompido por uma figura gesticulando violentamente, tentando abraçar a mulher na tela. A tela despencou com um estrondo. Tentando escapar no escuro, Murphy tropeçou em um fio elétrico e puxou o projetor para fora da mesa. Hawke gritava: "Recuar! Recuar! Abandonar navio!". A turnê do mistério correu para a porta pela qual havia entrado cambaleante vinte minutos mais cedo. Murphy entrou em pânico, ainda enrolado no fio elétrico. No escuro e na confusão, ele errou a porta por meio metro e arrebentou aproximadamente três metros quadrados de rede de proteção contra insetos.

Enquanto os quatro tenentes entravam no caminhão, vários oficiais berravam atrás deles, igualmente bêbados. Um deles tirou uma pistola e atirou para cima. Ele e dois outros vultos escuros entraram em um jipe e saíram em perseguição.

O homem com a pistola a sacudia em cima da cabeça, rindo e gritando: "Sabotadores! Sabotadores! Estupro e rapina na aldeia!". Estava prestes a atirar mais duas vezes para cima quando o jipe saltou por causa de uma vala e o motorista fez uma curva abrupta. A força da curva e da gravidade puxou a .45 para baixo enquanto ela disparava.

McCarthy, na cama do caminhão com Mellas, grunhiu e desabou no

chão.

Mellas ficou imediatamente sóbrio – e muito assustado. Ele sabia que estavam encrencados. Ele chutou a janela traseira da cabine do caminhão e berrou para Hawke, que estava dirigindo.

– O McCarthy foi atingido. Porra, a gente precisa tirar ele daqui.

Hawke se virou para falar com Mellas. O branco dos seus olhos era muito visível. Depois ele olhou para trás na estrada.

– O McCarthy foi atingido, eu estou falando.

Hawke desviou o caminhão para fora da estrada, sacolejando na subida de um morro ao passar por cima de alguns arbustos baixos. O caminhão bateu em um toco de árvore estourado, jogando Murphy contra o vidro da frente e esmagando Mellas contra a traseira da cabine. McCarthy deslizou para a frente, comprimido contra Mellas.

Eles correram para fora e arrastaram McCarthy para os arbustos, lutando para subir o morro. O jipe passou correndo por eles lá embaixo na estrada.

– Por que vocês estão me carregando? – McCarthy perguntou de repente.

– Você não levou um tiro? – Hawke perguntou.

– Aquele veado atirou no meio pint que eu estava guardando pra reentrada. Tem vidro na porra da minha bunda.

Eles o jogaram no chão com desprezo. McCarthy riu e se ergueu balançando. Os quatro andaram pelos arbustos, chegando por fim a uma clareira. Uma voz assustada berrou um desafio.

Eles se jogaram no chão imediatamente.

– Não atira – Hawke gritou. – Você vai estar fazendo para seu país e para o Corpo um grande desserviço.

– Pode ser que eu faça, seu filho da puta – a voz gritou de volta. – Só que o Corpo não é meu porra nenhuma. Eu sou do Exército. Se vocês chegarem mais perto, eu atiro.

– Onde é que a gente está, caralho? – Mellas gritou.

– Você acha que eu vou falar, seu viet filho da puta?

– Eu, um viet filho da puta? – Mellas disse para os outros em voz baixa. Eles estavam todos rindo.

– Ei, *sodado amelicano* – Hawke chamou –, eu educado em *Plinceton*. Você não *atila compatliota*, né. Isso *númelo* dez. Você *númelo* um.

– Vocês são americanos mesmo?

– O que você acha, babaca? – Hawke gritou agressivamente. – E o papa é católico? E os cachorros lambem as próprias bolas?

Um foguete de iluminação explodiu, lançando sombras verdes trêmulas e sinistras na paisagem. Os quatro tenentes abraçaram o chão. Mellas conseguiu vislumbrar os canos compridos de uma bateria 175 do Exército, que obviamente fazia sua própria segurança dentro das principais linhas defensivas da BCV.

– Prova que vocês são americanos – a voz gritou.

– Como, porra? – Hawke gritou de volta.

– Responde as minhas perguntas.

– Tá bom, mas não pergunta nada sobre a merda de beisebol. Eu odeio essa merda de beisebol.

– Tá bom, de onde vocês são?

McCarthy riu.

– Deixa eu – ele sussurrou. – East Padua – berrou. – Sabe onde é?

– East Padua? Não.

Hawke interrompeu.

– Ei, burro, você tem que fazer as perguntas.

Houve um silêncio.

– Ok, quem é o secretário do Exército?

– Não sei – McCarthy respondeu.

– Tá, então quem é o secretário de Defesa?

Murphy respondeu:

– Porra, quem se importa?

– Eu me importo – a voz respondeu.

– Não sei – McCarthy falou.

– Quem é o presidente então?

– Você venceu – McCarthy respondeu. – Eu sou um viet.

– Vocês devem ser fuzileiros mesmo. Ninguém mais pode ser tão burro. Podem vir pra cá.

Uma hora mais tarde, a turnê do mistério estava em descanso. McCarthy e Murphy haviam desmaiado nas molas expostas de duas camas vazias. McCarthy jazia nu da cintura para baixo e sua nádega e sua coxa direita estavam avermelhadas de mercurocromo. A bala havia arrancado um pequeno pedaço de carne da nádega direita. Cacos de vidro estavam espalhados pelo chão. Murphy havia feito a cirurgia derramando vodca no traseiro de McCarthy e tirando os cacos com sua Ka-bar. Mellas aquecia café em um pedaço de C-4; havia vomitado e seu rosto estava pálido. O café era para Hawke, que precisava estar sóbrio o suficiente para ficar de guarda em uma hora. A primeira turnê do mistério de Mellas havia acabado. Parecia muito bom fazer parte dela.



A manhã começou com os latidos e tossidas de um motor e o estrondo das correias de um tanque se dirigindo ao portão norte da Base Vandegrift para escoltar os caminhões de provisões vazios que estavam retornando para Quang Tri. Logo o rugido dos motores de caminhão vibrava através do solo e alcançava a plataforma de madeira da barra, fazendo tremer a cabeça dolorida de Mellas. Pallack, que ficara com o último turno da guarda do rádio, acendeu uma bolinha de C-4 para ferver o café. Um brilho incandescente preencheu a barraca.

Mellas xingou Pallack em voz baixa e puxou o forro do poncho sobre a cabeça. Fitch rolou e ficou de costas encarando o teto da barraca. Os outros, todos completamente vestidos, mesmo com botas, mexeram os membros endurecidos e rolaram para fora dos colchões de ar no chão sujo de madeira.

– Aconteceu alguma coisa aí na rede? – Fitch perguntou.

– Nem – Pallack respondeu. – Mesma coisa de sempre. Uns superfuzileiros entraram numa enrascada lá no norte de Sky Cap.

Fitch olhou rapidamente para Daniels, que tirou o mapa para fora. Resgatar equipes de patrulha era a missão primária de uma companhia Bald Eagle-Sparrow Hawk.

– É só isso que você sabe deles? – Fitch perguntou. Mellas ficou deitado, ouvindo sob o forro do poncho.

– Porra, chefe. Eles não me dizem o que tá acontecendo em todo o Corpo. O sinal de chamada é Peachstate. Tá cheio de viets em volta deles e eles não podem se mexer sem entregar a posição pros viets. Toma as coordenadas.

Fitch e Daniels olharam as coordenadas no mapa.

– Exatamente onde Mellas achou que fosse – Fitch disse.

– Talvez eles vão usar artilharia e puxar eles de lá, chefe – Daniels disse.

– Porra – Pallack disse –, não vai me dizer que eles estão esperando que *a gente* tire eles da merda.

– Por que você acha que a gente tá aqui sentado, porra? – Fitch disse. – Os artilheiros foram todos retirados para a operação Cam Lo. Se eles se encrencarem, nós somos lançados.

– Que merda. Se eu soubesse, teria ficado assustado ontem à noite.

Mellas gemeu, jogou o poncho longe e desapareceu para fora da barraca.

– Qual é a dele? – Fitch perguntou.

– Ele pegou o problema do Mallory – Pallack disse.

– Ahn?

– Cabeça ruim.

Fitch foi para o COC ficar de olho em Peachstate. Por volta do meio da manhã, saiu a notícia para colocar a companhia em estado de espera. A cabeça ruim de Mellas ficou pior. Todo mundo ficou lá sentado. Aguardando. Observando o céu. Esperando ouvir o som dos helicópteros. Todos os rádios de reserva foram sintonizados na frequência do batalhão de patrulha para que a companhia pudesse saber do progresso da equipe. Cassidy passou as máquinas de raspar para os líderes de esquadrões.

À uma da tarde, Peachstate fez uma tentativa para escapar. Às duas e quinze, foram resgatados por um Huey e escaparam com apenas um homem ferido. Por volta das três, os fuzileiros da Companhia Bravo estavam novamente enchendo sacos de areia na Força-Tarefa Oscar, ora resgatando cavaleiros, ora resgatando camponeses.

Mellas foi ver o sargento-mor Knapp na barraca que servia de escritório do batalhão. Bateu fortemente na abertura com armação de madeira e ouviu Knapp dizer "Entre!". Era mais um comando que um convite.

Mellas entrou tirando o boné. Knapp levantou o olhar de um relatório e rapidamente se levantou. Isso deixou Mellas constrangido. O sargento tinha

idade para ser seu pai.

– Sim, senhor. Posso ajudá-lo, senhor? – Knapp perguntou.

– Espero que sim, sargento-mor – Mellas respondeu. – Posso sentar?

– Claro.

Sentaram-se, e Mellas ficou mexendo um pouco no boné, ensaiando as palavras que já tinha planejado. Esperou Knapp dizer algo primeiro para quebrar o silêncio, deste modo ele se colocaria numa leve vantagem de poder estabelecendo uma obrigação inconsciente da parte de Knapp para tornar a situação favorável. Mellas entendia claramente que um segundo-tenente superava em teoria um sargento-mor na hierarquia, mas não no poder. Um sargento-mor no Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos não aturava merda de ninguém. Isso seria complicado.

Mellas percebeu que Knapp lutava para se lembrar de que companhia ele era. Finalmente, Knapp disse:

– Achei que a turma de vocês ia ter de salvar aquela equipe de patrulha. Chegou perto.

– Perto demais – Mellas respondeu. – Mas eu quase prefiro ser lançado de cara do que ficar esperando na pista – Mellas riu casualmente. Ele teria ficado esperando na pista para sempre, e sabia disso.

– Eu entendo o que você quer dizer, senhor.

Mais uma vez, Mellas esperou.

– Então, como posso ajudar, senhor?

– Sargento-mor, é sobre o sargento Cassidy, o nosso sargento armeiro.

– Não acredito que ele esteja causando algum problema.

– Bem, eu não sei exatamente como dizer isso, mas temo pela vida dele.

– Como assim? – o sargento-mor se inclinou na cadeira, apertando um pouco os olhos para Mellas, obviamente não gostando do rumo da conversa.

– Podemos considerar tudo o que eu disser em total confidência?

O sargento-mor Knapp hesitou.

– Desde que não viole o Código Regular de Justiça Militar – disse, cuidadosamente.

– Ok – Mellas fez uma pausa dramática. – Na última operação, foi realizado um atentado contra a vida do sargento Cassidy. A pessoa envolvida, o soldado raso de primeira classe Parker, deixou escapar isso na

manhã em que morreu de malária cerebral. Cassidy nunca falou nada sobre o assunto. Eu nunca perguntei. Logo, não existe nenhuma acusação. Já que o litigante em questão está morto, não vejo nenhum motivo para realizar uma investigação. Você vê?

O sargento-mor hesitou.

– Isso pode ser uma violação do código.

– Não haveria testemunhas. Nenhuma acusação formal. Apenas chamaria atenção para a tensão de cunho racial entre um dos sargentos e um soldado negro que morreu porque um helicóptero de resgate foi recusado no dia anterior por uma ordem do batalhão.

O sargento-mor sacudiu a cabeça para trás, quase imperceptivelmente.

– Sim, entendo o que você quer dizer.

Mellas continuou.

– Eu tenho informação de certas fontes próximas aos elementos negros mais radicais de que o sargento Cassidy ainda está em perigo.

Knapp respirou fundo pelo nariz, seus lábios apertados. Exalou.

– Posso perguntar por que, senhor?

– O sargento Cassidy não é exatamente diplomático no modo como ele faz que realizem um trabalho – Mellas sorriu. – Especialmente com negros.

Knapp sorriu de volta.

– Entendo o que você quer dizer.

– Penso que a melhor coisa a fazer seria transferi-lo para fora da companhia – Mellas disse. – Eles estão pedindo certas mudanças e um pedido de desculpas de Cassidy. Acho que não preciso dizer que são poucas as chances de isso acontecer.

– Ele faria se recebesse ordens.

– Sim – Mellas disse. – E o que isso significaria para a autoridade do resto dos suboficiais?

– Sim. Entendo.

Mellas o deixou digerir essas palavras antes de continuar.

– Cassidy não precisa saber nada sobre a transferência. Isso desarmaria a situação. Se nós investigarmos, vai saber onde vamos acabar?

– E o tenente Fitch? O que ele acha disso tudo?

– Você e eu somos os únicos que sabem. Você sabe que isso deixaria

Fitch numa situação difícil, e o coronel também, aliás. O coronel seria obrigado a iniciar uma investigação formal.

– Sim. Entendo, senhor – Knapp batucou suas bem cortadas unhas na mesa de madeira compensada. Coçou a nuca. – Eu poderia ter alguém para me ajudar a cuidar das equipes de trabalho aqui na área de segurança. As linhas provavelmente terão de ser expandidas, e bunkers terão de ser construídos. Muitas coisas devem ser consideradas ao cuidar de um lugar como esse, sabe.

– Com certeza eu entendo isso, sargento-mor. É incrível o quanto tem de ser feito, e porra, ninguém reconhece – Mellas riu de leve. – Eu me lembro de quando eu era um zagueiro no time de futebol e lia nos jornais que eram os atacantes que faziam tudo, não o time.

Knapp pareceu satisfeito com a observação.

– Sim, senhor. Não é muito diferente aqui também.

Mellas sorriu.

– Não mesmo, nada diferente – disse. – Não importa aonde você vá, ainda está na escola.

O sargento-mor riu. Mellas reprimiu um sorriso diante da ironia de Knapp rir de uma afirmação que era na verdade sobre ele.

– Ok. Vou ver o que posso fazer, senhor – Knapp disse. – Não posso prometer nada. Mas com certeza a gente odiaria ter a morte de um bom fuzileiro em nossas mãos.

– É assim que eu me sinto, sargento-mor. Sabia que você entenderia.

– Fico feliz que você tenha vindo aqui, tenente – ele se levantou juntamente com Mellas, e eles apertaram as mãos. O sargento-mor andou com ele até a porta da barraca.

– Tem outra coisa, sargento-mor – Mellas disse.

– Senhor?

– Pode acabar sendo meio complicado se alguns negros tiverem de servir mesas no refeitório.

O sorriso do sargento-mor desapareceu.

– Se eles foram sorteados para fazer serviço de refeitório, eles seguirão as ordens. Nós não temos favoritos aqui.

– Claro que não – Mellas disse. – E eu admiro o fato de que você

aceitaria responsabilidade por uma "fragmentação" em vez de abrir mão dos seus princípios. Qualquer junta de investigação aprovaria.

A respiração do sargento-mor estava ficando mais rápida. Engoliu em seco visivelmente.

– Eu não quis dizer que arriscaria isso.

– Claro que não – Mellas disse. – Eu sei, sargento-mor. Eu sei que você não gosta ser colocado no meio dessa bagunça, assim como eu. É um lugar difícil. Eu realmente agradeço sua ajuda por isso. Obrigado, sargento-mor.

Mellas virou e saiu da barraca. Ajeitou cuidadosamente seu boné de fuzileiro e se dirigiu para a pista. Não tinha dúvida de que o sargento-mor faria o que tinha de ser feito.

Várias horas depois, Mellas e os outros oficiais estavam correndo sob a chuva em direção à grande barraca da capela. Hawke e McCarthy, que aparentemente não estava afetado apesar do vidro em seu traseiro, estavam em pé fora da barraca sob o chuvisco. Hawke balançava a cabeça em silêncio. Um praça do pelotão de McCarthy na Companhia Alpha, vestindo um casaco branco desencavado de Da Nang, passou por eles carregando uma grande panela de sopa. Conseguiu soltar a mão direita para mostrar o dedo do meio a McCarthy.

– Vai se foder, Wick – McCarthy sussurrou em resposta. O garoto desapareceu dentro da barraca.

Velas iluminavam o interior, lançando um tremulante clarão amarelo sobre tudo. As mesas estavam dispostas num grande U e cobertas com toalhas brancas. O oficial de comunicações do batalhão enfiou a cabeça para fora da porta.

– É melhor vocês entrarem e encontrarem os seus lugares assinalados nos cartões. Todos nós temos de estar de pé quando o coronel chegar. Ordens do Blakely – correu de volta para dentro.

Hawke suspirou e entrou. Os outros o seguiram.

As aberturas de ventilação da barraca tinham sido fechadas por causa da chuva, e dentro estava desconfortavelmente quente. Vários praças esperavam no fundo, de pé diante de suas panelas de comida, suando sob os

casacos brancos engomados. Mellas notou que não havia nenhum negro entre eles.

Shortround, bem no fim da fila, ao lado de uma grande panela de vagem, sorriu muito quando viu os tenentes da Companhia Bravo entrando na barraca. Mellas estava feliz em vê-lo, mas suprimiu um sorriso e apenas acenou com a cabeça. Hawke fez o gesto do poder do gavião e Shortround respondeu com o mesmo sinal, mexendo os dedos ao lado dos quadris, sorrindo orgulhosamente por ser incluído na piada interna de Hawke.

Mellas achou seu lugar em frente a Hawke e entre o capitão Coates, o chefe da Companhia Charlie, o qual ele tinha visto pela última vez desmaiado na ZP molhada, e um novo tenente da Companhia Alpha. O novo tenente e Coates trocaram gracejos com Mellas, aos quais ele mal respondeu. Este era o modo que Mellas tinha para mostrar que estava lá contra sua vontade e não estava se divertindo. A conversa se arrastava, e seguiu um silêncio embaraçoso.

A tensão foi liberada quando o Three entrou na barraca, chamando a atenção de todos. O uniforme de selva de Blakely estava duro de tão engomado, e seu galão de major brilhava à luz das velas. Estava de pé, aprumado e com uma aparência impressionante. Não havia dúvida, na mente de Mellas, de que esse arrogante do caralho seria general um dia.

Simpson entrou a passos largos, vermelho de excitação e orgulho. "Senhores, sentem-se", disse resolutamente. Os bancos ressoaram no chão de madeira compensada ao sentar de trinta oficiais. Blakely fez um breve discurso sobre a tradição do jantar de oficiais e levantou seu copo para fazer um brinde, então a bebedeira oficial começou.

Quando chegaram à sobremesa, a maioria tinha terminado pelo menos uma garrafa de vinho cada um. A conversa se elevara a uma gritaria pontuada por acessos de riso. Ninguém notou o coronel levantar da cadeira para fazer um brinde, exceto o major Blakely, que bateu a colher no copo a fim de pedir silêncio na tenda.

"Porra, é igualzinho ao Rotary Club", Mellas pensou sombriamente.

Todas as vozes se calaram, exceto a de McCarthy. Já estava na segunda garrafa de vinho e contava para um novo segundo-tenente sua história favorita sobre o Three.

– "Mas a gente tá *aqui*, porra", o chefe diz. "Foda-se o que o teu mapa tá dizendo, a gente tá *aqui*, e você tá *aí*, caralho, e eu tô dizendo que a gente tá vendo luzes no Morro 967." Mas esse babaca do caralho diz que é impossível e pelo *rádio* diz que a gente não consegue ver o que tá debaixo do nosso nariz, porra...

O novo tenente puxava a manga de McCarthy e acenava com a cabeça urgentemente em direção à mesa principal. McCarthy se virou sombriamente e se inclinou para trás, cruzando os braços. O Three anunciou que o coronel tinha algo a dizer. Seus olhos não se desprenderam de McCarthy.

Simpson, leve e alegremente bêbado, deu um rápido sorriso oficial. Derramou um pouco de vinho ao se inclinar para frente com as mãos nas laterais do prato. Depois se levantou aprumado, levando o copo consigo.

– Senhores. O Primeiro Batalhão do Vigésimo Quarto Regimento dos Fuzileiros Navais ganhou uma excelente reputação aqui no Vietnã. Estou igualmente orgulhoso e modesto ao me dirigir a vocês, os oficiais que contribuíram tanto para este marco – abaixou a voz e olhou para o prato de sobremesa, em que o sorvete, que tinha sido trazido de avião de Quang Tri naquela tarde, estava derretendo. – E quero lembrar aqueles oficiais que contribuíram com sua mais preciosa posse, sacrificando tudo o que tinham, para que o marco pudesse permanecer um nobre orgulho.

– Ele quer dizer aqueles que se foderam – Mellas sussurrou para o novo tenente ao lado dele sem virar a cabeça. O Capitão Coates tocou a bota de Mellas com a sua.

– Nós tomamos o comando deste batalhão no começo da Operação Floresta Catedral – o coronel continuou –, uma incursão profunda na DMZ que resultou em achados significantes de material, contatos significantes e mortes significantes. Da Operação Floresta Catedral à Operação Rio do Vento, na passagem para Laos. Com certeza muitos de vocês se lembram com afeição dos nossos amigos de Co Roc – cerca de metade dos oficiais riu. Hawke não foi um deles.

– Bem, nós tínhamos nossa própria artilharia. Vigilância da Base de Apoio de Fogo, Puller, Sherpa, Margo, Sierra, Sky Cap – o coronel fez uma pausa. – E Matterhorn – olhou para os oficiais calados. – Nós estamos

construindo mananciais de aço bem no quintal dos viets. Estamos negando a eles o uso de sua própria rede de transporte, forçando-os a avançar mais e mais para o oeste, tornando o reabastecimento de provisões cada vez mais difícil para suas operações nas províncias povoadas do sul – aqui Simpson fez uma pausa e mudou o tom. – Estivemos sentados coçando o saco em volta de Cam Lo e, na minha opinião, abandonamos nossa missão – inclinou-se sobre a mesa. – Bem, senhores, chega dessa merda política. De agora em diante nós vamos voltar ao nosso verdadeiro trabalho, engajar e destruir o inimigo. Onde quer que esteja. E, senhores, eu sei onde ele está. Eu sei – ele estava se inclinando nos braços e olhando atentamente para eles, os olhos virando de um lado para outro. Então se aprumou em pose de efeito, com a cabeça levantada, os ombros para trás.

Mellas levantou as sobrancelhas, olhando para Hawke na frente dele.

– Ele está perto de Matterhorn – o coronel continuou. Seus olhos brilhavam. Inclinou-se para frente de novo, suas mãos vermelhas e pequenas fechadas sobre a mesa. – Sim, porra, Matterhorn. Os viets estão lá. Escondidos. E juro por Deus que nós vamos chegar lá um dia e matar cada um desses filhos da puta amarelos. Nós recebemos ordens para abandonar Matterhorn contra a minha vontade e contra o meu discernimento e o do meu oficial de operações para cumprir os desejos de uns políticos barrigudos lá em Washington. Mas a cada sinal – ele enfatizava as palavras com o punho –, a cada única peça de informação, a cada pequeno contato – inclinou-se para trás e sorriu –, o meu nariz – tocou o nariz – me diz que o ENV está lá, e em grande número. E aquela área é nossa, senhores. Nós pagamos por ela. Com sangue. E nós vamos coletar nossa dívida.

– Quanta besteira – Mellas sussurrou para o novo tenente. – Só tem sanguessugas e malária lá em cima.

Coates acotovelou Mellas nas costelas e o encarou. Hawke olhava com frieza para o garfo.

– Nós tivemos de abandonar Matterhorn antes que nosso trabalho terminasse – Simpson continuou –, e fuzileiros nunca deixam seu trabalho inacabado. Eu prometo isso a vocês, senhores: eu vou fazer tudo o que puder para colocar esse batalhão no seu devido lugar. É lá que o combate

está. É lá onde eu quero que esteja. É onde o major Blakely quer que esteja, e eu sei que é onde todos os fuzileiros deste batalhão querem estar.

Nesse momento, McCarthy arrotou baixinho, fora do alcance dos ouvidos da mesa principal.

– Portanto, senhores – o coronel continuou –, eu gostaria de propor um brinde ao melhor batalhão de combate no Vietnã hoje. Um brinde aos Tigres de Tarawa, os Frozen Chosen de Chosin Reservoir[15]. Um brinde ao Primeiro Batalhão do Vigésimo Quarto Regimento dos Fuzileiros Navais.

Os oficiais levantaram, ecoando o brinde. Depois sentaram com o coronel, que recebeu de Blakely cumprimentos por seu excelente brinde.

Coates virou para Mellas, seus olhos dançando num humor intenso.

– Fica frio, tenente Mellas. O coronel Mulvaney nunca vai deixar ele chegar perto daquele lugar. Não se engaja um batalhão inteiro a uma região coberta de artilharia inimiga que não podemos atacar por motivos políticos. Acrescente isso ao apoio aéreo incerto por causa do tempo. Essa é a razão de Mulvaney ter puxado a gente de lá em primeiro lugar. Voltar pra Matterhorn? Nem fodendo.

Mellas ficou surpreso.

– E eu aqui achando que você era um perpétuo – disse, sorrindo.

– Eu sou, tenente Mellas. Mas não sou burro. E *eu* também sei ficar de boca fechada.

Mellas acordou na manhã seguinte com o barulho pesado da chuva açoitando o teto da barraca. Relsnik, na guarda do rádio, estava curvado debaixo do forro do poncho olhando para o escuro. O primeiro pensamento de Mellas foi esperançoso. Com uma chuva dessas, nenhum helicóptero seria capaz de voar. Qualquer um que entrasse na merda teria de confiar em algo além da companhia Bald Eagle para ser resgatado. Puxou o cobertor sobre os ombros, querendo nunca mais sair daquela segurança. Ficou enrolado numa bola de conforto, mas perdia aos poucos a batalha contra sua bexiga. Desistiu e correu para fora a fim de mijar na chuva.

Quando voltou para dentro da barraca, Fitch estava de pé, fazendo café.

– Nem fodendo a gente pode ser despachado hoje – Mellas disse.

Fitch apertou os olhos na escuridão. Virou para o operador de rádio.

– Ei, Snik, veja se você consegue um relatório do clima lá no batalhão.

O relatório não era nada bom. Supostamente pararia de chover no meio da manhã. Isso queria dizer que os helicópteros poderiam voar.

Uma hora depois, Mellas estava na barraca de provisões resolvendo a papelada que ia desde escrever anúncios para os jornais locais sobre as atividades dos garotos nativos até dar seguimento às investigações sobre os processos de paternidade dos trabalhadores da Cruz Vermelha, acertar o pagamento de pensões para as ex-esposas, as atuais e para as mulheres que ilegalmente se declaravam esposas, mães e sogras. Para Mellas dava a impressão de que metade da companhia vinha de famílias separadas e tinha mulheres ou parentes que eram bêbados, viciados, fugitivos, prostitutas e espancadores de crianças. Disso tudo, duas coisas o surpreendiam. Primeiro, os fatos em si. Segundo, todo mundo parecia lidar muito bem com tudo aquilo.

Um carteiro chegou e entregou uma pequena pilha de papéis e mensagens de rádio do batalhão. Junto estavam ordens transferindo o sargento Cassidy para a Companhia Q&P. Mellas ficou maravilhado diante da eficiência do sargento-mor Knapp. Olhou para o fundo da barraca, onde Cassidy e dois ajudantes tentavam organizar uma bagunça de equipamentos, e se preparou para o que aconteceria.

– Ei, Gunny – disse levantando-se da mesa, fingindo que estava animado –, você recebeu ordens pra ir embora do mato. Olha isso – foi até ele com as ordens em três vias.

Cassidy olhou para Mellas surpreso.

– Quê? Deixa eu ver – franziu a testa, lendo a ordem devagar. Era um procedimento de rotina, transferindo um monte de gente. O seu nome estava destacado por uma flecha carimbada. As palavras ORDENS ORIGINAIS estavam destacadas em letras maiúsculas negritadas sobre a folha mimeografada. – Nossa, puta merda – disse.

– Para onde você vai? – um dos fuzileiros perguntou. Ambos estavam

sorrindo muito, felizes de que alguém estava escapando vivo do mato.

– Nossa, puta merda – Cassidy disse de novo. Sentou. – Companhia Q&P. Eu não sabia de nada – olhou para Mellas. – Eu não vi nada no papel sobre o meu substituto.

– Provavelmente ele tá chegando da divisão ou algo assim.

Cassidy disse:

– Bem, senhor, eu gostaria de ir lá ver o que eu vou fazer. Ninguém me disse nada, eu juro.

– Tudo bem, Cassidy. Vai lá. Eu tomo conta aqui.

Cassidy mandou os dois fuzileiros irem comer, com ordens de enviar dois substitutos. Depois ele foi ver quem seria seu novo comandante de companhia.

Vancouver era um dos dois fuzileiros que conseguiram dar um jeito de arranjar trabalho na barraca de provisões em vez de encher sacos de areia na chuva. Logo ele e o outro garoto estavam vasculhando os sacos úmidos e muitas vezes bolorentos de apetrechos pessoais deixados para trás pelos fuzileiros que conseguiram licença para voltar para casa ou que tinham sido mortos.

– Ei, Vancouver – o outro garoto disse. – Aqui tem algo que é seu.

Quando Vancouver viu a longa caixa retangular, teve um pressentimento. Era sua espada. Tinha sido uma brincadeira engraçada quando ele a encomendou. Achou que ela estava perdida de vez. Agora ele disse (mas era como se ele tivesse ouvindo a voz de outra pessoa dizer):

– Puta merda. Ei, é a minha espada viet. Ela estava aqui o tempo todo – ele rasgou o papel, puxou a espada pelo longo cabo e pela bainha para fora da caixa estreita. Agarrou-a pelo punho e, com um tinido, a desembainhou.

Mellas se virou ao ouvir o grito de Vancouver.

– Olha só essa filha da puta, tenente – Vancouver vociferou. Estava de pé em cima de dois sacos de marinheiro, seus pés afastados, segurando a espada na frente. Deu um golpe rápido contra o ar. – Agora eu vou pegar alguém – disse por entre os dentes.

Até o fim da tarde, a notícia sobre a espada de Vancouver tinha atravessado o batalhão inteiro. Um amigo de Jancowitz do Q&P foi à unidade dos sacos de areia contar a ele. Jancowitz teve um sentimento de desespero que não soube de onde vinha e que rapidamente reprimiu como fez com os outros sentimentos contra os quais lutara durante o último ano e meio.

– Maluco do caralho – disse sorrindo. – Ele vai se foder também. Espera pra ver.

– É, pode ser que sim – seu amigo lhe disse –, mas os viets dificilmente vão usar espadas. Eles não são selvagens, porra.

– É, mas o Vancouver é – Jancowitz respondeu. Todo mundo riu. Seu amigo sorriu e saiu andando pela rua. Jancowitz virou tristemente para sua pilha de barro.

O dia todo a Companhia Bravo cavou o barro e encheu os sacos verdes de plástico, tentando esquecer que a qualquer segundo um oficial num bunker com ar-condicionado em Dong Ha ou Da Nang poderia chamar os helicópteros que os levariam para algum lugar desconhecido na selva onde eles iriam morrer. Tentaram, a cada pá cheia de barro, esquecer que a qualquer momento o jipe da companhia podia chegar derrapando pela pista estreita, com Pallack gritando que alguém estava na merda e a Companhia Bravo ia lá resgatá-los.

Jancowitz estava tão ansioso quanto todos os outros. Tentou pensar em Susi, mas tinha dificuldade em se lembrar do rosto dela. Estava com vergonha de tirar a carteira do bolso na frente de todo mundo e olhar para a foto dela, então ficou dividido entre fazer isso mesmo e não querer parecer tolo. Os caras ririam e diriam que ela é apenas outra garota de bar. Ele não aguentaria isso. Ele teve de aceitar mais seis meses extra de medo e sujeira apenas para passar trinta dias com ela. Lançou-se a encher o próximo saco de areia.

Às cinco horas da tarde, eles dobraram suas ferramentas-T e voltaram

para as barracas em grupos de dois ou três. Broyer tinha se juntado a Jancowitz, seus óculos meio embaçados do suor que escorria de sua testa.

– Ei, Janco – disse, secando os óculos na camisa –, pra que a gente tem um general-assistente, afinal? – Estava se referindo ao general de uma estrela que residia no Hotel da Força-Tarefa e cuja bandeira vermelha com uma única estrela dourada eles tiveram de olhar o dia todo enquanto enchiam sacos de areia para a construção do bunker dele. Colocou os óculos de volta. Imediatamente eles deslizaram para frente. Irritado, eles os empurrou de volta para cima do nariz, mas então eles começaram a embaçar novamente.

Jancowitz não respondeu. Estava pensando em Susi, tentando bloquear o cheiro de óleo que tinha sido borrifado na estrada e da fumaça que surgia dos esforços de um marinheiro que queimava sozinho coisas com querosene em três barris de aço com tampas serradas. Por fim, no entanto, a pergunta de Broyer penetrou sua consciência. Olhou para ele. Quando Broyer aparecera em Matterhorn, Jancowitz tinha ficado preocupado por causa de seu corpo magro e seu jeito hesitante de falar. Mas não estava mais preocupado com Broyer – um puta de um fuzileiro.

– Porra, sei lá, Broyer. O general Neitzel provavelmente precisa de alguém pra cuidar da papelada dele.

– Pelo que ouvi dizer, ele precisa de alguém pra cuidar das batalhas dele. A primeira ordem que ele deu foi pra todo mundo abotoar as camisas dos uniformes. Meeeu.

Jancowitz sorriu ouvindo Broyer, que tentava fazer o seu "meeeu" parecer legal. Jancowitz estava no interior quando o general anterior chegara e ouvira o mesmo tipo de reclamação. Jancowitz tinha seu próprio critério para saber se um general, ou qualquer outro oficial na verdade, era ou não bom de fato, e esse critério era o número de vezes que ele via o oficial no mato com os soldados. Era por isso que ele gostava do coronel Mulvaney. Ele estava nas linhas de combate na Base Vandegrift uma noite, chovendo para caralho, escuro como um cu, quando ouviu um jipe chegando. Pensou que fosse Hawke. Então gritou: "O que tu tá fazendo aqui, porra?". Quase cagou nas calças quando viu que era Mulvaney, o comandante de todo o Vigésimo Quarto Regimento de Fuzileiros Navais. O

velho perguntara se ele tinha matado alguns ratos, inspecionou o rifle e disse que ele estava fazendo um bom trabalho.

– O tenente Mellas está pouco se fodendo se a gente abotoa a camisa do uniforme ou não – Broyer continuou.

– É, mas ele não vai ficar de fuzileiro a vida toda.

– Você vai? – Broyer perguntou depois de um momento.

– Não sei. Eu tenho uma garota em Bangcoc – Jancowitz sorriu. – E você?

– Eu quero ir para a Universidade de Maryland com a ajuda do G.I. Bill16 e arranjar algum trabalho no governo – Broyer hesitou. – Talvez no Departamento de Estado – olhou rapidamente para Jancowitz a fim de ver se havia alguma reação. Então sorriu com certa tristeza. – Achei que ser um fuzileiro ficaria bem no meu currículo.[16]

– O que é um currículo? – Jancowitz perguntou. Viu que Broyer estava surpreso por ele não saber, mas tentou não deixar isso transparecer.

– É algo que você usa quando está procurando um emprego. São algumas páginas que contam a sua experiência, onde você estudou. Esse tipo de coisa.

Jancowitz riu em voz alta. Ele nunca imaginou por que precisaria de uma coisa dessas para conseguir um emprego.

Andaram em silêncio por algum tempo.

– Ouvi dizer que vai ter um filme hoje à noite – Broyer disse. – E talvez até uma garota da Cruz Vermelha.

– Isso é um boato velho. Eles não deixam as garotas da Cruz Vermelha sair de Da Nang. Dizem que é perigoso demais. Quanta asneira. Não deixam a porra da Budweiser e os colchões de ar sair de Da Nang também.

– Mas o filme não é boato – Broyer disse.

– Porra, aposto que é um filme de caubói.

Broyer riu em voz baixa, e continuaram andando em silêncio de novo. Ouviram de cima o leve grasnado de algumas aves e ambos olharam para a revoada de seis gansos indo para o norte. Pararam e ficando olhando até que os animais se perderam nas nuvens que ocultavam a Serra de Mutter.

– Dá saudades de casa – Jancowitz disse em voz baixa.

– Em mim também – Broyer respondeu.

Quando fizeram a última curva antes de suas barracas na pista, Jancowitz disse:

– Ah, olha só – Arran estava sentado no chão, apoiando as costas na mochila. Pat estava ao seu lado de barriga no chão e com as patas estendidas, a cabeça e as orelhas alertas, ofegando baixinho, observando os dois se aproximando. Pat olhou interrogativamente para Arran, que disse: "ok". O cão se levantou e correu para saudar Jancowitz e Broyer. Enfiou o focinho no saco de Broyer, que soltou uma risadinha e começou a acariciar o pelo do cachorro. Depois Pat pulou e rodeou Jancowitz, esfregando o focinho atrás dos joelhos, fazendo Jancowitz dar risadas também.

– Parece que ele escolheu vocês dois – Arran disse.

– É, o sacana – Jancowitz disse com carinho, esfregando a cabeça de Pat. – Quanto tempo demorou pra ele se recuperar?

– Ah, uma semana mais ou menos. A gente ficou só na boa lá no pelotão de patrulha, nós dois engordando, felizes – sorriu e se levantou, estalando os dedos de leve. – A gente já estava burro – Pat rapidamente ficou em posição ao lado de Arran, que virou para Broyer, meneando a cabeça em direção a Jancowitz. – Esse filho da puta maluco já te domou?

Broyer sorriu.

– Já.

– Toma cuidado com ele, Broyer. Janco é o único filho da puta maluco que se ofereceu para uma extensão aqui no Nã. Claro que foi por causa de uma mina em Bangcoc, não alguém que realmente te apoiaria – agachou-se e segurou Pat pela mandíbula, esfregando o rosto bem no focinho do cão, mexendo de um lado para o outro. – Não é, garoto? Não é, seu pastor burro? – levantou de novo. Todo mundo sabia que Arran tinha estendido a temporada duas vezes porque os cachorros de patrulha não podiam ser transferidos para outros treinadores e, quando a temporada acabava, eram sacrificados. Alguém nos Estados Unidos declarou que eles eram perigosos demais para voltar para casa.

– Tá de volta com a gente por um tempo? – Jancowitz perguntou.

– Não tanto quanto você vai ficar na porra da Bald Eagle, não – Arran respondeu. – Ninguém precisa de um radar de quatro patas quando eles jogarem vocês bem no meio da merda – virou para Pat. – Nós somos

especialistas, não somos, Pat? – Pat balançou o rabo.

– Tá fazendo o que aqui então? – Jancowitz perguntou.

– A gente vai sair com a Alpha Um Quinze amanhã. Eles vão ser lançados na extremidade leste do Vale Da Krong. Muita atividade de sensores – parou de falar e sorriu. – Mas você não devia saber disso, senão eu vou ter que te matar.

– Porra, os viets já sabem disso mesmo – Jancowitz disse, sem brincadeira.

Houve um silêncio constrangedor. Janco percebeu que Arran tinha vindo vê-los porque estava indo para a selva de novo e queria dizer adeus.

– Você vai ficar bem – Janco disse afinal – Porra, é você que cuida do Pat.

Arran sorriu, olhando para Pat, e depois avistou as nuvens, constrangido.

– Porra, espero que vocês não sejam despachados, seus desgraçados – disse. – A gente se vê na próxima operação.

Viram Arran e Pat sair andando. Todos sabiam que podia ser pela última vez.

No jantar daquela noite, Blakely e Simpson andaram até a ponta da fila, onde fuzileiros no serviço de refeitório serviam grandes colheres cheias de comida em bandejas. Um dos fuzileiros respingou um pouco de molho de carne na manga de Blakely, que o encarou nervoso, incapaz de limpar porque as duas mãos estavam ocupadas segurando a bandeja.

– Desculpe, senhor – o jovem fuzileiro gaguejou.

Blakely sorriu.

– Tudo bem, Tigre. Só não chega tão perto, pô.

Blakely seguiu Simpson até o refeitório dos oficiais e dos suboficiais. Alguém gritou "Atenção" e todos se levantaram. Simpson resmungou "Descansar" e todos voltaram a comer, toda a conversa interrompida temporariamente enquanto Simpson e Blakely se sentavam. Blakely levantou pouco depois e serviu-se de duas canecas de café. Voltou para seu lugar e disse para Simpson:

– Ouvi dizer que houve outra fragmentação ontem à noite, no sul. Você ouviu falar, senhor?

Simpson levantou o olhar, engolindo um bocado de macarrão com café.

– Porra, não. Quem foi?

– Um tenente praça no Três Onze. Três ou quatro filhos da puta jogaram granadas embaixo da cama dele enquanto ele estava dormindo. Alguém viu eles correndo depois. Radicais negros. Não deixaram nenhuma evidência senão carne de macaco.

– Porra, esses poags da área de segurança – Simpson disse. – Se uma merda dessas acontecer aqui, eu enforco cada um desses filhos da puta do Poder Negro pelos bagos – Simpson engoliu o resto do café num só gole. – A gente deveria mandar todos esses negros filhos da puta pro mato. Acabaria com essa merda – olhou para a caneca vazia. – Que tal um pouco daquele negócio rosa de Portugal? – perguntou.

Blakely foi até o gabinete onde estava a caixa de vinho Mateus do coronel. Olhou pela tela anti-insetos para onde os praças estavam comendo. Notou a maioria dos negros juntos num canto. Algumas rugas se formaram em sua testa. Partiu o selo do vinho, desrosqueou a tampa e serviu dois copos.

– Que você tenha dez minutos de céu antes que o diabo saiba que você se foi – Simpson disse, levantando seu copo e tomando um longo gole. Blakely sabia que Simpson se orgulhava de conhecer diferentes brindes em línguas distintas. Sorriu apropriadamente e bebeu. Simpson bebeu um pouco mais. – Porra, que troço bom – disse.

Blakely escolheu não concordar, em vez de discordar. Depois de um momento disse:

– Senhor, você já pensou em arranjar alguém pra ficar de guarda no seu alojamento à noite?

– Você acha que eu sou cagão?

– Não, senhor. Mas essa fragmentação foi a terceira nos últimos dois meses – Blakely abaixou a voz e se inclinou sobre a mesa. – Ouvi dizer, apenas como boato, que alguém tentou matar Cassidy, o novo praça oficial de comando do Q&P que nós tiramos da Companhia Bravo. Foi por isso que o sargento-mor me disse que achava melhor transferi-lo.

– Por que nós não estamos investigando esse incidente, porra?

– Aparentemente, o negro que tentou era um caso de malária cerebral da Bravo. Acho que nós não devemos chamar atenção para isso.

Simpson virou nervosamente o vinho rosa no copo.

– Fico feliz em saber que existe alguma justiça no mundo. Isso foi inteligente da parte do Knapp – virou o vinho. – Acho que vou checar a situação no COC – levantou, e todos fizeram o mesmo. Acenou para que se sentassem:

– Descansar, senhores.

Sentado sozinho na barraca que dividia com o esquadrão, Jancowitz não precisava visitar o COC para saber o que estava acontecendo na área de operação do regimento. Em sua imaginação, podia ver as unidades no mato soltando sinalizadores e estabelecendo postos de escuta. Observava as figuras furtivas, de dois em dois, deslizando para além das linhas de combate, carregando seus ponchos e rádios consigo. Sabia que podia relaxar por enquanto. Não haveria "aproveitamento" da unidade Bald Eagle até o amanhecer. Uma travessia noturna de helicóptero levaria muito planejamento. As unidades estavam sozinhas.

Pegou seu esquema de soldado de curto prazo e cuidadosamente marcou outro dia. Já estivera no Vietnã por vinte e dois meses. Bem, na verdade apenas dezenove e três quartos se você tirasse a primeira semana de D&D em Bangcoc, quando conhecera Susi, e as duas licenças de trinta dias. Apanhou a carteira e olhou para a foto que tinha tirado de Susi quando ela estava dormindo na cama do hotel. Tentou se lembrar do cheiro do cabelo dela, mas isso era ainda mais difícil que se recordar do rosto. Conseguia somente sentir o cheiro de bolinhas de naftalina e do óleo da barraca frouxa.

Foi até o fosso aberto que tinha sido convertido num pequeno cinema ao ar livre. Cerca de cem pessoas estavam sentadas em caixas e engradados velhos. Uma leve garoa começava a cair, mas estava quente, ao contrário do chuvisco nas montanhas, e Jancowitz mal notou. Colocou as mãos nos bolsos e esperou que o filme começasse.

Nada aconteceu. O projetor estava parado em silêncio enquanto os fuzileiros aguardavam alguém chegar com o filme.

Quinze minutos depois, a multidão começou a ficar inquieta. As vozes ficaram mais altas. Uma lata de cerveja foi jogada e um fuzileiro levantou para comprar a briga, mas foi segurado por seus amigos. Mais cervejas foram abertas. Um grupo de negros tinha se formado no lado esquerdo do cinema. Um fuzileiro branco levantou para mijar e teve que passar por eles. Pediu para um deles sair. Era Henry.

– Ei, filho da mãe, eu não saio pra ninguém, só se eu quiser – Henry disse.

A multidão ficou quieta.

Henry aproximou o rosto a centímetros do rosto do garoto branco. Este recuou, mas não podia recuar mais por causa de algumas cadeiras atrás dele. Vários garotos brancos levantaram e chegaram perto dele, oferecendo apoio em silêncio. Alguns dos negros se agruparam, formando um semicírculo ao lado dos dois que estavam em pé se encarando. Jancowitz notou que Broyer e Jackson estavam com o grupo, assim como China.

Toupeira levantou no outro lado do espaço aberto onde estava falando com Vancouver. Os dois se olharam rapidamente, depois desviaram o olhar. O Toupeira começou a circundar o exterior do círculo, mantendo-se próximo à parede de barro do fosso.

Jancowitz já tinha visto isso antes. Todo mundo tinha medo de não estar com sua própria raça. Assim que a briga começasse, os lados se separariam, e não importa quanto tempo tivessem passado juntos no mato, nada romperia a barreira. Jancowitz não tinha a menor ideia do que faria, mas se viu andando rapidamente para onde o Toupeira andava, colocando-se em posição. Os brancos, sentindo a mesma pressão que Toupeira, deslocavam-se gradualmente para se juntar à sua própria cor; ninguém queria estar isolado quando acontecesse algo. Jancowitz sussurrou para o Toupeira: "Sai fora daqui, Toupeira. Você também, Vancouver. Só cai fora daqui, porra".

Toupeira olhou para o grupo de manos se formando ao seu lado e depois para Janco. Ele balançou a cabeça tristemente e seguiu em direção aos lados que se formavam.

Jancowitz virou para ver o que Vancouver estava fazendo. Ele, como o Toupeira, entendia que era um dos melhores lutadores e que tinha de apoiar sua cor quando desse merda. Andou em direção ao grupo que se formava em volta do fuzileiro branco. Jancowitz pôde ver que, embora eles fossem todos amigos no mato, aqui na civilização a amizade era impossível.

Jancowitz correu até o projetor e puxou a corda do pequeno gerador movido a gasolina. O tossido do motor rompeu o silêncio. Os fuzileiros de ambas as raças olharam para descobrir a origem do barulho, a fim de ver se um oficial tinha chegado com a intenção de checar se havia algum modo de evitar o conflito iminente. Jancowitz ligou a câmera, e um quadrado branco brilhante surgiu na tela de lona. Enquanto isso, foi calmamente para frente do fluxo de luz e formou a imagem em sombra de um pássaro. Alguns riram nervosamente.

– É isso aí, Janco – alguém gritou.

– É só isso que você sabe fazer, pássaros?

– Não né, porra – respondeu. Imediatamente começou a falar. – Eu tenho uma garota em Bangclap. Puta merda, vocês nunca viram uma garota como essa – as sombras de repente se tornaram duas pernas, abertas – Bom, eu tô no Nã já faz dezoito meses e vinte e sete dias – um pênis ereto, tremendo, substituiu as pernas. – Mas é claro que acabei de voltar de trinta dias em Bangclap, seus filhos da puta patéticos – o pênis ficou mole e surgiram risos. – Mas essa garota... – as pernas reapareceram, e o pênis começou a levantar devagar, cair, depois levantar de novo, incentivado pela torcida dos fuzileiros. – Eu estenderia cinquenta quilômetros de fio através do Vale Au Shau só pra ouvir ela mijar pelo telefone – o pênis ficou ereto, e a torcida reverberou pelo grupo.

O garoto branco que tinha tentado passar para mijar seguiu seu caminho com apenas um olhar sombrio de Henry. Logo outros garotos enfiaram as mãos no fluxo de luz, refletindo suas próprias imagens na tela e fazendo comentários sarcásticos e roucos acompanhados pelo som de latas de cerveja sendo abertas. Vozes começaram a falar mais alto num murmúrio de conversas.

Jancowitz sentou, ainda cheio de adrenalina, sentindo um imenso desejo por Susi, por sua pele morena e nítida e seus longos cabelos negros.

Vancouver foi até ele e lhe deu uma cerveja.

– Essa foi quase, Janco. A gente ia ficar na merda com certeza, hein? – Jacobs também foi até ele e colocou a mão no ombro de Jancowitz.

Então a tela ficou escura.

Uma gritaria saiu da multidão e os rapazes viraram para ver o breu atrás deles. Um sargento armeiro dos serviços de base estava de pé ao lado do projetor com duas grandes latas de filme debaixo dos braços.

– Muito bem, quem ligou o projetor, porra? – os garotos que estavam fazendo sombras se encolheram na multidão.

Houve um silêncio.

O homem falou novamente, longos anos de autoridade em sua voz.

– Se eu não souber quem foi o sabichão que ligou essa porra de gerador, não vai ter filme hoje.

O murmúrio de descontentamento aumentou de volume. O sargento armeiro virou os olhos de um lado para outro, surpreso diante da rebelião no ar, mas ainda mais determinado a ver seu trabalho acabado.

– Não quero saber quanto tempo vai demorar, senhoritas, para que um de vocês venha aqui e me diga quem foi que ligou este gerador, porque eu já vi esse filme antes. Vou dar mais um minuto e depois vou embora.

– Ah, porra – Jancowitz disse em voz baixa. Levantou, cansado, e encarou o homem. – Fui eu que liguei a porra do gerador, sargento. O filme deveria ter começado às sete e meia, logo achei que era melhor ligar o gerador na hora certa.

– Vem aqui, fuzileiro.

Jancowitz foi até o sargento armeiro devagar. Podia sentir o cheiro de álcool no hálito dele. O sargento armeiro tirou um caderno e uma caneta.

– Eu quero seu nome, posto e unidade, fuzileiro. E depois eu quero que você caia fora daqui. Está claro?

Jancowitz deu a informação que ele pediu e foi embora. Vancouver ia se juntar a ele, mas Janco lhe disse para voltar e assistir ao filme. Estava a fim de ficar sozinho.

Enquanto Jancowitz andava no escuro em direção às barracas, pensou em Susi, sentindo que de alguma forma a tinha sacrificado, ou alguma parte dela dentro dele. Atrás dele ouviu o filme começar. Virou para ver, na

tela, um homem não barbeado enrolado num poncho mexicano, seus braços nos lados do corpo segurando revólveres, um charuto fino apertado na sua boca. A música aumentou enquanto o homem andava em direção à cerca do curral onde outros estavam sentados, todos com armas prontas para serem usadas. A tela se encheu de violência enquanto o homem sacava as pistolas e atirava em todos os que estavam na cerca. Uma vaia surgiu entre os fuzileiros. Jancowitz virou com nojo e continuou andando. Ele estava certo... mais uma merda de filme de caubói.

China, com a boca levemente aberta, refletia admirado, observando Jancowitz desaparecer na escuridão. Percebeu que tinha acabado de ver algo muito corajoso e sábio. "Porra, cara, esse Janco", ficava dizendo para si mesmo. "Porra, Janco." Percebeu que ele e Janco tinham estado no mato juntos desde que ele chegou ao Nã, mas nunca tinham realmente conversado. De repente, desejou que Janco fosse seu amigo, mas sabia que era impossível. Olhou para onde Henry estava sentado com um grupo de negros, deleitando-se na admiração deles. Henry parecia ter crescido em estatura enquanto China não ia a lugar nenhum. O rosto de dele ardeu ao se lembrar do desdém de Henry pelas armas, e como seus amigos tinham rido. China sabia que naquele momento o jogo era de Henry, e ele tinha de entrar no jogo. Tinha perdido muito terreno e não sabia como recuperá-lo.

Enquanto Jancowitz se afastava do filme, Pollini estava em pé em cima de um engradado, lavando uma enorme panela de alumínio com água fumegante. Wick, o fuzileiro do pelotão de McCarthy, estava trabalhando ao seu lado. Suas cabeças estavam no mesmo nível, embora os pés de Wick estivessem no chão.

– Nunca achei que fosse adorar esfregar panelas sujas – Wick disse.

– Eu não adoro – Pollini disse. – O tenente disse que tenho que ficar no serviço de refeitório só por um mês.

– *Só* por um mês? – Wick disparou. – Porra, você conseguiu um mês inteiro? McCarthy só me deu uma semana. Tenho só mais dois dias e, se a Alpha não estiver no mato até depois de amanhã, tenho que ir com eles.

Como você conseguiu um mês inteiro?

Pollini deu de ombros e sorriu – esta era sua reação a qualquer coisa que estivesse fora do seu alcance.

– Vou te dizer por que você ganhou um mês inteiro – Wick disse, claramente furioso com a injustiça da situação. – É porque eles não querem você com essa bunda grande lá fora com eles, por isso.

– Era minha vez – Pollini disse, irritado.

– O caralho, sua vez. Ninguém fica no serviço de refeitório por um mês, porra. Ninguém pode puxar tanto saco pra isso – Wick começou a limpar a enorme panela novamente. – Shortround – disse –, você tá feito. Todo mundo implorando pra ficar aqui na área de segurança e você tem gente querendo te colocar aqui. Cara, você tá feito.

Pollini continuou sorrindo.

– É, acho que sim – disse.

– Por que você se ofereceu pra entrar pro Corpo de Fuzileiros afinal, Shortround?

– Meu pai era um fuzileiro – Pollini respondeu com orgulho. – Ele combateu na Coreia.

– Isso explica.

– Explica o quê?

– Por que a gente perdeu a guerra na Coreia, porra. Aposto que você é tal pai, tal filho, né? – Wick riu de novo, divertindo-se.

Pollini não respondeu. Se Wick tivesse olhado para o lado, teria visto Pollini rangendo os dentes de dor e tentando segurar as lágrimas. Nas mãos de Pollini estava uma grande concha de aço de servir comida. Ele a açoitou de lado com as duas mãos, atingindo Wick na bochecha esquerda e no osso acima do olho esquerdo. Wick gritou de dor, levando suas mãos ao rosto, e Pollini pegou a panela cheia de água quente e jogou para cima dele. Depois correu para fora da barraca do refeitório na escuridão balançando a concha erguida contra outro fuzileiro que entrava correndo.

Wick estava de pé, sangue e água com sabão escorrendo pelo seu rosto.

– Puta merda – o fuzileiro disse. – O que aconteceu?

– O Shortround me acertou com uma concha, porra.

– Nossa – o fuzileiro disse, espantado. – Vou chamar o médico.

– Não quero tumulto por causa disso. Eu mesmo vou chamar o médico pra dar uma olhada depois.

– Tá bom. Mas o que houve, porra? – outros fuzileiros no serviço de refeitório tinham se aglomerado na barraca onde as panelas estavam sendo lavadas.

– Nada – Wick disse, nervoso. – Porra, cai fora daqui e deixa eu terminar de lavar as panelas, caralho.

– Tá bom – os outros deixaram Wick sozinho, olhando para a panela virada no chão enlameado. Estendeu a mão para pegá-la. – Desculpa, Shortround – disse em voz baixa.

Mellas e Goodwin decidiram ir ao novo bar de oficiais na Força-Tarefa Oscar. Foram chamar Hawke, mas este tinha acabado de comprar uma caixa de cerveja. Decidiram que iam fazer um esquenta do lado de fora da barraca de Hawke, evitando alguns oficiais novos que tinham acabado de chegar de Quang Tri.

Uma hora depois, os três ainda não haviam se mexido. Na caixa só restava um quarto das cervejas.

– Você acredita nisso – Hawke disse, encarando a lata de cerveja.

– Acredita no quê? – Mellas perguntou. Sua língua estava começando a tropeçar nas palavras.

– Tipo, acredita que o filho da puta do Three ganhou uma medalha por ficar lá parado num Huey quando a gente entrou naquele sanduíche de merda em Co Roc?

– Loucura do caralho – Mellas cuspiu, e o cuspe aterrissou dentro da caixa semivazia em vez de cair onde ele tinha mirado. – Eu ainda não recebi notícia das medalhas do Vancouver e do Connolly.

– Ah, eles são soldados. Demora mais.

– É isso aí, meu – Goodwin disse.

Hawke abriu outra lata de cerveja, e Mellas observou a espuma saltar para fora com satisfação pelos lados e pelas mãos.

– A medalha do Three foi por reagrupar uma companhia desmoralizada e arriscar sua vida para coordenar a extração sob o fogo inimigo. O capitão

Black não ganhou porra nenhuma por ir lá e arrancar o Friedlander daquela merda.

– Pode crer, meu – Goodwin disse.

– A guerra é comandada por um bando de babacas – Mellas disse.

– Como você sabe? – Hawke perguntou.

– A gente morre aqui e eles ficam lá sentados em Paris discutindo sobre mesas quadradas e mesas redondas.

– Eles são diplomatas, não babacas – Hawke disse.

Goodwin abriu outra lata de cerveja e se deitou no chão. Uma leve garoa caiu no seu rosto.

– Mas eles estão no comando dessa porra de guerra, não estão? – Mellas disse.

– Sim, sim – Hawke disse, fazendo que sim.

– E a guerra é tão absurda que só pode ser comandada por um bando de babacas. Certo?

– Porra, é isso aí, meu – Goodwin disse. Hawke concordou.

– Então... – Mellas disse.

– Então o quê? – Hawke perguntou.

– Então... – Mellas terminou sua lata de cerveja. – Sei lá, nem lembro mais o que eu tava querendo provar, porra, mas os caras que comandam essa guerra são um bando de babacas.

– Eu brindo a isso. Tá certo pra caralho – Hawke se inclinou para trás, virando o resto da cerveja.

– Eu brindo pra qualquer coisa – Goodwin disse instintivamente.

Um silêncio se seguiu. O vento úmido soprava suavemente contra as paredes escuras e onduladas da barraca, permitindo que um raio de luz vazasse brevemente para dentro. Mellas soltou um longo arroto de satisfação, sua cabeça girando alegremente, não realmente consciente de onde estava, exceto que estava deitado sobre uma grama molhada debaixo de uma leve garoa.

O estouro prolongado de uma AK-47 no automático fez os três se jogarem de barriga para baixo, as latas arremessadas para um canto. Os homens saíram aos montes das barracas ao redor, correndo em direção aos bunkers, alguns saltando enquanto enfiavam as calças. A AK abriu fogo de

novo e um ricochete girou por sobre as cabeças dos três tenentes com um zumbido quase lento. Hawke estava agarrando a caixa de cerveja, protegendo-a de possíveis danos das balas.

Gritos ressoaram na área do batalhão.

– O que você acha que é? – Mellas perguntou, sua cabeça girando. Hawke deu de ombros e abriu outras três latas de cerveja.

– Se são sapadores, eles estão atrás dos helicópteros. E eu não sou helicóptero, porra. Mas eu nem me lembro de sapadores fazendo ataques de um homem só.

Os três se sentaram, observando a confusão. Blakely passou correndo para o bunker do COC com a cabeça bem abaixada, quase perto do chão, gritando direções para os homens. Desapareceu para dentro do bunker.

– Ei, Jayhawk – Goodwin disse.

– Ahn?

– Que tipo de medalha você disse que o Six e o Three vão ganhar por essa agora?

– Cruz da Marinha – Hawke disse –, ou talvez algo ainda maior – Hawke levantou a mão para os lábios e soltou um toque de clarim com um assobio zombeteiro.

Um pequeno vulto apareceu se arrastando atrás da barraca BOQ. Todos congelaram, percebendo que estavam sem rifles, a coragem do álcool desaparecendo. O homem, de costas para eles, estava se arrastando em direção à barraca.

Goodwin se moveu muito vagarosamente, fazendo gestos para indicar a Hawke e Mellas que eles deveriam rolar em direção a ele. Apontou para a grama mais alta atrás dele.

O vulto continuou se arrastando por trás da barraca.

– Ei, tenente Hawke – o vulto sussurrou para a barraca. – Ei, tenente Jayhawk, é o Pollini, senhor.

– Puta merda, meu – Goodwin gemeu.

– Shortround, porra, seu estúpido – Hawke explodiu. – Vem aqui.

Pollini se virou.

– O que vocês estão fazendo no mato? – perguntou em voz alta. Foi se mexendo e apalpando o escuro em direção a eles. Estava carregando a AK-

47 que Vancouver tinha trazido da patrulha abortada de Mellas.

– Aqui, Pollini – Mellas sussurrou furiosamente. – Porra, onde você acha que tá, no Central Park, porra? Se abaixa antes que alguém te veja.

– Oh, tenente Mellas, senhor – disse em voz alta. Foi até ele e sentou. Hawke agarrou a AK-47 das mãos de Pollini, que exalava um cheiro de fruta podre numa onda de calor. Seus olhos estavam nublados e um pouco de baba se formava no canto de sua boca.

Mellas estava furioso com ele.

– Essa parada pode te jogar na cadeia por meses. O que você tá fazendo, porra?

Pollini coçou a cabeça e depois disse alegremente.

– Só atirando por aí.

– Por que, Pollini? – Hawke perguntou.

– Não tava certo? – respondeu. – Não é isso que um porra-louca faz? – levantou, contorcendo-se muito. – Oh, aqui está, senhores – enfiou as mãos nos bolsos e tirou pentes carregados de munição. – Aqui está a parada que faz essa porra estourar – começou a rir.

Goodwin o puxou para o chão.

Pollini de repente começou um ataque de choro. Enrolou-se numa bola, soluçando.

– Eu não quero ser um porra-louca. Quero ser um bom fuzileiro. Quero que meu pai se orgulhe de mim.

– Quem disse que você era um porra-louca? – Mellas perguntou, de repente se sentindo mal por todas as vezes que caçoou de Pollini. – Ei, você não pode chorar assim – disse em voz baixa. – Ei, Pollini, não chora.

Entre os soluços veio a história.

Mellas estava com uma mão nas costas de Pollini. Não sabia o que fazer. Virou-se para Hawke.

– Mas por que ele ia ficar tão nervoso? Atacar um cara com uma concha de sopa? Porra!

– O pai dele morreu na Coreia.

Mellas gemeu.

– Porra, já não basta a merda dessa guerra? A gente ainda tem que lidar com a merda da Coreia? – balançou a cabeça devagar. Isso precisa

continuar para sempre?

Por fim, Pollini caiu num sono pesado. Os três tenentes acabaram de beber a caixa de cerveja, observando a área do batalhão voltar ao normal. Muito depois de tudo ficar quieto, Goodwin jogou Pollini nos ombros, Mellas pegou o rifle, e juntos andaram pela zona de pouso e colocaram Pollini na cama.

No dia seguinte, Mellas o retirou do serviço de refeitório.

No mesmo dia, a Bald Eagle foi engajada em combate. Mas não sem complicações.

O cirurgião do batalhão, tenente Maurice Witherspoon Selby da Marinha dos Estados Unidos, estava de saco cheio da lama, da falta de gelo, das condições insalubres e do ciclo ininterrupto de malária, disenteria, dermatofitose, picadas infeccionadas de sanguessugas, fungos do mato, fungos nas virilhas, dores nas costas, dores nas pernas, dores nas cabeças. Estava particularmente cansado da dor de cabeça do soldado raso Mallory. Mallory tinha acabado de voltar de um exame com um psiquiatra na Quinta Divisão Médica em Quang Tri com um bilhete que dizia que ele tinha um personalidade passivo-agressiva e teria de viver com essas dores de cabeça. Trazia também um bilhete do dentista, que tinha colocado umas restaurações temporárias e dizia que Mallory estava pronto para o dever, mas que precisava pensar em colocar uma ponte quando voltasse para os Estados Unidos.

– Olha, eu estou ocupado – Selby disse para Foster, o paramédico de primeira classe. – Só dá mais um pouco de Darvon pra ele e tira ele da ala dos doentes.

– Ele parece estar bem irritado, senhor.

– Porra, eu já olhei a cabeça dele até ficar azul. Eu fui treinado para ser um cirurgião, não psiquiatra – Selby pegou um frasco de aspirinas e engoliu quatro comprimidos sem nem se preocupar em tomar água junto. – Agora você diz pra ele que a enfermaria abre às nove da manhã e me deixa trabalhar. Entendeu, Foster?

– Sim, senhor – Foster fez uma pausa enquanto Selby se sentava na

escrivaninha rudimentar com as mãos no rosto. – Senhor?

– O que é, Foster?

– Você pode vê-lo às nove horas? Acho que ele não vai aceitar mais uns lulas dando mais Darvon. Ele já tá comendo aquilo como se fosse doce.

– Porra, o que você quer que eu faça, segure a mão dele? Eu tenho um monte de gente lá fora que eu *posso* curar, e estou de saco cheio de ver esse cara. Não. Não vou vê-lo.

– Sim, senhor – Foster foi até a entrada da barraca. Mallory estava sentado num banco com a testa nas mãos, a mochila largada entre seus pés. Sua jaqueta e sua .45 estavam largadas em cima da mochila.

– Soldado raso Mallory – Foster disse.

– Sim.

– Falei com o tenente Selby e ele disse que realmente não tem mais nada que possa fazer por você.

– Isso é o que todo mundo diz. O que está acontecendo aqui, hein?

Foster suspirou.

– Mallory, eu não sei mais o que dizer. Se não há nada que eles possam fazer em Quang Tri, com certeza não há nada que possamos fazer aqui.

– Porra, minha cabeça tá doendo.

– Eu sei, Mallory. Tudo que posso fazer é dar...

– Porra, mais comprimidos – Mallory levantou, gritando. – Eu não preciso de comprimidos, porra. Preciso de ajuda. E aquele médico filho da puta tá fodendo comigo e estou de saco cheio. De saco cheio, tá me ouvindo? – começou a choramingar. – Estou de saco cheio, porra.

Selby passou pela partição.

– Cai fora dessa enfermaria agora, fuzileiro – disse. – E se eu não vir a tua fuça longe daqui em cinco segundos, vou denunciar você por desobedecer uma ordem direta.

Mallory, obviamente com muita dor, gritou e pegou a .45 do chão. Puxou o cano da arma.

– A minha cabeça tá doendo pra caralho, e eu quero que pare de doer – apontava pistola para o estômago de Selby.

Selby recuou devagar.

– Você vai se meter numa grande merda por causa disso, fuzileiro –

disse, nervosamente.

– A minha cabeça tá doendo.

Foster começou a se mexer vagarosamente em direção à porta. Mallory virou a pistola para ele.

– Aonde você vai?

– Deixa eu procurar o coronel ou alguém. Talvez eles possam fazer algo a respeito disso. O que você acha, tenente Selby?

– Oh, sim – Selby disse. – Talvez eles possam mandar você para Da Nang. Talvez para o Japão. Eu não fazia ideia de que você...

– Cala a boca – Mallory disse. – Não *fazia ideia*. Ah é? Não *fazia ideia* até eu chegar aqui e colocar uma arma na tua fuça. Puts, você realmente *não fazia ideia*.

– Olha, eu posso escrever uma ordem agora mesmo pra mandar você para Da Nang.

– Você pode fazer isso?

– Claro que posso. O Foster vai datilografar tudo, não é, Foster?

– Sim, senhor. Isso mesmo.

– Certo. Começa a datilografar – Selby disse para Foster. Estava claro que a raiva de Mallory estava esfriando. Selby percebeu que Mallory não sabia mais o que fazer com a pistola ou como sair daquela situação.

Foster juntou três formulários com papel-carbono entre eles e começou a bater na máquina de escrever. Selby ficou de pé, ereto ao lado da mesa de Foster, tentando ganhar coragem para encarar Mallory. Acabou fingindo ler o que Foster estava escrevendo.

O paramédico de terceira classe Milbank, retornando do café da manhã, veio assobiando pelo caminho em direção ao posto de primeiros socorros. Parou quando Foster gritou:

– A chamada para os enfermos só abre às nove da manhã, fuzileiro.

– O quê? – Milbank disse. Pôde ver Foster pela porta aberta, e Selby em pé ao seu lado, nervosamente.

– Você conhece as regras, fuzileiro. Nove horas. Estamos sob muita pressão aqui. Agora retire-se.

– Está bem – Milbank saiu do caminho, confuso. Andou calado em direção à barraca. Havia um silêncio absoluto dentro de si. Então ouviu uma voz hostil.

– Aonde você vai?

– Tenho que ver o código correto para a ordem – a voz de Foster respondeu, um pouco devagar demais e de modo extremamente claro. – Está naquele livro lá em cima.

Milbank olhou cuidadosamente por debaixo da parede da barraca. Ela terminava a alguns centímetros do chão. Conseguiu ver as botas esbranquiçadas de um fuzileiro do mato e um capacete entre alguns equipamentos com o número de resgate M-0941. Um número de resgate consistia na primeira letra do sobrenome do homem e os quatro números de seu número serial. Então viu a .45 em uma mão negra. M – Mallory. Porra, era aquele atirador de metralhadora carrancudo com as dores de cabeça da Companhia Bravo.

Milbank correu até a barraca do refeitório e encontrou o sargento Cassidy jogando os restos do seu café da manhã numa lata de lixo.

– Mallory está com uma .45 apontada para o doutor Selby e Foster – disse. – Lá na posto de primeiros socorros do batalhão.

Milbank não sabia para onde ir. Encontrou Connolly e gritou para ele.

– Mallory sacou a arma contra o doutor Selby. Chama o teu chefe aqui agora.

Todo mundo no lugar parou de comer. Connolly olhou para a caneca de café e fechou os olhos, depois correu para a pista.

Cassidy alcançou o posto de primeiros socorros do batalhão e Milbank veio atrás dele.

– Dá pra ver ele pela fresta embaixo da barraca – Milbank sussurrou. Cassidy apenas grunhiu. Abaixou-se e espiou por debaixo do espaço estreito entre o chão e a parede da barraca. Viu as calças de camuflagem de selva de Mallory a parte de baixo da .45.

Andou calmamente ao redor da barraca e entrou pela porta. Mallory, surpreso, deu um passo para trás.

– Me dá a arma, Mallory – Cassidy disse.

– Estou dizendo, minha cabeça tá doendo. Vou cair fora daqui.

– Me dá a porra da pistola, ou juro por Deus que vou enfiar nessa sua garganta seca, porra.

Mallory balançou a cabeça, depois pareceu ter um colapso como uma criança choramingona.

– Tá doendo.

Cassidy foi até ele, pegou a .45 e jogou-a para Selby, que colocou as mãos no rosto em vez de agarrá-la. A pistola caiu no chão com um estrondo.

– As pistolas não funcionam sem pentes dentro, tenente Selby, *senhor* – Cassidy disse. Olhou para Mallory, com as mãos na cintura. – E você, seu traste, eu deveria arrancar a sua cabeça agora mesmo – Cassidy de repente atacou com o punho, socando o estômago de Mallory. Depois, acalmando-se, pegou a .45 de Mallory, foi até a mochila deste, pegou um pente e inseriu na coronha. Apontou para Mallory. – Agora tá carregada, seu cabeça de merda. Agora levanta.

– Eu tenho meus direitos – Mallory resmungou.

– É só por isso que você ainda tá vivo, seu inútil – Cassidy disse. – Agora se mexe.

Cassidy mandou Mallory andar, passando por uma multidão de fuzileiros em direção a uma caixa conex de aço vazia e o chutou para dentro duramente. Tinha acabado de enfiar o pino de aço no ferrolho da pesada porta quando Fitch e Pallack chegaram rugindo no jipe. O major Blakely veio correndo do COC.

– Porra, o que aconteceu? – Fitch perguntou.

– É aquele inútil do Mallory.

– O que está havendo aqui, sargento Cassidy? – Blakely perguntou, ofegando por causa da corrida.

– Como eu estava dizendo para o chefe aqui, senhor, é o soldado raso Mallory. Ele apontou a .45 dele contra o tenente Selby lá na enfermaria. Eu tranquei ele aqui nessa caixa de carga.

– Acho que ele não vai mais causar problemas lá dentro – Blakely disse, sorrindo.

Fitch sorriu com hesitação, tirou o boné, mexeu no cabelo.

– Alguém se machucou? – perguntou.

– Não, senhor – Cassidy respondeu.

– Bem, não podemos simplesmente deixar ele dentro da caixa – Fitch disse, meio em tom de pergunta.

– Vamos deixar ele ali por enquanto – Blakely respondeu rapidamente. Faz bem ver alguém trancado por um crime por aqui. Além do mais, nós temos outra situação surgindo da qual eu quero que vocês cuidem.

Fitch colocou o boné cuidadosamente.

– Vamos falar disso depois, sargento Cassidy – disse. Ele e Blakely foram embora.

Cassidy jogou a .45 para um fuzileiro do Q&P que estava na multidão.

– Schaffran, atira em qualquer um que tentar soltar esse cabeça de merda. Só toma cuidado pra que ele não acabe sufocando e morrendo lá dentro. Ele só vai sair quando eu mandar – Cassidy saiu andando.

– Nem pra mijar, sargento Cassidy? – Schaffran gritou atrás dele.

– Só quando eu mandar, seu cabaço.

Schaffran olhou para a pistola, suspirou e sentou-se na frente da caixa.

Vinte minutos depois, Mellas recebeu a ordem para colocar a unidade Bald Eagle em alerta. Era outra equipe de patrulha, sinal de chamada Sweet Alice. Estavam num combate prolongado com uma unidade do tamanho de uma companhia ao sul de Matterhorn. Sweet Alice tinha seis fuzileiros.

Mellas passou a notícia pelo rádio para a equipe de trabalho na Força-Tarefa Oscar. Algo profundo dentro dele se inquietou ao observar os fuzileiros correndo morro abaixo de onde estavam enchendo sacos de areia. Com ferramentas de trincheira e camisetas nas mãos, correram pela pista úmida em direção ao equipamento, possivelmente de encontro a suas próprias mortes.

"*Semper Fi*, irmãos", Mellas sussurrou para si, entendendo pela primeira vez o que a palavra "sempre" exigia se você realmente acreditasse no que dizia. Lembrou-se de uma discussão num clube com seus amigos e

as namoradas uma noite depois de um baile. Falavam sobre a estupidez dos guerreiros e seus imbecis códigos de honra. Ele se juntou a eles e rindo com todos, escondendo o fato de que tinha entrado para o Corpo de Fuzileiros Navais muitos anos antes, não querendo que pensassem que ele era essa coisa ruim que achavam que um guerreiro fosse. Protegidos pela classe social e pelo gênero, eles nunca seriam capazes de entender o outro lado. Agora, vendo os fuzileiros correndo pela zona de pouso, Mellas soube que nunca poderia participar daquela risada cínica novamente. Algo tinha mudado. As pessoas que ele amava iam morrer para dar sentido e vida àquilo que ele sempre pensou que fosse apenas palavras sem nexo de uma língua morta: *Semper Fidelis.*

Os joelhos de Mellas estavam tremendo. Suas mãos também sacudiam à medida que soltava as alças da mochila e testava as molas dos pentes de munição.

– Certifiquem-se de que os cantis de todo mundo estejam cheios – disse para cada um dos comandantes de pelotão. – Nunca se sabe quando vamos conseguir água fresca de novo.

Fracasso andava de um lado para outro como um animal enjaulado. Em suas mãos, estavam vários cartões cobertos de plástico nos quais tinha escrito as direções para chamar o fogo de artilharia e os ataques aéreos.

– Não se preocupa, Fracasso – Mellas disse. Quando você precisar de artilharia, vai conseguir chamar. Apenas lembre que eles precisam saber três coisas: onde você está, onde os viets estão, e depois você diz se eles são longos ou curtos – Fracasso riu, olhando para seus cartões preparados cuidadosamente. – Guarda eles no bolso se isso faz você se sentir melhor – Mellas disse, parecendo mais experiente em combate do que realmente se sentia.

Ele e Fracasso viraram ao ouvir o som de alguém correndo em direção a eles. Era China.

– Porra, enfiaram Mallory numa jaula como um animal – berrou para Mellas. – Eles não vão se safar dessa merda.

Mellas levantou os braços com a palma da mãos em direção a China. Esse gesto acalmou China um pouco.

– Ele apontou uma pistola contra um doutor da Marinha, porra –

Mellas disse calmamente. – O que você quer que eu faça, mude as regras para vocês?

– Não se tranca alguém numa jaula como um animal, porra. Essas são as *regras*, caralho.

– China, a gente não tem tempo pra essa merda. Tem alguém no mato num sanduíche de merda. Mallory vai ter que esperar.

– Mas a pistola não tava carregada.

Isso era novidade para Mellas.

– Como é que é? Tem certeza?

– Sim, senhor. Um dos lulas me disse, e faz sentido. Eu conheço Mallory. Ele não atiraria em ninguém.

Mellas não sabia se deveria acreditar nisso ou não. Mesmo que acreditasse, o que ele poderia fazer?

– Se não acredita, vai lá falar com aqueles filhos da puta que ajudaram Cassidy a colocar ele na jaula – China disse.

Os pensamentos lotaram a cabeça de Mellas. Talvez o alerta não fosse definitivo. Eles já tinham passado por falsos alarmes antes. Mellas olhou ao redor. A companhia já estava agrupada em guarnições de helicóptero. Goodwin andava devagar ao longo da linha de seu pelotão, brincando, provocando. Kendall estava sentado tensamente ao lado do seu operador de rádio, Genoa, olhando para os morros além da pista. Viu Bass verificando seus apetrechos, um sinal definitivo de que todo mundo já estava pronto.

– Ok, China – Mellas disse. – Vou ver se consigo fazer o Jayhawk ajudar. Mas, porra, espero que a sua informação esteja correta – pegou o fone do rádio. – Quero falar com o personagem Hotel, do Three Zulu. Aqui é Bravo Five. Câmbio.

Houve uma longa espera. O operador do batalhão retornou.

– O Three disse que o personagem Hotel está ocupado. Câmbio.

– Você perguntou ao Hotel se ele está ocupado? – Mellas perguntou. – Câmbio.

– Um momento – houve outra pausa, mais curta que a primeira.

Então a voz do major Blakely surgiu no rádio.

– Bravo Five, aqui é Big John Three. Nós estamos com a Bald Eagle em alerta e é melhor você ter essa galera pronta pra voar. Câmbio.

– Entendido. Bravo Five e desligo.

Mellas olhou para China.

– Não posso fazer nada – disse.

– Merda – China disse. Virou de costas, com nojo.

– Olha, China – Mellas disse. – Mesmo que a gente pudesse fazer o tenente Hawke tirar o Mallory da caixa de carga, você sabe que ele vai estar na merda mesmo que não estivesse carregada – Mellas sabia que quem ele mandasse encontrar Hawke tinha de ser confiável para que voltasse para o lançamento. Ao mesmo tempo, teria de ser alguém em quem China confiasse.

– China – disse –, juro por Deus que, se você não voltar a tempo para o lançamento, eu vou foder tanto com a sua vida que você nunca vai esquecer. Agora vai.

China virou completamente e saiu correndo. Goodwin e Ridlow vieram apressadamente até Mellas.

– Que porra tá acontecendo? – Ridlow rosnou, olhando para China desaparecendo de costas.

– Mallory apontou uma .45 para um cirurgião do batalhão.

– Eu sei. Relsnik contou pra gente.

– A pistola não estava carregada. Eu mandei o China dizer para o Hawke tentar tirar o desgraçado da caixa de carga.

– Caixa de carga? Porra – Ridlow disse, devagar –, aquele preto do caralho não conseguiria escapar de um saco de celofane.

– Porra, quem quer soltar ele? – Goodwin perguntou.

– Adivinha, Cicatriz.

– Ah, que merda – Goodwin disse. – China é um dos meus melhores atiradores.

– Ele vai voltar.

– Quer perder uma grana acreditando nisso? – Ridlow perguntou.

– Ele vai voltar – Mellas disse. Olhou para a estrada, querendo ter certeza. Viu Fitch e Pallack chegando no jipe. Derrapou e parou, e os dois saltaram para fora.

– Acabei de ver o China correndo na estrada – Fitch disse. – Porra, o que tá acontecendo? A companhia tá pronta pra partir?

Mellas lhe disse que estava e explicou o que China havia ido fazer.

– Eu acredito nele – Mellas acrescentou. Olhou para os rostos cínicos ao seu redor.

Fitch hesitou por um momento. Virou-se para Pallack.

– Vai pegar o China no caminho e leva ele aonde ele quiser ir. Depois traz ele de volta pra cá. A gente precisa de bons atiradores.

Pallack saltou para dentro do jipe e manobrou de volta para a estrada, respingando lama e água atrás.

Fracasso, Goodwin e Kendall já estavam chegando perto de Mellas e Fitch com os cadernos nas mãos. Mellas tirou o seu próprio. Suas mãos estavam suando. "Meu Deus, por favor, que seja apenas outro alarme falso." Mellas sentiu como se estivesse em uma escada rolante que o levava vagarosamente até a beira de um precipício.

Fitch abriu o mapa no chão.

– Aqui – disse, apontando para um ponto em vermelho. – Uma equipe de patrulha, sinal de chamada Sweet Alice, está em contato exatamente agora com uma unidade ENV do tamanho de uma companhia. Cicatriz, você patrulhou esse vale. Você também, Mellas. Como é lá?

– Grosso pra caralho, meu.

Mellas concordou fazendo que sim.

– Capim-elefante e bambu – acrescentou.

Fitch lambeu os lábios.

– Se a gente receber ordem para zarpar, nós vamos cair no meio do perigo, pegar eles pelo flanco oeste. Bem aqui – seu dedo estava quase na linha vermelha do círculo. – Vamos ter uns helicópteros com metralhadoras, mas a artilharia provavelmente tá fora. O alcance é extremo demais.

– A gente saiu primeiro da última vez – Ridlow disse.

Fitch o ignorou.

– O que você acha, Cicatriz? A gente consegue colocar um helicóptero lá?

– Consegue.

– A gente saiu primeiro da última vez – Ridlow disse de novo.

– Porra, Ridlow, eu sei. Eu também sei por que os sargentos de pelotão

geralmente não frequentam as reuniões dos reais.

Ridlow sorriu.

– Estou apenas cuidando dos melhores interesses dos meus homens.

Todos riram e Fitch sorriu.

Mellas olhou para o quadro de amigos ao seu redor. Alguns deles muito provavelmente estariam mortos em uma hora. Fracasso, que mal tinha idade para beber, realmente mostrava seu medo. Estava escrevendo tudo o que conseguia no seu caderno, pulando e se agachando para se aquecer, seus dentes expostos num sorriso tenso. Goodwin, o caçador, estava nervoso, como um corredor antes de uma prova, possuindo alguma habilidade primitiva de liderar homens para situações em que a morte era o pagamento subentendido. Kendall, morto de preocupação, seu rosto pálido, seu capacete já na mão, estava liderando um pelotão que não confiava nele. Fitch, aos vinte e três anos, já tinha um manto de responsabilidade do qual a maioria dos homens apenas debatia a respeito. Estava agora levando cento e noventa garotos para a batalha, e suas decisões determinariam quantos deles voltariam. Os garotos: sonhando com D&D, ou se lembrando do D&D de onde tinham acabado de voltar, alguns saboreando a memória de uma pele morena e lisa apertada contra a deles, alguns lembrando de esposas que deixaram para trás em aeroportos antissépticos. E Mellas: em menos de uma hora, poderia não existir mais nenhum Mellas.

O rádio estalou com vida.

– É definitivo, senhor – Relsnik disse em voz grave.

Todos se olharam.



Em silêncio, os garotos fizeram fila na beira da faixa para esperar os helicópteros. Outros fuzileiros pararam para olhá-los, querendo dizer palavras de encorajamento, mas sem ousar se intrometer em seu mundo privado – não mais compartilhado com pessoas normais. Alguns deles estavam vivenciando a última hora deste breve mistério chamado vida.

Pallack parou, derrapando o jipe da companhia; ele e China correram até suas mochilas e armas. Marcharam até o local onde a companhia aguardava.

China se aproximou de Mellas com a metralhadora no ombro.

– Jayhawk disse que faria o possível. Se a pistola não estivesse carregada, tiraria ele de lá.

Mellas não se importava.

– Ótimo – disse. Estava tentando descobrir por qual lado deveriam atacar a companhia dos viets e se teriam ou não escolha sem saber as condições do vento.

– Senhor – China disse –, o tenente Hawke me mandou dizer isso também... – ficou calado.

– Dizer o que, porra?

– Ele disse, senhor, para não me esquecer de dizer duas coisas. Que você deveria resolver seus próprios problemas e não descarregá-los nos outros – China fez uma pausa. Mellas estava com os lábios apertados. – E que é melhor você voltar pra cá com a fuça intacta quando toda essa merda acabar, pra ele poder te dar umas porradas – Mellas soltou um riso aliviado.

China riu pelo nariz. Mellas notou que ele não estava carregando a pistola que todos os metralhadores deviam portar para se proteger.

– Porra, China, cadê a tua .45?

– Foi roubada, senhor.

Olharam-se por um momento.

– Porra, China, pra que mentir, cara? – Mellas disse com tristeza. Ele tinha ouvido boatos sobre negros enviando armas para os Estados Unidos. Tirou sua própria pistola e seu coldre do cinto e jogou para China. Ele olhou a arma e começou a fixá-la no cinto. Virou sem dizer nada.

O sargento Ridlow, que acabara de voltar de uma última inspeção pelo seu pelotão – apertando alças frouxas, dizendo duras palavras de encorajamento –, ouviu a última parte do diálogo com China.

– Ele não é um cagão – Mellas disse ao ver China inspecionar sua metralhadora.

– Nenhum deles é, tenente – Ridlow disse.

Mellas estendeu o olhar para as fileiras de tropas de helicóptero e se sentiu afastado do seu velho pelotão enquanto observava Bass e Fracasso se certificarem de que todos estavam prontos. Poucos dias antes, ele tinha sido seu comandante de pelotão, decolando de Sky Cap. A guerra ridicularizava seu antigo conceito de tempo. Olhava o céu de chumbo à espera dos helicópteros. O rosto de Anne pairava em sua memória. Sabia que ela nunca mais queria vê-lo, mas lá estava ela, talvez a última coisa de bom na sua mente.

– Lá vêm eles – alguém gritou.

Suspensos no céu viam-se pontinhos negros. A vista causou em Mellas um pavor trêmulo e doentio nas entranhas. Seus joelhos queriam ceder e seu corpo queria correr. Os pontos negros se separavam à medida que se aproximavam, transformando-se em helicópteros CH-46 de rotores gêmeos e virando em uma linha única para aterrissar na direção sul. Mellas quis que explodissem, que caíssem do céu. Estavam vindo para matá-lo. Sem motivo. E ele iria a bordo. Mais uma vez sentiu que uma escada rolante o levava ao precipício.

O primeiro helicóptero pousou com as rodas traseiras. Kendall e a primeira tropa partiram correndo na lama e desapareceram pela porta traseira. Um segundo helicóptero realizou um pouso de traseira e outra tropa do pelotão de Kendall correu para dentro. Depois, um terceiro, e um quarto helicóptero, e eles continuavam vindo e os garotos continuavam

desaparecendo. Até que não havia mais tropas exceto a de Mellas e uma outra; então Mellas correu com o peso da mochila batendo contra suas costas. Baixou a cabeça sob as hélices dos rotores, passou marchando pelo capitão e sentou no convés de metal. Ainda estava frio por causa da altitude.

O helicóptero estremeceu com força redobrada e ganhou o ar desajeitadamente. Aquele momento de falsa segurança, aguardando na pista de decolagem, fora interrompido para sempre.

Estavam mais ou menos trinta e cinco quilômetros a nordeste do círculo vermelho no mapa de Fitch. Mellas olhou para Rock Pile e Razorback, duas formações rochosas como torres que dominavam a paisagem ao redor da Base Vandegrift, e as viu deslizar para trás deles. Continuou fazendo leituras de bússola, tentando manter as marcações fixas. Pensou no que aconteceria se ele se recusasse a sair do helicóptero. Teriam de levá-lo de volta para Quang Tri. Seria interrogado e sentenciado. Mas estaria vivo. Inquietou-se imaginando se a zona de pouso estaria na zona de perigo.

O helicóptero deu uma guinada de lado. Mellas se ajoelhou, lutando contra a aceleração da manobra e a inclinação do convés. Tropeçou e deu de frente com uma das frestas de tiro; colocou a cabeça para fora, apertando os olhos contra o ar violento para tentar ver porque o piloto estava fazendo viradas tão rápidas. O metralhador à direita estava se inclinando para cima com a enorme metralhadora calibre .50 apontada para baixo. O capitão de bordo estava na portinhola da segunda metralhadora, estendendo o pescoço, mas inclinado muito acima do horizonte para que pudesse enxergar qualquer coisa. O helicóptero se endireitou de repente, depois caiu em um movimento nauseante. O rugido aumentou. Então Mellas ouviu o som de balas estalando como chicotes no ar. A metralhadora de estibordo se abriu, o atirador girou para trás com o plástico do capacete estilhaçado, mostrando no rosto um grande estrago. Caiu no chão com a garganta enroscada no cabo dos fones de ouvido.

Todo mundo queria sair do helicóptero.

A aeronave tocou a pista e a rampa desceu. Os fuzileiros começaram a se jogar para fora. O pilotou entrou em pânico e decolou antes que todos estivessem no chão. Quando Mellas chegou na saída, o helicóptero já estava

dois metros acima do solo, ganhando velocidade. Ele gritava para o capitão:

– Coloca essa porra no chão, filho da puta! Coloca essa porra no chão!

Saltou no ar e atingiu o chão com força. O helicóptero continuou rugindo para cima atrás dele. O último garoto olhou ansiosamente para trás, engoliu em seco e se lançou no ar para se juntar aos amigos. Ele e a mochila, que pesava quase cinquenta quilos, atingiram o solo com um estrondo horrível. Mellas viu o osso da canela ceder e saltar para fora da calça. O grito do garoto foi ouvido por cima do rugido de rifles e metralhadoras.

Mellas gritou.

– Seu filho da puta, seu desgraçado filho da puta!

Em seguida, levantou o rifle para atirar contra o helicóptero que desaparecia, mas uma força interior congelou seu dedo antes que puxasse o gatilho. Em vez disso, correu até o garoto ferido, gritando para alguém chamar um paramédico, e começou a arrastá-lo com seus apetrechos para longe da zona de pouso. Outro fuzileiro foi até Mellas, e juntos puxaram o garoto contorcido para a relativa proteção de um arbusto de capim-elefante. Deixaram-no lá e correram para alcançar o pelotão em avanço, o qual Goodwin tinha espalhado e o movimentava em rápidas investidas de esquadrões em direção ao inimigo.

Os tiros cessaram. Dois helicópteros Huey que estavam atirando ao norte do pelotão deram uma guinada em curva e zuniram sobre suas cabeças. Houve alguns tiros de M-16 a esmo. Um lança-granadas M-79 foi disparado. Logo veio outro estouro aleatório de tiros. Depois silêncio, a não ser por uns gritos ocasionais. Mellas saiu correndo atrás do pelotão de Goodwin, rastejando muito, abrindo caminho entre o espesso capim-elefante. Todos tinham parado e esperavam suados e ofegantes. Mellas encontrou Goodwin vindo na direção oposta. Houve um tiro de M-16, mas nada em resposta.

– Tá tudo bem lá atrás, Cicatriz – Mellas disse. – Um ferido com uma perna quebrada – passou a falar em código de rádio automaticamente, sem notar.

– Fitch nos mandou parar – Goodwin disse. – Acho que os veadinhos fugiram.

Tinha acabado.

Mellas continuou se arrastando rápida e paralelamente à linha da companhia. Todo mundo estava tensamente deitado no chão, com suas armas M-16 e suas metralhadoras apontadas para frente. Ao atingir a extremidade esquerda da linha, ele passou do lado de seu velho pelotão. Sorriram para ele. Seguiu adiante. Chadwick estava de costas, era possível ver sangue cobrindo seu peito. Mostrou um polegar para Mellas e sorriu, pois sabia que estava indo para casa. Mellas continuou. Encontrou o doutor Fredrickson, que cuidava de um garoto que Mellas nunca tinha visto. Mellas continuou correndo. Alcançou Fitch, que estava no rádio.

– Eles bateram em retirada. Câmbio. Não, não sei para qual lado, Stevens, porra. Não dá pra ver porra nenhuma daqui. Câmbio. Para o norte. Eu entendo. Seria suicídio perseguir eles nessa merda. Câmbio. Eles não estão *correndo*, porra, estão *em retirada*. Eles vão estar deitados no chão e nós vamos estar em pé. Vão nos devorar.

Houve uma pausa. Mellas ouviu outra voz no rádio, mas não conseguiu entender o que ela dizia. Fitch disse:

– A prioridade da minha missão é resgatar aquela tropa e nossos feridos em segurança. Não podemos persegui-los, senhor, se tivermos que carregar corpos. Câmbio. Sim, senhor. Bravo Six câmbio e desligo – virou para Daniels. – Ainda está chamando aquela porra de reforço de artilharia? – Daniels estava falando no gancho e só fez que sim com a cabeça. – Nós temos que cercar eles, Mellas – Fitch disse. – A patrulha de reconhecimento está com cinco feridos. De seis. E o outro está morto. Vou mandar Cicatriz pegar eles. Tirar eles da zona. Big John Six está ficando puto. Como estão as coisas?

– Tudo bem. Não vi nenhum morto. Alguns feridos estão muito mal.

Fitch resmungou aliviado.

Mellas organizou a companhia em volta da zona de pouso e logo pôs todos para cavar trincheiras. Goodwin levou consigo dois destacamentos e alcançou a patrulha de reconhecimento em dez minutos. Levaram vinte minutos para voltar à zona, carregando com esforço o peso do cadáver e um garoto que levou tiros nos dois joelhos. O resto da patrulha conseguiu escapar sob o comando dos destacamentos. O líder, um tenente grandalhão,

tinha estilhaços de granada na perna esquerda. Aproximou-se de Fitch e Mellas.

– Obrigado – disse. – Achei que estava fodido de vez.

– Tudo bem – Fitch disse. – Mas, porra, o que aconteceu?

– Foi minha culpa – o grandão soltou um longo suspiro. À medida que a adrenalina foi passando, ele começou a tremer.

– Quer um cigarro?

O tenente balançou a cabeça.

– Lá em cima – apontou para Matterhorn, cuja base se mostrava sobre o vale e cujo topo se ocultava entre as nuvens. – Observei algum movimento duas noites atrás. Achei que podia me aproximar pra ver o que era.

– Morteiro! Morteiro! Disparo! – o gritou ressoou através do círculo. Todos lutaram por um abrigo.

– Porra! – Fitch disse. Os três se jogaram no chão, mas nenhum deles tivera tempo de cavar um buraco.

Seis explosões, quase simultâneas, tremularam a área ao redor do perímetro.

– Eles estão lá em cima sim – o tenente disse. – Eu vi duas metralhadoras. Estão entrincheirados naquele morro da direita. Tem um helicóptero destruído lá. Com tantas metralhadoras pesadas, minha sugestão é que alojemos uma companhia lá em cima. Eu queria esquadrinhar o outro morro, mas...

– Disparo! – alguém gritou.

Mellas cavava furiosamente. Seis outras explosões passaram pelo perímetro da companhia. Os atiradores do ENV dominavam a linha de fogo. Não restava dúvida de que havia uma companhia lá. Uma unidade menor não seria capaz de carregar a munição de morteiro.

– Chama logo a porra do reforço, Daniels! – Fitch gritou. – Eles sabem quantos somos – Fitch imediatamente mudou de frequência para ordenar que os dois helicópteros Huey que circulavam o perímetro encontrassem os morteiros.

– Não dá pra chamar o reforço se os helicópteros estão na frente! – Daniels gritou frustrado. – E a cadência de tiro será lenta por causa da linha de fogo. Eles vão queimar os canos se atirarem rápido demais com

carga máxima.

– Tou pouco me fodendo para os canos deles. Chama a porra do reforço.

Todos estavam levantando poeira, xingando, cavando com as unhas. Mais uma vez, houve seis explosões. Alguém gritou.

Mellas cavava. Ao mesmo tempo cronometrava o intervalo entre os ataques. Calculou que eram pelo menos dois morteiros fazendo três disparos, ou talvez até três fazendo dois. Após cavar um buraco que mal dava para colocar seu corpo estendido, enfiou a cara no solo, sentindo-se nu e exposto.

– Lá vêm os helicópteros!

Dois helicópteros Huey de resgate médico chegaram como jatos sobre suas cabeças, vindos do sul. O sinalizador da companhia soltou o pino de uma granada de fumaça verde e, andando com o rádio nas costas, falou com o helicóptero principal que deu meia-volta do solo inimigo em direção à zona. Lá pelo norte, abafado pela distância, podiam ouvir o rugido gutural das metralhadoras dos dois helicópteros que Fitch mandara em direção a Matterhorn.

O tenente grandão correu mancando até a zona de pouso. O helicóptero principal atingiu o solo com força. Os fuzileiros carregaram os feridos para dentro. O tenente esperou pelo segundo helicóptero, ajudou a carregar mais feridos, jogou o cadáver e subiu nas armações. A aeronave estava começando a subir, com o bico inclinado para baixo ao ganhar velocidade, quando mais seis tiros de morteiros foram disparados. As explosões ocultaram o helicóptero. Por fim, a fumaça se dissipou e o ele saiu pelo ar.

– Vamos sair daqui, porra – Fitch disse. – Cacete, Daniels, manda uma fumaça, caralho – Daniels já sabia que não poderia contra-atacar os morteiros de modo eficaz. Sua única esperança era baixar uma cortina de fumaça entre a companhia e os morros ao norte. Porém, as bombas não estavam disparando quando ele chamava. Com a Base Eiger abandonada, era obrigado a usar os morteiros obuses de vinte centímetros na Base Sherpa, mas as armas estavam à margem da linha de fogo. Àquela distância, os explosivos estavam sujeitos aos ventos e às variações de temperatura, dos quais Daniels só tinha suposições. Ele esperava que

caíssem num local bom o suficiente. Olhou inquieto para as nuvens que ocultavam o topo dos morros.

A Bravo se dividiu em três colunas e se deslocou para a proteção da selva. Uma última explosão de morteiro do ENV atingiu a ponta do pelotão de Kendall antes que chegassem ao abrigo das árvores, e mais dois fuzileiros ficaram feridos, mas não necessitavam de resgate de emergência e podiam ser carregados. A companhia resgatara seis garotos, dos quais nenhum morreu, e a patrulha Sweet Alice. Se resgatassem pela manhã mais esses dois feridos, não perderiam nada. Todos sentiram orgulho. Exaustos, mas, por estranho que pareça, contentes, abriram trincheiras, sentindo-se protegidos pela selva espessa. Pela manhã estariam voando para longe, missão cumprida.

O coronel Simpson também sentiu orgulho e estava corado com o sucesso. "Sabia que aqueles filhos da puta estavam lá", gritava várias vezes exultante. Ele e Blakely estavam no Centro de Operações de Combate, após voltarem dos informes regimentais, onde foram muito parabenizados. Tirou o telefone do gancho e ligou para a Bravo mais uma vez.

Hawke ouviu a voz de Relsnik através do chiado dos alto-falantes, que permitiam que todos no COC ouvissem a conversa. Hawke imaginou os olhos de Fitch se revirando. Desde o combate, era pelo menos a quinta vez que o coronel queria falar com ele.

Hawke continuou assinalando observadores aéreos e sensores. Não gostava do que via. Atividade demais, exatamente onde o coronel a queria, exatamente onde a Bravo estava.

Simpson perguntou:

– Você disse que consegue vê-los? Câmbio.

– Mandamos nosso oficial de reconhecimento para cima de uma árvore a fim de chamar reforço, e ele disse que estão se entrincheirando no Morro do Helicóptero. Matterhorn está coberta por nuvens e fumaça, não conseguimos ver nada lá – houve uma breve pausa interrompida por estática no fundo. – Sweet Alice me disse que eles provavelmente estão bem protegidos em Matterhorn nos nossos velhos bunkers. Câmbio.

Hawke olhou para Blakely e Simpson a fim de identificar alguma reação à declaração de Fitch. Não mostraram nenhuma.

– Eles dividiram as forças – Simpson se virou animado para Blakely. – Acho que devemos aproveitar a situação.

Blakely pegou o gancho.

– Bravo Six, aqui é Big John Three. Você consegue calcular quantos inimigos são? Câmbio.

– Como eu disse, o oficial da Sweet Alice acha que talvez seja uma companhia. Só conseguimos ver uns cinquenta no Morro do Helicóptero, mas deve ter pelo menos o dobro disso em Matterhorn só para proteger o perímetro. Além disso, os bombardeios de morteiro vêm de seis em seis. Câmbio.

– Quantos você está *vendo*, Bravo Six? – Blakely perguntou. – Não quantos você palpita que sejam. Câmbio.

– Cinquenta – foi a resposta sucinta de Fitch. O rádio saiu do ar e voltou. A voz de Fitch era controlada e fria. – Senhor, um dos meus oficiais de reconhecimento fez muita patrulha por aqui e diz que temos uma boa zona de pouso em – a partir do Parque Comiskey – dois-ponto-dois para cima, um-ponto-sete para a esquerda. – Fitch estava dizendo a localização de uma zona de pouso usando o código de rádio do dia. – Nós podemos pousar lá, fica embaixo da camada de nuvens, e sair sem expor os helicópteros ao ataque dos morteiros de Matterhorn ou do Morro do Helicóptero. Câmbio.

– Um momento, Bravo Six – Blakely virou para Simpson. – Você falou algo de tirar eles de lá, senhor?

– O caralho. Não agora que os viets estão com o rabo entre as pernas e eu, com três companhias prontas pra botar pra foder.

Hawke parou de assinalar marcas no mapa.

– Bravo Six, aqui é Big John Three. Fique parado por um tempo. Quero que espere aí na posição atual até segunda ordem. Entendido? Câmbio.

– Copiado e entendido, Big John Three. Bravo Six câmbio e desligo.

Blakely foi até o mapa, aflito. Simpson o seguiu. Olharam o mapa sabendo que os olhos de todos estavam sobre eles.

– Temos uma unidade conhecida do tamanho de um pelotão, talvez

maior – Blakely disse. – Uma companhia fresquinha de fuzileiros que conhece o território inimigo como a palma da mão. E quase um batalhão inteiro de reserva.

– Sabia que aqueles filhos da puta estavam lá – Simpson disse. – Ninguém me ouviu. Vou dar ordens à Bravo para atacar. Vou lá confirmar com Mulvaney agora mesmo. Ele quebrou a cara – Simpson riu, doido de entusiasmo e orgulho.

Blakely pôde ver que isso era uma oportunidade. Sabia que teriam pouco tempo antes que o inimigo ocupasse os dois morros, mas também que Fitch não podia deixar os feridos para trás sem proteção e que isso enfraqueceria o ataque. Se houvesse uma companhia lá em cima, como Fitch suspeitava, atacar seria tolice. Eles não teriam nenhum elemento surpresa, nenhuma superioridade quanto ao local e nenhuma potência real de fogo, sendo que todas as baterias de artilharia foram recuadas por causa da operação Cam Lo. Levaria tempo para deslocar algumas baterias naquela direção, mas isso, é claro, deixaria os outros batalhões com menos suporte, o que não seria feito a não ser que Mulvaney concordasse.

Por outro lado, era a primeira vez em alguns meses que eles sabiam onde uma unidade de tamanho considerável estava. Se ele conseguisse manter Simpson sob controle, poderiam causar um dano considerável. Enquanto isso, tinham que manter os viets no lugar. E precisariam envolver o batalhão, para isso precisavam da aprovação de Mulvaney. Isso não seria fácil. Mulvaney fora criticado por ser muito agressivo, e as reclamações que ele fez sobre a operação Cam Lo prejudicaram sua imagem perante o alto escalão.

Mas também poderia ser criticado por não ser agressivo o bastante, o que era muito pior. Os registros mostrariam uma unidade de cinquenta no Morro do Helicóptero. Blakely já tinha aprendido que os oficiais mais jovens tendiam a superestimar o tamanho de uma força inimiga que enfrentavam, então talvez houvesse só uns trinta viets lá em cima. Mas o inimigo estava se estabelecendo, provavelmente com metralhadoras, e com certeza morteiros. Trinta no Morro do Helicóptero queria dizer ao menos

setenta ou oitenta em Matterhorn. Mesmo assim, com suporte aéreo uma companhia fresquinha de fuzileiros conseguiria facilmente derrotá-los. Blakely teve um pensamento vago sobre a dificuldade de suporte aéreo fixo com aquelas nuvens de monção, mas rapidamente se lembrou de que os helicópteros com metralhadoras poderiam penetrar lá. Tinham feito isso naquele mesmo dia afinal.

Claro que não precisavam realmente daquela merda de morro. Eles mesmos o abandonaram. Mas Blakely sabia que o combate não era mais pelo terreno; e sim pela exaustão. Mortes. Esse era o trabalho, e ele o faria. Se havia uma companhia lá em cima, um batalhão não poderia estar muito longe. E se conseguisse manter aquele batalhão no lugar usando as três companhias restantes de fuzileiros e quaisquer outras que Mulvaney tivesse disponível, ele teria um grande dia de manobras. Poderiam trazer os B-52 da ilha de Guam, voando bem acima das nuvens de monção, e cagar na cabeça dos veadinhos, gostassem ou não. Finalmente haveria algo de tangível nos relatórios em vez daqueles chuviscos irritantes de mortes e baixas que estavam sendo entregues há semanas.

Blakely começou a calcular as forças de suspensão ou ascensão do suporte aéreo e as posições da artilharia. Estavam muito longe da costa para suporte naval, mesmo para o New Jersey BB-62, com seus grandes canhões de quarenta centímetros. Levaria tempo até deslocar a artilharia para compensar o suporte aéreo inconsistente, mas eles conseguiriam. Isso queria dizer que tinham de manter os viets parados enquanto deslocavam a artilharia para lá e para cá – se conseguisse convencer Mulvaney a cooperar.

Finalmente seus pensamentos voltaram para o presente no COC, consciente de que Simpson estava pronto para agir, mas era só aquilo.

– Senhor, antes de vermos Mulvaney, talvez devêssemos esboçar um plano elaborado – Blakely disse. – Isso poderia envolver muito mais do que só o batalhão, como o senhor sabe, se suas intuições sobre os viets estiverem corretas.

– Sim, realmente você está certo.

Os dois saíram do COC e foram até a barraca de Simpson. Ele pegou

uma garrafa de Wild Turkey e deu um gole.

– Isso poderia se tornar algo realmente grande – disse sorrindo, tentando ocultar seu nervosismo. Serviu um copo para Blakely, mas ele recusou. Simpson se sentiu constrangido de repente. Ele não pensara realmente na bebida; era apenas uma coisa natural, oferecer uma bebida a alguém. Agora não sabia se deveria ou não beber o gole que aceitou. Deus do céu, ele não podia estar bebendo, não agora que uma companhia acabava de entrar em contato com o inimigo e talvez estivesse indo para um ataque. Guardou a garrafa, olhou para seu copo em cima da mesa, ignorou-o e foi até o mapa.

– Teremos de deslocar umas baterias de artilharia se tivermos uma força considerável lá – disse, tentando recuperar o controle da situação. Sentia-se um tolo.

– Senhor – Blakely disse –, quais são as chances de Mulvaney deixar você engajar o batalhão para recapturar Matterhorn?

– Como assim? Você acha que ele vai recusar?

– Não se fizermos tudo direito – Blakely foi até o mapa de Simpson. – Veja, senhor, Matterhorn está nos confins da proteção da nossa artilharia, como você acabou de indicar, mas está próximo o bastante dos viets de Co Roc ou qualquer outro lugar de Laos. Mas nós não podemos atacar a artilharia deles sem aval político.

– Sem problema – Simpson disse. – Vamos conseguir isso. Vamos cessar fogo para ajudar uma das nossas unidades deste lado do rio.

– Não é o aval o problema, senhor – Blakely revelou. – É o processo. Para conseguir aprovação, teremos de submeter todos os motivos de querermos isso, antes de precisarmos – fez uma pausa. – Ou teremos que encontrar uma boa razão para precisar atacar quando quisermos.

Simpson pegou o copo e virou o uísque. Essa porra de merda política, pensou. Que *porra*, fodia com tudo mesmo. Não estava muito certo do que Blakely acabara de dizer, mas tinha certeza de que não queria submeter para a divisão um plano que envolvesse deslocar baterias de artilharia que seriam disparadas para dentro de Laos. A patrulha já tinha sido resgatada, e o líder dela apenas *achava* que tinha companhia. Isso não era bom o bastante. Pareceria estúpido e não seria aceito. Para puta que pariu esses

políticos de merda. Ele sabia que os viets estavam exatamente onde sempre supôs. Agora não podia fazer nada contra. Bateu o copo com força na madeira compensada.

– Porra! – disse. – Vamos ter que trazer eles de volta, não é? – olhou para Blakely, mas não viu nenhum desânimo nem raiva. – Ou você acha que não? – perguntou, olhando com os olhos entrefechados para o oficial de operações.

– Como eu disse, senhor, precisamos de um motivo para usar quando quisermos.

– Continue.

– Mulvaney é um soldado velho. Não passa de um comandante de pelotão gordo com helicópteros nos ombros. Ele aproveitaria qualquer pretexto pra ir lá e botar pra foder. Mas ele vai apresentar qualquer plano para a divisão. Você sabe das fofocas tão bem quanto eu. Ele não é nem um pouco popular lá. Por outro lado, nosso trabalho é matar viets. Se deixarmos uma oportunidade dessas passar, acabaríamos parecendo uns grandes cagões. Você tem controle tático total. Você não precisa falar com ninguém pra fazer algo que não engaje forças que você não controla ou pra foder a missão atual. Seu relatório mostra cinquenta viets. Você tem uma companhia fresquinha e sabe que Fitch está superestimando o número de qualquer modo. Deve ser vinte e cinco ou trinta. No registro você terá uma superioridade de três contra um, e provavelmente até de cinco para um. Nós temos tudo que precisamos pra acabar com eles. E se descobrirmos que tem mais viets e já tivermos uma companhia em ação? *Aí* você terá uma boa história pra contar pro Mulvaney.

Simpson andava de lá para cá, acenando com a cabeça nervosamente enquanto escutava Blakely.

– Sim, entendo, porra, é isso mesmo – repetia.

– Sugiro engajar Bravo agora, será um aproveitamento perfeito do sucesso que você teve nesta tarde. Se houver viets lá, como você anda dizendo pra todo mundo, vamos descobrir quando a Bravo alcançar o Morro do Helicóptero. Se as coisas ficarem apertadas demais, podemos mandar eles recuarem para aquela zona de pouso que Fitch mencionou e de volta pra cá.

Simpson parou e olhou para o mapa.

– Se esperarmos – Blakely continuou –, vamos acabar vendo os viets desaparecerem nas fronteiras. Você nunca provará sua teoria. Engaje a Bravo para prová-la. Então Mulvaney terá de deixar você engajar o resto do batalhão para apoiar. Quando a Bravo estiver engajada no combate, será o suficiente para Mulvaney levantar a bunda na hora: um bando de soldados lutando como condenados e outro bando de soldados esperando para atacar e ajudar. Caso contrário, ele vai voltar atrás e se preocupar em patrulhar as bases de artilharia. Ele acha que ainda está na Coreia ocupando morros. É a exaustão que conta nessa guerra. Território não quer dizer porra nenhuma.

Simpson conheceu o calafrio nervoso que os homens sentem quando se deparam com decisões que podem trazer a realização, ou a destruição, de seus sonhos e de suas ambições. Andava para lá e para cá. Continuava olhando para o mapa. Queria um gole, mas sabia que não podia tomar outro na frente de Blakely.

– Senhor, os relatórios dos sensores confirmam o que você suspeitava o tempo todo. A sua teoria é incontestável.

– Porra, Blakely, me deixa pensar.

Blakely se calou.

Depois de uns três minutos, Simpson se inclinou, apoiou os dedos contra a madeira compensada da mesa e olhou para Blakely.

– Está bem, seja o que Deus quiser, vamos lá – seus olhos queimavam de excitação. Então pegou o copo.

Depois de tomar a decisão de atacar, Blakely e Simpson ficaram preocupados, pois despachar a Bravo imediatamente seria apressado demais. Seria preciso um pelotão para deslocar os feridos para uma ZP segura. Isso poderia acarretar um ataque com apenas dois pelotões, e não ficaria bem se falhassem. Eles poderiam, claro, assumir o risco de cuidar dos feridos com apenas um esquadrão, mas se esse fosse sobrepujado, e se tivessem prova da Sweet Alice que uma companhia estava na área, seria ainda mais difícil explicar. Se tentassem resgatar os feridos, correriam o

risco de perder um helicóptero, e isso não pegaria bem também. Ambos sabiam que ataques ousados teriam sido apropriados para Stonewall Jackson e George Patton, mas essa era uma guerra diferente. Eles tinham de jogar com segurança.

A primeira ordem adicional dizia para Fitch enviar um pelotão à ZP com os feridos. Fitch mandou Mellas com Fracasso, que estava nervoso depois de ter entrado numa zona de perigo em seu primeiro dia de comando. Mellas saiu corcovando junto na traseira do pelotão com Bass, falando merda, feliz de estar de volta ao seu velho pelotão. Observou satisfeito Fracasso levar o pelotão até a ZP, finalizar o resgate médico e guiar o grupo de volta por uma trilha diferente para se juntar ao resto da companhia, agora posicionada mais perto dos morros. Fitch a tinha posicionado sobre uma pequena elevação do solo, cinquenta metros adentro da cobertura protetora da selva, que beirava um trecho largo de capim-elefante no chão do vale situado imediatamente abaixo das passagens que levavam a Matterhorn.

Tudo isso durou até o anoitecer, dando ao ENV muito tempo para se entrincheirar no Morro do Helicóptero.

A segunda ordem adicional chegou na hora do pôr do sol. Muito antes de Relsnik terminar de decodificar a ordem, era óbvio que um ataque estava sendo ordenado.

Goodwin estava passeando em direção ao grupo no PdeC, comendo uma lata de espaguete com almôndegas misturado com limonada em pó.

– E aí, Jack? – perguntou a Fitch.

– Vamos atacar o morro ao amanhecer.

– Matterhorn?

– Não. O Morro do Helicóptero.

Goodwin assobiou.

– Como nos filmes...

– Tomara que sim – Fitch respondeu, estendendo o mapa.

Olhando para Matterhorn e o Morro do Helicóptero agora, a ponto de atacar, Mellas se perguntou como poderia ter ficado tão assustado quando os estava defendendo. Caminhos íngremes levavam até o topo, divididos por valas profundas e dominadas pela selva. Para se manter em contato

enquanto avançavam, teriam de se deslocar numa fila indiana. Mas deslocar toda uma companhia dessa forma levaria horas, expondo-os ao ataque de morteiros e a um possível ataque de flanco. Um ataque do oeste, do norte ou do sul, os expunha ao fogo de armas automáticas dos bunkers de Matterhorn. Um ataque do leste significaria canalizar o ataque numa fronte estreita, perfeita para metralhadoras defensivas e morteiros. E depois havia o problema do reforço. Teriam de contar com apoio aéreo.

Um plano foi rabiscado. Um segundo foi proposto, e depois um terceiro. Escureceu. Amontoaram-se em volta do mapa com suas lanternas de lentes vermelhas. Todo plano tinha uma falha. Depois de três horas de discussão, finalmente perceberam que não havia um plano perfeito. Alguém ia morrer.

Mellas sentou segurando a cabeça entre as mãos, esfregando os olhos, desejando intensamente que Hawke ainda estivesse com eles. Agora estava arrependido por ter dito a Blakely que Hawke queria sair da selva e que o batalhão poderia perder caso Blakely não agisse rápido – esse era em grande parte o motivo pelo qual Hawke não estava com eles. Era tudo absurdo, sem razão nem sentido. Pessoas que nem se conheciam iam matar umas às outras por causa de um morro que ninguém queria. O vento aumentou um pouco, trazendo o cheiro da selva consigo. Mellas tremeu. Não conseguia entender por que não podiam simplesmente abandonar tudo. Mesmo assim não abandonavam.

Finalmente decidiram deslocar o Primeiro Pelotão de Fracasso e o Terceiro Pelotão de Kendall através de uma ladeira longa que passava pelo sul da cadeia de morros, começando no leste do Morro do Helicóptero. Quando chegassem à cadeia principal leste-oeste, o Primeiro Pelotão atacaria em direção ao oeste e atingiria o Morro do Helicóptero a partir do leste. Seriam apoiados pelo pelotão de Kendall, que também ficaria de reserva. Kendall se posicionaria sobre um montículo atrás da linha de partida do Primeiro Pelotão, de onde poderiam atirar sobre suas cabeças. O Segundo Pelotão de Goodwin, ao mesmo tempo, se deslocaria para uma ladeira mais estreita em paralelo àquela que o corpo principal da companhia ia tomar e que estava logo a oeste. Em vez de entrar na cadeia principal de morros, no entanto, a ladeira mais estreita levava diretamente ao lado sul do Morro do Helicóptero. O desmatamento da Força Aérea não

tivera tanto sucesso naquela área, então havia uma boa cobertura de selva quase até o topo. Goodwin tinha de formar fila, hastear seu pelotão ladeira acima e depois abaixo de ambos os lados, se possível sem ser detectado, e atacar a partir do sul quando Fitch sentisse que o inimigo estivesse engajado totalmente com o Primeiro Pelotão no lado leste. Assim, o Segundo Pelotão estaria oculto por mais tempo e, assim que liberado, ficaria exposto na linha de fogo de Matterhorn – que apontava diretamente para o oeste da ladeira – durante o menor tempo possível. A aproximação no escuro eliminaria a possibilidade de fogo contra o pelotão de Goodwin, vindo de Matterhorn antes do ataque, mas somente se não fossem detectados. Na verdade, uma grande parte do plano dependia de que Goodwin chegasse à posição sem ser detectado. Quando viesse a luz do dia e o ataque começasse, o pelotão de Goodwin seria rapidamente misturado com tropas do ENV no Morro do Helicóptero, e o ENV em Matterhorn provavelmente teria de suspender fogo.

É claro que o principal problema eram os sentinelas do próprio Morro do Helicóptero. Ainda assim, Fitch esperava que os galhos mortos da selva desmatada logo abaixo do cume pudessem servir como cobertura e esconderijo se eles conseguissem atacar durante a luz fraca da alvorada. Isso queria dizer que tudo tinha de acontecer ao amanhecer e, ele esperava, com as nuvens baixas. Por outro lado, se as nuvens estivessem baixas, não havia esperança de apoio aéreo.

– Puta merda, que maravilha – Mellas disse. – Levamos três horas pra descobrir como atacar os filhos da puta – foi quase com alívio que ele se lançou ao planejamento específico de linhas de partida, prazos, coordenação aérea e sinais de fumaça.

Saíram e entraram no negrume da selva à uma hora da manhã, emergindo uma hora depois sobre a grama densa no chão do vale. Nuvens baixas, garoa e escuridão ocultavam completamente Matterhorn e a cadeia de morros. Mellas sentiu como se seu mapa e a turva luz vermelha de sua lanterna fossem a única realidade numa escuridão que oprimia não só a vista como também a mente.

Alcançaram a parte onde o pelotão de Goodwin deveria desviar em direção ao oeste para começar a subir a ladeira designada. Todos soltaram

as mochilas em silêncio, para que pudessem poupar energia na subida e ficar livres para movimentos repentinos e rápidos quando a ação começasse, evitando barulho desnecessário. Levaram apenas água – cantis tampados para evitar o som de água chapinhando – e duas latas de comida, cuidadosamente enroladas em meias para evitar tinidos. Munição foi cuidadosamente colocada nos bolsos dos uniformes. Rostos foram pintados com lama e barro.

Mesmo aliviados do peso das mochilas, subiam muito devagar. Os mais baixos sons ressoavam como sinos. Ramos despercebidos batiam nos seus olhos. A neblina fria os envolvia. Os garotos resmungavam enquanto agarravam o chão acima deles. Em silêncio, afastavam galhos do rosto, segurando a necessidade de desabafar a raiva por sentirem dor. Rastejaram por cima de árvores tombadas, apertaram-se através de arbustos densos e espinhosos. Deslocar-se silenciosamente no escuro tomava bastante tempo. Tempo demais. O amanhecer estava chegando.

Uma explosão à frente da formação revirou o estômago de todos. Um grito longo e doloroso pairou no ar. Samms, logo atrás de Mellas, levantou-se e sussurrou:

– Alguém cala a boca desse desgraçado. Cala a boca desse filho da puta.

O Primeiro e o Segundo Pelotão tinham perdido a vantagem da surpresa.

O grito cessou de repente.

O silêncio da selva após aquele som torturante era como algodão mergulhado em éter, dormente, opressivo, perigoso. Todos se perguntavam o que tinha acontecido para causar tamanha dor, e como tinha terminado.

Acabou quando Jancowitz fechou os olhos e afundou o punho no buraco que restara da mandíbula inferior arrebentada do garoto que estava na ponta. Os estilhaços da mina direcional DH-10 tinham arrancado seus olhos e a mandíbula, mas deixaram as cordas vocais intactas. Um pé também foi arrancado.

Jancowitz tirou a mão ensanguentada do estrago na garganta do garoto. Um pedaço do osso maxilar com dois dentes se enroscou no anel de opala que Susi tinha comprado para ele. Fredrickson correu até ele e apertou com

uma mão a artéria carótida que esguichava sangue enquanto apalpava e tentava estancar o sangramento do toco do pé arrancado com uma atadura grossa.

Jancowitz tocou Fredrickson no ombro e o sacudiu suavemente.

– Deixa ele morrer, doutor.

Fredrickson hesitou, depois soltou a artéria. O sangue gotejou rapidamente, mas sem esguichar.

– Quem era? – Fredrickson perguntou em silêncio, com o rosto manchado de sangue. O rosto diante dele era irreconhecível.

– Broyer.

Fracasso, que ficara observando o esforço de Fredrickson ansiosamente, recuou de modo involuntário, esbarrando em Hamilton.

– Desculpe – Fracasso murmurou.

Enrolaram o corpo de Broyer em seu poncho e colocaram seus óculos negros de plástico no bolso do jaquetão. Depois enrolaram as barras em forma de alças para carregá-lo. Fredrickson anotou o número de resgate médico e a causa da morte.

Fracasso mandou o esquadrão de Jacobs para a ponta. Continuaram se deslocando desajeitadamente para chegar à posição designada para o ataque, sabendo que não teriam o elemento surpresa a seu favor. Sua única esperança estava agora depositada em Goodwin, se ao menos ele conseguisse subir sem ser detectado.

A neblina girava ao seu redor. O medo das minas espreitava cada passo. O corpo de Broyer tornava a subida consideravelmente lenta.

Big John Six estava furioso.

– Porra, são quase oito e meia. Eles deviam estar na LFP deles três horas atrás. Sabia que devia ter dado um pé na bunda daquele merda do Fitch.

Hawke estava ouvindo, sabendo que Fitch precisaria de muita sorte para chegar à LFP – a linha final de partida – a tempo. Estava mais preocupado com o tempo do que com o fracasso de Fitch em dar o chute inicial de acordo com o plano. O apoio aéreo, sobrevoando em círculos

estreitos a uma distância do alvo que facilitasse o ataque, precisava de tempo aberto e tinha de realizar o ataque antes que o combustível esgotasse.

O capitão Bainford jogou seu lápis para o outro lado do bunker e se inclinou na cadeira a fim de olhar para Simpson e Blakely. Ele tinha colocado quatro caças F-4 Phantom esperando nas nuvens, mas eles ficaram com pouco combustível e tiveram que voltar à base. Resmungou alguma coisa sobre a incompetência de Fitch em seguir um plano. Um dos operadores de rádio pegou o lápis de Bainford.

– E a Marinha? – Simpson perguntou.

Bainford suspirou.

– Vou tentar, senhor. Mas eles precisam ver o que estão bombardeando, assim como todo mundo.

Voltou para o rádio, tentando recrutar outra esquadra para esperar sobre as nuvens que ocultavam as montanhas a oeste.

Naquele momento, Goodwin distribuía o pelotão em silêncio numa longa linha frontal, preparando-se para se deslocar da proteção das árvores até as ladeiras desmatadas do morro. Discou o monofone para dar o sinal da sua chegada. Fitch olhou o relógio. A companhia estivera em movimento por quase oito horas sem descanso nem comida. Podia apenas imaginar quão longe estava de sua linha de partida.

Robertson surgiu de trás de um arbusto espesso e percebeu pelo canto do olho um movimento numa árvore. Um soldado do ENV estava mijando, segurando-se num galho e fazendo marcas no chão com o mijo. Robertson disse "Puta merda" e recuou, disparando com sua M-16. Ao mesmo tempo, outro soldado do ENV na árvore soltou uma longa rajada de tiros de sua AK-47. O soldado que estava mijando pulou no chão e saiu correndo rápido. O amigo dele foi derrubado de costas pelas balas de Robertson.

Os rádios deram sinal de vida.

– Estamos engajados – Fitch disse. – Fim do silêncio de rádio. Câmbio.

A companhia se lançou para frente, ainda em fila indiana, atrás de Fracasso, que surgiu de trás de um abrigo na selva, no cume desmatado da cadeia principal de morros, e correu morro abaixo pelo lado norte, organizando o pelotão numa fila única atrás dele enquanto seguia adiante. Deteve-se, mandando que parassem no lugar, e depois voltou ao centro e se agachou por trás deles enquanto olhavam atentamente para o objetivo.

O contorno desmatado do Morro do Helicóptero oscilava na neblina acinzentada. Mudara consideravelmente por ter de se tornar uma ZP auxiliar para a bateria de artilharia, tendo agora árvores destroçadas num campo aberto de quarenta ou cinquenta metros do cume ou mortas por causa dos produtos químicos de desmatamento. O ENV também tinha construído bunkers que eram claramente visíveis perto do topo do morro, que ficava uns cem metros acima da cadeia na qual Fracasso estava agachado. Essa se inclinava gradualmente para cima dele em direção ao oeste. Cerca de trezentos metros de onde ele estava, a cadeia se fundia ao Morro do Helicóptero, que subia bruscamente de forma íngreme para fora, como o nó de um grande dedo. Fracasso sabia, pelo mapa e por falar com todo mundo que podia, que a massa muito maior de Matterhorn ficava atrás do Morro do Helicóptero, cerca de seiscentos metros para o oeste, oculto do campo de visão. O topo de Matterhorn, com sua ZP aplanada e suas posições abandonadas de artilharia, ficava a cerca de duzentos metros acima do Morro do Helicóptero. Estava ao alcance de armas, e Fracasso não gostava disso. Porém, no momento ele tinha outras coisas com que se preocupar.

Kendall e Samms posicionaram o Terceiro Pelotão, enfileirando todo mundo no montículo atrás do Primeiro Pelotão, todos gratos por terem entrado na zona de perigo no dia anterior, e logo depois culpados e ansiosos por causa dos fuzileiros do Primeiro Pelotão, que estavam deitados em silêncio no chão em frente a eles. Mellas se juntou a Fitch, ao grupo de comando e ao esquadrão de morteiros no topo do montículo.

Bass e Fracasso iam de garoto em garoto, dando tapinhas de encorajamento, verificando o equipamento, revisando os sinais de fumaça pela vigésima vez e tentando confortá-los dizendo que os caças estavam a postos, mesmo que todo mundo soubesse que as nuvens os afastariam.

"Talvez a chefia não nos mande atacar sem apoio aéreo", pensavam. Essa esperança morreu quando Fitch pegou o gancho do monofone.

– Ok, Bravo One. Soltem fumaça quando quiserem fogo. Boa sorte. Câmbio e desligo.

– Sim senhor, senhor – Fracasso respondeu.

Todo mundo ficou olhando para os arbustos mortos e as árvores desmatadas à frente no morro. Fracasso olhou para trás da fileira até onde Bass estava agachado com Skosh. Bass estava olhando pra ele, esperando pelo sinal. Fracasso fez o sinal da cruz. Depois levantou e acenou para frente em direção ao morro. Bass imitou o sinal para aqueles que não conseguiam ver Fracasso. Todos os fuzileiros levantaram, desativaram a trava de segurança e começaram a andar devagar. Nada de correr. Chegar exausto ao topo do morro era morte quase certa. Andaram, esperando o inimigo abrir fogo.

Mellas, observando as costas do Primeiro Pelotão, ficava repetindo com um sussurro: "Por quê? Por quê? Por quê?". Ao mesmo tempo, uma excitação enorme se apoderou dele. Virou para Fitch.

– Vocês não precisam de mim aqui. Vou com o Primeiro Pelotão.

E sem saber por que mesmo, correu para alcançar o pelotão em marcha lenta.

Ao tentar se juntar de novo a eles, sentiu uma alegria incontrolável. Era como se voltasse para o calor de sua sala de estar, vindo de uma tempestade fustigante de inverno. O céu parecia maravilhosamente azul e claro, embora ele soubesse que estava nublado. Se ele não apressasse o passo, seu coração chegaria nos pés e saltaria para fora. Seu coração – e todo o seu corpo – transbordava uma emoção que ele só podia descrever como amor.

Alcançou Bass, ofegante pela corrida, e se acomodou no lado do declive que dava para o sul, alguns metros à direita de Bass, que se colocou entre o esquadrão de Jacobs, à sua esquerda, e o de Jancowitz, que ficava no meio da fila e estava disposto ao longo do cimo. Fracasso dera a Jancowitz a posição do meio por causa da habilidade e da experiência que seriam necessárias para evitar que o esquadrão se partisse ao meio caso a

gravidade e o medo os arrastassem declive abaixo. Fracasso se colocou quase no topo ao norte. De lá podia ver onde o flanco direito se juntava ao esquadrão de Connolly, que ficava na extremidade direita da fila, e assim tentar evitar que os dois esquadrões se dividissem. Ao mesmo tempo, ele podia saltar até o topo e ver onde o esquadrão de Jacobs estava, embora contasse expressivamente com Bass para mantê-los em formação com o resto da fila.

Estavam cerca de cem metros acima da base do morro quando uma metralhadora estourou da parte baixa do morro, tecendo uma longa linha de balas diretamente abaixo do cume, oscilando um pouco para os dois lados. A fila de fuzileiros hesitou apenas por um momento, abaixando-se mais por instinto do que por qualquer outro motivo. Os três líderes dos esquadrões, além de Bass e Fracasso, apressaram imediatamente a marcha para manter o ritmo intencional de subida. Toda a fila continuou subindo, sem ninguém exatamente no cume, onde as balas da metralhadora só atingiam lama. A arma estava bem posicionada. Negava o acesso mais fácil ao morro, forçava os que atacavam a encontrar outros caminhos mais íngremes pelos lados do cume e aumentava a brecha entre eles.

Fracasso correu à frente da fila, bem ao lado norte do cume, onde as balas da metralhadora passavam acima de sua cabeça. Hamilton correu ao seu lado com o rádio. Então Fracasso soltou o pino de uma granada de fumaça vermelha, e Hamilton deu o sinal no rádio para que o Terceiro Pelotão abrisse fogo atrás deles.

O ar da manhã foi estilhaçado pelo fogo de quarenta rifles, três metralhadoras, e morteiros de 60 mm. O Primeiro Pelotão se lançou para frente, dando pequenas corridas; os garotos se jogavam no chão para atirar para cima, depois subiam de novo, cada vez mais alto. O chão na lateral do morro espumava com as balas que brotavam, vindas do Terceiro Pelotão. Os fuzileiros do Primeiro Pelotão chegaram à beira íngreme; a linha de ataque dobrava contra si de modo crescente, e subiram a ladeira em breves arrancadas marcadas – um movimento que havia sido treinado desde o primeiro dia no campo de recrutas. Alguns deles gritavam para manter a coragem; outros, de excitação. Alguns disparavam morro acima, mas a maioria poupava munição, sabendo que o ângulo era péssimo.

Cerca de vinte e cinco metros acima da encosta, Fracasso soltou uma fumaça verde para dar o sinal ao Terceiro Pelotão e aos morteiros para que parassem de atirar. Fitch mandou cessarem fogo para evitar que atingissem seus próprios homens.

Houve um ou dois segundos de silêncio.

Então o Morro do Helicóptero explodiu com o fogo cerrado de metralhadoras pesadas estourando tímpanos, do estrépito rasteiro das AK-47 automáticas e dos rifles SKS semiautomáticos do Exército Norte-Vietnamita. Agora o chão sob os pés do Primeiro Pelotão cuspia barro e lama, tingido em parte de vermelho escuro.

Mellas correu adiante, jogou-se atrás de pedras, arrastou-se pelos trechos expostos e depois mergulhou em um tipo qualquer de proteção contra o fogo aberto contra eles. Todo o seu ser estava concentrado na pulsação do coração e no calor do sangue que corria por suas veias e esquentava rapidamente. Os garotos corriam e escapavam em grupos de dois ou três. Fracasso tentava ao máximo manter o pelotão junto. O esquadrão de Connolly, no lado norte do cume, estava amontoado, deixando uma grande abertura entre eles e Jancowitz, cujo esquadrão ocupava um lado e meio. O esquadrão de Jacobs, no lado sul, subia em investidas: duas equipes de artilharia atiravam enquanto a terceira se arrastava para cima.

O ENV, não mais imobilizado pelo fogo do Terceiro Pelotão, mantinha agora seu próprio fogo. O mundo parecia virar de ponta-cabeça enquanto Mellas observava a carne macia se precipitando contra o metal incandescente. Aquilo que, momentos atrás, tinha sido um movimento organizado agora se desintegrava em confusão, barulho e sangue. Podia parecer que o ataque ainda estava sendo controlado pelos líderes, mas não estava. Só avançava porque cada fuzileiro sabia o que fazer.

Mellas foi transportado para fora de si, para além de si. Era como se sua mente observasse tudo friamente enquanto seu corpo pulsava desenfreadamente com emoção e medo. Estava mais assustado do que estivera até aquele momento. Mas esse medo brilhante e intenso, esse

terrível aqui e agora, combinado com a significância crucial de cada movimento de seu corpo, empurrava-o para além de uma barreira cuja existência ele desconhecera até aquele momento. Entregou-se completamente ao deus da guerra dentro dele.

Um estouro de balas de metralhadora estalou sobre sua cabeça enquanto ele corria paralelamente ao contorno do morro para tentar ajudar os esquadrões a voltarem à formação. Ouviu gritos chamando os paramédicos. Correu em direção aos gritos e encontrou o doutor Fredrickson lá. Dois garotos estavam caídos, um ainda respirava com dificuldade, o outro tinha levado um tiro no lábio superior, e tinha um buraco escancarado atrás de sua cabeça. Os dois membros restantes da equipe de artilharia ainda subiam contra o fogo. Mellas correu atrás deles. Viu Jacobs agachado atrás de uma pequena barreira enquanto se deslocava em direção a uma plataforma de metralhadora.

Young se arrastou atrás de Jacobs, colocou o bipé na ponta da metralhadora sobre uma pequena elevação e abriu um fogo constante contra a metralhadora do ENV. Isso permitiu que os dois garotos restantes da equipe de artilharia continuassem a rastejar para cima do morro, com granadas nas mãos.

– Cadê o Jermain? – Mellas gritou para Jacobs. – Precisamos de uma porra de uma M-79 – Jacobs se virou e olhou para Mellas, que estava logo abaixo dele, e apontou para onde Jermain estava. Mellas saiu correndo, usando a inclinação do morro como cobertura. Balas passavam raspando por cima de sua cabeça. Encontrou Jermain se arrastando cautelosamente para cima, atrás de arbustos espessos, com o lançador de granadas curto e grosso visível na frente dele.

– Precisamos de granadas – Mellas gritou. – Bunker de metralhadora lá em cima. Jacobs está tentando pegar eles – Mellas se virou, sem verificar se Jermain o seguiria e sem nem pensar por um momento sequer que ele não o faria. Jermain correu atrás dele.

A lama borrifava na frente da pequena elevação e dos dois lados de Young. Seus dentes estavam à mostra e seu rosto contorcia de medo enquanto ele e o atirador do ENV cruzavam fogo, com as balas voando entre eles. Mas Young continuou atirando em breves rajadas disciplinadas

para não superaquecer o cano, deixando os outros livres para se deslocar. Jermain gritou para Robertson e os dois garotos novos na equipe de artilharia se abaixarem. Então se levantou, expondo-se ao fogo, e começou a lançar granadas na abertura do bunker. A metralhadora do ENV cessou fogo.

Em seguida, Robertson e os outros dois garotos se arrastaram de joelhos e subiram até o lado do bunker para acabar com aquilo de vez. Mellas já estava correndo de lá, após ter feito tudo o que podia. Não viu um dos garotos cair no chão com um tiro nas costas vindo de um buraco escondido à direita do bunker. Robertson rolou para frente e se escondeu sob arbustos, jogando ambas as granadas no buraco, matando dois vietnamitas que atiravam de lá. Sem granadas, porém, não podia agora atacar o bunker com a metralhadora. Deitou de costas e segurou o rifle contra o peito. A metralhadora começou a disparar de novo. Young respondeu. Coube a Jacobs decidir o que fazer.

Mellas correu atrás do esquadrão de Jancowitz. O grupo se amontoava, facilitando o trabalho dos atiradores do ENV, e o terreno os forçava, sem que eles soubessem, em direção ao acesso mais fácil e ainda mais mortal no topo do cume. Mellas viu Bass e gritou:

– Tira aqueles idiotas do topo, caralho!

Bass fez que sim, ofegando, e correu; Skosh o seguiu com o rádio.

Mellas continuou subindo o morro. Pollini estava lá em cima, tentando freneticamente destravar a arma. Olhava para cima, e não para a arma, e ela sempre travava de novo.

Não demorou para Mellas perceber a armadilha. Os arbustos bem na frente de Pollini tinham sido arrancados do chão até cerca de meio metro à frente; a partir dali os ramos estavam no estado normal. Era claramente uma linha de fogo para uma metralhadora que atingiria as pernas de qualquer homem que passasse ali, e depois cairia sob as balas.

– Me dá essa porra de rifle, Shortround – Mellas gritou. Sua voz mal podia ser ouvida por cima do barulho.

Pollini deu o rifle para Mellas, como se pudesse explodir a qualquer segundo. Olhou para Mellas com um olhar louco, depois olhou morro abaixo para um lugar que parecia ser seguro. Depois sorriu para Mellas.

– Está travado, senhor.

Mellas logo viu que Pollini não encaixara o pente completamente, e a aresta superior bloqueava a passagem da culatra. Ele balançou a cabeça e afundou o pente no lugar. Soltou uns tiros. As cápsulas quentes caíram da arma, atingindo Pollini no rosto. Isso o trouxe de volta à situação. Sorriu e pegou o rifle de volta, olhando mais uma vez para cima através do túnel de arbustos arrancados.

– Você tá bem, Shortround? – Mellas perguntou.

Pollini sorriu, engoliu em seco e fez que sim.

– Tô. Essa porra tava travada, né, senhor?

– É, agora tá destravada, mas toma cuidado. Tem uma porra de uma metralhadora bem em cima de você – Mellas se virou, procurando Jancowitz.

Pollini levantou e saiu correndo para cima do morro. Passou direto pelo caminho aberto entre os arbustos, desaparecendo da vista de Mellas antes que ele pudesse detê-lo.

A metralhadora abriu fogo e Mellas se afundou atrás de uma pequena orla enquanto as balas arrancavam galhos e espirravam a lama. A arma parou. Logo ouviu Pollini gritar:

– Fui atingido! Fui atingido!

Mellas segurou o chão com força quando a arma começou a atirar de novo, esperando que Pollini se arrastasse para trás. Não se arrastou.

Bass chegou pelo lado do morro.

– Quem foi atingido? – perguntou.

– Shortround – Mellas disse enquanto se arrastava em direção a Bass, que se inclinava no declive íngreme. Agachado e com uma mão no ouvido, Skosh tentava ouvir o rádio.

Bass olhou morro acima.

– Porra, tem uma metralhadora lá em cima, senhor.

– Eu sei. Shortround está vivo. Eu ouvi ele gritar.

– Eu também. Mas é suicídio tirar ele de lá. Vamos tentar dar um jeito de passar por outro lado. Eles estão entrincheirados, mas não é um bunker como aquele outro. Talvez uma M-60.

Doutor Fredrickson chegou se arrastando com relativa segurança sob o

cume do morro, onde os três estavam agachados. Inclinou-se contra o morro, com o peito ofegante, e olhou para a longa descida, onde vários corpos estavam expostos. Não estava ouvindo a conversa.

Mellas se virou para Bass e sorriu.

– O que acha, sargento Bass? Será que vale pelo menos uma medalha de Menção Honrosa da Marinha se eu for lá pegar ele? – Mellas disse isso como uma piada, mas percebeu que em parte estava falando sério.

Bass olhou para ele. Não estava para piadas.

– Você vai morrer se for lá, tenente. Não vá.

De repente, Mellas ficou determinado a ganhar a medalha; além disso, era culpa dele que Pollini não estivesse no serviço de refeitório na Base Vandegrift. Virou para Fredrickson.

– Espere aqui até eu trazer ele pra baixo.

Fredrickson ainda recuperava o fôlego e não respondeu. Bass disse:

– Ok, senhor, vou tentar dar uma cobertura. Se você morrer, vou te indicar para uma Estrela de Bronze póstuma.

– Negócio fechado.

Até então, Mellas se sentia como num filme. Agora, diante das consequências de sua decisão, sentiu que o filme se partiria em dois: luz branca súbita e depois nada.

Observou Skosh e Bass rastejarem devagar à sua esquerda. Acenou com a cabeça e eles levantaram os rifles sobre a beira do cume e abriram fogo. Mellas saltou em pé, arremeteu sobre o pequeno cume, jogando o corpo para a frente no chão, e atirou cegamente morro acima, esperando manter a cabeça do metralhador abaixada enquanto rastejava para frente.

Pollini estava esparramado de costas, com os pés apontados em direção à metralhadora. Mellas alcançou o chão abaixo da cabeça de Pollini. Estendeu o braço e tentou puxá-lo morro abaixo, arrastando-o pela camisa. A metralhadora soltou fogo assim que Mellas parou de atirar. Ela estava puxando, mas não tinha apoio suficiente para mover o peso de Pollini. Resmungou. Puxou de novo. Não conseguia movê-lo. As balas passavam ao lado de suas orelhas. Soltou uma última rajada desesperada de sua M-16 diretamente por cima do corpo de Pollini e se amontoou ao seu lado. Depois virou e se jogou em cima de Pollini, abraçando-o face a face. Envolvendo os

braços em volta dele, conseguiu arrastar os dois de lado sobre a inclinação íngreme e finalmente rolou morro abaixo, segurando Pollini enquanto rolava. Sentiu balas colidirem ao redor. A cada vez que rolava, esperava que Pollini, e não ele, levasse a bala.

De repente, a terra cedeu e ele caiu sobre a barragem. Fredrickson estava esperando lá. Puxou Pollini, mas a respiração dele tinha parado. Sangue escorria de sua boca. Bass e Skosh correram pelo canto da barragem e os três observaram em silêncio. O objetivo de tomar o morro, o barulho horrendo e a confusão devastadora ao redor deles foram esquecidos enquanto observavam Fredrickson tentar salvar a vida de Pollini.

Fredrickson soprava ar dentro da boca de Pollini, cuspindo sangue e vômito enquanto tomava fôlego. Fez isso pelo menos por um minuto, depois olhou para os outros três, estampando o fracasso em sua cara. Tirou uns cabelos emaranhados e sangrentos da testa de Pollini e expôs um buraco pequeno e redondo. Mellas lembrou que, no topo do morro, o capacete de Pollini tinha ficado atrás dele no chão.

– Não há nada que eu possa fazer por ele, senhor – Fredrickson disse, aparentando o pesar e a impotência em seu olhar. – Ele está com uma bala na cabeça. Mas não vejo nenhum orifício de saída.

Mellas assentiu e olhou para Bass e Skosh.

– Porra, Shortround – Skosh disse baixo, virou-se com a mandíbula tremendo, e olhou morro acima.

A metralhadora abriu fogo com suas pesadas descargas rasgando o ar. Ouviram granadas explodindo. Depois silêncio. E então a metralhadora abriu fogo de novo.

Mellas se esqueceu de Pollini e correu em direção aos barulhos. Encontrou Amarillo, que rastejava para frente, e se juntou a ele.

Suor escorria pelo rosto de Amarillo.

– Senhor, o Janco – disse –, ele vai atrás daquela arma. Ele tem a equipe de Jackson com ele.

Mellas não via nada de Jackson ou de Jancowitz. Olhou para atrás. Outro garoto estava curvado como uma bola, uma bala atravessara seu ombro e seu pescoço. Mellas nem sabia o nome dele.

Amarillo viu Mellas olhando para o fuzileiro morto.

– Era um recruta muito verde do RTI. Foi correndo contra a metralhadora.

Mellas não respondeu. Ambos superaram a vontade de ficar abraçando a terra e rastejaram para frente.

Jackson deslocava sua equipe em pequenas investidas, aproximando-se da arma. Nenhum fuzileiro estava atirando.

– Cadê o Janco? – Mellas gritou.

Jackson apontou para frente.

– Ele partiu para aquele lado, senhor. Não sabemos aonde ele foi – Mellas agora entendeu por que ninguém estava atirando.

Ouviram rajadas de fogo e gritos à esquerda, mas Mellas não percebeu isso. Era o pelotão de Goodwin, que Fitch acabara de liberar.

No meio dos estrondos, a cabeça de Jancowitz apareceu por cima dos arbustos. Corria diretamente ao longo do contorno do morro, atacando a metralhadora do ENV da lateral. Soltou uns tiros da M-16. Um homem ao lado do metralhador mirou a AK-47 em Jancowitz, mas ele continuou atacando.

Jackson viu o atirador mirar contra Jancowitz. Levantou e arremeteu contra o morro gritando:

– Janco, seu filho da puta imbecil, seu filho da puta louco!

Jancowitz soltou a "colher" de uma granada enquanto o atirador virava a metralhadora para abrir fogo contra ele. Janco pareceu lançar a granada e se jogar no chão ao mesmo tempo, as balas saíam pelas costas de sua jaqueta. Logo a granada explodiu – como uma salva de palmas num quarto vazio.

Cortell correu atrás de Jackson, soltando alguns tiros contra o fosso da metralhadora. Então, como se puxado por uma mão invisível, o pescoço de Cortell estalou para trás e seu capacete girou no ar. Caiu de joelhos, olhando estupidamente para seu rifle, o qual segurava horizontalmente. Então caiu para frente, enfiando a cara no chão, como um muçulmano rezando.

Jackson continuou correndo, tentando alcançar Jancowitz. Mellas alcançou Cortell e o virou de barriga para cima. Seus joelhos ainda estavam dobrados contra o estômago em posição fetal. Sangue escorria da testa, e o

cabelo estava emaranhado. Cerrava os dentes por causa da dor.

– Janco pegou ele, senhor – disse ofegando. – Janco pegou ele. Ah, Janco. Ah, meu Deus – Mellas pegou um pacote de ataduras de gaze do cinto de Cortell, abriu e aplicou contra o que parecia um sulco que começava na testa e ia até a ponta de cima da orelha. Colocou a mão de Cortell sobre a atadura e apertou com força. – Não se mexe, porra – ordenou.

Virou e correu morro acima. Passou pelo corpo de Jancowitz. O sangue ainda escorria de suas costas. Uma mancha preta se espalhava devagar pelas suas calças. Três fatos foram percebidos simultaneamente: a metralhadora estava em silêncio, Jancowitz estava morto, e a brecha tinha de ser aproveitada. Mellas virou para a esquerda e viu Goodwin vindo em sua direção com um esquadrão inteiro. Goodwin, com seus instintos naturais de batalha funcionando mais rapidamente que os pensamentos de Mellas, já estava indo preencher a vaga onde ficava a metralhadora. Em alguns segundos, ele e cinco outros fuzileiros estavam atrás da linha de buracos e bunkers. China, subindo com a metralhadora pesada contra o peito, encaixou-se no chão na posição onde ficava a metralhadora do ENV. Começou a atirar contra os buracos à direita de Goodwin. Mellas percebeu imediatamente o que China estava fazendo. Continuou correndo. Gritou para Goodwin, que parecia não ouvi-lo. Correu. Fez sinais para os fuzileiros atrás dele e os redirecionou atrás de China, com a vantagem de que o inimigo não podia mais se levantar a tempo para mirar e atirar por causa do fluxo das balas de China. Seu olhar se encontrou com o de Goodwin, apontou para ele e depois para a esquerda. Apontou para o próprio peito e depois para a direita. O caos deslizou momentaneamente para a ordem.

Com o Segundo Pelotão passando agora através da abertura e atacando o ENV pelas costas, era como se um grande peso tivesse sido removido.

– Eles estão no topo! Estou vendo Cicatriz no topo!

O grito atravessou o morro. Fracasso e os fuzileiros do Primeiro Pelotão se lançaram para frente. Mellas estava animado. Todo o medo tinha passado. Correu direto para o cume do morro, e fuzileiros foram aparecendo em pequenos grupos e se lançando através da trincheira. Os soldados do ENV que não ficaram presos numa posição se moviam em fuga

rápida mas disciplinada por um declive no noroeste. O que segundos atrás parecia um insano monte rastejante agora se tornava destruição cautelosa e metódica. Granadas rolavam para dentro dos buracos e eram jogadas nas aberturas dos bunkers toscos de toras. À medida que cada posição do ENV caía, aquela ao seu lado se tornava vulnerável. Qualquer soldado que tentasse fugir para a selva era imediatamente morto por tiros de todos os lados.

Mellas se encontrou com Goodwin numa trincheira rasa que levava à abertura escura de um bunker. Ambos estavam com granadas à mão. Olharam-se brevemente nos olhos, então Goodwin assentiu e ambos jogaram as granadas e mergulharam para o lado enquanto a explosão saiu rasgando tudo na entrada. Rastejaram juntos para dentro, dando alguns tiros automaticamente. Mellas estava deitado de barriga para baixo e Goodwin estava bem atrás dele, agachado, para que pudessem atirar seus rifles ao mesmo tempo.

Não havia ninguém lá dentro.

Mellas começou a rir e virou de costas, olhando para o teto do bunker sombrio.

– Vocês dois estão se divertindo, né? – Vancouver espiava pela entrada, sorrindo. O suor marcava seu rosto; sua metralhadora fumegava. Sua espada estava embainhada. – Os nagúlios foram por lá – apontou em direção a Matterhorn.

Mellas se arrastou para fora e sentou no topo do bunker, suas pernas tremiam tanto que ele não podia ficar em pé. A batalha tinha acabado. Como prova, havia alguns soldados inimigos mortos.

Goodwin saiu para organizar seu pelotão. Ridlow, ferido na perna, estava deitado no morro, pálido de choque, e esperava que alguém o ajudasse a se levantar para ir à ZP. Mellas, ainda tremendo, marchou morro abaixo para direcionar os fuzileiros do Terceiro Pelotão, que corriam para se preparar para um possível contra-ataque.

Mellas passou por Pollini. Seus olhos estavam abertos, petrificados. Lembrou-se de sua voz gritando: "Fui atingido". Como poderia ter gritado se levara um tiro na cabeça? Um pensamento de culpa nauseante torceu o estômago de Mellas. A cabeça de Pollini apontava morro abaixo. Será que

ele acertou Pollini enquanto atirava para cima cegamente, tentando manter as cabeças dos inimigos abaixadas?

Olhou para os olhos vazios de Pollini. Sentou-se ao seu lado, querendo perguntar, querendo explicar o que tinha feito: que realmente queria salvá-lo, não só acrescentar uma medalha à sua lista de proezas. Ele tinha tirado Pollini do serviço de refeitório porque queria fazer algo de bom para ele. Não queria que acabasse morto. Mas não podia dizer nada. Pollini estava morto.

Tentou reprimir o pensamento de que poderia ter matado Pollini. Só podia ter sido a metralhadora dos viets. Queria deixar a dúvida para trás, enterrada com a bala no cérebro de Pollini, mas sabia que nunca conseguiria. Se sobrevivesse à guerra, carregaria essa dúvida consigo para sempre.



Uma vitória em combate é como sexo com uma prostituta. Por alguns momentos, você esquece tudo no ímpeto físico, mas depois tem que pagar uma mulher que vai lhe mandar embora. Você vê a sujeira nas paredes e a sua imagem patética no espelho.

Uma neblina espessa fazia do meio da manhã um crepúsculo. Escondia os fuzileiros no Morro do Helicóptero do fogo dos franco-atiradores que disparavam dos bunkers que a Companhia Bravo construíra em Matterhorn. Mas a neblina também evitava que os helicópteros resgatassem os feridos. Os fuzileiros arrastaram os amigos mortos para uma fossa rasa perto do topo do morro. Mellas e Fitch estavam sentados no interior escuro do bunker que Goodwin e Mellas tinham tomado. A neblina prateada pairava pelo buraco de entrada.

Fitch começou a chorar em soluços curtos e quietos, as lágrimas corriam pelo rosto sujo e caíam sobre o mapa que ficava entre ele e Mellas. Relsnik transmitia os números de resgate, identificando mortos e feridos. "Zulu Cinco Nove Nove Um. Câmbio."

Uma voz entediada retornou pelo rádio. "Zulu Cinco Nove Nove Um. Câmbio."

– Afirmativo. Bravo Nove Um Quatro Nove. Câmbio.

– Ei, esse é um Coors também? Câmbio.

– Afirmativo. São todos Coors. Copiou o último? Câmbio.

– Copiado e entendido. Bravo Nove Um Quatro Nove. Manda o próximo. Câmbio.

Relsnik o fez, lendo um por um. Os números por fim levariam um homem pesaroso, enojado pelo trabalho que tinha de fazer, até a porta de alguma mulher, para lhe dizer que o seu marido ou filho voltaria para casa enrolado em látex. O corpo chegaria bem cedo para que as pessoas no

aeroporto não ficassem perturbadas.

Ao ouvir a voz de Relsnik – Pollini, Poppa Sete Um Quatro Oito; Jancowitz, Juliet Seis Quatro Seis Nove –, Mellas se retirou para dentro de si mesmo. Como era possível? Analisava seus próprios movimentos desde o momento em que começara a ajudar Pollini com a M-16. Ele tinha avisado, mesmo assim Pollini subira. Ouvira Pollini gritar:"Fui atingido". Será que um homem com uma bala na cabeça era capaz de fazer isso? Mas onde mais Pollini teria sido ferido? Que diferença fazia? Mas Pollini estava deitado com a cabeça na direção para baixo do morro. Como ele fora parar naquela posição? Uma M-16 com certeza teria explodido sua cabeça, não? Mas o que uma bala 7,62 mm do ENV fizera?

Mellas se concentrava no lado físico. Era sua bala ou não? Era uma pergunta sim-ou-não, e tinha de encontrar uma resposta. A pergunta que não era sim-ou-não era por que ele estivera lá com Pollini em primeiro lugar. Podia ter ficado com o grupo PdeC. Mas queria ajudar. Também queria ver como seria a experiência. Descobriu que era inacreditavelmente excitante. Queria a glória. Podia ter deixado Pollini largado lá. Talvez ele ainda estivesse vivo. Mas ele queria ajudar. Queria uma medalha. Era ele que tinha amolecido e tirado Pollini do serviço de refeitório. Se tivesse cuidado da sua vida, Pollini estaria vivo na Base Vandegrift. Mas Pollini queria estar com a companhia e fazer sua parte. Mellas podia ter deixado Fredrickson, ou qualquer outra pessoa, se arrastar até Pollini, ou podia ter esperado a batalha acabar. Mas ele queria fazer sua parte. Novamente, queria uma medalha.

Mellas tentou imaginar Goodwin na mesma situação. Não haveria nenhum conflito. Cicatriz ia querer ajudar *e* ia querer uma medalha. Ajudar e ganhar medalhas eram ambas coisas boas. O fato de Pollini estar morto não tornava errado o desejo por uma medalha, tornava? Porra, o que tem de errado em querer uma medalha? Por que Mellas achava que era ruim? Por que estava tão confuso? Como ficou assim? De onde tirou todas essas dúvidas? Por quê?

Suspirou. Simplesmente o problema não era Goodwin. Era ele mesmo – cheio de insegurança.

O devaneio de Mellas foi interrompido pelo tênue som de vozes

gritando: "Morteiro!". Fitch e Mellas se olharam, esperando em silêncio pelas explosões.

– Um momento, temos um bombardeio – Relsnik disse para o operador de rádio do batalhão. Colocou o monofone do lado. Pallack se encolheu um pouco. Não houve som. Então sentiram as vibrações da terra. Depois, nenhum som de novo.

– Parece que atingiram o lado sul – Mellas concluiu, querendo romper o silêncio.

– Os viets não conseguem ajustar os morteiros na neblina – Fitch disse. – Estão só tentando nos manter acordados, acho.

Esperaram mais um minuto. Silêncio. Neblina. Relsnik pegou o monofone e continuou lendo a lista de números de resgate. O Primeiro e o Segundo Pelotão, cada um perdera seis. Cinco garotos precisavam desesperadamente de um resgate, e outros doze, embora não corressem risco de morrer, estavam em um estado bem crítico. Depois havia quatorze com ferimentos leves ou arranhões de estilhaços. Incluíram Mellas, cuja mão direita tinha sido atingida por alguns estilhaços da granada de Jancowitz. Parecia que ele tinha caído em brita.

Normalmente, ferimentos sem gravidade não eram relatados, mas Fitch estava de saco cheio da normalidade. Ele disse para o lula sênior, Sheller, relatar cada arranhão e cada talho no morro, para que a burocracia médica pudesse distribuir medalhas de Coração Púrpura para todos os fuzileiros possíveis.

– Dois Corações e eles saem da selva. Três e eles vão para Okinawa separar meias. O caralho que vou ficar regulando o tipo de ferida pra que eles não se qualifiquem para um Coração. Cada mínimo arranhão, tá ouvindo, porra?

Sheller se ocupou da tarefa com um prazer sinistro.

– Um momento – Relsnik pediu. Virou para Fitch. – O batalhão quer uma confirmação daquela contagem de corpos.

Fitch suspirou.

– Não matamos mais ninguém. Diga que ainda continua em dez confirmados e seis prováveis.

– Entendido – Relsnik discou no monofone. – Big John, aqui é Big John

Bravo. Afirmativo. Dez confirmados e seis prováveis. Câmbio.

Houve uma pausa, seguida de uma nova voz.

– Um momento. Vou colocá-lo na linha – Relsnik suspirou e passou o monofone para Fitch. – É o Big John Three.

– Aqui é Bravo Six. Câmbio – Fitch disse.

Segurava o monofone bem perto do ouvido, dificultando a passagem do som para que os outros não ouvissem, mas suas respostas indicavam que aparentemente a contagem de corpos era baixa demais.

– Afirmativo. Sim, enviamos gente para além dos buracos para contar. Senhor, estávamos atacando bunkers fortificados. Câmbio.

O monofone deixou escapar estática e logo a voz do Big John Three soou.

–Veja, Bravo Six, eles deviam estar mal mesmo pra deixar pra trás aquelas duas sete-ponto-seis-dois de fita aberta – Relsnik tinha comunicado a captura das duas metralhadoras inimigas pelo rádio. Uma tinha sido capturada por Vancouver. A outra era aquela pela qual Jancowitz morrera durante o ataque. – Acho que é bem possível que você tenha o dobro de prováveis que reportou. Câmbio.

– Diga que você matou toda a porra da Trecentésima Décima Segunda divisão de aço, chefe – Pallack disse. Fitch levantou a mão pedindo silêncio, irritado, tentando ouvir.

– Sim, Big John Three, você deve estar certo. Câmbio.

– Ok, Bravo Six. Vamos ver o que podemos fazer aqui. Como está tudo aí em cima? Câmbio.

– Temos munição o suficiente para apenas um contra-ataque pesado, e precisamos de água. E aqueles helicópteros de resgate, como vão? Câmbio.

– Temos eles aqui à espera, Bravo Six. Câmbio.

– Tenho cinco emergências aqui. Se não forem resgatados antes do anoitecer, vão morrer. Diga isso pros merdas dos pilotos. Câmbio.

A voz de Blakely era áspera, controlada.

– Bravo Six, sugiro que você deixe as evacuações aéreas para o controlador aéreo avançado. Entendo que você teve um dia duro, mas você sabe tão bem quanto eu que voar nesse clima é uma idiotice. Câmbio.

Mellas explodiu:

– E mandar ao ataque uma companhia de fuzileiros nesse clima é o que, porra?

Fitch esperou que Mellas terminasse antes de acionar o monofone.

– Entendo. Algo mais? Câmbio.

– Estamos preparando uma ordem adicional para você ASAP. Big John Three câmbio e desligo.

No topo do morro, figuras espectrais se deslocavam vagarosamente até a trincheira onde os mortos estavam enfileirados, com suas botas esbranquiçadas pelo clima e visíveis sob os ponchos pretos, lustrosos pela neblina. Cortell estava esperando por eles lá. Sua cabeça estava enfaixada. Quando sentiu que todos os que viriam já estavam reunidos, tirou uma pequena Bíblia de bolso e leu alguns versículos em voz alta. Jackson balbuciava em voz baixa:

– Porra, Janco, por que você fez isso?

Fracasso estava atrás de Cortell, apreensivo. Na Academia Naval ninguém nunca tinha falado sobre o que fazer depois.

Fracasso tinha pedido a Jackson que tomasse o controle do esquadrão de Jancowitz. Jackson recusou. Confuso, Fracasso falou a respeito com Bass, que contou a ele a provável causa. Então Fracasso trocou Jackson e Hamilton de lugar, dando a Hamilton o esquadrão. Jackson pendurou o rádio pesado sobre sua jaqueta. Tinha feito um negócio; agora lidaria com ele.

O crepúsculo, que durou o dia todo, agora esvaecia. Os helicópteros de resgate não chegavam. Garotos que tinham bebido água com a esperança de um reabastecimento agora se arrependiam de não terem sido mais econômicos. No bunker onde tinham colocado os gravemente feridos, Sheller observava, impotente, o fluido intravenoso ser consumido aos poucos, esgotado pelos feridos. Quando os outros paramédicos saíram do bunker para dormir, ele pegou em silêncio os tubos intravenosos de dois feridos inconscientes e derramou o fluido nas garrafas penduradas acima dos outros.

Merritt, um franco-atirador do pelotão de Goodwin, estava observando.

Era um dos três feridos que ainda estavam conscientes.

– O que você tá fazendo, doutor? – suspirou. Suas roupas rasgadas estavam lambuzadas com sangue seco. Havia sujeira em todo lugar, não havia como limpar. Os lulas apenas passavam desinfetante contra a sujeira. Uma vela oscilava, perturbada pelo ar úmido enquanto Sheller se sentava.

– Só trocando seu óleo e sua água – ele disse, sorrindo.

– Você tirou do Meaker.

Sheller fez que sim.

Merritt olhou para as toras levemente apodrecidas que formavam o teto do bunker pouco mais de um metro acima dele. Sentia cheiro de sangue e do molho fermentado de peixe com arroz abandonado pelos vietnamitas.

– É errado querer tanto ir pra casa?– perguntou.

Sheller, sorrindo levemente, fez que não. Merritt respirou profundamente com dificuldade. A dor nos seus intestinos, onde fora atingido por duas balas, uma das quais lhe destroçara a bacia, quase o induziu à deliciosa inconsciência. Mas ele lutava contra o impulso de entrar naquele domínio escuro, com medo de nunca mais voltar.

– Quer dizer que Meaker vai morrer?

Sheller olhou para os dois garotos que tinha escolhido para morrer. Não queria responder a pergunta de Merritt. Queria mentir, até para ele mesmo.

– Acho que vocês todos vão viver – disse.

– Não mente pra mim, lula. Não tenho saco pra isso – mais uma vez Merritt respirou fundo estremecendo, segurando o grito que queria estourar cada vez que preenchia os pulmões. – Se eu vou viver por causa do Meaker, quero saber. E quero viver.

Sheller colocou a mão sobre o uniforme de Merritt.

– O problema é o seguinte, acho que estamos desperdiçando soro com ele. Ele continua sangrando por dentro, e não posso evitar isso. Você não está sangrando tanto quanto ele.

Merritt olhou para Sheller.

– Não vou esquecer isso, lula. Porra, eu juro – depois virou o olhar para o corpo inconsciente de Meaker. – Meaker, seu burro filho da puta – sussurrou. – Nunca vou esquecer isso.

Meaker morreu três horas depois. Sheller e Fredrickson o arrastaram

para fora do bunker e o amontoaram na zona de pouso nebulosa com o resto dos corpos.

No centro de operações do batalhão, Simpson e Blakely consideravam se deveriam ou não forçar o ataque contra Matterhorn no dia seguinte. A proporção de mortos não estava boa – treze fuzileiros MEC contra apenas três mortes confirmadas do ENV. Se pudessem dar continuidade à ação, havia chance de elevar a proporção para um número mais digno nos relatórios. Mas quantos do inimigo estavam em Matterhorn? Seria uma força completa ou apenas uma retaguarda – ou uma vanguarda? Fitch apenas reportou que vira movimento nos bunkers, mas não dava para saber quantos do ENV estavam dentro. E agora estava totalmente escuro. Naquele exato momento, o ENV poderia estar recebendo reforço ou se retirando.

– Há apenas um modo de descobrir – Simpson disse com severidade. – Temos de atacar. Ao amanhecer.

Blakely sabia que Simpson estava certo. Se o ENV recebesse reforços durante a noite, um ataque da Companhia Bravo com certeza seria sangrento. Mas fazer o quê? Eles estavam lá para matar viets. Se caíssem numa emboscada, Mulvaney engajaria toda a porra do regimento e finalmente eles iam botar para foder lá em cima. Se os viets tivessem partido para a fronteira e só uma retaguarda tivesse ficado para trás, a Bravo daria conta, e Simpson pareceria um idiota se não tivesse forçado o ataque, mesmo que só para obter mais informações. Era a jogada certa. Ninguém poderia criticá-los após o ataque. Se mantivessem a Bravo parada no morro, a divisão consideraria isso falta de iniciativa.

Havia o problema da artilharia e aquelas merdas de bunkers que eles deixaram para trás. As baterias 105 mm tinham sido recuadas para dar apoio na operação Cam Lo. Os howitzers de vinte centímetros em Sherpa mal alcançariam o vale ao sul de Matterhorn. Além disso, mesmo que pudessem ser aproximados, um disparo direto de uma carga de howitzer de vinte centímetros provavelmente não seria capaz de derrubar um daqueles bunkers. Blakely tinha visto a companhia Bravo construindo-os. Talvez tivesse sido precipitado sair de lá tão rápido. Mas fazer o quê? De qualquer

modo, não pareceria um ataque sem apoio, especialmente porque a Bravo é que tinha arruinado o suporte aéreo no primeiro ataque e ninguém havia reclamado. E se Bainford pudesse manter alguma asa fixa na estação, e se as nuvens dessem uma trégua, eles poderiam soltar uma Mark 81 snake-eye e ver as proporções de mortes subindo.

Às vinte e três e trinta e cinco, Fitch recebeu a ordem para atacar Matterhorn.

Os tenentes se arrastaram, tropeçando para dentro do bunker de Fitch em meio à escuridão nebulosa. Seus rostos apareceram no buraco de entrada iluminados pela lanterna de lente vermelha de Fitch. Primeiro Goodwin, com uma aparência exausta, mas um olhar ainda sarcástico. Depois Fracasso, abalado, usando os óculos meio estilhaçados. Por fim Kendall, apreensivo, sabendo que era sua vez de realizar a próxima missão perigosa.

Mais uma vez discutiram e debateram sobre como atacar o morro. Falaram com todos os garotos que se lembravam de algum detalhe dos bunkers que eles construíram, do esquema e das passagens ocultas das barreiras de arame farpado que colocaram no lugar. Mais uma vez se viram obstruídos pelo terreno e pelo clima. Mas agora estavam também obstruídos pelos seus próprios mortos e feridos.

– Não podemos levar os feridos com a gente no ataque – Fitch disse. – Temos que deixar defesas aqui no morro.

– E dividir nossas forças exatamente como os merdas dos viets fizeram? – Mellas respondeu. – Foi só por isso que conseguimos chegar aqui primeiro. Temos que levar os feridos com a gente.

– Talvez pudéssemos deixar um esquadrão – Goodwin disse.

– Um esquadrão não vai conseguir defender toda essa porra de morro – Fitch disse. – Além do mais, se eles tiverem problemas, nós vamos ter que mandar de volta um pelotão de Matterhorn pra ajudar, se tivermos um pelotão pra isso. Então vamos ficar divididos em três, um em cada morro e um na soleira entre os morros. E todos os três vão tomar no cu.

– É isso mesmo – Fracasso disse, entendendo a frase de repente.

Por fim concordaram com Fitch. Um pelotão inteiro mais o grupo PdeC ficaria com os feridos no Morro do Helicóptero. Dois pelotões atacariam Matterhorn. Se um dos pelotões precisasse de ajuda, Fitch poderia mandar dois esquadrões do pelotão defendendo os feridos. Isso deixaria apenas um esquadrão protegendo os enfermos. Se ambos os pelotões precisassem de ajuda, porém, o risco não poderia ser evitado.

– Por que não esperamos até termos artilharia suficiente? – Mellas perguntou.

– Big John Six acha que vamos perder a iniciativa.

– Você quer dizer que eles acham que os viets vão di-dir e nós vamos ficar só com treze mortos e quarenta feridos nessa merda de morro que não vale nada e apenas dez viets mortos para compensar – Mellas afirmou.

– É isso mesmo – Fitch disse.

Optaram por um plano que usaria a neblina e o conhecimento do terreno como vantagem. Dois pelotões tentariam atravessar a barreira de arame farpado no escuro e atacariam logo antes do amanhecer. Era a vez de Kendall enfrentar o maior perigo. Goodwin e Fracasso tiraram cara ou coroa para decidir quem se juntaria a ele na retaguarda. Fracasso perdeu.

– Quem você colocou no lugar de Janco? – Mellas perguntou a Fracasso.

– Hamilton. Jackson não quis saber. Então fiz dele meu operador de rádio.

– São bons homens, os dois – Mellas disse.

Todo mundo estava quieto, olhando para o mapa num círculo de luz vermelha.

– Quem sabe todos os viets já di-diram pela fronteira – Fitch disse.

– É – Kendall respondeu.

Vancouver foi o primeiro a passar pelo arame. Empurrou-o para frente com cuidado, testando, procurando a passagem que ele sabia estar lá. O arame resistiu. Ele recuou. Arrastou-se devagar para a esquerda e tentou de

novo. Connolly, Jacobs e Hamilton estavam fazendo a mesma coisa.

O resto do Primeiro Pelotão aguardou com as cabeças enfiadas na terra úmida, com medo até de respirar. Fracasso aguardava ansiosamente para ouvir um estalo de estática, que era o sinal de que Kendall e o Terceiro Pelotão tinham atravessado o arame e estavam em posição.

Kendall levava o pelotão em silêncio para oeste através da selva, em direção ao lado sul de Matterhorn. Parou e olhou a bússola. A agulha fosforescente oscilou, depois firmou. Sempre apontava para o norte. Sempre. Mas que diferença fazia se ele não sabia se o morro estava à frente ou à direita? Engoliu em seco e enfiou a bússola de volta no bolso do cinto. Um pânico começava a transbordar do estômago. Se eles estavam indo para o norte... Não, estavam indo para o oeste, em direção a Laos. Mas a cadeia de morros ia na direção sul, então ele podia estar levando o pelotão prematuramente para cima de Matterhorn antes que pudessem se posicionar no lado sul. Deu um tapa no ombro do garoto à frente dele.

– Segue um pouco para à esquerda – sussurrou.

O pelotão de Kendall começou a se afastar de Matterhorn.

Hamilton sentiu de repente o arame ceder com facilidade. Apalpou mais para frente e situou uma das estacas em volta das quais o arame estava fixado frouxamente. Arrastou-se para trás, deixando minúsculas migalhas de uma caixa de ração C pra trás. O papelão branco embaçado podia ser visto de uma distância de até trinta centímetros.

O recado foi passado até Fracasso. Então, como de acordo, Connolly começou a se arrastar pela passagem, lembrando sempre de deixar um rastro de papelão. Vancouver seguiu, empurrando a metralhadora na frente; sua espada estava amarrada com firmeza à sua perna para não fazer barulho. Os outros seguiram atrás, rezando para que a neblina, que tinham xingado tantas vezes no dia anterior, agora os salvasse, para que não houvesse ninguém os esperando do outro lado do arame e para que o ENV tivesse se retirado durante a noite.

Samms, na retaguarda da fileira de Kendall, descobriu que este se afastara de Matterhorn. Furioso, começou a dar toques no rádio para chamar a atenção de Kendall. Fracasso confundiu os toques, achando que Kendall estava em posição. Deu uns tapinhas na pessoa à sua frente. Três tapinhas. O Terceiro Rebanho estava em posição. Os tapinhas prosseguiram ao longo da fila.

Connolly surgiu do outro lado da passagem e começou a se arrastar para a direita. A escuridão, o arrastamento, o medo – nada disso acabava. Ao mesmo tempo, ele não queria que acabasse. O que viria depois era muito pior.

Kendall ouviu os toques furiosos do rádio e soube que ele tinha sido pego fazendo algo terrivelmente errado. Parou imediatamente. Logo a notícia se espalhou em sussurros.

– Puta merda, estamos indo pelo lado errado.

Kendall, esmagado por uma sensação de fracasso, tateou para trás ao longo da fileira. O operador de rádio o seguiu. Encontraram Samms e houve uma torrente intensa de palavras que mal se faziam ouvir.

– O que você tá fazendo, porra? Eu devia te dar um tiro aqui mesmo. Agora, puta merda, me segue até chegarmos na porra do arame e se eu ouvir um pio, você vai levar um tiro – Kendall disse se misturando ao pelotão. Samms seguiu à frente, retrocedendo os passos.

O amanhecer ia chegar em questão de minutos. Os fuzileiros do Primeiro Pelotão estavam deitados na lama, presos entre o arame dos bunkers dos inimigos, esperando. Fracasso estava agitado. Kendall devia começar o ataque. Mas que porra ele estava fazendo? Olhou para o relógio, segurando-o tão perto dos olhos que os ponteiros ficaram borrados. Em alguns minutos, a luz começaria a aparecer.

Ao longo de toda a fileira havia perplexidade e angústia. O que tinha acontecido com o Terceiro Rebanho? Por que eles estavam parados esperando naquela área tão perigosa?

Fracasso queria chorar. Queria virar e se arrastar através do arame, mas sabia que o pelotão nunca conseguiria sair de lá antes do amanhecer.

Metade dentro, metade fora, a maioria acabaria morrendo.

Logo Fracasso notou que o branco tênue da face do relógio se misturou com o brilho fosforescente dos ponteiros. A luz do amanhecer não aguardou.

– Santa Maria, rogai por nós agora – sussurrou. – *Agora e na hora de nossa morte*. Ele saltou de pé e rugiu ao jogar a granada que estivera segurando na mão direita. Ao longo da fileira, todo o pelotão jogou granadas o mais longe que puderam, mirando nos seus antigos bunkers. Explosões rasgaram a encosta do morro, iluminando rostos ferozes e amedrontados. Fracasso, disparando sua M-16 no automático, correu gritando para cima do morro, percorrendo a curta distância entre eles e os bunkers em cerca de cinco segundos.

– Estão vazios, porra! – gritou ao chegar no primeiro. – Porra, estão vazios! O pelotão inteiro chegou correndo ao lado dele, e todos sentiram um peso enorme ser retirado de suas costas.

Então, de novos buracos logo acima dos velhos bunkers para onde a unidade do ENV, reduzida, tinha se deslocado durante a noite, o fogo dos disparos brilha na escuridão. Fracasso, identificado como líder por ao menos cinco atiradores, caiu imediatamente.

Quando os tiros explodiram de cima dos bunkers vazios, todo mundo queria se enterrar no chão. E de fato, vários garotos se jogaram nele. Se todos fizessem o mesmo, o resultado seria um desastre. Mas o ataque continuou – não por causa de alguma decisão consciente, mas por causa da amizade.

Jackson saiu correndo para frente, mais para ver se Fracasso estava morto do que por motivos táticos. Vancouver viu Jackson indo atrás do tenente e decidiu que, mesmo se o pelotão estivesse desesperado num sanduíche de merda, nem a pau ele deixaria Jackson ir adiante sozinho, portanto ele foi atrás. Connolly, vendo Vancouver disparar para frente, fez exatamente o mesmo, embora sua mente gritasse para se fundir à grande terra acolhedora sob seus pés. Não abandonaria um amigo sequer. Nem mesmo qualquer um dos outros.

Jackson, que tinha levado um arranhão no braço de uma bala perdida na concentração do fogo contra Fracasso, viu Vancouver se lançando ao ataque, com cápsulas de balas voando de sua metralhadora. Jackson não poderia deixá-lo atacar sozinho, nem viu vantagem ao tentar recuar se arrastando pelo arame. Continuou correndo adiante, mesmo esquecendo de disparar sua arma.

Um homem em boas condições físicas consegue correr cem metros em cerca de doze segundos. Subindo uma ladeira, com rifles e munição, um poncho, um capacete, água, granadas, botas pesadas e talvez uma última lata de nozes, a corrida leva um pouco mais de tempo. Havia aproximadamente vinte e cinco metros entre os bunkers velhos e os buracos novos dos quais os soldados do ENV estavam atirando. Levaram aproximadamente cinco segundos para atravessar aquele terreno mortal. Nesse tempo, um terço dos trinta e quatro fuzileiros restantes do pelotão caiu.

Então atacantes e defensores se juntaram, berrando assustados, enlouquecidos como crianças – atirando, esbofeteando, chutando –, tentando acabar com aquela loucura por meio de outra maior ainda.

Vancouver saltou para um dos buracos com dois pequenos soldados do ENV, disparando sua metralhadora bem em cima dos peitos deles; os estouros do cano da metralhadora iluminavam os três no buraco como luzes estroboscópicas. Um deles, antes de morrer, mandou uma bala contra o braço esquerdo de Vancouver, destroçando o osso bem acima do ombro. Vancouver se arrastou para fora do buraco, louco de dor, mas tentando alcançar o topo do morro. Quando surgiu na orla do topo achatado de Matterhorn, viu o comandante da unidade ENV gritando para os homens do outro lado da ZP ajudarem aqueles que estavam defendendo a passagem ao leste.

Vancouver viu o oficial do ENV olhar para ele surpreso. Mesmo na sombra que precede o amanhecer, Vancouver percebeu que o oficial não era muito mais velho que Mellas ou Fracasso. O jovem tentou alcançar sua pistola, que estava amarrada em volta do pescoço e enfiada num coldre no ombro. Vários outros, vendo o enorme fuzileiro, com o braço pingando sangue, voltaram suas AK-47s contra ele.

Vancouver, incapaz de levantar a metralhadora por causa do braço mutilado, abaixou-se debaixo da beira da ZP. Rolou para a esquerda, liberando o cinto de munição para encaixar no receptor da arma. Firmou o cano da metralhadora na beira da ZP e puxou o gatilho. O oficial caiu, ferido, e o joelho de um dos soldados que disparavam contra o fuzileiro foi estraçalhado. Vancouver começou a disparar cargas curtas e firmes contra o chão da ZP, forçando os reforços do ENV a recuar em torno do morro.

O oficial, gritando, rastejou para chegar até um antigo fosso de artilharia. Logo dois soldados carregando uma metralhadora se juntaram a ele. O oficial apontou o fogo contra Vancouver. Uma salva de balas arrancou a terra em torno de Vancouver, forçando-o a abaixar a cabeça enquanto as balas destroçavam o terreno achatado entre eles. Quando Vancouver abaixou a cabeça, o oficial gritou algo e um grupo de homens correu pela ZP.

De repente, Vancouver entendeu o jogo.

Enquanto ele pudesse atirar, os reforços seriam atrasados, dando tempo ao pelotão para invadir a trincheira. Olhou para trás e viu Connolly correndo em direção a um buraco com um granada e dois outros fuzileiros de joelhos disparando contra o buraco para manter os ocupantes de cabeças baixas. Um minuto era só o que precisavam. As defesas seriam penetradas. Se o Terceiro Pelotão chegasse a tempo, eles devastariam as linhas inimigas.

Os cinco soldados do ENV estavam na metade do caminho da ZP.

Vancouver olhou por cima da beirada do topo e esvaziou o cinto de munição contra eles. Dois caíram feridos. Dois se jogaram no chão voluntariamente e se arrastaram para outro fosso de artilharia. Um se virou para se juntar ao oficial e aos dois metralhadores que continuavam atirando contra Vancouver.

O ombro esquerdo de Vancouver foi despedaçado por uma das balas da metralhadora. Seu braço, já ferido, virou um apêndice frouxo, sangrento, incontrolável.

Com uma só mão, tentou recarregar a metralhadora desajeitadamente. Grandes manchas cinza-escuro obscureciam a entrada do cartucho. Balançou a cabeça, tentando clarear a visão. A mão não funcionava direito, tinha uma sensação lenta e desastrada. Ouviu Bass gritar para ele, mas não

conseguia entender as palavras. Ouviu a granada de Connolly explodir e o viu aparecer na entrada do buraco e correr para dentro. Disparos brilhavam na escuridão ao longo da trincheira.

O oficial do ENV gritou de novo. Os dois soldados no outro fosso saíram mais uma vez na direção de Vancouver. Outro grupo surgiu do mesmo fosso onde o oficial estava.

Bass e Connolly precisavam de apenas alguns segundos a mais.

Vancouver desembainhou a espada. Nunca achou que fosse realmente usar aquela porra. Tinha se divertido fazendo piadas com os recrutas Bass e Gunny.Soltou a alça da metralhadora e levantou da borda do topo da ZP, rosnando, com o rosto negro, sem capacete, os cabelos loiros emaranhados com sangue, o braço esquerdo pendurado, mas a mão direita empunhava a espada por cima da cabeça. Ele ia correr e berrar por trinta segundos, e então tudo acabaria, de um jeito ou de outro.

Os soldados do ENV não conseguiam mirar em Vancouver porque ele já estava entre os dois camaradas que corriam em sua direção pela ZP. Ambos estavam agora sendo talhados pela espada.

Um sargento baixinho e corpulento do segundo grupo de soldados do ENV correu direto até onde Vancouver e os outros dois soldados estavam lutando e parou. Vancouver cortou a garganta do segundo soldado e virou para atacar o sargento, que apontou seu rifle e disparou três tiros. Dois entraram no estômago de Vancouver. Ele caiu de joelhos. O sargento disparou de novo. Vancouver tremeu e caiu de cara no chão. O homem acenou para chamar o esquadrão e avançar, correndo até a margem da zona de pouso. Um dos dois soldados do ENV que Vancouver atacara estava pedindo ajuda. Vancouver, com a cara na lama, ouviu-o e soube que morreriam juntos. De algum modo isso parecia apropriado.

O pequeno grupo do ENV alcançou a beira da ZP na hora em que Samms atravessava o arame na ladeira sul. Louco de desespero e vergonha por ter deixado o Primeiro Pelotão atacar sozinho, ele se jogava contra o arame, sem se preocupar em achar a passagem. Balas entornavam o barro em volta dele; a luz opaca frustrava a mira do ENV. Samms arrancava as

estacas, puxando o arame para cima, e gritava para seus homens passarem em meio à neblina sombria. Finalmente passou, sangrando nas pernas e nos braços, e correu pelos bunkers vazios em direção aos buracos acima. Como por milagre, as balas não o atingiam.

Samms viu as silhuetas dos reforços do ENV contra a luz cinza do amanhecer. Jogou-se no chão enquanto disparava duas rajadas rápidas, olhando a fuga dos perseguidores a cada cinco balas. Rapidamente ajustou a mira, mandando balas contra o pequeno grupo de reforços. Para a sorte da Companhia Bravo, Samms pensou, o ENV estava trinta segundos atrasado.

O resto do Terceiro Pelotão foi se aglomerando ao redor dele à medida que ele esvaziava o cartucho. O operador de rádio, também sangrando depois de ser rasgado pelo arame, caiu ao lado dele. Samms, sem prestar atenção ao operador, correu em direção aos tiros que vinham do Primeiro Pelotão.

Alguns soldados do ENV recuavam morro acima, atirando enquanto andavam de costas. Outros ficaram em seus buracos, lutando até o último suspiro.

Samms se arrastou para o topo de um pequeno aclive do lado do morro e conseguiu ter uma visão total do Primeiro Pelotão. Um dos garotos novos virou com o rifle e disparou uns tiros.

Cortell saltou para cima do novato, gritando:

– Aliados! Aliados na esquerda!

Samms olhou para os dois estupefato. Duas balas estavam no seu peito, uma parou seu coração.

– Seu novato burro do caralho – disse calmamente enquanto a escuridão nauseante entornava seu cérebro e suas mãos e antebraços começavam a formigar. Caiu de joelhos e se encolheu como uma criança adormecendo.

O resto do pelotão de Samms chegou ao topo do morro num assalto violento. Alguns pararam quando o viram caído lá. Bass gritou para eles, apontando para a brecha nas linhas do ENV com seu bastão. Os garotos do Terceiro Pelotão, sentindo remorso por terem desapontado o Primeiro Pelotão, investiram contra a brecha, disparando enquanto corriam.

Correram pela ZP, que agora estava deserta, e desceram para os buracos do ENV por cima e por trás. Apitos soaram. Em alguns segundos, o ENV recuaria organizadamente para baixo da ladeira a oeste de Matterhorn, em direção a Laos.

Bass correu atrás do Terceiro Pelotão, sabendo que teria de dar ordens para não perseguirem o inimigo até a base do morro nem se exporem a contra-ataques. Skosh, com uma costela quebrada por uma bala quase gasta, tentava com esforço seguir Bass. Kendall, sem saber o que fazer, seguia seu pelotão.

– Manda eles se organizarem para um contra-ataque! – Bass gritou para ele.

Kendall fez que sim e começou a gritar para eles pararem e assumirem a posição. Bass correu de volta até o Primeiro Pelotão para tentar estabelecer uma defesa, dando direções com o bastão, fazendo gestos no ar, apontando para os pontos fracos. Ele viu o corpo de Vancouver e a espada ensanguentada. Virou o corpo rapidamente, viu o rosto familiar do morto e correu adiante, chamando Hamilton e Connolly para se juntarem ao pelotão de Kendall de ambos os lados.

Skosh, com o peito ainda arfando, parou para tirar a espada da mão de Vancouver. Ele parecia um cachorro atropelado.

– Porra, seu *gunjy* canadense, grandão burro – Skosh disse. Deu um toque no rádio. – Bravo, aqui é Assistência Bravo One.

Pallack respondeu imediatamente.

– Pode falar, Assistência One.

Skosh segurou o gancho.

– O grande Victor está morto. Câmbio – soltou o gancho.

Pallack repetiu a mensagem em voz baixa para Fitch e Mellas. Era como se a alma da companhia tivesse sido arrebatada.

Um minuto depois, ouviram o horrendo som distante de cargas de morteiro disparadas dos tubos. Depois as cargas do ENV vieram assobiando pelo céu cinza luminoso.

Os feridos ficavam expostos ao longo do lado leste de Matterhorn. As

cápsulas de morteiros caminhavam com pés de fogo entre eles, ocasionalmente tropeçando num deles, deixando uma pegada com tom de vermelho sangue. Alguns dos feridos tentaram rastejar para um abrigo. Outros, incapazes de se mexer, olharam o céu em horror dormente ou simplesmente fechavam os olhos, rezando para que um amigo chegasse e os arrastasse para um lugar seguro. Seus amigos vieram.

Sem homens o suficiente para ocupar o perímetro original da companhia, Bass mandou todos para os buracos do ENV. Lá os garotos se juntavam contra a terra e esperavam o fim dos bombardeios, e depois, talvez, o início do contra-ataque.

Bass tinha outra preocupação além do contra-ataque e do resgate de feridos. Se fossem atacados, estariam atirando contra seus próprios mortos, caídos na ladeira do morro. Mesmo mortos, ainda eram fuzileiros. Lembrou de Jancowitz dando sua vida para romper o cerco de fogo inimigo, evitando o primeiro ataque no Morro do Helicóptero. Sabia o que Vancouver tinha feito por eles. Os mortos, para Bass, não estavam mortos.

– Foda-se – disse para Skosh. – Se eles atacarem agora, vamos lutar aqui mesmo.

Levantou do buraco na mesma hora em que três cápsulas de morteiro estouraram em rápida sequência. Estilhaços e barro voaram pela neblina.

– Todos de pé! Todos de pé! Ainda não acabou. Temos trabalho a fazer, fuzileiros. Levantem!

Garotos assustados olharam para ele dos buracos. Estava balançando seu bastão dos dias restantes.

– Levantem! Vamos pegar os corpos. Levantem! – correu ladeira abaixo. Todos saíram dos buracos, mesmo Skosh com a costela quebrada.

Parecia um ataque ao avesso. Em meio aos morteiros explodindo, gritavam uns para os outros, uns com gritos rebeldes, outros berravam: "Foda-se! Foda-se tudo!". Correram até os seus mortos. Alguns caíram por causa de estilhaços. Mal tendo tocado o chão, foram então levados de volta para cima do morro com os mortos. Em um minuto as ladeiras estavam limpas.

Então, como se Deus levantasse uma cortina, a neblina evaporou completamente. Os fuzileiros no Morro do Helicóptero viram Matterhorn desprotegido diante deles. Pequenas figuras camufladas de verde corriam para lá e para cá, arrastando outras figuras camufladas de verde atrás delas, ou andando com elas sobre os ombros.

– Porra, chama os helicópteros, Snik – Fitch gritou alegremente.

Mellas conseguia ver Bass claramente, no topo do Matterhorn, balançando o bastão para algo, gritando para alguém.

Com a neblina desfeita, porém, o ENV no declive ao norte de Matterhorn começou a atirar armas automáticas com as explosões de morteiros. Todo o movimento na ZP parou.

Fitch e Mellas se olharam desesperadamente. Os helicópteros só viriam se o tempo estivesse aberto. Mas, se estivesse aberto, o ENV cercaria os fuzileiros com armas automáticas.

De repente um grito explodiu entre os que estavam no Morro do Helicóptero. "Disparo! Morteiro!" Os fuzileiros cavavam um segundo perímetro dentro do primeiro – não tinham mais homens o bastante para defender o perímetro exterior –, mas pararam e começaram a se enterrar no chão. Esperaram o tempo que decorreu entre os sons das cargas de morteiros nos tubos, que iam em linha reta aos seus ouvidos, e o tempo que levou para as cargas completarem o arco de disparo. As cargas estouraram numa ladeira ao longe sem causar danos. Os fuzileiros se levantaram novamente e voltaram a cavar furiosamente para completar o novo perímetro.

Mellas sentiu um mal-estar nauseante. Os sons dos tubos tinham vindo de outra direção, diferente dos primeiros.

Mellas correu para o fim das fileiras, mergulhando no buraco de Goodwin, de onde esperava ouvir os tubos dos próximos disparos e ajudar Daniels com a marcação das linhas de posição.

– Você tem que admitir, os veadinhos são profissionais – Goodwin disse para Mellas, aguardando a próxima saraivada de morteiros. – Pena que não estão do nosso lado.

– É, mas espera um pouco – Mellas disse. – Eles estavam do nosso lado, vinte e cinco anos atrás.

– Sério? Quem trocou de lado, nós ou eles?

– Acho que nós. A gente costumava ser contra o colonialismo. Agora somos contra o comunismo.

– Puta merda – Goodwin disse sem demonstrar emoção. – Não importa contra o que a gente seja, meu chapa, eles são uns profissionais do caralho.

Mellas levantou a mão, atento aos próximos sons de morteiros. Assim que ouviu os tubos, fez uma marcação e comunicou a Daniels através do rádio de Goodwin. Então esperou as cargas de morteiros completarem suas trajetórias elevadas e lentas. Observou o topo da camada de nuvens que oscilava entre os cumes dos dois morros e obscurecia os vales abaixo deles. Matterhorn parecia não estar ligada à terra, um bulbo horroroso surgindo do cinza prateado das nuvens. Logo as cargas explodiram – para todo lado e para dentro do perímetro. Os fuzileiros se encolheram no chão, com as mãos nos ouvidos, e tentaram apertar as cabeças dentro dos capacetes.

O bombardeio continuou por quinze minutos. Apenas quinze minutos. Depois parou.

Mellas esperou dois minutos. Espiou para fora da cratera e depois levantou para conferir o estrago. Viu que o lula sênior já estava remendando alguém. Goodwin reportou mais dois mortos: ambos estavam no mesmo buraco. Além disso, alguns com ferimentos leves de estilhaços.

Mellas voltou para o buraco de Fitch. Relsnik olhou para cima com o rosto tenso. Pallack olhava para outro lado.

– O que foi?

Fitch rompeu o silêncio.

– Bass está morto – disse de uma vez. E como se estivesse tentando compensar o aviso frio, acrescentou: – Não temos mais efetivos para dar conta de ambos os morros. Assim que tirarmos os feridos de Matterhorn, vou mandar o Primeiro e o Terceiro recuarem pra cá.

Demorou um momento para Mellas processar ambas as informações. Mesmo assim a próxima pergunta foi automática. Era tudo o que ele podia dizer para preencher o vazio.

– Como? – perguntou, paralisado.

– Estilhaço. Sangrou até a morte.

Mellas se virou e caminhou de volta para a beira das linhas em frente a Matterhorn. Estava tudo quieto. Matterhorn flutuava serenamente sobre a neblina. Lembrou Bass em Matterhorn algumas semanas antes, ensinando-o, fazendo piadas, reclamando. Bass o enrolando num cobertor um dia depois de uma patrulha quando estava tão frio que ele não conseguia parar de tremer. Servindo um copo de café. Falando de casa. Dos Fuzileiros. Bass. Morto. Nessa merda de terra devastada do inferno.

Goodwin levantou e colocou a mão no capacete de Mellas e o embalou de leve. Não disse nada.

– Obrigado, Cicatriz – Mellas disse finalmente.

A garganta de Mellas doía. As lágrimas forçavam as pálpebras. Mas a dor nunca foi liberada e as lágrimas nunca caíram. O vazio preenchia sua alma.

– Ei! – alguém gritou no lado sul do perímetro. – Lá vêm os helicópteros.

Saindo da neblina ao sul, um único CH-46 planava em direção à zona de pouso em Matterhorn. Alguém de lá soltou uma granada de fumaça vermelha. A fumaça se espalhou vagarosamente pelo ar, como sangue na água.

Lufadas lentas de fumaça mais escura se encrespavam em volta do helicóptero enquanto ele pousava – mais cargas de morteiro.

Afastando-se dos rádios, Mellas pegou os binóculos de Fitch e subiu num montículo. Viu Jackson sozinho no meio da zona, orientando o helicóptero com sinais como rádio em suas costas enquanto cargas de morteiro explodiam ao seu redor. Uma vez que Fracasso e Bass estavam mortos, Jackson tomou o comando. Não houve ordens nem perguntas.

Mellas observou o helicóptero pousar. Os homens da tripulação saltaram enquanto os fuzileiros da Companhia Bravo corriam para dentro, carregando os feridos do jeito que era possível e os colocando na comporta de descarga. Enquanto a tripulação empurrava os corpos para dentro, os fuzileiros continuavam correndo para dentro e para fora do helicóptero com mais mortos e feridos. Então o helicóptero decolou, partindo no ar enquanto os fuzileiros corriam para longe e se espalhavam procurando

abrigo. Uma figura apareceu enquanto a comporta se fechava, hesitou por um momento depois saltou para fora e caiu no chão. Parecia Jacobs. Um pensamento sarcástico passou pela cabeça de Mellas quando imaginou que Jacobs provavelmente tinha gaguejado demais para mandar o piloto ficar no solo, mas depois se sentiu mal por ter pensado isso. Observou Jacobs parado por um segundo; depois alguém atravessou o caos de cargas de morteiro sendo detonada se o puxou. Ambos estavam correndo até um abrigo.

– Caralho, meu, o Jake – Mellas resmungou alto. – Ele realmente pulou pra voltar pra essa merda.

Observou Jackson calmamente orientando o pouso de outro helicóptero. Depois as nuvens se fecharam sobre a zona e ele não viu mais nada.

Um terceiro helicóptero subiu com esforço pelo lado sul do Morro do Helicóptero. Todo mundo ouvia atentamente o progresso da subida. Pallack falava com o piloto no rádio, e o lula sênior preparava os feridos do dia anterior para o resgate. Dois dos cinco casos originais de emergência ainda estavam vivos. Um deles era Merritt, que dizia que nunca ia esquecer aquilo. Sheller disse que também não esqueceria. Sheller e o paramédico do Segundo Pelotão colocaram o corpo de Merritt, que exalava podridão, numa capa esticada entre dois paus e o carregaram para o lado leste do morro num canto de terra batida, longe das armas automáticas, para esperar o helicóptero.

Mellas observou a aeronave surgindo da neblina. Pallack soltou uma fumaça amarela, e as cargas de morteiro mais uma vez começaram a cair no Morro do Helicóptero.

O piloto falava com Pallack numa voz calma e segura.

– Ok, rapaz. De *onde* eles estão atirando? Eu sei *para onde* eles estão atirando. Câmbio.

– Daquela ladeira bem ao norte de nós, senhor. E também morteiros do noroeste em direção ao oeste quase em cima da fronteira. Câmbio.

– Ok, rapaz. Vou chegar pelo sudeste. Tem certeza de que a porra do buraco é grande o bastante para o helicóptero passar? Câmbio.

– Sim, senhor. Eu mesmo passei por lá. É um espaço bem grande e achatado. Câmbio.

– Bem grande e achatado não ajuda muito. Que tal uns números? Câmbio.

– Um bom espaço, bem grande e achatado, senhor – Pallack disse. – Câmbio.

– Não estou pra brincadeira, porra. Câmbio.

Pallack não queria dizer ao piloto como a zona de pouso era pequena; estava com medo de que o piloto desse meia-volta e nem tentasse pousar.

– Porra, cara. Eu sei que você acha que eu vou embora se for pequena demais, mas juro que se não me disser o tamanho da zona que vocês tem aí, vou dar meia-
-volta com essa porra de helicóptero. Agora mesmo. Câmbio.

Pallack hesitou.

– Dez metros, senhor. Mas não tem vento, porra. Câmbio.

– Merda – a palavra foi resmungada, sem a intenção de ir ao ar. Ainda assim, o helicóptero continuava entrando. Mellas conseguiu ver o piloto, um cara grande, gordo, provavelmente um oficial de campo, com as mãos se deslocando agilmente pelos controles, o capacete apertado empacotando a grande cara suada. Mellas não conseguiu deixar de pensar no Papai Noel.

Agora se podia ouvir os disparos de armas pequenas da ladeira ao norte, estalando no ar acima da zona de pouso; o helicóptero estava passando bem no meio. Um segundo bombardeio ressoou através da neblina e todos que estavam esperando o helicóptero se abaixaram sobre a lama. Mais cargas explodiram no morro.

Sheller estava sentado ao lado dos homens feridos, esfregando o rosto. Ridlow, ainda pálido como giz e com o rosto brilhando de suor, gracejava se deveria ou não deixar a sua Magnum .44 com Goodwin, mas ambos estavam preocupados. Ridlow tinha desmaiado duas vezes por causa da perda de sangue.

O piloto começou a falar para se distrair do perigo.

– Normalmente eu não faria isso, rapaz, mas um sargento caipira doido me deu uma prensa logo fora da Delta Med e me disse que, se eu não desse um jeito de resgatar vocês, ele derrubaria o meu helicóptero no céu mesmo,

puta merda – o piloto riu. – Sabe quem é o sujeito? Câmbio.

– Sei, é o Gunny – Pallack disse. – Ele realmente faria isso, senhor – acrescentou. – Você vai ter mais chances de viver com a gente. Câmbio.

– Foi o que imaginei, rapaz – o rádio caiu na estática.

O tiroteio aumentou, mas o helicóptero continuou subindo lentamente em linha reta, exposto ao perigo. Mais cargas de morteiro atingiram o morro atrás do destacamento de resgate. O helicóptero avultava sobre eles por cima da neblina, as hélices rasgavam o ar com estrondo, as turbinas gritavam. De repente veio o caos quando o helicóptero tremeu, flutuando sobre o pequeno espaço plano ao lado do morro, as lâminas quase batiam na terra no lado inclinado para o topo. Mellas viu que as balas tinham perfurado a capota em volta do piloto. O copiloto estava curvado, suspenso apenas pelo cinto de segurança e com o capacete de plástico estilhaçado.

O helicóptero por fim atingiu o chão da zona de pouso e o capitão de bordo começou a jogar sacos para fora enquanto Sheller e Fredrickson, com a ajuda dos outros, enfiavam os feridos mais graves na barriga do helicóptero. Em poucos segundos o helicóptero ganhou o ar, e os garotos que ficaram no chão continuavam mergulhados nos buracos sem se importar com o que estava nos sacos. O próximo bombardeio começou assim que o helicóptero se curvou para sair, acelerando rapidamente enquanto a gravidade o deslocava para baixo, em direção ao bombardeio. Uma mão saltou para fora de uma das portinholas quebradas do helicóptero. Segurava uma Smith &Wesson .44 que descarregou seis tiros pesados contra a ladeira norte.

Mellas levantou a cabeça do chão. Saltou em direção aos sacos, gritando para pedir ajuda, e começou a arrastá-los morro acima para os bunkers. Dentro dos sacos. estavam vários estojos de fluido intravenoso, muitos estojos de munição de metralhadora, quinze galões de água, um estojo de granadas de mão e, numa grande mochila de fuzileiro cheia de gelo derretendo, dois engradados de Coca-Cola.

– Puta merda, o Gunny é o cara – Pallack disse.

O Primeiro e o Terceiro Pelotões se enfileiraram para voltar ao Morro

do Helicóptero três horas depois, tendo que caminhar no ritmo dos feridos para os quais não houve espaço nos helicópteros de resgate. Connolly estava com a espada de Vancouver. Ele foi até o PdeC e a entregou para Mellas.

– Que diabos você quer que eu faça com isso, Con? – Mellas perguntou, sentindo o peso da espada.

– Não sei – Connolly olhou para longe na neblina. – Só sei que, se fosse com o corpo de Vancouver, alguém que não merece ia pegar. Pelo menos você pode trocar ela por algo.

– Acho que isso não seria certo – Mellas disse. – Talvez a gente devesse enviar para casa, para o pai dele – acrescentou sem muita convicção.

– Que pai? – Connolly disse. – Ele não ia querer isso, senhor. Porra, o que você acha que um canadense do caralho faria numa guerra americana se tivesse um lar e um pai pra voltar?

Connolly sentou na lama e desviou o olhar de Mellas, olhando em direção a Matterhorn.

– Porra, ele era como um irmão, senhor – começou a chorar. Mellas olhou para a espada, sem conseguir falar. Lágrimas escorriam pela boca e pelo queixo de Connolly. Ele as enxugava com sua mão imunda, manchando o rosto. Olhou para Mellas. – Porra, era como um irmão.

Mellas colocou a espada no bunker do PdeC. Depois desceu até a posição do Primeiro Pelotão e tomou o comando sem nem mesmo falar com Fitch.

Havia agora quinze corpos empilhados no topo do Morro do Helicóptero, cadáveres rígidos, muitos deles mutilados por uma carga de morteiro que explodira bem no meio deles. O pelotão de Goodwin perdera quinze: oito mortos e sete resgatados. Os outros feridos do seu pelotão ficaram para trás e ainda eram capazes de combater. Kendall perdera quatorze: seis mortos e oito resgatados, mais dez que ficaram para trás com ferimentos leves. O Primeiro Pelotão perdera vinte de quarenta e dois – contando agora com Mellas, eram vinte e um. Destes, a metade tinha ferimentos leves, mas ainda estavam prontos para o combate. Com o grupo do PdeC e os operadores de morteiros, restavam noventa e sete efetivos na

companhia. Quinze galões de água divididos por noventa e sete dava mais ou menos setecentos mililitros para cada fuzileiro. Todos ganharam também metade de uma lata de Coca.

Ainda eram dez e quinze da manhã.

Eles redistribuíram água, comida e munição dos mortos, incluindo do ENV. Alguns fuzileiros mantinham a água do ENV em cantis separados. Outros juntavam tudo num só. Fazia pouca diferença. Os metralhadores se reuniram e dividiram o resto da munição em partes iguais.

Passaram o dia todo sentados ou em pé nos buracos, observando a neblina. De vez em quando alguém gritava "Morteiro!" e todos se encolhiam com os joelhos enfiados nos capacetes, esperando os sons que confirmariam que não foram eles os atingidos.

Ao anoitecer, como resultado dos bombardeios de morteiros, a mente de Mellas estava fora de controle. Uma hora ele pegou de um morto uma japona de proteção contra artilharia e a colocou por cima da sua. Sua mente não conseguia parar de calcular: se um poncho supostamente protegia contra cinquenta por cento de uma explosão, logo dois protegiam contra setenta e cinco por cento. Se eu vestir três, será oitenta e sete e meio por cento, e quatro serão noventa e três e três quartos por cento. Ele continuava esse cálculo até que sua mente nebulosa não conseguisse mais fazer divisões; então, por algum motivo, começava a calcular de novo. Se uma bloqueava metade, logo duas vão bloquear três quartos... Tentou parar de calcular. Andou de buraco em buraco para falar com os outros. Mas ouvia o som dos tubos de morteiros e sabia que mais cargas estavam a caminho. Saía correndo para o buraco mais próximo e mais uma vez fazia os cálculos, esperando as explosões. Lembrou-se de uma palestra de como os morteiros eram consideravelmente ineficazes contra tropas em trincheiras. Mas o palestrante nunca mencionou o efeito psicológico que os bombardeios exerciam nas tropas.

No fim da tarde, Fitch chamou os reais para uma reunião no bunker. Kendall chegou antes dos outros, muito calado. O boato sobre a merda que ele tinha feito se espalhou por todo o morro. Olhou para Relsnik e Pallack

se sentindo culpado e resmungou um cumprimento para Fitch. Sentou no escuro, abraçou os joelhos próximos ao peito, esperando que os outros chegassem.

– Como é que tá? – Fitch perguntou.

– Ok, chefe.

– E o pelotão?

– Mais algumas feridas de estilhaços, nada sério. Estão cansados. Com muita sede. Não dormimos há duas noites.

– Ninguém aqui dormiu – Fitch disse, suspirando.

– Não quis dizer isso, chefe – Kendall disse.

– É, eu sei – Fitch sorriu. – Sei mesmo como é, não se preocupa.

Os dois se calaram. Ficaram ouvindo um dos postos de escuta testando um rádio antes de saírem das linhas. "Bravo One, Bravo One, aqui é Milford. Testando comunicação. Câmbio." Uma vez que Milford era uma cidade de Connecticut, o falante era de um PE do Primeiro Pelotão.

– Estou te ouvindo atirando cocô, Milford – era a voz de Jackson, dizendo que ouvia a transmissão alto e claro. – Ei, o real disse que quer falar com você antes de você sair. Câmbio.

– Entendido. Ele vai vir aqui? Câmbio.

– Um momento – houve uma pausa. – Afirmativo. Ele disse que vai chegar aí em zero-três. Câmbio.

– Milford câmbio e desligo – a voz confirmou.

Fitch riu pelo nariz. Kendall sabia que Fitch estava tentando animar os espíritos.

– Mellas achou que queria ser o Five – Fitch disse –, mas eu acho que ele está muito mais feliz como Bravo One Real. Ele prefere testar o PE do que estar aqui na reunião dos reais.

Kendall apenas fez que sim. Seu mundo estava na memória. Bass acenando seu bastão entalhado com adornos, gritando, tentando organizar as tropas no topo do morro, fazendo o trabalho de Kendall. O corpo de Fracasso sendo jogado no helicóptero. A condenação silenciosa do seu pelotão enquanto ele os levava de volta para o Morro do Helicóptero.

O embaraçoso silêncio acabou quando Goodwin se arrastou pela entrada.

– Tá mais frio que bunda de cavador de poço no inverno – disse. – Puta merda, por que eu deixei pra trás minha mochila mesmo? Ideia estúpida de um oficial babaca.

– E aí, Cicatriz – Pallack disse. – Conseguiu seu terceiro Coração Púrpura hoje?

– Pode crer, meu – Cicatriz se arrastou até Pallack e abaixou a gola. – Olha só. Uma ferida, certo? Uma ferida de estilhaço, bem no pescoço. Fiz o lula me inscrever agora mesmo. É isso aí, seus desgraçados do inferno – fez uma pausa dramática. – Okinawa.

– Porra, não tô vendo ferida nenhuma, Cicatriz – Pallack disse.

– Porra, é porque tá escuro aqui dentro, meu.

– Você realmente vai ganhar um terceiro Coração por isso, Cicatriz? – Relsnik perguntou. – E voltar para Okinawa?

– Claro, porra, é isso mesmo. Não podem deixar um maníaco nervoso como líder de tropas.

– Como vai o pelotão? – Fitch interrompeu por fim.

– Porra, meu. Como você acha?

Fitch não respondeu.

– Eles estão bem – Goodwin acabou falando. – Mas nós vamos ficar com os sacos congelados hoje à noite.

– Tomara que só aconteça isso mesmo – Fitch virou para Pallack. – Vê se o Mellas está subindo aqui.

Sheller se arrastou para dentro e eles voltaram a fazer piadas sobre os Corações Púrpura de Cicatriz até que Mellas entrou se arrastando pela estreita trincheira que levava até o bunker.

Parecia quente e muito seguro se comparado a ficar dentro dos buracos com o pelotão.

– Alguma notícia de reforços? – Mellas perguntou antes mesmo de se ajeitar. Puxou para cima as botas enlameadas e as pernas e empurrou as costas contra a terra molhada do bunker.

– Alpha e Charlie deviam ter sido largadas aqui hoje à tarde – Fitch disse. – Mas o clima fodeu com tudo. Talvez amanhã de manhã. Eles dizem que estão fazendo tudo o que podem. Enquanto isso, só temos que segurar o morro. Não ficaram nada felizes ao saber que abandonamos Matterhorn.

– Não vi eles lá em cima – Mellas disse com os dentes cerrados.

– Ninguém está jogando a culpa em nós – Fitch falou rápido. – Pelo menos não pelo rádio. Eu disse que não temos homens o bastante para defender Matterhorn e que temos de proteger os feridos aqui, e um perímetro menor.

– Então o que ele tá esperando, Jack? – Goodwin perguntou. – Se a porra da neblina não desaparecer, vamos ficar sem Hotel Vinte amanhã à noite.

– Hotel Vinte? – Fitch perguntou. – Porra, peraí. Que porra é essa?

– Você não foi pra escola, meu? H dois O. Água. Você lembra o que é. Costumava beber quando vivia na civilização. Virava uma manivelinha na cozinha e era uma coisa transparente que tinha umas bolinhas engraçadas.

– E não tinha que estragar com comprimidos de halazone – Mellas disse.

– É, o governo é que estragava pra você no reservatório – Pallack emendou.

Eles riram um pouco e depois ficaram quietos. Sheller cortou o silêncio.

– Eu preciso de água para os feridos num lugar seguro onde eu possa armazenar. Ajuda as pessoas a não entrar em estado de choque.

Definiram um esquema para coletar e redistribuir a água, guardando uma porção para os feridos.

Vagamente à distância ouviram um grito de "Morteiro!". Ninguém disse nada. Alguns segundos depois, dois estrondos abafados fizeram a terra vibrar.

– Devem ter errado o alvo – Kendall disse.

– Sério mesmo? – Cicatriz respondeu.

Fitch cortou rápido.

– Graças à neblina. Os viets têm que corcovar com as cargas como a gente. Eles não vão poder atirar muitas sem ter que ajustar.

– A não ser que tenha muito mais gente carregando cargas do que nós pensamos – Mellas disse muito sério. – Escuta. Minha cabeça fica fazendo cálculos o dia todo, então eu ando contando os disparos de morteiro. Parece que estamos recebendo três de uma vez, vindos de três posições diferentes. Dá nove de uma vez. Hoje eles estavam lançando cargas de dez em dez

minutos, ou quinze em quinze minutos. Dá mais ou menos quarenta por hora. Logo, doze horas de bombardeio hoje – ou seja, quatrocentos e oitenta disparos. Acrescente mais quarenta ou cinquenta de quando eles estavam bombardeando Matterhorn e passa de quinhentos. Isso dá duzentos e cinquenta homens com duas cargas cada, e com três cada dá cento e sessenta e seis e dois terços.

– Ô meu, nós jogamos uns dois terços do penhasco – Goodwin riu, e os outros o acompanharam.

Mellas continuou, concentrado nos números.

– Mas isso é só de sessenta e um. Eles lançaram oitenta e dois na gente, e acho que os maiores estragos em Matterhorn no outro dia podem ter sido de cento e vinte. Então oitenta e dois pesa o quê? Três ou três quilos e meio cada carga? Porra, o cento e vinte deve pesar uns quinze. Então poderia ser bem mais de duzentos caras. E isso contando só o que eles atiraram até agora – observou o rosto de cada um. – Portanto, ou temos uma companhia que está esgotando as cargas de morteiro e fazendo as malas hoje à noite – fez uma pausa –, ou estamos fodidos de vez.

– Sabe, Mellas – Fitch disse sarcasticamente –, você devia estar num departamento de inteligência em vez de estar nesse morro de merda com soldados burros como nós.

– Inteligência militar é uma contradição – Mellas disse.

– Porra, que bela notícia, senhor – Pallack disse. – Por que você não pega sua calculadora e vai pra casa?

Ao contrário da opinião de Mellas sobre a eficácia da inteligência militar, G2, a divisão de inteligência, nos últimos dias chegara à mesma conclusão que ele. Analisando informação dos bolsos de soldados mortos do ENV, as patrulhas dos observadores aéreos que conseguiram se meter entre as nuvens e a terra e os relatórios das equipes de patrulha amontoadas nos topos dos morros sob a chuva, com periscópios Star-lite, binóculos com infravermelho e seus próprios olhos e ouvidos exaustos, a divisão tinha certeza quase absoluta de que o regimento do ENV estava indo em direção a Laos para defender o terreno elevado ao longo da Serra de Mutter, ao

norte da Rota 9. Um segundo perímetro estava se deslocando paralelamente ao regimento através do Vale Au Shau ao sul. A divisão presumiu que houvesse um terceiro regimento se deslocando até o Vale Da Krong entre os outros dois, mas até agora não tinham avistado nada.

Ao ocupar o Morro do Helicóptero, a Companhia Bravo se colocara diretamente na linha de marcha do regimento do norte. Isso forçava o ENV a destroçar a Bravo ou isolá-la como um tumor e se deslocar ao seu redor, atacando com morteiros e talvez com artilharia. A única alternativa era realizar um desvio extremamente lento e difícil através dos vales afogados de selva sob a serra. Então a G2 estava apostando que o ENV atacaria a Bravo – mas não enquanto não pudesse reunir forças suficientes.

Seria uma corrida. A divisão deduziu que o ENV presumiria que os fuzileiros sabiam o que estava acontecendo. Os fuzileiros consideravam os ENV profissionais e lhes davam o devido respeito. Não foi por acaso que eles decidiram ocupar os morros quando a artilharia dos fuzileiros foi recuada para a operação Cam Lo. O trunfo na mão dos fuzileiros, porém, era que o ENV provavelmente não sabia que os fuzileiros podiam recuperar tudo nos morros, desde que o clima cooperasse. O ENV, deslocando-se nos limites da serra, estaria seguro enquanto permanecesse nublado. Uma vez que os vietnamitas se deslocavam a pé, o clima não os afetava tanto quanto aos fuzileiros, portanto estariam em posição para ultrapassar a Bravo em um ou dois dias. Se as nuvens fossem embora, a condição superior de mobilidade dos fuzileiros os capacitaria a interceptar o ENV, encurralá-lo e causar um dano considerável. Quanto mais a Bravo resistisse, maior a chance de uma boa batalha de dimensões regimentais, causando um estrago considerável ao ENV. Na pior das hipóteses, os fuzileiros arriscariam perder uma companhia. Ninguém gostava disso, claro, mas uma companhia de fuzileiros encurralados não seria um piquenique mesmo para uma unidade bem maior do ENV. No pior dos casos, este pagaria um preço muito alto. E nesta guerra, o que contava era a exaustão.

A estimativa da equipe de inteligência foi profissional e competentemente transmitida ao General Neitzel, e dele para os regimentos.

Mulvaney estivera observando o Primeiro Batalhão de perto desde que a Bald Eagle fora engajada. Mas ele também tinha dois outros batalhões com os quais se preocupar, e mesmo que a estimativa da G2 tivesse lógica, ele é que não começaria a jogar corpos para o inferno antes de ter certeza. Ele tomava a iniciativa sempre que podia, sabendo que tinha cem garotos desprotegidos lá em cima. Mas eles eram fuzileiros. Era para isso que serviam. Ele sabia que a G2 estava certa. Se o ENV parasse para atacar a Bravo, um alvo tentador para qualquer comandante, eles pagariam caro. Se ele não conseguisse posicionar os outros batalhões a tempo, a Bravo também pagaria. O que incomodava Mulvaney era saber que o ENV sentia que estava se arriscando por algo que valia o preço: o seu país.

Já não podia dizer o mesmo dos fuzileiros. Esse tipo de clareza era coisa do passado. Qual era o objetivo militar, afinal? Se estavam lá para lutar contra os comunistas, por que diabos o alvo não era Hanoi? Assim facilmente acabariam com os líderes comunistas e essa merda toda terminaria. Ou apenas espalhar algumas divisões do Exército nas fronteiras do norte e do leste em posições defensivas, o que multiplicaria a capacidade de força em pelo menos três vezes. Manteriam o ENV fora do país com cerca de um décimo das baixas. Os sul-vietnamitas dariam conta dos vietcongues. Porra, desde Tet, no ano passado, os vietcongues já tinham sido subjugados. Os fuzileiros pareciam estar lá matando gente sem nenhum outro objetivo que não o de matar em si. Isso deixava uma sensação de vazio nas tripas de Mulvaney. Tentou ignorá-la fazendo o seu trabalho, que era matar gente.

O major Blakely sentia o mesmo que Mulvaney, mas com duas diferenças consideráveis: estava mais entusiasmado, porque não tinha outros dois batalhões com os quais se preocupar; e esta era a sua primeira guerra, não a terceira. Além disso, Blakely nunca refletia sobre o que estava sendo adquirido ou por que estava sendo adquirido. Blakely era um solucionador de problemas.

Ele sabia que a Bravo estava correndo um risco. Ele a tinha colocado em risco, e não gostava particularmente do fato que o tinha obrigado a isso.

E embora tivesse visto garotos mortos sendo arrastados para fora dos helicópteros, ele nunca estivera lá de fato quando morreram. Por esse motivo, ele achava difícil respeitar a si próprio. Esta era uma guerra para capitães e tenentes, e ele já estava velho demais, trinta e dois. Não sabia, e sentia que nunca saberia, a não ser que se envolvesse de alguma maneira, se ele tinha capacidade para liderar um pelotão ou uma companhia em combate.

Mellas provavelmente diria que Blakely não tinha capacidade, mas ele estaria errado. Blakely executaria um trabalho de baixo nível tão bem quanto seu atual – competente, não perfeitamente, mas bem o bastante para terminar o trabalho e se manter longe de confusões. Cometeria os mesmos pequenos erros, mas eles teriam um efeito menor. Em vez de mandar a companhia para o combate sem comida, talvez colocasse uma metralhadora em posição desvantajosa. Mas os fuzileiros, sob a sua liderança, compensariam esses erros. Mesmo com a metralhadora em posição imperfeita, eles lutariam bem. As baixas seriam um pouco maiores, com menos inimigos mortos, mas a estatística da perfeição nunca aparecia no sistema de relatórios. Uma vitória é relatada com as baixas necessárias para garantir essa vitória, não com as baixas que seriam relatadas se aquela metralhadora estivesse mais bem posicionada.

Não havia nada de sinistro nisso. O próprio Blakely não saberia que posicionou mal a metralhadora. Ele se sentiria mal por causa das baixas por um tempo. Mas refletir sobre o porquê ou para que era algo que Blakely não fazia. No momento, o problema diante dele era avançar contra o inimigo e elevar a contagem de corpos o máximo possível. Queria fazer um bom trabalho, como qualquer pessoa decente queria, e agora ele finalmente tinha descoberto um modo de fazer. Talvez ele até pudesse usar o batalhão inteiro de uma vez numa batalha, uma experiência inestimável para um oficial de carreira.

Por volta das três horas da madrugada, um dos postos de escuta de Goodwin começou a dar toques de rádio furiosamente. Mellas ouviu a voz de Goodwin surgir rapidamente na frequência.

– Nancy, aqui é Cicatriz. O que tem aí? Dê um toque para cada viet. Câmbio.

O rádio foi à loucura. Mellas perdeu a conta.

– Jackson, desce aqui e acorda todo mundo – Mellas disse. – Estamos com problemas.

– Por que eu? – perguntou Jackson.

– PDP, Jackson. Além do mais, você não aparece muito no escuro.

– Você vai viver pra se arrepender disso, tenente – Jackson sussurrou.

– Porra, espero que sim.

Jackson saiu deslizando e logo Mellas ouviu os sussurros de urgência passar pelas fileiras.

A voz de Fitch veio na frequência, ligando para o posto de escuta.

– Nancy, aqui é Bravo Six. Se você acha que consegue entrar, dê dois toques. Câmbio.

Não houve resposta.

– Ok, Nancy – Fitch continuou –, alertamos todo mundo. Abaixa aí e fica no chão até a gente dizer pra levantar. Câmbio.

Nancy respondeu com dois toques.

Um gota minúscula de lama caiu ao lado do buraco de Mellas, escorrendo contra suas costas úmidas. Ele não conseguia ver nada a não ser o montículo ao lado do buraco. Um vento silencioso sussurrava com a neblina através da selva. O rádio soltava os sons de outros rádios dando toques furiosos.

– Ok, vocês aí dos outros postos – Fitch falou. – Tentem entrar agora se puderem.

Mellas levou o rádio e rastejou pelas fileiras alertando todo mundo que os PEs tinham que entrar. Jackson estava voltando.

– Você realmente brilha no escuro, tenente – disse, se arrastando rapidamente e passando para outro lado.

Rider e Jermain estavam num PE. Todo mundo fazia esforço de modo tenso. Então veio um sussurro: "Honda". Uma voz sussurrou em resposta: "Triunfo". Houve os sons de rastejo rápido na encosta e um leve grunhido de alguém que se enfiava, em um buraco. Depois outro rastejo e outro grunhido. Seguros.

Mellas tinha acabado de deslizar para dentro do seu próprio buraco quando a noite foi rasgada por um rugido de tiros de armas de pequeno porte na selva abaixo deles. A neblina se acendeu com os tiros.

– Bravo Two – o rádio estalou –, aqui é Nancy. Eles nos localizaram. Estamos chegando.

O som feroz das armas de 7,62 mm do ENV pontuava os tiros mais leves, porém mais rápidos, das armas M-16 dos fuzileiros.

– Nancy, porra, não vai levantar e correr – Goodwin estava implorando ao seu PE para não sair do esconderijo. – Você vai levar tiros. Fica frio, meu. Nós vamos te tirar daí. Câmbio.

– Estamos chegando Cicatriz, porra – o rádio respondeu. Então os tiros cessaram.

O rádio deu um toque, e uma voz diferente da anterior surgiu na frequência. Era uma voz não acostumada ao rádio – uma voz assustada e solitária.

– Uh, tenente Goodwin, senhor – uma voz sussurrou –, tá me ouvindo? – Houve uma breve quebra de estática porque a tecla de transmissão foi solta.

– Porra, meu. Álcool e cerveja. Câmbio.

A voz voltou.

– Roscoe está morto, acho – houve uma longa pausa de transmissão em branco porque o garoto ficou segurando a tecla sem saber que isso impedia Goodwin de responder. – Ah, meu Deus, me tira daqui, tenente – soltou a tecla.

– Começa a rastejar pra trás, ok? Fica abaixado e começa a rastejar pra trás. Câmbio.

– Mas o rádio tá nas costas do Roscoe.

– Esquece a porra do rádio. Desajusta os botões de frequência. Rasteja até o mato, se enfia lá e fica esperando. Nós vamos te pegar. Fica frio. Câmbio.

Houve uma longa espera. Depois a tecla foi apertada de novo.

– Não consigo deixar a porra do rádio aqui – a voz sussurrou, desesperada.

A voz de Goodwin voltou em tom de comando.

– Isto é uma ordem, meu. Troca a frequência e deixa essa porra aí. Eles não podem te cercar, porque estariam atirando contra seus próprios amigos, por isso rasteja pra trás, pra longe deles e fica abaixado. Assim que eles entrarem na refrega com a gente eles não vão querer saber de um patrulha de escuta sozinho. Assim que tudo acalmar e o ataque acabar, nós vamos aí te pegar. Agora se mexe, porra. Câmbio.

De novo não houve resposta. Então a voz sussurrou:

– Tenente, por favor me tira daqui. Por favor, senhor.

Jackson gemeu de leve e sussurrou:

– Nós não podemos, seu filho da puta burro. Começa a mexer essa bunda, porra.

– Por favor, tenente Cicatriz, me tira daqui – a voz voltou.

De repente três granadas de mão explodiram sucessivamente, surgiram clarões ao longe na selva escura.

– Nancy, Nancy, aqui é Bravo Two. Se você tá ok, dê dois toques no rádio. Câmbio – Goodwin repetiu a pergunta três vezes antes de desistir.

A companhia aguardou, mas o ataque nunca se desenvolveu.

– Aquele PE salvou nossa pele – Mellas disse no silêncio que veio logo depois.

– Ao menos por essa noite – Jackson respondeu.

Ambos sabiam que só estavam vivos porque dois homens haviam morrido. Isso porque, é claro, as companhias colocavam postos de escuta.

Houve talvez quinze minutos de silêncio. De repente, ao redor deles, pequenos tinidos abafados vieram da selva. Era o som de pás cavando.

Mellas chamou Goodwin no rádio.

– Ei, Bravo Two, tá ouvindo gente cavando? Câmbio.

– Sem brincadeira, meu. Câmbio.

A voz de Fitch chegou na frequência.

– Bravo Three, aqui é Bravo Six. E você, tá ouvindo? Câmbio.

Kendall respondeu com voz mansa.

– Sim, lá naquela ladeira de onde o Two desceu no outro dia. Câmbio.

– Porra, meu – Goodwin interrompeu. – Estamos cercados. Câmbio.

– Você é um gênio militar, Cicatriz. Câmbio – Fitch resmungou.

– Quantos Corações Púrpura você tem, meu? Essa é a marca de um gênio militar, porra. Câmbio.

Kendall fechou os olhos e tentou lembrar cada mínimo detalhe do rosto de sua esposa, e do corpo dela.

Mellas começou a rezar em voz baixa para que Jackson não o ouvisse.

– Meu Deus, eu sei que não ando rezando, só quando estou encrencado, mas Deus do céu, me tira daqui, por favor me tira daqui – enquanto rezava, sua mente corria, tentando pensar num jeito de escapar, decidindo que deixaria os feridos pra trás, deixaria o pelotão, qualquer coisa, tudo para chegar na proteção da selva.

Mellas foi atingido pela consciência devastadora de que era muito provável que ia morrer. Aqui, nessa terra imunda. Agora. A vida apenas começara e surpreendentemente logo ia acabar de modo tão terrível.

15 CAPÍTULO

Pela manhã, quando a neblina ficou cinza, os fuzileiros começaram a se mexer nas trincheiras. Alguns tinham colocado os ponchos em cima dos buracos para recolher orvalho. Isso não funcionava, mas eles lambiam os ponchos mesmo assim. Contaram umas piadas. Mellas se arrastou até o buraco de Goodwin no topo do morro. Ele estava em pé, com apenas a cabeça e os ombros expostos. Usava os suspensórios e estava testando as molas da arma. Tinha uma expressão perturbada no rosto.

Mellas estava agachado ao lado do buraco de Goodwin.

– Vai atrás do rapaz do posto de escuta? – perguntou com a voz calma.

– Vou – Goodwin saltou para fora do buraco e manuseou sua M-16.

– Os viets não devem estar a mais de cem metros daqui – Mellas disse.

– Eu sei, cara – Goodwin se virou e olhou para a neblina.

Era a primeira vez que Mellas via Goodwin tão sério. Um ímpeto repentino de sentimento se apoderou dele.

– Ei – Mellas disse. – Toma cuidado lá, hein?

Goodwin se virou e olhou para Mellas.

– Nós vamos sair desse sanduíche de merda?

Mellas deu de ombros.

– Só precisamos de um dia sem nuvens.

Os dois olharam para as nuvens vagamente visíveis na luz da manhã. Goodwin olhou para Mellas.

– Não sei você, mas, porra, estou com tanta sede – colocou dois dedos nos lábios, soltou um assobio alto e gritou: – Ei, seus *gunjys* do caralho. Venham aqui, porra – virou para Mellas e sorriu. – Eu pedi voluntários, e todos eles disseram que iriam. Mas Roscoe e Estes eram do Primeiro Esquadrão, então o Primeiro Esquadrão vai resgatar eles.

Gritou de novo.

– Porra, Robb, traz eles aqui – virou para Mellas de novo. – Sabendo o quanto os dois estavam assustados ontem à noite, acho que não avançaram mais que trinta ou quarenta metros para longe das linhas – o esquadrão saía vagarosamente e em silêncio do buraco de Goodwin.

China ficava mexendo devagar na trava de segurança da M-60 para frente e para trás. Uma parte dele gritava que era muito estúpido arriscar a vida para resgatar uns chucks mortos, mas a outra queria ter certeza se a metralhadora estava funcionando. Olhou para o topo do morro e viu o fanático religioso, Cortell, sentado ao lado dos cadáveres. O tolo não via que tinha adotado a religião dos brancos. Mas havia algo em Cortell que China invejava – Cortell tinha certeza de que sabia aonde Parker tinha ido. China fechou a trava com força e olhou para Goodwin. Nossa, esse caipira branquelo filho da puta levava essa merda de *Semper Fi* a sério mesmo. Enquanto Henry estava na Base Vandegrift cuidando da burocracia, ele estava aqui prestes a levar tiros na fuça com essa baboseira de *Semper Fi*. A lembrança de Parker tentando conter o medo invadiu o pensamento de China. Lembrou-se de Vancouver saindo pela noite para tentar chegar ao rio, e do doutor Fredrickson enxugando a testa de Parker para que a febre diminuísse.

Observou Goodwin em silêncio enquanto ele contava o esquadrão, apontando o indicador para cada um deles. Passou por sua cabeça que ele provavelmente também mexia os lábios ao ler. Goodwin acenou para o líder do esquadrão, Robb, e depois agachou. Dez metros adiante dos buracos, Goodwin foi direto para o chão e começou a se arrastar. Robb estava três metros atrás. Depois foi a vez de China. Ele foi.

Mellas ficou observando o esquadrão rastejar neblina adentro e desaparecer. O morro inteiro ficou aguardando o som de tiroteio. Uma hora se arrastou. Goodwin não estava falando no rádio. Cortell sentou ao lado de Mellas sem dizer nada.

Por fim Mellas falou.

– Você reza por esse tipo de merda, Cortell?

Cortell olhou para Mellas por baixo da atadura ensanguentada em volta de sua cabeça.

– Eu rezo o tempo todo, senhor.

Dentro de uma hora, o esquadrão estava de volta, arrastando dois corpos. Mellas notou que o rádio do PE tinha desaparecido. Quando alcançaram as linhas, Goodwin deu a água dos garotos mortos ao lula sênior e depois vasculhou seus bolsos.

– Ei – gritou, segurando uma única lata de ração C verde-escura –, porra, é guisado de bife!

Estar cercado é como qualquer outra variante de guerra. Por trás do terror imediato de matar um ao outro, há um tédio molesto que destrói o espírito. A neblina permaneceu densa naquela manhã, e o ENV os bombardeou apenas algumas vezes. Provavelmente tinha medo de atingir seus próprios homens entrincheirados ao redor dos fuzileiros. Isso dava a todos muito tempo para pensar.

Mellas perambulou sozinho até a pilha de corpos no topo da ZP. Só conseguia ver as botas esbranquiçadas dos veteranos, com canos longos de náilon amarelo, e as botas pretas com canos longos verde-escuros, dos garotos novos. Etiquetas de papel tinham sido amarradas às botas e aos pulsos.

O lula sênior se agachou ao lado de Mellas. Segurava algo que parecia ser fotografias.

– O que é isso aí, Sheller? – Mellas perguntou.

– Fotos instantâneas. Dos corpos. Preciso do seu ok pra jogar fora. A ordem estabelecida da divisão é se certificar de que nada obsceno volte para casa com o cadáver.

– Obsceno? – Mellas perguntou com dentes cerrados.

Sheller abaixou a cabeça, envergonhado.

– É só algo que mandam a gente fazer, senhor.

Mellas olhou as fotografias devagar, com as mãos tremendo. Havia fotos de norte-vietnamitas mortos: corpos enegrecidos, explodidos. Uma foto era de um corpo sem cabeça, sentado num buraco. Um garoto do pelotão de Goodwin posava ao lado, sorrindo, com a cabeça embaixo do braço. Havia uma foto de três garotos americanos mortos, todos espremidos num único buraco. Sobre o retrato, escrito com caneta esferográfica, estava "Snake, Jerry e Kansas". Uma imagem era de uma garota tailandesa linda, deitada nua na cama de um quarto de hotel. Mellas olhou para ela por bastante tempo, notando seu cabelo negro espalhado pelos lençóis, suas pernas morenas discretamente cruzadas, ocultando a vulva. Essa beleza frágil em meio à carnificina lhe tirou o fôlego.

– Essa me deixou perturbado – Sheller disse.

– Ele estendeu a licença, né? Pra ver ela de novo?

Sheller fez que sim.

– Queima tudo.

Sheller calmamente pegou seu isqueiro e pôs fogo nas fotos. Ficaram olhando elas se retorcerem vagarosamente no calor, mudarem de cor e finalmente se consumir em chamas. E viram o mesmo ocorrer com o corpo nu da garota do bar em Bangcoc. Ninguém sabia o nome dela, a não ser o apelido, Susi, então ninguém poderia dizer a ela que Janco tinha morrido. Ela ia descobrir quando a próxima carta voltasse com o carimbo FALECIDO.

Mellas voltou para o buraco e se encolheu, tentando se aquecer. As duas japonas não ajudavam muito. Jacobs veio até ele e perguntou se os helicópteros estavam chegando.

– Olha, Jake, se eu ficar sabendo que até uma porra de passarinho consegue pousar aqui, mesmo um pardalzinho, ou um pica-pau com penacho, ou um sabiá de peito peludo, eu te aviso.

Então Mellas notou que havia uma orelha presa no elástico em volta do capacete de Jake. Sentiu um frio na espinha.

– O que é isso no seu capacete?

– Uma orelha, senhor – Jake disse casualmente.

– Tira isso daí.

– Porra, por que eu faria isso? – Jacobs perguntou irritado. – E-esse

filho da puta do caralho matou o Janco? e eu sei disso porque joguei a merda do co-corpo dele morro abaixo.

– Você sabe que pode ir para a cadeia por mutilação.

– Ir pra cadeia? Ca-cadeia o caralho. Quem vai pra porra de uma cadeia por ma-matar o Janco. E-eles é que têm que ir pra cadeia, os que inventaram essas regras do caralho.

– Joga a orelha fora agora, porra. E você vai enterrar os corpos também.

– Eu não vou enterrar corpo nenhum de vi-viet. Não, senhor.

– Vamos lá, Jake, dar uma olhada neles.

Em silêncio, Jacobs foi atrás de Mellas pelas linhas. Olharam para baixo da ladeira íngreme onde os corpos dos garotos vietnamitas tinham sido jogados depois do ataque. Estavam caídos lá, alguns de olhos abertos, com braços e pernas tortos, rígidos, parecendo extremamente desconfortáveis. Um dos homens tinha talhos de Ka-bar pelo corpo todo. Estava sem uma orelha também.

– Quem talhou o corpo, Jake? – Mellas perguntou com calma. – Olha, eu sei que eles mataram alguns de nós, mas nós matamos alguns deles, não?

Jacobs fez que sim, olhando para o chão. Mellas lembrou que uma vez eles riram juntos porque os dois tinham sido coroinhas.

– Eu talhei – Jacobs disse. Pegou a orelha do capacete e jogou nos corpos. – Eu só co-corri lá embaixo e talhei ele. Não sei por quê.

Ficaram em pé juntos, observando a neblina. Os olhos de Jacobs brilhavam com lágrimas, mas ele as segurava.

– Porra, Janco – disse.

Gambaccini apareceu com duas orelhas coladas na coroa da camuflagem.

– Eu também cortei orelhas, senhor – disse. – Se você mandar Jacobs pro buraco, então eu também vou.

Mellas balançou a cabeça devagar.

– Gambaccini, eu tô pouco me fodendo para os viets mortos. Mas joga fora essas orelhas pra não ir pra prisão – Mellas começou a se afastar. – Mas você pode ajudar o Jake a enterrar as merdas dos corpos.

Depois de se afastar um pouco, Mellas olhou pra trás. Os dois ainda

estavam lá, olhando para os corpos. Depois Gambaccini tirou as duas orelhas e, segurando as duas com a ponta dos dedos, como se fossem pedras para jogar na superfície de um lago, lançou-as depois na neblina.

Houve um momento de calmaria quando Mellas, perdido no centro do redemoinho de neblina, conseguiu enganar a si mesmo com a maior habilidade, acreditando que tinha de fato matado Pollini – e foi esmagado por um vazio que o fez cair de joelhos. Curvado dentro do buraco, encasulado com as duas japonas, teve um colapso. Era o alvo de uma piada de mau gosto. Deus lhe tinha dado vida e deve ter rido quando Mellas, só para conseguir um pedaço de fita colorida como prova de sua coragem, usou-a para matar Pollini. E sua coragem era a piada. Ele era apenas uma coleção de eventos vazios que acabar como uma fotografia desbotada sobre a lareira de seus pais. Eles também morreriam, e os parentes, que não saberiam quem era a pessoa na foto, a jogariam fora. Mellas, racional que era, sabia que não havia vida após a morte, e que esta não era muito diferente do sono. Mas esse banho de crueldade não era racional. Não tinha aquela efemeridade do pensamento. Era tão real quanto a lama sobre a qual ele estava sentado. O pensamento era apenas uma extensão do nada que ele fizera durante toda a sua vida. A iminência de sua morte o fez tremer como um rato sendo estraçalhado por um cachorro. Ele podia apenas choramingar de dor.

Sua mente reagiu. Nós vamos escapar. Basta se fingir de morto quando eles nos dominarem finalmente. Não usar a faca – fingir de morto e aproveitar a confusão do último ataque para encobrir sua fuga. Você vai estar vivo! Deixa esses fuzileiros aí e essa falsa noção de honra. Entra na selva com o resto dos animais e sobreviva. Sobreviva!

Mas o cachorro que estraçalhava seu pescoço riu. E depois? Uma carreira em direito? Um pouco de prestígio? Um pouco de dinheiro? Talvez uma carreira política? E depois, morto. Morto. O riso lhe virou do avesso, expondo suas partes mais secretas. Entregou-se a Deus como uma mulher se entrega a um homem, com as pernas abertas, o estômago exposto, os braços abertos. Mas ao contrário de algumas mulheres, ele não tinha a força

interior que lhes permitiam fazer tal coisa sem medo. Não havia nenhuma força feminina em Mellas.

O cachorro o estraçalhava mais e Mellas continuava dolorosamente vivo. Devastado até restar só um grito, despido até o último gemido de dor, chorou com raiva de Deus e soltou palavras roucas que lhe machucavam a garganta. Não pedia mais nada agora, nem pensava se tinha sido bom ou não. Tais conceitos eram todos parte da piada que acabara de entender. Amaldiçoou Deus diretamente por essa piada cruel que tinha feito na cara dele. E nessa maldição, Mellas falou com Deus pela primeira vez. E chorou, lágrimas e catarro se misturavam ao escorrer pelo rosto, mas o choro era a raiva e a dor de uma criança recém-nascida, que, mesmo com tamanha dureza, era finalmente arrancada do útero.

Essa nova percepção de Mellas não mudou nada, ao menos por fora, mas ele sabia que não ia se fingir de morto. Fizera isso a vida toda. Não ia escapar para a selva e se salvar, porque sua vida não lhe parecia algo digno de ser salvo. Decidiu ficar no morro e fazer o que podia para salvar aqueles ao seu redor. Essa escolha o confortou e o acalmou. Morrer dessa maneira era um modo melhor de morrer, porque viver assim era um modo melhor de viver.

O lula sênior veio se arrastando até o buraco de Mellas, todo sujo de sangue e vômito dos feridos.

– Eu tinha que escapar um pouco – disse. Entrou no buraco ao lado de Mellas para observar a selva e a neblina. Mellas sabia que sua própria crise existencial não era porra nenhuma para Sheller. E de repente entendeu como Hawke adquiriu seu senso de humor. Observando os fatos. Que grande piada. Mellas provavelmente ganharia uma medalha por matar um dos seus próprios homens. Parecia apropriado que o presidente fosse reeleito por fazer a mesma coisa em escala muito maior. Então uma nova voz dentro dele começou a rir com Deus.

Percebeu que estava rindo alto quando viu Sheller olhando para ele com uma cara esquisita.

– O que foi? – Mellas perguntou, ainda rindo.

– Qual é a graça, senhor?

Mellas riu de novo.

– Você tá um lixo, Sheller. Sabia? – continuou rindo e balançando a cabeça, espantado com o mundo.

O tédio marcava a passagem das horas. Os garotos lutavam contra o sono. Pouco antes do meio-dia, a neblina levantou um pouco, flutuando alguns metros acima de Matterhorn e dando visibilidade o bastante para um helicóptero chegar ao Morro do Helicóptero. Fitch imediatamente pediu helicópteros de provisões pelo rádio.

Porém, o Morro do Helicóptero estava à vista dos artilheiros de morteiro do ENV, que começaram a atirar, ajustando facilmente seus tiros. Quando os fuzileiros ouviram os projéteis sendo disparados dos tubos, sabiam que tinham apenas alguns segundos para se enterrar nos buracos enquanto os morteiros faziam as trajetórias em direção ao morro. As cargas de morteiro caíram, o solo tremeu e a pressão atingiu os tímpanos e os globos oculares. Não era som ou barulho, porque não era ouvido. Era sentido. Era dor.

Os fuzileiros se amontoaram nos buracos e sentiram as concussões. Fechavam os ouvidos. O barro chovia sobre seus capacetes e entrava em seus ouvidos. Um garoto do Terceiro Pelotão foi atingido por uma carga que caiu bem na entrada do seu buraco. Arrastaram-no até o bunker onde estavam armazenados os poucos cantis de água reservados para os feridos. Todo mundo estava fora.

Quando os helicópteros estavam chegando, a neblina fechou de novo, impossibilitando-os de encontrar a zona de pouso e obrigando-os a retornar por falta de combustível.

O bombardeio cessou.

O tédio, a fadiga e a sede continuaram.

Goodwin estava inquieto e foi até a linha de trincheiras em frente a Matterhorn. Às vezes, através da neblina, podia ver os bunkers que o Primeiro Pelotão atacara na manhã anterior. Sentou com seu rifle e ajustou a mira. Apoiando-o sobre um tronco, ajeitou-se para observar e esperar.

Passou-se uma hora. Goodwin tinha a paciência de um caçador nato. Ele vivia na dimensão não tempo, da qual saía apenas brevemente para mexer o corpo.

A neblina engrossou e ocultou Matterhorn do seu campo de visão. Mais vinte minutos se passaram. A neblina levantou de novo. Uma figura minúscula podia ser vista se arrastando entre dois bunkers. Goodwin puxou o gatilho uma vez. A bala atingiu a poeira abaixo da figura. O homem começou a correr. Goodwin mirou acima dele para compensar a distância, e disparou mais rapidamente três vezes. O terceiro pegou na perna do homem e o derrubou. Goodwin sentiu o entusiasmo na garganta. Rapidamente ajustou sua mira de acordo com a distância e com o vento e disparou mais duas balas. Não sabia dizer onde atingiram. Isso era bom sinal, porque, quando elas atingiam a carne, não dava pra ver poeira. De Matterhorn, começaram a surgir disparos de armas pequenas. Goodwin ouviu o estalo das balas no ar antes do som dos tiros. As balas bateram no morro acima dele como granizo, fazendo os fuzileiros mergulharem de volta nos buracos, rindo e xingando Goodwin, que estava escondido abaixo deles, reajustando sua mira.

Duas figuras saltaram de dentro de um bunker, arrastaram o alvo de Goodwin e o puxaram para dentro. Goodwin, com raiva, segurou o gatilho no automático, mas a M-16 perdeu o alvo com o recuo. Viu uma bala luminosa realizar uma trajetória em arco alaranjado que parecia ser engolida rapidamente pelo morro acima dos três soldados do ENV.

– Porra. Precisamos de uma M-14, cara.

O fogo cessou. Goodwin voltou para as linhas e começou a trocar as balas normais pelas luminosas, alternando uma a cada quatro nos seus cartuchos. Então ele e mais outros dois deslizaram um pouco para baixo dos buracos e escolheram um local diferente. Àquela distância, as balas luminosas, por serem mais leves, não atingiriam exatamente o mesmo lugar que as balas normais atingiriam, mas ele conseguia calcular aonde mais ou menos as balas mais pesadas iriam e sabia que ainda tinha uma chance maior de corrigir os cálculos de distância e vento. Também sabia que as luminosas entregariam sua posição.

Mellas desceu para ver o que estava acontecendo. Goodwin estava

sentado lá, apoiado no rifle, tão paciente e silencioso quanto um gato esperando um rato sair de um buraco. Quinze minutos se passaram. Mellas ficou entediado e voltou para seu buraco.

Duas horas se passaram. A neblina fechou de novo, de modo que era seguro andar e sentar fora dos buracos. Os garotos falavam, talhavam seus bastões e cavavam estantes elaboradas e degraus nos seus buracos. Vários desceram e ajudaram Gambaccini e Jacobs a cavar covas para os soldados mortos do ENV, simplesmente para ter o que fazer. Muitos cochilavam, felizes por não terem nada para fazer senão esperar dentro dos buracos. Todos olhavam para o céu de vez em quando, como médiuns aguardando uma manifestação.

Mais duas horas e meia se passaram. Mellas se arrastou lá para baixo a fim de dar uma olhada em Goodwin, que ainda estava esperando, apoiado no rifle. Mellas deitou ao seu lado. Goodwin falou sem tirar os olhos da mira traseira.

– Aquele filho da puta está quase colocando a cabeça pra fora daquele buraco. Estou sentindo.

Mellas se agachou ali, olhando para o morro à frente, que aparecia e desaparecia entre a neblina oscilante. Dez minutos se passaram. Pensou no homem dentro do bunker do outro lado. O bunker tinha sido construído por Jacobs. Era fundo e havia, ao nível dos olhos, logo acima da superfície, troncos intercalados com barro, com esteiras de pistas de pouso, sacos de areia – a não ser que fosse atingido bem em cima, nem uma bomba de duzentos quilos machucaria quem estivesse dentro. Seria preciso infantaria. Mellas não queria mais pensar nisso.

Ficou entediado de novo e voltou. Por volta de três da tarde – meia hora depois de ter voltado pela segunda vez –, ouviu um único estalo de uma M-16, depois mais dois tiros sucessivos. "Cicatriz pegou um." O grito atravessou o morro. Mellas saiu correndo do topo com a cabeça baixa caso houvesse tiros de resposta.

– Peguei o veadinho – Goodwin disse assim que Mellas se jogou no chão ao seu lado. Um dos garotos que cuidavam da segurança de Goodwin passou os binóculos de Fitch para Mellas. Através deles, Mellas conseguiu ver o soldado morto sendo arrastado para dentro do bunker.

– Peguei ele bem em cima da garganta – Goodwin disse casualmente. – Sabia que ele tinha de sair pra mijar uma hora.

– Belo tiro – Mellas elogiou. – Vai tentar pegar outro?

– Vale mais a pena que ficar corcovando.

A neblina se dissipou por um momento, expondo o topo do Morro do Helicóptero para o ENV de novo. Um único tiro de AK-47 estalou brevemente. Os fuzileiros correram para seus buracos. Mas a AK-47 era ainda menos precisa que a M-16 a longo alcance.

Mellas estava esticado no chão, a sede torturava seu cérebro. Seus lábios e sua língua pareciam algodão. Notou a disciplina de combate do ENV. Eles poderiam atingir com muita precisão usando as metralhadoras 7,62, mas não as disparavam: como os fuzileiros, não queriam entregar as principais posições de defesa. Mas o ENV não tinha nenhum escrúpulo quanto a disparar seus rifles SKS e AK-47s, especialmente daquela pequena ladeira que vinha do nordeste de Matterhorn.

Goodwin olhou por cima dos troncos quando os tiros cessaram.

– Eles não sabem onde nós estamos, cara – disse em voz baixa. Agachou-se e andou como um pato para longe do tronco, escondido pelos arbustos mortos, depois levantou totalmente e, olhando diretamente para Matterhorn, deu uma mijada. Depois andou de volta e deitou de barriga para baixo atrás do tronco, onde apoiou o rifle e encostou o rosto na coronha.

– Tá vendo aquela merda de bunker com um arbustozinho na esquerda de onde matamos o viet? – disse para o garoto de binóculos.

– Tô – o garoto respondeu. Ambos estavam ignorando os postos e o obrigatório "senhor".

– Eu vi alguém se mexer lá e vou matar.

Mellas olhou para Goodwin e depois para Matterhorn. Ficou feliz com a proeza dele. Queria matar também, mas sabia que não atirava tão bem e que ia acabar passando vergonha. Sequer tinha a paciência incrível de Goodwin. Mellas não odiava o ENV. Queria matar o inimigo porque era o único modo de tirar a companhia do morro, e ele queria viver e voltar para casa. Também queria matar porque aquela raiva que o queimava por dentro não tinha por onde escapar. As pessoas que odiara – os coronéis, os

políticos, os protestantes, os valentões que o tinham incomodado quando criança, amiguinhos que roubaram seus brinquedos quando tinha dois anos – não estavam lá, mas os soldados do ENV estavam. O que Mellas mais queria, mesmo, era pisar no corpo de quem ele derrubara. Observando Goodwin com mais que um pouco de inveja, tinha de admitir que queria matar porque parte dele teria prazer nisso.

Na Base de Combate Vandegrift, a equipe do batalhão estava amontoada em volta de vários mapas enormes.

– O que você acha, tenente Hawke? – Simpson perguntou. – Você já operou em toda essa área.

– Como eu disse ontem, senhor, só tem mata fechada até chegar na serra e com sorte dá pra fazer três quilômetros por dia, depois eles estarão desprotegidos.

O capitão Bainford se manifestou.

– O oficial aéreo disse que o local mais próximo, antes que a cobertura das nuvens atrapalhe, é o Morro 631 – apontou para um pequeno morro no vasto vale ao sul de Matterhorn. – Fica só a nove quilômetros de Matterhorn. Não acredito que leve três dias.

Hawke explodiu.

– Você não acredita porque nunca esteve lá, porra.

Bainford parecia ofendido, e olhou para Blakely e Simpson. Stevens começou a procurar algo para fazer.

– Desculpe, capitão Bainford – Hawke disse. – Acho que estou pessoalmente envolvido. Não quis descarregar em você.

– Tudo bem, Hawke – o oficial aéreo respondeu, obviamente contente em parecer magnânimo. – Entendo como é.

"Entende o caralho", pensou Hawke. Tentou ter alguma ideia construtiva. Logo percebeu que não podia fazer mais do que eles. Nem Blakely nem Simpson dormiram muito desde o ataque a Matterhorn, e isso era notável, especialmente em Simpson. Tinham trabalhado duro. As provisões tinham de ser pormenorizadas e classificadas por prioridades; os helicópteros, os caminhões e as equipes de carga tinham de ser

coordenadas; o suporte aéreo de asa fixa tinha de ser organizado e comunicado, não só para ajudar a Companhia Bravo como para inserir toda a companhia no batalhão. O mesmo valia para a artilharia, desde os morteiros howitzer de vinte centímetros em Sherpa até os 105 que agora estavam em volta de Cam Lo, passando pelo pelotão de morteiros 81 mm do próprio batalhão. Tudo isso tinha de ser preparado para deslocamento, para ser carregado nos helicópteros e levado para uma nova posição que teria de ser protegida pela infantaria, abastecida com munição, água e comida. Eles tinham feito tudo isso. Tudo estava pronto para a partida, incluindo duas companhias adicionais con-op do Terceiro Batalhão, que ficariam responsáveis por cortar qualquer retirada do ENV. Mas estavam parados, assim como tudo, nas zonas de pouso, esperando que as nuvens se dissipassem o bastante para que os pilotos pudessem ver o caminho até os morros.

Hawke pensava que, se o dia não clareasse logo, a Companhia Bravo ficaria sem água e munição e teria que abandonar o morro. Então precisariam entrar em combate contra um regimento para escapar. Não restaria nenhum deles. O coronel estava certo, Hawke pensou com tristeza. Havia um monte de viets de merda em volta de Matterhorn.

O capitão Bainford estava com raiva de Hawke. Só porque Hawke estivera na selva com os merdas dos batedores de chão, ele agia como se fosse uma dádiva de Deus Todo-Poderoso para o Corpo de Fuzileiros Navais e tratava Bainford como uma criança. Esses merdas de soldados não davam valor à pressão de ser pessoalmente responsável por aeronaves e helicópteros que valiam vários milhões de dólares.

O tenente Stevens só queria dormir um pouco. Durante as últimas quarenta e oito horas, ele ficara ali respondendo perguntas estúpidas sobre a distância que um disparo de 105 mm ou 155 mm poderia alcançar. Queria saber se conseguiriam deslocar as armas de vinte centímetros para Eiger com a Bateria do Golfo. Com essas armas lá, destroçariam os filhos da puta até pelas frestas dos bunkers. Um howitzer de vinte centímetros era imbatível na precisão. Porra, cara, aqueles soldados desgraçados naquele morro. Bombardeios de 82 mm vindos de viets durante dois dias aquele momento.

O major Blakely estava frustrado. Ele tinha organizado uma operação perfeita, e agora a porra do clima o deixava de fora. Tudo estava indo de acordo com o plano de dois batalhões de fuzileiros atacarem um regimento de viets em combate consecutivo. Pena que Fitch fez merda e dividiu as forças. E depois recuou para o morro menor. Uma merda clássica. Eles deviam ter feito de tudo para conseguir um capitão regular pra substituir Fitch. Claro, era um erro não detonar aqueles bunkers em Matterhorn, mas isso era passado. Na época, o cerco de Cam Lo era realmente importante, e tinha sido um pesadelo se manter a par de todas as mudanças. Eles tinham observado aquela operação combinada com o ERV desde a Casa Branca. Vietnamização. Quanta asneira. Se Blakely estivesse no Pentágono, não haveria essa besteira de o ERV ser capaz de lutar contra o ENV ou essa merda de pacificação. O negócio era chegar lá e destroçar tudo – com a potência de fogo e a força americana. Era o único modo de fazer isso. Sorriu para si. O negócio era pegar eles pelo saco, e os corações e os cérebros iriam atrás. Quem quer que tenha dito isso *esteve* lá.

O tenente-coronel Simpson estava preocupadíssimo. Se não tirasse a Companhia Bravo daquela merda nos próximos três dias, eles estariam desidratados demais para lutar. Tinham munição suficiente para talvez mais dois combates. Se o ENV formasse um ataque de qualquer duração, os fuzileiros iam ficar totalmente sem munição. Mas essa era provavelmente a estratégia dos veadinhos. Simpson imaginou um coronelzinho viet comendo arroz no seu bunker de comando, olhando para mapas com escritos chineses estranhos. O veadinho ia ficar lá sentado e esperar até que acabasse a água de munição. Se a Companhia Bravo tentasse escapar, ele os pegaria pelos pentelhos. Mas se a neblina continuasse, só por mais um dia, Simpson teria um regimento inteiro fixo em posição. Então, se o dia clareasse, ele poderia chamar os caças e ter um grande dia de manobras. Se a Companhia Bravo sofresse muitas baixas, porém, pegaria mal, não importa qual fosse o resultado. Não era justo.

– Todos fizemos o que pudemos – Simpson disse, ainda olhando para o mapa. – Sugiro descansarmos um pouco antes de anoitecer. Talvez seja uma longa noite.

Todo mundo aceitou a sugestão, exceto Hawke, que tinha de ficar de

guarda até as oito horas da noite. Após ser substituído, foi para o bar do regimento para começar sozinho uma viagem sem destino definido.

Quando o coronel Mulvaney atravessou a porta de tela do bar, reconheceu Hawke sentado. Já havia quatro copos vazios na frente dele. Mulvaney foi até ele, jogou no balcão um maço de notas cor-de-rosa de moeda militar e disse:

– Você é Hawke, não é? – pediu ao garçom bebidas para os dois antes que este pudesse responder.

– Obrigado, senhor – Hawke disse.

– De nada – Mulvaney apoiou seu peso sobre os cotovelos. – Estou vendo que consertaram o emaranhado de fios – disse.

Hawke ficou olhando para o copo.

– Parece que alguns oficiais jovens amarraram um e interromperam um filme.

– Descobriram quem foi? – Hawke perguntou.

Mulvaney observava Hawke pelo espelho.

– Não. Mas também roubaram um caminhão. Um dos meus oficiais no clube tinha bebido demais e meteu duas balas no caminhão. Ganhou uma carta de advertência.

– É uma pena, senhor.

– Uma pena?

– Digo, para ele. Quer dizer, disparar uma pistola dentro do perímetro da base assim é um pouco idiota.

– Roubar um caminhão também.

– Sim, senhor – Hawke concordou. Abaixou a cabeça.

Mulvaney apoiou as costas contra o bar e olhou para os grupos de oficiais que bebiam nas mesas.

– Bom, a tela está consertada. O caminhão está bom – Mulvaney virou para Hawke, que ainda olhava para o copo. – Mas cá entre nós, Hawke – disse, com a voz bem calma e bem baixa –, porra, foi uma coisa idiota. Poderia ter arruinado a carreira de alguns bons oficiais, e nós precisamos de todos que pudermos arranjar. Se eu pudesse te encher de porrada e te

arrastar por todo esse bar sem ter que me envolver numa porra de corte marcial, eu faria isso.

– Sim, senhor – Hawke disse.

Mulvaney se acalmou.

– Porra, Hawke, você é irlandês ou não? Tenho que beber isso tudo sozinho?

– Não, senhor – Hawke olhou para ele. – Desculpe, senhor.

– Esquece. Também já fiz essas coisas – Mulvaney apontou para um pacote de amendoim com a mão esquerda ao mesmo tempo em que se lembrava de Jim Auld gemendo na areia às margens do Tenaru, implorando por ajuda com o olhar e com um buraco sangrento onde antes estava o seu braço, antes de uma arma japonesa antitanque tê-lo arrancado. – Você só tem que se lembrar de controlar o estresse para não se encrencar.

Mulvaney abriu o pacote e espalhou os amendoins pelo balcão na frente deles. Jogava os amendoins na boca enquanto falava, virando os copos de uísque de metade em metade.

– Minha mulher diz que eu não deveria beber tanto, mas porra, qual sentido de ter uísque sem impostos se não dá pra beber mais do que um filho da mãe qualquer?

– Concordo, senhor – Hawke tomou mais uma bebida e pegou vários amendoins. – Senhor – perguntou –, tem alguma notícia dos reforços para a Companhia Bravo?

– Não. Nada novo. Essa porra de monção – Mulvaney sorriu para Hawke, tentando tranquilizá-lo. – Não se preocupe com eles, Hawke. Eles vão conseguir sair de lá. Já houve situações piores.

– É. Nós lemos sobre essas situações o tempo todo nos livros de história.

Mulvaney queria falar do Reservatório Chosin para Hawke, mas ele sabia que Hawke não queria ouvir, assim como ele, Mulvaney, não queria ouvir histórias do Château-Thierry de quando ele era tenente. Todo mundo estava sempre na pior guerra.

– Não precisa criticar a coragem só porque você está cansado e puto da vida – Mulvaney disse por fim.

– Desculpe, senhor. Escapou.

– Escapou? Bobagem. Qual tenente que vale mais que um peido não

está cansado e puto da vida? Eu também estou cansado e puto da vida, mas sou o filho da puta que toma decisões, então não tenho o direito de reclamar – Mulvaney deu uma risada.

Hawke não respondeu como Mulvaney esperava. Em vez disso, colocou o copo no bar e o encarou.

– Por que foi necessário engajar a Companhia Bravo no ataque, sabendo que estamos na temporada de monções?

A raiva faiscou no sangue de Mulvaney. Queria dizer a Hawke que Simpson ordenara o ataque sem consultá-lo, que Blakely tinha feito os informes prévios à equipe da divisão informalmente, evitando qualquer chance de opor a ordem. Mas Simpson e Blakely prestavam contas a Mulvaney. Ele era responsável. Era o código.

– Nós achamos que era uma chance de matar uns viets – Mulvaney disse. – Esse é o nosso trabalho, Hawke. Você sabia disso quando embarcou para cá.

– Sim, senhor, eu sabia – Hawke virou outro gole de uísque.

– Olha, Hawke, eu acho que você é um oficial dos bons e não vou te enrolar. A Companhia Bravo está lá em cima ou por causa de uma merda que fizeram ou por causa de uma jogada tática brilhante. Tudo depende da contagem de corpos. Esse é o tipo de guerra que temos aqui.

– Qual merda? – Hawke perguntou. – Houve muitas.

– Oficialmente vai ser a merda do Fitch. Ele dividiu as forças, abandonou uma posição crucial e se meteu naquele aperto. Ele é um oficial de reserva. A carreira dele não está em risco.

– Você realmente acha que Fitch é tão burro?

– Eu disse que essa é a história que vai ficar no papel, não o que eu penso. Porra, Hawke, você realmente acha que *eu* sou tão burro? Porra, o garoto tinha poucos homens para fazer o que mandaram e ainda garantir a segurança dos feridos. Você acha que é o único desgraçado que já esteve na guerra por aqui?

– Às vezes parece que sim.

– Bom, mas não é. Cresce e para de tentar jogar a culpa em todo mundo aqui. Só faz a porra do trabalho.

– Sim, senhor.

Um dos grupos de oficiais que estavam jogando dados soltou risos bêbados.

– Eu não queria pregar pra você como se eu fosse um bispo, porra – Mulvaney disse.

– Acho que eu mesmo provoquei isso, senhor.

Mulvaney sentiu uma barreira crescendo entre ele e Hawke. Sentiu-se perdido, solitário, deprimido.

– É essa a situação – Mulvaney explicou, enfiando um amendoim na boca com o dedo grosso.

– É sim, senhor – Hawke disse.

– Pô, Hawke, não vai desistir – Mulvaney disse e sorriu. – Quer saber? Se você prometer voltar para o combate, vou dar um jeito de conseguir uma companhia de fuzileiros pra você – observou Hawke reagir visivelmente e depois se conter.

– Estou fora da selva, senhor, e não quero voltar nunca mais. Mas obrigado, senhor.

Mulvaney analisou Hawke de perto.

– Nem vem, não tenta enrolar um velho filho da mãe como eu, tenente, porque eu já estive na sua posição. Uma companhia de fuzileiros. Duzentos e doze fuzileiros, duzentos e doze dos maiores corações no mundo. E você mal tem idade pra sentar no bar e beber – fez uma pausa. – Será a Companhia Bravo, se o posto estiver disponível.

Observou Hawke tomar fôlego.

Hawke escapou de ter que dar uma resposta porque, naquele exato momento, o cabo Odegaard, motorista de Mulvaney, apareceu na porta e gritou:

– Coronel Mulvaney, senhor, a Companhia Bravo está na merda de novo!

Mulvaney virou o resto do uísque, colocou sua grande mão na cabeça de Hawke e deu uns tapinhas que mal podiam ser notados.

– Pensa nisso – pediu. – Nós precisamos de você – depois saiu rapidamente pela porta, seguido de perto por Hawke. Ele sabia que Hawke tinha acabado de decidir que voltaria.

O ataque começou quando o ENV surgiu na rede de rádio da companhia.

– Vaisifudê, Bavo, vaisifudê. Vaisiduê, Bavo, vaisifudê.

– Porra – Mellas disse para Jackson. Os garotos do posto de escuta que Goodwin foi salvar não tinham desajustado os botões de frequência do rádio. – Eles estão perturbando a transmissão.

– Ah é? Vai se foder também, seu viet do caralho – ouviram Pallack responder no rádio.

Mellas agarrou o gancho.

– Bravo, aqui é Bravo Five. Todo mundo desligue o rádio agora, porra. Vamos passar a nova frequência ASAP.

– Vaisifudê, Bavo, vaisifudê.

Os tiros explodiram um pouco abaixo das linhas de Kendall. Era o seu PE.

– Vaisifudê, Bavo, vaisifudê.

Os rádios eram inúteis. Os PEs estavam isolados.

Mellas gritou para Jackson por cima da algazarra.

– Porra, vem aqui pro PdeC e ajusta uma frequência diferente – Jackson imediatamente saltou do buraco e se arrastou na escuridão. Mellas fez o mesmo, mas foi em direção ao seu PE. – Hartford dentro! – gritou. – Hartford dentro! A frequência do rádio tá fodida. Vem pra cá logo, Hartford. Aliados chegando!

Um estouro de tiros surgiu na selva abaixo dele, o brilho dos disparos fumegavam em meio à neblina. Em seguida ouviu-se um rugido de M-16 saindo do posto de escuta. Houve um grito incompreensível e depois alguém gritando a senha: "Limonada, Limonada, aqui é o Jermain, porra. Limonada, estamos chegando". Outro rugido de tiros interrompeu essas palavras e Mellas ouviu o som de gente correndo e se arrastando no mato e depois outra M-16 disparando no automático.

No PdeC, Fitch estava louco de horror. Tudo o que saía da rede de rádio era a voz cantarolando: "Vaisifudê, Bavo, vaisifudê", que perturbava todas as transmissões. Ele se arrastou para fora do bunker a fim de descobrir o que estava acontecendo. Pallack e Relsnik o seguiram,

arrastando os rádios junto.

No Terceiro Pelotão, o tenente Kendall estava agachado dentro do seu buraco. De seu posto de escuta, o rugido dos tiros abafava todos os pensamentos em sua cabeça. Genoa, o operador de rádio, observava-o ansiosamente, desejando que Samms ainda estivesse vivo. Esperava que o tenente ficasse dentro do buraco para ter a desculpa de fazer o mesmo.

Goodwin agarrou seu rifle e desceu o morro até o posto da metralhadora do esquadrão, no centro. Ali, mesmo que não pudesse falar ao rádio, podia direcionar o fogo de uma das três maiores armas e ficar no meio do combate. Seu operador de rádio, sem saber o que Goodwin tinha em mente, arrastou-se atrás dele gritando: "Aliados! Aliados! Aqui é Cicatriz e Russell!".

Goodwin tinha duplicado o tamanho do seu posto de escuta para aumentar as chances de sobreviver e controlar o nervosismo. Os quatro garotos no PE, ao ouvir o som dos tiros vindos de ambos os lados, saíram correndo até as linhas. Correram ofegantes morro acima, arranhando-se contra os arbustos grossos e os ramos das árvores, até suas pernas sentirem tanta cãibra a ponto de deitarem no chão úmido, guiados pelos clarões verdes e brancos que lhes passavam pela vista. Saíram no campo de combate aberto abaixo das linhas e começaram a gritar a senha bem na hora em que os homens de Goodwin jogaram uma granada de fragmentação M-76. Ela quicou no morro em direção a eles. O garoto que a jogou gritou imediatamente: "Ah meu Deus, é uma granada, desculpem!". Nenhum dos quatro o ouviu, porque continuavam subindo a ladeira. Três segundos depois, a granada explodiu. Um garoto do PE foi atingido no lado direito pela maior parte dos estilhaços. Os outros três se abaixaram e o arrastaram para cima do morro gritando: "Paramédico! Paramédico!". Goodwin levantou e acenou os braços, esquecendo que ninguém enxergava nada no escuro e gritou: "Aqui, seus filhos da mãe estúpidos, aqui". Guiados pela voz de Goodwin, arrastaram o fuzileiro ferido para o fosso da metralhadora. O paramédico do pelotão se arrastou até lá para cuidar do primeiro de muitos feridos que surgiriam. Ninguém estava nem aí para o que causou a explosão que feriu o garoto. Os fuzileiros estavam gratos só de estar nas linhas com seus amigos.

O tiroteio com o PE de Kendall cessou. Os fuzileiros ficavam olhando para o escuro e a neblina. Goodwin se arrastou dez metros à esquerda e para trás do posto de metralhadora, seus operadores de rádios se arrastavam atrás dele, o rádio balbuciava a voz do inimigo. Então Goodwin deitou de costas e gritou para o céu:

– Lembrem que primeiro são as claymores, depois as granadas e miguel-setenta-e-nove. E não desperdicem os cartuchos de escopeta – a voz de Goodwin acalmou os ânimos em todo o morro. – Ninguém dispara um rifle até ouvirem o meu – e continuou. – Se algum veado aí entregar o posto da metralhadora antes que a gente precise dela, vocês não vão ter serviço de refeitório até o fim da temporada – então sussurrou para Russell. – Vamos sair daqui, porra – disparou rastejando rapidamente em direção à metralhadora de novo, seguido por Russell, exatamente no momento em que clarões brilhantes surgiram na selva e as balas atingiram o chão onde Goodwin e Russell estavam deitados de costas.

Logo o morro todo ficou quieto. Todos esperavam. O silêncio pairou no ar como fumaça sobre suas cabeças.

Mellas se arrastou de volta para seu buraco e esperou Jackson voltar com a nova frequência de rádio. Ficou brincando com a trava de segurança da M-16, pensando se iria morrer, sentindo-se muito sozinho e com medo, querendo que Jackson voltasse logo, preocupado com ele e em colocar a companhia na nova frequência.

Agachado no seu buraco, Kendall pensava na sua esposa e se os garotos no PE ainda estavam vivos, desejando que Fitch lhe dissesse o que fazer. Imaginou Genoa encarando-o com desdém. Olhou para fora do buraco, para a escuridão.

Jackson, com a nova frequência no rádio, arrastava-se de volta para o buraco de Mellas, rezando para que ninguém o ouvisse e atirasse nele por acidente.

Pallack, muito assustado, tendo que transmitir a nova frequência pelas linhas, seguia-o para fora do buraco de Fitch.

– Ei, é o Pallack – sussurrava, esperando que estivesse perto de alguém. Não havia resposta. Ninguém queria entregar sua posição. – Porra, meu, sou eu, Pallack, o mensageiro. Não atirem em mim. Ok? – ninguém

respondeu. – Ei, Cicatriz. Estou descendo. Ok?

Nada de resposta.

Pallack ficou deitado na lama, com a cara enterrada, tentando não fazer o mínimo movimento. A neblina fria passava atrás dele. Porra, por que ele tinha de ser a porra do operador de rádio da companhia? Engoliu em seco e continuou se arrastando morro abaixo, sentindo a gravidade empurrar o sangue para sua cabeça.

– Ei, aqui é Pallack – sussurrou de novo, hesitante. Puta merda, os tenentes fazem isso toda noite? Não admira que sejam todos uns loucos. – Ei! Sou eu. Operador do PdeC – sussurrou mais uma vez.

– Porra, Pallack, o que você quer, porra? – alguém resmungou.

– Fala para o Cicatriz que a frequência é quinze ponto sete – sussurrou.

– Porra, Pallack.

Pallack já estava rastejando para longe o mais rápido possível.

O ataque principal começou com uma explosão na extremidade das linhas do Primeiro Pelotão, não com fogo de armas pequenas. "Sapadores!", Fredrickson sussurrou e engoliu em seco. As unidades de sapadores do ENV eram tropas de elite que carregavam mochilas com cargas cheias de TNT que eram usadas para abrir caminho em barreiras de arame farpado e para destruir bunkers. Eles também jogavam as cargas dentro dos buracos, e não restava muito para um paramédico.

Outra série de cargas estava sendo arremessada pelos sapadores norte-vietnamitas quando eles levantavam de onde espreitaram em silêncio no escuro. Ao ouvir o som da explosão das cargas, a infantaria do ENV saiu do abrigo da selva e correu morro acima, carregados com granadas, rifles e munição, lutando contra a mesma gravidade que os fuzileiros, com os pulmões ofegando com o mesmo ar úmido e os corpos impulsionados pela mesma adrenalina e pelo mesmo medo.

Goodwin abriu fogo com sua M-16 sem esperar as ordens de Fitch, e o morro todo detonou como um rastro de pólvora. A noite se tornou laranja e verde fosforescente, e o rugido das armas parecia esmagar o cérebro de todos até deixá-lo do tamanho de um punho. Primeiro, toda a linha

explodiu com as claymores, detonadas pelos fuzileiros a partir de seus buracos, cuspindo grandes arcos de bolinhas de aço à altura da virilha. Então os fuzileiros jogaram granadas entre as pernas dos inimigos que avançavam. As balas luminosas, verdes para o ENV e laranja para os fuzileiros, cruzavam-se à frente das linhas.

Mellas afundou os punhos nos ouvidos, não para bloquear o som esmagador, mas para tentar conter seus pensamentos, descobrir o que fazer e não permitir que o medo o deixasse tremendo no fundo do buraco, esperando pela misericórdia de Deus. Nenhum som inteligível podia ser ouvido durante a explosão prolongada de uma companhia de fuzileiros lutando pela própria vida.

Os metralhadores lançavam fogo horizontalmente sobre as linhas, levantando uma cortina de aço móvel, através da qual os soldados do ENV tinham que passar com esforço, como se estivessem em câmera lenta. Ainda assim eles continuavam avançando, silenciosa, laboriosa e corajosamente. Alguns chegavam à trincheira. O resto era massacrado pela incrível potência de fogo.

Os norte-vietnamitas que sobreviviam à tempestade de fogo se arrastavam e rastejavam rapidamente entre os buracos, arremessavam cargas e disparavam os rifles. O morro todo desintegrou na confusão de trezentos animais humanos, brancos, marrons e negros tentando matar o inimigo para salvar a pele.

De repente o som da batalha mudou. O rugido explosivo dissolveu em estouros esporádicos; gritos de entusiasmo e dor, antes abafados pelo barulho, podiam agora ser ouvidos; e havia a explosão ocasional de uma granada. Fitch, que não conseguia ouvir nada até agora, pedia imediatamente relatórios da situação. Mellas e Goodwin deram sinal de vida. Não houve nem rastro de Kendall.

– Porra, onde está o Three Real, Pallack? – Fitch ficou irritado. – Eles deveriam estar no rádio agora.

– Porra, não faço ideia, senhor. Eu passei a frequência pra eles.

– Tem certeza que eles ouviram?

– Eu ouvi o Genoa dizendo que sim.

Genoa de fato tinha ouvido, mas na escuridão ele não conseguia ver claramente para girar os botões, e a lanterna vermelha de Kendall estava na mochila, na base do morro, onde a tinham deixado três dias antes. Genoa tinha girado os botões o mais rápido que pôde, mas mesmo assim não conseguia acertar a frequência. Quando o combate explodiu, ele esqueceu os números. Kendall nem tinha ouvido, esperando que o operador de rádio tomasse conta disso. Genoa tentava diferentes combinações, girando inutilmente os botões de "dez" para um lado, e os botões de "um" para o outro.

– Não consigo entrar na frequência da Bravo, senhor – disse desesperadamente.

Kendall fez que sim com os lábios apertados.

– Nós temos que descobrir o que está acontecendo – sussurrou.

Genoa não respondeu. Ele não tinha nenhuma vontade de descobrir o que estava acontecendo.

– Temos que descobrir o que tá acontecendo e fazer o relatório para o chefe – Kendall disse. Respirou profundamente e rastejou para fora do buraco. Genoa observou estupefato, depois rastejou atrás dele, como era seu dever.

Pancadas de tiros esporádicos e explosões ocasionais ainda estouravam na noite. O ENV tentava recuar, agora que suas cargas explosivas tinham sido entregues.

– Campion – Kendall sussurrou para o segundo líder do esquadrão.

Ninguém respondeu.

– Campion, sou eu, o tenente – Kendall chamou em voz baixa.

Houve uma longa espera, depois um sussurro tenso.

– Aqui...

Kendall se agachou e começou a correr até o som. Genoa o seguiu.

Os dois sapadores do ENV deitados no chão conheciam a palavra "tenente" e abriram fogo com suas AK-47 assim que ouviram o movimento. Sem poder ver o alvo, ambos dispararam balas num arco, cerca de um metro e meio do chão. Duas das balas atingiram Kendall e Genoa no peito. Eles caíram no chão, gemendo de dor, cada um com um pulmão perfurado

se enchendo de sangue, mas nenhum dos dois estava morto.

Campion tinha visto os clarões dos disparos dos dois vietnamitas e abriu fogo no automático. Seu parceiro fez o mesmo, e cada um jogou uma granada. Então esperaram tensamente. Não ouviram nada a não ser o tenente e o operador de rádio ofegando.

– Paramédico! – Campion gritou. Ele e o amigo rastejaram para encontrá-los.

Os tiroteios cessaram. Os gritos chamando os paramédicos também. As pessoas aguardavam pela luz da manhã, com os ouvidos esperando ouvir um galho quebrado ou o som de roupas roçando na grama, o que salvaria suas vidas. Os norte-vietnamitas que ficaram dentro do perímetro, arrastavam-se desesperada e vagarosamente, com os rifles na frente, tentando chegar antes do sol e não fazer nenhum barulho. A tensão e o medo uniam os diferentes homens no morro como arame farpado.

De vez em quando, um norte-vietnamita tentava correr. Em seguida havia o estalo de uma AK abrindo fogo, seguido pelo som de uma granada ou uma M-16.

A noite se estendeu. Os fuzileiros abriram seus ponchos sobre os buracos, esperando acumular um pouco de garoa que caía ao redor deles. Abaixo das linhas, um soldado ferido do ENV começou a gemer.

Depois de alguns sussurros para ter certeza de que não era um fuzileiro, Jacobs e Jermain arremessaram algumas granadas em direção ao som. "Isso va-vai calar a boca do ve-veado", Jacobs disse. E calou.

Mellas, ainda sofrendo de diarreia depois da longa marcha para abrir Sky Cap, sentiu uma forte agitação no intestino. Tentou se controlar, querendo não cagar dentro do buraco, mas com medo de sair dele. "Tenho que cagar", sussurrou para Jackson por fim.

– Cagar? Nós não comemos há dois dias, tenente. Sempre soube que você era um cagão.

Mellas tentou contrair as nádegas com toda a força.

– Não consigo segurar – disse.

Jackson não disse nada. Mellas se arrastou cautelosamente até a beira do buraco com o rifle nas mãos. Andou como um pato até a beira do buraco e abaixou as calças, olhando para a escuridão, ouvindo o vento. Estava de

frente para uma subida. As fezes escorreram de dentro dele como uma pasta líquida, respingando na parte de trás das calças. Percebeu que a caganeira contínua queria dizer que ele estava perdendo fluido mais rápido que alguém saudável.

Então ouviu algo roçando a grama. Ficou agachado, com a pasta de merda escorrendo pelas coxas e com medo demais para se mexer ou fazer barulho.

Uma luz suave começava gradualmente a se infiltrar pela neblina. Mellas conseguiu delinear o contorno mais escuro do buraco dele e de Jackson a um metro de distância. Novamente ouviu um som. Mellas mal conseguia discernir um soldado norte-vietnamita ferido. Sua roupa estava colada ao peito, pegajosa de sangue. Ele conseguiu ver que a mão segurando o rifle estava atrás do quadril do soldado, que começava a se arrastar para frente. Mas a escuridão começara a acabar no momento errado para o soldado.

Mellas jogou as pernas para trás, deitando de barriga nas próprias fezes, e disparou em automático. A M-16 soltou um clarão. Primeiro as balas não pareciam alcançar o soldado, cujos olhos esbugalhados estavam congelados sobre Mellas. Mas depois o peito do soldado tremeu e sua cabeça se distendeu de modo anormal. Mellas gemeu, com a cara no chão, agradecendo a Deus por ainda estar vivo e sem nem se importar de ter matado um homem.

Jackson tinha saltado do buraco com o rifle pronto para disparar.

– Tudo bem? – sussurrou.

– Sim – Mellas respondeu. Arrastou-se para o lado da merda, tentando evitar que o resto do corpo se esfregasse nela. Limpou o estômago e as coxas com a mão, depois esfregou a mão na lama para limpá-la. Ficou de joelhos e levantou as calças sujas.

Mellas se arrastou até onde o morto estava. Atingira-o bem entre os olhos e duas vezes nos ombros. Mellas se sentia muito fraco para se levantar, mas se forçou a ficar agachado. Tudo parecia correr bem. Sentiu orgulho de si. Bem entre os olhos.

Quando ficou mais claro, ele e Jackson passaram ao longo das linhas, indo de buraco em buraco para avaliar o estrago. O pequeno bunker aberto que Young construíra com troncos e galhos para abrigar a metralhadora tinha sido destruído por uma das cargas dos sapadores. Toupeira estava sentando numa pilha de troncos e folhas. Olhava para o buraco, lágrimas escorriam de seus olhos. "É o Young, senhor", repetia. "Pobre Young."

Depois da carga, restou muito pouco dos três garotos que compartilhavam o posto. Havia carne e sangue colados contra os troncos e as paredes do buraco. A metralhadora estava toda torta.

Mellas pôde apenas olhar como se fosse um quebra-cabeças, incapaz ou sem vontade de resolvê-lo. Jackson estava atrás de Toupeira, com as mãos nos seus ombros, tentando consolá-lo enquanto ele ficava ali sentado, com os pés pendurados dentro do buraco.

Pegaram os ponchos dos fuzileiros mortos, que ainda estavam atados aos torsos destroçados, para fazer sacos de cadáveres. Não tinham a menor ideia se as partes corretas dos corpos voltariam para a casa das mulheres ou dos parentes corretos. O melhor que podiam fazer era juntar uma cabeça, dois braços, duas pernas. Enquanto ajudava a arrastar os mortos para a beira da pequena ZP, Mellas viu alguns garotos lambendo ponchos. Sua língua também tinha a sensação algodoada e áspera. Olhou para baixo tentando ver se havia alguma umidade nos ponchos dos mortos que estava carregando, mas rapidamente reprimiu o impulso. Alcançou a pilha de corpos e deixou as partes dos corpos com o resto. Mellas imaginou se no final tinha sido assim nos campos de concentração. Atingiram um ponto onde o horror não tinha mais nenhum impacto? Voltou com pressa para o seu buraco e lambeu seu próprio poncho, sentindo o gosto da borracha, com o qual não se satisfazia.

Toupeira se ofereceu para tomar o posto crítico da metralhadora, agora conhecido pelo ENV. Deslocou sua própria arma de um ponto menos crítico para a posição do Segundo Esquadrão. Teve que raspar o sangue e os pedaços de carne das paredes do buraco com sua Ka-bar.

Os corpos dos norte-vietnamitas mortos foram jogados do lado do

morro com os outros das batalhas anteriores. Eles iam endurecendo em ângulos estranhos à medida que o *rigor mortis* começava. Logo as moscas estariam em cima.

Depois de verificar se alguém estava com frieiras e se todo mundo havia tomado as pílulas contra a malária, apesar da dificuldade de engolir e de redistribuir a munição dos mortos, Mellas parou no bunker onde Kendall e Genoa estavam ofegantes. À luz de velas dentro do bunker escuro, o rosto liso de Kendall estava branco como giz. Ele havia tirado os óculos e parecia mais jovem sem as lentes amarelas de proteção. Estava deitado de lado, ofegante como um peixe fora da água. Genoa também.

Kendall tentou sorrir.

– Acho que... alguém gritou... ou fui eu.

As palavras vinham em suspiros curtos e agonizantes, mas Kendall queria falar para esquecer o fato de que estava morrendo. Mellas olhou para Genoa, que estava quase inconsciente, embora seus olhos estivessem esbugalhados e aterrorizados. Respirava com chiados regulares. Sheller, que estava cuidando de outro garoto ferido atrás dos dois, encontrou o olhar de Mellas, fitou profundamente para a neblina e depois Genoa e balançou a cabeça devagar.

Kendall ofegou de novo, e continuou.

– E eu... eu disse... "É o tenente", haha – ele tentou rir, mas cuspiu sangue em vez disso.

Mellas limpou o sangue e o cuspe suavemente. Depois limpou a mão nas calças, que ainda estavam úmidas da sua própria merda.

– Ah – Kendall continuou –, porra... como fui... estúpido – ofegou. – Genoa, também... minha culpa... desculpa.

– Está perdoado – Mellas disse, sorrindo. – Acho que algumas pessoas só aprendem do modo mais difícil. Além disso, não podia ser tão estúpido. Você vai pra casa e vai ver Kristi, e Genoa vai comer todas na Califórnia – estendeu o braço, segurou o pulso de Kendall com a mão esquerda e colocou a mão direita em sua testa, como se estivesse tomando a temperatura de uma criança.

Kendall olhou para Mellas, cujos olhos se mexiam rapidamente de um lado para outro. Sentia-se tão só. Olhou para Genoa. Estavam deitados de lado para que o sangue e o fluido ficassem acumulados no pulmão perfurado, deixando o saudável para respirar, mas este tinha que trabalhar duas vezes mais rápido para conseguir oxigênio suficiente. Tanto ele quanto Genoa estavam se esgotando com o esforço.

– Você acha... uns helicópteros... hoje? – Kendall ofegou.

Mellas sorriu e sentou de joelhos.

– Porra, todo mundo acha que eu sou o controlador de tráfego aéreo aqui – respondeu calmamente. – Claro que eles vão chegar. Assim que a neblina se dissipar.

– Neblina – Kendall ofegou. Voltou a se concentrar na respiração. Os pulmões chiavam ao sugar o ar, e ele ofegava como se tivesse corrido por horas. Um medo súbito passou pelo seu rosto. – Eu... sempre imaginei como... eu morreria – chiou.

– Porra – Mellas disse. – Você não vai morrer. Uma ferida no peito é fácil de cuidar.

– Mellas... eu... nem tenho filho. Eu mal... sei... como é... estar casado... só... quatro semanas, porra – levava um tempo interminável para Kendall alcançar seus pensamentos. Mellas queria deixá-lo ali e voltar a redistribuir munição e tentar descobrir como encobrir as passagens agora que a metralhadora de Young estava perdida com toda a munição.

– Mellas?

– Sim, Kendall.

– Mellas... não me enrola. Nada de helicópteros... estou morto.

Mellas mordeu o lábio, sem dizer nada. Olhou nos olhos de Kendall.

– Não me enrola... ok?

– Sim. Ok, Kendall.

Exausto, Kendall não disse mais nada. Continuou ofegando para respirar.

Sheller se aproximou e se agachou entre Kendall e Genoa, transferindo a garrafa de fluido intravenoso de Genoa para Kendall. Olhou para Mellas.

– Estamos esgotando essa merda. Vou começar a perder outros caras se acabar. Está onde na lista de prioridades?

– No topo – Mellas disse. – Junto com a munição.

– Porra, é melhor chegar logo.

Mellas voltou para o buraco e ficou lá sentado, com Jackson à sua esquerda e o doutor Fredrickson à sua direita em outro buraco. Ficavam olhando para a neblina, ouvindo os sons de gente cavando ao redor deles. O ENV não ia embora.

Tudo que podiam fazer era sentar na neblina e ouvir as pás e a respiração ofegante de Kendall e Genoa. Mellas encarava o nada cinzento diante dele. Continuava pensando em como ia tentar voltar para a Base Vandegrift quando fossem subjugados.

Mellas contava mais uma vez os cartuchos de metralhadoras. Era o bastante para um minuto de disparos – e isso incluía as duas metralhadoras russas de 7,62 mm. Tinham redistribuído igualmente a munição de rifle e conseguiram cerca de um cartucho para cada homem. Levaria apenas três descargas em automático para esvaziar um cartucho. Mellas ficou pensando se deveria guardar toda a munição, não atirar nada e rastejar para longe na escuridão e no terror quando o ENV os atacasse. Fuzileiros nunca deixam para trás os seus mortos e feridos. Nunca esperariam que um único fuzileiro quebrasse o código e escapasse deles. Assim ele poderia corcovar até a base, para a segurança. Corcovaria até que estivesse longe da guerra.

A fantasia continuava voltando, com novos detalhes. Mas permanecia apenas uma fantasia. Uma parte mais dominante dele continuaria fiel ao código. Morreria antes de abandonar alguém. Sequer se renderia. A palestra da Academia Naval flutuou na sua memória. "Um fuzileiro nunca se rende enquanto tiver meios de resistir. E nós ensinamos vocês, recrutas de merda, a praticar combate corpo-a-corpo. Então se suas mãos forem arrancadas, vocês podem se render, mas daí vão ter que levantar as pernas." Eles riram.

Não havia saída. De tempos em tempos, esse pensamento o esmagava como uma onda. Não havia saída. E pior ainda, ele ia escolher ficar e lutar. Ele ia morrer aqui na lama. Ele ia morrer e, ao contrário de Kendall, nunca saberia como era ser casado, nem que fosse por apenas quatro semanas. Ele também nunca teria um filho, nunca faria um trabalho que lhe daria

alguma satisfação, nunca veria seus velhos amigos de novo. Talvez alguém recolheria o que restasse do seu corpo e enviaria para casa, mas o que quer que habitasse aquele corpo acabaria, bem aqui, nesse buraco, curvado sobre esse rifle ou cagando nas calças, como todo mundo.

Durante o dia todo, a sede mastigava a garganta de todos, arranhava os cérebros, martelava as cabeças com desidratação. "Alguém me dá água." Em volta, neblina. Neblina é água, mas não dava nenhum alívio.

Houve uma série de estrondosos tinidos metálicos. O morro todo tremeu. Os tinidos emudeceram, depois pararam. Ninguém sabia o que eram.

Fitch desceu agachado até o buraco, perguntando como estavam todos. Seus olhos estavam fundos e escuros de desidratação.

– Com sede – Mellas disse. – As tropas não ganham cerveja e sorvete todo dia no Vietnã?

Fitch riu.

– Tenho uma notícia boa e uma má. Duas companhias do Dois Vinte e Quatro desembarcarão ao norte de nós esta manhã e mais duas assim que eles puderem. O Três Vinte e Quatro vai desembarcar ao leste de nós. Eles vão atacar os morros em Mutter's Ridge e nós vamos ganhar algumas baterias de artilharia 105 mm – fez uma pausa. – E a Alpha e Charlie chegaram no vale ao sul de nós cinco minutos atrás.

– Sério? – Mellas sentiu um sopro de entusiasmo e esperança. – Onde?

– Essa é a má notícia. Por causa das nuvens, eles tiveram que desembarcar a dois dias de distância daqui – se é que eles não se foderem no caminho também.

– Você acha que vão?

– Lembra o seu jogo de números com os disparos de morteiros?

Mellas não respondeu.

16
CAPÍTULO

Quarenta minutos depois, a Companhia Charlie fez contato com o ENV. O pelotão de Murphy, na ponta do avanço, caiu em uma emboscada de bambu. Os soldados do ENV armaram duas minas direcionais DH-10 de cinco quilos em uma árvore, esperaram os fuzileiros chegarem perto, puxaram os pinos e correram, dando cobertura ao recuo com tiros no automático. Canja, como diz a velha expressão.

Um fuzileiro morreu e outro perdeu uma perna. Murphy teve que deixar um esquadrão para trás a fim de resgatar os dois, perdendo quatorze efetivos.

No morro, os fuzileiros da Companhia Bravo ouviram tudo. Mellas correu até o PdeC para ouvir o relatório de posição da Companhia Charlie. Ainda estavam a seis quilômetros de distância e mil e duzentos metros abaixo da Bravo, com o ENV entre eles.

Fitch olhou para Mellas. Ambos sabiam que, sem a munição da Companhia Charlie, eles teriam cerca de um minuto de tiros. Depois, só as facas. Então, tudo acabaria. Fitch pendurou a cabeça entre os joelhos por um momento, depois levantou o olhar.

– A gente pode não viver – disse.

– Eu sei – Mellas respondeu.

Não conseguiam expressar o que ambos sentiam. Tinha algo a ver com a eternidade, a amizade, as oportunidades perdidas – com o fim.

– Você já foi a Los Angeles alguma vez? – Fitch perguntou.

– Claro.

– Se a gente conseguir sair daqui, por que não me procura? Te pago uma cerveja.

Mellas disse que iria.

– Meu Deus – Fitch sussurrou –, uma cerveja.

Fitch deslocou a companhia para o menor círculo de buracos. Não havia mais fuzileiros para defender o perímetro externo. Mellas tentou aliviar a dor na garganta e na língua lambendo orvalho do cano do rifle. Não funcionou.

– Imagine morrer de sede durante a monção – Mellas gracejou para si ao subir o morro para ver como Kendall e os outros feridos estavam. Passou pela crescente pilha de corpos.

Genoa estava morto. Mellas ajoelhou-se ao lado de Kendall, que estava ofegando como um atleta, encarando o vazio, e concentrando todos os esforços para manter o ritmo inflexível da respiração. Obviamente, estava com muita dor. Sheller decidira cortar a morfina por medo de que isso pudesse bloquear sua respiração e matá-lo. Kendall batia com o rosto no barro, molhado de sangue e baba, onde Genoa estava deitado antes.

– Você não está tão mal quanto o Genoa estava – Mellas disse.

– Minha culpa – Kendall ofegou.

– Já passamos por isso. Não foi sua culpa – Mellas disse. Hesitou, lutando consigo, pensando se realmente ajudaria ou se estaria apenas se afundando em autopiedade. Então, saltou para o mergulho, esperando que tudo desse certo. – Porra, eu posso ter matado o Pollini.

Kendall olhou para ele por vários segundos, processando a informação, respirando com dificuldade.

– É foda... porra... essas coisas... vamos levar pra casa – então ficou em silêncio de novo, exceto pelo ofegar rápido e torturante. Mas tinha uma sombra de sorriso no rosto.

Mellas sorriu também.

– O chefe diz que dois helicópteros estão de prontidão na Base Vandegrift e outro esperando em Sherpa.

Kendall fez que sim. Mellas se arrastou para fora, até a luz do dia, antes que acabasse perdendo o controle das emoções na frente dele. Correu

até o PdeC. Quando chegou lá, Fitch e Sheller estavam aconchegados e atentos, longe dos operadores de rádio. Mellas parou ao lado deles. Fitch apertou os lábios, depois fez um gesto para Mellas se sentar.

– Fala pra ele, Sheller.

O lula sênior, com o rosto menos inchado, se virou para Mellas.

– É a água, senhor. Tenho garotos caindo de desidratação. Estão começando a perder pressão sanguínea e a desmaiar. Estamos perdendo efetivos.

– E daí? – Mellas abriu as mãos e esticou os braços, com os cotovelos junto às costelas. *Porra, fazer o quê?*

Fitch interveio.

– Nós podemos pegar o fluido intravenoso que estamos dando aos feridos e dar para os efetivos, para mantê-los como efetivos.

Mellas ficou em silêncio, consciente do que isso queria dizer para os feridos. Engoliu em seco.

– Quem vai decidir quem não ganha o soro?

– Serei eu – Fitch disse, de cara fechada. – Mais ninguém.

Sheller olhou para Mellas, depois para as mãos de Fitch, que estavam tremendo.

– Porra, Jim. Você não recebe o bastante para tomar decisões como essa.

– É, e sou jovem e inexperiente demais – Fitch riu, à beira de perder o controle. Colocou as mãos debaixo dos sovacos, provavelmente para esconder o tremor. – Você é o cara dos números, Mellas. Se a gente não consegue enxergar, e se as nossas cabeças doem demais para pensar, e se toda vez que a gente se levanta para atirar a gente quase desmaia, porra, como vamos defender os feridos? Quantos feridos vão sobreviver desse jeito?

Mellas balançou a cabeça.

– Jim, não é questão de número. Como você vai decidir?

– Vou começar com os piores.

– Como o Kendall?

– Como o Kendall.

– Puta merda, Jim – Mellas disse. De repente, estava quase chorando,

mas era impossível chorar. Sentiu sua mandíbula tremer e esperou que os outros não notassem. – Puta merda, cara – então, para a sua grande vergonha, acabou desejando com todas as forças que Fitch não morresse para que ele mesmo não tivesse de tomar o comando.

Naquela tarde, Fitch ordenou que metade do soro restante fosse distribuído igualmente para todos na companhia. A ordem foi desobedecida. Ninguém aceitava recebê-lo. Fitch reuniu os lulas e ordenou que cada um deles escolhesse cinco garotos de cada pelotão que já não eram mais efetivos, ou que estavam quase a ponto de perder a consciência por causa da sede. Ofereceram alguns nomes. Fitch e Sheller andaram de buraco em buraco, ordenando aos garotos que bebessem, tirando os nomes da lista. Os outros ficavam observando com sentimentos conflitantes.

Mellas estava entre estes. A sede o deixava louco, mas ele não tinha sido escolhido. Não havia nada a fazer senão sentar-se dentro do buraco com Jackson, que também não tinha sido escolhido, e rezar para que o clima mudasse. Mas a neblina permanecia, cobrindo a todos como uma manta de lã cinza e úmida.

Pouco depois, quando se tornou evidente que os helicópteros não conseguiriam chegar, Fitch chamou Goodwin e Mellas. Encontraram-no sentado de pernas cruzadas, encarando a neblina ao sul. Tinha penteado o cabelo e dobrado as mangas enlameadas com cuidado até os cotovelos.

Fez um gesto para que eles sentassem.

– Nós vamos cair fora daqui – havia um brilho travesso no seu olhar, e Mellas não conseguiu deixar de sorrir.

– Como, Jack? – Goodwin perguntou.

– Andei contando corpos – Fitch disse. – Quente ou frio, tanto faz. Os feridos que conseguem andar vão em pares, para que possam se ajudar. Os casos de maca nós esticamos entre quatro caras, um para cada perna e braço. Os feridos que não conseguem andar, mas conseguem se agarrar, vão nos ombros dos grandalhões. Os caras menores carregam os mortos sobre os ombros. Restam oito caras livres, sem contar nós três, então são onze – continuava olhando para a neblina. – Se a gente ficar aqui, vai acabar no

corpo a corpo, pode ter certeza. Os feridos serão massacrados. Quer saber? Foda-se toda essa merda.

Olhou para cada um deles, tentando adivinhar a reação. Ambos os tenentes estavam atentos, ouvindo.

– Cicatriz, você, eu e quatro metralhadoras vamos na frente com toda a munição pesada. Os feridos que conseguem andar recebem o resto da munição. Eles vão formar um funil atrás de nós. Mellas e os outros dois ficam na retaguarda com as M-79 e todas as porras de granadas da companhia para manter os viets longe do nosso traseiro. Todo mundo recebe metade de um cartucho e fica no semiautomático. Nós vamos descer o morro a todo vapor até chegarmos perto da Companhia Charlie. As laterais do triângulo vão resistir enquanto passamos com os feridos. Mellas, você vai ser o pino na extremidade enquanto nós fechamos o funil – olhou para os dois tenentes. – O que acham?

Houve uma longa pausa.

– Não é exatamente o que os estrategistas chamariam de elegante – Mellas disse, por fim.

Fitch riu.

– Quando nós vamos, cara? – Goodwin perguntou. – Esse lugar está enchendo o saco.

– Assim que escurecer. Os viets vão estar se preparando para atacar e não vão esperar por isso.

– E se alguém acabar se separando? – Mellas perguntou.

– Vamos esperar por ele. Todos nós vamos embora juntos.

– Sabe o que isso quer dizer?

– Claro que sei, porra. E você é a retaguarda, então provavelmente vamos ter que esperar por você.

– Uma diretriz do caralho, Jim.

– Junto com a Coluna de Defesa, a Fuga em Funil poderá ser a minha maior contribuição para a ciência militar até hoje – Fitch disse, com um sorriso nos cantos dos lábios. Todos eles caíram na risada.

O riso de um fazia o do outro aumentar. Logo os três estavam uivando, inventando teorias táticas absurdas. Ainda estavam rindo quando o primeiro dos foguetes veio rasgando a neblina lá de baixo. Saltaram para o

fundo do buraco de Fitch ao mesmo tempo, ainda rindo.

– Foguetes – Mellas disse. – Puta merda, o que mais vão inventar? – todos caíram na risada de novo. Ao menos o mistério daqueles tinidos estranhos tinha sido resolvido.

Fitch disse para Sheller poupar só um pouco de fluido para os feridos naquela noite, sabendo que ou estariam muito abaixo da camada de nuvens para serem resgatados, ou estaria chovendo. Ou eles seriam alcançados pelos inimigos, acabariam mortos e não precisariam de mais nada. Portanto, ordenou que todo o resto fosse distribuído. Todo mundo recebeu cerca de quatro goles do líquido insípido e salgado. Tinha gosto de rolha de borracha.

Mellas ficou com Fitch, ouvindo os rádios. Em um certo momento, Fitch se aprumou e inclinou a cabeça. Mellas ouviu, também, os sons de um combate ao leste distante.

– Tem de ser alguém do Três Vinte e Quatro – Fitch disse. No rádio de Daniels, conseguiram ouvir o agente CAA da Companhia Mike pedindo todos os reforços possíveis.

– A grade da missão está chegando agora, senhor – Daniels disse, excitado. – Sete-quatro-três-cinco-sete-um.

Fitch digitou as coordenadas. Mais de seis quilômetros. Uma eternidade.

– Porra, a gente não pode fazer nada aqui – Mellas disse com impotência.

– É – Fitch disse. – A gente é a princesa, e eles são os caçadores de dragão.

Mellas olhou para Fitch.

– Filhos da puta – disse. – Nós somos só isca. Isca! – Mellas deu meia-volta e desceu o morro a passos largos.

Uma hora se passou, e com ela a raiva. Mellas abaixou-se e agarrou um pouco de barro úmido, apertando um punhado em uma bola até que o antebraço tremesse. Então, soltou o barro, vendo-o cair no chão úmido do seu buraco. Começou a afagar o barro, passando os dedos levemente por

ele, acariciando-o. Sentiu um senso de beleza e de anseio pelo chão úmido e enlameado que teria causado lágrimas, mas ele estava desidratado demais para chorar. Desejou com toda a alma poder ver aquele barro mais um dia e mais um dia depois daquele.

Jackson sabia o que Mellas estava pensando e ficou olhando para a frente em silêncio, querendo não envergonhar o tenente, que olhava para ele. Mellas parou de tocar o chão e cruzou os braços com suas duas japonas.

– Sou uma inspiração do caralho, hein? – ficou olhando para as costas das mãos sujas de barro. Tentou enxugar as lágrimas, que não saíram, esfregando mais sujeira na cara.

– Nem todo mundo pode ser um Chesty Puller, senhor – Jackson disse.

Mellas soltou um suspiro profundo, depois outro, exalando o ar com as bochechas inchadas.

– Ei, Jackson, me mostra como vocês, manos, apertam as mãos?

– Hã?

– Você sabe, toda aquela coisa de bap bap bap.

Jackson olhou para Mellas sem saber se ele estava falando sério. Mellas não desviou o olhar, então Jackson revirou os olhos e disse:

– Mas nunca conte pra ninguém como você aprendeu, ok?

Mellas sorriu e mostrou o punho. Depois de cinco vezes, ainda não tinha dominado os movimentos complexos do aperto de mão.

– Quase lá, tenente – Jackson disse, mostrando o punho de novo. – Quase lá.

Mellas suspirou.

– Mas parece que não tá certo.

Jackson sorriu.

– Nunca vai parecer.

– Por que não?

– Tu não é negro.

De repente, Mellas se sentiu constrangido, estúpido até, por ter pedido a Jackson para mostrar o aperto.

– Sempre achei que, no fundo, a gente fosse igual – disse.

– Nós somos iguais. Pô, eu tenho dois avôs brancos, como você. Mas a gente vê as coisas de outro jeito, tanto que não dá pra falar disso.

– Tenta explicar.

– Nem rola, tenente – Jackson cruzou os braços. – Você acha que alguém vai entender como você se sente estando aqui na selva? Digo, mesmo que eles gostem de você e tal, você realmente acha que eles vão entender como é estar aqui? Entender mesmo?

– Provavelmente, não.

– Bom, ser negro é assim. A não ser que você esteja lá, não tem jeito.

Mellas mexeu os pés, tirando uma bota da lama com um som de sucção. Olhou para fora do buraco e viu o Toupeira, em pé ao lado do seu buraco, tentando mijar. Não estava indo bem. Mellas nem se lembrava de quando fora a última vez que mijou, mas se recordava de que tinha saído só um pingo marrom. Ouviu o som de tubo de morteiro. Toupeira fechou o zíper com pressa e se jogou no seu buraco. Três cargas de morteiro bombardearam o topo da zona de pouso. Mellas tirou as mãos dos ouvidos e esperou. Toupeira saiu do buraco e tentou terminar de mijar. Mellas ficou observando a cena à toa, junto a Jackson, querendo saber se sairia alguma coisa.

Quando Toupeira desistiu, Mellas virou-se para Jackson.

– Ei, Jackson. Antes da gente se separar, quero te perguntar uma coisa. Se você achar que eu sou um babaca por perguntar, só tenta não ficar com raiva de mim por causa disso.

Jackson não disse nada.

Mellas foi direto ao ponto.

– Eu acho que caras como o China, e talvez até o Toupeira, estão mandando armas de volta pra casa. O Toupeira não pode estar perdendo tantas peças de metralhadora quanto diz.

Jackson riu.

– Acho que essa operação foi cancelada – olhou para a neblina, os olhos brilhando. – Digamos que por outras práticas melhores de negócio.

– O quê?

– Pelo que ouvi dizer entre os irmãos, eles pararam de fazer isso.

Mellas queria investigar mais, mas se conteve. Bastava saber que o boato era verdadeiro e que nenhuma ação precisava ser tomada. Depois de um breve silêncio, Mellas perguntou:

– Vai ter algum problema sério? Lá em casa, digo. Com armas sérias, sabe?

Jackson não disse nada.

– Tenho a sensação de que de algum modo eu deveria me envolver, mas não posso fazer nada, porra.

– Não pode mesmo.

– Nada?

– Só deixa a gente em paz, pô – Jackson olhava para ele bem nos olhos e disse isso com gentileza. Embora Mellas fosse um oficial e branco, naquele momento, Jackson era apenas alguém da mesma idade que compartilhava com ele o mesmo buraco. – Você realmente não entende, né? – Jackson disse.

– Acho que não.

Jackson suspirou.

– Porra, tenente. Daqui a uma ou duas horas nós podemos acabar mortos, então acho que agora não é hora pra enrolar e não dizer o que a gente realmente pensa. Tudo bem pra você?

– Não gosto da ideia de acabar morto daqui a umas horas – Mellas respondeu.

Jackson riu pelo nariz, concordando.

– Ok, senhor – fez uma pausa e depois disse. – Você é um racista.

Mellas engoliu em seco e olhou para Jackson boquiaberto.

– Mas calma – Jackson disse, obviamente escolhendo as palavras. – Não fica nervoso. Eu sou um racista também. É impossível crescer nos Estados Unidos e não ser racista. Todo mundo nessa porra de morro é racista e todo mundo lá em casa é racista. Mas há uma grande diferença entre nós dois, racistas, que nem você nem eu nunca poderemos mudar.

– E o que é? – Mellas perguntou.

– Ser racista ajuda você, e me prejudica – Jackson olhou para longe. Ambos ficaram quietos. Então, Jackson continuou: – Sabe, o China sabe do que está falando. Temos que subverter uma sociedade racista. Não é fácil – abriu um sorriso. – Há outra diferença entre nós racistas.

Mellas ficou quieto.

– Alguns racistas têm preconceito, e outros não têm. Por exemplo, você,

eu diria que você está tentando não ter preconceito. Eu também, e Cortell, e até o Toupeira, embora ele nunca fosse admitir. Hawke não tem preconceito, sem rodeios. Não ter preconceito é o melhor que nós podemos fazer agora. É tarde demais para não ser racista.

– Não entendo.

– Quantos amigos negros você tem lá em casa?

Mellas fez uma pausa e olhou para a neblina, envergonhado. Depois, encarou Jackson.

– Nenhum.

– Ceeerto – Jackson disse com um sorriso. – E eu, eu não tenho nenhum amigo branco. Nós não estaremos livres do racismo até que a minha pele negra passe os mesmos sinais que o bigode ruivo do Hawke. Do jeito como é agora, você não consegue olhar para mim sem pensar em algo mais, e eu, eu não consigo olhar para você sem a mesma atitude.

Mellas estava começando a entender.

– Nós estaremos livres de racismo quando toda pessoa branca tiver um amigo negro – Jackson disse. E então riu em voz alta. – Ei, você é o cara da matemática, tenente. Isso quer dizer que cada pessoa negra tem que ter sete ou oito amigos brancos. Ih. Não tem jeito. Estamos muito longe disso – abaixou a voz. – Muito longe.

– Você me pegou – Mellas disse, sorrindo. – Então, o que nós fazemos?

Esperou Jackson pensar por um momento.

– É igual o jeito como você gosta do China – Jackson disse. – Você tem que parar com essa merda.

– O que tem de errado em gostar do China?

– Não tem nada de errado em gostar do China. Todo mundo gosta do China. É por isso que ele é bom organizando a merda dele. Quero dizer o *jeito* como você gosta do China. Quero dizer que ele é o seu preto.

Essa farpa silenciou Mellas.

– Você sabe o que é um Pai Tomás, certo? – Jackson disse, fazendo um nó imaginário em volta do seu pescoço. – Tipo um Stepin Fetchit[17]7?

– Sei.

– Bom, esse é o preto de alguém – os longos dedos de Jackson começaram a tamborilar na camuflagem de sujeira. – Essa era a ideia de

um chuck que viveu em Hollywood em 1935. Mas agora nós temos caras como o China. Eles usam o afro mesmo quando isso mete eles em encrencas. Pô, até mesmo *para* se meter em encrenca. E eles jogam merda na cara dos branquelos sempre que podem. Bom, quer saber? Sabe quem eles são? São os pretos de gente como você, é isso que eles são. Toda vez que eles se levantam e dizem pra largar do pé deles, e que toda a porra da sociedade é feita de racistas e porcos, os estudantezinhos brancos, que vivem da mesada do papai em Berkeley ou Harvard, se levantam e dizem: "É isso aí, *garoto*, diz pra gente, porcos brancos culpados, o que tá rolando. Estou *com* você. Você é *meu* preto". Mas nenhum deles quer se integrar às nossas escolas. Nenhum deles vai para o sul para entrar nos júris e defender o homem negro. E nenhum deles está aqui pra ser mandado de volta pra casa em sacos de borracha também. Na verdade, assim que essa guerra esquentou, todos os moleques brancos ricos esqueceram os direitos civis e começaram a se preocupar em não serem convocados.

Jackson parou de falar. Estava tremendo de raiva. Respirou fundo e expirou.

– Bom, eu não sou preto de ninguém – Jackson continuou. – Não sou porra de preto de nenhum universitário e não sou preto de nenhum diretor de filme. Eu vou ser meu próprio preto.

– Se você é o seu próprio preto, por que deixou o China te convencer a recusar o comando do esquadrão?

– Ele não me convenceu. Eu não tinha para onde ir. Se eu tomo o comando, eu sou o preto do sistema. Se eu fico onde estou, sou o preto do China. É como se eu não pudesse levantar nem deitar. Não importa para qual lado eu me vire, eu sou preto de alguém. Por isso eu decidi pegar o rádio quando o tenente Fracasso me ofereceu, e por isso ainda estou aqui – riu pelo nariz. – Então, acabei no meio, acabei parecendo o *seu* preto – riu pelo nariz de novo. – Parece que foi o melhor que consegui e ainda ser meu próprio preto – olhou para Mellas com uma sombra de interrogação no rosto. Mellas entendeu que Jackson estava tentando ver como ele reagia.

Mellas olhou para a neblina, lembrando-se de todas as vezes que brincara com caras como Jackson. Lembrou-se do Toupeira, virando o rosto para olhar para ele depois de limpar a metralhadora em Matterhorn

quando Cassidy raspou o afro de Parker. E depois de Jackson, se matando de cortar bambu para construir a ZP inútil e depois ficar ao ar livre enquanto as cargas de morteiro do ENV caíam, ajudando a resgatar os feridos de Matterhorn. De novo, lembrou-se de Toupeira olhando para o bunker de metralhadora onde Young tinha sido estraçalhado e concordando em levá-lo sozinho, assustado, mas sabendo que era um ponto crucial na defesa, agora revelado ao inimigo. Percebeu que caras como esses não precisavam de nenhuma ajuda dele. Tudo o que ele tinha de fazer era sair do caminho deles.

– Pisei na bola, Jackson – disse. – Desculpa por isso.

– Porra, senhor. Você não pisou na bola mais do que qualquer um de nós. Eu e o Toupeira acabamos de descobrir que você e os outros tenentes ficaram acordados a noite toda inventando aquele plano do caralho para atacar o Morro do Helicóptero.

Olharam um para o outro e começaram a rir.

– Porra, ataque surpresa do Cicatriz – Jackson dizia entre as risadas. – Que merda.

Ficaram quietos de novo.

– Bem, se os brancos deixarem vocês em paz – Mellas disse –, como é que vocês ficam? Os brancos realmente controlam a sociedade. Os brancos ricos, na verdade.

– É – Jackson disse –, e pretos ricos também. Olha quem está aqui nessa merda de guerra: branco pobre e preto pobre. E alguns tolos desgraçados como você, se o tenente me permite – fez uma pausa e virou os olhos para a selva lá embaixo. Mellas deixou-o pensar. Então, Jackson se voltou para ele. – Nós temos que resolver nossos próprios problemas – disse. – Tudo o que você tem que fazer é nos tratar como qualquer outro. É simples assim. Não precisamos de nada especial. Ah, claro, nós temos gente que vai foder com a gente. Foder bonito. Vão ficar putos e jogar merda e quebrar coisas. E vocês também têm esses. Veja o Gunny, porra. Mas nós não precisamos de nenhuma ajuda especial. Nós somos gente. Nos tratem como gente. Não somos mais burros que vocês, nem mais espertos – olhou para Mellas. – Embora a gente faça música melhor.

Mellas riu.

– Vamos resolver nossos problemas como todo mundo resolve – Jackson disse. – Podemos até cometer alguns erros. Somos humanos, tenente, como você – então, fechou o punho e segurou na frente de Mellas. – Somos apenas tratados de maneira diferente – estava fazendo que sim como incentivo. Mellas sorriu e encostou o punho no punho de Jackson, e mais uma vez fizeram a dança do aperto de mão. Mellas ainda fazia desajeitadamente, mas estava rindo de prazer.

Dois foguetes saíram da selva, fazendo todo mundo se enfiar bem fundo no seu buraco. Goodwin relatou mais um ferido pelo rádio.

Daniels chamou um reforço de artilharia de uma bateria howitzer 155 mm. Lindos estouros passaram por cima deles na selva. Mellas resmungou, satisfeito. Não sabia que os 155 estavam agora dentro da zona de alcance.

– Até que enfim estão fazendo algo para nós, pretos – disse.

Stevens e Hawke viraram a noite pressionando equipes de várias organizações para que deslocassem uma bateria 105 para FSB Eiger, a cerca de dez quilômetros ao sudeste de Matterhorn. Era um alcance extremo para fornecer apoio à Companhia Bravo, mas poderia dar cobertura às companhias que se deslocavam para resgatá-la, vindas do sul e do leste. Também conseguiram convencer o corpo regimental a deslocar duas 155 até lá. Eram essas duas que Daniels estava coordenando. Eles queriam mover uma bateria 105 para Sky Cap, mas esse movimento se tornou impossível devido à mesma neblina que impedia todos os voos de helicóptero ao Morro do Helicóptero. Eiger, no mínimo oitocentos metros abaixo de Sky Cap, porém, estava livre de nuvens e se armando de munição e outras provisões rapidamente.

Simpson e Blakely pairavam sobre os ombros dos operadores de rádio, pulando em cima de cada relatório que chegava das companhias Alpha e Charlie. Estavam se deslocando a um ritmo dolorosamente vagaroso.

– Se eles não apertarem o passo, o Três Vinte e Quatro vai chegar antes de nós – Simpson resmungou de cara fechada. – Como estão indo os substitutos?

– Eles estão na ZP, senhor. Todo mundo está à espera.

Na beira da zona de pouso enlameada da Base de Combate Vandegrift, cada um dos novos substitutos recém-chegados ao batalhão esperava sob uma leve garoa. Caixas de papelão, cada uma contendo quatro recipientes de vidro cheios de fluido intravenoso em um pacote de papelão como proteção extra, estavam empilhadas ao lado dos garotos, junto a caixas de munição e ração C, todas embrulhadas em lona de borracha para evitar que o papelão se despedaçasse na chuva. Um pequeno tanque de água com rodas também estava na chuva, enrolado em uma rede de carga que seria enganchada à parte de baixo de um dos helicópteros. Os boatos de que a Companhia Bravo estava sendo massacrada aumentaram consideravelmente. Os garotos estavam pálidos de medo e frio, sem conseguir comer.

No quartel-general da divisão em Dong Ha, o coronel Mulvaney estava em reunião com o general Gregory Neitzel, oficial-comandante da Quinta Divisão de Fuzileiros; Willy White, comandante do Vigésimo Segundo Regimento dos Fuzileiros, a artilharia; e Mike Harreschou, OC do Décimo Quinto Regimento dos Fuzileiros, um dos três regimentos de infantaria da divisão. Um assistente entrou com uma folha de papel.

– Com licença, senhor – disse. – Miguel Três Vinte e Quatro está em contato com 743571 – o assistente não conhecia o protocolo: se deveria entregar a folha para Mulvaney, sob cujo comando estava a companhia, ou para o general.

Mulvaney poupou-o da decisão, agarrando o papel das suas mãos.

– Força de tamanho desconhecido. Porra – virou-se para o assistente. – Quero uma estimativa do tamanho assim que você recebê-la.

– Sim, senhor – o assistente saiu.

O general e o comandante de artilharia rapidamente se deslocaram para o enorme mapa na parede.

– Bem aqui, Willy – o general disse, apontando para as coordenadas. – Exatamente onde imaginávamos. Como vai aquela bateria em Smokey?

– Devem estar prontos para abrir fogo em uma hora, senhor.

– Ótimo – o general Neitzel virou-se para Mulvaney. – Mike, o que você acha? – perguntou.

– É o nosso regimento de viets, sem dúvida – Mulvaney foi até o mapa e apontou com um dedo grosso a localização do contato inimigo. Tinha ocorrido o incidente da emboscada da Companhia Charlie bem ao sul de Matterhorn. Depois, dois combates com as companhias Lima e Alpha, e a companhia Mike estava em combate naquele exato momento. Todas essas batalhas formavam um arco. Mulvaney completou o círculo que o arco sugeria, delineando em linhas gerais a área que comportava o regimento do ENV.

– Willy – o general disse –, se eu autorizar o seu Primeiro Batalhão a empilhar mais algumas peças de artilharia, você poderia colocá-lo para trabalhar em algum lugar?

– Sim, senhor. Se eu conseguir alguns soldados para garantir a segurança. Poderíamos colocar uma bateria aqui no Morro 427, logo ao sul de Matterhorn. Eiger poderia dar apoio e vice-versa, embora eu preferisse mesmo colocar algo em cima de Sky Cap de novo – parou de falar antes que mencionasse a decisão de abandonar todas as bases de artilharia nas montanhas ao oeste, como Sky Cap, de modo a fornecer apoio à operação política na região plana. – Fica realmente perto da porra da zona, porém, vou precisar de boa segurança. Precisaremos de apoio aéreo ou talvez uma contrabateria de Red Devil para evitar os bombardeios da artilharia dos viets ao longo de Ben Hai – Red Devil era a designação de rádio de uma unidade de artilharia pesada do Exército. – Essas 122 dos viets foram concebidas como armas navais e podem nos alcançar, mas nós não podemos alcançá-los com nossas 105 – fez uma pausa, coçando o queixo. – Presumindo que vamos receber autorização política para contra-atacar.

Neitzel fez uma careta.

– Eu vou cuidar disso.

Harreschou e Mulvaney trocaram um olhar.

– Talvez uma bateria de 155 em Lookout – White continuou. – Assim eles teriam o alcance. Mas isso demoraria mais.

– Quanto tempo?

– Amanhã à tarde?

– Amanhã de manhã – Neitzel insistiu.

– Não sei, senhor.

– Vamos dar capacidade de sustentação extra com alguns CH-47 do Exército, vindos de Phu Bai.

– Vamos tentar, senhor. É rápido, mas vamos tentar.

– É crucial – Neitzel disse. Andou até o mapa e revisou a situação mais uma vez, como se estivesse se assegurando da estratégia. O ENV tinha atacado do Laos com três regimentos, ao longo de três passagens separadas, tomando vantagem da retirada do extremo oeste que foi exigida pela operação política Cam Lo. Eles também foram encorajados pelo fato de que, pouco antes do Natal, a Centésima Primeira Divisão Aérea do Exército tinha sido completamente retirada da área por causa do violento combate nas regiões montanhosas centrais. O que eles não sabiam era que a Centésima Primeira tinha acabado de receber ordens para ir ao Vale Au Shau. Essa unidade era capaz de se deslocar de modo extremamente rápido, dada a sua capacidade de transporte aéreo. Isso deixou a Quinta Divisão de Fuzileiros cuidando dos dois avanços: o central, no Vale Da Krong, e o ao norte, na Serra de Mutter. O Vigésimo Quarto Regimento de Fuzileiros de Mulvaney ocupava as rotas de avanço do ENV ao extremo norte, simplesmente pelo fato de já estar lá. O seu Segundo Batalhão, Dois Vinte e Quatro, com quatro companhias de fuzileiros, estava sendo deslocado para o vale ao norte de Matterhorn. O ENV não desejaria ir para o norte contra um batalhão de fuzileiros que estava esperando por eles. Eles colidiriam contra os fuzileiros como água contra uma represa. Eles se concentrariam na frente daquela represa, ficando vulneráveis à artilharia, que, uma vez instalada na posição, era indiferente às condições climáticas e aos ataques da operação Arc Light em Guam, cujos B-52 voavam bem acima do tempo ruim e lançavam bombas com auxílio do radar. As três companhias restantes de Simpson do Um Vinte e Quatro estavam se deslocando para um posição no sul de Matterhorn, como um reflexo idêntico do batalhão ao norte. Isso impediria que o ENV se deslocasse para o sul, assim como o Dois Vinte e Quatro evitaria que se deslocassem para o norte. A Companhia Mike do Terceiro Batalhão já estava em contato com o regimento do ENV, e

as companhias restantes do Três Vinte e Quatro atacariam o ENV dentro de poucas horas. Isso aplacaria qualquer movimento de avanço ao leste ao longo da serra. O ENV seria forçado a se retirar para o oeste. Mas a Companhia Bravo, ocupando o Morro do Helicóptero, bloqueava a única rota de fácil acesso em direção à fronteira laosiana.

Então Neitzel analisou a situação do ponto de vista do inimigo. O ENV precisava usar o terreno elevado da serra. Mover-se pelo meio da selva nos vales abaixo da serra seria um pesadelo para qualquer unidade de infantaria. Se o comandante do ENV não se deslocasse rapidamente, correria o risco de ser encurralado, ou dividido em dois, por um movimento de pinça dos batalhões de fuzileiros ao norte e ao sul. Enquanto o comandante do ENV se sentisse protegido dos ataques aéreos, poderia ficar na serra, ocupando o terreno elevado e fazendo os fuzileiros pagarem caro por cada um dos morros. Mas ele também sabia das mudanças do clima. Sua melhor opção era alcançar a Companhia Bravo e tirá-la do caminho. Isso seria uma vitória da propaganda e se espalharia pelos jornais nos Estados Unidos, transformando todo o ataque ao norte em um sucesso político – e as vitórias da propaganda e da política, não a exaustão, é que venceriam a guerra para o ENV. Além disso, eliminar a Companhia Bravo daria ao ENV controle da extremidade ao oeste da Serra de Mutter, permitindo uma retirada ordenada.

O problema do general Neitzel era manobrar tudo em seu lugar a tempo.

Virou-se para o outro comandante de infantaria.

– Harreschou, quero que o Décimo Quinto Batalhão dos Fuzileiros encurrale os viets em Da Krong.

O coronel Harreschou fez que sim, tentando imaginar como viraria a porra do regimento ao avesso para conseguir situá-lo na posição designada em Da Krong antes que o ENV invadisse a planície litorânea. Mordeu o lábio inferior. Os outros dois coronéis estavam em silêncio.

– Ok, senhor. Você sabe tão bem quanto eu o que será necessário para isso.

– Eu sei – o general respondeu. – Como eu disse, com a Centésima Primeira envolvida, acho que conseguimos aproveitar um pouco da sua

capacidade de sustentação. Vou mover os nossos CH-46 para o norte para ajudar a Companhia Mike e você pode aproveitar os Ch-47 do Exército.

Harreschou grunhiu. Os grandes CH-47 do Exército tinham muito mais capacidade que os CH-46 dos fuzileiros, que eram muito menores e tinham lâminas dobráveis de rotores para encaixar nos porta-aviões. Isso queria dizer que eles precisam de menos unidades, mas e se nenhuma delas estivesse disponível e Neitzel tivesse que engajar os 46 ao norte? Harreschou não perguntou o que deveria fazer neste caso. Não houve resposta e, como sempre, ele sabia que os fuzileiros dariam um jeito.

O coronel White pigarreou.

– Eu tenho muitas bases de artilharia expostas lá fora, Greg.

– Eu sei, Willy, porra – Neitzel fez uma pausa. O outro regimento de infantaria da divisão, o Décimo Nono Batalhão dos Fuzileiros, tinha acabado de retornar de uma operação no sul. Estavam exaustos e em trapos, mas podiam ao menos defender as bases de artilharia, mesmo que tivessem de dividir as companhias. Os próprios artilheiros poderiam tapar um buraco nos perímetros onde não havia soldados de infantaria suficientes. Por outro lado, com os regimentos de viets engajados, eles não teriam capacidade para ameaçar as muitas bases de artilharia também. – Você vai ganhar uns soldados do Décimo Nono Batalhão. Eles estão bem acabados, mas vão garantir a segurança das bases de artilharia.

White fez que sim.

Neitzel virou-se para olhar para Mulvaney.

– Quando a Bravo atacou a serra fora dos seus elementos avançados, os viets ficaram assustados. Foi um bom trabalho, Mike.

– Foi uma cagada, Greg – Mulvaney respondeu. – Uma cagada mesmo – o sarcasmo não passou despercebido para Harreschou, que deu uma olhada significativa no seu velho amigo, Mulvaney. Eles estiveram juntos com a Primeira Divisão em Inchon. Na verdade, Mulvaney tinha servido como terceiro em comando para Neitzel quando este esteve no comando durante o desastre no Laos; era por isso que ele não tinha medo de arriscar um comentário sarcástico. Willy White frequentara a Academia Naval da Força de Fuzileiros Marítimo-Terrestre com Neitzel, e ambos foram jovens oficiais em Saipan. O corpo de fuzileiros era pequeno, e relações pessoais

muitas vezes ajudavam a cortar caminho pela burocracia habitual e pela covardia que corria por todas as unidades militares, incluindo o Corpo.

– Uma cagada de sorte, devo dizer – o general completou, sem perceber o sarcasmo de Mulvaney. – Se a Sweet Alice não se metesse na merda, nós nunca teríamos despachado a Bald Eagle. A Bravo nunca teria atacado a serra. Porra, Mike, eu sei que você tá preocupado com a Bravo lá em cima. Claro que é arriscado, mas é isso que os viets não esperam de nós. Temos sido cautelosos demais. A guerra é um negócio arriscado.

Sentou-se em sua poltrona de couro e se reclinou, olhando para o mapa de operações com as mãos cruzadas atrás da cabeça.

– Acho que os nagúlios não fazem a menor ideia do estrago que nós vamos causar naquele morro assim que as baterias começarem a virar para o lado deles. Porra, o céu vai cair – olhou para Mulvaney. – A Bravo dá conta?

Mulvaney sabia que Neitzel tinha conhecimento do que estava perguntando. Ele também sabia por quê. Eles estavam lá para matar os inimigos do país. Se o plano funcionasse, eles matariam muitos.

– Eles dão conta – disse.

Neitzel observou Mulvaney atentamente por um momento; depois, ficou em pé e andou até o mapa.

– Os nagúlios acharam que tinham encurralado uma companhia – disse para ninguém em particular. Socou o mapa exatamente onde estava Matterhorn. – Nós é que vamos esmagar um regimento – virou-se para encarar os três homens. – Vamos rezar para que o mau tempo e a Companhia Bravo aguentem mais um dia.

Enquanto a burocracia e os helicópteros carregavam pelos céus cinzentos as baterias de artilharia, o equipamento militar e os fuzileiros cansados, o primeiro-tenente, Theodore J. Hawke, desabou no seu beliche na barraca BOQ. Exausto como estava, não conseguia dormir. Ficou revirando os incontáveis detalhes em sua mente. Em nenhuma parte encontrava um ponto que pudesse ser útil.

Hawke sentou-se de repente. Stevens, que estava desamarrando as

botas e a ponto de se deitar, olhou para Hawke, intrigado, mas não disse nada. Hawke começou a arrastar o equipamento que estava sob o beliche.

– Tá fazendo o quê, porra? – Stevens perguntou bocejando. Ficou sentado com uma bota na mão.

– Fazendo as malas.

– Pra quê?

– É como o instinto de fazer ninho. Eu tenho isso uma vez por mês.

– Que seja – Stevens disse. Deixou a bota cair no chão e se deitou com um suspiro. – Porra, como meus pés doem – gemeu.

Hawke sorriu quando começou a colocar suas botas esbranquiçadas de selva. Pegou sua .45, que tinha ficado no chão dentro do coldre e já começava a enferrujar. Olhou para ela com nojo. Tirou do coldre e disparou o gatilho, depois riu pelo nariz. Pelo som, sobrariam muitos rifles. Atou o cinto de cartuchos com os cantis e os suspensórios e alcançou o capacete e a japona. Enrolou com cuidado o boné de fuzileiro e o guardou em um dos volumosos bolsos laterais da calça. Pendurou uma lata de peras do lado de fora da mochila.

Stevens se sentou.

– Você não vai subir o morro, vai? – perguntou. Hawke estava enfiando o revestimento do poncho na mochila e nem respondeu. – O que o Big John Three vai pensar? Quero dizer, você pelo menos pediu autorização? Deixar o posto sem permissão é coisa séria, Hawke.

– Stevens, o Big John Three precisa de mim tanto quanto um sátiro precisa de um vibrador, porra. Há dois tenentes recrutas lá em cima e zero equipe. Faz as contas: zero. E um rebanho de novatos cagando nas calças aqui na ZP. Além do mais, eu já pedi autorização.

– Putz – Stevens disse, obviamente surpreso. – Difícil acreditar que ele te liberou.

– Ele não liberou.

Hawke saiu na chuva. Marchou pela rua enlameada em direção à zona de pouso, sentindo o familiar peso da mochila e a chuva começando a entrar na sua roupa, a lama e a água se enfiando pelos orifícios de metal das botas, deixando suas meias úmidas. Mulvaney que ficasse com a companhia de merda dele, pensou com tristeza e amargura. Havia apenas

uma companhia que o interessava, e estava sendo destruída enquanto ele não podia fazer nada a não ser assistir.

A sensação de ação durou os dez minutos que Hawke levou para chegar até a grande ZP. Dois helicópteros CH-46 estavam lado a lado na pista, com as fuselagens marcadas e gastas de tanto uso e as longas lâminas do rotor se inclinando na chuva. Tinham um ar de abandono. No chão, ao lado, estavam os quarenta substitutos, miseravelmente amontoados sob os ponchos.

Hawke mal podia enxergar além do campo de aterrissagem. As nuvens estavam tão baixas que a chuva parecia se materializar no ar sobre suas cabeças. Percebeu que um helicóptero não podia encontrar nem essa pista, quanto mais a Companhia Bravo, a mais de novecentos metros acima das montanhas. E dentro de cinco horas anoiteceria.

Sentou-se na lama com os joelhos levantados sob o poncho e se perguntou o que tinha feito. Estava desobedecendo uma ordem direta, jogando uma carreira no lixo, para sentar nessa porra de chão molhado completamente impotente. Levantou o poncho até o pescoço.

Depois de cerca de dez minutos, percebeu que dois pares de botas muito pretas e muito novas estavam em pé na frente dele. Olhou para cima. Dois garotos alternavam o peso do corpo entre uma perna e outra, sem ter certeza de qual era o protocolo para interromper um fuzileiro veterano da selva que passava por um processo que era obviamente uma tentativa de entrar naquele estado de esquecimento.

– Você tá com a Companhia Bravo? – um deles perguntou, finalmente.

Hawke olhou para eles em silêncio, notando como pareciam estar bem alimentados. Disse por fim:

– Algum de vocês dois poderia me dizer por que eu estaria sentado debaixo da chuva se não estivesse com a Bravo, porra?

Essa resposta causou dois sorrisos hesitantes.

Então, Hawke notou algo.

– Vocês têm munição de metralhadora em algum lugar?

Um dos garotos disse, surpreso:

– Não, eu sou um 0311 – referindo-se ao código de especialidade ocupacional militar de um fuzileiro atirador, em oposição ao código de um metralhador.

– Tô pouco me fodendo se você é um especialista em armas nucleares, porra. Alguém deu munição de metralhadora para vocês carregarem? – Hawke não se sentia mais letárgico.

– Hã, não, hã...

– Tenente – Hawke completou para ele.

– Desculpe, senhor. Eu não sabia. Eu só...

– Quem está no comando dessa bagunça?

– Hã, eu estou, senhor. Nenhum de nós tem posto acima de soldado raso de primeira classe, mas eu era especialista de tiro em Pendleton, então o cara do rádio, aquele que tem a camiseta escrito "Festa na praia", ele me colocou no comando.

– Você não está mais no comando.

– Sim, senhor.

– De agora em diante, você será conhecido como Jayhawk Zulu.

– Hã, sim, senhor. Jayhawk Zulu.

– Você consegue achar o bunker do COC do batalhão?

– Acho que sim, senhor.

– Quero que você ache um sargento chamado Cassidy. Você vai dizer que Jayhawk quer ele aqui na ZP assim que puder, com um monte de munição de metralhadora, o máximo que um bando de quarenta recrutas filhos da mãe bem alimentados recém-saídos do RTI conseguirem carregar – fez uma pausa. – E quero dizer *mal carregar*. Ele vai explicar tudo pra você.

O garoto ia sair, mas Hawke o segurou.

– E cento e sessenta cantis cheios de água.

– Cento e sessenta, senhor?

– Quer que eu desenhe pra você? Quatro vezes quarenta. Ok? Contando os dois que todo mundo tem, vai dar só seis pra cada.

– Sim senhor, senhor.

– Se você não conseguir trazer o Cassidy aqui antes que a neblina se dissipe, eu vou te encher de porrada até te jogar no Laos – sorriu para o

garoto. Depois, fez o gesto de garras com as mãos e rosnou: – Poder do gavião! – o garoto deu uma olhada rápida para seu amigo e saiu correndo em direção ao COC.

Dentro de uma hora, Cassidy estava com Hawke na ZP, e todos os substitutos foram carregados com munição de metralhadora e água a ponto de mal conseguirem se mover. Hawke ou Cassidy passavam de um em um e mandavam pular. Se o garoto continuasse disposto, jogavam outro cinto de munição nos seus ombros até que os joelhos estivessem quase tremendo. Depois Cassidy foi embora e todos eles ficaram sentados na lama de novo, cobertos de munição e cantis.

– Não se preocupem, porra – Hawke brincou com eles. Começou a falar com um tom sonoro e monótono. – Vinde a mim todos vós que estais cansados e sobrecarregados – sorrisos surgiram nos rostos dos garotos. Ele se virou rapidamente para eles. – Mas eu não vou pegar leve com nenhum de vocês, pecadores – virou para um dos garotos que sorria muito. – Você acha que eu sou Jesus, porra? Tenho cara de Jesus pra você?

– Hã, não, senhor – o garoto disse, enquanto os outros também tentavam esconder os sorrisos.

– Talvez você ache que eu tenho cara de Virgem Maria.

– Não, senhor. Nem mesmo... não, senhor!

– Nem mesmo um pouquinho?

– Não, senhor – o garoto rosnou.

– Porra. E eu até fiz a barba hoje de manhã.

Sorrisos escapavam.

Então, Hawke ficou sério.

– Vocês serão aliviados de todos os seus pesos, acreditem. Tudo que vocês têm de fazer é conseguir saltar e correr da comporta do helicóptero até o buraco de alguém. Acho que vocês não vão achar isso muito difícil, dadas as circunstâncias.

Como sempre, a combinação do sotaque sarcástico e anasalado de Boston e sua simpatia natural tinha conquistado totalmente a turma. Ele continuava olhando além da pista, porém, aguardando uma brecha do clima.

A brecha chegou por volta das três da tarde. A chuva constante deu

uma trégua, e logo ele viu a base dos morros, a cerca de um quilômetro da pista. Levantou-se, correu até os CH-46 que estavam parados na beira da pista de decolagem e acordou um membro da tripulação que dormia dentro.

Levou alguns minutos para persuadir o homem a chamar os pilotos. Em determinado momento, o cara perguntou a Hawke quem ele pensava que era.

– Eu sou o capitão Theodore Hawke, oficial-assistente de operações do Vigésimo Quarto Regimento – Hawke mentiu. – Puta merda, se você não chamar os pilotos aqui ASAP, eu vou colocar você e eles na frente do Coronel Mulvaney para explicar por que deixaram uma das companhias ser esmagada porque não queriam levar um pouco de munição quando eles pediram.

– Sim, senhor – o tripulante respondeu. Enquanto isso, vários outros tripulantes tinham aparecido e observavam em silêncio. – Eu não sei qual é o sinal de chamada do bar, senhor.

Levou alguns minutos, mas o homem conseguiu achar a frequência e o sinal de chamada, e um garçom entediado atendeu. Depois de uma confusão inicial sobre quem estava ligando para quem, uma voz surgiu no rádio, e o tripulante passou a chamada para o alto-falante.

– Porra, o que é, Weaver?

– Senhor, o assistente de operações do Vigésimo Quarto Regimento está perguntando por que não estamos voando. Câmbio.

– Diz para o filho da puta que não estamos voando porque aquelas nuvens do caralho têm pedras dentro. Câmbio.

– Hã, senhor, ele está aqui na escuta. Câmbio.

Houve uma pausa.

– Quem é ele? Câmbio.

– Ele é, hã, o capitão Hawke, senhor. Do Vigésimo Quarto Regimento. Câmbio.

– Capitão? Coloca ele na linha. Câmbio – a voz parecia confiante.

O tripulante passou os fones de ouvido com o microfone embutido para Hawke.

– Que porra é essa, capitão? Aqui é o *major* Reynolds.

Superado em hierarquia, mesmo se realmente fosse um capitão. Mas

desgraça pouca é bobagem.

– Senhor, eu tenho uma companhia de fuzileiros que precisa de reabastecimento e o tempo acabou de abrir. O coronel Mulvaney quer esses helicópteros voando agora mesmo.

– Capitão, o tempo não abriu. Estou olhando aqui pela janela agora mesmo. E esses helicópteros não vão voar enquanto o adiamento por causa do tempo não for suspenso pelo Grupo. Tô pouco me fodendo para o que um coronel-soldado pensa. Nós temos vários milhões de dólares em helicópteros em risco. Está claro? Câmbio.

Hawke não respondeu. Já tinha ouvido essa merda sobre os "vários milhões" antes. Passou os fones de volta para o tripulante e saiu correndo pela pista em direção ao bar. Em três minutos, estava entrando pela porta de tela, pingando de suor por causa do calor acumulado no poncho. Os rostos se viraram das bebidas, dos jogos de dados e cartas, para ele. Não era difícil identificar os pilotos. Quatro deles, todos em uniforme de voo, estavam à mesma mesa. A quantidade exata para jogar *bridge*.

Andou até a mesa deles.

– Um de vocês é o major Reynolds?

Um homem meio acima do peso com um rosto vermelho se inclinou na cadeira e olhou para Hawke.

– Eu sou o major Reynolds – depois, em tom de zombaria, completou: – Capitão Hawke, eu presumo.

– Senhor, eu consigo ver os morros. É um quilômetro de visibilidade.

– E eu consigo ver uns trinta metros daqueles morros do caralho, e isso dá uns trinta metros de visibilidade... para cima – Reynolds respondeu, apontando para o teto. – E isso é aqui a setenta metros acima do nível do mar. A sua companhia do caralho está a uns mil e quinhentos quilômetros acima do nível do mar. Porra, de jeito nenhum, capitão. Não até a gente receber um RVV e uma suspensão do adiamento do GFA-39.

– Você não sabe como está o tempo a mil e quinhentos quilômetros, a não ser que voe até lá.

– Não preciso ir pra saber como está. Nós mandamos um helicóptero de clima para lá uma hora atrás, e ele voltou completamente ensopado – olhou para os três camaradas com um sorriso. – Nós temos contato constante com

o capitão Bainford do Primeiro Batalhão, e são os caras dele que estão lá em cima, não os seus. Ele também tem um controlador aéreo avançado alistado no mesmo lugar. Quanto a nós, acho que vamos fazer o trabalho – fez uma breve pausa – quando for possível. Agora, por gentileza, deixe que nós cuidamos dos voos, capitão.

A raiva repentina de um veterano de infantaria de combate correu pelas veias de Hawke. Sua mão foi até a coronha da .45, mas a pistola estava escondida sob o poncho. O fato de que ele teria de arregaçar as mangas do poncho para alcançar a arma foi o bastante para detê-lo. Por algum motivo, lembrou-se de Hippy, com a M-60 embalada na japona, corcovando na selva com os pés fodidos. Respire, pensou. Respirou. Então, pensou de novo. E resolveu mergulhar.

– Eu não sou capitão e não sou o assistente do regimento. Sou o tenente Hawke, do Primeiro Batalhão Zulu S3, e anteriormente executivo oficial da Companhia Bravo. Os meus amigos estão sem água, sem munição e morrendo lá em cima. Eles precisam de ajuda – os quatro pilotos levantaram as sobrancelhas. – Eu não sei porra nenhuma de voar, mas sei muito de tentar. Vocês vão ficar aí sentados jogando cartas, ou vão tentar?

Houve um momento de silêncio. Os pilotos sabiam, mais do que Hawke, o que era pedido a eles. Nessas condições, voando pouco acima das árvores porque era o único espaço aéreo em que conseguiam enxergar, um mísero erro de navegação, um segundo de distração, uma mínima mudança de temperatura que fizesse o ar nítido virar neblina impenetrável, e eles veriam a face de uma montanha por um segundo antes que ela matasse todos a bordo.

Hawke fez uma última tentativa desesperada.

– Fuzileiros estão morrendo. Vocês têm medo de ajudá-los?

Um primeiro tenente mais jovem empurrou a cadeira para trás.

– Ah, agora chega, porra – disse. Bateu as cartas na mesa e se levantou. Hawke receou ter ido longe demais. Mas o piloto olhou para o seu parceiro de *bridge*, obviamente o copiloto. – O que você acha, Nickels?

– Porra – Nickels jogou as cartas na mesa, olhando para cima, e levantou-se, seguido pelo primeiro-tenente.

– E aí, major? – o tenente perguntou. – Acredito que acabaram de

chamar a gente de cagões.

O homem vermelho suspirou e jogou as cartas na mesa. Levantou-se da cadeira, falando para ninguém em especial:

– Alguém aí tem um jipe? Não estou a fim de andar até o meu funeral.

E essa foi a verdadeira origem da história, que mais tarde se espalhou pelo Vigésimo Quarto Regimento de Fuzileiros e pela Quinta Divisão de Fuzileiros, sobre um tenente que entrou no bar regimental e puxou a pistola contra quatro pilotos e ameaçou matar todos eles se não voassem em missão para salvar a sua velha turma.

A versão que se espalhou pelo Grupo de Fuzileiros Aéreos 39 e pela Quinta Ala Aérea dos Fuzileiros era de que quatro pilotos desobedeceram uma suspensão causada pelo clima para serpentear para cima de uma montanha de dois quilômetros a apenas dez ou quinze metros acima das árvores debaixo do fim de uma chuva de monção para salvar uma companhia de fuzileiros que estava cercada pelo regimento do ENV.



O agente CAA captou as chamadas de rádio dos dois helicópteros muito antes que elas pudessem ser ouvidas. Ficou estupefato. Não parecia possível um helicóptero encontrá-los agora. Tinha acabado de dizer a Bainford a altura máxima e este tinha lhe respondido que teria de esperar, que o voo era perigoso demais.

Mellas estava andando agachado à frente do agente em direção à ZP, onde ambos se enfiaram em um buraco próximo. Um único tiro de franco-atirador passou sobre sua cabeça.

– Porra, eu não sei o que está havendo, senhor, mas há dois helicópteros no vale tentando nos encontrar. Eles dizem que têm reforços e munição. O capitão Bainford me disse que eles estavam sob suspensão por causa do tempo – nesse exato momento, o rádio estalou. O agente CAA tentava ouvir.

– Negativo, senhor. Ainda não consigo escutar. Câmbio.

Ele e Mellas estavam sentados em silêncio. Mellas fez um gesto em direção ao rádio do agente e rapidamente mudou para a frequência da companhia. Pallack respondeu.

– Aqui é o Five Real – Mellas disse. – Diga para todos que um helicóptero está tentando nos encontrar. Quero silêncio total. Câmbio.

Logo o perímetro inteiro estava em silêncio, todos esperavam na neblina sem querer nutrir muitas esperanças.

Depois de alguns minutos, Mellas viu o agente tenso, olhando para o sul e tirando uma bússola da mochila. Os ouvidos de Mellas estavam tão avariados pelo recente combate que ele só ouvia um zumbido agudo, que parecia estar fixado permanentemente em sua cabeça.

– Magpie, Magpie, aqui é Big John Bravo. Ruído de rotor na posição

um-sete-nove. Repito, posição um sete-nove-graus – o agente CAA olhou para Mellas, depois vibrou um punho fechado de excitação. Estava sorrindo. Algo veio pelo rádio.

– Afirmativo, senhor – houve outra pausa.

– Magpie, aqui é o CAA do Big John Bravo. Nós temos cerca de... – ele apertou a vista, olhando para as nuvens – treze metros – depois baixou a cabeça. Mellas percebeu que, ao dizer a verdade, o agente poderia colocar a companhia em perigo porque os helicópteros talvez voltassem para a base, mas não dizer a verdade colocaria os helicópteros em perigo. Olhou o agente nos olhos e fez um aceno de compreensão. O agente sorriu e olhou para o céu novamente.

– Exatamente, senhor – disse em voz baixa.

Voltou a ficar tenso, observou a bússola de novo e falou ao rádio.

– Magpie, ruído de rotor agora na posição um oito cinco. Câmbio.

Em sua imaginação, Mellas observava os helicópteros se deslocarem em direção ao oeste, passando pelo lugar onde o agente ouviu o rotor pela primeira vez, depois voltando para o norte a fim de tentar retornar. Isso provavelmente os colocava bem a oeste da fronteira laosiana. Se eles conseguissem elevar a altitude e permanecer no curso rumo ao norte, passariam reto pelos morros ao sul. Mas provavelmente sobrevoariam o Morro do Helicóptero e Matterhorn pelas nuvens. Se ficassem perto do solo, poderiam colidir em qualquer morro. Mellas esperava com fervor que eles estivessem realizando um voo rasante por cima do topo da selva.

– Muito bem, Magpie. Ainda estou com você na posição um-oito-cinco graus. Aguarde meu sinal para marcar a posição.

Houve outro tenso intervalo, dessa vez preenchido pelo permanente zumbido dos rotores, que aumentava devido ao chiado dos motores de turbina. De repente, logo acima deles, obscurecidos pela neblina, dois helicópteros relampejaram no céu. O agente saltou e gritou no rádio:

– Marca, marca!

Ele e Mellas viram os helicópteros desaparecer. Os fuzileiros no morro ficaram em silêncio. Todos permaneceram ouvindo o chiado dos motores e o estrépito das lâminas dos helicópteros, cortando o ar rarefeito da montanha como garras, enquanto realizavam uma meia-volta brusca. O

agente gritava as posições da bússola e corria em direção à ZP ao mesmo tempo.

– Estou com você em zero-três-zero – fazia uma pausa. – Zero-três-cinco – aguardava. – Zero-três-cinco, parado. Sim, senhor. Exatamente, senhor, um cume na posição em cerca de zero-nove-zero. Bem ao nosso leste, cerca de trinta metros abaixo de nós.

Por fim, uma fuselagem enorme surgiu das nuvens, com a barriga aberta enquanto o piloto pousava, com as rodas traseiras para baixo, lutando contra a gravidade, e os motores disparados a toda potência para suportar a descida permanente. Então atingiu o solo e os substitutos saltaram para fora, correndo, caindo, tropeçando e rastejando para os lados da ZP enquanto o ar explodia com armas automáticas e metralhadoras tanto de Matterhorn quanto da ladeira ao norte. Mellas segurava sua bússola e calmamente tomou nota da posição da metralhadora na ladeira. Achou o local no mapa. "Peguei você, filho da puta."

O primeiro helicóptero decolou e o segundo pousou logo depois. Novamente, figuras escuras esbarraram para fora da comporta traseira, tropeçando sob um peso imenso, caindo, rastejando e se arrastando para algum lugar seguro. Foi quando, para o espanto e a alegria de Mellas, uma das figuras ficou em pé na zona de pouso e levantou o braço direito fazendo o gesto do poder do gavião. Mellas também se levantou, gritando com grande alegria.

– Porra, Hawke, aqui. Aqui!

Hawke virou-se e, curvado sob o peso da munição e da água, correu aos empurrões em direção a Mellas. O coração de Mellas gritou de alegria quando Hawke se jogou no buraco. Os fuzileiros no morro arriscaram a vida para correr até Hawke, rindo, gritando, dando-lhe tapas nas costas.

Então as cargas de morteiros começaram a bombardear o morro novamente.

Durante uma calmaria entre bombardeios, Mellas correu para o outro lado da ZP e pulou no buraco que Hawke cavava para si. Mellas pegou sua Ka-bar e começou a esfaquear o barro duro, ajudando Hawke a cavar,

incapaz de esconder um grande sorriso.

– O que você tá fazendo aqui, porra?

– Fiquei entediado.

– Ah, tô achando que você ficou sentimental.

– Então, sou um entediado sentimental – Hawke rosnou e jogou outra pá de barro para fora do buraco.

Mais uma vez ouviram o som dos tubos de morteiros. Abaixaram-se quanto puderam no buraco raso. As cargas fizeram o chão tremer abaixo deles. A fumaça negra irritava as narinas. As explosões sacudiam os corpos e os olhos doíam por causa das ondas de pressão.

– Porra, que beleza de lugar esse de vocês – Hawke disse. Jogou mais algumas pás de barro para fora, depois acrescentou: – Foda-se. Fundo o bastante – enfiou a pá na terra e se enfiou no buraco.

– Ei, Hawke – Mellas disse. – Tem água? Porra, tô morrendo de sede.

Hawke tirou um cantil da algibeira.

– Pô, que merda – falou. Mostrou o cantil para Mellas. Tinha um pequeno buraco de estilhaço.

– Melhor que um buraco na sua bunda, porra.

– É, mas esse era o cantil com suco de framboesa.

Passou o cantil quase vazio para Mellas, que tomou um longo gole, querendo nadar naquela doçura azeda. Finalmente parou de beber, sorrindo, com um suspiro de contentamento.

– Sempre fui fã de suco de limão, mas de framboesa dá pro gasto.

– Bem, suco de limão é muito difícil de achar nesta época do ano – Hawke disse.

Outra explosão atingiu o solo, a apenas cinco metros do buraco, seguida de quatro outras. Mellas sentiu como se estivesse em um saco preto pesado, sendo espancado com porretes invisíveis. A fumaça substituiu o oxigênio. Não conseguiam falar. Resistiram.

Então as explosões passaram para outra parte do morro. Hawke tirou calmamente sua caneca de lata e um pequeno pedaço de C-4 e começou a fazer café. Olhou para Mellas, que o observava atentamente.

– É a fonte inesgotável de tudo que é bom e a cura de todos os males – Hawke disse. Acendeu o pedaço de C-4 e ferveu a água. Quando o café

ficou pronto, deu a caneca para Mellas.

Mellas tomou um gole. Depois, fechou os olhos e tomou outro. Suspirou e passou a caneca de café fumegante para Hawke.

– Quando a Delta vai chegar aqui para nos substituir? – Mellas perguntou.

– Porra, não faço a mínima ideia. Eu tenho cara de...

– Vidente? – Mellas completou. – Não, mas você deveria ser o terceiro em comando do Zulu, seja lá o que isso for, porra.

– Não é nada. E se eu fosse a Companhia Delta, putz, nunca viria pra cá.

– Você veio – Mellas disse, sério, de repente.

Uma breve pausa de Hawke reconheceu o agradecimento de Mellas.

– É – reconheceu em voz baixa –, mas eu sou louco. Porra, eu não aguentava mais.

– É tão ruim assim, é? – Mellas perguntou.

– Ah, porra – Hawke disse. – Sei lá. Um político nato como você poderia até gostar de estar lá – tentou sorrir.

– Seria melhor que corcovar – Mellas assumiu. – Estou aqui com o saco congelando nessa porra de mato e morrendo de sede debaixo de uma monção.

Hawke olhou para o céu.

– Big John Three e Big John Six estão dizendo que vocês largaram as mochilas. Por isso estão com frio, sem água e comida. Depois, vocês dormiram nas linhas ontem à noite.

– Eles estão falando sério? – Mellas disse devagar.

– Infelizmente. Simpson falava de substituir Fitch de novo.

Mellas levantou e gritou:

– Porra, qual é a dele, caralho? Qual é a de todo mundo, porra? Por uma semana, a gente só lutou, sem dormir, sem comida, sem água, e aquele babaca do caralho *acha* que a gente tava dormindo. A gente é que devia estar louco, não aquele bêbado filho da puta – uma carga explodiu, mas Mellas não se importava mais se o atingiriam.

– Porra, senta antes que acabe levando uma bomba na fuça – Hawke mandou, puxando Mellas pela calça.

Mellas se sentou. Queria bater em alguém.

– Porra, é uma mentira deslavada. O nosso PE levou o primeiro bombardeio, como diz nos relatórios. Ninguém estava dormindo. Porra, eu garanto.

– Vocês tiveram mais baixas no geral do que mortes confirmadas.

– O que ele quer que a gente faça? Que envie mais um esquadrão ou dois e deixe eles morrerem contando viets mortos, pra contrabalançar as merdas de relatórios para a divisão?

– Eu não sei o que ele quer, Mel. Só sei o que ele disse – Hawke estava brincando com um graveto e fez uma pausa pra mexer na lama. – Você tá bem? – perguntou. – Digo, pessoalmente?

– Tô – Mellas respondeu. – Tenho uns pedaços de metal na bunda e nas mãos, mas não dá pra distinguir da sujeira.

– Não tô falando disso. Tô falando do Bass, do Janco e todos os outros.

– Vou superar – Mellas desviou o olhar de Hawke, olhando para o céu vazio e agora quase escurecido.

– Duvido.

– Porra, como você sabe?

– Apenas sei – concluiu.

– Como está o Mallory? – Mellas perguntou, mudando de assunto.

– Se gabando por aí. Esperando pela corte marcial. Esperando para ir ao dentista. Isso vai demorar, pelo menos, uns seis meses.

– Quanto tempo ele ficou na prisão?

– Eu tirei ele de lá umas três horas depois que você partiu – Hawke acrescentou.

– Obrigado.

– De nada. Só espero que você tenha de dar testemunho sobre o caráter dele, não eu.

– Você teve algum problema?

– Eu só disse pro novato de guarda que estava assumindo o controle da situação. Blakely ficou puto da vida dizendo que eu agi pelas costas dele, estragando a reputação dele e do Cassidy, que o Corpo de Fuzileiros isso, a justiça militar aquilo, você sabe. Depois, ele foi para o bar.

Os dois riram. Mellas se lembrou de ter visto Hawke, com as botas

brilhando e um caderno na mão, tentando causar uma boa impressão nos informes do batalhão. Olhou para a lama no chão.

– Hawke, eu sei que não foi fácil. Obrigado. Ele não é um cara que se deve levar na brincadeira – depois sorriu. – Especialmente desde que você virou um perpétuo.

– Da próxima vez, porra, se vira com os seus resgates, só digo isso – Hawke disse, um pouco rispidamente.

– Eles vão fazer um julgamento severo contra ele? – Mellas perguntou. Estava tentando entender por que Hawke estava com raiva.

– Porra, ele apontou uma pistola para um oficial da marinha que estava gritando como um louco.

– A pistola tava vazia.

– Era uma pistola mesmo assim, porra – Hawke salientou. – Você já está aqui há muito tempo. Pessoas normais pensam que pistolas são perigosas. Elas não param para olhar se tem um cartucho nela ou não e depois rir da brincadeira. O doutor está puto da vida e quer acabar com o Mallory. E vai conseguir. Por muitos anos.

– Talvez o Mallory estivesse aqui por muito tempo também – Mellas revidou. – Porra, os médicos da Marinha é que continuavam mandando ele de volta.

– Não quero falar sobre o Mallory, porra – Hawke reagiu.

Ouviram os tubos de morteiro disparando de longe.

– Nem precisa mais – Mellas disse, e se jogou no canto do buraco, esperando mais explosões. Foram tão próximas que os seus ouvidos zumbiram, e Hawke ficou olhando para o outro lado do buraco, com sangue escorrendo do nariz e a boca aberta. Olharam-se por um momento, sem dizer nada. Então, Mellas pegou um caderno e começou a fazer uma lista de provisões para o próximo helicóptero.

– Mellas, dá um tempo aí.

Mellas olhou para cima, esforçando-se para ouvir o que Hawke estava dizendo, por conta do zumbido nos ouvidos.

– Porra, não gostei de você me chamar de perpétuo.

As palavras de Hawke caíram no estômago de Mellas como um grande peso.

– Eu tava só brincando – Mellas disse.

– Não gostei mesmo, caralho – Hawke repetiu.

– Desculpa – Mellas disse. – Não era minha intenção. É só o meu sarcasmo de sempre – ficou pensando em como poderia fazer as pazes com Hawke, mas as palavras tinham sido ditas. Mellas poderia apenas ser perdoado. – Às vezes, a minha boca anda mais rápido que o meu cérebro – acrescentou, desconcentrado.

– Mais rápido que o seu coração, Mellas – Hawke disse. Ainda estava obviamente com raiva. – Porra, o que você acha que um perpétuo é? Você acha que é o mesmo cara que esses garotos acham que é? É muito fácil pra caras como você. Você vai voltar pra casa e ser o superior dos perpétuos pelo resto da sua vida. O que um cara como você tá fazendo aqui, afinal? Dando uma de liberal? Porra, esses *perpétuos* não têm para onde ir, como você tem. Nem os novatos. Para a maioria, só existe isso aqui. É o topo do morro deles. E gente como você passa por cima e caga em tudo. Babacas superiores do caralho.

– Eu não tinha intenção de rebaixar ninguém – Mellas resmungou.

– Só não rebaixa os caras bons como Murphy e Cassidy. Você vai estudar Direito. Porra, o que você acha que o Cassidy vai fazer? Aqui ele vale alguma coisa. E você caga em cima.

O próprio Mellas estava começando a perder a calma.

– Você quer que eu faça o quê, sinta pena dele? Se for assim, acho que tenho que sentir pena do coronel e do Blakely também.

– Olha, o coronel é um babaca. O Blakely é um babaca. Tudo bem. Concordo. Só estou dizendo, Mellas... Você já pensou *por que* eles são babacas? Você acha que eles gostam de passar cada minuto das suas insignificantes vidas se preocupando se alguém vai cagar neles porque uma das companhias deles não chegou a tempo num determinado local? Não estou dizendo pra esquecer que eles são babacas. Só estou dizendo para você, quando chamar alguém de algo, ter um pouco de compaixão. Pode rotular eles o quanto quiser, mas quem eles são e quem você é tem a ver mais com o acaso do que com qualquer outra coisa.

Mellas e Hawke estavam ambos olhando para o barro, incapazes de se encarar.

– Acho que eu esqueço qual é meu devido lugar, às vezes – Mellas disse por fim, dando um sorriso vacilante.

Hawke sorriu também.

– Porra. Fez um bom sermão virar uma piada, Mellas – enfiou as mãos debaixo da japona e olhou para ele. – Cara, você tem tudo que eu queria. Só me deixa com inveja quando age como se não desse a mínima para isso.

– *Eu* tenho tudo que *você* queria ter? – Mellas soltou uma risada que era metade grito de dor. – Hawke, eu não tenho *nada*. Porra nenhuma.

– Você tem cérebro, você sabe para onde vai e como chegar lá. Você acha que isso não é nada?

– Uma hora você me faz sentir um lixo por ser insensível, e agora tá me dizendo que eu tenho talento e que você me inveja.

– Porra, eu nunca disse que você é perfeito.

Por cima dos risos, ouviram os sons distantes de tubos de morteiros. Agacharam-se e esperaram. Mellas contava os segundos para ver se o tempo de voo era o mesmo do último bombardeio. Era diferente. As cargas caíram perto do topo da ZP, causando apenas um leve baque.

– Hawke – Mellas falou em voz baixa –, você sabe que nós podemos morrer amanhã.

– Porra – Hawke disse. – Hoje à noite – depois sorriu. – Você não vai morrer, Mellas. Você vai longe.

Naquela noite, o cerco foi suspenso. Mas não houve tropéis estrondosos, espadas brilhantes, nem toques de corneta. O ar simplesmente atingiu certa temperatura, e a umidade e a neblina desapareceram. Matterhorn surgiu diante deles, de uma cor verde-escuro na luz que se dissipava. Os garotos saltaram dos buracos e gritaram de alegria. O ENV logo os empurrou de volta com morteiros e armas, mas tudo mudou. Os helicópteros agora podiam voar.

E voaram. Eles vieram em meio ao fogo de armas automáticas e das cargas de morteiros que explodiam. Os substitutos pálidos corriam para os buracos mais próximos, tropeçando sob as cargas de munição extra, fluido intravenoso, água e comida. Os paramédicos e amigos dos feridos corriam

na direção oposta, se abaixando para dentro e saltando para fora das fuselagens que tremiam, empilhando corpos vivos, correndo para um abrigo de uma metralhadora do ENV que surgiu na ladeira ao norte e estava sistematicamente costurando a zona de pouso com balas. Então os pilotos empurravam os aceleradores, e os helicópteros decolavam e desapareciam em uma curva, levando os felizes feridos com eles, incluindo um Kendall triunfante e sorridente.

Pouco antes de anoitecer, um único pelotão da Companhia Delta chegou e tomou posição entre os pelotões de Mellas e de Goodwin. Naquela noite, enquanto o fogo da artilharia americana destroçava Matterhorn e Daniels pedia para baixarem uma barreira de fogo a fim de proteger os pelotões da Companhia Bravo e a Delta, criando uma armadura de fumaça, os garotos bebiam suco de frutas e comiam ração C. De vez em quando, jogavam bolas de barro uns nos outros de alegria. Até onde eles sabiam, tinha acabado.

Para o general Neitzel, porém, não tinha acabado, e o tempo estava esgotando. Falou com o coronel Mulvaney na Base Vandegrift pelo rádio e insistiu que se deslocasse ainda mais rapidamente.

Mulvaney, porém, sabia que a janela de oportunidade estava se fechando. O comando do ENV devia ter reconhecido sua própria vulnerabilidade agora, e o regimento dos viets estava provavelmente indo em direção ao Laos o mais rápido possível. A oração de Neitzel para que o tempo continuasse ruim e lhe desse mais um dia não fora ouvida. A neblina se dissipou cedo demais. Mulvaney riu baixinho. Muitos daqueles garotos na Companhia Bravo estavam rezando contra Neitzel, ele pensou com orgulho. Não, o ENV perceberia a vantagem perdida e se dispersaria para se reagrupar no Laos, como sempre. Eles poderiam esperar durante anos se fosse necessário. Havia sido arriscado desde o início. "Arriscar", o general tinha dito, esperando que a Bravo deixasse tudo devagar o bastante para conseguir engajar todo o Vigésimo Quarto Regimento. Seria uma batalha e tanto. Mas com os helicópteros encalhados, os fuzileiros não podiam se deslocar rapidamente.

O ENV estava deixando uma retaguarda em Matterhorn para manter sua superioridade enquanto recuava, mas, fora isso, a parte da operação ao norte tinha terminado. Com o seu flanco do norte exposto, as duas unidades que se deslocavam para o sul pelos vales Da Krong e Au Shau teriam de ser mandadas de volta. Não havia necessidade de apressar as coisas quando o tempo estava do seu lado, Mulvaney refletiu. Este era o problema: o ENV tinha todo o tempo do mundo; os americanos tinham até a próxima eleição. Ainda assim, foi preciso apenas metade de uma companhia de fuzileiros para foder com um ataque dos grandes. Já que a divisão inteira tinha sido envolvida, todas as baixas e mortes na Companhia Bravo seriam comparadas a uma divisão completa, e o informe do dia diria apenas "leves baixas". A ação nem chegaria aos jornais. Frustrar uma das maiores ofensivas do inimigo *antes* que ele atacasse simplesmente não era digno de se noticiar. Os repórteres queriam saber de histórias quentes e prêmios Pulitzer, nada disso seria resultado de batalhas com pequenas baixas. Baixas numerosas rendiam reportagens quentes e justificavam a política antimilitar. Com o tempo, constantes más notícias desencorajariam qualquer população civil, e os americanos eram as pessoas com menor tolerância para más notícias de todo o planeta. Mulvaney grunhiu. Tinha que dar o braço a torcer para os viets. Eles fazem a gente andar para lá e para cá, pensou.

Saiu para jantar, sabendo que teria muitas retratações pela manhã. Neitzel seria pego de calças arriadas diante de toda a província Quang Tri e não teria nenhuma merda de resultado para mostrar. Mulvaney riu de novo. Ele provavelmente também teria de fazer algumas retratações rápidas.

Na barraca do tenente coronel Simpson, ninguém queria rir. Tanto Simpson quanto Blakely sentiam a oportunidade lhes escapar pelos dedos como areia.

– Hawke estava certo – Simpson rosnou. – O lugar certo é na porra do mato, não sentado aqui mexendo essa merda de artilharia pra lá e pra cá. Hawke estava certo, indo lá pra cima.

– Acho que ele deveria levar uma advertência por abandonar o posto de

dever, ou até ir pra corte marcial – Blakely disse em voz baixa, mas com firmeza.

– Você é uma velha, Blakely – Simpson constatou. Serviu mais um copo de uísque e o virou rapidamente. – Eu digo pra gente mudar o nosso PdeC para o Morro do Helicóptero. Supervisionar a operação bem lá do meio.

Blakely pensou imediatamente na impressão que isso causaria em um conselho de recompensas. Descartou a ideia por achá-la tolice, depois reconsiderou. Ele sabia, mesmo que o velho escroto não soubesse, que o *show* tinha praticamente acabado. Com uma grande chance de apoio aéreo de asa fixa, a rota de fuga para a DMZ bloqueada, dois batalhões de fuzileiros se deslocando do sul e do leste e uma companhia reforçada parada bem em cima da linha de reabastecimento do ENV, os nagúlios recuariam para o Laos. Os viets não eram idiotas – pelo menos os do norte não eram. Mas eles provavelmente defenderiam Matterhorn para cobrir sua retirada. Havia algo de valor a ser tirado dessa situação.

– Talvez você tenha razão, senhor – Blakely reconheceu.

– Claro que tenho, porra – Simpson afirmou, enchendo outro copo de uísque. Ofereceu a garrafa para Blakely.

Blakely olhava para seu copo vazio, não para a garrafa, e pensava rapidamente. Começou a falar, ainda olhando para o corpo.

– Dadas as baixas da Companhia Bravo – disse cuidadosamente, preparando seu argumento –, a baixa proporção de mortes inimigas, dormindo em serviço – a lista continuava –, seria quase decisivo que um bom comandante de batalhão assumisse pessoalmente a liderança de uma situação tão caoticamente fora de controle como esta.

Simpson olhou para Blakely, que ainda segurava a garrafa de uísque para ele. Então, tirou a mão vagarosamente.

Blakely deixou-o pensar.

– Major Blakely – Simpson disse, depois de um longo silêncio. – Quero o grupo do PdeC pronto para se deslocar para a posição da Companhia Bravo hoje à noite.

– Hoje à noite, senhor?

– Você me ouviu muito bem. Hoje à noite. Mande Stevens ajeitar uma iluminação espalhafatosa e diga a Bainford que só precisaremos de um

helicóptero – tocou o gargalo da garrafa como se fosse um talismã. – E eu quero um ataque preparado contra Matterhorn ao amanhecer.

– Um ataque por quem, senhor?

– Pela Companhia Bravo. Eles precisam lavar sua honra e recuperar seu orgulho.

O grupo de PdeC do batalhão chegou ao morro por volta das dez horas da noite. Ocuparam imediatamente o bunker de Fitch, movendo-o e ao seu grupo de PdeC para um buraco aberto, perto da ZP.

Por volta das onze horas, Mellas liderou uma patrulha. Deslocou o esquadrão vagarosa e silenciosamente até sentir que estava perto do posicionamento do inimigo. Chamou uma ronda de iluminação. Na luz esverdeada oscilante, ele viu a linha de buracos abandonados que o inimigo cavara ao redor do Morro do Helicóptero. O ENV, provavelmente, tinha recuado para os bunkers em Matterhorn assim que o tempo abrira, sabendo que os caças estavam chegando.

Mellas estava de volta à uma hora da manhã.

– Eles di-diram e nós vamos sair daqui amanhã – disse para Fitch e Goodwin. Goodwin sorriu. Fitch, no entanto, permaneceu caladão. Tinha acabado de se arrastar para fora do seu velho bunker, agora ocupado por Blakely e Simpson.

– Qual é o problema? – Mellas perguntou quando percebeu o humor de Fitch. – Aqueles babacas não te substituíram, né? – de repente, ficou com medo de que seu amigo fosse embora. – Hawke me contou a história das mochilas...

Fitch balançou a cabeça.

– Quem dera fosse isso – Goodwin e Mellas se olharam, confusos. Fitch disse em um tom desesperado: – Nós recebemos ordens para atacar Matterhorn. Ataque à luz do dia, ao amanhecer.

Mellas, apreensivo, respirou fundo.

– Nós não podemos levar nossos caras lá pra cima de novo – sussurrou. Goodwin se levantou, formando uma silhueta contra a luz fraca do céu noturno. Olhava na direção de Matterhorn, mesmo que não pudesse ver

nada.

– O coronel diz que perdemos nosso orgulho quando fomos expulsos daquele morro – Fitch disse – e agora vamos tomar ele de volta – estava tremendo de novo.

– Ele está louco – Mellas protestou. – Nós ainda estamos muito abaixo das nossas forças, mesmo contando com os novos garotos.

Fitch tentou pensar em algo para dizer aos dois tenentes.

– Prometeram nos dar apoio aéreo de asa fixa.

Mellas e Goodwin apenas olharam para ele.

Tentou de novo.

– Talvez não seja uma loucura. Digo, para manter a iniciativa, alguém tem de se deslocar para a posição de ataque no escuro. O resto da Delta não está aqui ainda. Então, é com a gente.

– Ah, vai se foder com essa merda, Fitch – Mellas disse. – O único motivo pelo qual eles não podem esperar mais um dia é porque estão com medo dos viets irem, porra – encheu os pulmões de ar frio e úmido e depois soltou, tentando controlar a raiva. – Eles que vão se foder com essa porra de contagem de corpos. Já contei corpos demais.

Goodwin apoiou Mellas.

– Os nossos rapazes já passaram por muita merda pra serem mortos por um louco do caralho – esfregou as mãos nas calças ensanguentadas. Ele tinha sido atingido por um estilhaço naquela manhã, mas não disse nada. – Escuta – acrescentou –, isso não é piada. Eu sei que gosto de brincar, mas isso é sério – fez uma pausa para ter certeza de que Fitch e Mellas entendiam que ele não estava brincando. – Eu acho que a gente devia matar os filhos da puta. Esperamos o inferno começar e daí jogamos umas granadas no bunker. Os dois podem morrer como heróis. Eu mesmo vou recomendá-los.

– Eu ajudo – Mellas disse.

Fitch balançou a cabeça.

– Você sabe que não posso deixar você fazer isso, Cicatriz. É assassinato.

– Assassinato – Cicatriz disse amargamente. Apontou o braço para o morro e os restos. – Qual é a diferença?

Fitch, repentinamente estupefato, escondeu o rosto nas mãos e se dobrou quase totalmente sobre o mapa diante dele.

– Não sei qual é a diferença – resmungou. – Apenas não me incomode com isso, porra – suas mãos estavam tremendo de novo.

Após um momento de silêncio, Mellas disse, para ninguém em particular:

– Nós podemos botar a culpa da guerra nas ordens, o que quer dizer que podemos culpar outra pessoa. Mas você tem que assumir a responsabilidade pessoal por um assassinato.

– Eu não sei o que você tá falando, Mellas – Goodwin disse.

– Eu também não sabia, até uns dias atrás – Mellas respondeu. Pensou em Pollini e no soldado morto acima do seu buraco, ambos mortos – ou assassinados – por suas próprias mãos.

Fitch levantou a cabeça.

– Não tem outro jeito de fazer isso, a não ser que vocês queiram iniciar um motim – afirmou. – Eu é que não vou fazer isso. Quando eu sair daqui, quero foder até não pensar mais. Não quero ir pra cadeia.

Mellas beliscou os calos na mão. Chutou o barro de leve e suspirou. Sabia que Fitch estava certo.

– Tá bom – disse –, vamos ver que tipo de plano maluco você inventa dessa vez, Jim – ele e Fitch se olharam e começaram a rir.

Goodwin balançou a cabeça e depois se juntou aos dois.

– Porra, não vai ser o funil voador agora, meu.

Mais uma vez, examinaram em detalhes as opções adversas. Por volta das três da manhã, chegaram a um plano. Goodwin subiria até o lado leste, mais estreito, com o Segundo Pelotão. Mellas, com um pelotão composto da maior parte dos substitutos e dos remanescentes do Primeiro Pelotão, um esquadrão do Terceiro Pelotão e o esquadrão de morteiros, que agora estava equipado só com rifles, ocuparia a ladeira sul, mais ampla. Todos atacariam juntos e a encosta ao sudeste do morro os defenderia dos tiros uns dos outros. Connolly levaria os fuzileiros restantes do pelotão de Kendall, agora não muito maior que um esquadrão, e seis dos substitutos

para ocupar a ladeira ao norte. Isso serviria para pôr fim aos franco-atiradores que tinham enfrentado no ataque anterior e, especialmente, a metralhadora que tinha entregado a posição para atirar nos helicópteros. A traseira do pelotão de Goodwin estaria exposta ao fogo da metralhadora. Cortell tomaria o comando do esquadrão de Connolly. Fitch e o grupo PdeC da companhia ficariam entre os pelotões de Mellas e Goodwin e avançariam atrás deles para que Fitch tivesse ao menos uma chance de ver o que estava acontecendo. A Companhia Delta chegaria voando para proteger o grupo PdeC do batalhão e estabelecer uma base de fogo. O Terceiro Esquadrão do Primeiro Pelotão, agora sob o comando de Hamilton, juntamente com Toupeira e o metralhador assistente, ia dar uma volta a oeste e matar os soldados do ENV que corressem do morro, ou evitar que reforços chegassem se o ataque encalhasse.

Mellas fez de Jacobs seu sargento de pelotão e deu o esquadrão de Jacobs para Robertson, que tinha sido o líder da primeira equipe de artilharia. Reuniu todos os líderes de esquadrões e repetiu o plano para eles. Julgou que seria melhor manter os esquadrões intactos, mesmo que todos estivessem com mais ou menos a metade do seu tamanho original. Isso, porém, deu a ele e Jacobs cinco esquadrões para controlar em vez de três.

Connolly engoliu em seco ao receber a responsabilidade pelo que restava do Terceiro Pelotão e a tarefa de atacar a metralhadora na ladeira. Por um momento, arrependeu-se de ter sido um bom líder de esquadrão. Queria que Vancouver ainda estivesse com ele para ajudar. Queria não ter tantos garotos novatos. Queria estar em casa.

Mellas notou a reação.

– Connolly, eu sei que você consegue. Do contrário, não teria dado essa missão pra você.

Connolly parou de engolir em seco, mas Cortell resolveu falar depois que Mellas terminou o informe.

– Eu não vou – disse. – Não vou tomar o comando do esquadrão do Connolly.

Todos olharam para ele em silêncio.

– Podem me chamar de babaca covarde, mas eu não vou subir num morro porque um branquelo louco quer virar general com a minha carcaça preta. Eu não vou, cara, e não serei o único.

Ninguém o culpou. Ele tinha sido ferido na cabeça e poderia ter entrado no helicóptero que trouxe o grupo PdeC do batalhão naquela tarde, mas decidiu ficar.

– Ok, Cortell – Mellas disse. – Quem você quer que fique com o esquadrão?

Cortell esperava uma reação diferente. Surpreendeu-se. Olhou ao redor. Ninguém falou nada.

– Rider – revelou, por fim.

– Vai lá chamar ele.

Cortell hesitou. Depois se virou com raiva e correu para as linhas.

Mellas sentiu o medo dos que estavam amontoados ao redor dele no escuro.

– Se alguém mais tem uma desculpa pra se livrar do morro, vai em frente – incitou.

Os rapazes arrastaram os pés, olhando para o chão. Jacobs resolveu falar.

– O Je-Jermain tem direito a D&D e o braço dele tá fo-fodido por causa daquela sucata.

– Jake, por favor – Mellas pediu. – Antes que eu seja morto, chama isso de estilhaço, pelo menos uma vez – os outros riram baixo. – Você tem outra pessoa pra cuidar da M-79? – Mellas perguntou.

– Eu mesmo vou carregar – Jacobs respondeu.

– Ok – Mellas olhou para os outros. – Mais alguém?

Ninguém disse nada.

Rider chegou ao grupo rastejando, com cara de preocupado. Seu cabelo estava chamuscado, suas sobrancelhas tinham sido queimadas, e havia pomada em todo o rosto.

– Tenente, ouvi dizer que vamos fazer o ataque amanhã. Cortell disse que todo mundo tá ficando louco e ele vai pedir resgate.

– É isso aí, Rider – Mellas disse.

A espera pelo próximo ataque foi diferente das anteriores. Dessa vez, era como se eles já tivessem jogado fora suas vidas.

Mellas ficava pensando nas garotas que ele queria ter conhecido melhor. Lembrou-se de um baile que fizeram no Boston Rugby Club. Ele tinha ido de Princeton até Boston com dois amigos do time de rúgbi. Ambos tinham namoradas em Radcliffe, uma das quais apresentara Mellas à sua colega de quarto. Eles vestiam *smoking*; as garotas, vestidos longos. Estava nevando, uma neve suave e calma. Depois do baile, todos foram para uma casa no lago e se enroscaram na frente de uma lareira. Os dois outros casais escaparam para os quartos, deixando Mellas sozinho com a garota. Ele percebeu que ela estava com medo de que ele fosse só mais um animal do time de rúgbi. Já Mellas estava com medo de que ela o achasse atrapalhado porque não sabia o que fazer. Ficaram sentados lá, nervosos, sem conseguir sequer falar um com o outro, e desperdiçaram aquele momento precioso.

Mellas queria atravessar o oceano Pacífico e pedir desculpas. Ele não lembrava o nome dela. Ela não sabia que ele estava em um buraco prestes a morrer. A guerra estava desintegrando e fragmentando a sua vida, não havia segundas chances e todas as primeiras haviam sido desperdiçadas. Mellas também se lembrou de Anne chorando. *Ela* é que tinha dado as costas a *ele* em sua última noite juntos. Como é que ela podia estar chorando? Mas agora ele nunca seria capaz de explicar como se sentia, explicar como doeu, descobrir por que ela fez aquilo, pedir desculpas por sua falta de compreensão ou gritar com ela para pedir que ela o compreendesse. Foram rasgados e separados, sem segundas chances.

Lembrou-se de estar rolando morro abaixo com Pollini. Viu nitidamente o buraco na cabeça dele. Então, lembrou-se de Bass talhando seu bastão, Vancouver se apoiando nele e Cicatriz no bunker vazio, dizendo: "Os nagúlios foram praquele lado".

Uma hora mais tarde naquela noite, Mellas sussurrou: "Tudo bem?". Ele se referia a Bass, Vancouver e Pollini. Jackson achou que Mellas estivesse falando com ele e respondeu que sim. Mellas ficou pensando por que Jackson dissera aquilo.

O rádio sussurrou com o som de Goodwin inspecionando um PE.

Mesmo antes de um ataque, as maçantes tarefas da guerra continuavam ininterruptamente.

A neblina pairava, grossa e pesada, enquanto os garotos formavam uma fila única no lado sul do Morro do Helicóptero. Mellas tinha a sensação de que as nuvens acima dele eram lajes de ardósia. Os garotos estavam fatigados e desesperados diante do absurdo de tudo aquilo. Mesmo assim, checavam a munição e testavam as travas, preparando-se para participar da loucura. Era como se os veteranos da companhia, sucumbindo a essa loucura, tivessem decidido cometer suicídio. Mellas, doente de cansaço, agora sabia por que alguns homens se jogavam em cima de granadas.

Revistou seu pelotão em silêncio. Muitos dos garotos eram estranhos para ele, mas alguns eram amigos e outros, conhecidos. Ele puxava o cantil frouxo de alguém, ou uma granada que estava colocada desatentamente, passando pela rotina da inspeção como uma mãe arruma os filhos antes de irem para a escola.

Mellas ouviu alguém correndo morro abaixo em direção a eles. Uma figura fantasmagórica apareceu na neblina escura, uma M-16 no ombro, bandoleiras cheias de cartuchos em volta da japona.

– E aí, Mel – Hawke disse –, cadê o meu pelotão, porra?

Mellas conseguiu apenas balançar a cabeça. Estava sem palavras. Por fim, disse:

– Pega o Terceiro, Hawke, com o Connolly. Não é muito mais que um esquadrão. A ideia é conter o fogo dos franco-atiradores na traseira do Cicatriz, vindo da ladeira ao nordeste. Tem uma metralhadora lá – tirou da mochila o mapa e a lanterna com lentes vermelhas. – Acho que é bem aqui – disse, apontando o lugar que calculou. – Vocês provavelmente vão ter que desbravar alguns bunkers – olhou para os intensos olhos negros de Hawke. – Obrigado por ter vindo, Jayhawk. Porra, espero que você não acabe morto.

– Por que você acha que eu vou com o pelotão que não vai subir o morro, porra? – Hawke se virou e passou pela fila dos rapazes, fazendo com os dedos o sinal do poder do gavião.

– Ei, tenente Jayhawk, você vai levar um tiro na fuça – alguém falou.

– Só se esses viets de merda inventaram uma bala que atira debaixo da

terra.

Hawke fez os garotos morrerem de rir.

A voz de Pallack surgiu nos PRC-25.

– Ok, Bravo One, Two, Three. Hora de botar pra foder.

A companhia entrou na selva densa enquanto a artilharia gritava acima deles e explodia contra Matterhorn, fazendo o chão tremer. A luz das cargas explosivas era refletida e suavizada pela neblina e chegava aos olhos em vislumbres pálidos.

Passaram por Cortell e Jermain, o operador da M-79 de Jacobs, sentados em um tronco olhando para eles.

– Boa sorte, rapaziada – Cortell disse sinceramente. Jacobs agradeceu. Alguns outros também. Ninguém estava com raiva deles. Jermain via os amigos passando e balançava a cabeça em silêncio, como se dissesse: "Eu não vou. Não desta vez. Desta vez é loucura".

Jermain e Cortell observaram o último homem desaparecer. Não disseram nada por no mínimo três minutos. Então, Jermain falou:

– Pô, tô me sentindo um merda.

– Eu também – Cortell concordou. Houve outro momento de silêncio.

– Você acha que vamos pro céu quando morrer? – Jermain perguntou.

– Eu não acho nada. Eu *acredito* que Jesus cuidará de nós quando a gente morrer – Cortell olhou para Jermain. – Acreditar não é achar.

Jermain pensou sobre isso por um momento.

– E se você estiver errado?

Cortell riu.

– E se *você* estiver errado? Cê andou pior que eu a vida toda. Eu tenho uma aposta segura, você não.

– Eu não disse que não acredito.

– Não, mas cê tá sendo imparcial, e não escolhendo. Jesus não te quer imparcial. Cê não vai a lugar nenhum se não escolher.

– Eu não quero ir pra lugar nenhum, só voltar pra casa.

– É, eu te entendo – Cortell disse. Ficou em silêncio por um momento. E acrescentou: – Todo mundo pensa que é fácil pra mim. Eu sô esse

rapazinho bonzinho da igreja do Mississippi, com minha mãezinha boazinha que vai na igreja, e já que eu sô esse preto caipira burro com muita fé, eu não tenho problemas, né. Bom, não é bem assim – fez uma pausa. Jermain não disse nada. – Eu vi meu amigo Williams ser comido por um tigre – Cortell continuou. – Vi meu amigo Broyer ter a fuça arrancada por uma mina. O que cê acha que eu faço a noite toda, fico ajoelhado dando graças ao Bom Jesus? Levanto minhas mãos para o céu e grito aleluia? Quer saber o que eu faço? Quer saber? Eu perco a fé – a garganta de Cortell apertou-se de repente, e as palavras ficaram estranguladas. – Eu perco a fé – respirou profundamente, tentando recuperar o controle. Exalou e continuou em voz baixa, sob controle de novo. – Fico lá sentado e não vejo esperança nenhuma. Nenhuma – Cortell estava se lembrando dos amigos mortos. – Aí, o céu fica cinza no leste e sabe o que eu faço? Escolho continuar acreditando mais uma vez. O tempo todo eu sei que Jesus pode ser só um conto de fadas, e eu posso ser só um grande bobo. Eu escolho mesmo assim – afastou-se de suas visões internas e retornou à escuridão do mundo ao seu redor. – Num é fácil, pô.

O pelotão já ia longe na selva quando Mellas viu Jermain, segurando uma M-16, passar correndo por ele. Jermain passou o rifle para Jacobs e pegou de volta seu lança-granadas M-79 e o colete cheio de granadas sem dizer palavra. Jacobs virou-se e riu para Mellas, cujo rosto foi iluminado por uma explosão. Jermain continuou avançando, recusando-se a virar.

– Ei, Jermain – Mellas sussurrou por fim, depois de uma pausa.

Jermain se virou, com um olhar mortificado.

– Não se sinta tão culpado, cara – Mellas disse em voz baixa. – O Cortell também veio?

– Veio. Maluco do caralho começou a rezar e se mandou sem perguntar se eu ia também ou não. Então, me mandei também. Maluco do caralho.

– Você ou ele? – Mellas perguntou.

Jermain riu.

– Porra, vai saber, senhor.

– Bem, estou feliz que vocês vieram. Espero que consigam o D&D.

– Eu também, senhor.

Partiram de novo. Mellas colocou Robertson na patrulha de ponta com Jermain e três garotos novos, sabendo que Roberston e Jermain tinham escalado Sky Cap juntos e eram amigos. Os dois davam conta dos novatos.

Os garotos novos se assustavam com cada barulhinho. A bateria de artilharia ficava mais alta à medida que se aproximavam de Matterhorn. Robertson reduziu o passo, avançando vagarosamente à beira da selva. A fila inteira esperava enquanto o esquadrão de Robertson se arrastava, inspecionando os perigosos campos abertos que a própria Bravo tinha desbravado.

Gradualmente a neblina se tornou cinza com a chegada do amanhecer. Robertson levantou a mão. Virou-se e sussurrou algo que Mellas não conseguiu ouvir sob o rugido da artilharia. Mellas sabia que tinham chegado à extremidade das árvores. Arrastou-se para a frente, agachado. Robertson estava de barriga para baixo, olhando adiante, apenas a um metro do solo devastado.

Diante deles, estava Matterhorn, agora horrendo e árido, embrulhado na doce fumaça nauseante da artilharia. Mellas conseguiu ver apenas as grandes brechas no arame farpado de antes e depois do ataque anterior. Conseguiu ver também os antigos bunkers do Primeiro Pelotão. Deslocou os fuzileiros em uma longa fila de ataque bem na entrada da selva e chamou Goodwin pelo rádio para que se juntassem. Quando Goodwin respondeu que tinha contato com o flanco direito de Mellas, este chamou Fitch. Disse a ele que estava na linha final de partida.

Os garotos estavam deitados no chão, com os rifles na frente, suando. Alguns tomavam goles nervosos de água e suco dos cantis. A artilharia parou. Ouviram o resto da Companhia Delta chegando em helicópteros, sendo recebida com tiros irregulares de rifles. Ainda assim, Mellas estava com medo. Observou o morro ansiosamente. A artilharia e os morteiros tinham sido inúteis contra as posições fortificadas. Muito bem feitos aqueles bunkers, pensou com tristeza. Agora, tudo dependia de saber se as asas fixas poderiam destruí-los com napalm e bombas de cem ou duzentos quilos.

Esperaram. Nada aconteceu. O medo tomou conta de Mellas, e então

ele pegou o rádio.

– Bravo Six, aqui é Bravo Five. Porra, cadê a asa fixa com a Mark 81 snake-eye? Câmbio.

– É para estar a caminho. Estão tendo problemas com o tempo. Não dá pra ver essa porra de morro e estão indo rápido demais pra arriscar um pouso.

– Porra – Jackson sussurrou.

Mellas chamou Hamilton, que tinha prosseguido ao oeste para posicionar o esquadrão e evitar os reforços do ENV ou matar os que saíssem em retirada de Matterhorn. A ida estava terrivelmente lenta.

– Anda rápido, porra – Mellas ordenou furiosamente.

Hamilton acatou a ordem.

Mellas deitara-se perto de Jacobs e Jackson. Estavam esperando. Mellas queria cagar de novo. Suas entranhas pareciam cheias de papel higiênico molhado.

Jackson sentia o peso do rádio pressionando seu peito contra o chão. Isso tornava a respiração desconfortável, mas, ao mesmo tempo, era bom estar tão perto do chão. Um inseto estranho passou sob o seu nariz. Ocorreu a Jackson que, no mundo do inseto, os eventos daquele dia passariam despercebidos. Sua mente se voltou para casa, para sua família, sua vizinhança em Cleveland. Lembrou-se de quando levava o almoço para o pai na Borracharia do Moe, de sua mãe rindo com as clientes enquanto fazia seus penteados no Salão da Billie. Como o inseto, eles também estavam vivendo em um mundo separado.

Mellas falou com Hamilton de novo. Ainda estava a centenas de metros do destino. Mellas irritou-se e deixou isso claro para Hamilton. Falou com Fitch.

– Porra, cadê os nossos aviões?

– Não sei, Five. Desligo – Fitch disse, curto e grosso.

Mellas se arrastou para trás. Jackson o seguiu. Deslocaram-se vagarosamente entre a longa fila de fuzileiros.

– Estamos esperando as bombas – Mellas revelou, enquanto batia nos ombros dos garotos. – Estamos esperando as asas fixas. Eles vão queimar o morro todo com napalm e bombas snake-eye – os garotos ficaram menos

nervosos.

Ele e Jackson chegaram até Cortell, que olhou para Mellas.

– Eu sou doido, tenente. Sou um idiota doido catador de algodão.

– Eu também acho – Rider concordou, sorrindo.

– Ei, cara – Cortell respondeu. – Eu é que penso por aqui. Acho que essa história de ser líder do esquadrão te subiu à cabeça.

Rider sorriu e deu de ombros.

Jackson se ajoelhou ao lado de Cortell, e os dois tocaram os punhos na dança das mãos, olhando-se nos olhos com seriedade.

– Ei, mano, nós tamo num pesadelo mesmo – Jackson falou por fim.

– Confia em Jesus – Cortell disse. Os dois sabiam que essas poderiam ser as últimas palavras que trocariam. – Mas fica com o rifle na lama também, porra – tocaram os punhos de novo e Jackson se virou para seguir Mellas pela fila.

Mellas e Jackson voltaram à sua posição original ao lado de Jacobs. O morro estava mortalmente silencioso. Nem um vento soprava. A fumaça dissipada da artilharia tingia de cinza a lama devastada.

Jacobs abriu um pacote de suco, virou o pó vermelho-escuro na boca e deixou dissolver. Sua boca ficou vermelha na parte onde o pó misturado com o suor se diluiu. Passou o pacote para Jackson, que também tomou um pouco. Os lábios de Jackson ficaram roxos.

O rádio trepidou. "Foxtrot Whiskey chegando. Abaixem as cabeças, porra. Câmbio." A notícia se espalhou pela fila. Então, um grito precipitado lhes encheu os ouvidos, e a massa enorme de um caça de bombardeio Phantom passou tão perto sobre suas cabeças que sentiram a turbulência do rastro. Desapareceu no topo do morro. Enquanto esse som morria, foi sendo substituído pelos estalos de uma única arma automática.

– Por que eles não soltaram nada? – Jake perguntou. Tinha tirado a máquina Instamatic da mochila.

Mellas deu de ombros.

Um segundo jato passou sobre eles. Bombas snake-eye – quatro ovos minúsculos contra o céu cinzento – caíram das asas. De repente, as bombas desabrocharam em grupos de quatro pétalas que desaceleraram a rápida queda, permitindo que o caça voasse em segurança para longe do perigo

antes de cair.

As bombas explodiram no outro lado do morro sem causar danos.

Mellas foi para o rádio instantaneamente.

– Aqueles filhos da puta estúpidos estão bombardeando o lugar errado. Diga pra eles soltarem as bombas de duzentos. Câmbio.

– Entendido, Bravo Five – Fitch respondeu. – Vamos dizer. Desligo.

Outro Phantom passou rugindo. Mellas olhava incrédulo enquanto mais quatro snake-eye flutuavam para longe da vista sem causar dano.

– Porra, chefe, eles estão errando o alvo no morro, caralho! – Mellas gritou.

A voz de Goodwin apareceu no rádio também.

– Por favor, pelo amor de Deus, por favor diz pra eles que eles estão atingindo o alvo errado. Se eles não acertarem aqueles bunkers, nós vamos virar pudim. Câmbio.

Mellas se afundou para trás no chão. Mais uma vez, os caças passaram com um barulho dilacerante. Mais uma vez, desperdiçaram a preciosa carga na selva.

Jake virou-se e olhou para Mellas com os olhos loucos de frustração e medo.

– Porra, o que eu posso fazer? – Mellas quase gritou com ele.

Fitch implorava ao operador de rádio do capitão Bainford. Bainford por fim respondeu ao rádio.

– Estou dizendo que um dos pilotos reportou um alvo secundário. Câmbio.

– Não importa se eles reportaram ter acertado a Fábrica de Munição da Gloriosa Revolução Comunista, vocês estão errando o alvo, porra. Câmbio.

– Olha, Bravo Six, você tem que tentar ver as coisas pela perspectiva deles. Eles estão voando a oitocentos quilômetros por hora e tem neblina. É um trabalho difícil. Câmbio.

– Manda eles atingirem o alvo ou eu vou mandar abrir fogo contra eles, juro por Deus. Câmbio.

– Vou ver o que consigo fazer. Big John One Four, câmbio e desligo.

Um único jato veio a apenas uns trinta metros acima deles. Dois longos cilindros foram lançados. Eram as bombas de napalm.

Os cilindros caíram fora do campo de visão, a oitocentos quilômetros por hora contra o topo do morro, chamuscando a selva em vão com o flamejante produto gelatinoso. Um segundo caça seguiu. Uma das bombas acertou o topo do morro exatamente dentro do círculo de bunkers. A chama alaranjada se misturou com a fumaça negra que se espalhava pela terra negra da ZP de Matterhorn. Mas não havia nada para queimar lá.

Mellas pegou o rádio. Tirou da frequência da companhia. Entrou na frequência do batalhão e começou a gritar.

– Caralho, diz pra esses filhos da puta estúpidos soltarem as bombas da altura de duzentos metros. Repito. Soltem de duzentos metros!

– Bravo Five, aqui é Big John Three. Saia da porra da rede. Estamos controlando a asa fixa. Eles disseram que o último bombardeio pareceu acertar direitinho. Agora, saia da rede. Isto é uma ordem.

– Caralho, eu tô dizendo que eles não conseguem *ver*. Eu tô bem aqui! Eles estão acertando o alvo errado, porra! – Mellas rolou e gemeu de raiva.

Os dois aviões vieram de novo, e mais uma vez o napalm caiu em vão, várias centenas de metros a noroeste do morro. Depois, não vieram mais.

A voz clara de Fitch entrou na rede da companhia.

– É isso. O tempo fechou eles para fora. A gente tinha outro voo na estação, mas Big John disse que não vai conseguir decolar. É muito perigoso nesse tempo.

Houve uma pausa.

– Muito perigoso – Mellas disse para ninguém.

Fitch falou de novo.

– Ok, é isso. Sem mais aéreo. O show acabou. Vamos lá. Câmbio.

– Bravo One, entendido – Mellas disse, passando o rádio para Jackson. Goodwin e Hawke repetiram também.

Mellas levantou-se.

Suas mãos estavam tremendo. O sangue pulsava tão forte na garganta que cada batida do coração doía. Suas coxas pareciam fracas demais para evitar que os joelhos dobrassem. Suas entranhas ainda se mexiam com o desejo de eliminar as fezes aguadas. Deu o sinal e seguiu adiante na nudez da encosta. Os outros andaram com ele, emergindo das árvores em uma única fila trêmula.

18 CAPÍTULO

A longa fila de fuzileiros avançava em silêncio, quebrando-se e se dobrando pelo solo arruinado, oscilando em volta de troncos arrancados e voltando à formação. A respiração tornou-se mais difícil quando subiram a ladeira íngreme.

– Continua andando – Mellas dizia para si mesmo. – Não corre. Continua andando.

Vinte metros. Olhou para trás para ver se havia retardatários. A selva às costas dos fuzileiros já parecia, como sempre, impenetrável. Vinte e cinco metros. Um garoto tropeçou por um momento, atirando-se para a frente. Conseguiu se equilibrar. A fila continuou avançando. Vinte e seis metros. Talvez não houvesse ninguém lá em cima. Trinta metros. Apenas o som da respiração era ouvido enquanto subiam o morro.

Os bunkers pareciam estar a quilômetros de distância.

Mellas escorregou para trás na ladeira, mas conseguiu se equilibrar. Ainda pensava: "Continua andando. Não entra em pânico. Talvez não tenha ninguém lá. Não corre. Guarda a energia pra quando precisar. Talvez não tenha ninguém lá".

A tensão era como um balão a ponto de estourar. A cada passo, mais ar entrava. Até que a borracha torturada estourasse.

Os bunkers piscaram com luzes e o solo ao redor dos fuzileiros pareceu ganhar vida. O ar foi perfurado por balas e pelo som de AK-47, rifles SKS e metralhadoras russas RPD 7,62. Quase imediatamente, Fitch deu o sinal para a Companhia Delta abrir fogo no Morro do Helicóptero. Houve um rugido que parecia entorpecer a mente quando a Delta começou a mandar balas por cima das cabeças dos fuzileiros da Companhia Bravo que avançavam. Mellas ouviu as balas estalando e zunindo por cima de sua

cabeça e as viu acertar ao longo da linha de bunkers. A adrenalina correu por suas veias. Em seguida, ouviu os gritos daqueles que estavam sendo atingidos.

Mellas tentou gritar por cima do rugido: "Vamos, porra! Vamos lá!". Ele se agitou para a frente, Jackson se arrastava à sua esquerda. Uma salva de balas de metralhadora atingiu a lama à frente deles, e ambos mergulharam na terra e se arrastaram para trás de um tronco caído. De canto de olho, Mellas viu Robertson mergulhar para se proteger em uma cratera de explosão. Um dos membros do esquadrão de Robertson, porém, estava caído no chão. Outro fuzileiro agarrou as pernas dele e começou a puxá-lo para um lugar seguro, mas as balas da metralhadora derrubaram o garoto. Ele se encolheu em posição fetal, segurando o abdômen. E permaneceu parado.

Mellas levantou a cabeça por cima do tronco para pular. As balas jogaram lama e fragmentos de pedras na sua cara, estalaram e crepitaram por cima de sua cabeça. Mellas enfiou a cara no chão. Era suicídio ir adiante.

O ataque, mal tendo iniciado, cessou completamente.

Um garoto dos novatos do esquadrão de Robertson saltou do abrigo e tentou alcançar os outros dois caídos na frente dele. Levou uma bala no peito. Jacobs correu até ele, e Mellas gritou chamando um paramédico. O doutor Fredrickson veio correndo pelo espaço aberto e mergulhou atrás do abrigo do tronco enquanto Jacobs trazia o garoto de volta. Toda a sequência de movimentos durou aproximadamente cinco segundos. O garoto que Jacobs puxou estava morto.

Agora havia quatro deles e um corpo amontoados atrás do tronco. Mellas resmungava e rezava em voz alta, embora ninguém pudesse ouvi-lo: seu rosto estava enfiado no chão. "Por que, meu Deus, por que eles não soltaram napalm? Por que não esperaram o tempo abrir para destruir e incendiar o morro, porra? Por que a gente tá fazendo isso agora? Por que ninguém se mexe?"

O ar estava vivo com o barulho, as balas e a loucura. Estavam deitados atrás do tronco havia mais de trinta segundos.

Jermain veio correndo até o grupo atrás do tronco. As balas rasgaram

por cima de sua cabeça. "Não tem espaço pra você, Jermain", Mellas gritou, mas Jermain o ignorou e continuou correndo. Ele se amontoou em cima de Mellas e Jackson, expulsando o ar dos pulmões de Mellas.

"Ele conseguiu", Mellas pensou.

O peito de Jermain estava ofegante e seus olhos corriam de um lado para o outro loucamente. Mas tinha conseguido chegar até lá sem ser atingido. Esse pensamento perturbou a mente de Mellas. Começou a virar o rosto contra o chão de novo, tentando ignorar os tiros e deixar o barulho e a confusão imobilizá-lo, mas Jermain gritou: "Eu sei onde tá a porra da metralhadora, tenente".

Mellas queria gritar com ele: *E daí, porra? Eu não vou subir lá. Não vou lá pra que um coronel ganhe uma medalha, caralho.* Em vez disso, disse: "Então atira no filho da puta", e enfiou a cara na maravilhosa terra.

Jermain rolou de cima das costas de Mellas e Jackson para o outro lado do tronco. Lançou uma granada, depois se abaixou de novo, enquanto a terra na frente do tronco e a vários metros adiante explodia com balas de metralhadora.

Fitch gritava pelo rádio. Jermain levantou-se e soltou mais alguns tiros, depois outros. Mellas não conseguia ouvir o que Fitch estava dizendo por causa do barulho. Tampou um ouvido. A voz de Fitch dizia: "Porra, o que tá acontecendo aí? O Segundo está imobilizado. Não conseguem se deslocar. O Terceiro se chocou com pelo menos cinco posições na ladeira. A frente de todo o morro tá guarnecida de metralhadoras, porra. O que tá acontecendo aí, caralho? Câmbio".

Mellas ofegava. Não sabia como responder. Ouviu um grito agudo e se virou. Jermain, com um tiro no ombro, cambaleou e caiu em cima de Jackson, o sangue correndo sob a japona. Jackson empurrou-o e o sangue respingou em Mellas. Fredrickson estendeu o braço e enfiou um maço de curativo no buraco de saída nas costas de Jermain enquanto Jacobs pegava a M-79 e, enfurecido, começava a atirar contra a metralhadora que Jermain enfrentara.

Mellas olhou para o sangue nos seus braços e mãos e para o rosto contorcido de Jermain. De repente, teve a impressão de flutuar acima deles, observando toda a companhia. Tudo se passava em câmera lenta e silêncio

indistinto.

Jermain provavelmente ia morrer.

Uma explosão na área de Goodwin fez o morro tremer.

Estavam atrás do tronco havia mais de um minuto.

Mellas flutuava bem acima do morro. Viu a fila de fuzileiros se alongando abaixo dele, alguns se contorcendo de dor, alguns caídos e parados. Viu as pessoas que conhecia, ainda vivas, tentando sobreviver, atrás dos troncos, em pequenas fileiras, muitos enfiados bem perto do chão, tentando se fundir com a terra. Observou os bunkers, viu o tiroteio entrelaçado como se fosse um desenho. Viu a metralhadora que Jermain atacara – e entendeu. Sua memória flutuou para uma aula de tática na Academia Naval, em que um major ruivo disse que os oficiais juniores eram na maior parte inúteis porque os cabos e os sargentos podiam dar conta de quase tudo. Mas chegaria um dia em que os oficiais juniores ganhariam cada centavo do salário, e todos saberiam quando esse dia chegasse.

Mellas voltou para o morro. O seu dia chegara.

Viu a fumaça do napalm fumegando. Viu o que abriria a porta para passar entre o tiroteio entrelaçado, e estava bem na frente dele, atirando contra ele.

Mellas pegou o gancho do rádio. "Bravo Six, aqui é Bravo Five. Câmbio." Como se estivesse atrás de si mesmo, Mellas observou-se dizendo calmamente a Fitch qual era a situação. Parecia dizer falas prontas. Não estava mais lá, mas de algum modo dirigia a cena de cima, ou do lado.

Mellas não esperou pela resposta. Passou o receptor para Jackson. Por que Jermain? Por que o único que se ofereceu voluntariamente enquanto os paspalhos ficavam na retaguarda? Por que os amigos dele estavam morrendo? Parecia haver apenas uma saída desse pesadelo: aquela metralhadora.

– Vamos nos armar – Mellas gritou. – Traz uma metralhadora aqui, porra – de algum modo, ele tinha que atrair a atenção da metralhadora.

Um garoto novo correu adiante com uma M-60; um carregador de munição se arrastou atrás dele com as pesadas caixas de aço de cintos de munição. Os olhos do atirador estavam desvairados de medo e dor. Ele tinha levado um tiro na panturrilha esquerda. Mellas conseguiu ver nódoas

de sangue escorrendo da calça ensopada. Ainda assim ele avançou, correndo rápido. Mergulhou em cima de Fredrickson, depois rolou de lado na hora em que o carregador de munição se amontoou em cima deles. Seus olhos eram muito brancos em contraste com o rosto negro. Mellas imaginou que, se esse garoto não estivesse lá, ele provavelmente estaria driblando na quadra de basquete da escola.

– Começa a atirar naquela porra de bunker. Aquele lá bem ali – Mellas gritou, apontando para a frente. – Não dê trégua – o garoto novato fez que sim. Deslocou-se, deixando sangue para trás. Mellas conseguiu ver o sangue jorrando com certo ritmo. "Uma artéria", pensou distraidamente. Talvez o garoto ainda tivesse três ou quatro minutos de consciência.

O garoto posicionou a M-60 contra o tronco, apoiando-a contra o ombro. A metralhadora latiu. Solidificou em metralhadas curtas e disciplinadas para economizar a potência do cano, como cabe a um atirador treinado. Mellas sentiu alívio. Agradeceu em silêncio a algum treinador do Acampamento Pendleton.

O atirador do ENV respondeu. A intensidade do duelo aumentou. O rugido aumentou. Os dois garotos novatos continuaram atirando, com os olhos quase fechados, como se espremer os olhos os protegesse das balas.

Mellas redirecionou o fogo da M-79 de Jake contra um segundo bunker bem à esquerda da metralhadora. A intenção era usar os projéteis para cegar as pessoas dentro do bunker com fumaça e lama.

– Continua atirando na entrada, porra. Não desvia, não importa o que eu fizer – disse. Jacobs fez que sim e carregou outro projétil. Mellas tirou uma granada do suspensório e sussurrou: – Meu Deus, me ajuda agora – sentiu que aquele era possivelmente o último momento da sua vida, ali, atrás de um tronco, e sabia que era indescritivelmente belo. Uma tristeza nostálgica surgiu com o medo e ele olhou mais uma vez para os rostos atentos dos seus camaradas. Molhou os lábios e disse adeus em voz baixa, sem querer sair da segurança do tronco e dos corpos aquecidos.

Então levantou-se e correu.

Correu como nunca fizera antes, sem esperança nem desespero. Correu porque o mundo estava dividido em opostos e o lado dele já tinha sido escolhido, sua única alternativa era interpretar o seu papel com coragem e

ânimo. Correu porque o destino o colocara naquela posição de responsabilidade e ele aceitou o fardo. Correu porque o seu autorrespeito exigia. Correu porque amava seus amigos e essa era a única coisa que podia fazer para acabar com a loucura que estava matando e mutilando todos eles. Correu diretamente em direção ao bunker onde as granadas da M-79 de Jake estavam explodindo. As balas da M-60 espancavam o ar à sua direita, rasgando acima dele, gritando como gatos torturados, estalando como o chicote da morte. Ele correu, sentindo-se tão só e assustado como nunca na vida.

Passou pela grande brecha no arame farpado e continuou. O bunker estava a apenas cinquenta metros acima dele agora. Continuou esperando pela bala que acabaria com a corrida e o deixaria descansar. Ele quase queria essa bala para que não tivesse que continuar com a terrível responsabilidade de viver. Mas correu. Correu em ziguezague. Enredou-se no mato. A respiração saía em arfadas doloridas. Viu um buraco raso logo acima do bunker e à direita. Rezou. Viu a si mesmo se esforçando para subir. Viu a si mesmo de cima, pequeno e insignificante na encosta vasta e terrível, suas pernas tremiam. O buraco parecia aproximar-se dele, cada vez maior. Entrou no buraco e rolou, vislumbrando um movimento de canto de olho. Virou-se para trás, trazendo ao mesmo tempo sua M-16 na mira, e estava a ponto de puxar o gatilho, sabendo que estava tudo acabado. Então o movimento se solidificou em uma pessoa com uma faixa ensanguentada na cabeça. Era Cortell – com três garotos novatos. Eles o tinham seguido.

Mellas levantou-se totalmente, soltando a colher da granada que estava carregando. Avançou contra a porta do bunker, rezando para que Jacobs tivesse o bom-senso de parar de atirar quando o visse se aproximando dela. Mellas alcançou a porta e passou correndo pelo bunker, jogando a granada dentro. Rolou para a direita enquanto Cortell vinha correndo atrás dele, soltando uma granada também. As duas granadas explodiram quase simultaneamente.

Mellas rolou e ficou em pé. Olhou para trás de si, perplexo, e depois com grande alegria. Jackson corria em direção a ele. Atrás de Jackson, estava outra equipe de artilharia. À sua direita, outro grupo atacava o bunker da metralhadora enquanto este ainda estava sob os tiros

disciplinados do atirador novato. Todo o pelotão se apinhava morro acima atrás dele. Ao longe, no flanco direito do ataque, Mellas viu o Segundo Pelotão se arrastando para acompanhar, Goodwin correndo na frente e fazendo sinal para avançar.

O coração de Mellas se inundou diante do milagre.

Agora, as balas dos fuzileiros voavam morro acima e as do ENV, morro abaixo. Eram tão grandes que, a certa altura, Mellas ouviu duas balas colidirem e ricochetearem com um zunido paralelo ao fogo cruzado. O ar estava cheio de rugidos e gritos. Então, à distância na ladeira, Mellas viu, parecendo bonecas de pano, aqueles que não sobreviveram ou sobreviveriam. Alguns se contorciam espasmodicamente. Dois se arrastavam para um abrigo. Outros estavam caídos e parados em posições esquisitas.

Três minutos haviam se passado desde o tiro de abertura.

Visto do Morro do Helicóptero, parecia um ataque clássico. E, de fato, era. Blakely andava para lá e para cá, cheio de entusiasmo. Simpson, com os olhos presos nos binóculos, apertava tanto a mandíbula que os músculos e os tendões do seu pescoço ficavam salientes.

Mellas corria rápido para a direita, gritando à medida que avançava, tentando fazer o seu pelotão avançar em direção ao pelotão de Goodwin. A batalha se desintegrara em atos insanos de indivíduos. Barulho, fumaça, confusão e medo prevaleciam. Mellas deu a volta em um pequeno morro e viu Goodwin a cerca de cem metros de distância, correndo paralelamente ao morro com o receptor do rádio na mão. O operador de rádio corria atrás dele para evitar que o cordão do rádio fosse arrancado.

Jackson passou o receptor para Mellas:

– É o Cicatriz, senhor.

Mellas mal podia entender o que Goodwin dizia por causa do barulho e da respiração ofegante deste.

– Tem uma arma... beira da ZP... fodendo a gente, cara – havia mais

metralhadoras. Mellas viu Goodwin se abaixar e depois se levantar. – Tem que pegar o filho da puta... com granadas – Goodwin gritou. – Não vai naquela direção.

Enquanto Goodwin falava, Mellas viu Robertson aparecer de um buraco e depois desaparecer à beira da ZP. Estava perplexo de vê-lo tão acima dos outros. Goodwin estava se deslocando para cima sob a beira da ZP com outros cinco, cada uma carregando duas granadas. Não conseguiam ver Robertson; não tinham ideia de que ele estava lá. Mellas pegou o receptor. Assim que começou a gritar "Porra, Cicatriz, eu tenho um rapaz lá em cima", Goodwin saiu correndo para longe do rádio. Os cinco fuzileiros foram atrás rapidamente.

Robertson apareceu, correndo pela ZP em direção ao mesmo bunker que o grupo de Goodwin atacava, à vista de todos, exceto para eles. Robertson alcançou o topo do bunker no exato momento em que doze granadas chegaram rolando pela beira do morro. Ele tentou parar bruscamente, agitando os braços no ar. Jogou sua própria granada longe e tentou correr para um lugar seguro. As granadas detonaram-se em uma explosão prolongada, obscurecendo a vista com fumaça.

Mellas, ainda segurando o receptor, fechou os olhos. A fumaça se dissipou devagar. A metralhadora abriu fogo novamente. Mellas ouviu Goodwin xingando no rádio.

De repente, Robertson apareceu de novo. Totalmente sozinho, dentro do círculo de buracos do inimigo, exposto, ele correu de volta para o bunker da metralhadora. Soltou duas granadas dentro, depois ficou em pé calmamente, tirando uma terceira dos suspensórios. Puxou o pino e lançou a granada. Nesse momento, fogo e fumaça irromperam do bunker abaixo dele. Ele se afundou de joelhos, tremendo vagamente, e caiu no chão, desaparecendo de vista.

Mellas sabia que estava morto.

– Robertson pegou o bunker, Cicatriz. Eu vi explodir – falou pelo rádio.

Imediatamente, Goodwin começou a deslocar o pelotão adiante. Então, do Morro do Helicóptero, Mellas percebeu um vago som de aplausos. E isso o deixou cheio de raiva e exaltação. Virou-se para olhar. Os fuzileiros disparavam contra bunkers, tentando atacá-los pelos lados. Os norte-

vietnamitas estavam acabados, mas continuaram atirando contra os fuzileiros dos buracos na beira da ZP.

A fúria de Mellas lhe deu a sagacidade de um animal. Esqueceu tudo que acontecera até aquele momento. Sabia apenas que queria matar. Não importava quem ou o quê.

Gritou com Hamilton no rádio.

– Porra, se mexe, caralho. Esses filhos da puta vão começar a fugir do morro e eu quero eles, porra. Se mexe! Anda! Vai! Eu quero esses viets veados todos mortos. Tá me ouvindo? Câmbio.

– Sim, senhor – a voz de Hamilton retornou em um estalo. Ele estava ofegante.

Mellas se dirigiu aos buracos abertos acima dos bunkers cobertos. Sabia que agora o trabalho seria sujo e metódico. Não haveria mais aplausos. Percebeu como o ENV os odiava e preferia ficar e morrer do que fugir.

Jacobs se juntou a Mellas e Jackson. Seu rosto estava manchado de pólvora negra, lama e suor. Sua máquina Instamatic estava pendurada contra a japona.

Mellas orientava equipes de artilharia e indivíduos, observando cada posição do inimigo ser destruída. Ele se movia cautelosamente, em rápidas investidas, com longas esperas no meio. Jackson e Jacobs seguiam cada um dos seus movimentos.

De repente, um homem apareceu de um buraco acima deles e jogou uma granada. Mellas ficou transfigurado pela visão. O pequeno objeto negro parecia suspenso no ar acima dele.

– Granada! Chi-comm! – Jackson gritou. Mellas viu a granada explodir. Dois pequenos objetos passaram por sua cabeça, um de cada lado. Então, o mundo ficou preto enquanto a explosão o envolvia, empurrando-o para trás, quase arrancando sua cabeça do pescoço. Ele se afundou no chão, entregando-se à escuridão; os sons dos tiros e da confusão rodopiaram para longe. Morrer era um grande alívio. Pela primeira vez, ele se sentiu seguro.

Jackson se arrastou para a frente, a fim de alcançar Mellas, e chamou o

doutor Fredrickson. O rosto de Mellas estava coberto de sangue, de queimaduras de pólvora e de pedaços de metal. Jackson gritou de novo, mas Fredrickson estava longe demais para ouvir, movendo-se entre os corpos deixados para trás na corrida inicial morro acima. Jackson começou a sacudir Mellas.

– Senhor, senhor. Tá tudo bem? – continuou olhando ao redor, esperando ajuda. O rádio reclamava no seu ouvido, mas agora ele ou Jacobs, e não Mellas, tinham que tomar as decisões.

Jacobs se arrastou até Jackson.

– Meu De-deus, e-ele tá bem?

Jackson ainda sacudia Mellas e dizia: "Senhor, senhor". Ele se virou para Jacobs.

– Não sei. Acho que tá morto. Porra.

Jacobs resmungou.

– Porra, o pelotão é seu agora, Jake. O que vamos fazer?

Jacobs não tinha ideia. Uma rajada de rifle mandou balas por cima de sua cabeça. Ele viu Fredrickson correndo até outro corpo mais abaixo. Então, o soldado do ENV no buraco acima deles apareceu de novo e jogou outra granada.

– Chi-comm! – Jacobs gritou. Ele e Jackson agarraram Mellas pelas pernas e saíram correndo morro abaixo, arrastando-o de cara no chão. Enquanto corriam, a granada os seguia inexoravelmente, movendo-se com a gravidade, como se acorrentada a eles. Jackson finalmente percebeu e gritou: "Pare!". Ele e Jacobs frearam. Amontoaram-se em cima do inerte Mellas e o tubo mortal pulou por cima deles. Explodiu meio segundo depois, logo abaixo. Nenhum dos dois foi ferido.

Jacobs virou o rosto de Mellas para cima. Abriu os ponchos deste e colocou o ouvido no peito.

– Não consigo ouvir porra nenhuma. Puta *merda* – Jacobs tirou o capacete de Mellas, pegou o cantil e jogou suco de uva na cara dele, limpando a sujeira. Continuou sacudindo o cantil, esvaziando as últimas gotas nos olhos de Mellas, que estavam totalmente fechados com a pólvora negra, sangue, sujeira e metal.

O mundo ficou mais uma vez negro para Mellas. Ele sentiu o frio pegajoso e o cheiro doce do suco de uva. Havia um som de tiros e gritos ao seu redor na escuridão. Ele sentiu, em vez de ouvir, alguém gritar e sacudir seu poncho e seu capacete. Tentou se mexer. Não conseguia. Tentou mexer os olhos e finalmente conseguiu abrir um. Viu uma luz cinza. O pesadelo continuava. Não conseguia acordar. Queria voltar para o esquecimento. Uma voz gritava, uma voz que era ouvida como se ele estivesse debaixo d'água. Mais uma vez, voltou para a luz cinza. Sabia que tinha algo a ver com aquelas vozes, ou algo a fazer. Conscientizou-se de Jackson deitado em cima dele, protegendo-o dos tiros. Percebeu que a granada estava com defeito, pois partira em duas partes a camada de solda em vez de estilhaçar em pequenos pedaços mortais. Percebeu Jacobs gritando no rádio, deitado de costas ao lado dele e de Jackson, olhando para o céu, provavelmente falando com Fitch.

– Ah porra, chefe, acho que ele virou Coors. Gra-granada. Bem na cara. Não tem paramédico. O que faço? Câmbio.

– Quer sair de cima de mim? – Mellas pediu em voz baixa para Jackson. – Não consigo me mexer, porra.

Jackson rolou de cima dele, enrolando o cordão do rádio em volta do pescoço de Mellas, de modo que o receptor quase escapou da mão de Jake. Isso forçou Jake a olhar para Mellas.

Jake viu Mellas abrir um olho.

– Puta merda, tenente – exclamou aliviado. – Achei que teria de tomar o comando do pelotão.

– Obrigado – Mellas disse. – É bom saber que você sentiria minha falta – o rosto de Mellas parecia cru, como se estivesse em carne viva. Não conseguia abrir o olho direito. Concluiu que o tinha perdido.

Notou o líquido roxo na sua mão enquanto tentava esfregar os olhos.

– Eu já disse que odeio essa porra de suco de uva – reclamou.

Jackson olhava para cima do morro. Seus olhos se arregalaram.

– Ah, não, porra – sussurrou. – Chi-comm!

Uma terceira granada veio pulando morro abaixo. Jackson e Jacobs puxaram Mellas com eles, tropeçando um sobre o outro. Caíram no chão no

momento em que a granada explodiu. Uma concussão repentina os atingiu. Houve uma baforada de fumaça suja, e depois o cheiro.

Começaram a correr de volta para cima do morro. Jackson tirou uma granada e a arremessou como uma bola de basquete, fazendo uma trajetória em arco à beira do cume em frente do buraco. Explodiu.

Aguardaram um momento. A cabeça de Mellas finalmente clareou.

Mais uma vez, um tubo preto veio rolando morro abaixo em resposta, e os três correram para um lugar seguro. Jacobs corria paralelamente ao morro, mas escorregou. Agarrou-se à ladeira íngreme para tentar impedir a queda. A granada escorregava morro abaixo com ele. Jacobs gritou de frustração e terror. Seus dedos agarravam o barro lamacento; suas botas escorregavam na encosta. Seus olhos se arregalaram.

– Não co-consigo parar, porra! – gritou.

A granada explodiu. Mellas e Jackson enfiaram os rostos no chão. Quando se viraram de novo, metade do pescoço de Jacobs estava aberto pelos estilhaços. Correram morro abaixo, agarrando-o pela camisa e pelo cinto, e o arrastaram de lado para uma pequena depressão no solo, esperando que os abrigasse. O sangue jorrava da garganta de Jacobs. Ele tentava estancar com as mãos. Mellas empurrou-as para longe e colocou sua própria mão no buraco longo e estreito, sentindo o sangue quente e pulsante, as pequenas bolhas de ar escapando dos pulmões. Jacobs não conseguia emitir um som sequer. Apenas seus olhos podiam expressar o terror daquele último momento.

Mellas gritou e enfiou seu punho imundo com força contra a artéria carótida, tentando estancar o sangue. Então, a luz se foi dos olhos de Jacobs, e o terror se dissipou. Mellas rolou de cima dele. Olhou para Jackson, perplexo e angustiado. Sangue pingava de sua mão.

– Jake? Jake? – disse, questionando, acusando, lamentando.

Outra chi-comm rolou morro abaixo. Eles se enfiaram no chão e a granada explodiu. Ainda estavam vivos, por nenhum motivo em especial. Jackson subiu o morro gritando, com o rádio pesado nas costas, como se tivesse esquecido o peso. Tinha uma granada na mão direita e um rifle na esquerda. Mellas, com uma clareza súbita, viu uma solução. Um dos dois não deveria se agachar. Correu à esquerda de Jackson, que jogou a granada

com um gemido, xingando, depois se lançou ao chão, esperando a explosão. Mellas não agiu do mesmo modo. Continuou correndo. A granada explodiu. Mellas se sentiu inatingível. Enquanto a fumaça se dissipava, ele se jogou no chão bem na beira do cume. Um jovem soldado norte-vietnamita colocou a cabeça para fora do buraco. Havia outro garoto com ele, mas estava curvado, inerte, contra a parede do fundo do buraco. O jovem soldado do ENV soltou outra granada. Inclinou o braço para jogar. Logo, viu o rosto ensanguentado e enegrecido de Mellas e o rifle apontado diretamente para ele.

Mellas viu a expressão do rosto do jovem mudar de determinação para horror e resignação. Mesmo assim, não puxou o gatilho.

– Não joga essa porra – sussurrou, sabendo que o jovem norte-vietnamita não podia ouvir ou entender. – Só não joga essa porra e eu não vou atirar. Só se entrega.

Mas Mellas viu o ódio preencher o rosto do jovem. Aquele ódio o mantivera dentro do buraco, lutando, para além de qualquer esperança possível de sobreviver. E, mesmo agora, Mellas refletiu, o garoto deve ter pensado que, se não jogasse a granada, ele não atiraria. Mas jogou a granada mesmo assim, com os lábios repuxando dos dentes.

"Vai se foder, então", Mellas pensou amargamente enquanto a granada ia rolando em sua direção. Puxou o gatilho e a M-16 respondeu em automático. As balas rasgaram o peito e o rosto do garoto, abrindo buracos nas costas e na cabeça. Mellas abaixou a cabeça em cima do rifle e gemeu:

– Eu disse pra não jogar, seu babaca do caralho.

A granada explodiu, espalhando estilhaços ao longo do lado esquerdo de Mellas. Ele ainda usava duas japonas, então apenas as nádegas e as pernas foram atingidas pelo metal farpado.

Jackson o encontrou ainda deitado em cima do rifle, alguns segundos depois.

– Tudo bem, tenente?

Mellas fez que sim. Com dor, esforçou-se para se agachar, usando o rifle como apoio. Os fuzileiros estavam se ajuntando sob a beira da zona de pouso. Tudo o que restava eram alguns buracos isolados no topo, onde pequenos grupos de norte-vietnamitas procuraram abrigo.

– Eles tão fugindo! – ouviu alguém gritar. – Eles tão fugindo, porra!

Finalmente.

Ele tinha a sensação de que um prego tinha sido martelado dentro do seu olho. Suas pernas queimavam. Mancou em direção aos dois soldados norte-vietnamitas mortos que tinham jogado granadas neles. Pareciam ter quinze ou dezesseis anos. Cutucou um deles com o rifle e houve um movimento, uma contração muscular. Puxou o gatilho, esquecendo que ainda estava com a M-16 no automático, e disparou três balas na cabeça do garoto antes de parar.

Sua raiva tinha passado, no lugar havia um cansaço inerte e doentio. Mellas agora sabia, com absoluta certeza, que os norte-vietnamitas nunca desistiriam. Eles continuariam a guerra até que fossem aniquilados, e ele não tinha a vontade para fazer o que era preciso. Ficou parado, olhando para a devastação.

Abaixo da encosta oeste, o trabalho de Hamilton estava apenas começando.

– Eles tão fugindo do morro – gritou. – Anda, porra. Vamos lá! – ele e Toupeira surgiram da selva na encosta desmatada. Jogaram-se no chão, e o resto do esquadrão correu para se juntar a eles. Hamilton apontava para um pequeno grupo de figuras que estava fugindo de Matterhorn organizadamente. Toupeira posicionou o bipé da metralhadora no chão. Seu assistente rastejou para o lado dele segurando o longo cinto de balas de cobre brilhoso longe da armação de alimentação. Toupeira começou a atirar. Duas das figuras caíram. As outras se dispersaram.

– Estamos pegando alguns, tenente – Hamilton avisou alegremente no rádio. Ele viu um pequeno montículo logo à frente deles. Deu um tapa no ombro do Toupeira. Seria o lugar perfeito para comandar a ladeira toda. Levantou-se e correu com o rádio nas costas. Toupeira correu atrás dele.

Uma granada impulsionada por foguete saiu rasgando violentamente da selva onde o ENV tinha procurado abrigo. Explodiu na frente de Hamilton, matando-o instantaneamente.

Toupeira gritou o nome de Hamilton. Jogou a arma para o assistente,

agarrou o corpo e o arrastou de volta para a posição segura de antes. O resto do esquadrão o seguiu. Toupeira não ia acabar morto porque um filho da puta resolveu virar sanguinário.

A batalha pela ZP avançou para a fase final. Os declives sul e leste estavam cobertos de fuzileiros matando metodicamente tudo que se mexesse. Fitch e o grupo de PdeC subiam o declive sul. Hawke e Connolly, que tinha capturado a metralhadora do ENV, cobria o declive exposto ao norte, atirando contra o inimigo em retirada com rajadas curtas e precisas. Três grupos do ENV, incapazes de escapar, tinham estabelecido posições nos velhos buracos de artilharia da Bateria do Golfo. Um dos grupos tinha uma metralhadora que mantinha os fuzileiros acuados, cobrindo o topo do morro com tiros.

Mellas falou com Hawke pelo rádio.

– Estou enviando um time de beisebol pelo norte pra pegar aquela porra de metralhadora por trás. Você vai ver o personagem Charlie com uma faixa na cabeça em vez de capacete. Não atira na fuça dele. Câmbio – Mellas olhou para Cortell que acenava com a cabeça, o que fazia a faixa imunda se soltar um pouco.

– Diz pra ele soltar uma fumaça quando chegar lá pra gente não atirar. Câmbio – Hawke respondeu.

Mellas retransmitiu a mensagem e Cortell acenou de novo. Mellas tirou a última granada de fumaça do suspensório e deu para ele.

Houve uma explosão súbita em um local próximo. Os três se sobressaltaram. Ouviram gritos em espanhol. Amarillo tinha jogado duas granadas em um bunker logo abaixo deles e agora rastejava rapidamente para dentro. Houve um breve estalo de tiros da .45. Todo mundo ficou esperando ansiosamente, observando a entrada do bunker.

A camuflagem familiar do uniforme de fuzileiro de selva surgiu, primeiro de costas. Amarillo puxava um corpo mutilado por estilhaços para fora do bunker atrás dele. Os tiros tinham sido disparados todos dentro do crânio do homem.

Então um ricochete da metralhadora do ENV passou por cima de suas

cabeças.

– Ok, Cortell. Vai lá – Mellas mandou.

Cortell rastejou para se juntar ao seu esquadrão. Mellas tirou a cabeça pra fora do buraco que ele e Jackson dividiam com os dois garotos norte-vietnamitas mortos. Puxou um dos corpos para baixo, enfiou-o no fundo do buraco e subiu nele para conseguir uma vista um pouco melhor. A ZP estava deserta, exceto pelo corpo de Robertson, esparramado ao lado do bunker destroçado.

Não restavam mais árvores em Matterhorn. Os densos arbustos nos quais ele e Cicatriz se enfiaram na primeira vez que chegaram foram completamente queimados. Todo o lindo morro estava tosquiado, humilhado e vazio.

Mellas viu Goodwin aparecer brevemente na beira da ZP. Goodwin se abaixou de novo quando a metralhadora e os rifles de curta distância começaram a atirar contra ele. Goodwin falou com Mellas pelo rádio.

– Como vamos pegar aquele veado, cara?

Mellas explicou que Cortell estava subindo por trás. Era uma questão de tempo. Os inimigos restantes estavam encurralados.

De vez em quando, um fuzileiro colocava a cabeça para fora, aparentemente sem nenhum propósito, descarregava meio cartucho na direção da metralhadora inimiga e depois se abaixava de novo.

Mellas viu a fumaça vermelha de Cortell. Levantou, gritando:

– Não atirem. Cessar fogo. Cessar fogo – Goodwin fez o mesmo.

A cabeça enfaixada de Cortell apareceu momentaneamente sobre o cume. Os sete garotos restantes no esquadrão pularam sobre a beira da ZP, jogando sete granadas na posição da metralhadora, e pularam de volta para baixo, desaparecendo de vista. O atirador começou a virar a arma para enfrentar a nova ameaça. As granadas explodiram dentro e ao redor do buraco raso, causando uma série de ondas de choque que martelaram os tímpanos de Mellas.

Imediatamente, Goodwin começou a correr através da ZP em direção à fumaça das explosões. Um soldado atordoado do ENV tentava virar a metralhadora contra Goodwin, mas não conseguiu fazer isso rápido o bastante. Goodwin, como uma pantera matando uma presa, já estava em

cima dele, disparando a M-16. Os soldados restantes do ENV se levantaram dos buracos próximos, sem armas, com os olhos cheios de terror, e ergueram as mãos. Foram ceifados em segundos quando todas as armas disponíveis no morro se voltaram contra eles.

Mellas, ainda de pé no corpo do garoto, curvou a cabeça para a frente e descansou o rosto ensanguentado e dolorido no barro frio. Jackson se reclinou, apoiando o rádio contra o lado do buraco.

– Vencemos – Jackson disse.

Mellas simplesmente acenou com a cabeça. Seu capacete estava imóvel no barro. Ele se satisfazia com a sensação do barro frio contra o queixo e a boca. Logo, porém, o vento deixaria a camisa do uniforme fria demais para ser confortável. Arrastou-se para fora do buraco e começou a gritar para vários dos líderes das equipes de artilharia organizarem a defesa para o caso de um contra-ataque. Foi quando se lembrou de Hamilton, esperando na emboscada lá embaixo.

– Bravo One Three, Bravo One. Desculpa por ter te apressado tanto. Por que não sobe aqui e estabelece das oito para dez? Doze vai para norte. Câmbio.

Houve um longo silêncio.

– One Three, aqui é o One Real. Você está recebendo? Câmbio.

A voz de Toupeira surgiu no rádio, tremendo.

– Personagem Hotel é Coors. Câmbio.

As mãos de Mellas começaram a tremer.

– Mais alguém? Câmbio.

– Temos dois Oleys de leve. Câmbio.

– Você consegue trazer todo mundo sem ajuda? Câmbio.

– Sim. Câmbio.

– One, câmbio e desligo – Mellas passou o receptor para Jackson.

O morro era deles.

Jackson se apoiou e colocou a cabeça nas mãos.

Mellas mancou até a beira da ZP e viu Toupeira subir o morro com esforço, tendo Hamilton apoiado nos ombros.

Toupeira soltou o corpo aos pés de Mellas.

– Desculpe, senhor. Eu sei que vocês eram próximos – saiu andando,

deixando Mellas em pé diante do corpo de Hamilton.

Mellas esvaziou os bolsos de Hamilton em silêncio. Encontrou uma carta da sua mãe. Nela, estava escrito: "Não se preocupe, Buster, você vai voltar para casa logo e tudo vai acabar". Mellas não sabia que o apelido de Hamilton era Buster. Sentiu como se nunca o tivesse conhecido – e compreendeu que nunca o conheceria.

A perna esquerda de Mellas latejava por causa dos estilhaços e a direita estava ardendo. O sangue fazia a calça grudar nas pernas. Sentia um dor aguda, pulsante, no olho cego. Se ao menos pudesse se sentar, apenas sentar e não fazer nada… Mas as defesas tinham de ser estabelecidas.

Fez um esforço para ficar em pé. Uma explosão próxima o forçou a se jogar no barro, rolando ao lado de Jackson. Ambos olharam para cima a fim de ver a fumaça gordurosa flutuando pela ZP. Alguém gritava para chamar um paramédico. "Mina! Uma mina", alguém do setor de Goodwin berrou. "Esse lugar tá minado, porra!".

– Puta merda – Mellas resmungou.

Ele se levantou de novo. A terra ao seu redor tinha se tornado tóxica. Não sabia onde pisar.

Ainda assim, a companhia tinha de ser estabelecida para defesa. Mellas ficou de joelhos, rastejando para que pudesse ver as marcas de uma mina enterrada ou um fio de detonação enquanto ia de buraco em buraco. Os garotos só queriam ficar sentados também. Mellas brincou com eles, bajulou, ameaçou. Por fim, começaram a cavar no morro, jogando corpos para fora dos buracos, criando trincheiras semiabertas. Os outros subiam o morro com os fuzileiros mortos ou ajudavam a deslocar os feridos para que pudessem ser resgatados. Fitch solicitou voluntários para limpar uma pequena seção do topo do morro para um helicóptero de resgate. Logo se formou uma linha de fuzileiros que rastejava devagar por uma área com as facas Ka-bar na frente, esquadrinhando o terreno minado, procurando os fios. Um garoto foi estourado direto no abdômen quando tocou um dispositivo de pressão que não tinha visto. Jogaram o que restou dele na pilha de corpos.

Fitch convocou uma reunião dos reais. Mellas deu a volta pela margem da ZP. A fumaça o deixava nauseado e sufocado. Soltava-se lentamente do

morro para se juntar à massa pesada de nuvens cinzentas que flutuavam eternamente para longe em direção ao Laos.

– Bom trabalho, Mel – Fitch disse. Mostrava um aspecto macilento e exausto. Hawke e Goodwin estavam ambos sentados com os cotovelos apoiados na parte interna dos joelhos. Olhavam para o nada.

– Hamilton está morto – Mellas respondeu. – Ele costumava carregar meu rádio – não sabia por que estava falando aquilo. Apenas tinha que contar para alguém. – O Connolly tá bem? – perguntou a Hawke.

Hawke fez que sim.

Fitch olhou para Mellas com a maior atenção.

– Você precisa ser resgatado – revelou.

Mellas não respondeu. Com o olho que ainda enxergava, olhava para o Morro do Helicóptero. Viu pessoas em uniformes verde-claros olhando para eles com binóculos.

– Os filhos da puta aplaudiram – Mellas disse, com a voz bem baixa.

– Ei – Hawke interveio, tocando o ombro de Mellas. – Tudo bem. Eles não sabiam.

Relsnik entrou com o rádio e passou o receptor para Fitch.

– Big John Six, chefe – disse.

A voz do coronel era resoluta, profissional.

– Entendido, Bravo Six. Quero uma contagem de corpos completa e um relatório pós-combate. Estamos com os helicópteros de resgate à espera. Esta zona de vocês já está segura? Câmbio.

– Ainda não. Câmbio – Fitch revelou, sem rodeios.

– Magnífico. Eu queria ter uma câmera pra filmar tudo, só posso dizer isso. Big John Six, câmbio e desligo.

Fitch jogou o receptor no chão ao lado de Relsnik.

– Ele queria ter uma porra de uma câmera – falou, e ficou olhando em direção ao Morro do Helicóptero.

Mellas acompanhou o olhar de Fitch, com a mente cheia de imagens se revirando. A companhia estava cansada demais para prosseguir, mas prosseguia, observando passivamente as bombas caindo no outro lado do morro. Os aplausos idiotas – como se o combate fosse um jogo de futebol na sexta à noite. A ordem inacreditável de Simpson, na longa marcha para Sky

Cap, de que não haveria mais resgates. Hippy, aleijado. Os empurrões. A estupidez. O sangue jorrando da perna do atirador. A garganta de Jacobs. Para quê? Qual era o sentido?

O olho de Mellas se concentrou na pequena figura na selva devastada. Via apenas o coronel. Os seiscentos metros que os separavam se reduziram a nada. Mellas decidiu matá-lo.

Mancou devagar para longe do grupo. "Ei, Jack", Goodwin gritou, mas Fitch colocou uma mão no braço dele, segurando-o. Hawke ficou observando com um olhar perplexo no rosto. Mellas desceu o morro em meio às linhas de Hawke. Nem prestou atenção aos cumprimentos de Connoly e do Terceiro Pelotão enquanto cavavam.

Um pouco além das linhas, Mellas preparou um disparo na câmara e posicionou o rifle na trava de segurança. Enfiou-se em um arbusto no meio da ladeira, chegando mais perto do outro morro, sem se importar com o perigo. Encontrou um tronco e ajustou a mira para distância, satisfeito por notar que estava fazendo exatamente o que tinha aprendido nos treinos. Acomodou-se. A manhã cinzenta e monótona parecia eterna. O tempo não tinha sentido. Havia apenas a pequena figura do coronel, bem acima dele na encosta desmatada. Ajustou a trava no automático. Com as balas luminosas, Mellas tinha certeza de que o acertaria. Apoiou-se no rifle, virando o pescoço de lado para que o olho bom ajustasse a mira. O coronel virou-se de costas para ele. Mellas esperou. Ele queria que o filho da puta visse as luminosas chegando antes de destroçá-lo, para que soubesse como era, assim como Jacobs soube. O coronel ainda estava falando. Mellas esperou, paciente como um animal. O tempo parou. Existia apenas esta única tarefa. Esperar o filho da puta se virar para que ele visse as balas. Então, Simpson começou a se virar.

Mellas ouviu alguém gritar com a voz rouca atrás dele. Hawke mergulhou em cima dele de ponta-cabeça, forçando o rifle para a frente enquanto Mellas puxava o gatilho. As balas rasgaram a terra em frente. Mellas, em um ataque de fúria, estendeu o braço para bater em Hawke, que rolou de lado, chutando e arrancando o rifle das suas mãos. Mellas brandiu o punho, acertando Hawke direto na cara, e levantou procurando o rifle. Hawke ficou em pé, na frente dele, respirando rápido e com o rifle

apontado para o lado, mas claramente pronto para se defender.

– Porra, Hawke. Porra, seu filho da puta!

Hawke não disse nada, apenas observava Mellas, em guarda.

Mellas começou a berrar.

– Aquele filho da puta matou todo mundo. Ele mandou a gente aqui pra cima sem apoio pra ele assistir ao *show*. Ele assistiu enquanto a gente morria. Aquele filho da puta não merece viver. Vai se foder, Hawke. Vai se foder você e a sua porra de... a sua... ah, foda-se, caralho, foda-se tudo – caiu no chão e ficou olhando para o nada.

Hawke colocou a mão no ombro de Mellas.

– Vamos, Mel, o contra-ataque pode chegar a qualquer minuto.

Mellas foi atrás de Hawke morro acima.

19 CAPÍTULO

O contra-ataque nunca se concretizou. O ENV estava se dirigindo para o Laos, encobrindo a retirada com infantaria bem posicionada e unidades de morteiro.

Um helicóptero de resgate abriu caminho pelo vale, e Pallack o convenceu a subir. Três cargas de morteiro do ENV explodiram em torno do helicóptero, fazendo os fuzileiros que estavam arrastando os feridos a bordo se jogarem no chão. Imediatamente se levantaram, colocaram os feridos a bordo e depois correram de volta para os buracos, segurando os capacetes para evitar que a força dos rotores os arrancasse. O helicóptero mergulhou da beira da ZP e alçou voo para baixo, adquirindo velocidade no ar. Outro helicóptero conseguiu entrar e levou os últimos casos de emergência. Depois a neblina retornou. Isso suspendeu os bombardeios, mas também qualquer resgate médico.

O dia se passou em um atordoamento exaustivo; os adolescentes americanos mortos eram arrastados para uma pilha ao lado da zona de pouso e os vietnamitas mortos, para um fosso de lixo ao lado da ladeira norte.

O lula sênior disse para Fitch que o olho direito de Mellas estava gravemente ferido. Sem cirurgia imediata, ele perderia o olho, se é que isso já não tinha acontecido. O único lugar no qual isso poderia ser feito era em um dos navios-hospital. Mellas disse a Fitch que, como Connolly provavelmente teria que assumir o comando do Terceiro Pelotão quando Hawke voltasse para o batalhão, ele não se sentia confortável para entregar o Primeiro Pelotão para Jackson ou Cortell. Não importava quanta experiência em combate eles acumularam, tinham apenas dezenove anos. Além disso, Fitch e Goodwin seriam os únicos oficiais na companhia. Na

realidade, embora não o dissesse abertamente, Mellas simplesmente gostava muito de todos para abandonar o pelotão, que enfrentaria perigos sem a sua ajuda. Recusou-se a ir embora. Fitch sabia que Mellas estava certo quanto à falta de líderes e, até onde ele sabia, o olho já estava perdido. Então, deixou-o ficar.

Naquela noite, Mellas e Jackson puxaram uma tábua de madeira compensada estilhaçada em cima do buraco, tremendo como dois animais feridos no vento frio que assobiava vindo do Laos. Jackson de vez em quando tremia com soluços abafados. Mellas ficava olhando para a escuridão com o olho bom, suportando a dor na perna e o outro olho latejando. Ele tinha tentado ler os rótulos das caixas de ração C antes, e a sensação foi estranha e desagradável. Consolou-se imaginando como ficaria de tapa-olho. Logo, o medo e a sensação de perda, que antes aguardavam em silêncio, percorreram-lhe o estômago, e ele se arrependeu de não ter aceito o conselho de Sheller para tentar salvar o olho. Rezou.

Mellas arrastou-se para fora do buraco para checar as linhas às oito e meia da noite. Retornou às dez e meia arrastando a perna. À meia-noite e meia, saiu de novo.

– Eu vou, tenente – Jackson disse. – Eu consigo manter os caras acordados tão bem quanto você – Mellas não discutiu. Imediatamente cochilou usando o rádio como travesseiro.

Jackson rastejou para fora do buraco sentindo o vento frio. Conseguiu perceber que as nuvens estavam mais elevadas, deslocando-se rapidamente para o leste, embora não pudesse vê-las. Na escuridão em torno de Matterhorn, a mata jazia respirando calmamente após a fúria compulsiva da manhã. Jackson teve a impressão de que a selva estava descansando, preparando seu próprio ataque contra Matterhorn quando esses insetos destrutivos fossem embora para lamber suas feridas. A selva vagarosamente se aproximaria do morro, cobrindo-o de nova pele verde, novamente abrigando as pedras e o barro expostos, escondendo o lixo jogado ao seu redor, extenuando a ladeira artificial da ZP e contornando Matterhorn mais uma vez.

Jackson ficou agachado, próximo da terra sólida e dormente, sentindo seus poderes curativos. Lágrimas inesperadas surgiram-lhe nos olhos.

"Hamilton", sussurrou. "Desculpa. Porra, desculpa, cara." Chorava abertamente agora. Sabia que era tolice falar alto com uma pessoa morta, mas sentiu que, de algum modo, tinha de pedir perdão a Hamilton por ainda estar vivo e feliz por isso. Hamilton queria casar e ter filhos. Ele nunca mais poderia, e Jackson poderia.

O acesso de choro passou. Jackson ficou parado mais um pouco, sentindo o vento úmido no rosto molhado. Enxugou-o com as mãos, que estavam quentes e rachadas da sujeira, desidratação e infecções. Não conseguia se livrar de uma ansiedade persistente e inquietante à medida que rastejava para checar as linhas. Por que Hamilton morrera e ele não? Quando terminou de checar todos os buracos, não tinha vontade de voltar para o buraco debaixo da madeira compensada. Algo o compeliu a subir até a ZP deserta.

Quando Jackson pisou em uma mina, a explosão arrastou Mellas de volta para o frio e a escuridão. Primeiro, achou que pudesse ser alguém do grupo PdeC. Então ouviu o grito assustado e enlouquecido de Jackson.

– Ajuda! Meu Deus, ajuda! Por favor... alguém ajuda!

Mellas jogou o rádio nas costas e rastejou em direção à voz de Jackson, sussurrando "não" sem parar. Alcançou Jackson pouco depois de Fredrickson, que o segurava no chão, tentando abrir as coxas dele. Jackson gritava.

– Me ajuda a segurar o desgraçado no chão, tenente – Fredrickson pediu. – Porra, Jackson, para de se mexer.

Mellas deitou em cima do peito ofegante de Jackson, sussurrando:

– Vai ficar tudo bem, Jackson. Vai ficar tudo bem.

– Sheller – Fredrickson gritou, chamando o lula sênior, que já vinha rastejando pela escuridão. – Porra, preciso de fluido intravenoso e algo pra cortar essas artérias – Sheller apareceu com uma garrafa e os tubos intravenosos além do seu kit. Enquanto Fredrickson fazia o que podia para estancar o sangramento, Sheller enfiou um cateter no braço de Jackson e segurou no ar o vidro de soro o mais alto que podia. Jackson se acalmou, o terror e o pânico diminuíam enquanto os dois paramédicos colocavam o vacilante metabolismo para trabalhar mais uma vez. Mellas olhou para o corpo de Jackson. Fredrickson cuidava dos tocos abaixo dos joelhos. Não

havia pés.

– Vai ficar tudo bem, Jackson – Mellas continuou repetindo. – Você vai ficar bem – Jackson gemeu e desmaiou.

Mellas não rezou, mas sua mente mais uma vez voou para cima da zona de pouso, vendo todo o corpo de fuzileiros abaixo dele, e ficou procurando algo melhor que Deus – um bom piloto de helicóptero.

Na pista de aterrissagem do GFA-39, bem no exterior de Quang Tri, o primeiro tenente Steve Small perdia um jogo de gamão para o seu copiloto, Mike Nickels. Small tinha a impressão de que esse jogo de gamão nunca tinha começado e nunca terminaria. O gamão fazia parte da vida na GFA-39, tanto quanto a areia, os uniformes suados, o uísque de dez centavos, os lençóis empoeirados, as fantasias masturbatórias cheias de culpa, os filmes de merda e a ansiedade subjacente de que o próximo voo seria aquele em que a metralhadora .51 dos viets abriria um buraco que começaria pelo ânus e terminaria pela boca.

O CH-46 de Small esperava no escuro, com as lâminas dos rotores gêmeos pendentes sob o próprio peso. Os membros da tripulação cochilavam em macas de lona entre as caixas de munição de metralhadora e as caixas de fluido intravenoso. O colete à prova de balas de Small, pendurado nos ombros, parecia mais pesado que de costume. Talvez ele tivesse exagerado no bar. Por outro lado, talvez não tivesse bebido o bastante. Ele já pilotara aquela porra de helicóptero tantas horas que era indiferente se fazia isso bebaço ou não. A coisa parecia voar sozinha. As lâminas giratórias e as arrancadas nauseantes invadiam seus sonhos à noite, juntamente com a beleza de zarpar de um topo de montanha ou deslizar com aterrissagem perfeita em uma zona pequena, com os soldados sorrindo para ele, correndo para pegar os mantimentos ou encarando com olhos embotados e aliviados enquanto jogavam o que restava de seus amigos.

O rádio da sala dos pilotos grasnou, e o homem responsável abaixou a revista de carros tunados para responder. Small e Nickels ficaram ouvindo, tensos. Small olhou o relógio. Eram duas e dezessete da manhã. Nenhuma esperança pela luz do dia. Big John Bravo de novo. Uma emergência.

Matterhorn. Tempo terrível. Os mesmos veados que tinham conseguido com esforço aquela merda de poleiro de canário em Sky Cap. Os mesmos filhos da puta burros sobre os quais ele tinha feito voos amassa-chapéu por todo o oeste da Província Quang Tri para levar aquele tenente ruivo louco e os seus substitutos sobrecarregados lá em cima para o maior sanduíche de merda que ele tinha visto em dez meses de voos de combate. E os desgraçados ainda estavam lá. "Porra, Jesus Cristo", pensou. Então se perguntou por que a divindade cristã era um palavrão muito mais satisfatório que a divindade judaica de sua infância. Tudo começou quando ele descobriu que Art Buchwald estivera na Quarta Ala de Aeronaves dos Fuzileiros na Segunda Guerra Mundial. Porra, o que ele estava pensando? Tudo isso passava pela sua cabeça enquanto ele e Nickels corriam até a porta. Não havia motivo para não tentar.

Os passos apressados acordaram a tripulação. Small começou imediatamente a repassar os procedimentos para decolar enquanto Nickels pedia autorização de partida ao pessoal da artilharia pelo rádio, para que eles não levassem tiros no ar enquanto passavam pelos enormes morteiros 175 do Exército na Base Vandegrift e por aqueles de vinte centímetros de Red Devil que faziam ataques noturnos.

Os motores gemeram. As lâminas começaram a girar desajeitadamente. Os instrumentos brilhavam na frente dos dois pilotos. Small manobrou para a pista de decolagem. A fuselagem tremeu, o rugido aumento até o ponto de apenas os rádios dentro dos capacetes serem ouvidos. O helicóptero avançou na escuridão e decolou calmamente da terra. As luzes da pista rapidamente ficaram turvas e foram deixadas para trás na neblina, depois desapareceram. Estavam em total escuridão, exceto pelo brilho turvo esverdeado do painel de instrumentos.

Small suava, mas não de calor. Esse voo seria um pé no saco.

Pediu as marcações para Nickles e estabeleceu o voo a mil e oitocentos metros de altura. Nuvens negras obscureciam o céu acima dele. Abaixo, invisíveis, porém nítidas em sua imaginação devido a incontáveis missões diurnas, estavam as planícies com o seu capim-elefante e os rios lentos e morosos. Depois, vinham as montanhas.

– Tenta entrar em contato com a Bravo na frequência da companhia –

Small disse para Nickels. Fazia esforço para conseguir enxergar qualquer coisa familiar a fim de saber quão próximo do chão estava – próximo da morte.

– Big John Bravo, Big John Bravo, aqui é Chatterbox One Eight. Câmbio – silêncio. Talvez os soldados burros não soubessem que o Grupo tinha mudado o nome de Magpie, procedimento de operação padrão para deixar os agentes de inteligência dos viets confusos. Small não gostava do nome Chatterbox, Tagarela. Parecia engraçadinho demais. Ele não se sentia engraçadinho.

– Big John Bravo, Big John Bravo, Chatterbox One Eight. Câmbio.

Houve um estalo de estática.

– Eles devem estar nos ouvindo – Nickels disse. – O sinal deles deve estar fraco demais pra entrar na frequência.

Small olhou para o cartão dobrado na prancheta amarrada em sua perna. Mudou para a frequência do batalhão, sabendo que o operador provavelmente teria uma grande antena.

– Big John Bravo, Chatterbox One Eight. Câmbio.

A voz de Relsnik, amplificada pela antena dois-nove-dois, surgiu da escuridão diretamente nos capacetes dos dois pilotos:

– Chatterbox, aqui é Big John Bravo. Estamos ouvindo atirando cocô. E você? Câmbio – Small sorriu ao ouvir dizer "atirando cocô" como sinônimo de "alto e claro". Essa era nova. Era "álcool e cerveja", semana passada. "Atenção caralho", havia duas semanas.

– Ouvindo bem. Mas não sei onde diabos vocês estão. Câmbio.

– Estamos em Matterhorn, senhor. Câmbio.

Small resmungou baixo. Esses garotos de merda nos rádios. Onde estava o merda do agente CAA? Respirou fundo para controlar a raiva e o medo.

– Eu sei que vocês estão em Matterhorn, Bravo. Estou dizendo que não consigo *ver* vocês. Está escuro aqui em cima, porra. Acende uma luz aí, caralho.

Houve uma longa pausa. Uma voz nova surgiu no rádio.

– Chatterbox, aqui é Bravo Six. Nós estivemos sob bombardeios de morteiro o dia todo e estamos um pouco relutantes em acender fogueiras.

Câmbio.

"Bem, eu estou um pouco relutante de voar cego nas montanhas, caralho", Small pensou consigo. Ele sabia que a Bravo tinha levado uma surra do caralho.

– Como está o teto aí? E onde está o CAA? Câmbio – houve outra pausa. Esses soldados do caralho nem fazem ideia da altura das nuvens.

A resposta foi mais como uma pergunta.

– Uns quarenta e cinco metros, Chatterbox? Câmbio.

– Porra.

Dentro da bolha mal iluminada, os dois pilotos se entreolharam. Quarenta e cinco metros a cento e sessenta quilômetros por hora levava menos de um segundo.

A voz de Fitch surgiu pelo rádio.

– Conseguimos te ouvir, Chatterbox. Você está a sudeste. Marcação um-quatro-zero. Você consegue entrar na frequência da companhia? Câmbio.

– Entendido. Vejo você lá. Câmbio.

Small imediatamente corrigiu a direção do helicóptero e girou os botões de volta para a frequência da Bravo, deixando a rede do batalhão livre para outras comunicações.

Estavam em contato de novo.

– Me dá uma marcação quando eu passar por cima. Ok? – Small perguntou. – Como eu estou indo no percurso? Câmbio.

– Ainda a sudeste – Fitch respondeu. – Continue vindo. Câmbio.

A bolha vibrou verde e vermelho na escuridão. Small pensou em um soldado Bravo Six imaginário, em algum lugar abaixo dele, em um buraco lamacento, fazendo esforço para ouvir aquele vago ruído de motor como um cortador de grama que significa vida ou morte para um soldado ferido. O rádio cuspiu: "Marca!". Small inclinou o helicóptero para o solo imediatamente, mas viu apenas escuridão.

– Eu não vi porra nenhuma, Bravo. Câmbio – Small respondeu, já endireitando o helicóptero na horizontal e voltando à posição onde tinha ouvido "marca", enquanto observava o altímetro e o indicador dos ângulos de rotação. – A quantos metros você acha que a gente estava acima de

você? Câmbio.

Novamente, uma longa pausa. Novamente, uma resposta hesitante.

– Cento e oitenta metros? Câmbio.

– Porra, tem alguma outra montanha aqui pra gente se preocupar? – Small perguntou para Nickels.

Nickels respondeu imediatamente. Dong Sa Mui, a cerca de dois quilômetros ao nordeste. Tirando essa, Matterhorn era a única em um raio de quatro quilômetros.

Small resmungou.

Pediu aos soldados para acenderem umas cargas de artilharia de iluminação. Elas só iluminaram a neblina.

– Porra, qual é o problema com esse seu caso de emergência, Bravo? Câmbio – Small perguntou, quase distraído, como se estivesse pensando no que fazer.

– Ele perdeu as pernas numa explosão. Câmbio.

"De que adianta...?", Small pensou.

– Porra, não consigo achar vocês sem luzes na ZP. Não tem jeito de esconder algumas? Câmbio.

Novamente o silêncio.

– A gente podia colocar umas palas de aquecimento dentro de alguns capacetes. Câmbio.

Porra, um soldado que pensava. Um milagre, porra.

– Ótimo. Faça isso, coloque os capacetes num círculo de vinte metros. Entendeu? Um raio de dez metros, exatamente. Senão eu não vou saber em que altura eu estou dessa porra de zona. Câmbio.

Houve uma espera. Então, Bravo Six respondeu.

– Chatterbox, vai ter de ser um diâmetro de treze metros e meio. O resto do terreno está minado e nós não podemos dar garantias – houve uma pausa e um estalo de estática enquanto Fitch dava uma trégua no receptor. Depois voltou. – Mas se você quiser tentar, nós arriscamos fazer o círculo. Câmbio.

Small mudou para a frequência interna e falou com Nickels.

– Minado? Dá pra acreditar nessa merda? Eles querem que eu faça uma aterrissagem no topo de uma porra de montanha no escuro, no meio

de uma neblina do caralho, e a porra da ZP ainda tá *minada*? E tudo isso pra resgatar um desgraçado que preferia estar morto mesmo. Eu pelo menos preferiria. Caralho. As duas pernas estouradas.

– Melhor que as duas bolas.

– Não tenho muita certeza disso. O que ele vai fazer quando voltar? Foder melões pelo resto da vida? – Small tentava imaginar como seria um diâmetro de treze metros e meio comparado a um de vinte e tentando memorizar para que, quando ele visse, pudesse supor a que altura estava sobre a ZP.

– Ok, Bravo. Não arrisque as minas, mas faça a porra do círculo. Não temos a noite toda. E quando eu mandar soltar uma granada de fumaça, eu tô pouco me fodendo se bombardearem vocês, vocês vão soltar uma granada de fumaça. Vocês têm uma? Câmbio.

Bravo Six disse que tinha.

Os soldados cataram palas de aquecimento de toda a companhia e posicionaram seus capacetes num círculo em volta de Jackson e dos dois paramédicos. Quando o piloto deu a ordem, China e Connolly correram de capacete em capacete com isqueiros, acendendo as palas. Um círculo de luz azul, fantasmagórico na neblina, surgiu ao redor de Jackson, com os capacetes ocultando as chamas azuis tremeluzentes de todas as direções, exceto de cima.

O enorme helicóptero desceu apenas alguns metros sobre suas cabeças. A força dos rotores virou dois capacetes, e figuras sombrias correram para ocultar as duas palas, jogando-as de volta para dentro dos capacetes.

Mellas ouviu o piloto resmungar no rádio.

– Puta que o pariu, Bravo. Estou bem em cima de vocês, seus desgraçados. Ok, vou dar a volta. Preparem o homem. Estou vendo as palas de aquecimento. Câmbio.

– Dá pra acreditar, Nickels?– Small disse, mudando para a frequência interna. – Eu acabei de dizer "estou vendo as palas de aquecimento" – "puta merda", pensou consigo, "treze metros e meio".

– Ok, Bravo, dando a volta – falou pelo rádio. – Solta essa granada de

fumaça quando eu disser. Câmbio – Small olhou para trás na escuridão que cercava o helicóptero, mas o círculo se perdeu nas nuvens de novo. Totalmente às cegas, ele sentia, mais do que pilotava, o enorme helicóptero dando a volta para retornar à ZP de novo, fixando na mente aquela vaga imagem do círculo azul. Endireitou o helicóptero devagar e voltou para o mesmo registro do altímetro de antes. Mudou os ângulos. O helicóptero rugia sozinho na escuridão.

De repente, como um fantasma do pântano, apareceu uma forma azul tremeluzente, movendo-se rápido, rápido demais, mudando para um círculo, mudando rápido demais, porra, rápido demais, caralho.

– Agora, porra. Agora – Small gritou.

– Agora – Fitch berrou, e Pallack soltou a colher da granada de fósforo branco, jogando-a na zona. Uma luz branca brilhante apunhalou os olhos dos homens. A enorme massa negra rodopiante caiu na área produzindo um rangido angustiado de metal retorcido. As rodas dianteiras cederam, e o helicóptero se jogou para o lado, girando em torno das rodas dobradas, torto pela força de torção das lâminas. Depois, se jogou para o outro lado e parou, a comporta se abriu.

O capitão saiu rastejando de cima do cano de uma metralhadora calibre .50, gritando. Os padioleiros levantaram Jackson e o passaram pela entrada estreita, entregando o frasco de plasma para o atirador do outro lado. Fredrickson e Sheller, ao verem Jackson ser levado para dentro em segurança, recuaram e se abaixaram na lama enquanto as lâminas do helicóptero ganhavam velocidade. Fredrickson pegou dois objetos ensanguentados e os jogou pela abertura do lado: as botas de Jackson, com os pés ainda dentro delas.

Logo, as cargas de morteiro começaram a fazer pontaria na fumaça branca. O helicóptero deslizou pela zona de pouso e desapareceu morro abaixo na escuridão.

– Saiam do topo do morro, porra – Fitch gritou, desnecessariamente.

Todo mundo correu para um lugar seguro. Connolly tentou extinguir a granada de fósforo, que se estilhaçou e o fez gritar de dor quando um dos pedaços queimou sua perna, abrindo um pequeno buraco no músculo até atingir o osso.

Mellas passou o resto da noite tentando entender por que Jackson tinha perdido ambas as pernas enquanto ele parecia saltar de um por-um-triz a outro. Sentiu como se, de algum modo, tivesse trapaceado. Então, riu em voz baixa. O que ele ia fazer, levantar e se explodir para compensar os mortos e feridos?

Pensou na selva, já crescendo de novo ao redor dele para cobrir as cicatrizes que eles tinham causado. Pensou no tigre, matando para comer. Isso era mau? E as formigas? Elas matavam. Não, a selva não era má. Era indiferente. Assim também era o mundo. O mal, então, deve ser a negação de algo que o homem acrescentara ao mundo. No fim das contas, era importar-se com algo que fazia o mundo estar sujeito ao mal. Importar-se. E, depois, essa importância era rasgada em pedaços. Todo mundo morre, mas nem todo mundo se importa.

Mellas percebeu que podia criar a possibilidade do bem e do mal ao se importar. Ele podia anular o mundo indiferente. Mas, ao fazer isso, ele se abria à dor de ver o mundo ser destroçado. Matar aquele garoto naquele dia não teria sido mau se os soldados mortos não fossem amados por mães, irmãs, amigos, esposas. Mellas entendeu que, ao destruir o tecido que ligava aquelas pessoas, tinha participado do mal, mas este mal também o ferira. Ele entendeu também que a participação no mal era um resultado de ser humano. Ser humano era o melhor que ele podia fazer. Sem o homem, não existiria o mal. Mas também não existiria o bem, nada moral seria construído sobre o mundo dos fatos. Seres humanos eram responsáveis por tudo. Ele riu dessa piada cósmica, mas se sentiu deprimido.

Na manhã seguinte, Mellas se arrastou para fora do buraco a fim de fazer a ronda no perímetro. Foi de buraco em buraco, brincando, tentando alegrar todo mundo. Debochou de Connolly por tentar tocar fósforo em chamas com as próprias mãos. Connolly lhe mostrou o dedo do meio e parecia satisfeito por Mellas reconhecer o sacrifício. Alguns dos garotos começaram a abrir latas de ração C com os minúsculos abridores de lata

que ficavam pendurados com as placas de identificação nos pescoços. Outros faziam café. Vários cavavam buracos para cagar, longe das trincheiras.

Ao redor de Mellas, as serras e picos apareciam claramente contra o céu clareando. A selva no vale abaixo dele não era diferente de quando chegara: silenciosa, cinza esverdeado, ao mesmo tempo antiquíssima e eterna. Mas não era mais um mistério. Ela continha rios nos quais ele transitara e lutara. Tinha também cumes cujas passagens e mais leves contornos ele conhecia intimamente, além de trechos de bambu, abatidos e forçados para trás, já começando a se levantar novamente. E havia uma trilha aberta, que agora começava a crescer de novo, logo a ponto de desaparecer. Era apenas um dia normal no mundo dos fatos. Mas era diferente porque o mistério tinha sido vagamente penetrado, e Mellas via as coisas de modo diferente.

Parou no PdeC para saber como Jackson estava. Fitch disse que ainda estava vivo.

Quatro caças Phantom rugiam acima do topo do morro, estilhaçando o amanhecer com o barulho, ao mesmo tempo em que o fogo de artilharia irrompia no vale ao noroeste. "Isso é a preparação para a Speeding Home Kilo", Fitch murmurou para ninguém em particular. Logo, quatro CH-46 circularam no vale para o norte. Todo mundo no grupo PdeC ficou ouvindo a frequência de Kilo enquanto o comandante do pelotão principal relatava que a zona estava segura.

– Os viets tão blefando – Pallack anunciou. Todo mundo sorriu. Mellas imaginou, porém, que o trabalho de Kilo seria ficar sentado em todas as rotas de fuga. Em pouco tempo, eles estariam bem ocupados.

Hawke se juntou a eles e Fitch passou o café pela roda. Decidiram construir uma nova ZP fora da vista dos observadores do ENV, entre Matterhorn e o Morro do Helicóptero, para resgatar os feridos efetivos como Mellas. Este passou o comando do pelotão para Connolly e foi levado morro abaixo para a nova zona, onde desfaleceu.

Ficou deitado semiconsciente. Anne flutuou na sua mente, e ele acordou sentindo o sol nublado no rosto e a neblina fresca – e também um vazio e uma saudade dela como nunca tinha sentido. Mas sabia que era inútil pensar em se reconciliar, e isso seria apenas daqui a alguns meses; no

futuro, de qualquer modo. Havia garotas brancas em Sydney. Olhos redondos. Talvez ele fosse para o interior. Uma fazenda sossegada com ovelhas. Talvez se apaixonasse lá. Talvez conseguisse salvar o olho. Tudo parecia ser parte de um ciclo enquanto olhava para o nada cinzento acima dele, ouvindo a quebra de ondas distantes em uma praia quente, sentindo o sol puxar seu corpo como chuva evaporando.

Então se lembrou da espada de Vancouver, ainda no bunker do PdeC no Morro do Helicóptero. Por segurança, chamou dois feridos para irem com ele.

Stevens estava de guarda no pequeno bunker. Uma equipe terminava um bunker maior para o PdeC. Mellas viu o coronel e o terceiro em comando falarem com Bainford, olhando para algo ao norte, com os mapas abertos. Cumprimentou Stevens com um aceno da cabeça, arrastou-se para um canto e pegou a espada.

– É sua, Mellas? – Stevens perguntou, perplexo.

Mellas fitou-o por um longo momento.

– Não sei – disse por fim. – Realmente não sei.

– Ah. Ok – Stevens disse. – Vocês fizeram um bom trabalho ontem.

Olhando para Stevens com um olho só, Mellas percebeu que sempre aceitou o sentido da visão cegamente. Agora, deste modo, ele via Stevens de modo diferente. Não conseguia ficar com raiva por causa do comentário. Stevens era apenas Stevens, uma engrenagem no maquinário, tentando ser legal. E Mellas era apenas Mellas, outra engrenagem, decidindo não ficar bravo. Ele não gostava muito de ser uma engrenagem, mas lá estava ele. Sorriu com essa conversa silenciosa.

– Obrigado – Mellas disse.

Voltou para a nova ZP e dormiu com a espada ao seu lado.

Alguém chutou sua bota. Mellas abriu o olho. Ficou com uma raiva horrenda de ser perturbado.

Era McCarthy. A Companhia Alpha estava passando pela pequena zona de pouso.

– Acorda, seu desgraçado – McCarthy disse. – Levei uma eternidade

pra encontrar você com essa porra de faixa enrolada na cara.

Mellas, sorrindo, estendeu a mão. O operador de rádio de McCarthy fumava impacientemente.

– Pra onde você vai, porra? – Mellas perguntou.

– Oeste. A Dois Vinte Quatro estabeleceu uma posição de bloqueio bem na zona ao fim do vale do Laos. A gente vai ser o martelo. A Companhia Charlie está arrancando para o norte agora mesmo. Vão resgatar vocês hoje à tarde – fez uma pausa. – Vocês se foderam, né?

– É – Mellas concordou. – Mas nada demais. "Leves baixas", acho que é assim que eles dizem lá em casa. Tudo o que você tem de fazer é dar um relatório como uma manobra do batalhão, e a porcentagem dos mortos se dilui até não restar nada. Quem vai ocupar Matterhorn?

– Por que você se importa? Você vai cair fora a bordo do Sanctuary, apreciando enfermeiras de olhos redondos. Talvez a gente embarque em outra viagem quando essa porra de operação acabar.

– Quem vai ocupar Matterhorn, porra? – Mellas perguntou, apoiando-se nos cotovelos, seu olho começava a ter um espasmo.

McCarthy deu de ombros.

– Ninguém – disse.

Mellas se afundou de costas e olhou para o céu. Ninguém. Finalmente falou.

– Se cuida, Mc.

– Não se preocupa comigo – McCarthy ressaltou.

Mellas olhou para ele. Ambos sabiam que McCarthy ia para uma batalha naquela tarde, no mesmo dia em que Mellas estava deixando tudo para trás. Era outro ciclo, outro ritmo exaustivo, convulsivo, e se não fosse Mellas, seria McCarthy; e se não McCarthy, alguém como McCarthy, para todo o sempre, como a imagem de um espelho na frente do outro em uma barbearia, cada vez mais profunda, cada vez menor, curvando-se com o tempo e a distância até o desconhecido, mas sempre repetindo, sempre a mesma. Mellas pensou que, se pudesse quebrar um desses espelhos, então essa agonia teria fim e ele ficaria sozinho para sonhar. Mas os espelhos eram apenas pensamentos, ilusões. A realidade era McCarthy, em pé diante dele e com um rosto amigável, e o operador de rádio impaciente para seguir

adiante porque eles teriam que corcovar ainda mais rapidamente para alcançar o resto do pelotão.

– Boa sorte – Mellas desejou.

McCarthy acenou e saiu marchando atrás do operador. Virou-se e acenou de novo. Mellas ficou pensando: "Cuidado pra não morrer, porra, não vai se matar por aí".



O helicóptero de resgate voava em direção ao leste. Passou por uma praia branca e depois atravessou o Mar da China Meridional. Por fim, um navio branco com grandes cruzes vermelhas sobre sua estrutura e sobre o casco apareceu abaixo deles. O helicóptero se inclinou para trás, suas lâminas cortavam o ar, e aterrissou no convés. Paramédicos correram e transportaram os feridos em macas. Uma enfermeira de farda segurava uma prancheta, olhando as etiquetas de resgate e os ferimentos. Organizava rapidamente os feridos em grupos. Os casos mais graves eram colocados de lado enquanto os menos feridos eram despojados de armas, botas e roupas e levados às pressas para o interior do navio.

A enfermeira pegou a etiqueta de Mellas, sem olhar para ele.

– Eu estou bem – revelou. – Aqueles caras ali estão bem piores que eu.

– Deixa que eu cuido da triagem, fuzileiro – ela levantou o olhar e viu as faixas. Tinha um rosto rude, vermelho, olhos pequenos de quem parecia ter dormido pouco, e sobrancelhas pesadas. Tinha o cabelo preso em dois rabos de cavalo curtos e rígidos. – Os que têm mais chance de sobreviver vão primeiro – ela avisou. Mellas percebeu que a ideia era maximizar o número de homens que pudessem retornar ao combate.

– O que é isso? – ela perguntou, apontando para a espada de Vancouver.

– É de um amigo meu.

– Todas as armas, fuzileiro – ela ressaltou, apontando para a espada.

– Eu sou tenente.

– Oh, *desculpe* – veio a resposta sarcástica. – Olha, *tenente*, estou ocupada. Todas as armas, mesmo lembrancinhas estúpidas.

– Lembrancinha o caralho...

– O que você disse, fuzileiro? Você sabe que está falando com uma tenente da Marinha dos Estados Unidos, não? – o posto era o equivalente ao de um capitão dos fuzileiros.

– Sim, senhora – Mellas fez uma saudação malfeita, curvando a mão sem firmeza. – Como eu sei que vou conseguir a espada de volta? – perguntou, ainda batendo continência, esperando que ela fizesse o mesmo.

A enfermeira o encarou com raiva. Então, virou-se para trás e gritou:

– Bell, tome a arma deste homem.

– Eu já disse...

– Você vai obedecer ordens, tenente, ou eu vou foder você no relatório – ela passou para o próximo homem, lendo a etiqueta de resgate e escrevendo na prancheta.

Bell, um paramédico do hospital, aproximou-se e tomou a espada. Olhou para ela, avaliando.

– Como eu sei que vou consegui-la de volta? – Mellas perguntou de novo.

– Você pode pegar quando receber ordens para voltar à terra, senhor.

– Eu quero um protocolo.

– Senhor, você está atrapalhando o processo. Nós temos fuzileiros do Vigésimo Quarto na merda e...

– Eu sou *um* desses fuzileiros. Eu quero um protocolo, porra.

– Nós não temos formulários de protocolo para espadas, tenente. Ela vai ficar com os rifles. Vai dar tudo certo.

– Três dos meus homens já tiveram que pagar pelos rifles porque um filho da puta da Marinha vendeu-os para os viets. Eu quero um protocolo e quero agora.

Bell olhou ao redor procurando ajuda. Viu a enfermeira e foi até ela. Mellas a viu apertar os lábios, depois dizer algo. Bell retornou.

– Você vai ter que esperar, senhor. A tenente diz que está ocupada.

Quando a última maca desapareceu dentro do navio, a enfermeira foi até Mellas, com uma postura rígida.

– Então, qual é o problema, tenente?

– Senhora, o tenente gostaria de um protocolo para a *arma* dele, senhora.

– Um recibo, entendo – ela olhou para a prancheta. – Mellas, segundo-tenente, Companhia Bravo, Primeiro Batalhão do Vigésimo Quarto Regimento de Fuzileiros. Correto?

– Sim, senhora – Mellas respondeu.

– Eu vou lhe dar uma ordem direta, segundo-tenente Mellas, com o HM1 Bell de testemunha. Se não for acatada, você será preso por desobedecer uma ordem direta. Isso está perfeitamente claro?

– Sim, senhora – Mellas disse, automaticamente.

– Tenente Mellas, dê sua arma, esta espada, para o HM1 Bell e vá para a ala dos oficiais. Se você não se mover em dez segundos, vou colocá-lo na prisão. De qualquer forma, vou incluir seu nome no relatório por ter atrapalhado a triagem.

Mellas sabia quando o sistema tinha vencido. Deu a espada para Bell.

Na ala dos oficiais, outro paramédico pegou o uniforme fedido de Mellas, que não o deixou levar as botas. Amarrou-as na extremidade da cama e encarou o paramédico. Quando sentiu que as botas estavam seguras, encontrou uma bacia, encheu-a de água quente e, com um suspiro profundo, colocou os pés dentro. Algum tempo depois, foi trazido de volta à realidade pela voz de outro paramédico. "Hora do desbridamento, tenente", informou. Mellas tirou os pés da bacia com relutância.

Colocaram-no sobre uma maca com rodas e o levaram para um local mais adentro do navio. Lá, deram-lhe um anestésico local e ele os observou arrancando pedaços de metal, sujeira e tecido das pernas, cortando fora pele morta, depois limpando e enfaixando as feridas dos estilhaços. "O resto vai sair sozinho", o cirurgião disse, já olhando para o próximo problema na lista, esfregando as mãos. Um paramédico levou Mellas de volta. Teve de acordá-lo para colocá-lo na cama.

Ele acordou sobressaltado, com o coração martelando, ao ouvir o seu nome. Tomou um pouco de ar e procurou pelo perigo freneticamente com o olho bom. Uma enfermeira de cabelo ruivo, cujo crachá dizia "Elsked, K.E.", estava em pé diante dele. Como a enfermeira da triagem, ela tinha as barras gêmeas de um tenente da Marinha. Foi curta e grossa.

– Você tem que estar na sala de operações em cinco minutos, tenente – olhou para as pernas enfaixadas. – Você consegue andar ou precisa de ajuda?

– Tanto faz – Mellas respondeu. Arrastou-se para fora da cama e andou, com as pernas rígidas. Ela indicou o caminho, virando-se de vez em quando para ver se ele estava muito para trás.

Mellas observava cada movimento dela, notando os quadris e o contorno do sutiã sob o tecido branco sintético do vestido. Ele queria alcançá-la e tocá-la, tocar alguém suave, alguém que tivesse um cheiro limpo e fresco, alguém com calor humano. Queria falar com alguém que soubesse como ele se sentia, que pudesse falar com a parte solitária e perdida dentro dele. Queria uma mulher.

A enfermeira orientou dois paramédicos a acomodarem Mellas na mesa de operações. Ela não o olhava nos olhos. Mellas se arrependeu de ser enviado para esse lugar, onde o fluxo repentino de saudade não tinha nenhuma possibilidade de realização. "Ela acha que eu só quero meter nela", pensou amargamente. "Claro que eu quero, mas há muito mais." Riu em voz alta.

– Qual é a graça? – um dos paramédicos perguntou, movendo uma máquina enorme que estava suspensa. Ele a posicionou cuidadosamente sobre o rosto de Mellas.

– Entre a emoção e a reação, o desejo e o espasmo, tomba a sombra – Mellas disse. Tentou sorrir.

A enfermeira ruiva virou-se para olhá-lo atentamente.

Eles o seguraram pelos ombros e um médico mais velho entrou na sala. Ele examinou o olho de Mellas e injetou um anestésico local na região ao lado. A enfermeira limpou o olho, removendo a sujeira e a pólvora que se misturaram com o unguento que Fredrickson tinha colocado na região. Um pedaço de estilhaço tinha rasgado a pálpebra. Outro pedaço tinha entrado na pele logo acima do dorso do nariz, ficando cravado rente ao crânio. Mellas estava morrendo de medo do que viria depois. Olhou para uma enorme máquina negra sobre ele. Tinha uma lente grande e grossa e uma agulha de aço inoxidável de mais ou menos quinze centímetros que afinava até uma ponta muito afiada. A máquina começou a brilhar através das

lentes, que aumentavam os olhos do médico, olhando para ele. Então, as lentes se encheram de luz, e ela parecia penetrar no cérebro de Mellas. A agulha de aço saiu da bruma de luz, e o médico mexeu em botões que a moviam. As mãos da enfermeira apertavam a testa e o peito de Mellas. A agulha entrou no seu olho. Ele se segurou na maca e tentou não gritar.

Pouco a pouco, as lascas e migalhas da granada defeituosa foram tiradas do olho de Mellas e o cirurgião suturou dois pontos na pálpebra.

– Você tem uma sorte incrível, tenente – o médico revelou. Ele já estava tirando a máscara. – Duas das lascas estavam a micrômetros de cortar o nervo óptico. Você teria perdido o olho – afastou a máquina. – Você não vai enxergou normalmente por uma semana ou duas. Vai ter de usar um tapa-olho por um tempo, mas vai poder voltar para junto da sua unidade em cerca de uma semana – virou-se e começou a lavar as mãos. Mellas sentiu como se acabassem de dar a notícia de seu próprio enforcamento.

Foi levado de volta para a cama e dormiu.

Quando Mellas acordou, livrou-se dos lençóis apertados e mancou até o corredor. O aço frio sob seus pés vibrava com os motores do navio. Cumprimentou um paramédico que passava e perguntou onde estavam os praças. Indicaram a direção certa e ele saiu mancando. Encontrou Jackson na ala com mais ou menos uma dúzia de fuzileiros feridos, todos conectados às garrafas de soro intravenoso. Jackson estava acordado, olhando para a parede, apoiado na cabeceira, com um cobertor sobre as pernas. Não havia pés embaixo do cobertor.

De repente, Mellas não queria mais que Jackson o visse. Queria ir embora e apagá-lo de sua mente.

Um paramédico veio até ele.

– Posso ajudar, hã...

– Tenente – Mellas completou para ele. – Eu gostaria de ver um dos meus homens.

– Senhor, nós não temos autorização para permitir visitantes exceto entre quatorze e dezesseis horas. Esses caras estão em estado crítico.

Mellas olhou para o paramédico.

– Doutor, ele era meu operador de rádio.

– Porra, se uma das enfermeiras entrar aqui, eu não vou te ajudar – o homem saiu da frente para Mellas passar.

Mellas se aproximou da cama. Jackson virou um pouco o rosto, depois virou-se para outro lado.

– Oi, Jackson. Como está?

– Porra, como você acha que eu tô?

Mellas respirou profundamente e acenou com a cabeça. Não sabia o que dizer. Era óbvio que Jackson nem queria vê-lo.

– Olha, tenente, sai daqui, porra.

Outros fuzileiros, que ouviam disfarçadamente das camas próximas, voltaram a ler ou remexer os laços de amarrar dos pijamas azul-claro.

Mellas, também de pijamas, sozinho em pé, de repente sentiu-se nu. Sentiu-se como um burocrata que constatava os tocos nas pernas de Jackson.

– Jackson?

Jackson virou a cabeça de novo, olhando friamente para Mellas.

– Jackson, eu... – Mellas tentou manter alguma dignidade, sem querer chorar na frente de todo mundo. – Jackson, lamento que isso tenha acontecido com você.

Jackson voltou a olhar para a divisória. Então, seus lábios começaram a tremer.

– Eu perdi minhas pernas – disse com a voz tremendo. Começou a gemer. – Eu perdi minhas pernas – virou-se para Mellas. – Que mulher vai querer dar para um cara sem pernas? – levantou a voz e perdeu completamente o controle de si. – Que mulher vai querer dar para um aleijado, porra?

Mellas recuou alguns passos, balançando a cabeça, sentindo que tinha feito algo errado por ainda estar inteiro, por ter caído no sono, por deixar que Jackson checasse os buracos. Queria perdão, mas não havia. Jackson se agitava na cama, gritando. Os paramédicos correram para segurá-lo, e um deles injetou uma agulha na coxa. "É melhor você sair daqui, tenente", aconselhou o paramédico.

Mellas saiu pelo corredor mancando. Ouviu os gritos abafados de

Jackson até que a droga fizesse efeito; depois, andou devagar de volta para a ala dos oficiais.

Dormiu e dormiu, acordando apenas para as refeições. Quando finalmente teve coragem para visitar Jackson de novo, encontrou outro cara na cama. Jackson tinha sido levado para o Japão.

Entre as trocas de curativos, Mellas tomava longos banhos, ignorando o pedido da Marinha para tomar banhos curtos. Depois, dormia mais. De vez em quando, via a enfermeira da triagem. Eles se evitavam cuidadosamente. Também via a enfermeira ruiva entrando e saindo da ala. Não conseguia deixar de observá-la. Para o seu desgosto, ela parecia ter boa relação com a enfermeira da triagem.

Ele tentou conversar com a enfermeira ruiva, mas era claro que ela estava de plantão e não tinha tempo para conversas. Era educada e, de vez em quando, dirigia-lhe um sorriso depois de checar o olho. Logo estavam tendo conversas breves. Ele descobriu que ela também era de uma cidade pequena, mas em New Hampshire, e que os dois costumavam colher amoras-silvestres. Embora fosse grato pelas conversas breves, o que ele queria mesmo era que ela o abraçasse com tanta força que seria como se eles tivessem entrado um no outro. Mas não era para ser.

Depois de alguns dias, seus ferimentos não estavam mais sangrando, e perguntaram se ele queria fazer as refeições no refeitório dos oficiais. Ele aceitou.

Andou hesitantemente para o interior de madeira polida vestindo suas velhas botas, um novo uniforme, com uma barra de ouro de tenente em uma das mangas. Os serventes filipinos davam os toques finais nas toalhas de mesa. As mesas estavam postas com talheres de prata e pratos de porcelana. Mellas olhou para suas botas esfoladas contra o deque de carpete. Um dos filipinos fez um gesto em direção a uma mesa com quatro velas acesas em destaque. Ele sentou. As cadeiras ao redor da mesa estavam ocupadas por enfermeiras, sete no total.

O coração de Mellas martelou de alegria ao sentar ao lado dessas mulheres. Ele tentou ocultar seu entusiasmo esfregando as mãos na toalha

de mesa. Várias das enfermeiras tentaram falar com ele, mas ele não conseguia responder de modo inteligente. Estava estupefato. Tudo o que conseguia fazer era enfiar comida na boca, olhar para elas e rir. Falavam sobre comissários em Manila e Sasebo, sobre licenças de trabalho em Taipei ou Kuala Lumpur. Algumas faziam insinuações sobre oficiais homens enquanto outras riam.

Mellas queria tocá-las. Queria estender os braços pela mesa e colocar a mão nos seus corações e seios. Queria apoiar a cabeça em seus ombros, cheirar sua pele, absorver sua feminilidade.

Mas elas eram mais velhas e superiores na hierarquia. Elas também estavam desconfortáveis, presumindo que ele estivesse com tesão. Isso era verdade, mas não era só isso. Por fim, as conversas ficaram mais naturais, indiferentes à presença dele, e ignoravam os problemas e as oportunidades causadas pelo fato de que elas eram mulheres e ele, um homem. Por fim, elas pediram licença e deixaram-no sozinho. Os serventes filipinos limparam as mesas. Um deles lhe trouxe café.

Ele viu alguém se levantar de uma cadeira do outro lado da sala. Era a enfermeira ruiva. Ela pareceu hesitar, depois andou até a sua mesa.

– Tudo bem se eu me sentar? – ela perguntou.

– Por favor – Mellas respondeu. Tentou pensar em algo engraçado para dizer sobre as cadeiras vazias ao redor, mas não conseguiu.

– Como está o olho? – ela sentou e se aproximou dele, inspecionando a faixa.

– Ok.

– Você gosta de café, é? – ela perguntou e sorriu cordialmente. Tinha soltado o cabelo, que ficava preso no alto da cabeça. Quase atingia seus ombros.

Mellas se abriu como uma flor. Viu-se contando para ela cada mínimo detalhe de como fazer café com explosivos C-4. Ambos falaram de casa, de crescer em cidades pequenas. Ela brincou com ele por ter citado o poema de T. S. Eliot antes da operação no olho, mas depois disse:

– Por algum motivo, eu senti que era a sombra.

Mellas limpou a garganta e esfregou as botas no tapete debaixo da cadeira.

– Bem, não exatamente. Digo, você era parte da sombra. Mas quer saber mesmo?

– Claro – ela sorriu, como se dissesse: "Somos adultos".

– Na selva – Mellas disse –, primeiro a gente se fode e depois fica gemendo. Daí, a gente vem pra cá e fica só gemendo sem se foder. – Imediatamente ele se arrependeu dessa tentativa de ser esperto.

– Não é tão engraçado – ela falou.

– Tem razão – Mellas concordou. – Desculpe – fez um pausa. – É que eu fico cansado de ser tratado como um tarado maníaco.

– E você acha que a gente não fica cansada de todo garoto que chega da selva e vem aqui com aqueles olhares desesperados?

– Desesperados por sexo.

– Achei que não era necessário soletrar para você.

– Não, eu sei soletrar muito bem. Ouve só: S-E-X-O. Certo?

Ela sorriu sarcasticamente.

– Que inteligente.

– É, inteligente – ele olhou para a xícara de café. – É o que todo tigre americano viril quer, não é? – ele inclinou a cabeça, olhando para ela. Lembrou-se de Williams pendurado em um poste. – É apenas natural, certo?

– Claro – a enfermeira afirmou, sem maldade.

O modo calmo e bondoso como ela disse "claro" fez Mellas perceber que estava falando com um ser humano de verdade, que se importava. Isso desarmou sua raiva de ser visto como uma ameaça e de seu próprio fracasso ao tentar lhe dizer que ele só queria amizade. Ficou olhando para a xícara.

Ela se inclinou para trás e fitou-o com um olhar examinador.

– Eles sabem que não dá para fazer s-e-x-o com as enfermeiras porque praças não podem foder oficiais – Mellas disse. – Mas talvez tudo que eles queiram é que alguém em volta deles seja uma mulher em vez de homens de mentira falando como homens de mentira. Eles só querem uma mulher de verdade sorrindo para eles e falando com eles como se fossem pessoas de verdade em vez de animais.

– Você veria as coisas de modo diferente se estivesse no nosso lugar – ela revelou.

– E você também veria se estivesse no nosso – Mellas respondeu.

– Pois, então – ela disse. Ela o olhou nos olhos e sorriu cordialmente. – Olha, eu não tava tentando ser certinha – ele notou que os olhos dela eram verdes.

Mellas notou que ela estava tentando se relacionar com ele. Ele se derreteu e sorriu em resposta.

– Você tem que entender o que nós fazemos aqui – ela começou. Ela começou a estender a mão sobre a mesa, mas se conteve e, em vez disso, colocou as duas mãos na xícara de café. – Nós consertamos armas – ela deu de ombros. – Você é um sistema de orientação para quarenta rifles, três metralhadoras, um monte de morteiros, várias baterias de artilharia, três calibres de armas navais e quatro tipos de ataque aéreo. E, no momento, você está quebrado. Nosso trabalho é consertá-lo para que você possa voltar ao combate o mais rápido possível.

– Eu sei. É que eu não me sinto muito como uma arma no momento.

– E você acha que eu sempre me sinto um mecânico? – ela disparou em resposta. Depois amaciou. – Não foi por isso que me tornei enfermeira – colocou as mãos nas bochechas e apoiou os cotovelos na mesa. – Eu *também* fico cansada de tudo isso – ela olhou para ele, não era mais uma enfermeira da Marinha, apenas uma jovem exausta. – Há garotos demais chegando a bordo – ela disse, finalmente. – Eles estão solitários. Estão sofrendo. Estão com medo de morrer – fez uma pausa. – Nós podemos consertar só os corpos. Para todas as outras... – ela ficou procurando uma palavra – coisas, bem, a gente tenta manter distância. Não é fácil.

– Pois, então – Mellas concordou. Ela estava excitando todos aqueles sentimentos que ele tivera durante a refeição. Estava com medo de dizer algo errado e ela ir embora, por isso não disse nada.

Ela rompeu o silêncio.

– Eles vão te mandar de volta pro mato, não é?

Mellas fez que sim.

Ela suspirou.

– Parece que eu faço meu trabalho direito, e o resultado é mandar você de volta para o combate.

– É uma situação meio complicada.

– Nada como voltar pro mato.

Mellas sorriu para ela novamente. Sentiu-se compreendido. Sentiu que podia falar com ela.

– Dessa vez vai ser diferente – disse. – Eu sei no que estou me metendo – engoliu em seco, olhou para cima, depois exalou brevemente. – Tenho medo de voltar – olhou para ela, preocupado com não ter ultrapassado um limite, revelado coisas demais. Passou a mão sobre o olho que não estava enfaixado, afastando a suave luz da sala de oficiais. Imagens inundaram sua mente: corpos duros e revirados, o terror nos olhos de Jacobs, uma perna jorrando sangue.

– Lembra aquela sensação de colher as amoras? – perguntou. – Sabe como é, com amigos, e talvez com a vó de alguém que veio junto e vai fazer torta quando vocês voltarem, e o ar está tão morno que parece que a Mãe Natureza está assando pão?

Ela fez que sim, sorrindo.

– Lembro.

– Havia um grande terreno baldio – Mellas continuou – perto do depósito de lixo da pequena cidade de lenhadores onde eu cresci – ele endireitou a toalha de mesa. Ela esperou que ele continuasse. – É como se um carro de repente chegasse com o motor rosnando, e seis caras fortes estivessem dentro. Você fica lá parado do lado dessa velha senhora com o seu balde de amoras na mão e, de repente, você está assustado. Todos os caras andaram bebendo. Estão com máscaras nos rostos. Eles têm rifles. Um deles pega o balde de amoras e joga na rua. Eles empurram você pra lá e pra cá. Depois, eles levam você pro depósito de lixo, rindo um pouco, como se quisessem se divertir. Eles dizem que todos vocês vão fazer uma brincadeira. Essas são as regras – Mellas pressionou a faca de manteiga cuidadosamente na toalha branca. – Os homens, isto é, os garotos, têm que rastejar pelo depósito de um lado para o outro. Sempre que a gente encontrasse uma lata cuja tampa não pudesse ver, a gente tinha que pegar e mostrar para os homens com rifles. Se a lata estivesse vazia, a gente continuava. Se a lata estivesse fechada, matavam a gente. A gente se abaixa no lixo. O depósito sempre tem um fogo em brasa. A fumaça faz a gente vomitar e tossir. O trabalho da vovó consiste em trazer água para qualquer

um de nós que inventar um modo inteligente ou bonito de revelar a lata. Nós até ganhamos fitas coloridas quando somos particularmente inteligentes. Claro, se a gente se recusar a pegar as latas, então a gente tem que ficar se arrastando no lixo para sempre, ou pelo menos até os homens estranhos cansarem dessa porra de brincadeira.

Mellas teve que forçar as últimas frases por entre os dentes cerrados. Ele entortava a faca de manteiga contra a mesa, os nós dos dedos estavam brancos.

– E um depois do outro – a faca entortava devagar – os caras com quem você colhia amoras são mortos. E você continua sendo inteligente – ele se projeta para a frente a cada palavra. – E a brincadeira continua e continua e continua.

Levantou o olhar para ela com a faca na mão. A mesma raiva que tinha feito que ele tirasse a faca Ka-bar e cortasse plantas ressurgiu dentro dele. Ele queria ir à loucura e causar dor. Empurrou a ponta da faca na toalha e, com ambas as mãos, dobrou a lâmina em noventa graus.

Isso obviamente a assustou. Ela se levantou.

– Desculpe, tenente – ela pediu. – Talvez eu... – ela começou a dizer algo mais, mas parou no meio.

Mellas estava perplexo com o que acabara de acontecer.

– Eu é que devo pedir desculpas – disse. Colocou nervosamente a faca torta do lado de um prato, querendo largar aquele objeto. Tudo aquilo parecia muito esquisito. – Apenas escapou. Eu me sinto muito idiota.

Ela estendeu a mão pela mesa para colocar a mão dela na dele.

– Não seja tão duro consigo mesmo. Talvez seja isso que faça você superar as dificuldades – ela apertou a mão dele rapidamente algumas vezes. – Deus sabe que precisamos de algo – olhou para ele por um momento. – Se cuide lá fora – e saiu andando rapidamente pela porta divisória.

Mellas estava sozinho com seu coração latejante e sua raiva inexplicável. Ele sabia que tinha destruído a única chance de falar com a única mulher que lhe ofereceu o que todas as outras temiam oferecer. Ele queria correr atrás dela, agarrá-la, falar com ela sobre amor e amizade. Em vez disso, ele agarrou alguns talheres de prata da toalha branca e jogou

contra os sofás estofados que alinhavam as divisórias. Um servente filipino colocou a cabeça para fora das portas de vaivém da cozinha. Vendo Mellas parado, lutando para se controlar, voltou rapidamente para dentro.

Mellas terminou o café em silêncio. Conseguia ver o próprio reflexo nos painéis de madeira polida. Era obscuro, um pouco distorcido, mas era ele, como estava agora, sozinho.

Mellas queria sair do navio-hospital.

Mellas tinha medo de voltar para o mato.

Mellas não tinha nenhum lugar para ir.

As ordens chegaram pela manhã. Ele deveria retornar para a sua unidade às oito horas da noite no dia seguinte. Então, com a chegada da folha mimeografada com seu nome, seus pés mais uma vez tocaram o chão. O tempo escoou de novo como uma maré inesperada, mas inevitável. Ele estava no navio havia cinco dias.

Saiu para recuperar o rifle e a espada de Vancouver.

O marinheiro no paiol de armas parecia entediado. Sua arma? Sua M-16? Deve ter sido enviada de volta para a Quinta Divisão de Fuzileiros Navais. Aqui está, na lista. Uma espada? Não faço ideia. Não guardamos espadas aqui. Não são consideradas armas.

Mellas ficou com raiva. O marinheiro simpatizou com ele. Mellas exigiu ver algum responsável. O marinheiro o transferiu para o chefe de departamento. O chefe o transferiu para o oficial de provisões. O oficial de provisões acessou os registros dos arquivos. Os registros não mostravam nenhuma espada.

– Não se preocupe, provavelmente voltou para a Quinta Divisão de Fuzileiros Navais com os rifles. Você tem um protocolo? Aqui, preencha este formulário de equipamentos perdidos. Afinal, é uma arma.

Mellas voltou deprimido para a ala dos oficiais, sentindo-se impotente.

No jantar daquela noite, estava totalmente calado. Todos na mesa sabiam que ele voltaria para o mato na manhã seguinte. Logo ele deixaria de ser um problema. Todo mundo foi educado. A enfermeira ruiva não estava lá.

Por volta da meia-noite, Mellas colocou as roupas cuidadosamente por cima das faixas e foi procurá-la. Pisou no chão de aço do corredor, que tremia levemente. A ondulação gradual do Mar da China Meridional, juntamente com as vibrações dos motores, era sentida pelas solas das botas. Ele foi em direção ao interior do navio, caminhando por um labirinto de corredores, descendo escadas que levavam a lugares desconhecidos.

Nos últimos dias, assim como na época do colégio ele observara garotas desaparecendo em ruas estranhas e para dentro de casas desconhecidas, ele observara as enfermeiras desaparecendo quando elas saíam do serviço. Também lembrou que a enfermeira ruiva era a tenente K.E. Elsked.

Agora, no calor e no silêncio dos deques e corredores ecoantes, iluminados por luzes vermelhas sombrias, Mellas avançava silenciosamente para o centro do país dos oficiais. Ele sabia que circular pela área onde as enfermeiras ficavam era proibido para ele. Todavia, ele prosseguiu nervosamente. Um paramédico e um marinheiro passaram por ele. Ambos lançaram-lhe olhares, mas não disseram nada, porque ele era um oficial. Mellas continuou descendo os corredores. Suas botas, maleáveis depois de horas na água, sussurravam suavemente contra o metal abaixo. Ele virou em uma curva do corredor e passou por uma porta aberta. Dentro, vislumbrou um oficial mais velho de cabelos grisalhos, curvado sobre uma pequena escrivaninha. Com um sobressalto, Mellas percebeu que era o capitão do navio. Saiu apressado e andou por um labirinto confuso de curvas, sem ter certeza de onde estava, confiando no instinto para encontrar o quarto com o nome da tenente Elsked na porta.

Por fim, encontrou-o.

Seu coração martelava na garganta. Se ela reagisse mal, ele teria sérios problemas. Olhou de um lado para o outro no corredor vazio, engoliu em seco e depois bateu à porta.

Depois de um momento, houve uma pergunta abafada para outra pessoa, e depois uma pergunta em voz alta: "Quem é?".

Mellas não sabia como responder. Nunca tinha dito seu nome a ela. Será que ela se lembraria da sala de operação?

– Quem é? – outra voz, mais dura, repetiu.

– Hã, sou eu – Mellas respondeu sem jeito. – O fuzileiro, o tenente – fez um pausa, depois acrescentou rapidamente: – T.S. Eliot.

Houve um "Quem?" abafado e irritado da segunda voz, depois uma resposta. "Tudo bem, eu conheço ele", houve uma pausa. "Acho que você também."

Uma fresta da porta foi aberta. A tenente Elsked, cruzando os braços sobre um roupão de banho branco e felpudo, olhou para fora.

– Que diabos você tá fazendo aqui? – ela sussurrou.

– Tenho que falar com você sobre algo.

– O quê? – ela perguntou baixinho. – Você vai acabar se dando mal.

– Deixa eu entrar, então.

Ela apertou as mãos sobre o roupão, fechando-o com mais firmeza.

– Por favor – Mellas suspirou. Olhou para ela, suplicando. – Não é o que você pensa. Preciso de ajuda – viu os dedos dela relaxarem um pouco. – Preciso de alguém que conheça o sistema por aqui. Quero dizer, o sistema social.

Ela fez uma pausa.

– Ok – abriu a porta totalmente. – Meu Deus, as coisas que eu faço por meu país.

Mellas entrou rapidamente.

Ela acendeu uma luminária da escrivaninha.

– Desculpe, Kendra – ela disse.

Mellas virou-se e viu a enfermeira da triagem na cama de baixo do beliche. Ela olhou também, sua boca estava fechada com força.

– Acho que vocês dois se conhecem – a tenente Elsked disse, maliciosamente. – Segundo-tenente Mellas, do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos – ela acenou a cabeça de leve para Mellas. – Da Reserva, correto? – tinha uma sombra de sorriso nos lábios. – Conheça a tenente Dunn, da Marinha dos Estados Unidos – puxou uma cadeira da escrivaninha. – Agora que vocês foram apresentados, talvez os dois possam relaxar – sentou-se e desceu o roupão para baixo dos joelhos. Inclinou-se para trás e colocou as mãos nos bolsos do roupão, obviamente entretida com a cena. – Nenhum de vocês dois é tão ruim quanto o outro pensa que é

– acrescentou.

Dunn encarou Mellas. Puxou o cobertor até os ombros e se virou de costas para ele, encarando a divisória.

Mellas olhou para a tenente Elsked, que deu de ombros, como se dissesse que tentou fazer o possível. Olhou para os pés descalços por um momento. Mellas não conseguiu evitar de acompanhar o olhar. Seus olhos se detiveram por um momento nas panturrilhas antes de olharem para as unhas vermelhas dos pés.

– E então, T.S.? – Elsked perguntou, olhando para ele calmamente. – Ou posso chamar você de Waino? Nome engraçado.

Mellas sentiu-se corar de vergonha, porque era óbvio que a companheira de quarto lhe tinha contado sobre o episódio – e ao mesmo tempo de alegria, porque ela sabia o seu nome.

– Pode ser Waino – disse.

– O meu é Karen. Aposto que não sabia disso.

– Não, não sabia, tenente Elsked.

– Pode me chamar de Karen enquanto eu estiver de roupão.

Houve uma pausa agradável e embaraçosa, rompida pelo barulho da companheira de quarto se remexendo na cama.

Mellas desembuchou.

– Alguém roubou minha espada.

Dunn tirou os cobertores de cima de si e se virou para olhar para Mellas.

– Estou cansada e de saco cheio dessa maldita espada. Agora se manca e vai embora. Se não fosse pela tenente Elsked, eu mandaria você pra prisão.

Mellas sentiu sua raiva habitual surgir, mas dessa vez a controlou. Virou-se para Elsked.

– Preciso da sua ajuda. Já falei com todo mundo que poderia me ajudar. Ela desapareceu. Não tenho um protocolo. Não tem jeito de rastrear. Um HM1 chamado Bell foi o último que eu vi com ela.

– O que a tenente Elsked pode fazer a respeito disso, tenente? – Dunn perguntou.

Mellas respirou profundamente. Manteve os olhos nos olhos de Elsked.

Ela o encarou friamente.

– Achei que talvez você soubesse como encontrá-la – disse. – Se você perguntar por aí... sabe, perguntar para alguns dos paramédicos... talvez eles tenham visto. Alguém tem que estar com ela.

– Ok. Vou perguntar durante o meu turno amanhã.

Mellas balançou a cabeça.

– Não dá pra esperar até amanhã. Tenho ordens para ir embora amanhã – o medo lhe deu um frio no estômago.

Elsked olhou para ele cuidadosamente.

– Quanto tempo ainda resta na sua temporada?

A mente de Mellas travou.

– Que dia é hoje?

Elsked riu.

– Quinta, três de abril, a não ser que já tenha passado da meia-noite. A Páscoa é no próximo domingo.

Mellas olhava para a mão direita e mexia os dedos.

– Trezentos e quatro dias e uma noite – falou finalmente. Era como uma sentença de prisão perpétua. – Se eu ficar acordado a noite toda. Do contrário, são duas noites – deu um sorriso forçado.

O rosto dela mostrava bondade.

– É bastante tempo.

– É.

– O seu olho tá bem?

Ele fez que sim.

– E as pernas?

Fez que sim de novo.

A luz nos olhos dela aumentou. Olhou para as pernas de novo. Os olhos de Mellas seguiram o olhar. Suas pernas eram muito bem torneadas.

– Por que a espada é tão importante? – ela perguntou.

– Alguém morreu... – Mellas parou. Lembrou-se de Vancouver correndo contra a emboscada, provavelmente salvando a vida de muitos. Quantas vidas foram salvas por esse guerreiro? – Sei lá, apenas é importante – fez uma pausa. – Você tinha que estar lá pra saber.

– Ah, meu Deus, é só uma espada de lembrancinha – Dunn disse. Ela

tinha vestido um roupão azul debaixo dos cobertores. Saiu do beliche de baixo com o corpo rígido sob o roupão.

– É meio difícil de explicar – Mellas revelou. Estava com raiva porque Dunn achava que a espada era algo trivial, mas se conteve.

– Realmente, é muito difícil de explicar – Dunn ironizou. Seus olhos pequenos apertaram-se ainda mais. Pegou uma bolsa de utensílios e um par de sapatos pretos com grossas solas de borracha. – Vamos, Karen.

– Onde você vai? – Elsked perguntou a ela.

– Chamar o Oficial de Serviço – Dunn se virou e colocou as calças sob o roupão.

– Ele não fez nada de errado – Elsked disse em voz baixa, mas firme.

– Está passando dos limites, só isso. Sem contar a desobediência à ordem direta e o desrespeito por um oficial superior – Dunn sentou-se na cama e colocou um par de meias cáqui e os sapatos, ajeitando-se para manter o roupão fechado. Por fim se levantou.

– Kendra, calma, ele só pediu uma ajuda. Qual é o problema?

– Talvez eu não goste de espadas, ora. Talvez eu não goste dele. Ele passa dos limites e não se liga – ela andou até a porta.

Mellas colocou a mão na porta, quase a ponto de bloquear a passagem de Dunn. Suas entranhas tremeram. Tentou manter sua voz calma e controlada.

– Por favor, tenente, senhora – estendeu uma mão para ela, com a palma voltada para cima e os dedos estendidos, como se para afastá-la. – Por favor, acredite, eu não vim aqui pra causar problemas. Admito que passei dos limites. Olha, não consigo explicar por que a espada é importante para mim. Por favor. Eu só vim aqui pedir a Karen... à tenente Elsked... ajuda, e acho que ela é quem decide. Se ela disser não, eu vou embora. Eu vou embora até se ela disser sim. Eu vou embora amanhã. Eu vou sumir da vida dela. Posso até sumir da minha vida – virou-se para Elsked e deixou escapar – Karen, eu preciso daquela espada – se jogar-se aos pés de Dunn tivesse ajudado, ele teria feito.

Elsked notou isso, e a compaixão brilhou no seu rosto. Acenou com a cabeça devagar. Levantou-se e pegou seu uniforme.

– Vá esperar na sala dos oficiais – pediu para Mellas. – Sempre tem

café pronto lá. Eu te encontro ali o mais rápido possível – virou-se para Dunn, que observava com lábios apertados. – Então, relaxa, ok? Ele é inofensivo – ela se virou para Mellas. – Ao menos para nós.

Mellas chegou à segurança do refeitório dos oficiais sem problemas, mas seu coração ainda estava latejando. Serviu-se de um copo de café e esperou. Uma hora se passou. Bebeu mais duas canecas. Leu revistas distraidamente. Enfermeiras e doutores entravam no refeitório para as mudanças de turnos. Alguns acenavam com a cabeça ou diziam olá. A sala se esvaziou. Começou a beber uma quarta caneca. Outra hora se passou.

De repente Elsked entrou na sala estofada, trazendo a espada na mão. Seus olhos brilhavam e ela respirava rápido, seus seios visivelmente se mexiam para cima e para baixo.

– Você conseguiu! – Mellas gritou. Ele correu para abraçá-la, depois pensou melhor e parou.

Ela entregou a espada para ele, quase formalmente, como se estivessem em uma apresentação. Ele a pegou.

– Meu Deus, Karen. Obrigado – Mellas agarrou a espada pelo punho e a apertou com força, seus olhos se umedeceram com o triunfo e a gratidão. Segurou a espada na frente de ambos. – Eu me sinto como Sir Francis Drake – disse, constrangido de repente.

Ela riu.

– Bem, se você realmente quiser, eu posso te tocar nos dois ombros com as espada, mas eu não me senti bem como rainha Elizabeth quando bati à porta do doutor que comprou a espada do HM1 Bell – ela riu. – Mas eu fui uma maldita Maria, a Sanguinária quando a questão foi anular a transação.

– Aposto que foi mesmo – Mellas disse e riu. Olhou-a e percebeu que ela era uns quinze centímetros mais baixa que ele. – A espada pertencia a um cara do meu pelotão, chamado Vancouver. Ele morreu com ela, correndo por uma ZP tentando atacar uns viets que vinham do outro lado. Ele salvou o ataque. Ele... – Mellas, para sua própria surpresa, começou a soluçar. – Ele... – queria continuar, mas a tristeza sufocante encheu seus pulmões e seus olhos e travou-lhe a língua. Não conseguia falar.

– Tudo bem – Karen falou. Ela o tocou de leve no ombro. – Ele era um amigo. Você sente saudade dele, como sente dos outros – ela pegou seu antebraço suavemente e ficou segurando.

Mellas conseguia apenas fazer que sim, as lágrimas escorriam pelo rosto.

– Eu sabia que era importante. Você não tem que explicar. Fico feliz de ter encontrado – ela o olhou nos olhos e soltou seu braço.

Mellas sorriu. O aperto na garganta passou.

– Acho que você nem tem ideia do que fez por mim – disse.

– Na verdade, acho que é o contrário – ela respondeu.

Mellas olhou para a espada.

– É. É como se a gente fosse precisar dela algum dia, algo assim. É loucura, acho.

– Não, isso faz bem.

Ele olhou diretamente nos olhos dela, e ela nos dele, nítidos e bondosos.

– Eu provavelmente não vou ver você de novo – ele revelou.

– Espero que não – ela tentou sorrir, mas conseguiu dar apenas um sorriso amarelo. – Só Deus sabe que você vai estar muito melhor quando estiver longe daqui – ela mordeu o lábio inferior. – Você vai ficar bem? Digo... – vacilou. – Sabe... não fisicamente.

Mellas fez que sim várias vezes.

– Agora eu vou – finalmente conseguiu dizer. Ela chegou perto dele e o beijou no rosto. Ele a agarrou com o braço esquerdo e apertou contra ele, com a espada ainda na mão direita. Ele queria se fundir a ela. Tentou colocar a cabeça entre os cabelos ruivos e suaves. Ela o empurrou calma, mas firmemente. Notou que os olhos dela estava úmidos quando ela se virou e foi embora rapidamente.



No dia em que Mellas foi resgatado, a Companhia Bravo zarpou de Matterhorn e subiu o Morro do Helicóptero para ser resgatada também. Todos os buracos que tinham tomado foram ocupados pela Companhia Delta e pelo quartel-general do batalhão.

Fitch olhou ao redor nervosamente. Os garotos se sentaram. Alguns viram amigos e foram tentar se enfiar nos seus buracos, mas a maioria da companhia permanecia exposta, deitada de costas no barro úmido.

Blakely rastejou para fora do bunker de comando quando o operador de rádio informou a chegada da Bravo. Viu que eles não tinham mais forças para combater. Ainda assim, não conseguiu evitar o entusiasmo ao se lembrar do ataque. Lamentou não ter sido um jovem tenente para participar. Ao mesmo tempo, se sentia imensamente orgulhoso de seu papel. Sabia que era trabalho burocrático, mas importante, e ele era bom nisso.

Agora ele tinha dois trabalhos de merda para fazer. O primeiro era dizer para a Bravo descer de novo. Ele não podia deslocar a Companhia Delta, porque ela precisava estar na ZP como elemento de reserva e aproveitamento. Deixar a Bravo no morro amontoaria muita gente e acarretaria possíveis baixas por causa dos morteiros. Além do mais, se eles ficassem entrincheirados no pé do morro, seriam bloqueados os acessos mais fáceis de ataque do ENV a ambos os morros.

Observou Fitch e Hawke andarem em direção a ele com aspecto cansado. O operador de rádio de Fitch estava a cerca de três passos atrás deles, gritando algo para uma das tropas da Companhia Delta.

– Tenente Fitch – Blakely chamou, estendendo a mão para ele. – Desculpe fazer você andar até aqui – explicou que todos os helicópteros estavam ocupados deslocando tropas e artilharia e que a Bravo teria de

passar a noite no pé do morro entre Matterhorn e o Morro do Helicóptero.

– Puxa vida – Pallack disse, com a voz alta o bastante para ser ouvido.

Blakely olhou para ele, um pouco irritado com essa falta de respeito.

– Senhor, meus homens estão mortos – Fitch falou. – Você está mandando eles construírem outro perímetro, numa posição exposta. Nós mal conseguimos mantê-los acordados ontem à noite.

– Não me surpreende – Blakely disse. Dava-lhe raiva que, com tal atitude amadora, Fitch de algum modo conseguiu se revelar um vencedor. O coronel tinha se divertido muito com o ataque. Todo mundo na divisão, até o general, estivera observando. Ninguém percebeu sua liderança medíocre e seu desrespeito por ter dormido no serviço e ficado encalhado sem comida e água.

– Puxa vida – Pallack lamentou novamente.

– Cabo Pallack, chega – Fitch reagiu. – Vá dizer para o Cicatriz mandar todo mundo pegar água, comida e munição completa. Eu vou me juntar a vocês depois.

– Sim senhor, chefe – Pallack olhou brevemente para o abismo da hierarquia e de escalão que o separava do major, depois virou-se em direção à companhia, ou ao que restava dela, para fazer esse trabalho.

– Quero falar com vocês dois – Blakely anunciou. Virou-se e andou em direção à entrada do bunker, deixando Hawke e Fitch para trás olhando um para o outro.

– O que ele vai fazer? – Fitch perguntou. – Mandar a gente atacar o morro de novo?

– É bem possível – Hawke respondeu. – Com a Delta na defesa.

Foram atrás de Blakely.

Blakely disse que poderia levar Hawke para a corte marcial por abandonar seu posto.

– Mas acho que você também sabe que não vou fazer isso – acrescentou. – Por que você não veio falar comigo?

Hawke ficou calado.

– Você tem algo a dizer de si mesmo antes de ser dispensado?

– De mim *mesmo*? Não, senhor.

– Ok, então. O coronel quer falar com você. Ele está lá no PdeC da

Delta. Quero falar com o tenente Fitch a sós.

– Sim, senhor – Hawke partiu para falar com Simpson.

Quando ele se foi, Blakely disse para Fitch que Simpson o estava transferindo do batalhão. Era apenas um gesto de bondade em reconhecimento ao recente ataque e que Simpson não o privaria do posto de comando por justa causa. Fitch podia se considerar transferido assim que voltassem à Base Vandegrift. Goodwin assumiria o comando até que Mellas retornasse, e este ficaria no comando até conseguirem um comandante de linha.

No PdeC da Delta, Simpson disse que indicaria Hawke para uma Estrela de Bronze.

Quando Hawke voltou para se juntar a Fitch e Pallack ao lado do velho bunker de Fitch, ouviu gritos de "Morteiro!". Gente de todo canto saiu correndo para os buracos. As cargas de morteiro vieram se estatelando. Os fuzileiros se amontoavam nos buracos, segurando os capacetes, rezando, tentando não pensar, ouvir ou sentir. Hawke se agachou ao lado da entrada do bunker, olhando para a sua velha companhia.

Fitch e Goodwin andavam lado a lado, liderando a companhia em silêncio para baixo do morro. Os fuzileiros da Companhia Bravo iam atrás, em silêncio, aparentemente sem dar atenção às cargas de morteiro, andando com os rifles pendurados nos ombros. Exaustos, estavam tão indiferentes às bombas quanto à chuva.

Alguns fuzileiros da Companhia Delta saltaram as cabeças para fora dos buracos, observando os camaradas, assim como Hawke fazia. Alguns balançavam as cabeças e resmungavam: "Filhos da mãe malucos". Alguns soltavam um assovio baixo. A maioria ficou em silêncio.

A emoção apertou a garganta de Hawke. De repente, ele entendeu por que as vítimas de campos de concentração andavam silenciosamente em direção às câmaras de gás. Diante do horror e da loucura, era a única coisa humana a ser feita. Não a mais nobre, tampouco a mais heroica – a humana. Viver, sucumbindo à loucura, era a perda máxima do orgulho.

Na tarde do dia seguinte, depois que a equipe do batalhão se retirou, a

companhia foi transportada de volta para a Base Vandegrift. Era domingo. O padre Riordan, capelão do batalhão, achou que seria reconfortante realizar uma cerimônia em memória dos mortos. O coronel e o Terceiro concordaram prontamente, mesmo que as cerimônias normais já tivessem sido realizadas naquela manhã.

Goodwin teve que intimar todo mundo a ir. O setor de provisões mandou novos uniformes. A companhia foi até os chuveiros de sacos de lona ao lado do riacho. Infelizmente, depois de lavadas a sujeira e as crostas de sangue e pus, a podridão da selva espremeu pus fresco nos uniformes novos. Ainda assim, era um prazer poder espremer o pus e vê-lo fluir, limpo e amarelado e ensopar o algodão limpo dos novos uniformes. Alguns choramingaram, mas, com a água limpa, as roupas novas e uma refeição quente, foram poucos.

Às dez para as quatro da tarde, Fitch e Goodwin foram até a área lamacenta onde as tropas armavam seus abrigos.

– Ok. Vocês têm dez minutos para ir até a capela – Fitch disse. – Nós veremos todos lá. Depois da capela, vocês estão de folga até as oito horas de amanhã – olhou ao redor. Sua companhia era lamentavelmente pequena. Então, olhou para baixo, sem conseguir falar, os ombros curvados.

– Olha, rapazes… – acrescentou. Tentou sorrir. As palavras não saíam. O nariz começou a escorrer. Os músculos na garganta doíam. Então levantou o braço e tirou o boné. – Olha... – resmungou com a voz fraca.

Os rapazes se levantaram do chão. Aqueles que estavam de boné tiraram e permaneceram em pé, alguns com as mãos dobradas sobre os bonés, olhando para Fitch lá em pé debaixo do céu de chumbo.

Fitch colocou o boné e foi até a capela.

Na cerimônia, o padre Riordan conduziu todos em um hino. A maioria dos negros não conhecia a música, nem a metade dos brancos.

Riordan apresentou Simpson.

Simpson avaliou os rostos jovens e recém-lavados diante dele, sentindo

um impulso de orgulho e coragem. Levantou-se com as duas mãos atrás das costas, as pernas um pouco abertas, e disse o quanto estava orgulhoso de todos eles, o quanto estava orgulhoso daqueles que sacrificaram tudo.

– Foi um ataque clássico. Na melhor tradição do Corpo de Fuzileiros Navais – fez uma pausa, procurando as palavras que expressariam como ele se sentia. – Não sei se vocês sabem, mas eu tenho um quadro de relatório no meu alojamento que possui todas as minhas unidades listadas. Se uma delas faz um trabalho especialmente excelente, eu coloco uma estrela dourada ao lado para que todos que entram lá possam ver. Até hoje eu só coloquei duas estrelas douradas durante todo o tempo que estive na província. Bem, hoje de manhã eu acrescentei mais duas. Uma para os morteiros de 81 mm, minha arma pessoal de oportunidade, e uma para a Companhia Bravo – olhou para os rostos que o encaravam. – Jamais houve um oficial de comando mais orgulhoso do que eu – sentou-se, contendo as lágrimas que enchiam seus olhos.

O padre Riordan se levantou.

– Abaixemos as cabeças em oração – aguardou até que parassem de se mexer. – Pai Celestial, pedimos a Ti que aceites as almas destes jovens falecidos que nos últimos dias morreram por seu país, dando a última e a maior das dádivas que qualquer homem pode oferecer para que outros sintam o gosto da bondade, a chance de Te adorar do modo que eles...

Sussurros já tinham começado no fundo da barraca.

– Ei, Gambaccini, vocês, carcamanos, ouvem essa merda o tempo todo?

– Isso é uma piada para Jesus.

– Nosso coronel é uma professorinha dando estrelinhas douradinhas.

– Ei, Cicatriz, a gente pode cair fora?

– ... conforto e consolo para os entes queridos deixados para trás por estes nossos irmãos falecidos. Que eles saibam que o Teu sacrifício não foi em vão, mas concedei, ó Pai bondoso...

– Porra, o Pai bondoso não tava dando mole pra *gente* no morro.

– Eu não tenho raiva de Deus, mas, porra, ele deve ter raiva de mim mesmo.

– Cortell, vai lá em cima e ensina esse padreco a pregar, cara.

Havia também aqueles que não diziam nada, como o Toupeira e China.

O coronel se retirou por volta da meia-noite, achando que aquele tinha sido um dia muito bom. Às duas da madrugada, figuras sombrias se arrastaram até a lateral do seu alojamento. Na frente, o fuzileiro designado para a guarda fazia um grande esforço para não cochilar. Ouviu alguém gritar lá pelo caminho lamacento do lado do bunker de provisões. "Mêêêê, nóis tá muito doido." Depois, outro respondeu. "Podiscrê. Pooorra, meu." Os risos se fizeram ouvir pelo caminho. O guarda viu dois fuzileiros negros dando um toque de mãos e sorriu.

O cano de ferro atingiu-o do lado do rosto, esmagando o osso da mandíbula e arrancando cinco dentes. O segundo veio do outro lado, atingindo o supercílio. Ele caiu de joelhos e foi atingido de novo no pescoço. Seu gemido foi sufocado por uma mão escura, e ele gradualmente foi abaixado até o chão enlameado.

Houve um breve tumulto. Os dois supostos doidões sumiram de vista. Os dois portadores de canos correram na direção oposta. Alguém levantou a vareta da barraca do coronel e jogou uma granada lá dentro. Em seguida correu para a escuridão.

O estrondo da granada no chão acordou Simpson. Ele soltou um grunhido abafado, assustado – e correu. Jogou-se contra as cordas da barraca e saiu rastejando pela lama no escuro, tentando desesperadamente ganhar a corrida contra a explosão. Mergulhou na lama, enfiando a cabeça no chão.

Nada aconteceu.

Olhou para cima, sentindo-se um idiota de cueca enlameada. Viu o guarda caído no chão. "Oficial de serviço!", gritou.

A porta pesada do bunker do COC se abriu, e um raio de luz se espalhou pela noite antes que a cortina de *blackout* fosse fechada. Stevens veio correndo.

– Chama um paramédico, porra – Simpson gritou. – Meu guarda foi emboscado.

– Você tá bem, senhor?

– Chama um paramédico, caralho.

Stevens se virou para um dos operadores de rádio do batalhão que corria até ele.

– Você ouviu, chame um lula – o garoto saiu correndo para a estação de pronto-socorro do batalhão.

Simpson estava tremendo.

– Alguém tentou me estilhaçar. Eu ouvi a granada rolando pra dentro. Ela falhou.

– Puta merda, senhor – Stevens bravejou. Os dois homens ficaram olhando a barraca do coronel. – Tem certeza de que falhou, senhor? – Stevens perguntou finalmente, com medo de que o coronel pedisse para ele olhar.

Simpson ficou parado um momento, sua cueca enlameada esfriando.

– Tenho, porra.

Outros estavam saindo do bunker do COC. Um trazia uma lanterna. Os outros dois vieram correndo da estação de pronto-socorro. O paramédico também trazia uma lanterna. Simpson pegou a lanterna e entrou no alojamento.

Caída no chão estava uma granada sem cápsula. Em volta dela, havia um pedaço de papel. Simpson o pegou e desamassou. Era uma lista mimeografada de companhia, com nomes, postos, números seriais, datas de término de temporada. Era a Companhia Bravo. Nomes tinham sido riscados duramente com uma caneta esferográfica. Datilografadas perfeitamente ao lado dos nomes estavam palavras como assassinado, aleijado, mutilado, cego...

Simpson amassou o papel. Blakely entrou correndo na barraca.

– Você está bem, senhor? – perguntou.

– Estou, porra. Aquele merda de guarda é que ajudou muito.

– Ele apanhou feio, senhor.

– Ele merece. Provavelmente dormiu em serviço. Eu devia mandar ele pra corte marcial, aquele traste – passou a granada para Blakely.

– Está sem cápsula – Blakely explicou.

Simpson olhou para ele friamente.

– Vou tentar tirar as impressões digitais – Blakely disse.

– Nem se preocupe. Você sabe que as chances de conseguir são mínimas – Simpson acendeu a luz. Passou o papel amassado para Blakely.

Blakely engoliu em seco. Devolveu a lista para Simpson.

– Senhor, sugiro que tomemos uma ação imediatamente.

– Qual? – Simpson perguntou.

– Desarmar a Companhia Bravo até que sejam engajados no mato de novo. Coletar todas as granadas, todas as armas. Colocar homens extras de guarda. No meu alojamento também.

– Ok. Chame o sargento Cassidy aqui. Eram homens dele. E acorde o tenente Goodwin. A companhia é dele.

Dentro de meia hora, Cassidy estava em pé com três fuzileiros no Q&P observando tristemente a pequena cidade de barracas de ponchos e corpos deitados de barriga para baixo, pateticamente pequena, que costumava ser a sua velha unidade. Alguns garotos dormiam expostos à chuva, desmaiados de bêbados. Então fechou a cara. Goodwin se recusou a ajudar.

– Ok. Todo mundo de pé. Acordem. Todo mundo fora da cama.

Os garotos rosnaram. Alguns olharam para os relógios: três da madrugada. O medo os fulminou. Alguém estava em uma merda tão grande que eles iam ser mandados de volta. O medo atravessou o complexo enlameado. Mas provavelmente havia fuzileiros em apuros. Eles teriam de ir.

– Alguém tá na merda, Gunny? – alguém perguntou.

– Sim – respondeu sombriamente –, a Companhia Bravo.

Os garotos tremeram sob a garoa. Alguns vestiram as japonas para se aquecer.

– Quero ver todos os comandantes de pelotão – Cassidy ordenou. Três que tinham sido líderes de esquadrões foram até ele: China, do Segundo Pelotão; Connolly, do Primeiro; e Campion, do Terceiro. Três rostos preocupados olhavam para Cassidy.

– Alguém bateu no guarda do coronel hoje à noite. Quase o mataram – ele olhava diretamente para China enquanto falava. – Um fuzileiro bom pra

caralho. Mais três dias e ele teria conseguido dispensa pra ir embora desse lugar de merda. E uns babacas quebraram a cara dele porque ele ficou na guarda do coronel. Uns caras bem orgulhosos.

China se manteve frio. Connolly e Campion trocaram olhares.

– Uma granada postiça foi jogada no alojamento do coronel. Tinha a lista de nomes da Companhia Bravo nela – fez uma pausa. – Com algumas modificações.

– Como o quê? – Connolly perguntou.

Cassidy ainda olhava para China.

– Como os que morreram pelo seu país, cujos nomes foram riscados, e a palavra "assassinado" foi datilografada ao lado.

– Você acha que alguém da Companhia Bravo fez isso, Gunny? – China perguntou, com os olhos arregalados.

Cassidy odiava China, mas ao mesmo tempo admirava sua frieza.

– Eu não acho nada – disse. – Eu tenho ordens para coletar todas as granadas, armas, claymores, tudo. Eu quero tudo amontoado em pilhas bem aqui, para cada pelotão.

– Que porra é essa, Cassidy? – Connolly falou. Outros tinham se juntado ao redor do grupo e ecoaram o protesto.

– Apenas faça o que mandei, Connolly.

– Eu mereci aquele rifle, porra.

– Sim, mereceu. Vocês todos mereceram – Cassidy cerrou os dentes. Olhou para os rostos exaustos, magros, os olhares mortos. Analisou ao redor a esqualidez, viu os garotos com quem corcovou lado a lado no frio e no calor, agora tremendo na escuridão, perplexos, com raiva. Queria gritar para que facilitassem isso para ele.

Mas ninguém se mexia.

– Vou ter que tirar de vocês? – Cassidy perguntou.

– Cê não tá errado, Gunny – Connolly anunciou. Andou até o abrigo, pegou o rifle e jogou na lama. Depois, sentou-se no chão e ficou olhando para o rifle.

– Pega o rifle do chão, Connolly.

– Vai se foder, Gunny.

Cassidy marchou até ele, parou na sua frente. Connolly continuou

encarando o rifle enlameado. Depois, virou-se de lado, estendeu o braço para dentro do abrigo envergado, tirou a metralhadora modificada de Vancouver e a jogou na lama.

– Pronto. O babaca do caralho pode ficar com isso também – lágrimas encheram seus olhos e ele tentou, sem sucesso, prendê-las nos olhos.

Cassidy olhou para a arma caída na lama.

– Quero todas as granadas também, Connolly – Cassidy disse finalmente.

– Claro. Vocês querem tudo, né, seus babacas do caralho?

– Porra, cadê o teu orgulho? – Cassidy perguntou em voz baixa.

– Eu perdi naquela porra de morro que a gente abandonou.

Cassidy se virou. Sua voz de campo de exercícios voltou.

– Porra, eu quero toda a munição e todas as granadas amontoadas impecavelmente. Quero os rifles empilhados de modo organizado. Quero as pilhas bem aqui.

Alguns garotos começaram a se mexer para pegar as armas. Então, China disse:

– Hã-hã – todo mundo parou. China pegou a metralhadora e a jogou na lama. Parou ereto na frente dela. Outros fizeram o mesmo. Logo a área estava amontoada de granadas, rifles, cintos de munição, bandoleiras, claymores e armas capturadas.

– E os nossos abridores de lata, Gunny? Aquele covarde de merda quer os nossos John Waynes?

– Eu tenho uma agulha no meu kit de costura. Quer ela?

Cassidy ficou isolado, sem dizer nada. Às vezes, fazia um gesto para o time do Q&P coletar as armas. Os fuzileiros da Companhia Bravo, enojados, começaram a rastejar de volta para dentro dos abrigos ou a se enrolar em ponchos molhados no chão.

China continuou em pé na frente da metralhadora, esperando. Quando um dos fuzileiros do Q&P se aproximou, China a chutou para longe. O garoto levantou-se.

– Olha, cara, a ideia não foi minha – ele se abaixou para pegar a arma de novo. Mais uma vez, China a chutou para o lado. O garoto se virou para Cassidy, que não tinha notado os chutes, e de volta para China: – Ô, para

com isso. Deixa eu acabar com essa merda. Não tenho nada contra você.

– Se você tocar nessa arma, eu vou te matar.

– Meu Deus, não leva pro lado pessoal.

China se debruçou sobre ele.

– Ninguém vai pegar minha metralhadora a não ser o Cassidy. Se pegar, você vai se foder feio, mesmo se eu não estiver aqui.

– Tá bom. Tá bom – o garoto seguiu adiante.

Cassidy notou. Foi até China.

– Por que o Schaffran não pegou a sua arma?

– Ele não quis.

– Você ameaçou ele, seu merda?

– Como eu posso ameaçar alguém? *Eu* não tenho armas.

Alguém soltou um riso relinchado. Cassidy percebeu que agora todos o observavam para ver o que ele faria. Ele e China ficaram parados, os olhos entrelaçados.

– Você vai fazer o seu *dever*, Cassidy, e pegar minha arma? – China perguntou em voz baixa.

Cassidy olhou diretamente nos olhos de China. Suas mãos começaram a tremer. Então, abaixou-se para pegar a metralhadora.

China a chutou para longe.

– Parker – disse.

Cassidy levantou-se. Sua voz tremia de raiva.

– Se você acha que eu vou mandar você fazer algo pra você se recusar e virar um mártir de merda e ficar na zona segura esperando o julgamento com o resto dos merdas que você chama de amigos, pode esperar sentado.

Ele estendeu o braço para pegar a arma. Mais uma vez China a empurrou para o lado.

– Broyer – disse.

Cassidy levantou-se de novo.

– Eu perdi amigos também, China.

– Como uma engrenagem de merda tem amigos? Como uma engrenagem vai ser homem um dia?

Cassidy cerrou os punhos e viu China se armar para o soco. Cassidy hesitou, esforçando-se para conter a raiva.

– Ser homem é algo que você nunca vai entender – afirmou. Inclinou-se e pegou a metralhadora de China.

– Você me dá nojo, engrenagem – China foi para seu abrigo, deixando Cassidy com a arma enlameada. O resto da Companhia Bravo deu as costas para ele.

Alguns, porém, não o esqueceram.

– Tá na hora de apagar o filho da puta – Henry revelou. – Agora.

– Já teve muita morte – China disse em voz baixa.

Henry se levantou e girou.

– Cara. Vou ter que ouvir essa merda de "já teve muita morte" como se fosse um menino admirando o papai que voltou da guerra? Tu sabe quem tu andou matando por aí, num sabe? Teus próprios manos. É. Teus próprios manos. Esses sim tu fez sofrer por *muita morte*. Bom, chega dessa merda. Nós temos que matar eles. *Para* os nossos.

China notou que Henry tinha os manos com ele. Ainda assim, alguns deles, como o Toupeira, ficaram esperando China dizer algo. A retórica de China travou.

– Tu só vai ficar sentado aí no chão enquanto aquele branquelo racista joga o nosso mano Mallory num contêiner do caralho como um animal? – Henry perguntou. – E depois tu vai correr pra cima daquele morro do caralho como se fosse um preto tipo Audie Murphy e metade dessa companhia do caralho se matando por nada, e daí *ele* manda umas Coca-Colas do caralho, como se tu tivesse num time de futebol? Ei, cara. E depois tu perde os bagos levando tiros. Tu não acha que talvez aquele perpétuo do caralho tá fazendo merda contigo? Ou tu tá virando branco de mais de um jeito? Quem sabe o teu pai é um branco filho da puta e te deixou com todas essas manchas de branco.

Esse insulto familiar fez China apertar os dentes com tanta força que ficou com medo de quebrar um molar. Ele sabia o que Henry estava fazendo, e sabia que havia muita coisa em jogo para ceder à raiva.

Henry andou até o baú de ébano de Macáçar e abriu a pesada tampa.

– Pensa nisso, mano, enquanto eu bolo um baseadinho do bom, e tenta

entender por que tu é tão mané.

Removeu com cuidado as roupas e outros itens do baú, revelando uma caixa lindamente trabalhada, com uma gaveta. Abriu a gaveta e tirou um cachimbo, um enrolador de cigarro e alguns papéis.

China se arriscou.

– Tu que é mané. Que tu acha que vai adiantar mais um mané de costeleta que só pensa em Deus-e-país? Ele é só uma engrenagem na máquina. Ele se *arrastou* na minha frente, cara.

Deixando a tampa do baú aberta, Henry apenas sorriu para China. Andou calmamente até a cômoda, removeu o fundo falso da gaveta e tirou um pequeno saco plástico com maconha. Depois, tirou da gaveta de cima um isqueiro prateado incrustado de diamantes. Ainda sorrindo, virou-se para encarar China.

– Tu é que deu a arma pra ele. Ele cortou teus bagos, na minha opinião.

China fisgou a isca, mas não do jeito que Henry queria.

– Tu acha que não queria quebrar os babacas? Tu acha que eu não sei que eles são um bando de filhos da puta loucos? – China se virou para os outros manos, deixando de se dirigir a Henry. – O que cês acham que isso aqui é, uma merda de gangue? A gente não vai sair e causar estrago e foder com esses caras só pra se divertir. O negócio é foder com as paradas na fonte do mal. Na *fonte*. A gente tem que derrubar a sociedade racista. Se a parada chegar na briga, aí vai ser uma porra do caralho. A gente não pode deixar eles pegarem a gente um de cada vez.

Virou-se para Henry, que tinha sentado no beliche e estava bolando um baseado cuidadosamente com o enrolador.

– Tu acha que não tô escaldado por causa de um filho da puta desse? Tu acha que não sei que o troco vai ser fodido por causa daquele caipira racista? Mas o troco vai ser duro. Tu acha que eles só vão jogar a tua fuça preta noutro contêiner como o Mallory? Eles vão te foder todo. Vão te jogar de cabeça pra baixo num desses buracos de castigo como fazem com os viets, e tu vai ficar com a fuça tão afundada na merda que eles vão ter que trazer o sol lá do Texas pra te iluminar – isso causou um riso nos irmãos, e China começou a se sentir melhor. – Eles vão te jogar tão longe no mato

que vão usar gorilas pra mandar cartas – então, China bateu o punho na palma da mão. – A gente tem que tomar o poder. Um caipira branquelo morto é uma gota no balde aqui. Eu larguei vários caipiras mortos naquela merda de morro. E manos mortos também. Gente morta não vale nada. São só uns grandes nadas.

– Poder – Henry zombou. – Pff – lambeu a ponta do baseado e ajeitou o papel no lugar. – Tu só vem com esses discursos vazios do caralho, China. Mao diz que o poder sai do cano de uma arma. O cara sabe do que tá falando. Tu vai fazer o quê? Voltar pra casa e cantar "We Shall Overcome"[18]8? – dessa vez, Henry recebeu os risos.

– Me poupe – China disse.

– Bom, tu vai fazer o quê? – Henry lambeu o papel de cigarro calmamente e selou o baseado, observando China com os olhos apertados. – Eu consigo imaginar o China cantando "We Shall Overcome" enquanto ele vai tomar banho de cianureto.

Os amigos de Henry se intrometeram.

– Isso aí, Henry. Mostra pra ele.

– É, China. Qualé, não tá mais com a gente?

– Ei, qualé, mano, qualé a tua? Hein, cara?

– Não tenho nada – China disparou. – Eu andei no mato tentando ajeitar as paradas enquanto vocês, malucos dizendo merda, ficam aqui falando de revolução. Eu tô *fazendo* revolução.

– Ah, me poupa tu, mano – Henry disse. – Só porque tu não conseguiu sair do mato – riu. – Se tu tá mesmo fazendo revolução, então começa aqui mesmo. Despedaça o filho da puta. Desse jeito a gente ensina esses racistas do caralho que o troco tá começando. Eles querem foder com a gente, a gente fode com eles mais ainda – colocou o baseado na boca e acendeu o isqueiro.

China, com os sentidos aguçados depois de passar meses no mato, sentiu o cheiro do fluido de isqueiro. Isso o irritou e o deixou nauseado.

– Eu já te falei, não vale a pena. Ele é só uma engrenagem na máquina. E, depois, a gente mostrou qualé sem matar. A gente tem que armar o homem negro para *defesa*. Não tamo aqui pra assassinar ninguém. A gente pode jogar uma fumaça nele uma noite dessas ou colocar uma mensagem

como a gente fez com o coronel.

– Tu vai escrever outra mensagem? – Henry perguntou. Soltou uma longa baforada de fumaça. Os outros riram. – Deixa isso pra depois, hein. *Bem* depois – ele passou o baseado, depois virou-se de costas para China e pegou algo debaixo do beliche. Tirou um granada de fragmentação. – Isso aqui não é fumaça – disse, jogando para cima e para baixo. Arremessou para China. – Acho que tu é muito covarde pra usar.

Ninguém riu.

De repente, China soube que, mais uma vez, Henry o tinha manipulado. Se ele fizesse o que Henry queria, Henry seria o líder. Se ele não fizesse, ele estava desonrado, e Henry ainda seria o líder.

– Vamos ver quem é covarde – China disse. Puxou o pino da granada e tudo pareceu passar em câmera lenta para ele. Estava tão cansado do massacre que sua própria morte não importava mais. Era o mesmo sentimento exausto e suicida que o fizera andar calmamente pelo morro sob o fogo dos morteiros. Estava apenas vagamente consciente de pessoas gritando, correndo, saindo da barraca.

– Porra, ele ficou louco, meu! Uma porra de granada frag vai explodir! Puta merda! – China, a língua nos lábios, concentrando-se na contagem, jogou a granada para Henry e observou a colher saltar para o outro lado da barraca.

Henry, os olhos arregalados, jogou a granada de volta para China e mergulhou porta afora no chão molhado.

China jogou a granada no baú aberto de Henry, fechou a tampa pesada e jogou uma japona em cima. Saltou para o lado da barraca atrás de uma pilha de sacos de marinheiro, lançou-se ao chão, rolou no tapete de pista, enfiou a cara no barro logo abaixo da beirada da barraca e cobriu a cabeça com as mãos e os braços.

A explosão martelou seus ouvidos e seu corpo.

Deitou-se no barro molhado. O silêncio e a escuridão foram gradualmente preenchidos por um zunido doloroso nos ouvidos, depois pelo cheiro de TNT. Sua cabeça doía. Mas ele estava ileso. Ouviu o murmúrio excitado de vozes fora da barraca. Levantou-se. Alguém abriu a aresta rasgada da barraca arruinada.

Henry entrou. Acendeu o isqueiro e olhou calmamente para as lascas do seu baú de ébano sólido, para sua cômoda furada de estilhaços, para os sacos de marinheiro furados.

– Tu vai pagar por isso, China.

China sabia que Henry não estava falando dos móveis. Também sabia que, embora a imagem de Henry tivesse sofrido um baque, o poder sempre superava a imagem – e, como começava a aprender, a ideologia. O poder era a habilidade de recompensar e punir. Henry podia recompensar com dinheiro e drogas. Ele podia punir detendo o dinheiro e as drogas. Uma bela combinação. No fim das contas, porém, Henry detinha o poder da punição controlado por apenas alguns poucos autoescolhidos. Ele estava disposto a assassinar. China tinha consciência de que, se um homem podia matar *alguém*, todo mundo sabia que ele podia matar *qualquer um*. O único jeito de enfrentar esse tipo de poder era estar disposto a morrer.

China saiu andando de volta para a área da companhia, inquieto e apreensivo.



CAPÍTULO

Um helicóptero transportou Mellas do navio-hospital, atravessando os cinquenta quilômetros que o devolviam à realidade, desembarcando-o na pista de Dong Ha. De lá, pegou carona em um caminhão do Exército, percorrendo treze quilômetros em direção ao sul, passando por um deserto desolado de fazendas de arroz abandonadas, em direção a Quang Tri, a localização da retaguarda administrativa da divisão. Mellas percebeu que o motorista do Exército estava curioso a respeito dele. Afinal, ele ostentava um tapa-olho, várias caixas de charutos debaixo do braço e uma espada pendurada por uma alça complicada no ombro.

Finalmente, o motorista não pôde mais se conter.

– Onde você conseguiu essa espada? – perguntou.

Mellas achou engraçado.

– No mato – disse.

– Ah.

Havia certas coisas que ele não podia dizer aos não iniciados. Para eles, o mato deveria permanecer um mistério, e assim era.

No escritório de madeira compensada sem pintura da Companhia Bravo, um funcionário datilografava. Estava sem camisa, e o suor brilhava nas suas costas largas, que também traziam a cicatriz de uma saída de bala. Fumaça de cigarro se encrespava vagarosamente para cima no úmido ar litorâneo. Acima do funcionário, cobrindo toda a parede do fundo, estava a foto ampliada de uma linda modelo de espartilho e sutiã. Uma dedicatória havia sido escrita a mão pela modelo no enorme pôster em letra redonda e benfeita. "Para os homens da Companhia Bravo, do Primeiro Batalhão,

Vigésimo Quarto Regimento de Fuzileiros Navais. Vocês estão fazendo um grande trabalho. Com amor, Cindy." Datado de fevereiro de 1967 – apenas dois anos antes, mas, de certo modo, já era uma época passada.

O funcionário disse a Mellas que Fitch partiria para Okinawa à tarde e o informou da fragmentação encenada, com a lista enrolada em volta da granada e Simpson desarmando a companhia. Disse também que Cassidy tinha vindo para a retaguarda, aparentemente a fim de dizer adeus para Fitch, mas, no fundo, mais para encher a cara até cair por ter tirado as armas da companhia. Depois, o funcionário disse que a companhia voltaria amanhã para Eiger, pois Hawke tinha recebido o comando. Segundo os boatos, o próprio Mulvaney teria dado o cargo para Hawke. Mellas disse que estava feliz com isso. Então, foi até o depósito pegar novos equipamentos para voltar ao mato. Lá, disseram-lhe que ele teria de assinar um formulário de dedução do seu cheque de pagamento para pagar pelo rifle velho antes que lhe dessem um novo.

– Porra, a Marinha está com aquela porra.

– Desculpe, tenente, mas eu não vou pagar por aquela porra. Se você quiser voltar pra casa um dia, é melhor manter todas as suas contas em ordem. Se elas não forem pagas, não podemos endossar suas ordens. Não estou nem aí se você ficar aqui pelo resto da vida.

Mellas pagou cento e vinte e sete dólares.

Saiu com seu novo rifle e caminhou penosamente até outra barraca de provisões para uma busca minuciosa por seu saco de marinheiro. Quando o encontrou, vasculhou o conteúdo, procurando itens que queria levar para o mato. Sorriu ao segurar várias camisetas verdes e cuecas boxer que sua mãe tingira, lembrando que tinha perguntado a Goodwin se deveria ou não levar cuecas para o mato. Jogou-as em uma lata de lixo e se dirigiu ao bar dos oficiais a fim de esquecer para onde teria de ir nas próximas vinte e quatro horas.

O bar estava melhor desde a última vez em que ele e Goodwin estiveram lá, afogando seus medos. Um toca-fitas arrojado de marca Akai estava agora em cima do balcão. O bar em si tinha uma nova decoração, e várias propagandas de cerveja brilhavam, anunciando águas de azul-celeste saindo da escuridão. Recém-instalada, bem alto na parede atrás do bar,

estava a metralhadora serrada de Vancouver, flanqueada por duas metralhadoras russas capturadas.

O sargento Cassidy estava sentado sozinho em uma mesa, com uma garrafa de Jack Daniel's Black Label na frente. Não havia mais ninguém no bar. O Sargento Klump, que era também o gerente, tinha saído para fazer alguns serviços, deixando Cassidy para cuidar das coisas. Mellas disse que estava a fim de uma cerveja, e Cassidy desapareceu atrás do bar. Voltou com um monte de latas molhadas e geladas, as quais colocou cerimoniosamente sobre a mesa na frente de Mellas.

– Não faz sentido levantar e sentar, a não ser pra mijar – disse. Ele já estava longe na sua própria viagem mágica.

Mellas pegou uma das latas, abriu dois buracos nela e virou a cerveja. Depois, abriu outra e se inclinou na cadeira. Notou que o ar-condicionado estava instalado pela metade na parede de madeira compensada.

– Ar-condicionado – comentou. – Nada mau.

– É – Cassidy resmungou. – Klump acha que vai conseguir atrair gente de outros batalhões quando bater o calor da primavera. Vai ajudar nos lucros.

– Então, um brinde para os lucros – Mellas disse, levantando a lata. Virou tudo, pensando tanto em Hamilton quanto nos cento e vinte e sete dólares.

– Acho que você ouviu o que aconteceu com o chefe – Cassidy falou.

– Tenho certeza de que tudo ficou parecendo bem legal e voluntário.

– Não dá pra enganar as tropas – Cassidy resmungou. Tomou outro gole de uísque e apertou o copo com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos, apesar das cicatrizes da selva. – Eu deveria estar lá em cima com vocês. Era quando vocês mais precisavam de mim.

Mellas sentiu a tentação de dizer a Cassidy quem o fizera ser transferido para que não se sentisse tão mal. Notou que Cassidy olhava para a metralhadora de Vancouver, polida e brilhante, exposta sob um grande ornamento de flor-de-lis sobreposto em rifles cruzados, com o emblema do Vigésimo Quarto: *Les Braves des Bois Belleau*[19].

– Eu tive que fazer muitos trabalhos de merda desde que entrei no Corpo, senhor – Cassidy revelou. Aproximou o olhar de Mellas. – Mas a pior

coisa que já tive de fazer foi ir de homem em homem e confiscar os rifles. Vinte anos atrás, se alguém tentasse tirar o rifle de um fuzileiro, levaria um soco. Porra, até cinco anos atrás.

– Os tempos mudam – Mellas concluiu. Pensou na garota de espartilho e sutiã na propaganda.

– Tive que ir de homem em homem. Alguns deles estiveram comigo em Wind River e Co Roc e na operação DMZ. E eu tive que revistá-los como prisioneiros, porra – Cassidy virou os olhos azuis aguados para Mellas. – Bem, fiz isso porque era minha responsabilidade. Mas eu não gostei, tenente. Deu pra sentir eles me odiando – ele parou, notando que estava cerrando os punhos, e relaxou os dedos devagar. – Acho que é por isso que eu tinha que cair fora daqui, porra.

Mellas e Cassidy ficaram bêbados.

Era pouco mais de meia-noite quando Mellas deixou Cassidy desmaiado na mesa e se arrastou para o escritório da companhia. Arrastou-se exaustivamente pelas escadas do fundo onde dois beliches estavam separados do resto do escritório por um cobertor de lã suspenso. Ele sabia que teria uma dor de cabeça latejante à medida que o dia passasse – a não ser que pudesse continuar bebendo. Será que poderia beber para sempre? Jogou-se em um beliche. O cobertor de lã parecia quente e áspero sob seu rosto suado. Sua mente, e o chão abaixo dele, giravam. Mais uma vez se sentiu como se estivesse em uma escada rolante contra um precipício. Cada minuto o aproximava mais do amanhã, e amanhã ele estaria no mato. Sua mente, querendo fugir do pensamento, desligou-se.

Na Base Vandegrift, a tensão dos novatos por causa da próxima operação já era evidente. Os veteranos, como China e Toupeira, falavam em voz baixa um com o outro ou simplesmente limpavam seus rifles e suas metralhadoras várias vezes – tinham aprendido a manter sob controle os sentimentos perturbados. Comeram. Beberam cerveja. Prepararam canecas de café elaboradamente. Tentaram entrar no serviço de refeitório. Fumaram maconha. Contaram piadas. Pensaram em garotas. Masturbaram-se.

Os garotos negros novos se sentiam especialmente atraídos para junto dos dois atiradores negros, deuses taciturnos da selva que vestiam laços de forca verde-escuro em seus pescoços. China fazia uma roda, chamava a atenção, falava um pouco de política, ria dos medos que eles expressavam. Toupeira falava somente com China e os outros veteranos. A sua visão pessoal não incluía fazer novos amigos.

China e Toupeira limpavam suas metralhadoras perto da entrada de uma barraca grande de dez homens, com chão batido, que eles dividiam com dezoito outros fuzileiros negros. Em frente à barraca, quando as abas da abertura eram puxadas para dentro e penduradas no teto, eles conseguiam luz o bastante para ver o que estavam fazendo e ainda assim ficar protegidos da chuva. Mas a chuva tinha se tornado menos constante. A primavera vietnamita estava chegando e seria seguida de uma temporada implacavelmente seca.

Estavam com as armas completamente desmontadas e limpavam meticulosamente cada componente. O ar tinha cheiro de solvente de pólvora Hoppe número 9, enviado dos Estados Unidos após pedidos ansiosos, resultado da combinação do cheiro de combustível diesel queimando e a merda das latrinas e as bolas de naftalina da lona da barraca. Toupeira levantou o olhar da arma e riu baixinho.

– Putz, China. Saca só quem tá chegando aí.

China olhou e sorriu ao avistar Arran e Pat. Pat andava ao lado na coleira, caminhando em silêncio, a língua um pouco de fora, como se estivesse em um passeio de domingo. Suas orelhas vermelhas se agitaram para a frente quando ouviu a voz do Toupeira. Arran, notando a excitação, mas sem poder ouvir nada, seguiu na direção das orelhas. Viu Toupeira e China e levantou a escopeta bem alto com uma mão, sorrindo.

Arran tocou os punhos do China e do Toupeira com o seu. Pat se sentou, ainda na coleira.

– Achei que tu tava no Au Shau, porra, ou num lugar fodão desses – China disse.

Arran sorriu.

– Acabou. Tô voltando pra turma. Ouvi dizer que vamos voar daqui amanhã.

Os dois atiradores fizeram que sim, mas não disseram nada.

Pat começou a chorar, querendo sair da posição. Tinha percebido uma figura chegar. Era Hawke. Pat chorou de novo. Arran riu e o soltou. Pat saiu correndo para saudar Hawke. Logo os dois estavam brincando juntos, Hawke abraçando o pescoço forte do cachorro, embalando-o nos braços e mexendo sua cabeça para a frente e para trás, enquanto Pat continuava tentando raspar o focinho no saco de Hawke e, ao mesmo tempo, se esfregar de lado contra as suas coxas.

Hawke, ainda rindo das travessuras do cachorro, foi até os três fuzileiros. Fez um gesto para que China e Toupeira ficassem sentados.

– Chega, ok – Arran disse para o cachorro. – Mostre um pouco de respeito pelo chefe – seu tom mudou um pouco. – Senta – Pat ficou imediatamente nas patas traseiras, arquejando alegremente. – Ele realmente gosta do senhor, chefe – Arran disse. – Nem todo mundo recebe uma saudação dessas.

Hawke passava a mão na cabeça e nas orelhas de Pat. Olhou para os três fuzileiros.

– É. Estou realmente feliz de ver vocês dois de volta – Hawke disse. – Eu me sinto cego lá fora sem vocês – então colocou uma mão no ombro do Toupeira e se aproximou entre este e China, enfiando a cabeça no interior da barraca sem dizer nada para eles. Tirou a cabeça para fora e olhou os dois atiradores. – Ouvi dizer que vocês expulsaram uns chucks da barraca.

– Vou cair fora daqui – Arran disse, sorrindo. Estalou os dedos de leve e Pat se levantou.

– Às quatro e meia da madrugada na barraca de provisões – Hawke revelou.

– Sim, senhor. É bom estar de volta – Arran saiu, Pat andando do seu lado esquerdo como de costume.

Os três ficaram observando por um momento enquanto o cachorro e o treinador iam embora.

– E então? – Hawke perguntou.

– Ninguém expulsou ninguém, chefe – China disse.

Hawke olhou para ele por um momento.

– Aham.

– Não, sério mesmo, senhor. Eles foram embora sozinhos.

Hawke pensou por um momento.

– Sabe, China, eu tô pouco me fodendo para a *congregação*. Nunca me importei com isso. Todo mundo vai ficar verde quando a gente entrar nos helicópteros amanhã – olhou instintivamente para o céu. – Vocês tão prontos?

Os dois inclinaram a cabeça para o lado, e o Toupeira deu de ombros.

– Preciso que vocês mantenham os novatos calmos. Ok?

– A gente consegue fazer isso sim, senhor – China respondeu.

Hawke olhou para eles, acenando a cabeça quase imperceptivelmente.

– Ótimo. Obrigado.

Os dois atiradores o observaram indo embora.

– Ele é decente – disse o Toupeira.

– É – China concordou. – É, sim. Tivemos sorte pelo menos uma vez.

– China, tu acha que a gente devia contar pra ele? – o Toupeira indagou em um murmúrio.

China abriu um sorriso radiante para o amigo.

– Como é que é? Contar o quê?

– Se liga, China. O Henry vai apagar o Cassidy.

– Isso não é nada. Eles não são de nada.

– Não sei, não – o Toupeira hesitou.

– Ei, cara. Sem essa, mano. Eu andei falando com aqueles caras e eles tão ligados no que eu tô falando da irmandade da Pantera. A gente tá começando aqui no Nã e a gente vai levar a experiência de volta pra casa. A gente foi testado no fogo, e testado sob o fogo...

Toupeira o interrompeu.

– Pode parar, China. Pelo menos uma vez, corta essa baboseira de pregador do país revolucionário. O Henry tá pouco se fodendo pra essa asneira dos Panteras Negras. Ele só quer os manos revendendo a parada enquanto ele vende no atacado. Se ele tiver que matar o Cassidy pra ficar no comando, ele vai matar.

China olhou para as partes da arma espalhadas no poncho do Toupeira.

– Ele não entende – disse em voz baixa.

– *Tu* é que não entende.

Mellas foi despertado pelo som de uma bota arrastando no chão de madeira compensada. Seu coração começou a martelar. Estava coberto de suor e sua cabeça doía. Fitch, que olhava Mellas de cima, com tristeza no olhar, tinha arrastado de propósito a bota no chão para não deixá-lo em estado de combate e acordá-lo bruscamente.

– Oi, Jim – Mellas cumprimentou.

Fitch sentou-se no beliche do lado oposto.

– Tá doidão, Mellas?

– Nem. Só tomei umas cervejas com o Cassidy, só isso. Que horas são?

Fitch olhou para o relógio.

– Uma hora.

– Já está dizendo as horas como um civil.

– Nunca deixei de pensar assim – Fitch disse.

Mellas colocou os pés no chão. Sua cabeça estava quente e latejando. Passou as mãos pelos cabelos, sentindo o suor. Esfregou as mãos nas calças.

– Porra, pelo menos eu consegui salvar minhas botas – constatou, olhando para a brancura familiar do calçado.

Houve um silêncio embaraçoso.

– Você deve ter ouvido falar que estou indo embora – Fitch disse finalmente.

– Sim – Mellas não sabia como falar disso. Notou Fitch ruborizando um pouco, provavelmente considerando o silêncio como reprovação, então disse: – Fico realmente feliz que você tá indo embora.

– Eu também – Fitch forçou um sorriso e houve outro silêncio embaraçoso.

– Quando você vai? – Mellas perguntou.

– Às seis. Pegar o helicóptero para Dong Ha. Devo estar em Oky depois de amanhã.

– Oficial de lavandeira, é? – Mellas sorriu.

– Divisão de meias e camisetas.

– Você poderia ter falado com o Mulvaney sobre isso. Foi uma

sacanagem.

– Eu teria que passar pelo Simpson.

– Porra, chefe. Vai pelos fundos. Você deve saber como isso funciona.

Fitch desviou o olhar para a parede de madeira compensada, seu rosto assumindo um ar distante. Mellas imaginou que um filme inteiro estava se desenrolando na mente de Fitch. Ele finalmente se virou e olhou nos olhos de Mellas.

– Não quero voltar para o mato. Vou fazer qualquer coisa pra continuar vivo.

Começou a colocar seus apetrechos dentro de um saco de marinheiro já meio cheio. Penteou o cabelo, curvando-se um pouco para se olhar em um espelho de aço pregado num sarrafo. Depois colocou cuidadosamente um boné de fuzileiro engomadinho. Sua única barra de prata de tenente brilhava, polida havia pouco.

– Continua se vestindo bem – Mellas disse.

– Tem um lugar em Da Nang chamado Elefante Branco – Fitch disse, tirando o boné e alisando o cabelo preto – e tem gatinhas de olhos redondos lá. Garotas da Cruz Vermelha, aeromoças. Ar-condicionado. Porra, tem até uma garota alemã que vende Mercedes para os gordos da Agência de Desenvolvimento Internacional. E dentro de três horas eu vou estar lá enchendo a cara e fodendo, e vou esquecer esse lugar para sempre.

Jogou o saco no ombro. Mellas levantou-se, trôpego. Sentiu um aperto repentino na garganta. Notou os lábios de Fitch tremendo, depois reconheceu a expressão fechada, de lábios apertados, que Fitch usava para esconder os sentimentos do resto da companhia.

– Se cuida, Mellas – Fitch disse. – Vou escrever para vocês saberem o que se passa comigo.

– Seria bom.

– Diz pra todo mundo me procurar quando a gente voltar pra casa. Você sabe que não importa se são peixes pequenos.

– Eles sabem.

Ficaram olhando um para o outro. Mellas estava incrivelmente feliz porque Fitch ia escapar vivo.

Pouco antes do anoitecer, Mellas comprou uma garrafa de Jack Daniel's do sargento Klump e pegou uma carona para o Grupo de Fuzileiros Aéreos 39, onde tomou um dos últimos helicópteros que se dirigiam à Base Vandegrift. A terra vazia escurecendo rolava abaixo dele. Pensou em Cassidy, assustado, bebendo no bar obscuro. Se a coisa tinha sido tão ruim assim, era melhor ele falar com Jayhawk a respeito. Depois pensou em Fitch na boate iluminada chamada Elefante Branco, onde garotas americanas andavam com os gordos do AOCDR e da ADI. Então pensou em si mesmo, indo para as montanhas escuras, cobertas de selva. Mais dez meses, pensou. Mais cinco operações Trilha de Lágrimas. Mais cinco Matterhorns. Mellas agora sabia que não havia nada de especial na operação Matterhorn e na Trilha de Lágrimas. Ambas eram apenas uma guerra normal.

Dez minutos depois, o helicóptero alcançou as montanhas, e o mar de selva rolava em ondas ainda maiores contra a primeira das montanhas contrafortes. Mellas tirou seu mapa da mochila – esse era agora uma hábito compulsivo – e fez marcações enquanto passava por cima de um pico proeminente. Um rio se contorcia em uma curva fechada em "S" ao redor. Depois estavam sobre o próximo levantamento de morros, em um terreno mais elevado e acidentado.

Mellas desamarrou a espada de Vancouver do lado da mochila e se arrastou até uma portinhola aberta, espremendo-se pelo atirador do lado, que o observava ao mesmo tempo que passava os olhos à toa de um lado para o outro no chão abaixo. Quando Mellas alcançou a portinhola, a rajada de ar quase lhe arrancou o tapa-olho. Puxou-o de novo para cima do olho e se ajoelhou. Inclinou-se contra o ar e segurou a espada na sua frente. Mellas olhou para ela por meio minuto, recordando. Depois, soltou a espada no crepúsculo.

Observou-a caindo atrás dele, girando, refletindo um lampejo da luz moribunda antes de se fundir ao vasto cinza esverdeado contínuo lá embaixo. Mellas então desdobrou o mapa e marcou cuidadosamente o lugar onde tinha caído com uma cruz, escrevendo "EV", Espada de Vancouver, ao lado.

O atirador balançou a cabeça.

– Vocês, soldados, cara – gritou para ele. – Malucos do caralho.

Chegando à Base Vandegrift no fim da tarde, Mellas sentiu a nostalgia que muitos experimentam ao voltar para casa, não importando a miséria do ambiente. Abaixo dele piscavam algumas poucas luzes por trás das cortinas *blackout*, sem se preocupar com os foguetes do ENV.

Quando saiu do helicóptero, um pequeno grupo de oficiais de campo da divisão estavam lá, esperando com valises nas mãos e umas .45 em coldres negros brilhosos. Mellas andou em silêncio na estrada negra em direção à área do batalhão, passando pelas barracas nas quais tinha aguardado o lançamento da operação Bald Eagle. Uma companhia do Décimo Nono Regimento de Fuzileiros estava lá; os fuzileiros talhavam seus bastões, escreviam cartas, limpavam rifles e jogavam cartas para espantar o tédio e o medo. O ar estava claramente mais quente do que na última vez em que ele estivera na Base Vandegrift.

Chegou à barraca de provisões da Companhia Bravo. Alguém havia tentado ajeitar o exterior meio caído. O interior estava em boa ordem, com sacos de marinheiro empilhados organizadamente no fundo sobre tábuas de madeira para mantê-los longe da lama. A velha mesa de escrever estava lá, com duas velas acesas em cima. Três estranhos estavam sentados.

– Podemos ajudar, fuzileiro? – um deles perguntou, rispidamente. Tinha boa forma física e obviamente tinha acabado de chegar dos Estados Unidos. Tinha uma faca na bota. Mellas ficou com vontade de gemer.

– Porra – Mellas disse. – A Companhia Bravo agora é só isso? Eu sou o tenente Mellas. Cadê o Hawke e o Cicatriz?

Os três estranhos se levantaram.

Mellas soltou a mochila, abaixou os suspensórios e deixou tudo cair com um estrondo no chão de metal abaixo dos seus pés.

– Bem-vindo de volta, senhor – o rapaz saudou. – Ouvimos falar muito de você. Eu sou o sargento Irvine, este é o sargento Bentham e este é o tenente LaValley, senhor – hesitou um momento. – Ouvimos dizer que você perdeu um olho.

– Todo mundo perdeu – Mellas disse.

Mellas apertou a mão de cada um deles, interpretando o papel de herói ferido e calado. Notou que o novo tenente o olhava com reverência, assim como ele mesmo tinha olhado para um veterano alguns meses atrás. Essa reação não significava nada para ele agora, senão demonstrar que as histórias em torno de Matterhorn tinham sido exageradas muito além de qualquer coisa que ele poderia ter inventado e que os garotos novos ficariam nervosos para diabo.

Mellas enfiou a mão na mochila e tirou a garrafa de Jack Daniel's.

– Vocês têm alguma notícia do que está acontecendo?

O novo tenente lhe disse que estavam indo para Eiger e iam passar mais ou menos uma semana lá defendendo a bateria de artilharia. A Companhia Charlie desembarcaria no vale do rio ao norte de Eiger na mesma hora e se deslocaria para o norte. Depois de uma semana, as duas companhias dariam meia-volta. A Alpha já estava em Sky Cap com a Companhia Delta varrendo o vale do rio Suoi Tien Hien logo ao leste.

– Quando nós partimos? – Mellas perguntou.

– Seis da manhã de amanhã.

Mellas grunhiu.

– Então, acho que hoje à noite dá tempo de encher a cara – estendeu a garrafa para o novo tenente e para os dois novos sargentos. – Alguém quer? É a última chance.

Cada um aceitou um gole em caneca de café ou tampa de cantil para mostrar a Mellas que queriam ser amigáveis.

– Você acha que a zona vai estar em perigo quando a Charlie chegar lá? – o tenente perguntou, segurando a caneca entre os joelhos e se inclinando para a frente.

– Eu tenho cara de vidente? – Mellas gracejou. – Nem. Acho que não – olhou para o líquido cor de âmbar, refletindo a luz das velas. – Como estão as tropas?

– Temos um monte de recrutas, tenente – foi o outro sargento, Bentham, que falou. Mellas olhou para ele, surpreso. Ele falava como se já tivesse estado em combate antes. Mellas estava grato por isso. Provavelmente tinha conseguido o posto de sargento na última temporada e fora promovido para o estado-maior nos Estados Unidos; depois, tinha sido

mandado de volta para cá assim que acabaram seus dois anos de férias.

– Com qual pelotão você ficou?

– Terceiro Pelotão. Vou ficar com ele até chegar mais um tenente.

– E vocês dois? – Mellas perguntou aos outros.

– Eu sou mandachuva do Segundo Pelotão com o tenente Goodwin – o sargento com a faca na bota respondeu.

– E eu estou com o seu velho pelotão – LaValley disse, sorrindo.

– Ele não é meu – Mellas proclamou, rindo. – Você pode botar a culpa de todos os seus problemas num cara chamado Fracasso. Mas é claro que eu aceito o crédito por qualquer coisa de bom que aqueles homens fizerem.

– Pelo que ouvi dizer, eles nunca tiveram muito tempo pra se sentirem a turma do tenente Fracasso – LaValley revelou.

Mellas virou o uísque.

– Nem. Ele era gente boa pra caralho. Eles são o pelotão dele, sim – olhou para LaValley, sentindo uma onda de tristeza. Então virou o uísque de novo e sorriu, apesar do buraco vazio dentro dele que a bebida não era capaz de preencher. – Não se preocupe com isso. Eles vão ser o seu pelotão logo. Depois de um tempo aqui, dá pra saber quem é vencedor e quem é perdedor num segundo. Você não precisa se preocupar com nada.

Mellas tentava incluir todos ao falar, e tinha certeza de que todos se sentiam incluídos. Mas ele sabia que Jayhawk também conseguia distinguir um vencedor de um perdedor. O cara com a porra da faca na bota estava indo com o Cicatriz para que este evitasse que ele causasse muito estrago.

– Quanto a mim – Mellas acrescentou –, vou procurar alguns amigos e encher a cara até cair e abraçar a patente. Se eu tiver sucesso, pode ser que vocês tenham que tomar o comando da companhia amanhã enquanto o chefe e o oficial executivo tentam recuperar a consciência.

Deixou os rapazes rindo e saiu para procurar Hawke e Goodwin. Viu um fuzileiro andando sozinho, com uma toalha em volta do pescoço e um recipiente de sabonete na mão. Provavelmente ia tomar um último banho antes da operação.

– Tenente Mellas – o garoto gritou –, ouvi dizer que você tinha voltado.

Era Fisher.

– Putz, Fisher. Achei que você tinha voltado pra casa. O que nós temos

que fazer pra sair desse lugar, porra?

– Sei lá, senhor. Acho que temos que morrer.

Ambos se calaram diante dessas palavras; depois riram.

Apertaram as mãos, sorrindo muito.

– Você tá bem? Digo, lá embaixo – Mellas acenou a cabeça na direção do saco de Fisher.

Fisher contou tudo sobre a operação e a recuperação depois da sanguessuga.

– Então tá tudo funcionando? – Mellas perguntou.

– Pode crer, tenente – Fisher afirmou. – Pelo menos tá tudo funcionando no Japão. Porra, mas eu tô apaixonado pelas mulheres japonesas. Elas te tratam com muita decência, senhor.

– Ouvi dizer – Mellas respondeu. – Fico feliz que você esteja bem. De verdade, Fisher. Fico feliz mesmo.

– Pois é, obrigado, senhor – Fisher disse. Sua expressão mudou. – Ouvi dizer que vocês entraram numa merda enorme.

Mellas não queria falar sobre Matterhorn.

– Você ganhou o seu velho esquadrão de volta? – perguntou.

Fisher entendeu.

– O que restou dele – confirmou. – Ainda é o Segundo Esquadrão, acho – chutou um pedaço de lama. – Porra. Sessenta e sete dias pra ir embora. Eu sou um anão de dois números – sorriu para Mellas. – Estou tão baixinho que minhas pernas ficam penduradas quando eu sento. Na verdade, sou tão baixinho que minhas calças se arrastam no chão. Quantos você tem, tenente?

– Trezentos e três e uma noite – apontou o dedo na cara de Fisher. – E não me enche o saco.

– Porra, tenente, você ainda tem que contar em meses.

Mellas riu, genuinamente feliz porque Fisher estava ficando "baixinho". Ofereceu uma caixa de charutos para ele distribuir à companhia e continuou andando. Quando chegou à barraca dos oficiais solteiros, encontrou McCarthy, Murphy, Goodwin e Hawke rindo em volta de uma maleta com três garrafas abertas em cima.

– Preparem-se para a turnê do mistério! – cantou. – Cheguei pra levar

vocês embooora!

Dois oficiais que ele não conhecia rosnaram. Um deles estava tentando dormir.

– Ah, meu Deus. Mais um.

– Ei! – McCarthy gritou. – É o Mellas. Com um tapa-olho, porra! – Murphy abraçou-o e o levantou do chão enquanto Mellas segurava a garrafa de uísque acima da cabeça. Murphy colocou Mellas no chão e McCarthy agarrou a garrafa da mão dele. – Abençoado seja Deus por toda a eternidade – McCarthy entusiasmou-se, levantando a garrafa contra a luz. – Pelo nosso bem e pelo bem do Corpo de Fuzileiros Navais. – Mellas lhe mostrou o dedo do meio.

– Cicatriz e Tapa-Olho – Hawke rebateu. – Eu não tenho uma companhia. Tenho um circo de aberrações.

– Bom, então leva o circo pra outro lugar, porra – o sujeito irritado tentando dormir disse. – Tenho uma guarda pra fazer daqui a três horas.

– Esses caras não têm resistência – Hawke disparou. Levantou-se e colocou cuidadosamente o boné de fuzileiro na cabeça, ajeitando-o em frente ao espelho de aço pendurado em uma das vigas da barraca. –Vamos lá, rapaziada – chamou –, Cassidy está em Quang Tri. A gente vai no quarto dele pra deixar esses excelentes oficiais dormirem.

O quarto de Cassidy era um pequeno dormitório com sua própria entrada exterior do fundo da barraca S4. Estava escuro. Hawke por fim achou uma vela e acendeu. Sentou-se na cama de Cassidy.

– A propósito, Hawke – Mellas começou –, parabéns por ganhar o comando da companhia – estendeu a mão. – Você é o número um até onde eu sei, porra.

– Obrigado, Mel – Hawke se inclinou na cama. – Mas é engraçado. É como se fosse uma companhia diferente.

– Entendo o que você quer dizer.

McCarthy passou canecas cheias de uísque para Mellas e Goodwin.

– Chega de lamentar a sua companhia perdida, porra – apontou. – Você tá desperdiçando meu tempo, pô.

– Então vamos levar essa turnê do mistério pra estrada no *meu* jipe da companhia – Hawke disse. – Quem tá sóbrio o bastante pra nos levar até o

bar?

Mellas olhou em volta.

– Acho que eu tô quase – revelou.

– Ótimo – McCarthy disse. – Senta atrás e enche a cara. Eu dirijo, porra.

Logo os cinco estavam sentados em volta de uma mesa no rústico bar regimental, uma barricada feita às pressas contra a realidade. Um pequeno gerador zumbia constantemente, produzindo uma luz tremeluzente. As paredes de madeira compensada ainda mostravam os carimbos da madeireira. Piche vazava de pregos expostos. Um jogo de dardos velho estava pregado a uma das paredes.

Enfiaram velas diretamente na mesa, fixando-as com poças de cera derretida. Depois pediram cinco bebidas para cada um, o único jeito de evitar brigas sobre quem teria a honra de comprar a última rodada. McCarthy e Murphy ficaram ao lado do balcão enquanto o barman contava vinte e cinco copos de uísque e os ajeitava em duas bandejas grandes. Segurando as bandejas à sua frente, McCarthy e Murphy contornavam as mesas. McCarthy trazia também um pacote de bolachas Ritz nos dentes. Hawke pegou as bolachas e abriu o pacote enquanto os copos eram colocados na mesa. McCarthy voltou para pegar dois jarros d'água e cinco copos maiores que tinha colocado na mesa na frente de Hawke.

Hawke tinha contado o número de bolachas no pacote.

– Toma – disse. – Sete para cada. Só eu ganho oito porque sou o comandante da companhia – passou o pacote para Mellas, que tirou suas sete e passou para Goodwin. Hawke pegou um jarro e começou a perguntar em voz baixa a cada um quanto de água queriam no uísque, segurando um, dois ou três dedos. Quando todos tinham sido servidos, levantou o copo e vociferou: – *Semper Fi*, seus filhos da mãe – e virou o primeiro copo.

Logo Mellas estava deliciosamente bêbado. O *bourbon* adquiriu um gosto suave e fresco ao mesmo tempo em que esquentava a barriga. Era um contraste mágico. Ele estava perfeitamente consciente do momento, apesar do uísque. Sabia que aqueles cinco tinham compartilhado uma experiência

que mais ninguém compartilhara ou compartilharia. Sabia também que era improvável que todos eles vivessem para dividir tal momento de novo. De fato, poderia ser ele o ausente. Toda a alegria no mundo – toda a gritaria, a bebedeira anestésica – não esconderia esse pensamento à espreita. Mas o pensamento era o que lhe dava consciência de que aquele momento era precioso.

– Ei, Mel – Hawke chamou –, quando a gente voltar pra casa a gente devia abrir um negócio ou algo do tipo. Porra, nós cinco. Não seria do caralho?

– Sabendo o que a gente sabe, só dava pra gente competir com a máfia – Murphy reconheceu.

– Porra, o único negócio que você podia ter era um bar – McCarthy observou. – Mas eu abriria um com você.

– Um brinde a isso – Hawke disse, levantando o copo. – Então, é isso. Um bar, porra – soluçou. – Um bar especial, porra – soltou uma risadinha. – O nome vai ser O Bunker.

– Não – Mellas discordou. – Não é sofisticado. Vai ser Ellsworth.

– Vai se foder com sofisticação, meu – Goodwin retrucou. – A gente quer um bar, não uma discoteca de bicha, porra.

– É isso aí – McCarthy concordou –, e pra conseguir uma bebida lá você tem que estacionar o carro a quatrocentos metros de distância e pegar a trilha por uma floresta de bambu e capim-elefante com um facão até encontrar o bar.

Mellas pensou por um momento.

– Mas daí não pode dar nenhum mapa pros clientes, porra – sugeriu. – Sem mapas! – começou a bater a palma da mão na mesa com cada palavra. – Sem mapas, porra!

– Mas pode dar uma granada de fumaça – Hawke completou. – Assim, se o cara desistir, um helicóptero pode levar o cara de volta pro estacionamento de graça.

– Porra, tem que cobrar isso dos filhos da puta, Jayhawk – McCarthy disse. – Porra. Não sei se vai dar certo esse negócio com você. Não dá pra ganhar dinheiro pegando leve.

A brincadeira do Bunker ficou cada vez mais alta e mais extravagante.

Fazer os clientes jogar pedaços de comida para os ratos e as sanguessugas nas mesas. Fazê-los encher cem sacos de areia como *couvert*. Fazê-los sentar de cócoras ou de bunda no chão molhado. Fazê-los pegar água potável lambendo os canos do teto. Fazê-los mijar nos cantos. Fazê-los andar de volta ao estacionamento para descobrir que roubaram seus carros. Logo todos estavam de pé, batendo os pés no chão e repetindo em coro sem parar: "Sem reabastecimento! Sem resgates! Sem mapas!".

Finalmente Hawke sentou-se. Os outros o seguiram.

– Mas nunca ia dar certo – Hawke concluiu, bebendo.

– Por que não, meu? – Goodwin perguntou.

– O governo nunca nos concederia uma licença para explodir metade dos clientes.

Houve um momento de silêncio. Então, Murphy levantou o copo.

– Para O Bunker – disse. Sua cabeça se inclinou em direção ao copo levantado.

– E todos os clientes – Hawke acrescentou.

Houve outro silêncio enquanto eles brincavam com os copos.

– Ah, vão se foder vocês – Murphy xingou. – Vocês não sabem o que é se divertir.

– Típico perpétuo do caralho, esse Murphy – Mellas disse. – Qualquer merda pra vocês é se divertir. Por isso o governo sempre manda vocês fazerem os trabalhos de merda – Mellas virou o resto da bebida e colocou o copo na mesa. – Manés do caralho.

Todo mundo ficou quieto. McCarthy tentava claramente conter um sorriso. Deu uma olhada para Hawke e depois para Murphy. Mellas não percebeu que estava navegando em mares traiçoeiros.

– Alguém tem que fazer os trabalhos de merda, Mel – Murphy considerou, envolvendo as mãos em volta do copo vazio.

– Bom, eu fiz todos os trabalhos de merda que tinha pra fazer. Depois da guerra eu vou cair fora, porra. Vai se foder você *e* o seu governo, se você é burro pra ficar.

– Porra, como você espera que o Corpo de Fuzileiros Navais dê um jeito nessa merda toda se babacas covardes como você caem fora porque acham que podem ganhar mais dinheiro em outro lugar?

– Se liga, Murph. Porra, nem todo o dinheiro do mundo ia me fazer ficar no Saco.

– Então por que você vai embora?

– Eu odeio essa porra, por isso – Mellas atestou. – Tô de saco cheio de todas as mentiras e de encobrir as mentiras com sangue.

– Um brinde a isto – McCarthy disse e arrotou.

– Isso não é resposta, porra – Murphy reprovou. Seus braços musculosos estavam apoiados em pequenas poças de uísque derramado. Os outros rapazes estavam inclinados para trás nas cadeiras, com sorrisos bobos estampados nos rostos, vendo Mellas e Murphy se emparelhando, a lebre e o urso. – Vocês caem fora e deixam os mentirosos, os puxa-sacos e as tropas pra se foderem ainda mais. Vocês são é covardes de aparecer em público com o cabelo curto porque vocês têm medo de não comer ninguém.

Em vez de aceitar que a zombaria doeu porque era verdade, Mellas perdeu o controle.

– Levanta, porra – desafiou, levantando-se da cadeira com os punhos cerrados.

McCarthy o puxou para baixo pela jaqueta.

– Porra, Mellas, o Murphy vai te matar. Porra, só porque ele tocou num ponto fraco não quer dizer que você tem que virar um sacrifício humano por causa disso.

– O Murphy tá certo – Hawke concordou. – Desde que você entrou pro Corpo, Mellas, quantas mulheres você namorou que foram para a faculdade e não eram sulistas?

– Nenhuma, pode ter certeza – McCarthy respondeu.

– Certo – Hawke disse. – Você vai para Washington, e encontra várias universitárias trabalhando para vários escritórios do governo, mas, porra, se você aparecer por lá de cabelo curto, você é como um preto em Georgetown, se é que isso existe.

– Obrigado, Theodore J. Hawke – Mellas ironizou. – Outro filósofo de farda – lembrou-se de Karen Elsked e sentiu-se vazio.

Hawke se inclinou na cadeira.

– Acha que eu tô mentindo? Daqui a seis meses, vocês dois – apontando para Mellas e McCarthy –, seis meses depois de saírem do Corpo, se saírem

daqui vivos, vocês vão virar intelectuais cabeludos e comunistas dizendo pra todo mundo como a guerra é absurda e como vocês diziam isso o tempo todo. E quer saber? Vocês vão estar mentindo. Mentindo para conseguir se dar bem na vida. Vão deixar o cabelo crescer até a bunda, fumar maconha, marchar e protestar e usar colares e sandálias como o resto deles. E só vão fazer isso pras garotas gostarem de vocês.

– Ah, vai se foder, Hawke – McCarthy protestou.

– Não vou me foder – Hawke se inclinou para cima da mesa. – Vocês dois vão ter medo de voltar pra casa e dizer para aqueles babacas que vocês eram bons fuzileiros. Claro, não eram fuzileiros lendários. Não eram nem os melhores. Mas eram bons. E vão tentar dizer pra todo mundo como eram maus e como lamentam tudo para não ter de explicar como é mesmo. Como é bom fazer algo mau.

– Porra, você tá bêbado – McCarthy concluiu –, mas faço um brinde a isso – ele bebeu, esvaziando o copo e batendo na mesa. – Eu servi voluntariamente.

– Como todos nós, não? – Mellas reforçou. Levantou-se e ergueu o copo, quase caindo ao fazer isso. – Para os voluntários, porra! – todos se levantaram solenemente. Hawke estava levemente cambaleante. Murphy e Goodwin se apoiavam um no outro. Todos brindaram e beberam. Depois, Mellas se virou e olhou diretamente para Hawke. Segurou o copo vazio na frente do rosto e, olhando para ele por cima do copo com o olho bom, disse em voz baixa:

– A Bravo morreu. A Bravo se ergueu dos mortos. A Bravo combaterá novamente – e levantou o copo acima da cabeça. – Mea culpa – acrescentou.

Os olhos de Hawke se fixaram em um ponto por um momento e ele fez solenemente o sinal da cruz.

– Absolvição – disse, com a voz meio arrastada. Seus olhos ficaram desfocados de novo. Mellas sorriu em agradecimento, e ele e Hawke tiniram os copos. Mellas olhou por um momento para o copo vazio e depois o deixou cair no chão. O copo quebrou. Ele pegou um copo cheio e segurou acima da cabeça enquanto se virava totalmente. Em seguida, enfiou o polegar e dois dedos no uísque e começou a ungir os que estavam ao seu

redor com movimentos cerimoniais, entoando: "*Dulce et decorum est pro patria mooori. Dulce et decorum est pro patria mooori.*"20.1[20]

Hawke se ajoelhou e esticou a língua para fora. McCarthy depositou solenemente um pedaço de bolacha na língua. Pegou um copo de uísque com as duas mãos e começou a derramar vagarosamente o líquido na cabeça de Hawke. O uísque escorria pelo rosto de Hawke. Então, McCarthy fez o sinal da cruz na cabeça de Hawke e entoou: "Em nome do coronel e do Three e do Congresso que não faz naaada".

Hawke ficou ajoelhado com a língua de fora, recolhendo o líquido cor de âmbar que escorria pelo rosto. McCarthy, então, estendeu os dedos em V – o sinal da paz – e se virou devagar, levantando o braço acima da cabeça. Entoou para a turma agora em silêncio: "Paz. Eu vos dou a minha paz". Depois, com o polegar e os dois dedos vizinhos juntos, bem acima da cabeça, virou-se em um círculo completo, dizendo: "Livrai-nos de todos os males, e dai-nos hoje a vossa paz". Então pegou o copo vazio, olhou-o por um momento e o estilhaçou na parede. Hawke se jogou para trás e deitou no chão, com as pernas e os braços esticados, olhando para o teto com um olhar bêbado.

– Ei, meu – Goodwin alertou –, essa festa tá ficando religiosa demais, porra.

No quarto de Cassidy, dividiram algumas cervejas. Sentiram a proximidade que vem do ato de compartilhar algo, como se passassem entre si um cachimbo da paz. Hawke falou de sua fêmea número um. Ela havia lhe escrito uma carta dizendo que tinha um namorado novo e que não podia continuar escrevendo para ele, porque esse novo amante era contra o que ele estava fazendo. Os cinco brindaram para a boa saúde e fibra moral dela. Mellas percebeu que Hawke estava muito ofendido, mas este não deixou isso transparecer e bebeu com todo mundo, zombando do fim do relacionamento.

Por fim, acabaram-se as cervejas, e Goodwin, Murphy e McCarthy saíram para dormir umas duas horas antes de partir para a operação. Hawke e Mellas ficaram a sós. Mellas estava moído e sua cabeça girava.

Queria dormir, mas sabia que era a última noite juntos antes que a relação formal da hierarquia acrescentasse uma camada de complicações. Amanhã, Hawke seria o chefe e Mellas, o oficial executivo.

Remexiam as latas de cerveja vazias em um silêncio embaraçoso. Por fim, Mellas jogou de leve a lata vazia em Hawke e disse:

– Tá com medo de voltar pro mato?

– Por que acha que eu enchi a cara, porra?

Ficaram em silêncio por um momento.

– Tô feliz que você ficou com o comando, Ted. Teria sido um desastre se fosse eu.

Hawke sorriu e balançou a cabeça.

– Mellas, seu merdinha, você nem tinha chance de ficar no comando. Você ainda é um recruta filho da mãe.

Mellas sorriu e fez que sim, concordando.

– É, mas ainda assim seria um desastre.

– Porra, Mellas, você vai virar primeiro-tenente em um mês mais ou menos, e depois de alguns meses vai faltar pouco e tudo que você vai querer é ir pra casa. É aí que eles vão te oferecer o comando, quando você não quiser mais. Mas não vai ter uma alternativa melhor, então você vai acabar aceitando. E vai ser a melhor alternativa.

Mellas riu, feliz e envergonhado com o elogio.

– Enfim, vai ser um prazer trabalhar com você. Na verdade, eu pensaria seriamente em abrir aquela porra de bar com você se a gente voltasse pra casa – riu brevemente pelo nariz. – O Bunker. Eu deixaria todos os veteranos observarem os clientes através de um espelho falso.

Hawke se inclinou para trás e sorriu para o teto da barraca. Depois se endireitou, sóbrio de repente.

– Porra, isso é uma fantasia, Mellas. Ao menos por uns dezoito anos.

– Como assim?

– Pedi transferência para o regular.

– Não.

– Sim – Hawke reafirmou. Tentou parecer jovial. – Estou me enroscando no Corpo de Fuzileiros Navais com faixas rubras e douradas.

Mellas não disse nada.

Hawke tentou achar as palavras certas, olhando para a lata amassada em vez de encarar Mellas.

– Você sabe como é. Porra. Eu não sei o que eu faria depois que voltasse pra casa. Você é diferente. Porra, você vai pra faculdade de Direito ou algo assim e vai subir até o topo. Eu? Porra. Há caras bons aqui. Mulvaney. Coates. Cassidy. Até Stevens. Ele tenta – olhou para Mellas. – Caras bons. Oficiais bons.

– Porra, se eu não tivesse jogado a lata em você, faria um brinde – Mellas se inclinou e ficou olhando as dobras da barraca acima dele, observando o jogo das sombras de uma única vela. – O Murphy tá certo. As tropas se fodem mais se os caras bons não ficarem.

Mellas pensou em silêncio a respeito da velha Companhia Bravo, agora não mais existente, espalhada em hospitais no Japão, nas Filipinas ou em sacos emborrachados de corpos em aviões comerciais atravessando o Pacífico a fim de voltar para casa.

– Me diz uma coisa, Hawke – Mellas disse, sem olhar para ele, apenas observando as sombras no teto. – Antes de se tornar Bravo Six... – não pôde resistir a uma pequena provocação – e um regular... – Hawke lhe mostrou o dedo do meio – por que o coronel nos mandou pra cima daquela porra de morro pela segunda vez? – a voz de Mellas começou a tremer. Isso o pegou de surpresa. – Os viets não estavam fugindo. A Companhia Delta teria dado conta deles.

Hawke esperou um tempo antes de responder.

– Porque vocês se ofereceram voluntariamente. Ele teria retirado a ordem para o ataque, mas no último minuto ele disse para Fitch que poderia mandar a Delta entrar no meio se Fitch não quisesse fazer o trabalho.

Mellas endireitou-se. As lágrimas que tinham começado a se formar quando ele começara a falar sobre o ataque foram interrompidas, mas a garganta se apertou.

– Como é que é?

– O Simpson disse para o Fitch que ele tinha duas escolhas: recuperar o orgulho da companhia por ter abandonado Matterhorn, motivo pelo qual era preciso outro ataque, ou ser um vira-latas cagão e deixar a Companhia

Delta limpar a sujeira da Bravo – fez uma pausa. – E tudo o que isso acarreta. Você sabe como o Corpo de Fuzileiros é pequeno.

– Se eu soubesse que o Fitch se ofereceu, eu teria matado ele também – Mellas disse em voz baixa, quase premeditadamente.

– E se você tivesse que fazer a mesma escolha, você teria se oferecido como o Fitch – Hawke rebateu.

– Eu sei – Mellas respondeu.

– Ainda tem vontade de matar o Simpson?

– Não. Você sabe que eu fiquei louco lá em cima. Ele só estava fazendo o trabalho dele – Mellas se inclinou na cama. – Eu só queria que ele fizesse sóbrio o trabalho – Mellas riu, Hawke também. Depois, voltaram ao silêncio.

– O engraçado é que – Mellas admitiu – eu ainda gosto do Fitch. Eu teria subido o morro com ele mesmo se soubesse disso tudo.

– Antes ou depois de ter matado ele?

– Os dois.

Ambos ficaram quietos de novo. O álcool embaralhou a visão de Mellas e ameaçou adormecê-lo. Então, voltou à superfície.

– Ainda assim, ele ofereceu a gente, o pobre filho da mãe. Ele vai ter que conviver com isso por muito mais tempo do que com um relatório ruim de adaptação. E eu aqui me sentindo mal porque gosto de matar gente.

Hawke riu em voz baixa.

– Pelo menos você já passou a parte mais difícil sabendo disso. O perigoso é o pessoal que nem sabe que gosta. Tem pelo menos uns duzentos milhões deles lá em casa. O acampamento de recrutas não produz assassinos. É só uma academia pra dar os toques finais, porra – soltou uma risada amarga. – Porra, eu me lembro da minha ex-fêmea dizendo que era inconcebível (essa era a palavra dela, *inconcebível*) que ela fosse para o Vietnã como eu fui, não importava as consequências. Isso foi antes de ela ir para a Europa no primeiro ano de faculdade e conhecer o namorado novo.

Com uma mão, Hawke esmagou a lata de cerveja que estava segurando. Começou a espremer a lata deformada cada vez mais, torcendo, dobrando. Mellas não disse nada.

– Nenhum deles nunca conheceu o macaco louco dentro de nós –

Hawke acrescentou. – Mas nós conhecemos.

– É isso aí – Mellas concordou.

A voz de Hawke ficou cada vez mais suave.

– Talvez a gente pudesse abrir um parque de diversões com um brinquedo chamado O Macaco Louco – deitou-se na cama com os pés ainda no chão, os olhos fechados.

– Você tá quase desabando, Jayhawk – Mellas disse em voz baixa.

– O caralho que tô – Hawke resmungou. – Só tô descansando os olhos.

Os dois riram da velha piada. Então, a respiração de Hawke ficou lenta e regular.

– Ei – Mellas disse. – Jayhawk.

– Humm.

Mellas levantou os pés de Hawke na cama, cobriu-o com o poncho e apagou a vela. A barraca se afundou na escuridão. Mellas achou o caminho na chuva e no escuro até a barraca de provisões da Companhia Bravo e se enrolou no forro do poncho. Adormeceu no chão de metal, ouvindo o chiado da respiração e os grunhidos dos estranhos dormindo que logo participariam da sua vida tão intimamente.

Alguém o sacudia para acordar.

– Que é, porra? – sussurrou, a cabeça doendo muito.

– Sou eu, China, senhor.

– Porra, China, o que você quer, porra? – Mellas se virou. O olho ferido fazia a cabeça latejar ainda mais. Tentou lembrar-se do que tinha feito com o tapa-olho ou se o tinha perdido em algum lugar. Então, encontrou-o em cima da cabeça.

– Tenente Mellas, você tem de ajudar. Vai ter problema hoje à noite.

– Como assim?

– Acho que eles vão matar alguém – China sussurrou.

Mellas ouviu o som de algo arranhando fora da barraca atrás de China. Então, um fósforo foi aceso, e ele viu o Toupeira acendendo uma vela. O rosto dele, como o de China, estava tenso e preocupado.

Mellas disse:

– Ah, porra, tenho que mijar. Dá um segundo, porra – Mellas ficou de pé do lado de fora da barra e mijou na escuridão e no frio. Quando voltou, China e Toupeira falavam em sussurros. Os outros dormiam profundamente, exceto o novo tenente, que olhava para os três com olhos arregalados, mas sem se intrometer. Mellas os levou para fora.

– Então, o que é, porra? – Mellas sussurrou. Estava totalmente vestido, não se despira quando desabara no chão.

– É o Cassidy, senhor – China revelou. – Acho que vão estilhaçar ele hoje à noite. Eu só queria jogar uma porra de granada falsa, sabe, pra passar uma mensagem, mas eles vão apagar ele. Eles disseram que uma mensagem não vai trazer nada de bom.

– Mas o Cassidy tá em Quang Tri, porra – Mellas disse. – O que eu posso fazer?

– Não tá não, senhor. Ele voltou. A gente viu as luzes acesas lá hoje à noite.

As palavras de China endireitaram a coluna de Mellas na hora.

– Meu Deus – sussurrou. – O Jayhawk tá lá dentro.

Toupeira, assustado, olhou para China.

– Por isso a gente não conseguia achar ele.

Mellas começou a correr. Só conseguia pensar em tirar Hawke da cama de Cassidy. Ficou enjoado e queria vomitar, mas continuou correndo.

Toupeira passou voando por Mellas, suas pernas mais longas se deslocavam ainda mais velozmente, correndo o máximo que podia para alcançar Hawke. China, que era mais corpulento, vinha atrás. Todos os três estavam cheios de um temor que os impulsionava como uma mão em suas costas, correndo com eles, enquanto a neblina rente ao chão se descortinava abaixo dos seus pés.

A explosão cortou o ar e empurrou Mellas para a frente ainda mais rápido, correndo como nunca tinha feito antes, mas sobrecarregado de desespero.

Sombras negras desapareciam para longe da barraca. Mellas atravessou a entrada logo atrás do Toupeira. Não viu nada dentro. Sentiu o odor nauseante de TNT queimando. Mellas tropeçou até o canto onde Hawke tinha deitado. A granada explodiu diretamente abaixo dele. Pedaços do

algodão do colchão ainda pairavam no ar. O que restou do colchão estava grudento com o sangue. Passou as mãos pelo corpo mole para tentar sentir de onde o sangramento vinha.

– Traz uma luz! – gritou. – Traz uma luz, porra! – Hawke estava deitado com o rosto para baixo. Mellas localizou a cabeça e tocou o pescoço para sentir o pulso. Não havia nada. Apalpou embaixo do corpo para tocar o peito e só sentiu a carne quente. Ele estava com o rosto para baixo quando a granada explodiu.

Mellas ouviu passos fora da barraca, depois uma lanterna entrou pela porta. A luz caiu no rosto de Hawke. Seus olhos estavam abertos. Ele deve ter ouvido o tinido da granada no chão logo antes de explodir.

China tremia na porta da barraca com a lanterna. O Toupeira falava com ele em voz baixa, o braço no ombro de China. Olharam para Mellas, aterrorizados.

Mellas começou a tremer. Incapaz de controlar o temor, agachou-se, apoiou-se na cama e olhou para os olhos abertos de Hawke. Não havia Hawke por trás deles.

– Adeus, Jayhawk – disse, e fechou-lhe os olhos.

Ficou de pé e olhou para o Toupeira e para o China. Queria espancá-los até caírem, cortar-lhes as línguas por não terem dito nada antes que fosse tarde demais. Queria gritar acusações de assassinato e mandá-los para a prisão. Ao mesmo tempo, sabia que nada ganharia a não ser mais amargura. A justiça no meio da guerra era um pedaço de papel no vento. Se acusasse Henry, arrastaria o China e o Toupeira como cúmplices, e não queria fazer isso. Seu único pecado era o que ele mesmo cometera tantas vezes: não falar. Além do mais, gostava deles, e a companhia não podia perder dois dos melhores atiradores de metralhadora. De repente se deu conta de que estava pensando como um comandante de companhia. Tinha duzentos fuzileiros para cuidar. Todo mundo podia lidar com sua própria consciência. Mellas realmente não se importava mais com justiça ou castigo – ou, pelo menos, não com o tipo de justiça e castigo que a corte marcial representava. A vingança não curaria nada. A vingança não tinha passado.

Apenas começava as coisas. Apenas criava mais estrago, mais perda, e ele sabia que o estrago e a perda daquela noite nunca poderiam ser redimidos. Não havia como preencher os buracos da morte. O vazio poderia ser preenchido por outras coisas ao longo dos anos – novos amigos, filhos, novos trabalhos –, mas os buracos permaneceriam.

Mellas viu a caneca de lata de Hawke pendurada no suspensório sobre uma cadeira. Soltou a caneca e a enfiou em um dos seus bolsos.

– É melhor vocês dois saírem daqui – disse em voz baixa para Toupeira e China ao passar por eles.

Mellas ficou por ali esperando o inevitável tumulto. A Companhia Bravo, cada homem dela, se negou a falar, assim como ele. Tudo o que ele sabia é que estava dormindo quando a granada explodiu. Os investigadores teriam de chegar até Henry sozinhos. Se eles não conseguissem, dane-se. Se conseguissem, não haveria evidências suficientes para levá-lo a um julgamento, muito menos a uma condenação. Além do mais, havia uma guerra para lutar, e ninguém se beneficiaria de uma investigação de assassinato longa e demorada.

Quando o tumulto acabou, Mellas caminhou sozinho até a beira da zona de pouso deserta e se deitou na lama. Chorou até não poder mais. Então, ficou lá caído, vazio, sozinho sob um céu que se acinzentava vagarosamente.

Goodwin finalmente o encontrou e o ajudou a levantar-se. Andaram até o bunker do COC, onde Blakely informou que Mellas seria o novo comandante da companhia até que um capitão chegasse. Se Mellas fizesse um bom trabalho, talvez recebesse uma companhia mais tarde – talvez até a própria Companhia Bravo. Sua primeira tarefa, porém, assim que Eiger estivesse segura, seria ajudar a equipe S1 a descrever minuciosamente o caso para a investigação da morte acidental.



A operação arrancou às seis da manhã, como planejado. Por volta das dez horas, a companhia estava estabelecida e Mellas mandou três patrulhas saírem. Somente com o cair da noite e sua luz suave e pálida ele pôde finalmente ficar sozinho. Escondeu-se atrás de um toco de árvore estourado e tentou pensar no sentido. Sabia que não poderia haver sentido na morte de alguém. O sentido vinha dos vivos. O sentido poderia vir apenas das suas escolhas e ações. O sentido era criado, não descoberto. Viu, então, que só ele poderia dar sentido à morte de Hawke ao escolher o que Hawke escolhera, a companhia. As coisas que ele queria antes – poder, prestígio – agora pareciam vazias, e a busca por elas, infindável. O que ele fazia e pensava agora, no presente, lhe daria a resposta, de modo que não buscaria respostas no passado ou no futuro. Os eventos dolorosos sempre seriam dolorosos. Os mortos estavam mortos, para sempre.

Mellas queria sair com a patrulha, voltar à pureza e vitalidade verde da selva, onde a morte fazia sentido como parte do ciclo ordenado que ocorria, na busca desinteressada por alimento que envolvia a perda da vida para sustentar a vida. Pensou no tigre que matara Williams. A selva e a morte eram as únicas coisas puras na guerra.

A noite morna era um arauto do calor pós-monção que logo se seguiria. Mellas sentiu a noite escura começar a envolvê-lo como os braços de uma mulher. Os postos de escuta estavam em posição. Assim como as estrelas maiores, brilhando no céu. Em direção ao Laos, projéteis luminosos verdes do ENV e disparos contra aeronaves flutuavam lindamente sobre o horizonte. O ENV tentava matar um piloto americano, mas a distância fazia a batalha parecer nada mais que fogos de artifício em câmera lenta. Mellas sentiu a leve brisa das montanhas sussurrando pelo vale de grama

abaixo dele, ao norte. Estava intensamente consciente do mundo natural. Imaginou a selva, pulsando com vida, rapidamente envolvendo Matterhorn, Eiger e todos os outros cumes tosquiados, cobrindo tudo. Em todo o redor, as montanhas e a selva sussurravam e se moviam, como se estivessem conscientes de sua presença, mas indiferentes a ela.

Começou a fazer café, sabendo que precisaria da cafeína para ficar acordado a noite toda, e logo estaria escuro demais para aquecer qualquer coisa em segurança. A velha caneca de Hawke dava-lhe uma sensação familiar e boa. Mellas tinha se confortado com ela várias vezes ao longo do dia ao passar café cuidadosa e atenciosamente, lembrando-se de Hawke. Quando terminou, tomou um primeiro gole com cuidado; o gargalo da caneca estava aquecido a uma temperatura agradável, que queimava o lábio de leve.

Deu-se conta de alguém, nas linhas abaixo dele, batucando um ritmo em um tambor feito de uma caixa de ração C. Era um ritmo estranho, selvagem, forte. Tornou-se mais alto, depois suave, mas sempre feroz. Depois, vozes suaves, cantando uma harmonia esquisita, atonal, alçaram-se como o espírito da terra abaixo dele. À medida que o ritmo crescia, as vozes se tornaram mais intensas, embora não realmente mais altas. Gradualmente, conseguiu discernir as palavras da cantoria, como se tivesse sintonizado sua frequência. As palavras o arrepiaram, mas ao mesmo tempo animaram sua alma em direção ao céu.

As vozes cantavam os nomes dos mortos.

Se é bom o bastante para Jacobs, então é bom para mim.
Se é bom o bastante para Jacobs, então é bom para mim.
Se é bom o bastante para Jacobs, então é bom para mim.
Bom para mim. Bom para mim.

A vozes continuaram cantando. A cada nome novo, o ritmo era alterado para encaixar as sílabas. Mellas desceu do morro devagar para encontrar os cantores, tomando cuidado para não derramar o café quente. Eram Connolly, Toupeira e Gambaccini. Toupeira batucava a caixa de ração C. Os três olhavam para a escuridão, perdidos no ritmo. Mellas sentou-se. Não

os incomodou.

Ouviu um leve ruído às suas costas e olhou para cima. China estava em pé ouvindo e observando. Mellas se deslocou um pouco e deu um tapinha no chão ao lado. China sentou-se. Mellas levantou a caneca quente em um brinde silencioso para Hamilton. Passou a caneca para China, que tomou um gole e a devolveu. Nenhum deles falou nada.

Se é bom o bastante para Shortround, então é bom para mim...

Cada um dos nomes evocava um rosto conhecido, uma mão estendida para baixo de uma pedra ou através de um riacho – ou um olhar de medo quando um amigo percebia que a morte chegara para ele.

Se é bom o bastante para Parker, então é bom para mim...

Mellas tentou se esquecer das outras imagens: os corpos queimados, o fedor, o jeito esquisito e endurecido dos corpos sob os ponchos molhados. Não conseguiu. A cantoria continuou, os músicos cediam ao ritmo de seu próprio ser, encontrando uma cura na batida, e sarando ao cantar sobre a morte, o único deus que realmente conheciam.

Mellas não dormiu naquela noite. Ficou sentado no chão olhando para o noroeste, em direção a Matterhorn. Observou as montanhas mudando sutilmente sob as sombras das nuvens dispersas em torno de uma lua minguante à medida que se movia no céu, até que as sombras começavam a se dissipar com a vinda da luz do leste. Tentou determinar se havia algum sentido no fato de que as sombras de nuvens do luar podiam se mover sobre as montanhas, no entanto nada nelas se moveria ou seria afetado. Sabia que todos eles eram apenas sombras: os cantores, os mortos, os vivos. Todos sombras, movendo-se sobre a paisagem das montanhas e vales, mudando o padrão das coisas à medida que se moviam, mas sem deixar nada mudado ao irem embora. Somente as próprias sombras podiam mudar.

ACG Acrônimo para Ação Combinada em Grupo. Era um grupo pequeno composto de fuzileiros e milicianos, as chamadas forças populares (na gíria, eram os "ref-povs", abreviação de República das Forças Populares do Vietnã), o qual era posicionado em uma área pequena e específica para proteger vilas de intimidações e de terrorismo. Essa iniciativa teve um sucesso considerável, e os fuzileiros que lutavam em unidades ACG eram corajosos e competentes, pois tinham que operar a seu próprio modo, ao contrário do que ocorria nas estruturas tradicionais de unidades. Infelizmente, seguindo a lei férrea da manipulação – segundo a qual, se um sistema pode ser inventado, um contrassistema também pode –, os comandantes da infantaria dos fuzileiros muitas vezes ofereciam "voluntários": vagabundos e encrenqueiros para servir na ACG, de modo a arrancá-los de suas próprias unidades.

agente CAA Apelido dado ao controlador aéreo avançado alistado, que servia também de sinalizador contra fogo amigo.

A.J. Squaredaway Os fuzileiros usavam nomes fictícios para personificar condições e padrões. A.J. Squaredaway queria dizer uma aparência limpa e disciplinada. Havia outros nomes: Joady era o cara que transava com a namorada de alguém nos Estados Unidos e Joe Shit the Ragpicker era o oposto de A.J. Squaredaway.

AK-47 Arma automática padrão usada pelo Exército Norte-Vietnamita e pelos vietcongues. Dispara balas calibre 7,62 mm X 39 mm a uma velocidade menor do que a M-16. É também muito menos precisa que a M-16, mas muito mais fácil de manter nas condições da selva. Além disso, em combates próximos, a precisão não era um fator significativo.

AOCDR Apoio a Operações Civis e Desenvolvimento Revolucionário. Uma organização híbrida militar e civil sob comando do Departamento do

Estado que foi formada para coordenar os programas de pacificação civil e militar dos Estados Unidos. Alguns dos seus funcionários tentavam ativamente empreender obras de pacificação, expondo-se a perigos, mas muitos deles eram vistos como gordos vagabundos da área de segurança.

ASAP Iniciais da frase em inglês "as soon as possible", que significa "o mais rápido possível".

atirando cocô "Alto e claro". Poderia também ser usada qualquer outra combinação de A e C, como "álcool e cerveja" ou "atenção caralho", que estimulasse a imaginação de um operador de rádio.

ATR Área Tática de Responsabilidade. Uma área geográfica atribuída a uma unidade e na qual esta mantém, sozinha, a autoridade e a responsabilidade operacional.

Avenues Gangue de Los Angeles nos anos 1960.

barra de manteiga Um segundo-tenente, geralmente novo e sem experiência, assim chamado porque o posto era simbolizado por uma única barra de ouro.

bastão de fuzileiro de curto prazo Um bastão de madeira que podia ter menos de um metro até um metro e meio de altura e cerca de 5 cm de diâmetro. A cada dia ele era marcado, de modo elaborado ou simples, dependendo da habilidade e do gosto do dono. Uns poucos rebeldes marcavam todos os dias de uma vez só e daí cortavam o bastão na marca de cada dia que passava, até que os mais sortudos carregassem só um toco. Os bastões serviam para caminhar, como bengalas, como sustentação de barracas e até mesmo como armas quando preciso. Alguns dos bastões dos fuzileiros de curto prazo eram verdadeiras obras de arte.

batalhão Geralmente com cerca de mil e duzentos a mil e trezentos fuzileiros e sessenta equipes médicas navais, tinha quatro companhias de fuzileiros, um centro de operações maior e uma companhia de provisões (H&S), que mantinha as bazucas de 106 mm sem recuo de disparo, os morteiros de 81 mm e as provisões, a manutenção, as comunicações, o refeitório, as equipes administrativas e médicas. Normalmente, cada batalhão era comandado por um tenente-coronel,

chamado de "coronel menor". O posto era representado por uma folha de carvalho de prata. No Corpo de Fuzileiros durante os anos 1960, o comando de um batalhão era essencial para a promoção a um posto superior.

bateria Unidade de artilharia equivalente, grosso modo, a uma companhia de fuzileiros. Uma bateria no Vietnã tinha seis morteiros howitzer de 105 mm. Era geralmente engajada a uma infantaria de batalhão e, quando possível, situada no solo mais elevado da área que deveria proteger. Frequentemente, a bateria enviava observadores dianteiros com a infantaria para ajudar a chamar reforços de artilharia. Todos os fuzileiros da infantaria e os suboficiais podiam solicitar fogo de artilharia; porém, sem conhecimento detalhado da imensa quantidade de dificuldades técnicas enfrentadas pelos artilheiros, eles eram geralmente mais impacientes que os observadores dianteiros.

BCV Base de Combate Vandegrift, localizada em um pequeno vale no lado oriental da cordilheira Annamese, mais ou menos na metade de uma linha que dividia o Vietnã. A BCV era originalmente chamada de Área de Pouso Stud, a principal AP a partir da qual os fuzileiros e a Primeira Divisão de Cavalaria Aérea lançaram seu reforço do Khe Sanh. Quando os fuzileiros se retiraram do Khe Sanh, transformaram a AP Stud em uma área de avanço a partir da qual unidades menores do tamanho de uma companhia podiam ser instaladas nas montanhas. Os fuzileiros a batizaram com o nome do herói de Guadalcanal, General Alexander Archer Vandegrift, ganhador da Medalha de Honra e décimo oitavo comandante do Corpo de Fuzileiros.

bingo de combustível Baixo nível de combustível.

Brown, H. Rap Radical negro e ministro da defesa do Partido dos Panteras Negras nos anos 1960.

C-4 Composição C-4 de explosivo plástico que era usada para quase tudo, desde fazer café até explodir um paiol de munição e desobstruir uma zona de pouso. Vinha em barras brancas de 30 cm de comprimento, 2,5 cm de largura e 7 cm de diâmetro, enroladas em celofane verde-oliva. Podia ser jogada, cortada em cordões esticados e longos ou enfiada em fendas com segurança. Esse explosivo era detonado por

cápsulas de percussão, que tinham de ser carregadas em pequenas caixas de madeiras especiais e eram muito mais perigosas. Quando exposto ao ar livre, o C-4 queimava com uma chama incandescente, mas não explodia. O uso original desta forma, estritamente contra as regras, era aquecer latas de ração C. Quando detonado por uma cápsula de percussão, o C-4 era um explosivo poderoso. Um cordão fino enrolado em volta de uma árvore de 60 cm de diâmetro a partiria em duas, embora o método preferido fosse posicionar uma carga mais ou menos acima da outra em lados opostos e derrubar a árvore com duas explosões contrabalançadas.

CAA Controlador Aéreo Avançado, um homem das forças aéreas engajado em uma unidade do tamanho de uma companhia para coordenar todo o apoio aéreo, desde o reabastecimento até o bombardeio e a metralha. Um oficial piloto geralmente ocupava a mesma posição no quartel-general do batalhão. Na Segunda Guerra Mundial, o Corpo dos Fuzileiros abriu caminho para as táticas e os procedimentos de apoio aéreo aproximado; as relações próximas de trabalho entre terra e ar são uma especialidade dos fuzileiros.

caixa conex Abreviação para "contêiner, expresso". Uma caixa conex era um contêiner pesado de aço ondulado de 2,5 m de comprimento, 2 m de altura e 2 m de largura. Um lado tinha dobradiças e podia ser aberto como uma porta pesada para facilitar carregamentos.

Cão Vermelho Código de brevidade de rádio para qualquer patrulha com o mesmo tamanho de um esquadrão.

capim-elefante Enormes talos de capim parecidos com bambu. Crescem a uma altura que ultrapassa a de um homem, em pés grossos e quase impenetráveis, que podem cobrir todo o chão de um vale. Suas extremidades afiadas cortam a pele.

cercar e vasculhar Operação na qual uma vila inteira ou mesmo uma área (se tropas suficientes fossem utilizadas) era cercada. Unidades eram então encaminhadas para vasculhar as casas e encontrar esconderijos para o ENV ou para os vietcongues. Se algum deles fosse desentocado, não poderia escapar sem passar pelo cerco das tropas ao redor.

CH-46 Helicóptero de ataque de rotores gêmeos, apelidado de Cavaleiro do

Mar, usado pelos fuzileiros para ataques, reabastecimento e resgates médicos. Comportava uma tripulação de cinco pessoas: piloto, copiloto, capitão de bordo e dois metralhadores aéreos. Tinha uma longa fuselagem e uma rampa na cauda, por onde os fuzileiros entravam e saíam. Esta rampa era puxada para servir de porta traseira quando o CH-46 estava no ar. Dependendo da altitude, da temperatura, de quantos atiradores estivessem a bordo e do risco a que o piloto estava disposto a se expor, um CH-46 carregava de oito a quinze fuzileiros até uma distância de 240 km. Em situações de emergência, mais passageiros podiam ser carregados, mas os riscos eram muito maiores. O CH-46 também podia carregar cerca de duas toneladas de "carga externa", amarrada por baixo em uma rede de carga. Sua velocidade máxima era de aproximadamente 260 km/h. O CH-46 Cavaleiro do Mar era menor e carregava menos carga que o mais familiar CH-47 Chinook usado pelo Exército, embora os dois helicópteros fossem parecidos. Por causa do requisito de rotores dobráveis e armazenamento eficaz, o CH-46 dos fuzileiros não era capaz de carregar as cargas mais pesadas, o que o CH-47 do Exército – com suas palhetas de rotor permanente e motores maiores – era capaz de fazer. O Corpo de Fuzileiros dependia primariamente do CH-46 para distribuir suas unidades em combate. O CH-46 também servia como burro de carga para abastecimento e resgate médico porque os fuzileiros eram insuficientemente equipados com os helicópteros Huey, mais móveis e mais versáteis.

CH-47 Helicóptero de rotores gêmeos movido a turbina, chamado Chinook e usado pelo Exército. Era fabricado pela Boeing Vertol e, à distância, parecia um CH-46 maior. Sua tripulação consistia de piloto, copiloto, capitão de bordo e um ou dois metralhadores no poço do convés. O Exército preferia usar o CH-47 por ser um veículo de carga mais apropriado e que dependia dos helicópteros Huey menores para desembarcar as unidades de infantaria em combate.

chi-comm Granada de mão para colisão e combate usada pelo ENV e pelos vietcongues. Tinha alavanca de madeira e uma forma cilíndrica, por isso, o apelido "triturador de batatas".

chuck Entre os fuzileiros na selva do Vietnã, termo não pejorativo, usado por ambas as raças, para se referir a um fuzileiro branco, por exemplo: "Ele é um cara chuck". Termo originário das gírias de *jazz*, como chamar alguém de *gato* no sentido de "malandro". Muito provavelmente, chuck é derivado de "Charles", que também é gíria para "o cara". Era geralmente usada em oposição a splib, gíria comum para se referir um fuzileiro negro.

claymore Mina terrestre popular em forma de leque que usava a composição C-4 como explosivo. Produzia um padrão direcional de fragmentos em forma de leque e era geralmente colocada acima do solo em frente a uma trincheira ou ao longo de uma trilha para uma emboscada. Quando detonada de uma trincheira, usando-se um fio elétrico detonador, a claymore M18A1 soltava setecentas pequenas esferas de aço em um padrão de 60° em forma de leque que alcançavam mais de 2 m de altura e 45 m de largura. O nome veio de uma grande espada escocesa, homenagem do inventor, Norman A. MacLeod. Em um lado da mina havia a inscrição em negrito e relevo: ESTE LADO PARA O INIMIGO.

COC Centro de Operações de Combate. Era geralmente uma tenda com paredes de sacos de areia ou, se a unidade estivesse parada por um tempo, um bunker feito de sacos de areia com um teto geralmente de passadiço de folha de aço, também coberto de sacos de areia. Era onde ficavam todos os mapas, os rádios e a equipe que gerenciava um batalhão ou uma base regimental de combate. Era o centro tático do batalhão ou regimento.

código alfabético de rádio Como as letras podiam ser confundidas quando transmitidas oralmente, os militares adotavam um código para cada uma delas: "A" é Alfa, "B" é Bravo e assim por diante, até Zulu para "Z". Pelo fato de as unidades de inteligência do ENV interceptarem mensagens de rádio, os fuzileiros tomavam o cuidado de não mencionar sobrenomes no ar, de modo que Jones virava "a personagem Julieta", Smith se tornava "o personagem Sierra" e assim por diante.

código de brevidade de rádio Um tipo de abreviação pouco sofisticado, mas continuamente em mudança. É usado para esconder informações do

inimigo quando de comunicações via rádio. Por exemplo, marcas de cerveja podiam designar categorias diferentes de baixas: "Coors" para morto em ação, "Oley" para ferido em ação. Depois de pouco tempo, um novo sistema era estabelecido, como marcas de cigarro: "Camels" significava morto em ação e "Luckies", ferido em ação. Poucos dias depois, jogadores profissionais de futebol americano serviriam de código: "Namath" significaria morto em combate; "Hornung", ferido em combate, e assim por diante. Códigos de brevidade eram aplicados a tudo que fosse perigoso transmitir diretamente. Por exemplo, "carros" seria o código de brevidade para designar locais. Um nome específico de carro se referia a uma determinada coordenada. O operador do rádio diria: "Do Cadillac até dois ponto quatro e direita três ponto um". O ouvinte consultaria a coordenada de "carros" do dia e calcularia (em quilômetros) a partir disso para localizar o transmissor da informação e seu grupo. Transmitir sua localização explicitamente era um convite a um ataque aéreo ou de foguetes.

companhia Durante a Guerra do Vietnã, uma companhia de fuzileiros consistia de duzentos e doze a duzentos e dezesseis fuzileiros e sete paramédicos da Marinha. Era liderada por um capitão (duas barras de prata), o que acontecia, no início da guerra, com a maioria das companhias. Por volta de 1969, porém, muitas companhias estavam sendo lideradas por um primeiro-tenente (uma barra de prata) e, durante períodos intensos de combate, um segundo-tenente (uma barra de ouro) poderia liderar uma companhia até que um substituto de posto superior chegasse. A companhia consistia em três pelotões de fuzileiros e um de armas. O pelotão de armas deveria ter um primeiro-tenente ou segundo-tenente encarregado e consistia de nove equipes de metralhadoras M-60 e três equipes de morteiros de 60 mm. Mas no combate em selva ou em montanha durante a guerra, as metralhadoras, que ficavam no pelotão de armas, eram vinculadas ao pelotão de fuzileiros, geralmente uma por esquadrão. Isso deixava apenas os morteiros de 60 mm como pelotão de armas, que prestava contas a um cabo ou sargento, submetido ao comandante da companhia. As companhias geralmente operavam com cento e sessenta ou cento e

oitenta fuzileiros, por causa da exaustão.

con-op Substantivo formado a partir de "controle operacional". Muitas vezes, os fuzileiros simplesmente trocavam unidades entre um batalhão e outro, se isso ajudasse taticamente. Por exemplo, se uma companhia de um batalhão estivesse operando em auxílio a uma companhia de outro batalhão, o comandante do batalhão da primeira companhia passaria o controle operacional para o comandante do segundo batalhão, eliminando assim os atrasos e desentendimentos inúteis, e talvez até destrutivos, que poderiam surgir se dois comandantes de batalhão tivessem que agir em coordenação. A companhia do primeiro batalhão sofria, assim, um "con-op" para o segundo batalhão.

Coors Código abreviado para "mortos em combate". Estes códigos mudavam frequentemente.

corcovar Gíria para uma temporada no meio do mato com trinta ou mais quilos de apetrechos nas costas, o peso normal carregado por um soldado de infantaria dos fuzileiros. "Eles me fizeram corcovar até a morte" era uma reclamação comum sobre ser forçado a marchar mais do que o razoável.

D&D Descanso e Diversão. Fuzileiros recebiam cinco dias de D&D uma vez só durante a estadia de treze meses no Vietnã. Como alguns lugares eram mais populares que outros, os mais procurados para o D&D eram distribuídos de acordo com o tempo que o fuzileiro havia passado no país. Sydney era a primeira escolha entre fuzileiros brancos. Bangcoc era a escolha de preferência dos fuzileiros negros. O Havaí era a preferência dos casados. Alguns fuzileiros esperavam até o décimo segundo mês para conseguir senioridade suficiente para ir aonde quisessem.

despertar Era extremamente importante, psicologicamente, saber exatamente quantos dias faltavam para que seu tempo de serviço acabasse e você pudesse sair do Vietnã. Havia uma dúvida, no entanto. Você considera o dia em que entra no avião para casa como o último no Vietnã ou como o primeiro fora de lá? Para resolver essa questão, foi instaurado um dia chamado de "despertar". Ele iniciava a contagem de quanto tempo faltava até a data da partida (essa data era chamada

RDS, "rotação da data de serviço", pelos fuzileiros e DEVAM, "data elegível para volta do além-mar", pelo Exército). É o dia em que você acorda no Vietnã, mas também o dia em que vai dormir em outro lugar.

DIC Divisão de Investigação Criminal. O DIC do Corpo dos Fuzileiros era responsável por investigar atividades criminosas que ocorriam dentro das unidades dos fuzileiros. As maiores preocupações durante a Guerra do Vietnã eram o tráfico de drogas e o assassinato de oficiais impopulares. Agentes, em muitos casos civis, frequentemente trabalhavam à paisana como se fossem fuzileiros normais. Entre os fuzileiros, tinham mais ou menos a mesma reputação que informantes e agentes de narcóticos têm entre civis usuários de drogas. A maioria dos fuzileiros considerava o uso de drogas em áreas de segurança um crime sem vítimas e as penalidades – períodos de prisão e dispensas por desonra –, injustas. O uso de drogas na selva, onde vidas poderiam ser perdidas como resultado de falha humana, particularmente da guarda, era desencorajado por meio do que poderia ser descrito polidamente como atividades de autopoliciamento.

di-dir Fugir ou sair rapidamente. Do vietnamita *didimao*, "ir embora". Um exemplo seria: "Vamos di-dir", ou seja, "Vamos sair daqui rápido". Ou: "O inimigo di-diu", indicando que eles fugiram rapidamente.

divisão Unidade grande, aproximadamente treze a catorze mil fuzileiros, geralmente comandados por um general de divisão (duas estrelas). Incluía um regimento de artilharia, três regimentos de infantaria e unidades de apoio, como engenheiros, artilharia pesada, inteligência, reconhecimento e abastecimento.

DMZ Zona Desmilitarizada. No Vietnã, a DMZ era uma zona de mais ou menos 5 km de extensão de ambos os lados do décimo sétimo paralelo, estabelecido por um tratado que tinha intenção de livrar as forças francesas das vietnamitas. Acabou formando a fronteira entre o Norte e o Sul do Vietnã. O rio Ben Hai corria no centro na metade do leste. A fronteira leste terminava no Mar da China. A fronteira oeste terminava no limite laosiano.

doze e vinte O tempo de serviço de um fuzileiro no Vietnã era de treze

meses, diferentemente do padrão do Exército, de doze meses. O décimo terceiro mês foi adicionado porque, inicialmente, os fuzileiros eram transportados ao Vietnã e de volta para casa pelo mar, e as duas viagens duravam, mais ou menos, um mês. Embora o Corpo de Fuzileiros tenha adotado mais tarde o costume do Exército de transportar o pessoal pelo ar, o tempo de serviço permaneceu o mesmo. No entanto, havia uma regra não escrita de que nenhum fuzileiro passaria os seus últimos dez dias no Vietnã em uma operação. Com frequência, os fuzileiros ficavam tão nervosos, assustados e preocupados com a possibilidade de morrer pouco antes de voltar para casa que muitos "paravam de funcionar". Esta regra não escrita de sair da selva ao se completarem os "doze e vinte" geralmente era obedecida.

em linha Quando não estavam lutando, unidades de infantaria geralmente se moviam formando filas indianas, com um homem atrás do outro. Na selva, não havia praticamente nenhuma outra maneira de se locomover e manter o controle ao mesmo tempo. Quando homens que estavam em uma coluna tinham que enfrentar um inimigo à sua frente, podiam usar apenas as armas de fogo das primeiras duas ou três pessoas a fim de não acertar alguém pelas costas. A solução era avançar "em linha". Isso significa que a coluna se espalhava por longa linha encarando o inimigo, de modo que cada rifle podia ser usado contra ele sem o risco de se atirar em um amigo pelas costas. Essa manobra era mais fácil de pensar do que de executar sob fogo, especialmente na selva, onde o contato visual podia não ultrapassar 6 m.

enfermaria Local onde a equipe médica do batalhão ficava de prontidão para tratar doenças e ferimentos não emergenciais. Também servia para prover cuidado médico rotineiro.

ENV Exército Norte-Vietnamita, uma força de luta bem equipada e bem treinada da República Popular do Vietnã; distingue-se dos VC ou vietcongues, que eram uma força de guerrilha.

equipe de artilharia A menor unidade em uma companhia de fuzileiros. Uma equipe de artilharia era formada por quatro franco-atiradores, mas, sob condições de combate, por causa do método de exaustão, geralmente consistia em apenas três franco-atiradores.

ERV Exército da República do Vietnã, o Exército do Vietnã do Sul, aliado dos Estados Unidos.

Escola Naval Escola de oficiais do mais baixo escalão do Corpo de Fuzileiros Navais, na qual todos os fuzileiros, mesmo os pilotos, recebem o treinamento básico necessário para coordenar um pelotão e uma companhia. Fica localizada em Quantico, na Virginia. Em inglês, o nome é abreviado como TBS (The Basic School).

esquadrão Unidade planejada para comportar treze fuzileiros: três times de quatro homens e um líder de esquadrão. Normalmente, no entanto, funcionava com dez ou onze fuzileiros. Um esquadrão deveria ser liderado por um sargento (três faixas), que é um suboficial com pelo menos quatro anos de experiência, mas, no Vietnã, a maioria dos esquadrões era liderada por cabos (duas faixas) ou mesmo por um taifeiro de primeira classe (uma faixa), a maior parte ainda adolescentes.

exaustão, método de Consiste na manutenção coordenada do combate. O objetivo é exaurir o potencial físico do inimigo por meio de mortes, bombardeios e demais formas de ataque em curto intervalo de tempo durante vários dias, impossibilitando que ele se reagrupe, reabasteça, descanse e efetue as demais ações militares. O objetivo do método é a rendição do exército inimigo.

extra Um favor concedido por um superior ou pelo sistema em geral. Exemplo: "Quando saiu da selva, ele recebeu um extra e os cheques de salário".

explodir um paiol Destruir um armazém de estoque de munição (ou paiol de munição) detonando cargas explosivas no meio da munição.

faroeste Um romance passado no Velho Oeste de edição barata.

ferramenta-T Ferramenta de trincheira que consiste em uma pequena pá dobrável de mais ou menos 60 cm, carregada por todos os fuzileiros em combate. Projetada especificamente para cavar trincheiras, era também usada para cavar latrinas, bunkers, buracos para cozinhar e para limpar terrenos que seriam campos de combate. Em raras ocasiões, era usada como arma.

Five Em código de rádio, o oficial executivo da companhia, o segundo em

comando; por exemplo, Bravo Five.

Força de Fuzileiros Marítimo-Terrestres (FFMT) Duas ou mais divisões de fuzileiros, além do apoio aéreo de fuzileiros. Durante a guerra, a FFMT era liderada por um tenente-general (três estrelas) baseado em Da Nang. Prestava contas operacionalmente ao Comando de Assistência Militar do Vietnã (CAMV), liderado por um general do exército (quatro estrelas) situado em Saigon. Para apoio administrativo e logístico, prestava contas ao comandante-general da Frota da Força de Fuzileiros no Pacífico, situado no Havaí. O CAMV prestava contas ao Comando no Pacífico dos Estados Unidos, liderado por um almirante de quatro estrelas.

forro de poncho Cobertor camuflado fino de náilon com 1,7 m X 2,1 m e enchimento de poliéster. Ficava amarrado, com cordinhas que saíam dele, por debaixo do poncho emborrachado do fuzileiro, para aquecer. Era mais frequentemente usado como cobertor, a única fonte de calor para a maior parte dos fuzileiros na linha de frente.

Foxtrot Whiskey Código do alfabeto fonético da OTAN, no qual *foxtrot* representa F e *whiskey*, W. Iniciais para *fixed-wing*, asa fixa, gíria para aeronaves (em oposição a helicópteros). As aeronaves a jato de asa fixa do Corpo de Fuzileiros, e ocasionalmente da Marinha ou da Força Aérea, forneciam quase todo o apoio aéreo aproximado.

fragmentar Assassinar alguém, geralmente um oficial ou sargento impopular, jogando uma granada de fragmentação em seu alojamento ou em sua trincheira. O Corpo dos Fuzileiros sofreu quarenta e três incidentes de "fragmentação" durante a guerra, embora nem todos tenham sido fatais.

frieira Condição em que o pé fica dormente e, depois, vermelho ou azul. À medida que a situação piora, os pés incham e feridas se abrem, ocasionando infecções causadas por fungos e úlceras. Se não tratada, a frieira geralmente acabava em gangrena, o que podia exigir amputação. A frieira se desenvolve em situações nas quais os pés estão constantemente frios, úmidos e fechados em calçados apertados, como coturnos. É também conhecida como pé de trincheira.

fuzileiro de curto prazo O tempo padrão de serviço para um fuzileiro no

Vietnã era de treze meses. Perto do décimo primeiro ou décimo segundo mês, a maioria dos fuzileiros começava a se comportar de forma diferente. A essa altura, em contraste com os meses anteriores, eles podiam ter esperança de saírem vivos e sem cicatrizes dali, mas essa mesma esperança destruía o estado psicológico anterior de anestesia e o pensamento fatalista do soldado em combate, que tornavam o medo algo mais fácil de lidar. Os fuzileiros de curto prazo assumiam vários comportamentos específicos, como usar dois coletes à prova de bala, recusar-se a sair de uma trincheira para urinar, deixar de escovar os dentes (seguindo a teoria de que isso os faria brilhar demais). Alguns desses comportamentos eram exagerados propositalmente com intenção cômica, mas outros eram resultado de sérias perturbações psicológicas.

G2 Divisão de inteligência. As organizações militares americanas designam funções e organizações com letras e números. "G" significa uma equipe de nível de divisão; "R", de nível regimental; e "S", de nível de batalhão. As funções de equipes são designadas por números: 1 para administrativo, 2 para inteligência, 3 para operações, 4 para provisão. Assim, no nível de divisão, a equipe de inteligência seria G2 e, no nível de batalhão, S2. O oficial encarregado da função dessa equipe seria chamado "o S2" ou "o Two". O major Blakely, como oficial de operações no nível de batalhão, é chamado "o Three", porque está encarregado das operações de batalhão, S3.

GFA Grupo de Fuzileiros Aéreos.

grade de coordenadas Todos os mapas militares são divididos em quilômetros quadrados. Um ponto de parâmetro é estabelecido e representado por 000000. Os três primeiros dígitos se referem à distância para leste da base em décimos de quilômetro e os três últimos, à distância para o norte. Por exemplo, as coordenadas 325889 se refeririam a um ponto 32,5 km para o leste e 88,9 km para o norte de 000000.

guarnição de helicóptero O peso, ou carga, que um helicóptero pode carregar varia com a altitude e a temperatura. Quanto maior a altitude e a temperatura, menor a carga suportada. Embora taticamente fosse mais eficaz carregar unidades organizacionais inteiras, era mais

frequente as unidades táticas serem divididas em unidades chamadas guarnições de helicóptero, conforme as condições do tempo e da altitude. Ao chegar à zona de pouso, as guarnições imediatamente eram distribuídas e os fuzileiros se colocavam novamente em formação de unidades táticas padrões, tais como equipes de artilharia, esquadrões e pelotões.

guia Kit Carson Soldados norte-vietnamitas ou vietcongues que se rendiam recebiam a oportunidade (e bom pagamento) de se tornar guias para as unidades de fuzileiros, usando seu conhecimento das táticas do ENV e do terreno para ajudar a direcionar as unidades de fuzileiros em operações. Geralmente, esses homens estavam desiludidos com o comunismo e lutavam por ideais, mas, às vezes, eram simplesmente mercenários trabalhando para quem quer que pagasse mais. Eram geralmente considerados traidores pelos fuzileiros, por mais injusta que fosse essa imagem.

gunjy Gíria para caxias e belicoso, ou muito entusiasmado e militarista, dependendo do contexto e do tom de voz. É provavelmente derivada de "*gungho*", uma expressão dos fuzileiros emprestada do chinês que quer dizer "trabalhar em equipe".

gunny Um sargento de artilharia da companhia. Durante a guerra, com as companhias operando distantes do quartel-general, o *gunny* era geralmente o oficial não comissionado de escalão mais elevado na selva. Os primeiros sargentos da companhia, de um escalão acima, geralmente gerenciavam funções administrativas em um quartel-general permanente em locais como Quang Tri. O *gunny*, que respondia diretamente ao comandante da companhia, gerenciava a maioria das funções de provisão e tinha um papel de conselheiro de força tática. Embora não estivesse diretamente sob comando dos sargentos de pelotão, que prestavam contas aos comandantes de pelotão, ele tinha uma relação muito forte e incondicional com aqueles sargentos. O "pedido" de um *gunny* era o equivalente a uma ordem. Um sargento de pelotão poderia passar por cima de um *gunny* se passasse pelo seu oficial de comando, mas isso era muito raro. Em tempos de paz, o *gunny* seria normalmente um sargento de artilharia E7, mas, por causa

da escassez em tempos de guerra, a posição era geralmente preenchida por sargentos de quadro E6.

HM2 É o paramédico de segunda classe. Sheller, o lula sênior, tem este posto.

HM3 É o paramédico de terceira classe. Fredrickson, o paramédico do pelotão, tem este posto.

homem-ponto O primeiro homem de uma coluna é chamado de homem-ponto ou esclarecedor. O ato de ser o primeiro da coluna significa que ele deve identificar a aproximação do inimigo, que vem pelo mesmo caminho em sentido contrário ao da patrulha. É provavelmente a tarefa mais assustadora e traumatizante, com exceção de um ataque real.

Huey Helicóptero UH-1 de rotor único. Havia diversas variações, tais como o UH-1B e UH-1G, desde um "liso" (que não tinha nenhum armamento ou potência de fogo e era usado para resgatar os feridos e desembarcar forças) a um "atirador" (armado com mísseis, metralhadoras e canhões de 20 mm, usado para apoio aéreo aproximado). Hueys tinham muitas utilidades, incluindo apoio aéreo aproximado, resgates médicos, inserção e extração de patrulhas e transporte de oficiais de alto escalão. O Exército os usava como helicópteros de ataque, e as unidades aéreas e de cavalaria do Exército empregavam muitas vezes mais Hueys que unidades de fuzileiros do mesmo tamanho.

John Wayne Pequeno abridor de lata do tamanho de um polegar que se dobra contra seu próprio cabo e é geralmente unido às placas de identificação no pescoço. A designação militar oficial é o abridor de latas P-38.

Ka-bar Faca com lâmina de 17 cm e um cabo de couro. Parece um facão de caça ao estilo Jim Bowie e era comum entre os fuzileiros desde a Segunda Guerra Mundial. Podia ser uma arma letal e eficaz, mas era mais utilizada para diversos trabalhos utilitários, como cortar mato, abrir latas, talhar os bastões de curto prazo e limpar as unhas. O nome tem origem obscura, mas a fonte mais provável é o acrônimo *Knife Accessory Browning Automatic Rifle*, que significa "faca acessório ao rifle automático browning".

LFP Linha Final de Partida, uma linha imaginária atrás da qual as tropas em ataque esperam pelo sinal para seguir adiante. Uma vez cruzada esta linha imaginária, a unidade está irrevogavelmente engajada.

lula Gíria para designar o paramédico da Marinha. A Marinha fornece todos os serviços médicos para o Corpo de Fuzileiros. (O Exército, porém, tem seus próprios serviços médicos.) Os paramédicos usavam o uniforme dos Fuzileiros e treinavam com o Corpo de Fuzileiros em escolas especiais administradas pela Marinha, chamadas de escolas de serviços médicos de campo (nome abreviado para "Medicina de Campo"). O quadro da organização requeria dois médicos por pelotão, mas frequentemente só havia um.

lula sênior O paramédico da Marinha designado ao quartel-general de uma companhia e que chefia os paramédicos dos pelotões. O quadro de patentes da organização exigia um paramédico de primeira classe (HM1), um suboficial naval equivalente a um sargento de pelotão dos fuzileiros (E6). Cada companhia de fuzileiros tinha um paramédico sênior nos seus quartéis-generais. Taticamente, ele obedecia ao comandante da companhia, mas, administrativamente, seu chefe era o cirurgião do batalhão, um médico da Marinha, geralmente um tenente. No Vietnã, por causa da falta de pessoal, este posto era muitas vezes ocupado por paramédicos de segunda classe (HM2), o equivalente a um sargento da Marinha (E5), e normalmente havia apenas um paramédico por pelotão.

louie Gíria para tenente.

M-16 Rifle automático padrão usado durante a guerra. Disparava uma bala spitzer de 5,56 mm a uma velocidade muito alta com o objetivo de ferir em vez de matar (feridas sobrecarregam mais do que mortes a equipe médica de um exército). O M-16 está em uso até hoje, mas a bala é um pouco mais pesada (4,03 g em vez de 3,575 g) e é disparada a uma velocidade um pouco mais lenta (944,88 m/s em vez de 990,6 m/s).

M-26 Granada de fragmentação padrão usada durante a guerra. Era também conhecida como "Mike 26" ou "frag" (em oposição a "fumaça" ou "luz"). Pesava cerca de 600 g e parecia um ovo gordo com pele de ferro lisa, verde-oliva. Vinha com uma "colher" no topo –

um dispositivo de armamento com mola que era ativado ao remover um anel de ferro que segurava a colher ao lado da granada. Assim que o anel fosse removido, o arremessador tinha de manter a colher no lugar, segurando-a contra a granada em sua mão. Assim que a granada fosse arremessada, a colher era liberada e iniciava uma reação química que detonaria a granada em quatro ou cinco segundos. A granada era preenchida com metal perfurado em forma de bobina, que explodia em projéteis parecidos com bolinhas de chumbo que podiam matar pessoas em um perímetro de 150 m. Mas o perímetro mais eficaz de morte da granada era de cerca de 30 m. Um fuzileiro qualquer podia arremessar uma M-26 a até 25 m ou 35 m. O explosivo era de composição B, uma mistura de TNT e RDX.

M-79 Lançador de granadas que se parece muito com uma espingarda curta e grossa. É capaz de atirar granadas de alta potência, chumbo grosso (munição de espingarda) ou dardos (projéteis pequenos como flechas). Era uma boa arma na selva, onde é muito difícil localizar os alvos rapidamente.

MEC Morto Em Combate.

metralhadora DShKM calibre .51 Metralhadora soviética semelhante à americana Browning calibre .50, mas com maior capacidade de munição. As iniciais "D" e "Sh" significam Degtyraov e Shpagin, os dois homens que mais colaboraram para o desenvolvimento da arma. O "K" se refere a *krupnokalibernyi*, grande calibre, e o "M" indica ser um modelo de desenvolvimento. Esta arma foi usada extensivamente pelo ENV como um dispositivo antiaéreo, especificamente para o abate de helicópteros.

metralhadora M-60 Metralhadora padrão dos fuzileiros no Vietnã. Seu alcance máximo era de 3.725 m, embora seu alcance eficaz fosse de cerca de 1.100 m. Disparava tiros de padrão NATO de 7,62 m (calibre .308) usando fitas de munição com cem tiros cada. Essas fitas eram geralmente fixadas no próprio corpo, mas, em combate na selva, carregá-las dessa forma era se expor a pequenos gravetos e folhas que travavam os disparos, então as fitas eram condicionadas em latas de metal muito pesadas e difíceis de manejar. A M-60 foi concebida para

ser manejada por três fuzileiros: um atirador e dois assistentes para carregar a munição. No Vietnã, no entanto, por causa do método de exaustão, as equipes eram de apenas dois homens. Um bom atirador conseguia disparar cem tiros por minuto em ritmo prolongado. Disparar no limite da arma, quinhentos e cinquenta tiros por minuto, aquecia o cano rapidamente demais e o destruía. A M-60 tinha um bipé na frente do cano e pesava cerca de 8 kg. Os fuzileiros adoravam essa arma e geralmente admiravam os caras que a carregavam e disparavam.

miguel miguel Milímetro.

Miguel 26 A granada de mão M-26.

Missões Arc Light Operação da Força Aérea que usava bombardeiros B-52 a partir de uma base na ilha de Guam. Estes B-52 foram modificados para carregar trinta toneladas de bombas convencionais, que eram guiadas em direção aos seus alvos por um radar de controle aéreo em terra. As missões eram frequentemente executadas à noite contra os acampamentos-base do inimigo, as concentrações de tropas e as linhas de abastecimento.

montagnard Do termo francês "habitante da montanha". Neste contexto, qualquer membro de uma das muitas tribos indígenas que habitavam as montanhas e a selva na parte oeste do Vietnã.

mustangue Oficial que foi promovido desde as patentes mais baixas.

nagúlios Normalmente, um nome dado ao inimigo, especificamente o Exército Norte-Vietnamita, mas muitas vezes usado para designar qualquer unidade vietnamita ou mesmo um indivíduo. Deriva de Nguyen, o nome vietnamita mais comum.

nomes de unidades de rádio Para confundir a inteligência do inimigo ao transmitir os nomes das unidades, uma unidade do tamanho de um batalhão tinha um nome de rádio que mudava frequentemente. Por exemplo, neste livro, o Primeiro Batalhão do Décimo Quarto Regimento de Fuzileiros é chamado de "Big John". A Companhia Bravo do Primeiro Batalhão era, então, chamada "Big John Bravo". O Primeiro Pelotão da Companhia Bravo seria chamado "Big John Bravo One". No nível de companhia, por conveniência, o nome do batalhão não era

usado. A companhia seria apenas "Bravo", e o primeiro pelotão era "Bravo One". O primeiro esquadrão do primeiro pelotão seria "Bravo One One", e assim por diante.

OC Oficial de Comando.

ocupar trincheira A maior parte dos ataques acontecia ao nascer ou ao pôr do sol, quando a luz favorece a visão do atacante, ao mesmo tempo em que dificulta ao defensor identificá-lo. Por esse motivo, todos os fuzileiros tinham ordens de ocupar as trincheiras e buracos individuais nessas horas cruciais.

oficial executivo, OX O segundo-em-comando de uma companhia de fuzileiros. O OX gerenciava os detalhes administrativos de uma companhia, além de agir como conselheiro geral para o oficial comandante (OC) e para os comandantes de pelotão. Em operações de combate, o OC e o OX ficavam geralmente separados fisicamente, de modo que, se o oficial comandante fosse ferido ou morto, o oficial executivo provavelmente poderia assumir o comando.

Oley Código de rádio para alguém ferido em ação.

ordem adicional Um complemento a uma ordem original maior. Ordens adicionais geralmente prevaleciam sobre as originais e eram realizadas com o propósito de eficácia (ao menos no que dizia respeito à emissão de ordens). Por exemplo, uma ordem original poderia mandar uma unidade entrar em um certo vale, destruir o que encontrasse e retornar. Uma ordem adicional poderia emendar a original, mandando a unidade continuar a missão por mais uma semana ou proceder até certo ponto com a mesma missão, mas sem ter de repetir tudo pelo rádio.

OV-10 O Bronco OV-10 era um avião de observação e apoio próximo com dois motores e caudas geminadas conectadas por um grande estabilizador horizontal. Por conta disso, ele se parecia muito com o velho P-38 Lightning. Em cada asa, ele tinha quatro metralhadoras M-60 e dois reservatórios para quatro mísseis Zuni, além de foguetes de fumaça. Também podia ser configurado para bombas pequenas.

PdeC Posto de Comando. Tecnicamente, o termo se refere a um lugar onde o comandante da companhia ou do pelotão se instalava com seus operadores de rádio e sua equipe. Era comum o termo se referir ao

grupo de pessoas, não ao lugar, por exemplo: "o grupo PdeC". Em uma típica companhia de fuzileiros no Vietnã, não havia "posto" – isto é, não havia uma estrutura física como um bunker (tal como visto em filmes). Em vez disso, havia trincheiras nas linhas de fogo ou, quando uma unidade estava em movimento ou em ação, simplesmente qualquer lugar a partir do qual um comandante de companhia ou de pelotão pudesse gerenciar a unidade.

PA Significa Posto Avançado. Um PA tinha o mesmo propósito de um posto de escuta (PE), mas era usado durante o dia. Era menos assustador que um PE porque era possível ver, escutar e cheirar, e a companhia geralmente mandava pequenas unidades para patrulhar as áreas além dos PAs; essas unidades davam aos PAs proteção extra e tempo de aviso.

palas de aquecimento Lâminas azuis de trioxano 1, 3, 5 de mais ou menos 2 cm de diâmetro que poderiam ser colocadas no fundo de um "fogão de campo", feito com abertura de buracos em latas de ração C. Uma vez que as palas não oxidavam bem nos fogões de campo, soltavam fumos nocivos que ardiam o nariz e os olhos. Além disso, levavam tempo demais para aquecer o que fosse. Na selva, a maioria dos fuzileiros preferia cozinhar com explosivo C-4, muitas vezes desmontando minas claymore (isso era muito perigoso e estritamente proibido) para conseguir um modo menos nocivo de aquecer suas rações.

paramédicos Equipe médica da Marinha engajada nas unidades de fuzileiros. Eles realizavam os primeiros cuidados médicos recebidos por um soldado ferido e eram altamente respeitados. Muitos sacrificavam as vidas tentando salvar fuzileiros feridos. Em força máxima, toda companhia tinha dois paramédicos da Marinha em cada um dos três pelotões e um paramédico sênior, geralmente um HM1, o chefe, engajado em um pequeno posto de comando. Mais tarde, devido à escassez na guerra, muitos pelotões tinham de sobreviver com um único paramédico, e as companhias sobreviviam com HM2s em vez de HM1s.

patrulha Missão designada a uma unidade menor. Uma patrulha andava fora do alcance dos rifles e da vista da unidade maior e cobria tudo que houvesse em um raio entre 5 km e 10 km. Podia durar um dia inteiro,

dependendo do terreno. Patrulhas eram usadas para localizar o inimigo e os seus abastecimentos e destruí-los ou mantê-los no lugar até que os reforços chegassem. Também eram usadas para detectar o inimigo se ele se aproximasse da unidade maior e avisar se isso já tivesse ocorrido.

PE Posto de Escuta, onde geralmente uma dupla de fuzileiros ficava posicionada fora das defesas à noite com um rádio. Seu trabalho era escutar (já que não podiam ver) o movimento inimigo e avisar a unidade em caso de um ataque. Todos os fuzileiros em PE esperavam ouvir o inimigo chegando, dar o aviso e voltar em segurança, ou simplesmente se esconder na selva até que o combate acabasse. Estavam conscientes, no entanto, de que o trabalho era um sacrifício. Uma companhia na selva geralmente teria três PEs ao mesmo tempo, um para cada pelotão.

pelotão Três esquadrões formam um pelotão. Durante a Guerra do Vietnã, planejava-se que um pelotão fosse formado por quarenta e três fuzileiros, mas, em condições de combate, tinha geralmente de trinta até trinta e cinco homens. Um pelotão deveria ter ou um segundo-tenente (uma barra dourada) ou um primeiro-tenente (uma barra de prata) como líder, um sargento (quatro faixas), um guia (três faixas) e o operador de rádio do líder. No Vietnã, no fim dos anos 1960, havia falta de SOs, de modo que sargentos com três faixas muitas vezes viravam sargentos de pelotão. Frequentemente, o pelotão não tinha guias, e um segundo operador de rádio era adicionado (com um segundo rádio) para ajudar o sargento, que, em combate na montanha e na selva, muitas vezes operava de forma independente do comandante. Tanto o sargento quanto o comandante do pelotão lideravam patrulhas com o mesmo número de homens de um esquadrão.

perpétuo Alguém que fazia carreira militar. "Perpétuo" era um rótulo bastante pejorativo que exprimia claramente a ideia de prisão perpétua. Insinuava também que o perpétuo colocava sua carreira, as regras militares e as condecorações acima do bem-estar das tropas.

poag Um fuzileiro preguiçoso, covarde e acima do peso. O termo é originário da época em que os fuzileiros estavam na China antes da

Segunda Guerra. Eles recebiam doces para suplementar as rações. Açúcar e qualquer produto doce eram raros na China, de modo que as tropas logo perceberam que podiam usá-los como moeda de troca nas cidades. A palavra chinesa para prostituta se parecia com "*pogey*". Assim, doce virou "isca de pogey", e a expressão logo virou gíria de fuzileiro para comida do tipo *junk food* e todo tipo de doces em barra.

PDP Privilégio do Posto.

PRC 25 Era um rádio FM AN/PRC 25 usado por todas as unidades de infantaria de fuzileiros no Vietnã. Possuía uma das primeiras tecnologias de semicondutores e pesava cerca de 10 kg, com a bateria. Era carregado como uma mochila pelo operador de rádio. Tinha um watt e meio de potência e podia atingir um perímetro de 5 km a 10 km, dependendo do terreno. Infelizmente, morros altos bloqueavam o sinal, fazendo com que fosse menos eficiente em montanhas. Além disso, embora o rádio fosse à prova d'água, o bocal não era. Este se parecia com o de um telefone preto dos anos 1960 ligado a uma comprida corda espiralada. Quando o rádio estava ligado no volume máximo, podia-se ouvir tudo facilmente com o bocal a meio metro do ouvido. Os bocais eram muitas vezes envolvidos em plástico para protegê-los da constante chuva de monções. Operadores de rádio eram alvos prioritários do inimigo, facilmente identificáveis por causa da grande antena de FM, o que também identificava a pessoa mais próxima ao rádio como líder da unidade.

Q&P Quartel-general e Provisão.

ração C Frequentemente chamada "ratão C" ou outros apelidos menos neutros. A ração C padrão, que começou a ser usada na Segunda Guerra Mundial (o que fazia alguns fuzileiros no Vietnã acreditar que haviam sido enlatadas naquela época) vinha em três "estilos" ou "unidades" acondicionados em caixas de papelão fino. O estilo B1 tinha uma única lata pequena, do tamanho de uma lata de atum, cheia de presunto e ovos fatiados, pedaços de bife, carne de peru, e uma lata maior com frutas, como molho de maçã, pêssegos ou peras. O B2 tinha latas maiores de feijão e linguiça, almôndegas temperadas, bife e batatas, espaguete e almôndegas, presunto e feijão-de-lima

(considerado não comestível, a não ser em situações de extrema privação). Esse pacote também continha uma pequena lata de bolo inglês, nozes ou bolo de frutas e folhado de queijo (com cominho e pimentão-doce) e biscoitos de água e sal. A unidade B3 continha bolo de carne, macarrão, carne temperada e frango desossado. Todos os três estilos vinham com uma colher branca de plástico, café instantâneo, açúcar, creme não lácteo, dois chicletes, quatro cigarros (Winston, Marlboro, Salem, Pall Mall, Camel, Chesterfield, Kent e Lucky Strike), um pequeno rolo de papel higiênico, fósforos de papel com resistência à umidade, sal e pimenta.

real Uma pessoa específica comandando uma unidade, em oposição à unidade em geral. Por exemplo, se alguém no rádio dissesse: "Aqui é Charlie One", isso queria dizer que poderia ser qualquer um da companhia, geralmente o operador, fazendo uma chamada do Primeiro Pelotão da Companhia Charlie. Se a pessoa dissesse: "Aqui é o Charlie One Real", queria dizer que era o comandante do Primeiro Pelotão. "Coloque o real na linha" queria dizer "Quero falar com o seu oficial de comando".

regimento Tradicionalmente, representava a unidade essencial dos fuzileiros, com cerca de quatro mil homens. Consistia em três batalhões de infantaria, um de artilharia e pessoal de apoio. Normalmente, era liderado por um coronel, muitas vezes chamado de "coronel do pássaro", porque o escalão é representado por uma águia de prata. Quando se pergunta a um ex-fuzileiro em que unidade ele serviu, a resposta geralmente é o regimento do indivíduo, como, por exemplo, "Quarto Fuzileiros", "Nono Fuzileiros" ou "Um-Nove", o que significa Primeiro Batalhão do Nono Regimento de Fuzileiros. Regimentos podem ser deslocados para várias divisões ou forças-tarefa, dependendo da necessidade. O comando de um regimento de fuzileiros é uma posição cheia de prestígio.

regular O Corpo de Fuzileiros divide seus oficiais em duas categorias: reserva e regular. Um oficial da reserva leva depois de seu nome e de sua posição as letras USMCR ("United States Marine Corps Reserve", que significa "Reserva do Corpo de Fuzileiros dos Estados Unidos").

Um oficial regular leva só USMC depois do nome e da posição. Todo o pessoal que entrou no exército por alistamento é regular, a menos que tenham especificamente se juntado a uma unidade da reserva depois do serviço ativo. Oficiais da reserva devem servir por três ou quatro anos de serviço ativo e, depois, ou se juntar a uma unidade da reserva ou deixar o Corpo de Fuzileiros. A maioria dos oficiais subalternos é oficial da reserva, com exceção dos graduados da Academia Naval e alguns graduados do Corpo Naval de Treinamento de Oficiais da Reserva que já escolheram o Corpo de Fuzileiros como carreira. Se um oficial da reserva quiser fazer carreira no Corpo de Fuzileiros, ele se torna regular e deixa de ter um compromisso com duração específica com os fuzileiros, mas espera-se que sirva pelo menos vinte anos até a aposentadoria; na maior parte dos casos, até mais tempo. Em troca, torna-se mais fácil obter boas posições, como a de comandante de uma unidade do tamanho de uma companhia, ou maior. Pouquíssimos oficiais da reserva alcançam uma patente mais alta que primeiro-tenente ou são designados a posições favoráveis para o progresso das suas carreiras.

re-pos Relatório de posição.

requisição de mastro Todo fuzileiro tem o direito de pedir uma reunião com o seu oficial comandante. O termo "requisição de mastro" não mudou desde a época em que os fuzileiros serviam em navios de madeira e a reunião ocorria "diante do mastro".

re-sit Relatório de situação.

RIV Regras de Voo por Instrumento. Essas "regras" eram procedimentos e padrões executados sempre que a visibilidade estivesse tão limitada pelo mau tempo ou pela escuridão que o piloto precisasse contar com instrumentos para voar. Quando as RIV não estavam em prática, RVV – Regras de Voo Visual – eram o padrão.

Rota 9 Uma estrada de duas pistas, na maioria das vezes de terra ou cascalho, que conectava a planície costeira perto de Quang Tri à Base de Combate Vandegrift, Khe Sanh e ao Laos. Durante a Guerra do Vietnã, era a maneira mais fácil de atravessar as montanhas e abastecer os fuzileiros que operavam nelas com transporte de base terrestre. Ela

também atravessava o caminho mais fácil para ir do Laos até os baixios populosos da costa e o mais direto para o ENV chegar a Quang Tri, especialmente com tanques; portanto, era de imenso valor estratégico.

RPD Ruchnoi Pulemet Degtyarev, uma das metralhadoras mais leves e eficientes já produzidas, era utilizada pelo ENV e pelos vietcongues. Usava a mesma bala de 7,62 mm da AK-47 e da SKS. Por baixo do cano, ela tinha um tambor com cem cartuchos que continha a munição disposta em tiras. O tambor protegia a munição da sujeira da selva e de plantas, aumentando ainda mais a eficiência da RPD. Esta arma podia disparar por volta de cento e cinquenta cartuchos por minuto com um alcance efetivo de cerca de 800 m. O bipé era fixo, mas podia ser dobrado ao longo do cano para facilitar o movimento. A RPD pesava 8,7 kg quando completamente carregada com munição.

RTI Regimento de Treinamento de Infantaria. Após se formarem no Campo de Recrutas, fuzileiros eram engajados em sua especialidade ocupacional militar, ou EOS. Então, eram submetidos ao treinamento em várias bases. Os engajados em uma EOS de 03, infantaria, seguiam para o Regimento de Treinamento de Infantaria no Acampamento Pendleton, na Califórnia. "Zero-três" era de longe a mais comum EOS dos fuzileiros.

RVV Regras Visuais de Voo, procedimentos operacionais seguidos quando as condições de voo são boas o suficiente para que os pilotos não precisem confiar apenas nos instrumentos.

Saco, o Gíria para o Corpo de Fuzileiros Navais.

sanduíche de merda Um tiroteio particularmente difícil.

Semper Fi Abreviação de *Semper Fidelis*, que em latim significa "sempre fiel", o lema do Corpo de Fuzileiros. Implica fidelidade ao chamado da pátria, mas, para os fuzileiros, ele representa em primeiro lugar ser sempre fiel ao companheiro.

Serra de Mutter Cadeia de morros altos estrategicamente importante que vai de leste a oeste na província setentrional de Quang Tri, paralela ao DMZ. A origem do nome é incerta, mas tem sido atribuída a vários fuzileiros chamados Mutter, principalmente o Primeiro Sargento Alan Mutter, do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos, que foi

morto ali. O nome também remete à assinatura de rádio do Terceiro Batalhão do Quarto Regimento de Fuzileiros, que lutou em uma das primeiras batalhas lá. A maior parte do lado oriental da Serra de Mutter era paralela à Rota 9 e vital para o controle desta e do vale do rio Ben Hai mais ao norte, outra via de acesso para a planície do Quang Tri a partir do Laos e do Vietnã do Norte. No romance, ela se estende mais a oeste do que na realidade.

serviço de refeitório As tarefas domésticas na administração de uma cozinha, como descascar batatas, lavar pratos etc. Geralmente, em tempos de paz, o serviço de refeitório é considerado algo a ser evitado e muitas vezes imposto como punição por uma leve infração. No Vietnã, porém, se um fuzileiro pegasse serviço de refeitório, sairia da selva e ficaria em um lugar seguro, de modo que a punição de verdade era *não* permitir que um fuzileiro ficasse em serviço de refeitório.

SIN Serviço de Investigação Naval. Essa organização era como o corpo de detetives da Marinha, em oposição à patrulha da costa, cujos membros agiam mais como policiais. O SIN também se envolvia em ações secretas que investigavam atividades criminosas, como o tráfico de drogas.

Six Código de rádio para o oficial comandante de uma unidade do tamanho de uma companhia, ou maior.

SKS Arma semiautomática usada pelo ENV e pelos vietcongues. Ela disparava a mesma bala de 7,62 mm da AK-47, mas não automaticamente: o gatilho tinha de ser puxado a cada disparo. Por ser mais comprida que a AK-47, era muito mais precisa.

Slausens Gangue de Los Angeles dos anos 1960.

snoopy Gíria para o forro do poncho, chamado assim porque era possível se esconder nele na selva durante um "*snooping around*" (bisbilhotar). O nome também evocava, com o sentido de algum conforto, o personagem Snoopy.

SO Suboficial

superfuzileiros Fuzileiros especializados em patrulhas de reconhecimento. O pessoal de reconhecimento era formado por voluntários que operavam longe das unidades aliadas em grupos muito pequenos. Somente

fuzileiros altamente recomendados e experientes eram selecionados das companhias de rifle; daí vinha o apelido meio pejorativo, meio amistoso de "superfuzileiros". Fuzileiros ainda em companhias de rifle tinham sentimentos ambíguos com relação às equipes de reconhecimento. Por um lado, esses times eram admirados por serem corajosos, por serem frequentemente enviados a missões perigosas e por já terem provado a própria competência como fuzileiros normais. Por outro lado, viviam em relativo conforto, na retaguarda, quando não estavam em patrulha, e, caso se encontrassem em perigo, às vezes tinham que ser socorridos por uma operação de resgate, o que geralmente envolvia uma troca de tiros. Havia dois níveis de reconhecimento: divisão e força. Os participantes de uma força de reconhecimento recebiam treinamento mais extensivo que os da divisão de reconhecimento, e eram todos mergulhadores e paraquedistas altamente capacitados. Uma força de reconhecimento é geralmente considerada a *crème de la crème* do Corpo de Fuzileiros, equivalente (embora os fuzileiros a considerassem superior) aos Times de Mar, Ar e Terra da Marinha (NAVY SEALs).

Táxi *skoshi* Um pequeno táxi japonês. "*Skoshi*" quer dizer pequeno em japonês. Fuzileiros baixos eram muitas vezes apelidados de *skoshi*; por exemplo, o operador de rádio de Bass.

Three O oficial em comando da equipe encarregada do planejamento de operações. Major Blakely está no comando da equipe de operações do Primeiro Batalhão, S3, e é, portanto, chamado de "Three".

time de basquete Código para uma equipe de artilharia (quatro fuzileiros).

time de beisebol Código para um esquadrão (trinta fuzileiros).

time de futebol Código abreviado para um pelotão (quarenta e três fuzileiros).

tubulação Quando uma granada de morteiro é largada no tubo do morteiro, uma explosão a lança do tubo em direção ao alvo. O som dessa explosão é muito característico e se chama "tubulação". Geralmente, quando é possível ouvir a tubulação, a granada leva vários segundos até atingir o alvo, porque o som chega muito mais rapidamente que a granada, já que esta tem que percorrer o alto arco da sua trajetória.

VC Vietcongue, o exército de guerrilha cuja base ficava no Vietnã do Sul e

era formado pelos norte-vietnamitas. Os vietcongues eram os "camponeses de pijamas pretos" do folclore, mas essa força variava entre "camponeses" e quadros bem equipados de um exército tradicional. No início da guerra, o vietcongue defendia ideais nacionalistas e comunistas, tendo se desenvolvido a partir do movimento Vietminh que se opunha ao domínio colonial francês. Os vietcongues foram derrotados como força de combate pelos norte-vietnamitas durante a Ofensiva do Tet em 1968. Com isso, foram deliberadamente empurrados para a batalha, inadequadamente equipados e treinados para enfrentar o ataque dos Estados Unidos, enquanto as unidades regulares do ENV, mais bem equipadas e bem treinadas, eram mantidas na retaguarda. Isso foi feito porque o governo norte-vietnamita temia que os vietcongues formassem uma oposição ao seu eventual domínio.

voo rasante Voo extremamente rente ao chão.

ZP Zona de Pouso para helicópteros. Tais zonas podiam ser desde trechos acidentados e declives no chão no meio da selva ou do capim-elefante, cujo diâmetro era apenas o dobro da extensão de um helicóptero, ou zonas bem construídas nos topos dos morros permanentemente ocupados. ZP podia também se referir a algo tão sofisticado, grande e permanente como uma área asfaltada no topo de uma base que alojava vários helicópteros ao mesmo tempo.

.44, Magnum Suboficiais (quatro galões) e escalões superiores podiam carregar armas pessoais à sua escolha, e algumas das favoritas eram a Smith & Wesson Modelo 29 ou os revólveres Colt .44, projetados para disparar o poderoso cartucho Magnum .44 (outro favorito era o Magnum .357, um pouco menor). O revólver Magnum .44 original foi desenvolvido conjuntamente por Remington, que projetou o cartucho .44 (na verdade um .429), e por Smith & Wesson, que reforçou o Special .44 padrão para acomodar o cartucho. Essa arma foi desenvolvida nos anos 50, mas só ficou conhecida pelo grande público mais tarde porque era a arma de escolha do famoso personagem de Clint Eastwood, Dirty Harry Callahan.

.45 Pistola semiautomática padrão de calibre .45. Foi distribuída durante a Guerra do Vietnã para oficiais, suboficiais, paramédicos e equipes de metralhadoras e morteiros. Foi desenvolvida por John Browning, em 1905, como resultado de um episódio dos fuzileiros contra os mouros nas Filipinas, onde se descobriu que um revólver de calibre .38, a não ser que acertasse um disparo direto no coração ou no cérebro, não podia eliminar um homem que tivesse amarrado seus membros ou seu corpo com cipós ou cordas para estancar o sangramento e prevenir o estado de choque. A pistola .45 dispara uma bala muito pesada a uma velocidade baixa, derrubando um homem alvejado em qualquer parte do corpo. As desvantagens da .45 são que ela comporta poucos tiros antes de precisar ser recarregada e o fato de ser conhecidamente imprecisa na mira. A reputação de imprecisão é um tanto injusta: por causa do comprimento dos canos, muito mais curtos, todas as pistolas são menos precisas que rifles, sendo que a precisão para uma distância de até 15 m é muito boa com um atirador habilidoso. O domínio da arma, porém, é difícil. Tem um recuo imenso que faz que o próximo

tiro saia do alvo, por isso, requer um tempo para mirar e mão firme, e ambos os requerimento geralmente são raros durante o combate. No Vietnã, a maioria dos oficiais juniores, paramédicos e mesmo metralhadores carregava tanto .45s quanto M-16s. Ainda existem controvérsias envolvendo a pistola. Em 1985, o Exército dos Estados Unidos a substituiu pela pistola semiautomática Parabellum 9 mm, mas os fuzileiros mantiveram a .45, embora não como padrão. Relatos do Iraque indicam que a 9 mm é muito leve e a demanda pelas .45 – que, entre outras virtudes, conseguem penetrar blocos de concreto e ainda matar alguém do outro lado – cresceu muito naquela região.

46 V. CH-46.

47 V. CH-47.

60 mm, morteiro Esses morteiros são chamados "sessentas" ou "miguel 60". A arma consiste de um tubo de 70 cm de comprimento e 60 mm de diâmetro, pesando 26 kg, com um bipé de 35 kg e uma placa base de 25 kg. Podia disparar uma carga de 6 kg de explosivo de alta potência em uma curva alta a uma distância de cerca de 1,8 km a uma taxa de 18 cargas por minuto até que o tubo ficasse quente demais. O raio da área de explosão do projétil era de cerca de 10 m. Todas as companhias de fuzileiros no Vietnã carregavam três sessentas, e as cargas eram carregadas por todos os fuzileiros da companhia, geralmente duas por homem.

81 mm, morteiro O morteiro M29 de 81 mm era de alma lisa, carregado pela boca com um ângulo de fogo elevado. O pelotão do morteiro ficava no Q&P do batalhão da companhia, e era mais frequentemente usado pelo comandante do batalhão para dar apoio a operações em andamento quando a artilharia aérea não estivesse disponível. O 91 mm podia ser carregado por três homens a pé se fosse separado em três partes: o tubo de 1,3 m e a mira, o bipé e a placa base. No total, pesava cerca de 42 kg. Podia disparar 24 cargas em um minuto, mas como o cano esquentava demais, a média de disparos era de dois por minuto. Seu alcance eficaz era de 4 km. Cada carga pesava cerca 30 kg.

82 mm, morteiro Versão um pouco maior do morteiro 81 mm, projetado pelos russos e muito parecido com o 81 mm usado pelos fuzileiros.

Também podia ser separado em três partes e carregado por três homens. Havia um boato de que esse morteiro foi projetado como foi porque, em emergências, as cargas um pouco menores dos americanos podiam ser usadas nele, mas os morteiros americanos não podiam usar as cargas um pouco maiores do 82 mm. Uma carga de 82 mm pesa cerca de 13 kg e carregava um estampido explosivo potente. Tem um alcance de cerca de 3 km. É muito eficaz em terrenos íngremes, pois disparava em uma curva elevada (artilharia padrão, em contraste, não pode geralmente disparar em curvas elevadas, mas tem um alcance bem maior e até cargas mais pesadas).

105 mm, morteiro O M101 howitzer de 105 mm era a peça de artilharia padrão usada pelos fuzileiros no Vietnã. Tinha um alcance máximo de 11,27 km. Sua média de fogo prolongado era de três cargas por minuto (mais de seis cargas por minutos fazia o cano esquentar demais). O número 105 se refere ao diâmetro do cano (e, logo, do projétil).

120 mm, morteiro Projetado pelos soviéticos, disparava cargas de 10 kg em um alcance de até 5,5 km. Necessitava de uma equipe de cinco ou seis para operá-lo e pesava cerca de 170 kg. Também podia ser separado e empacotado pela infantaria, mas, mais frequentemente, era empacotado em uma carroça de duas rodas se o terreno permitisse. Era muito temido porque o seu poder explosivo era muito mais destruidor que o do 82 mm.

155 mm, morteiro M114 howitzer de 155 mm. O diâmetro do cano e do projétil era de cerca de 15 cm. O 155 mm tinha um alcance maior – 14,6 km – que o 105 mm. Tinha também um estampido muito mais forte e seus projéteis pesavam cerca de 47 kg, cerca de três vezes o peso do projétil do 105 mm. O 155 mm já estava quase obsoleto na época da guerra do Vietnã, tendo sido colocado em serviço em 1942, mas a arma que o substituiu era autopropulsionada e não podia ser usada na selva ou facilmente transportada por helicóptero, enquanto a versão mais velha e leve podia. Para cada cinco baterias de howitzers 105 mm, havia uma bateria do howitzer 155 mm.

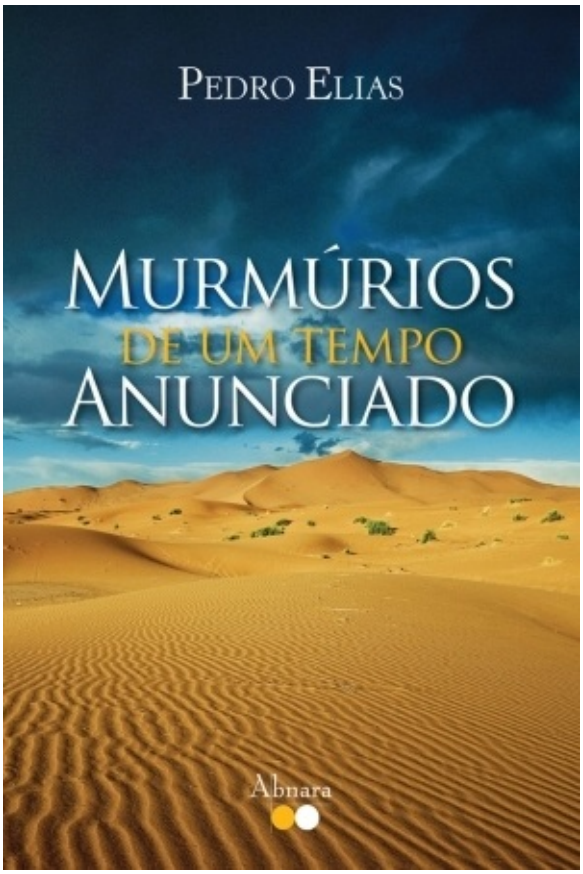
175 mm, morteiro M107 autopropulsionado de 175 mm. O diâmetro do cano era de cerca de 18 cm, e o projétil explosivo de alta potência

pesava cerca de 79 kg. Esta arma podia disparar com um alcance de até 33 km. Os fuzileiros no Corpo I do oeste frequentemente usavam o 175 do Exército quando não havia mais nenhum apoio disponível, mas não era utilizado para apoio aproximado porque, em longo alcance, o 175 mm não era nem um pouco preciso. Para apoio aproximado pesado, os fuzileiros contavam com o howitzer de 20 cm, que disparava projéteis de 100 kg com um alcance de até 17 km, mas com precisão muito maior. Certa vez, vi um oficial de artilharia, o primeiro-tenente Andrew O'Sullivan, acertar uma carga de howitzer de 20 cm através de uma fenda em um bunker do ENV de uma distância de 11 km com apenas dois ajustes (Andy estava apenas a 275 m de distância do bunker).

782, apetrechos Apetrechos padrões de combate dos fuzileiros, basicamente a mochila, a japona, uma pá, cinto de munição e suspensórios.

Eu gostaria de agradecer a Barbara Lowe, Ken Pallack, Greg Neitzel e a minha mulher, Anne Marlantes. Aconteceram momentos ruins em que pensei em desistir, mas persisti por causa do constante apoio e encorajamento deles. Também gostaria de agradecer a: Gisèle Fitch, minha primeira mulher, que passou pelos difíceis momentos de Transtorno Pós-Traumático comigo, por ajudar em tantas frentes enquanto eu escrevia os primeiros rascunhos; Michael Harreschou, que me encorajava quando eu escrevia bem e batia em mim quando não o fazia; Albert LaValley, Arthur Kinney, Waverly Fitzgerald e Joyce Thompson, que me ensinaram a mecânica da escrita de ficção; Sherman Black, Ladene Cook, Lloyd Hanson e James Lynch, que me ensinaram a amar a literatura; Kama, que datilografou a primeira versão quase de graça; e Tom Farber, o editor, e Kit Duane, o editor sênior da El Léon Literary Arts, que primeiro trouxeram *Matterhorn* à realidade. Finalmente eu queria agradecer a Jofie Ferrari-Adler, da Grove/Atlantic, pela sua editoração minuciosa; a Morgan Entrekin of Grove/Atlantic por perceber o valor literário do romance e por ter assumido o risco de publicá-lo; meu agente Sloan Harris, da ICM, pelo seu apoio e conselho; Susan Gamer e Sunah Cherwin pelas excelentes correções; e Don Kennison pela revisão. Muitos dos personagens do romance foram batizados com os nomes de amigos, o que explica o motivo de alguns dos nomes acima parecerem familiares.

[1] "Hawke" parece com "hawk", que, em português, significa "gavião". (N.T.)
[2] "Dear Abby" era o nome de uma coluna de conselhos sentimentais de um jornal americano, fundada em 1956 por Pauline Philips. (N.T.)
[3] Gíria militar, da época da Primeira Guerra, que significa trincheira. (N.T.)
[4] Trocadilho com as palavras em inglês que significam baixo (*short*) e redondo (*round*). (N.T.)
[5] O presidente Truman (1945-1953) tinha uma placa na sua mesa com os dizeres: "The buck stops here", que quer dizer em português: "O *buck* para aqui", sendo "buck" a transferência de responsabilidade de uma pessoa para outra. (N.T.)
[6] Termo não pejorativo usado entre os fuzileiros para identificar indivíduos negros. O termo equivalente usado para identificar indivíduos brancos era "chuck" (ver glossário). (N.E.)
[7] Vidal Sassoon é um cabeleireiro londrino vencedor de vários prêmios. Notabilizou-se por ter criado uma forma de penteado baseado na Bauhaus e cortes inspirados em formas geométricas. (N.E.)
[8] A Batalha de Chapultepec ocorreu em setembro de 1847 e marcou uma importante vitória dos Estados Unidos sobre o México na guerra entre os dois países. A conquista foi tão significativa que o primeiro verso do hino da Marinha norte-americana trata de imortalizar a batalha.
[9] Em junho de 1918, quando ocorria uma série de ofensivas alemãs durante a Primeira Guerra Mundial, aconteceu a Batalha de Belleau Wood, nos arredores do Paris. Dela participaram basicamente divisões da Marinha norte-americana e unidades alemãs. Os primeiros venceram e, dessa forma, os *marines* ficaram conhecidos depois como *devil dogs* [cães do diabo], como foram chamados pelos alemães.
[10] Lewis Burwell "Chesty" Puller (1878-1971) foi o oficial do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos que obteve mais condecorações na história dos fuzileiros, sendo o único a receber cinco vezes a Cruz da Marinha.
[11] W.C. Fields (1880-1946) foi um humorista e ator norte-americano, reconhecido como um dos criadores da comédia burlesca. Uma de suas marcas características era o mau humor. (N.E.)
[12] Sacagawea (1786-1812) foi uma ameríndia norte-americana da tribo Shoshone que serviu como guia e intérprete na expedição Lewis e Clark. Essa expedição é famosa por ter sido a primeira grande viagem exploratória dos Estados Unidos, partindo do leste e indo em direção ao oeste, até a costa do Oecano Pacífico.
[13] Fundada em Detroit, a Motown foi a gravadora responsável por lançar os maiores artistas de música negra nos Estados Unidos durante o período que esteve ativa, entre 1959 e 1988. (N.E.)
[14] Trocadilho com o slogan da marca, "Hey Mabel, Black Label". (N.E.)
[15] Referência à Primeira Divisão da Marinha Norte-americana que participou da batalha de Chosin Reservoir, na Guerra da Coreia, em 1950, durante a qual foram registradas temperaturas de -40° C. (N.E.)
[16] G.I. Bill foi um projeto de lei que garantia bolsas de estudo para todos os soldados que voltassem das guerras. (N.T.)
[17] Primeiro ator e comediante norte-americano a se tornar milionário. Nasceu em 1902 e faleceu em 1985. (N.T.)
[18] Hino do Movimento de Direitos Civis Afro-americano. (N.T.)
[19] "Os valentes da Floresta de Belleau", em francês; refere-se à batalha ocorrida na Primeira Guerra Mundial. (N.T.)
[20] Horácio, *Odes III*. 2.13: "Ditoso e digno é morrer pela pátria", em latim. (N.T.)


Pedro Elias
Murmúrios
de um tempo
Anunciado
Abnara

Murmúrios de um tempo anunciado

Elias, Pedro

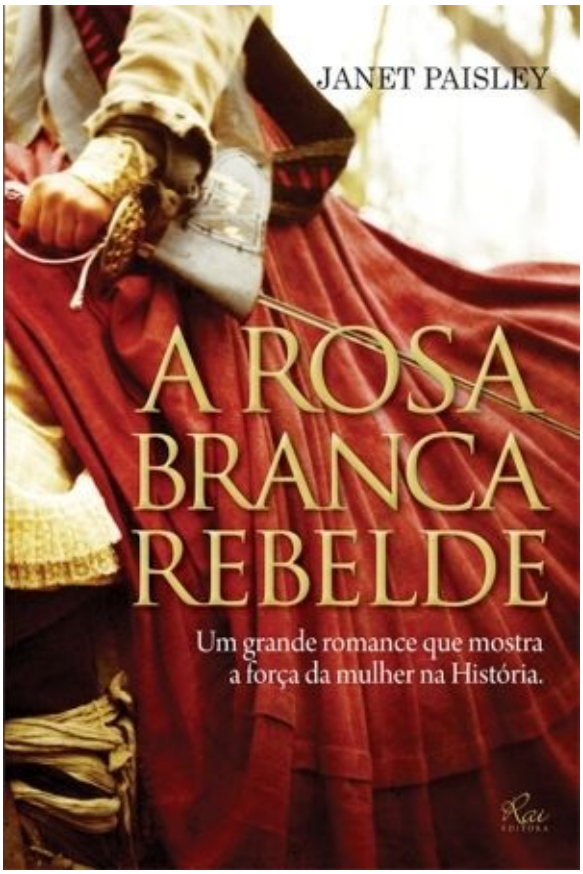
9788581460284

379 páginas

Compre agora e leia

Murmúrios de um tempo anunciado é um romance histórico que tem seu início no ano de 250 d.C., com as perseguições aos cristãos movidas pelo imperador Décio, e que termina em 325 d.C., no primeiro concílio ecumênico da história do cristianismo, realizado em Niceia, onde o imperador Constantino, convertido à nova doutrina, institucionaliza a Igreja cristã e faz desta a nova religião do império. O livro conta a história de dois irmãos de alma que se conhecem mesmo sem nunca terem se visto, e que, no fim, como promessa de um amor que transcende o tempo e o espaço, lançam as sementes de um reencontro que apenas nos tempos de hoje pode se consumar. Este emocionante romance leva o leitor a refletir sobre a vida, conceitos, pré-conceitos, pensamentos e atitudes. Através de uma linda história de amor e doação, Pedro Elias presenteia a todos que buscam a iluminação.

Compre agora e leia


JANET PAISLEY
A ROSA BRANCA REBELDE
Um grande romance que mostra a força da mulher na História.
Rai EDITORA

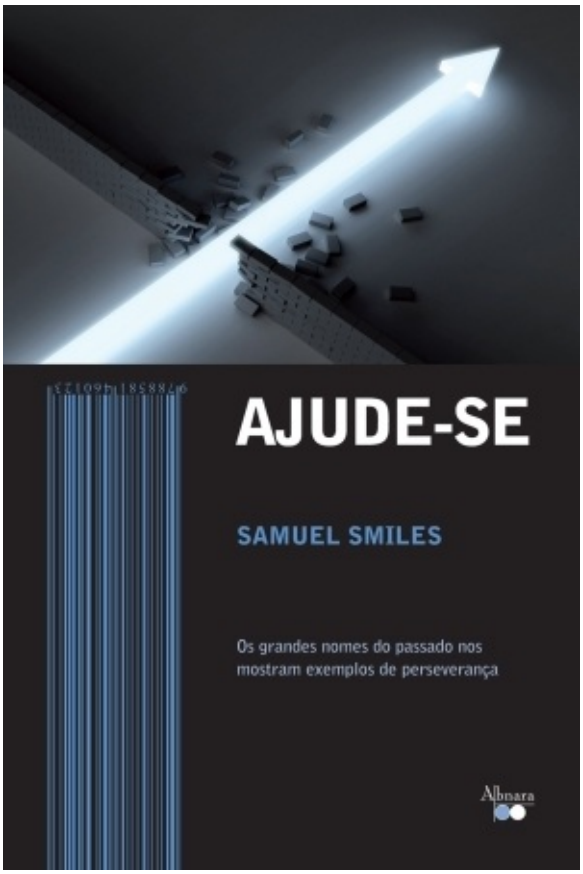
A rosa branca rebelde

Paisley, Janet
9788563672964
480 páginas

Compre agora e leia

A Escócia, em especial os clãs das Terras Altas, reluta em aceitar a sua incorporação ao Reino Unido. Divididos entre a esperança no retorno do príncipe jacobita Charles Edward Stuart e as dívidas e acordos pré-estabelecidos com o governo inglês, os clãs terão de se enfrentar na batalha pela independência. Enquanto os revolucionários aliam-se ao tão aguardado príncipe, alguns membros do clã mantêm sua palavra, trabalhando ao lado da Guarda Negra na defesa do rei George. Em meio a essa excitante luta pela liberdade, duas pessoas descobrem e redescobrem o amor, tendo de enfrentar pontos de vista distintos: AeneasMcIntosh e Anne Farquharson, Lady McIntosh, terão de escolher suas batalhas no casamento e na política, mesmo que estejam em lados opostos. Mais do que um romance histórico, o livro retrata a força da mulher na cultura escocesa, uma força que move legiões e inspira revoluções.

Compre agora e leia


AJUDE-SE
SAMUEL SMILES
Os grandes nomes do passado nos mostram exemplos de perseverança
Albnara

Ajude-se

Smiles, Samuel

9788581460130

726 páginas

Compre agora e leia

A Rai Editora, por meio do selo Abnara, traz a público a primeira edição brasileira de Ajude-se, um clássico de Samuel Smiles. Largamente conhecido e reconhecido no exterior como um livro indispensável na busca pelo sucesso, o título apresenta exemplos de conduta e perseverança de grandes inventores, pensadores, militares e clérigos do século XIX. Publicado originalmente em 1859, suas lições são atemporais, mostrando aos seus leitores a importância da virtude e do esforço. A felicidade não está nas conquistas meramente financeiras, mas na construção de hábitos de vida saudáveis e na manutenção de uma conduta socialmente exemplar.

Compre agora e leia

NOSTRADAMUS



As Profecias Completas para o Futuro

MARIO READING

Rai
EDITORA

Nostradamus

Reading, Mario
9788563672308
352 páginas

Compre agora e leia

Usando uma análise nova e revolucionária das profecias secretas de Nostradamus, Mario Reading divulga interpretações surpreendentes. O fim da monarquia britânica é inevitável? A Grã-Bretanha vai deixar a União Europeia e esta vai, por fim, entrar em colapso? Vai ocorrer uma guerra global e, se sim, o que isso vai acarretar ao clima da Terra?

Nostradamus previu o desastre das Torres Gêmeas, a Guerra do Iraque de 2003, os tsunamis devastadores de 2004/2005 e a grande inundação de Nova Orleans e ele predisse o futuro de décadas que ainda estão por vir. Graças à inovadora e perspicaz tradução de Mario Reading e a seus comentários inteligentes, os leitores podem explorar o futuro do século XXI antes de ele acontecer.

NOSTRADAMUS, o maior vidente de todos os tempos, nasceu em Provença, na França, no dia 13 de dezembro de 1503. Suas profecias foram continuamente impressas desde sua morte em primeiro de julho de 1566, evento que ele previu precisamente na noite anterior ao

acontecimento. Em toda a história da imprensa, apenas a Bíblia supera o livro em número de cópias vendidas.

MARIO READING, o autor premiado de dois romances, teve desde sempre grande interesse em Nostradamus e, recentemente, descobriu um método para determinar as datas às quais as profecias se referem.

Compre agora e leia


Rabino Wayne Dosick
A Bíblia dos
NEGÓCIOS
10 novos mandamentos para trazer
valores éticos para o local de trabalho

A bíblia dos negócios

Dosick, Rabino Wayne

9788563672636

168 páginas

Compre agora e leia

Como encontrar maior satisfação em meu trabalho? Como liderar meus funcionários em tempos difíceis? Se você se levanta toda manhã para ir trabalhar, este guia contém o lembrete de que necessita para ter sucesso: você pode fazer bem e, ao mesmo tempo, fazer o bem. O Rabino Wayne Dosick nos dá ferramentas para resolver os dilemas morais e também as questões do dia a dia no trabalho. Ele oferece dez novos mandamentos que podem transformar nosso trabalho e nosso ambiente de trabalho em um lugar para realizações e satisfação, honestidade e integridade, decência e dignidade e sucesso. Por meio de histórias, situações de negócios da vida real e textos espirituais bem escolhidos, A Bíblia dos Negócios nos lembra de que os princípios não têm de ser sacrificados pelos lucros, que valor significa mais que patrimônio líquido e que a ética espiritual pode conduzir à excelência nos negócios.

Compre agora e leia